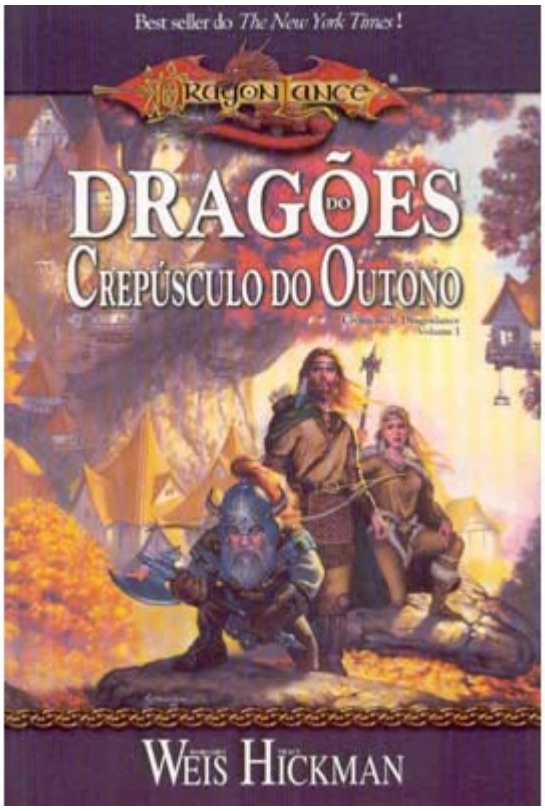


DRAGÕES

Crepúsculo do Outono

Margaret Weis e Tracy Hickman

UM GRUPO INCOMUM DE AMIGOS

Tanis Meio Elfo, líder dos companheiros. Um lutador treinado que detesta lutar, ele é atormentado por seu amor a duas mulheres — a tempestuosa espadachim ***Kitiara***, e a jovem e encantadora elfa, ***Laurana***.

Sturm Montante Luzente, Cavaleiro de Solamnia, Apesar de terem sido reverenciados antes do Cataclismo, os cavaleiros caíram em desgraça. O objetivo de Sturm, mais importante para ele do que a própria vida, é restaurar a honra da — cavalaria.

Lua Dourada, a Filha do Líder e Portadora do Cajado de Cristal. Seu amor por um homem banido da tribo, ***Vendaval***, leva os dois a uma perigosa busca da verdade.

Vendaval, neto de Andarilho. Depois de ter recebido o cajado de cristal azul em uma cidade onde a morte voou com asas negras, ele mal escapou com vida. E isso foi só o começo....

Raistlin, irmão gêmeo de ***Caramon***, é um utilizador da mágica. Embora sua saúde esteja debilitada, Raistlin possui grandes poderes, muito maiores do que se esperaria em alguém tão jovem. Mas existem mistérios sombrios escondidos atrás de seus olhos estranhos.

Caramon, o irmão gêmeo de Raistlin, é um guerreiro. Um gigante amigável, Caramon é exatamente o oposto de seu irmão gêmeo. Raistlin é a pessoa com a qual ele se preocupa — e também a pessoa que ele teme.

Flint Forjardente, é um anão, um lutador. O amigo mais velho de Tanis, esse anão idoso considera esses jovens "seus filhos."

Tasslehoff Pés Ligeiros, kender, "manipulador." Os kenders, a raça inconveniente de Krynn, são imunes ao medo. Por isso, parece que a confusão os acompanha por toda parte.

Aos oito foi dado o poder de salvar o mundo. Mas primeiro, eles têm que aprender a compreender a si mesmos, e a cada um dos outros.

digital source

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

CÂNTICO DO DRAGÃO

Ouça o sábio enquanto sua canção escorre
como lágrimas ou a chuva dos céus,
e lava os anos e a poeira das muitas histórias
da Lenda da Lança do Dragão.
Há muitas eras, memórias e palavras passadas,
nos primórdios do mundo
quando as três luas se ergueram do colo da floresta,
dragões imensos e terríveis,
lutaram no mundo de Krynn.
Saída da escuridão dos dragões, Graças nossos pedidos de luz
diante da face inexpressiva da lua negra que pairava no céu, uma luz
nascente se acendeu em Solamnia,
um poderoso cavaleiro
que invocou os verdadeiros deuses e os levou
a forjarem a poderosa Lança do Dragão, que atravessou a alma
dos dragões e expulsou a sombra de suas asas
das terras luzidias de Krynn.
Assim, Huma, Cavaleiro de Solamnia,
Portador da Luz, Primeiro Lanceiro,
seguiu sua luz até o sopé das Montanhas Khalkistas,

até os pés de pedra dos deuses,.
até o silêncio servil de seus templos.
Ele invocou os Criadores da Lança, ele tomou
de seus poderes indescritíveis para esmagar o mal indescritível,
para arremessar a escuridão sinuosa de volta no túnel da garganta do dragão.
Paladine, o Grande Deus do Bem, resplandeceu ao lado de Huma,
fortalecendo a lança que ele carregava em seu braço direito, e Huma,
radiante como mil luas,
baniu a Rainha das Trevas,
baniu as hostes de convidados barulhentos dela
e os mandou de volta para o reino insensível da morte,
onde suas maldições foram lançadas sobre o vazio absoluto
muito distantes da terra iluminada.

Assim terminou a Era dos Sonhos
e começou a Era do Poder,
Quando Istar, reino da luz e da verdade, nasceu no leste,
onde minaretes brancos e dourados se elevaram em direção ao sol e à glória do sol,
anunciando o fim do mal,
e Istar, que tinha nutrido e embalado os longos verões do bem,

brilhou como um meteoro
no alvo céu dos justos.
E mesmo exposto à plenitude da luz do sol
o Rei Sacerdote de Istar viu sombras:
À noite ele viu que as árvores tinham adagas e
os riachos escurecidos e engrossados sob a lua silenciosa.
Ele procurou Livros que falavam do caminho de Huma,
códices, sinais e mágicas para que também ele fosse capaz de
invocar os deuses,
de pedir a ajuda deles em sua busca sagrada, de purificar o mundo de seus pecados.
Depois veio uma época de trevas e de morte
quando os deuses deram as costas para o mundo.
Uma montanha de fogo caiu como um cometa em Istar,
a cidade se partiu como um esqueleto em chamas, montanhas se ergueram
onde antes existiam vales férteis,
mares jorraram para dentro das montanhas, os desertos emitiram seu
lamento.no fundo dos mares abandonados,
as estradas de Krynn foram destroçadas e se transformaram no caminho
dos mortos.
Assim começou a Era do Desespero.
As estradas foram misturadas

Os ventos e as tempestades de areia visitaram os escombros das cidades.

As planícies e as montanhas tornaram-se nossos lares.

Enquanto os antigos deuses perdiam seu poder,

nós clamávamos ao céu limpo

Ao frio do cinza que o divide, aos ouvidos dos novos deuses.

O céu está calmo, silencioso, inerte.

Nós ainda esperamos a resposta deles.

O Velho

Tika Waylan endireitou as costas com um suspiro, flexionando os ombros para aliviar a câimbra de seus músculos. Ela jogou o pano do balcão ensaboado dentro do balde e olhou à volta da sala vazia. Estava ficando mais difícil manter a velha hospedaria. Havia muito amor esfregado no acabamento da madeira, mas nem mesmo o amor e a gordura conseguiam esconder as rachaduras e as trincas das mesas já gastas, ou evitar que de vez em quando um cliente se sentasse em uma farpa. A Hospedaria Derradeiro Lar não era sofisticada, não como algumas das quais ela tinha ouvido falar em Haven. Ela era confortável. A árvore viva sobre a qual ela tinha sido construída, enrolou amorosamente seus braços idosos em torno dela, enquanto as paredes e alguns objetos tinham sido trabalhados em volta dos galhos principais da árvore com tanto cuidado que era impossível dizer onde terminava o trabalho da natureza e onde começava a criação do homem. O balcão parecia recuar e fluir como uma onda polida em volta da madeira viva que o sustentava. Os vitrais coloridos pareciam jogar flashes de "boas vindas" de cores vibrantes em todo o salão.

As sombras diminuíam à medida que o meio dia se aproximava. A Hospedaria Derradeiro Lar logo estaria aberta para os clientes. Tika olhou em volta e deu um sorriso de satisfação. As mesas estavam limpas e lustradas. Tudo que ela tinha a fazer era varrer o chão. Ela tinha começado empurrar os pesados bancos de madeira para os lados, quando Otik apareceu vindo da cozinha, envolto em um vapor cheiroso.

— Este vai ser mais um dia revigorante, tanto para o clima quanto para os negócios, — ele disse, espremendo seu corpo forte atrás do balcão. Ele começou a arrumar as canecas, assobiando alegremente.

— Gostaria que os negócios fossem um pouco mais devagar e o tempo um pouco mais ameno —, disse Tika, agarrando um dos bancos — ontem eu

trabalhei como uma louca e ouvi poucos "obrigados" e ganhei menos ainda gorjeta! Que turma mais desanimada! Todo mundo nervoso, agitando-se com qualquer barulho. Ontem à noite eu derrubei uma caneca e... juro... Retark sacou a espada!

— Não! — Otik respirou fundo — Retark é um Guarda Seguidor em Solace. Eles estão sempre nervosos. Você também estaria se tivesse que trabalhar para Hederick, aquele fana...

— Cuidado —, Tika aconselhou. Otik deu de ombros.

— A menos que o Alto Teocrata possa voar, ele não está nos ouvindo. Eu ouviria suas botas subindo a escada antes que ele pudesse me ouvir. — Mas Tika percebeu que ele abaixou a voz enquanto continuava — Os moradores de Solace não tolerarão muito mais, escreva o que eu digo. Pessoas desaparecendo, sendo arrastadas para ninguém sabe onde. É uma época difícil — Ele balançou a cabeça. Depois se alegrou — Mas, isso é bom para os negócios.

— Até ele nos fechar —, Tika disse tristemente. Ela agarrou a vassoura e começou a varrer apressadamente.

— Até mesmo os teocratas precisam encher a barriga e apagar o fogo e a falação de suas gargantas — Otik conteve o riso — Pregar para as pessoas sobre os Novos Deuses todos os dias é um trabalho que deve dar sede, pois ele vem aqui toda noite.

Tika parou de varrer e se inclinou em direção ao balcão.

— Otik —, ela disse séria, sua voz diminuiu — Tem uma outra conversa também... rumores de guerra. Exércitos se formando ao norte. E tem esses estranhos homens de capuz na cidade, andando de um lado para o outro com o Alto Teocrata, fazendo perguntas.

Otik olhou para a garota de dezenove anos com carinho, esticou sua mão e deu um tapinha no rosto dela. Ele a tinha tratado como uma filha, desde que seu pai verdadeiro desapareceu misteriosamente. Ele enrolou seus cachos ruivos.

— Guerra? Que nada! — Ele desdenhou. — Fala-se de guerra desde a época do Cataclismo. É só conversa fiada, garota. Talvez o Teocrata esteja inventando essas histórias só para manter o povo na linha.

— Não sei, não —Tika franziu a testa — Eu... A porta se abriu.

Tanto Tika quanto Otik se viraram alarmados e olharam para a porta. Eles não tinham ouvido os passos na escada, e isso era estranho! A Hospedaria Derradeiro Lar tinha sido construída no alto dos galhos de uma poderosa copadeira, como todas as outras construções de Solace, com exceção da oficina do ferreiro. O povo da cidade decidiu morar nas árvores durante o terror e o caos que se seguiu ao Cataclismo. E assim, Solace se tornou uma cidade nas árvores, uma das poucas e verdadeiras maravilhas que sobrou em Krynn. Calçadas suspensas de madeira conectavam as casas e o comércio empoleirados bem acima do chão, onde quinhentas pessoas viviam suas vidas diariamente. A Hospedaria Derradeiro Lar era o maior edifício de Solace e ficava a doze metros do chão. As escadas circundavam o tronco antigo e cheio de nós. Como Otik havia dito, qualquer visitante da Hospedaria seria ouvido chegando bem antes de ser visto.

Mas, nem Tika nem Otik tinham ouvido o velho.

Ele parou na porta, apoiando-se num cajado de carvalho gasto, e correu os olhos pela Hospedaria. Ele trazia o capuz rasgado de seu manto cinza sobre a cabeça, e sua sombra encobria os traços de seu rosto com exceção de seus olhos brilhantes como os de uma ave de rapina.

— Posso lhe ajudar, Senhor? —Tika perguntou ao estranho, trocando olhares preocupados com Otik. Seria este velho um espião dos Seguidores?

— Ah? — O velho piscou — Está aberto?

— Bem... —Tika hesitou.

— Certamente —, Otik disse com um sorriso largo — Entre, Barba Grisalha. Tika, arranje uma cadeira para nosso hóspede. Ele deve estar cansado depois dessa longa subida.

— Subida? Coçando a cabeça, o velho passeou os olhos pelo alpendre, depois olhou para o chão lá embaixo — Ah, sim. Subida. Muitos degraus... — Ele entrou movendo-se com dificuldade, depois brincou apontando seu cajado na direção de Tika — Continue seu trabalho, menina. Ainda sou capaz de pegar minha própria cadeira.

Tika encolheu os ombros, pegou sua vassoura, e começou a varrer, mantendo os olhos no velho.

Ele ficou de pé no centro da Hospedaria, olhando a sua volta como se confirmando o local e a posição de cada mesa e cadeira do saguão. O saguão principal era grande e tinha o formato de um feijão, e estava construído em torno do tronco da copadeira. Os galhos menores da árvore sustentavam o piso e o teto. Ele olhou com um interesse particular para a lareira que ficava a três quartos da distância até o fundo do saguão. O único trabalho em perda existente na Hospedaria, havia sido obviamente feito por mãos anãs, de modo a parecer parte da árvore, serpenteando naturalmente entre os galhos acima. Um recipiente próximo da lareira continha madeira para fogo e troncos de pinho, trazidos do alto da montanha. Nenhum morador de Solace pensaria em queimar a madeira de suas próprias árvores. Havia uma saída pelos fundos, através da cozinha; era uma queda de doze metros, mas alguns dos clientes de Otik achavam essa arquitetura muito conveniente. O velho também achou.

Ele resmungou comentários satisfeitos para ele mesmo enquanto seus olhos iam de um lugar para outro. Até que, para surpresa de Tika, ele de repente deixou cair seu cajado, arregaçou as mangas de seu manto, e começou a rearranjar a mobília!

Tika parou de varrer e se apoiou em sua vassoura.

— O que você está fazendo? Essa mesa sempre ficou aí!

Havia uma mesa longa e estreita no centro do saguão principal. O velho arrastou-a pelo chão e a empurrou contra o tronco da enorme copadeira, do

outro lado da lareira, depois deu alguns passos para trás para admirar seu trabalho.

— Ali —, ele resmungou baixinho — Ela deve ficar mais próxima da lareira. Agora me traz mais duas cadeiras. Precisamos de seis aqui.

Tika virou-se para Otik. Parecia que ele ia protestar, mas, naquele momento, havia um clarão vindo da cozinha. Um grito do cozinheiro indicou que a gordura tinha pegado fogo novamente. Otik correu na direção das portas de vaivém da cozinha.

— Ele é inofensivo —, deixou escapar quando passou por Tika — Deixe-o fazer o que ele quiser, dentro dos limites. Talvez ele vá dar uma festa.

Tika suspirou e levou duas cadeiras até o velho, como ele havia pedido. Ela as colocou onde ele indicou.

— Agora —, o velho disse, olhando atentamente ao redor — Traga mais duas cadeiras, mas que sejam confortáveis, para cá. Coloque-as próximo da lareira, neste canto escuro.

— Este lugar não é escuro —, Tika protestou — Ele está bem exposto ao sol!

— Ah... — os olhos do velho se apertaram —, mas vai estar escuro à noite, não vai? Quando o fogo estiver aceso...

— A... a... acho que sim... Tika gaguejou.

— Traga as cadeiras. Isso menina. Eu quero uma bem aqui — O velho indicou um ponto bem em frente à lareira — Para mim.

— Você vai dar uma festa, meu Velho? —Tika perguntou enquanto carregava a cadeira mais confortável e mais gasta da Hospedaria.

— Uma festa? — A idéia deu a impressão de soar engraçada para o velho. Ele riu — Sim, garota. Será uma festa como o mundo de Krynn nunca viu desde antes do Cataclismo! Esteja preparada. Tika Waylan. Esteja preparada!

Ele deu uns tapinhas no ombro de Tika, desarrumou o cabelo dela, depois se virou e se sentou na cadeira com os ossos estalando.

— Uma caneca de cerveja —, ele pediu.

Tika foi buscar a cerveja. Foi só depois que trouxe a bebida do velho e voltou a varrer que ela parou, tentando imaginar como ele sabia seu nome.

Livro 1

1

VELHOS AMIGOS SE REENCONTRAM.

UMA RUDE INTERRUPÇÃO.

Flint Forjardente desmaiou sobre uma rocha coberta de musgo. Seus velhos ossos de anão tinham-no suportado por tempo suficiente e não estavam dispostos a continuar sem se queixarem.

— Eu nunca deveria ter partido —, Flint resmungou, olhando para o vale lá em baixo. Ele falou alto, embora não houvesse sinal de outro ser vivo nas redondezas. Longos anos vagando solitário tinham levado o anão a adquirir o hábito de falar consigo mesmo. Ele bateu as duas mãos nos joelhos — E que eu seja amaldiçoado se partir novamente! — ele anunciou com veemência.

Aquecida pelo sol da tarde, a rocha transmitia uma sensação de conforto para o velho anão que tinha passado o dia inteiro caminhando no frígido ar do Outono. Flint relaxou e deixou o calor penetrar em seus ossos — o calor do sol e o calor de seus pensamentos. Porque ele estava em casa.

Ele olhou a sua volta, seu olhar se demorando-se carinhosamente nas paisagens familiares. O lado da montanha abaixo dele formava como que o lado de uma concha na montanha alta e acarpetada no esplendor do Outono. As copadeiras do vale davam a impressão de estar pegando fogo com as cores da

estação, os vermelhos brilhantes e dourados se desvanecendo na cor púrpura dos montes Kharolis mais além. O impecável céu azul-violeta que se via entre as árvores repetia-se nas águas do Lago de Cristal. Finas colunas de fumaça anelavam-se no topo das árvores, o único sinal da presença de Solace. Uma névoa suave que se expandia cobria o vale com o aroma suave de fogueiras caseiras queimando.

Enquanto sentava e descansava, Flint pegou um bloco de madeira e uma adaga brilhante de seu alforje, suas mãos moviam-se inconscientemente. Desde tempos imemoriais, seu povo sempre teve a necessidade de dar a forma que eles desejavam àquilo que não tem forma. Ele mesmo tinha sido um ferreiro renomado antes de se aposentar, alguns anos atrás. Ele colocou sua faca na madeira, depois suas mãos permaneceram paradas, pois a atenção de Flint havia sido atraída pela fumaça que saia das chaminés escondidas lá em baixo.

— O fogo da minha própria casa apagou —, Flint disse suavemente. Ele chacoalhou a si mesmo, com raiva por seu sentimentalismo e começou a cortar a madeira com violência. Ele resmungava alto, — Minha casa ficou vazia. É provável que o telhado tenha goteiras e que a mobília tenha sido arruinada. Busca estúpida. Essa foi a coisa mais idiota que eu já fiz. Depois de cento e quarenta e oito anos, eu deveria ter aprendido!

— Você nunca aprenderá, anão —, uma voz distante respondeu-lhe — Nem que você viva duzentos e quarenta e oito anos!

A mão do anão deixou a madeira cair, depois se moveu com uma calma segurança da adaga para o cabo do machado enquanto ele perscrutava o caminho. A voz soou familiar, a primeira voz familiar que ele escutava em muito tempo. Mas ele não sabia dizer de quem era.

Flint apertou os olhos contra o sol que se punha. Ele achou que tinha visto a silhueta de um homem correndo caminho acima. De pé, Flint colocou-se à sombra de um pinheiro alto para ver melhor. O caminhar do homem era marcado por uma graça elegante — a graça de um elfo, Flint teria dito; mas o

corpo do homem tinha a espessura e a firmeza dos músculos de um humano, e os pelos faciais eram definitivamente humanos. Tudo que o anão conseguia ver da face do homem coberta por um capuz verde era uma pele bronzeada e uma barba de tom castanho-avermelhado. O homem trazia um arco longo pendurado em um ombro e uma espada presa no seu lado esquerdo. Ele vestia uma roupa de pelica, cuidadosamente trabalhada com os desenhos intrincados que os elfos adoravam. Mas nenhum elfo no mundo de Krynn poderia ter barba... nenhum elfo, exceto...

— Tanis? — disse Flint de modo hesitante enquanto o homem se aproximava.

— O próprio — O rosto barbado do recém chegado se abriu num enorme sorriso. Ele manteve os braços abertos, e antes que o anão pudesse pará-lo, agarrou Flint em um abraço que o levantou do solo. O anão apertou seu velho amigo contra si durante um breve momento depois, lembrando-se de sua dignidade, debateu-se e se livrou do abraço do meio elfo.

— Bem, você não aprendeu boas maneiras em cinco anos —, o anão resmungou — Continua não respeitando minha idade e meu posto. Erguer-me como um saco de batatas — Flint olhou estrada abaixo — Espero que ninguém conhecido tenha nos visto.

— Eu duvido que exista muita gente que se lembre de nós —, disse Tanis, os olhos estudando o amigo troncudo carinhosamente — O tempo não passa para você e eu, velho anão, como ele passa para os humanos. Cinco anos são um longo tempo para eles, um curto momento para nós — Aí ele sorriu — Você não mudou nada.

— O mesmo não pode ser dito dos outros — Flint sentou-se na rocha e voltou a esculpir. Ele franziu a testa para Tanis — Por que essa barba? Você já era feio o suficiente.

Tanis coçou o queixo.

— Eu estive em terras que não eram amistosas com pessoas de sangue élfico. A barba... um presente de meu pai humano —, ele disse com uma ironia amarga, — ajudou muito a esconder minha origem.

Flint grunhiu. Ele sabia que aquela não era a verdade completa. Embora odiasse matar, Tanis não era de se esconder de uma briga por atrás de uma barba. Cavacos de madeira voavam.

— Estive em terras que não eram amistosas com qualquer um de qualquer tipo de sangue — Flint virou a madeira em sua mão, examinando-a — Mas nós estamos em casa agora.

Tudo isso ficou para trás.

— Não pelo que eu tenho escutado — disse Tanis, cobrindo novamente o rosto com o capuz para evitar o sol em seus olhos — Os Altos Seguidores de Haven indicaram um homem chamado Hederick para governar como Alto Teocrata em Solace e ele transformou a cidade em um viveiro de fanatismos com sua nova religião.

Tanis e o anão viraram-se e olharam para baixo, para o vale quieto. Luzes começaram a piscar, tornando visíveis as casas nas árvores. O ar da noite estava parado, calmo e doce, tingido com o cheiro de fumaça da madeira das lareiras, das casas. Vez ou outra eles conseguiam ouvir o barulho lá longe de uma mãe chamando seus filhos para o jantar.

— Não ouvi falar de nenhum problema em Solace —, Flint disse calmamente.

— Perseguição religiosa... inquisições... — a voz de Tanis soou ameaçadora vindo das profundezas de seu capuz. A voz mais grave, mais sombria do que Flint se lembrava. O anão franziu a testa. Seu amigo havia mudado nestes cinco anos. E os elfos nunca mudam! Mas, Tanis era apenas meio elfo, um filho da violência, sua mãe havia sido estuprada por um guerreiro humano durante uma das muitas guerras que haviam separado as diferentes raças de Krynn durante os anos caóticos que se seguiram ao Cataclismo.

— Inquisições! De acordo com os boatos isso atinge apenas aqueles que desafiam o novo Alto Teocrata —, Flint disparou — Eu não acredito nos deuses dos Seguidores, nunca acreditei, mas não exponho minhas idéias pelas ruas. Fique calado e eles te deixam sossegado, esse é meu mote. Os Altos Seguidores de Haven ainda são homens sábios e virtuosos. É apenas essa maçã podre em Solace que está estragando todo o cesto. A propósito, você encontrou o que procurava?

— Algum sinal dos antigos e verdadeiros deuses? — Tanis perguntou — Ou paz de espírito? Eu buscava os dois. A respeito de qual dos dois você quer saber?

— Bem, eu achei que um vinha junto com o outro — Flint grunhiu. Ele girou o pedaço de madeira em suas mãos, ainda insatisfeito com suas proporções — Nós vamos ficar aqui a noite inteira sentindo o cheiro da comida? Ou nós vamos para a cidade jantar?

— Vamos — Tanis acenou com um gesto. Juntos, os dois começaram o trajeto, mas as longas pernas de Tanis forçavam o anão a dar dois passos para cada um dele. Embora já fizesse muitos anos que eles tinham viajado juntos, Tanis diminuiu inconscientemente seu ritmo, enquanto Flint apressou inconscientemente o dele.

— Então, você não encontrou nada? — Flint continuou.

— Nada — Tanis respondeu — Como havíamos descoberto há muito tempo atrás, os únicos clérigos e sacerdotes que existem neste mundo servem falsos deuses. Eu ouvi histórias de curas, mas tudo não passava de truques e magias. Felizmente, nosso amigo Raistlin me ensinou o que eu deveria olhar...

— Raistlin! — disse Flint ofegante — Aquele mágico branquelo e magricela. Ele próprio é mais do que meio charlatão. Sempre reclamando e resmungando e metendo o nariz onde não é chamado. Se não fosse pelo cuidado que o irmão gêmeo tem com ele, alguém já teria dado um fim às suas mágicas há muito tempo.

Tanis estava feliz pelo fato da barba esconder seu sorriso.

— Acho que aquele jovem era um mágico melhor do que você quer admitir —, ele disse — E, você tem de convir que ele trabalhou duro e sem descanso para ajudar aqueles que foram enganados pelos falsos clérigos, como eu — Ele suspirou.

— Pelo que você sem dúvida recebeu poucos agradecimentos — o anão disse.

— Muito pouco —, disse Tanis — As pessoas querem acreditar em alguma coisa, mesmo que lá no fundo elas saibam que não é verdade. Mas e você? Como foi sua viagem para sua terra natal?

Flint continuou caminhando com passos pesados sem responder, a cara fechada. Por fim ele disse.

— Eu nunca deveria ter ido —, e levantou os olhos para Tanis, seus olhos, quase impossíveis de se ver através das sobrancelhas brancas e espessas, informando o meio elfo que esta parte da conversa não era bem vinda. Tanis percebeu o olhar de Flint, mas fez suas perguntas do mesmo modo.

— O que aconteceu com os clérigos anões? As histórias que nós ouvimos?

— Não eram verdadeiras. Os clérigos desapareceram trezentos anos atrás durante o Cataclismo. Assim dizem os anciões.

— Igual aos elfos —, Tanis ponderou.

— Eu vi...

— Psiu! — Tanis levantou uma das mãos como advertência. Flint ficou imóvel.

— O que foi? — ele murmurou. Tanis apontou.

— Lá naquele arvoredo.

Flint olhou para além das árvores, ao mesmo tempo em que sua mão procurava o machado de batalha que estava amarrado a suas costas.

Os raios vermelhos do sol poente refletiram por um segundo em um pedaço de metal que brilhava por entre as árvores. Tanis viu-o uma vez e o perdeu, depois viu de novo. Naquele momento, porém, o sol desceu, deixando no céu um brilho violeta e fazendo com que as sombras da noite se arrastassem sobre as árvores da floresta.

Flint apertou os olhos e olhou para dentro da escuridão.

— Não vejo nada.

— Eu vi —, disse Tanis. E continuou fitando o mesmo lugar onde tinha visto o metal, e gradualmente sua visão de elfo começou a detectar a morna aura vermelha emanada por todos os seres vivos, mas visível apenas para os elfos.

— Quem está aí? — Tanis perguntou.

Durante um bom tempo, a única resposta foi um som estranho que fez com que os pelos do pescoço do meio elfo se arrepiar. Era um som oco, uma espécie de zunido que começou baixo, foi aumentando até se transformar num tom agudo, como um gemido gritado. Acompanhando o grito havia uma voz.

— Elfo andarilho, volte de onde você veio e deixe o anão para trás. Nós somos os espíritos daquelas pobres almas que Flint Forjardente deixou no chão do bar. Nós morremos em combate?

A voz do espírito aumentou ainda mais, assim como o gemido oco que a acompanhava.

— Não! Nós morremos de vergonha, amaldiçoados pelo fantasma da uva por não sermos capazes de beber mais do que um anão da montanha.

A barba de Flint tremia de ódio, e Tanis, que tinha começado a gargalhar, foi forçado a agarrar o furioso anão pelos ombros para evitar que ele disparasse de cabeça dentro da mata.

— Malditos sejam os olhos dos elfos! — A voz fantasmagórica ficou alegre.

— E malditas sejam as barbas dos anões!

— Você não desconfiou? — Flint murmurou. — Tasslehoff Pés Ligeiros!

Houve um ligeiro farfalhar nos arbustos mais baixos, então, uma figura pequena se pôs em pé no caminho. Era um kender, um membro de uma raça considerada por muitas pessoas em Krynn como um incômodo igual aos mosquitos. De ossatura pequena, os kenders raramente crescem mais que um metro e vinte. Este kender em particular era quase da altura de Flint, mas sua estrutura franzina e seu perpétuo rosto de criança faziam com que ele parecesse menor. Ele vestia um leggings azul brilhante que contrastava fortemente com seu colete de pelo de animal e sua túnica simples feita em casa. Seus olhos castanhos brilhavam cheios de malícia e alegria; seu sorriso parecia chegar ao topo de suas orelhas pontudas. Ele baixou a cabeça numa mesura de gozação o que fez com que uma longa mecha de seu cabelo castanho, que era seu orgulho e alegria, caísse por cima de seu nariz. Depois, ele se endireitou, rindo. O brilho metálico que os olhos de Tanis tinham visto, vinha das fivelas de um dos numerosos sacos presos à volta de seus ombros e da sua cintura.

Tas sorriu para eles, apoiando-se em seu cajado hoopak. Era este cajado quem havia criado aquele som fantasmagórico. Tanis deveria tê-lo reconhecido de imediato, pois já havia visto o kender assustar muitos de seus atacantes só com o rodopiar de seu cajado no ar, produzindo aquele gemido. Uma invenção dos kenders, a parte de baixo do cajado hoopak era pontiaguda e coberta de cobre; o topo tinha uma espécie de forquilha com uma tira de couro. O cajado era feito com um pedaço de madeira de salgueiro flexível. Apesar de ser menosprezado por toda e qualquer raça de Krynn, o hoopak era mais do que uma ferramenta ou uma arma útil para os kenders, era também, seu símbolo. "Novas estradas pedem por um hoopak," era um ditado popular entre o povo kender. Era sempre imediatamente seguido por mais um de seus ditados: "Nenhuma estrada é velha demais."

Tasslehoff de repente correu para a frente, com os braços abertos.

— Flint! — O kender jogou seus braços em volta do anão e o abraçou. Flint, envergonhado, respondeu ao abraço de forma relutante, depois rapidamente deu um passo atrás. Tasslehoff riu, depois levantou os olhos para o meio elfo.

— Quem é este? — Ele disse. — Tanis! Eu não te reconheci de barba! — Ele estendeu os braços curtos.

— Não, obrigado —, disse Tanis, rindo. Ele acenou mantendo o kender a distancia — Eu prefiro que minha escarcela continue no lugar onde está.

Com um repentino olhar de espanto, Flint procurou sob sua túnica.

— Seu safado! Ele rugiu e pulou sobre o kender, que ria. Os dois rolaram na poeira.

Tanis, segurando o riso, começou a puxar Flint de cima do kender. Aí ele parou e se virou alarmado. Tarde demais, ele ouviu o chacoalhar da prata das rédeas e do cabresto e o bufar de um cavalo. O meio elfo levou a mão ao punho de sua espada, mas ele já havia perdido toda e qualquer vantagem que poderia ter se estivesse alerta.

Praguejando, Tanis não podia fazer nada senão ficar parado e olhar para a figura que emergia das sombras. Ela estava sentada num pequeno pônei de pelos longos na perna que se movia com a cabeça baixa, como se tivesse vergonha de seu cavaleiro. O rosto do cavaleiro tinha manchas cinza e sua pele flácida pendia, criando dobras. Dois olhos cor-de-rosa olhavam para eles debaixo de um capacete de aparência militar. Seu corpo, gordo e pelancudo, vazava por entre os pedaços de uma armadura barata e pretensiosa.

Um odor peculiar atingiu Tanis e ele franziu o nariz com nojo. "Hobgoblin" seu cérebro registrou. Ele largou a espada e chutou Flint, mas naquele momento, o anão deu um tremendo espirro e caiu sentado sobre o kender.

— Cavalo! disse Flint, espirrando novamente.

— Atrás de você —, Tanis respondeu baixinho.

Flint, ouvindo o tom de alerta na voz de seu amigo, levantou-se desajeitadamente. Tasslehoff rapidamente fez o mesmo.

O hobgoblin estava sentado no pônei com uma perna de cada lado, observando-os com um olhar desdenhoso levantando os lábios de sua cara chata. Seus olhos rosa refletiam os últimos raios de sol.

— Vocês estão vendo, rapazes —, disse o hobgoblin, falando a Língua Comum com um forte sotaque, — com que tipo de idiotas estamos lidando aqui em Solace.

Ouviu-se um riso vindo de trás das árvores que havia atrás do hobgoblin. Cinco guardas goblins, vestindo uniformes mal feitos, saíram caminhando. Eles se posicionaram dos dois lados do cavalo de seu líder.

— Agora... — O hobgoblin se inclinou em sua cela. Tanis assistia com uma espécie de fascinação horrível quando a enorme barriga da criatura engoliu o bico da sela — Eu sou Cotilique Toede, líder das forças que mantém Solace protegida de elementos indesejáveis. Vocês não têm direito de estar andando nos limites da cidade depois do por do sol. Vocês estão presos. — Cotiliquê Toede inclinou-se para falar com um goblin que se encontrava perto dele.

— Traga-me o cajado de cristal azul, se você o encontrar com eles —, ele disse na sua estranha língua. Tanis, Flint e Tasslehoff, trocaram olhares entre si se questionando. Todos eles sabiam falar alguma coisa na língua dos goblins, Tas melhor que os outros. Será que eles tinham ouvido direito? Um cajado de cristal azul?

— Se eles resistirem —, acrescentou Cotiliquê Toede, voltando a falar a Língua Comum para causar mais efeito, — mate-os.

Depois disso, ele puxou as rédeas, girou sua montaria num único gesto e galopou caminho abaixo em direção a cidade.

— Goblins! Em Solace! Este novo Teocrata tem muita coisa para explicar! — Disse Flint. Levantando sua mão, ele puxou o machado de batalha

de suas costas e plantou seus pés firmemente no chão, balançando para frente e para trás até se sentir equilibrado — Muito bem —, ele anunciou — Vamos lá.

— Eu lhes aviso para recuarem —, Tanis disse, jogando o manto sobre um dos ombros e sacando a espada — Nós fizemos uma longa jornada. Estamos cansados, famintos e atrasados para uma reunião com amigos que não vemos há muito tempo. Não temos nenhuma intenção de sermos presos.

— Ou sermos mortos —, acrescentou Tasslehoff. Ele não tinha sacado nenhuma arma mas continuava observando os goblins com interesse.

Um pouco surpresos, os goblins trocaram olhares nervosos entre si. Um deles olhou sinistramente para a estrada onde seu líder tinha desaparecido. Os goblins estavam acostumados a incomodar fazendeiros e vendedores ambulantes que viajavam para a pequena cidade, não a desafiar lutadores armados e obviamente treinados. Mas seu ódio contra as outras raças de Krynn vinha de longa data. Eles sacaram suas espadas longas e curvas.

Flint deu um passo à frente, suas mãos agarrando firmemente o cabo do machado.

— Só existe uma criatura que eu odeio mais do que um anão —, ele declarou, — e essa criatura é um goblin!

O goblin mergulhou contra Flint, esperando derrubá-lo. Flint girou seu machado com uma precisão mortal. A cabeça de um dos goblins rolou na poeira e o corpo dele se estatelou no chão.

— O que vocês gosmentos estão fazendo em Solace? Tanis perguntou, aparando habilmente a estocada desajeitada de um outro goblin. Suas espadas se cruzaram e pararam por um momento, então, Tanis empurrou o duende para trás. — Vocês trabalham para o Alto Teocrata?

— Teocrata? — O goblin engasgou com a gargalhada que deu. Brandindo a espada como um louco, ele correu para cima de Tanis. — Aquele idiota? Nosso Cotiliquê trabalha para o... uh! — A criatura impalou a si mesma

na espada de Tanis. Ela grunhiu, depois foi escorregando devagarinho até cair no chão.

— Droga! Tanis praguejou e olhou frustrado para o goblin morto — Idiota atrapalhado! Eu não queria matá-lo, só queria descobrir quem o contratou.

— Você descobrirá quem nos contratou, mais cedo do que gostaria! — resmungou outro goblin, correndo na direção do meio elfo distraído.Tanis virou-se rapidamente e desarmou a criatura. Depois deu-lhe um chute no estômago e o goblin se curvou.

Um outro goblin correu para cima de Flint antes que o anão tivesse tempo de se recuperar de seu golpe letal. Ele cambaleou para trás, tentando recuperar o equilíbrio.

Aí, a voz fina de Tasslehoff se fez ouvir.

— Esta escória luta para qualquer um, Tanis. Dê-lhes carne de cachorro de vez em quando e eles serão seus para semp...

— Carne de cachorro! — O goblin grasnou e se afastou de Flint enraivecido. — Que tal carne de kender, seu "vozinha fina"? — O goblin correu na direção do aparentemente desarmado kender agitando os braços, tentando alcançar seu pescoço com suas mãos vermelho púrpura. Tas, sempre com aquela expressão inocente de criança, enfiou a mão no colete de lã de carneiro, de onde puxou uma adaga e a arremessou, num único gesto. O goblin colocou as mãos no peito e caiu com um gemido. Sobrou apenas o som de pés batendo quando o último duende fugiu correndo. A batalha havia terminado.

Tanis guardou sua espada, fazendo caretas de nojo diante os corpos fedorentos; o cheiro lembrava peixe podre. Flint limpou o sangue negro de goblin da lâmina de seu machado. Tas fitava com tristeza o corpo do goblin que ele havia matado. Ele tinha caído de bruços, com a adaga escondida debaixo dele.

— Eu a pego para você —, Tanis se ofereceu, preparando-se para rolar o corpo.

— Não —, Tas fez uma careta — Eu não a quero mais. Sabe, você nunca consegue se livrar do cheiro.

Tanis concordou com um aceno da cabeça. Flint prendeu novamente seu machado e os três continuaram a percorrer o caminho.

As luzes de Solace ficavam mais claras à medida que a escuridão aumentava. O cheiro da fumaça de madeira no ar frio da noite trouxe pensamentos de comida, calor e segurança. Os companheiros apertaram o passo. Eles não falaram nada durante um bom tempo, todos eles ouvindo o eco das palavras de Flint em suas mentes: Goblins. Em Solace.

Por fim, a despeito disso, o irrefreável kender gargalhou.

— Além do mais —, ele disse, — a adaga era do Flint!

2

O RETORNO À HOSPEDARIA

UM CHOQUE

O JURAMENTO É QUEBRADO

Quase todo mundo, nessa época, que estava em Solace dava um jeito de passar na Hospedaria Derradeiro Lar em alguma hora da noite. As pessoas se sentiam mais seguras em grupos.

Solace tinha sido durante muito tempo uma encruzilhada para viajantes. Eles vinham de Haven, a capital de Éden. Eles vinham do reino élfico de Qualinesti ao sul. Algumas vezes eles vinham do leste, do outro lado das planícies áridas da Abanasinia. A Hospedaria Derradeiro Lar era conhecida em todo o mundo civilizado como um refúgio dos viajantes e um lugar para saber as novidades. Foi para a Hospedaria que os três amigos se dirigiram.

O enorme tronco retorcido erguia-se no meio das árvores a sua volta. Os vitrais coloridos da Hospedaria luziam brilhantemente contra a sombra da copadeira, e sons de vida escapavam pelas janelas. Lanternas penduradas nos galhos iluminavam a escada sinuosa. Embora a noite do Outono estivesse esfriando no meio das copadeiras de Solace, os viajantes sentiam o

companheirismo e as memórias acalentarem suas almas e levarem para longe as dores e as tristezas da estrada.

A Hospedaria estava tão lotada nesta noite que os três eram forçados o tempo todo a se encostar ao lado da escada para deixar homens, mulheres, e crianças passarem por eles. Tanis notou que as pessoas olhavam para ele e seus companheiros com desconfiança — não com o olhar de boas vindas que eles teriam dado cinco anos atrás.

Tanis fechou a cara. Esta não era a volta para casa com que ele havia sonhado. Ele nunca tinha sentido tanta tensão nos cinqüenta anos que havia morado em Solace. Os boatos que ele tinha escutado sobre a corrupção maligna dos Seguidores deviam ser verdadeiros.

Cinco anos atrás, uns homens que chamavam a si mesmos de "Seguidores" ("nós seguimos os novos deuses") formaram uma organização de clérigos que praticavam sua nova religião nas cidades de Haven, Solace, e Berma. Tanis acreditava que estes clérigos tinham se desencaminhado, mas pelo menos eles haviam sido honestos e sinceros. Nos anos que se seguiram, entretanto, os clérigos foram ganhando cada vez mais status à medida que sua religião florescia. Em pouco tempo, eles passaram a se preocupar menos com a glória no pós vida e mais com poder em Krynn. Eles tomaram conta do governo das cidades com a bênção do povo.

Um toque no braço de Tanis interrompeu seus pensamentos. Ele se virou e viu Flint apontando para baixo silenciosamente. Ao olhar para baixo, Tanis viu guardas marchando, sempre em grupos de quatro. Armados até os dentes, eles caminhavam com um ar de imponência.

— Pelo menos eles são humanos e não goblins —, Tas disse.

— Aquele goblin torceu o nariz quando eu mencionei o Alto Teocrata —, Tanis ponderou. Como se eles estivessem trabalhando para outra pessoa. Eu fico imaginando o que será que está acontecendo.

— Talvez nossos amigos saibam —, Flint disse.

— Se eles estiverem aqui —, Tasslehoff completou — Muita coisa pode ter acontecido em cinco anos.

— Eles estarão aqui, se estiverem vivos —, Flint falou num tom mais baixo. — Foi um juramento sagrado que nós fizemos, nos encontrarmos novamente depois que cinco anos tivessem se passado para contar o que tivéssemos descoberto sobre o mal que estava se espalhando pelo mundo. E pensar que nós viríamos para casa e encontraríamos o mal na soleira de nossa porta!

— Psiu! Quieto! Vários transeuntes olharam tão alarmados pelas palavras do anão que Tanis balançou a cabeça.

— Melhor não falar sobre isso aqui —, aconselhou o meio elfo.

Ao chegar ao topo da escada, Tas abriu completamente a porta. Uma onda de luz, ruído, calor e o cheiro familiar das batatas apimentadas de Otik atingiu-os em cheio. Ela os envolveu e os cobriu de forma tranqüilizadora. Otik, que estava de pé atrás do balcão, como eles sempre se lembravam dele, não tinha mudado, exceto talvez pelo fato de ter ficado mais corpulento. A Hospedaria parecia não ter mudado também, a não ser para ficar mais confortável.

Tasslehoff, examinando a multidão com seus olhos rápidos de kender, deu um grito e apontou para o outro lado do salão. Alguma coisa mais não tinha mudado também, a luz do fogo reluzindo no elmo de um dragão alado, brilhante de tão polido.

— Quem é? perguntou Flint forçando a vista para enxergar.

— Caramon —, Tanis respondeu.

— Então Raistlin também estará aqui —, Flint disse com um certo desinteresse na voz.

Tasslehoff já estava se enfiando no meio daquele monte de gente, seu corpo pequeno e flexível quase desapercebido pelas pessoas por quem ele já

tinha passado. Tanis torcia fervorosamente para que o kender não estivesse "adquirindo" nenhum objeto dos clientes da hospedaria. Não que ele roubasse coisas, Tasslehoff teria ficado profundamente magoado se alguém o acusasse de roubo. Mas o kender sentia uma curiosidade insaciável, e vários objetos interessantes que pertenciam a outras pessoas descobriam um jeito de ir parar na mão de Tas. A última coisa que Tanis queria esta noite era confusão. Ele fez uma anotação mental para ter uma palavra em particular com o kender.

O meio elfo e o anão tiveram mais dificuldade para atravessar a multidão que seu pequeno amigo. Quase todas as cadeiras haviam sido ocupadas, todas as mesas estavam cheias. Aqueles que não tinham conseguido achar um lugar para se sentar ficavam em pé, falando em voz baixa. As pessoas olhavam para Tanis e Flint de forma estranha, com desconfiança, ou curiosidade. Ninguém cumprimentou Flint, embora houvesse várias pessoas que tinham sido fregueses do trabalho do anão como ferreiro durante muito tempo. As pessoas de Solace tinham seus próprios problemas, e era aparente que Tanis e Flint eram agora considerados forasteiros.

Ouviu-se um rugido do outro lado do salão, vindo da mesa onde o elmo de dragão refletia a luz da lareira. O rosto fechado de Tanis se transformou em um sorriso quando ele viu o gigante Caramon levantar o pequeno Tas do chão num abraço de urso.

Flint, movendo-se com dificuldade através de um mar de fivelas de cintos, poderia apenas imaginar a visão quando ele ouviu a voz retumbante de Caramon respondendo à saudação de Tasslehoff.

— É melhor Caramon cuidar de sua bolsa —, Flint resmungou — Ou contar seus dentes.

O anão e o meio elfo conseguiram finalmente atravessar a multidão que se encontrava na frente do balcão do bar. A mesa na qual Caramon se sentara estava encostada contra o tronco da árvore. Na verdade, ela estava colocada numa posição estranha. Tanis pôs-se a pensar porque Otik a teria mudado de

lugar quando tudo mais tinha permanecido exatamente no mesmo lugar. Mas o pensamento foi expulso de sua mente, pois havia chegado sua vez de receber a saudação calorosa do grande guerreiro. Tanis removeu apressadamente o arco longo e a aljava com flechas de suas costas antes que Caramon os abraçasse todos e os transformasse em gravetos.

— Meu amigo! — Os olhos de Caramon estavam úmidos. Parecia que ele queria dizer mais alguma coisa, mas estava tomado pela emoção. Tanis também não conseguiu falar nada durante alguns momentos, mas porque ele teve o ar espremido para fora de seus pulmões pelos braços musculosos de Caramon.

— Onde está Raistlin? — ele perguntou quando conseguiu falar. Os gêmeos nunca estavam longe um do outro.

— Ali. Caramon mostrou com um aceno a outra extremidade da mesa. Depois franziu a testa — Ele está mudado —, o guerreiro avisou Tanis.

O meio elfo olhou para um canto formado por uma irregularidade na árvore. O canto estava encoberto por uma sombra e durante um momento ele não conseguiu ver nada além do brilho da luz do fogo. Depois, ele viu uma figura pequena sentada; encolhida dentro de um manto vermelho mesmo com o calor do fogo ao lado. A silhueta tinha um capuz que lhe cobria o rosto.

Tanis sentiu uma repentina relutância em falar com o jovem mago sozinho, mas Tasslehoff tinha se levantado para procurar a garçonete e Flint estava sendo levantado do chão por Caramon. Tanis moveu-se em direção ao fim da mesa.

— Raistlin? — ele disse, sentindo uma estranha sensação de apreensão. A silhueta envolvida pelo manto levantou os olhos.

— Tanis? — o homem sussurrou enquanto tirava vagarosamente o capuz da cabeça.

O meio elfo engoliu o ar e deu um passo para trás. Ele olhou horrorizado.

O rosto que olhou para ele de dentro das sombras, era um rosto saído de um pesadelo. Mudado, Caramon tinha dito! Tanis tremia. "Mudado" não era a palavra! A pele branca do mago tinha ganhado um tom dourado. Ela brilhava na luz do fogo com uma aparência levemente metálica, como fosse uma máscara horrenda.

A carne do rosto tinha derretido, deixando os ossos da face delineados em sombras assustadoras. Os lábios estavam esticados transformados em uma linha reta escura. Mas eram os olhos que prendiam Tanis. Pois eles não eram mais os olhos de qualquer ser humano vivo que Tanis já tivesse visto. As pupilas negras tinham agora o formato de uma ampulheta! As íris, que Tanis lembrava serem azuis claras, tinham agora um brilho dourado!

— Eu vejo que minha aparência te choca —, Raistlin murmurou. Havia uma leve sugestão de sorriso em seus lábios finos.

Sentado de frente para o jovem, Tanis engoliu em seco.

— Em nome dos verdadeiros deuses, Raistlin...

Flint desabou num assento perto de Tanis.

— Hoje eu fui levantado no ar mais vezes do que Reorx! — Os olhos de Flint se arregalaram — Que demônio tomou conta de si? Você foi amaldiçoado? — Disse o anão num arquejo, olhando para Raistlin.

Caramon sentou-se ao lado de seu irmão. Ele pegou sua caneca de cerveja e olhou para Raistlin.

— Você vai contar para eles, Raist? — Ele perguntou em voz baixa.

— Sim —, disse Raistlin, fazendo as palavras saírem num chiado que fez Tanis estremecer. O jovem falou num tom baixo e sibilante, um pouco mais alto que um sussurro, como se aquilo fosse o máximo que ele podia fazer para a voz sair de seu corpo. Suas mãos longas e nervosas, que tinham a mesma cor dourada de seu rosto, brincavam distraidamente com o resto de comida que havia no prato à sua frente.

— Vocês se lembram quando nós partimos cinco anos atrás? — Raistlin começou — Meu irmão e eu tínhamos planejado uma viagem tão secreta que eu não podia nem contar para vocês onde nós estávamos indo, meus caros amigos. — Havia um leve toque de sarcasmo na voz gentil. Tanis mordeu os lábios para não falar nada. Raistlin não tinha tido nunca, em sua vida inteira, nenhum "caro amigo."

— Eu tinha sido escolhido por Par-Salian, o líder da minha ordem, para fazer o Teste —, Raistlin continuou.

— O Teste? Tanis repetiu surpreso — Mas você era muito jovem. Tinha o que? ...vinte anos? O Teste é dado apenas para os magos que já estudaram muitos anos...

— Você pode imaginar meu orgulho —, Raistlin disse friamente, irritado pela interrupção — Meu irmão e eu viajamos para o lugar secreto, as lendárias Torres da Alta Magia. E lá, eu passei no Teste — A voz do mago quase sumiu — E lá, eu quase morri!

A garganta de Caramon se apertou, obviamente tomado por alguma emoção forte.

— Foi terrível —, o homenzarrão começou, a voz trêmula — Eu o encontrei morrendo naquele lugar horrível, o sangue escorrendo de sua boca! Eu o levantei e...

— Chega meu irmão! — A voz suave de Raistlin estalou como um chicote. Caramon se encolheu. Tanis viu os olhos dourados do jovem mago se apertarem, suas mãos finas se juntarem. Caramon ficou calado e engoliu sua cerveja, olhando nervosamente para o irmão. Havia claramente um novo problema, uma tensão entre os gêmeos.

Raistlin respirou fundo e continuou.

— Quando acordei —, o mago disse, — a minha pele tinha se tornado desta cor, uma marca do meu sofrimento. Meu corpo e minha saúde estão irrecuperavelmente destruídos. E meus olhos! Eu vejo através de pupilas em

forma de ampulheta e, portanto, eu vejo o tempo... como ele afeta todas as coisas. Mesmo agora, enquanto olho para você, Tanis —, o mago sussurrou, — Eu vejo você morrendo aos poucos. E assim eu vejo tudo aquilo que está vivo.

A mão fina de Raistlin, segurou o braço de Tanis. O meio elfo estremeceu ao sentir o toque frio e começou a puxar o braço, mas os olhos dourados e a mão o mantiveram parado.

O mago se inclinou para frente, seus olhos brilhavam fervorosamente.

— Mas eu tenho poder agora! ele sussurrou — Par-Salian me disse que chegaria o dia em que minha força moldaria o mundo! Eu tenho poder e —, ele gesticulou, — o Cajado de Magius.

Tanis viu um cajado apoiado contra o tronco da árvore a uma pequena distância da mão de Raistlin. Era um cajado simples de madeira. Uma bola de cristal transparente, presa em uma garra dourada, talhada de modo a parecer a garra de um dragão, brilhava na ponta.

— E valeu a pena? —Tanis perguntou baixinho.

Raistlin fixou seus olhos nele, depois seus lábios se abriram numa caricatura de um sorriso. Ele tirou sua mão do braço de Tanis e colocou os braços dentro das mangas de seu manto.

— É claro! — O mago sibilou — Poder, é o que eu vinha buscando há muito tempo... e ainda busco. — Ele reclinou o corpo para trás e sua pequena silhueta se misturou no escuro da sombra até tudo que Tanis era capaz de ver serem seus olhos dourados, reluzindo à luz do fogo.

— Cerveja —, disse Flint, limpando a garganta e lambendo os lábios como se ele fosse tirar um gosto ruim da boca — Onde está o kender? Eu acho que ele roubou a garçonete...

— Aqui estamos nós —, gritou a voz alegre de Tas. Uma ruiva, alta e jovem, apareceu de trás dele, carregando uma bandeja com canecas.

Caramon sorriu.

— Agora, Tanis —, ele disse, — adivinhe quem ela é. Você também Flint. Se vocês acertarem, eu pago esta rodada.

Feliz por poder tirar seu pensamento da história sinistra de Raistlin, Tanis olhou para a garota sorridente. Cabelos vermelhos encaracolados à volta do rosto, os olhos verdes dela dançavam divertidos, havia algumas sardas levemente espalhadas por seu nariz e bochechas.Tanis parecia se lembrar dos olhos, mas fora isso ele estava completamente perdido.

— Eu desisto —, ele disse — Mas também, para os elfos, os humanos parecem mudar tão rapidamente que a gente se perde. Eu tenho cento e dois anos, e para você, não pareço ter mais de trinta. E para mim, esses cem anos parecem trinta. Esta jovem devia ser uma garota quando nós partimos.

— Eu tinha catorze — A garota riu e colocou a bandeja na mesa — E Caramon costumava dizer que eu era tão feia que meu pai teria que pagar para alguém se casar comigo.

— Tika! — Flint bateu o punho na mesa — Você paga, seu grande idiota!

Ele apontou para Caramon.

— Não é justo! — O gigante riu — Ela te deu uma dica.

— Bem, os anos provaram que ele estava errado —, Tanis disse, sorrindo — Eu viajei por muitos lugares e você é uma das garotas mais bonitas que eu vi em Krynn.

Tika enrubesceu de alegria. Depois, sua face ficou séria.

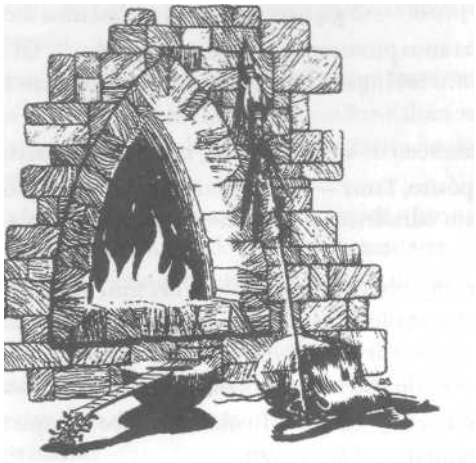
— A propósito, Tanis —, ela enfiou a mão em seu bolso e tirou de dentro dele um objeto cilíndrico, — isto chegou para você hoje. Em circunstâncias estranhas.

Tanis franziu a testa e pegou o objeto. Era uma pequena caixa para pergaminho feita de uma madeira negra altamente polida. Ele removeu vagarosamente um pequeno pedaço de pergaminho e o desenrolou. Seu coração batia, dolorosamente quando ele reconheceu a caligrafia negra e grossa.

— É de Kitiara —, ele disse finalmente, sabendo que sua voz havia soado tensa e não natural. — Ela não vem.

Houve um momento de silêncio.

— Acabou-se —, disse Flint — O círculo foi rompido, o juramento quebrado. Isso é má sorte — Ele balançou a cabeça — Má sorte.



3

CAVALEIRO DE SOLAMNIA.

A FESTA DO VELHO.

Raistlin inclinou-se para frente. Ele e Caramon olharam um para o outro enquanto pensamentos sem palavras eram trocados entre eles.

Foi um momento raro, pois somente grandes perigos ou dificuldades pessoais tornavam aparente o parentesco destes gêmeos. Kitiara era sua meia-irmã mais velha.

— Kitiara não quebraria seu juramento a menos que outro juramento mais forte a impedisse — Raistlin pensou alto.

— O que ela diz? — Caramon perguntou.

Tanis hesitou, depois passou a língua nos lábios secos.

— Suas obrigações com seu novo senhor a mantêm ocupada. Ela pede desculpas e manda seus melhores votos para todos nós e seu amor — Tanis sentiu a garganta se contrair. Ele tossiu. — O amor dela para seus irmãos e para... — Ele fez uma pausa, depois enrolou o pergaminho — Só isso.

— Amor para quem? — Tasslehoff perguntou inocentemente — Ai! — Ele olhou para Flint que tinha pisado no pé dele. O kender viu Tanis ficar vermelho. — Oh! —, ele disse, sentindo-se estúpido.

— Vocês sabem o que ela quer dizer? — Tanis perguntou para os irmãos — De que novo senhor ela está falando?

— Quem é que sabe da Kitiara? — Raistlin encolheu seus ombros estreitos — A última vez que a vimos foi aqui na Hospedaria cinco anos atrás. Ela estava indo para o norte com Sturm. Não ouvimos mais falar dela desde então. Com relação ao novo senhor, eu diria que agora nós sabemos por que ela quebrou seu juramento conosco: ela jurou aliança a um outro. Ela é, afinal de contas, uma mercenária.

— Sim —, Tanis admitiu. Ele colocou o pergaminho de volta em sua caixa e olhou para Tika — Você disse que isto chegou em circunstancias estranhas? Me conte.

— Um homem o trouxe no fim da manhã. Pelo menos, eu acho que era um homem. Tika tremia — Ele estava enrolado dos pés a cabeça em roupas de todos os tipos. Eu não conseguia nem ver o rosto dele. Sua voz era sibilante, e ele falou com um sotaque estranho. "Entregue isto a um tal Tanis Meio Elfo," ele disse. Eu lhe disse que você não estava aqui e não havia estado aqui há vários anos. "Ele vai estar", o homem disse. Depois ele partiu — Tika encolheu os ombros. — É tudo que eu posso lhe dizer. Aquele velho ali o viu — Ela fez um gesto indicando o velho que estava sentado na cadeira em frente ao fogo — Você poderia perguntar-lhe se ele notou algo mais.

Tanis se virou para olhar para o velho que estava contando histórias a uma criança de olhos sonolentos que olhava fixamente para as chamas. Flint tocou o braço de Tanis.

— Eis alguém que pode lhe dizer mais, o anão disse.

— Sturm! — Tanis disse calorosamente, virando-se para a porta.

Todos, com exceção de Raistlin, se viraram. O mago recolheu-se uma vez mais para as sombras.

Em pé na porta, havia uma silhueta ereta de costas, vestindo uma armadura completa e cota de malha, o símbolo da Ordem da Rosa no peitoral

de aço. Muitas pessoas na Hospedaria se viraram para olhar, franzindo as testas. O homem era um Cavaleiro Solâmnico, e os Cavaleiros de Solamnia tinham adquirido uma má reputação no norte. Boatos da corrupção deles tinham chegado até mesmo aqui ao sul. Os poucos que reconheceram Sturm como um antigo morador de Solace, deram de ombros e voltaram para suas bebidas. Aqueles que não o reconheceram continuaram a observar. Nestes dias de paz, era incomum ver um cavaleiro vestindo uma armadura completa entrar na hospedaria. Mas era ainda mais incomum ver um cavaleiro vestindo uma armadura completa que datava, praticamente, da época do Cataclismo!

Sturm recebeu os olhares como saudações por seu posto. Ele alisou cuidadosamente seu grande e espesso bigode, que por ser um símbolo dos Cavaleiros dos velhos tempos, era tão obsoleto quanto sua armadura. Ele mantinha os acessórios dos Cavaleiros Solâmnicos com um orgulho inquestionável e tinha o braço e a habilidade necessários para defender esse orgulho. Embora as pessoas na Hospedaria não tirassem os olhos dele, ninguém, depois de dar uma olhada nos olhos frios e calmos do cavaleiro, ousou debochar ou fazer um comentário de menosprezo.

O cavaleiro manteve a porta aberta para um homem alto e uma mulher coberta de peles de animais. A mulher deve ter dito uma palavra de agradecimento a Sturm, pois ele se curvou diante dela de uma maneira cortês, um velho costume totalmente fora de moda no mundo moderno.

— Olha isso —,-Caramon balançou a cabeça admirado — O galante cavaleiro ajuda a dama. Onde será que ele arranjou aqueles dois?

— Eles são bárbaros das planícies —, disse Tas, de pé em uma cadeira, acenando com a mão para seu amigo — Esse é o tipo de roupa que a tribo Que-shu usa.

Aparentemente os dois da planície recusaram alguma oferta que Sturm lhes fez, pois, o cavaleiro se curvou novamente e os deixou. Ele cruzou a

Hospedaria lotada com um ar nobre e orgulhoso, igual ao que ele deve ter usado quando caminhou na direção do rei quando foi sagrado cavaleiro.

Tanis se levantou. Sturm veio até ele primeiro e abraçou o amigo. Tanis deu-lhe um abraço apertado, sentindo os braços fortes e musculosos o agarrarem com afeição. Depois, os dois se afastaram para olhar um para o outro por mais um momento.

Sturm não tinha mudado nada, Tanis pensou, a não ser pelo fato de haver mais linhas em volta de seus olhos tristes; e seu cabelo castanho estar mais grisalho. A capa está um pouco mais gasta. Tem mais marcas na antiga armadura. Mas o esvoaçante bigode do cavaleiro que era seu orgulho e alegria estava longo como sempre, seu escudo estava polido como antes, seus olhos castanhos estavam tão suaves quanto quando ele viu seus amigos.

— E você tem barba —, Sturm disse com agrado.

Então, o cavaleiro virou-se para saudar Caramon e Flint. Tasslehoff correu atrás de mais cerveja, Tika tinha sido chamada para servir outras pessoas na multidão que crescia.

— Saudações, Cavaleiro —, sussurrou Raistlin de seu canto.

O rosto de Sturm ficou sério enquanto ele se virava para cumprimentar o outro gêmeo.

— Raistlin —, ele disse.

O mago puxou seu capuz para trás, deixando que a luz batesse em seu rosto. Sturm era educado demais para dar mostras de seu espanto além de uma leve exclamação. Mas seus olhos se arregalaram. Tanis percebeu que o jovem mago estava sentindo um prazer cínico em ver seus amigos perplexos.

— Quer que eu lhe traga alguma coisa, Raistlin? — Tanis disse.

— Não, obrigado —, o mago respondeu, recolhendo-se para as sombras mais uma vez.

— Ele não come praticamente nada —, Caramon disse num tom preocupado — Eu acho que ele vive de ar.

— Algumas plantas vivem de ar —, Tasslehoff afirmou, voltando com a cerveja de Sturm — Eu as vi. Elas flutuam acima do chão. Suas raízes retiram alimento e água da atmosfera.

— Verdade? — Os olhos de Caramon se arregalaram.

— Eu não sei quem é o maior idiota —, disse Flint descontente — Bem, estamos todos aqui. O que há de novo?

Todos? Sturm olhou para Tanis questionando — E Kitiara?

— Ela não virá —, Tanis respondeu prontamente — Nós tínhamos esperança de que você talvez pudesse nos contar algo.

— Eu não — O cavaleiro franziu a testa — Nós viajamos juntos para o norte e nos separamos logo depois de cruzarmos os Braços de Mar em direção à Velha Solamnia. Ela disse que ia visitar parentes do pai dela. Essa foi a última vez que a vi.

— Bem, eu suponho que é isso. — Tanis suspirou — E seus parentes, Sturm? Você encontrou seu pai?

Sturm começou a falar, mas Tanis só ouvia parcialmente as histórias das viagens de Sturm em sua terra ancestral, a Solamnia. Os pensamentos de Tanis estavam em Kitiara. De todos seus amigos, ela era quem ele mais desejava ver. Depois de cinco anos tentando tirar os olhos escuros e o sorriso mal humorado de sua cabeça, ele descobriu que a saudade que ele sentia dela crescia dia após dia. Incontrolável, impetuosa, cabeça quente, a espadachim era tudo que Tanis não era. Ela era também humana, e amor entre humano e elfo sempre acabava em tragédia. Mesmo assim, Tanis não conseguia mais tirar Kitiara de seu coração, da mesma forma que ele não conseguiria tirar seu lado humano de seu sangue. Libertando sua cabeça das memórias, ele voltou a ouvir a Sturm.

— Eu ouvi boatos. Alguns dizem que meu pai está morto. Outros dizem que ele está vivo — Seu rosto se tornou sombrio — Mas ninguém sabe onde ele está.

— Sua herança? Caramon perguntou.

Sturm sorriu, um sorriso melancólico que suavizou as linhas de seu rosto orgulhoso — Eu a estou usando —, ele respondeu com simplicidade — Minha armadura e minha arma.

Tanis olhou para baixo e viu que o cavaleiro carregava uma esplêndida, ainda que antiga, espada de duas mãos.

Caramon se levantou para olhar por sobre a mesa.

— Ela é linda —, ele disse —já não se fazem mais espadas como essa hoje em dia. Minha espada quebrou numa luta contra um ogro. Theros Ferro Forjado colocou uma lâmina nova nela ainda hoje, mas me custou um bocado de dinheiro. Então, agora você é um cavaleiro?

O sorriso de Sturm desapareceu. Ignorando a pergunta, ele acariciou o punho da espada carinhosamente.

— De acordo com a lenda, esta espada só vai se quebrar se eu quebrar —, ele disse — Foi tudo o que restou de meu pai...

De repente, Tas, que não estava prestando atenção, interrompeu.

— Quem são aquelas pessoas? — o kender perguntou num sussurro estridente.

Tanis olhou para cima no momento em que os dois bárbaros passavam pela mesa deles, na direção de algumas cadeiras vazias que se encontravam em meio às sombras num canto perto da lareira. O homem era o homem mais alto que Tanis já tinha visto. Caramon, com um metro e oitenta, batia apenas nos ombros deste homem. Mas o peito de Caramon era provavelmente duas vezes maior e seus braços, três vezes maior. Apesar de o homem estar enrolado em peles que os bárbaros da tribo costumam usar, era óbvio que ele era magro demais para sua estatura. O rosto, apesar da pele escura, estava pálido como o de alguém que está doente ou sofreu bastante.

Sua companheira, a mulher para a qual Sturm tinha se curvado, estava tão enrolada em uma capa de pele com capuz que era difícil saber alguma coisa sobre ela. Nem ela, nem seu alto acompanhante olharam para Sturm quando

passaram. A mulher carregava um cajado simples adornado com penas à moda bárbara. O homem trazia uma mochila bastante usada. Eles sentaram nas cadeiras, aconchegaram-se em suas capas e conversaram entre si em voz baixa.

— Eu os encontrei vagando pela estrada fora da cidade —, Sturm disse — A mulher parecia estar perto da exaustão e o homem também. Eu os trouxe para cá e lhes disse que podiam comer comida e descansar esta noite. Eles são pessoas orgulhosas e eu acho que teriam recusado minha ajuda, mas eles estavam perdidos e cansados e —, Sturm baixou a voz, — existem coisas na estrada hoje em dia que é melhor não enfrentar no escuro.

— Nós encontramos algumas dessas coisas e elas perguntaram sobre um cajado —, Tanis disse de forma carrancuda. Ele descreveu seu encontro com Cotiliquê Toede.

Apesar de ter sorrido durante a descrição da batalha, Sturm balançou a cabeça.

— Um guarda Seguidor me perguntou sobre um cajado, lá fora — ele disse — Cristal Azul, não era?

Caramon acenou com a cabeça e colocou a mão no ombro estreito de seu irmão.

— Um dos guardas gosmentos nos parou —, ele disse — Eles queriam confiscar o cajado de Raist, dá para acreditar nisso — 'para maiores averiguações', eles disseram. Eu chacoalhei minha espada na cara deles, e eles mudaram de idéia.

Raistlin moveu o braço afastando-o do toque do irmão, um sorriso sarcástico em seus lábios.

— O que teria acontecido se eles tivessem tomado seu cajado? Tanis perguntou a Raistlin.

O mago olhou para ele da sombra de seu capuz, seus olhos dourados brilhando.

— Eles teriam morrido de forma horrível —, o mago sussurrou, — e não pela espada de meu irmão!

O meio elfo gelou. As palavras que o mago disse de maneira suave, eram mais assustadoras do que a bravata de seu irmão.

— O que será que é tão importante nesse tal cajado de cristal azul para os goblins se disporem a matar para obtê-lo? —Tanis ponderou.

— Existem boatos de que o pior está por vir —, Sturm disse silenciosamente. Seus amigos se aproximaram para ouvi-lo — Exércitos estão se juntando ao norte. Exércitos de criaturas estranhas, não humanas. Fala-se muito em guerra.

— Mas, o que? Quem? — Tanis perguntou — Eu ouvi a mesma coisa.

— E eu também —, Caramon completou — Na verdade, eu escutei... Enquanto a conversa continuava Tasslehoff bocejou e se virou para o outro lado. O kender ficava entediado com facilidade. Ele olhou à volta da Hospedaria à procura de algo que o distraísse. Seus olhos repousaram no velho que ainda contava histórias para a criança perto do fogo. O velho tinha uma audiência maior agora, os dois bárbaros estavam ouvindo, Tas notou. Então, seu queixo caiu.

A mulher tinha jogado o capuz para trás e a luz do fogo refletia no seu rosto e no seu cabelo. O kender fitava com admiração.

O rosto da mulher era como o rosto de uma estátua de mármore, clássica, pura, fria.

Mas foi seu cabelo que chamou a atenção do kender. Tas nunca tinha visto um cabelo igual aquele antes, especialmente no povo da planície que normalmente tinha cabelo e pele escuros. Nenhum joalheiro fiando fios derretidos de prata e de ouro teria sido capaz de criar o efeito que o cabelo prata dourado dessa mulher produzia brilhando à luz do fogo.

Uma outra pessoa ouvia o velho. Era um homem vestindo um rico manto marrom e dourado que os Seguidores costumavam usar. Ele sentou-se

em uma mesa pequena e redonda, bebendo vinho quente. Havia várias canecas vazias a sua frente e, enquanto o kender o observava, ele pediu mais uma num tom irritado.

— Aquele é Hederick —, Tika sussurrou quando passava pela mesa dos companheiros — O Alto Teocrata.

O homem pediu novamente, o olhar dardejando Tika. Ela se apressou em atendê-lo. Ele falou de forma rude com ela, reclamando do mau atendimento. Parecia que ela ia responder alguma coisa, mas ela mordeu o lábio e ficou calada.

O velho chegou ao fim de sua história. O menino suspirou e perguntou cheio de curiosidade: — Todas as histórias de deuses antigos são verdadeiras, meu Velho?

Tasslehoff viu Hederick franzir a testa. O kender tinha esperança de que ele não fosse incomodar o velho. Tas tocou no braço de Tanis para lhe chamar a atenção, acenando com a cabeça na direção do Seguidor com um olhar que dizia que poderia haver confusão.

Os amigos se viraram. Todos ficaram perplexos com a beleza da mulher da planície. Eles a fitaram em silêncio.

A voz do velho tinha claramente se imposto sobre a monotonia das outras conversas no saguão.

— Sem dúvida, minhas histórias são verdadeiras, meu filho O velho olhou diretamente para a mulher e seu acompanhante — Pergunte a esses dois. Eles trazem histórias deste tipo em seus corações.

— Verdade? O menino virou-se ansiosamente para a mulher — Você pode me contar uma história?

A mulher encolheu-se de volta nas sombras, seu rosto mostrou-se amedrontado quando ela percebeu que Tanis e seus amigos olhavam para ela. Seu acompanhante aproximou-se dela para protegê-la, a mão dele movendo-se

em direção a sua arma. Ele olhou com um ar ameaçador para o grupo, principalmente para o guerreiro fortemente armado, Caramon.

— Idiota nervoso —, Caramon comentou, suas mãos buscando a espada.

— Eu consigo entender porque —, Sturm disse — Guardando um tesouro desses. Ele é o guarda-costa dela, a propósito, eu descobri pela conversa deles que ela é uma pessoa da família real da tribo deles. Embora, eu imagino, pelos olhares que eles trocaram, que o relacionamento deles vai um pouco além disso.

A mulher levantou a mão num sinal de protesto.

— Me desculpe — Os amigos tiveram que se esforçar para ouvir sua voz baixa — Eu não sou uma contadora de histórias. Eu não tenho esse talento — Ela falou na língua Comum, e seu sotaque era pesado.

O rosto ansioso da criança se encheu de desapontamento. O velho bateu nas suas costas, depois olhou diretamente nos olhos da mulher.

— Você pode não ser uma contadora de histórias —, ele disse num tom agradável, — mas você é uma cantora de canções, não é, Filha do Líder? Cante sua canção para a criança, Lua Dourada. Você sabe qual.

Um alaúde apareceu nas mãos do velho vindo não se sabe de onde. Ele deu para a mulher que o olhou com um ar de medo e assombro.

— Como... você me conhece, senhor? — ela perguntou.

— Isso não importa — O velho sorriu gentilmente — Cante para nós, Filha do Líder.

A mulher pegou o alaúde com as mãos visivelmente trêmulas. O companheiro dela deu a impressão de ter sussurrado um protesto, mas ela não o ouviu Seus olhos pareciam estar presos ao brilho dos olhos negros do velho. Calmamente, como se estivesse em transe, ela começou a dedilhar o alaúde. Quando os acordes melancólicos se espalharam pelo salão principal, as

conversas pararam. Em pouco tempo, todo mundo a estava observando, mas ela não percebeu. Lua Dourada cantou somente para o velho.

As pradarias são intermináveis,
E o verão canta,
E a princesa Lua Dourada
Ama o filho de um homem pobre.
O pai dela, o líder
Cria abismos entre eles:
As pradarias são intermináveis, e o verão canta.
As pradarias estão acenando,
O céu no horizonte, e cinza,
O líder envia Vendaval
Longe para o leste,
Em busca de uma mágica poderosa
Lá onde amanhece
As pradarias estão acenando e o céu no horizonte é cinza.
Ó Vendaval, para onde você foi?
Ó Vendaval, o outono está chegando.
Eu me sento perto do rio
E assisto o nascer do sol,
Mas o sol nasce sozinho sobre as montanhas.
As pradarias estão desaparecendo,
O vento do verão desaparece,
Vendaval volta, junto com a escuridão das pedras
Refletida em seus olhos.
Ele carrega um cajado azul
Tão brilhante quanto uma geleira:

As pradarias estão desaparecendo,

o vento do verão desaparece.

As pradarias são frágeis,

Amarelas como chamas,

O líder fala então com escárnio

De tudo que Vendaval diz.

Ele ordena que o povo

Apedreje o jovem guerreiro:

As pradarias são frágeis, amarelas como chamas.

As pradarias desapareceram

E o outono chegou.

A jovem se encontra com seu amante,

As pedras passam assobiando perto dela,

O cajado se incendeia com luzes azuis

E os dois desaparecem:

As pradarias desapareceram e o outono chegou.

Fez-se um silencio mortal no salão quando ela tocou o acorde final. Ofegante, ela devolveu o alaúde para o velho e se retirou para dentro das sombras mais uma vez.

— Obrigado, minha querida —, o velho disse, sorrindo.

— Agora, posso ouvir uma história? — o menino pediu ansiosamente.

— Claro —, respondeu o velho e se recostou em sua cadeira — Era uma vez, o grande deus, Paladine...

— Paladine? — o garoto interrompeu — Eu nunca ouvi falar de um deus chamado Paladine.

Uma risada de desdém veio do Alto Teocrata sentado na mesa próxima. Tanis olhou para Hederick, cuja face estava vermelha e carrancuda. O velho pareceu não perceber.

— Paladine é um dos deuses antigos, garoto. Ninguém o adora há muito tempo.

— Por que ele nos deixou? — o menino perguntou.

— Ele não nos deixou — o velho respondeu, e seu sorriso se tornou triste

— Os homens o abandonaram depois dos dias escuros do Cataclismo. Eles culparam os deuses pela destruição do mundo, ao invés de culparem a si mesmos, como deveriam ter feito. Alguma vez você ouviu o Cântico do Dragão?

— Ah, já —, o menino respondeu com entusiasmo — Eu adoro histórias de dragões, embora, papai sempre diga que os dragões nunca existiram. Mas, eu acredito neles. Eu espero ver um deles um dia!

O rosto do velho pareceu envelhecer e ficar triste. Ele tocou no cabelo do menino.

— Cuidado com aquilo que você deseja, minha criança —, ele disse suavemente. Depois, ficou em silêncio.

— A história... — o menino falou.

— Ah, sim. Bem, uma vez, Paladine ouviu a prece de um grande cavaleiro, Huma...

— Huma do Cântico'?

— Sim, esse mesmo. Huma tinha se perdido na floresta. Ele vagou e vagou até se desesperar, porque ele pensou que nunca mais voltaria a ver sua pátria outra vez. Ele rezou pedindo ajuda a Paladine, e de repente, apareceu um cervo branco diante dele.

— Huma o matou? — o menino perguntou.

— Ele havia começado, mas seu coração não agüentou. Ele não conseguiria matar um animal tão magnífico. O cervo saiu correndo. Então, ele parou e olhou para Huma, como se estivesse esperando. Huma começou a

segui-lo. Dia e noite, ele seguiu o cervo até ele levá-lo de volta à sua pátria. Ele agradeceu ao deus, Paladine...

— Blasfêmia! — ralhou alto uma voz. Uma cadeira caiu no chão.

Tanis colocou sua caneca de cerveja na mesa, e levantou os olhos. Todos na mesa pararam de beber para olhar o Teocrata bêbado.

— Blasfêmia! — Hederick, em pé e balançando sem firmeza, apontou para o velho — Herege! Corrompendo nossa juventude! Eu o levarei diante do conselho, velho — O Seguidor deu um passo para trás, depois cambaleou para a frente. Ele olhou à volta do salão com um ar pomposo — Chamem os guardas! — Ele fez um gesto grandioso — Digam a eles para prenderem esta mulher por cantar músicas indecentes. Obviamente ela é uma bruxa! Eu confiscarei este cajado!

O Seguidor atravessou o salão desajeitadamente até a mulher bárbara que estava olhando para ele descontente. Ele fez menção de pegar o cajado de forma desajeitada.

— Não —, a mulher chamada Lua Dourada disse friamente — Isto me pertence. Você não tem o direito de pegá-lo.

— Bruxa! — o Seguidor proferiu — Eu sou o Alto Teocrata! Eu pego o que eu quiser.

Ele começou a se mover na direção do cajado novamente. O alto acompanhante da mulher se colocou de pé.

— A Filha do Líder disse que você não vai ficar com ele — o homem disse asperamente. Ele empurrou o Seguidor para trás.

O empurrão do homem alto não foi forte, mas tirou completamente o equilíbrio do Teocrata bêbado que com os braços girando desesperadamente, tentava manter-se equilibrado. Ele cambaleou para frente, demais por sinal, tropeçou em seu manto oficial e caiu de cabeça dentro do fogo.

Houve um som sibilante e o luzir de uma labareda, depois, um repulsivo cheiro de carne queimada. O grito do Teocrata rasgou o silencio esmagador

enquanto o homem enlouquecido ficou de pé e começou a rodopiar em frenesi. Ele tinha se transformado numa tocha viva!

Tanis e os outros sentaram, incapazes de se mover, paralisados pelo choque do incidente. Somente Tasslehoff foi esperto suficiente para correr em direção ao homem, ansioso para ajudá-lo. Mas o Teocrata estava gritando e agitando os braços, abanando as chamas que consumiam suas roupas e seu corpo. Parecia impossível o pequeno kender ser capaz de ajudá-lo.

— Tome! — O velho agarrou o cajado decorado com penas da mulher bárbara e o deu ao kender. — Derrube-o. Depois nós apagamos o fogo.

Tasslehoff pegou o cajado. Ele o levantou, usando toda sua força e atingiu o Teocrata no peito. O homem caiu no chão. Houve um espanto geral na multidão. O próprio Tasslehoff estava em pé, de boca aberta, o cajado firme em sua mão, observando a incrível cena a seus pés.

As chamas se apagaram instantaneamente. O manto do homem estava inteiro, sem danos. Sua pele estava cor-de-rosa e sadia. Ele se sentou, um olhar de medo e espanto em seu rosto. Ele baixou os olhos para olhar sua mão e seu manto. Não havia uma marca sequer em sua pele. Não havia o menor sinal de queimadura em suas roupas.

— Ele o curou! — o velho proclamou em voz alta — O cajado! Olhe o cajado!

Os olhos de Tasslehoff se voltaram para o cajado que estava em suas mãos. Ele era feito de cristal azul e estava brilhando com uma luz azul fulgida!

O velho começou a gritar.

— Chamem os guardas! Prendam o kender! Prendam os bárbaros! Prendam seus amigos! Eu os vi entrando com este cavaleiro — Ele apontou para Sturm

— O que? — Tanis se levantou — Você está louco, velho?

— Chamem os guardas! — A notícia correu — Você viu...? O cajado de cristal azul? Nós o encontramos. Agora eles vão nos deixar em paz. Chamem os guardas!

O Teocrata se levantou com dificuldade, o rosto pálido com manchas vermelhas. A mulher bárbara e seu companheiro ficaram em pé, o medo estampado em seus rostos.

— Maldita bruxa! — A voz de Hederick tremia de raiva — Você me curou com o mau! Mesmo que eu queime para purificar minha carne, você queimará para purificar sua alma! — Tendo dito isso, o Seguidor esticou a mão e antes que alguém pudesse impedi-lo, enfiou-a de volta nas chamas! Ele engasgou de dor mas não gritou. Depois, segurando a mão queimada e escura, ele se virou e cambaleou atravessando a multidão que murmurava, um olhar maligno de satisfação em seu rosto contorcido de dor.

— Vocês têm que sair daqui! — Tika veio correndo em direção a Tanis, respirando com dificuldade — A cidade inteira vai estar à procura desse cajado! Aqueles homens de capuz disseram ao Teocrata que eles destruiriam Solace se pegassem alguém protegendo o cajado. As pessoas da cidade os entregarão aos guardas!

— Mas o cajado não é nosso! — Tanis protestou. Ele olhou para o velho e o viu reclinado em sua cadeira, com um sorriso de satisfação no rosto. O velho sorriu para Tanis e deu uma piscadela.

— Você acha que eles acreditarão em você! — Tika torceu as mãos dela — Olhe!

Tanis olhou a sua volta. As pessoas estavam olhando para eles com uma expressão maligna. Alguns apertaram as canecas em suas mãos. Outros levaram suas mãos em direção ao punho de suas espadas. Gritos vindos de baixo fizeram com que ele voltasse seus olhos para seus amigos.

— Os guardas estão vindo! — exclamou Tika. Tanis se levantou.

— Nós temos que sair pela cozinha.

— Sim! — Ela acenou — Eles não olharão lá, ainda. Mas, depressa. Não vai levar muito tempo para eles cercarem o local.

Anos de separação não tinham afetado a capacidade dos companheiros de reagir como um time diante da ameaça ou do perigo. Caramon já tinha colocado seu elmo lustroso, sacado a espada, colocado seu alforje no ombro e estava ajudando seu irmão a se levantar. Raistlin, com o cajado nas mãos, já estava dando a volta na mesa. Flint empunhava seu machado de guerra e estava franzindo a testa para aqueles que estavam olhando, para eles que, pareceram hesitantes em correr e atacar homens tão bem armados. Somente Sturm continuava sentado, bebendo calmamente sua cerveja.

— Sturm! — Tanis disse apressadamente — Venha! Nós temos que sair daqui!

— Fugir? — O cavaleiro parecia perplexo — Desta multidão alvoroçada?

— Sim —Tanis fez uma pausa; o código de honra do cavaleiro o proibia de fugir do perigo. Ele tinha que convencê-lo — Aquele homem é um fanático religioso, Sturm. Ele provavelmente nos queimará na estaca! E —, um pensamento repentino o ajudou, — há uma dama a ser protegida.

— A dama, é claro — Sturm levantou-se de uma só vez e se dirigiu em direção à mulher — Madame, seu servo — Ele se curvou; o cortês cavaleiro não seria apressado — Parece que nós todos estamos nisto juntos. Seu cajado já nos colocou em um perigo considerável... a você, principalmente. Nós estamos familiarizados com esta área: crescemos aqui. Vocês, como sabemos, são estrangeiros. Nós nos sentiríamos honrados em acompanhar a senhora e seu galante amigo e proteger suas vidas.

—Vamos! Tika os apressou, agarrando no braço de Tanis. Caramon e Raistlin já estavam na porta da cozinha.

— Pegue o kender —, Tanis disse a Tika.

Tasslehoff estava de pé, enraizado no chão, encarando o cajado que voltava rapidamente para seu tom marrom comum. Tika agarrou Tas pelo cabelo e o puxou em direção à cozinha. O kender gritou, largando o cajado.

Lua Dourada rapidamente o agarrou, segurando o perto de si. Embora estivesse assustada, os olhos dela continuavam tão claros e firmes quanto estavam quando ela olhou para Sturm e Tanis; aparentemente, ela estava pensando rápido. Seu acompanhante lhe disse alguma coisa áspera em seu idioma. Ela balançou a cabeça. Ele franziu a testa e fez um gesto de cortar com a mão. Ela retrucou com uma resposta rápida e ele ficou calado, sua face sombria.

— Nós vamos com vocês —, Lua Dourada disse para Sturm na língua Comum — Obrigado pela oferta.

— Por aqui! — Tanis os guiou para fora pela porta de vaivém da cozinha seguindo Tika e Tas. Ele olhou para trás e viu parte da multidão se mover em sua direção, mas sem grande pressa.

O cozinheiro os olhava enquanto eles corriam pela cozinha. Caramon e Raistlin já estavam na saída, que era nada mais do que um buraco cortado no chão. Havia uma corda pendurada em um galho firme sobre o buraco que se estendia por doze metros ate o chão.

— Ah! — exclamou Tas, rindo — É por aqui que sobe a cerveja e desce o lixo — Ele se atirou na corda e desceu com facilidade.

— Me perdoe por isto —, Tika pediu desculpas a Lua Dourada, — mas este é o único jeito de sair daqui.

— Eu consigo descer por uma corda — Depois, a mulher sorriu e acrescentou — Embora tenha de admitir que já faz muito tempo.

Ela deu o cajado a seu companheiro e agarrou a corda com firmeza. Ela começou a descer, movendo as mãos com habilidade. Quando ela chegou ao solo, seu companheiro jogou o cajado para baixo, agarrou a corda e desceu pelo buraco.

— Como é que você vai descer, Raist? — Caramon perguntou, a preocupação estampada em seu rosto — Eu posso te carregar nas costas...

Os olhos de Raistlin brilharam com uma fúria que chocou Tanis.

— Eu consigo descer sozinho! — o mago sibilou. Antes que alguém pudesse evitá-lo, ele pisou na beirada do buraco e se jogou no ar. Todos prenderam a respiração e olharam para baixo, esperando ver Raistlin estatelado no chão. Ao invés disso, eles viram o jovem mago flutuando gentilmente para baixo, suas vestes esvoaçando e drapejando à sua volta. O cristal do cajado dele luzia brilhante.

— Ele me deixa arrepiado! — Flint grunhiu para Tanis.

— Depressa! —Tanis empurrou o anão para frente. Flint agarrou a corda. Caramon foi em seguida, o peso do homenzarrão fez o galho onde a corda estava amarrada estalar.

— Eu vou por último —, Sturm disse com a espada na mão.

— Muito bem —Tanis sabia que era inútil discutir. Ele pendurou o arco longo e a aljava de flechas nos ombros, agarrou a corda e começou a descer. Repentinamente suas mãos escorregaram. Ele escorregou corda abaixo, incapaz de parar, o que feriu a pele da palma de suas mãos. A carne estava exposta e sangrando. Mas não havia tempo para pensar nelas. Olhando para cima, ele viu Sturm descer.

O rosto de Tika apareceu no buraco.

— Vão para minha casa! — ela disse, apontado para as árvores. Depois desapareceu.

— Eu sei o caminho —, Tasslehoff disse, seus olhos brilhavam de entusiasmo — Sigam-me.

Eles apertaram o passo atrás do kender, ouvindo o som dos guardas subindo as escadas da Hospedaria. Tanis, que não estava acostumado a andar no chão de Solace, logo se perdeu. Acima de sua cabeça, ele podia ver a calçada de madeira suspensa e as lâmpadas das ruas cintilando por entre as folhas das

árvores. Ele estava completamente desorientado, mas Tas continuou indo adiante, confiantemente, costurando para lá e para cá entre os enormes troncos das copadeiras. O som de alvoroço na Hospedaria desapareceu.

— Esta noite Nós nos esconderemos na casa de Tika —, Tanis sussurrou para Sturm enquanto eles se enfiavam por entre os arbustos mais baixos — Só para o caso de alguém ter nos reconhecido e decidir vasculhar nossas casas. Pela manhã Todo mundo terá esquecido esse assunto. Nós levaremos o povo da planície para minha casa e os deixaremos descansar por alguns dias. Depois nós podemos mandar os bárbaros para Haven, onde o Conselho dos Altos Seguidores pode falar com eles. Acho até que eu vou junto... eu estou curioso sobre esse cajado.

Sturm concordou com a cabeça. Depois olhou para Tanis e sorriu seu raro e melancólico sorriso.

— Bem vindos ao lar —, o cavaleiro disse.

— O mesmo para você — O meio elfo deu um sorriso largo.

Os dois pararam de repente, trombando com Caramon no escuro.

— Chegamos, eu acho —, Caramon disse.

Sob a luz das lâmpadas das ruas que ficavam penduradas nos galhos das árvores, eles podiam ver Tasslehoff subindo nos galhos da árvore como um anão pançudo. O restante seguiu mais vagarosamente, Caramon ajudando seu irmão. Tanis, rangendo os dentes devido à dor em suas mãos, subiu devagar pela folhagem do Outono que raleava rapidamente. Tas se jogou para cima da grade do alpendre com a habilidade de um ladrão. O kender dirigiu-se para a porta e olhou para cima e para baixo da calçada de madeira suspensa. Não vendo ninguém nela, ele fez sinal para os outros. Depois, ele analisou a fechadura e sorriu para si mesmo de satisfação. O kender puxou alguma coisa de uma de suas bolsas. Depois de alguns segundos, a porta da casa de Tika se abriu.

— Entrem —, ele disse, brincando de anfitrião.

Eles encheram a pequena casa, o bárbaro alto foi forçado a abaixar a cabeça para não bater no teto. Tas fechou as cortinas. Sturm arrumou uma cadeira para a dama, e o bárbaro alto ficou de pé atrás dela. Raistlin acendeu o fogo.

— Fiquem alerta —, Tanis disse. Caramon acenou com a cabeça. O guerreiro já havia se colocado perto de uma janela, olhando para a escuridão lá fora. A luz de uma lâmpada da rua entrou pela janela iluminando a sala, projetando sombras escuras nas paredes. Durante um bom tempo ninguém falou nada, ficaram apenas um olhando para o outro.

Tanis se sentou. Com os olhos voltados para a mulher. — O cajado de cristal azul —, ele disse baixinho — Ele curou aquele homem. Como?

— Eu não sei — Ela hesitou — Não faz muito tempo que eu o tenho.

Tanis olhou para suas mãos. Elas estavam sangrando no lugar onde a corda tinha arrancado a pele. Ele as esticou para ela. A mulher tocou-o vagarosamente com o cajado, o rosto dela estava pálido. O cajado começou a brilhar com uma cor azul. Tanis sentiu um choque fraco como uma coceira em todo o corno Enquanto ele olhava, o sangue de suas mãos desapareceu, a pele se tornou macia e as marcas desapareceram, a dor aliviou e logo sumiu completamente.

— Uma cura verdadeira! — ele disse admirado.

4

A PORTA ABERTA.
VÔO NA ESCURIDÃO.

Raistlin sentou-se ao pé da lareira, esfregando as mãos no calor do fogo, que era pequeno. Seus olhos dourados pareciam mais claros do que as chamas enquanto ele olhava fixamente para o cajado de cristal azul que descansava atravessado no colo da mulher.

— O que é que você acha? — perguntou Tanis.

— Se for charlatã, ela é uma das boas —, Raistlin comentou pensativo.

— Verme! Como ousa chamar a Filha do Líder de charlatã? — O bárbaro alto caminhou na direção de Raistlin, suas sobrancelhas escuras, franzidas ameaçadoramente. Caramon fez um barulho baixo com a garganta e se afastou da janela para se posicionar atrás de seu irmão.

— Vendaval... — A mulher colocou a mão no braço do homem quando ele se aproximava dela — Por favor. Ele não disse por mal. É certo eles não confiarem em nós. Eles não nos conhecem.

— E nós não os conhecemos —, o homem grunhiu.

— Posso examiná-lo? — Raistlin disse.

Lua Dourada acenou com a cabeça e lhe deu o cajado. O mago esticou seu braço longo e ossudo, e suas mãos finas o agarraram ansiosamente. Entretanto, quando Raistlin tocou o cajado, houve um lampejo de luz azul e um estalo. O mago puxou sua mão para trás, gritando de dor e de surpresa. Caramon pulou para frente, mas seu irmão o parou.

— Não, Caramon —, Raistlin sussurrou com a voz rouca, torcendo a mão machucada — A dama não teve nada a ver com isso.

Na verdade, a mulher estava perplexa fitando o cajado.

— O que é isso, então? — Tanis perguntou frustrado — Um cajado que cura e fere ao mesmo tempo?

— Ele simplesmente conhece quem o toca — Raistlin passou a língua pelos lábios, seus olhos reluziam — Preste atenção. Caramon, pegue o cajado.

— Eu não! — O guerreiro deu um passo atrás como se tivesse visto uma cobra.

— Pegue o cajado! — Raistlin ordenou.

Caramon esticou sua mão com relutância. Seu braço se movia aos trancos enquanto seus dedos chegavam cada vez mais perto. Fechando os olhos e mordendo os dentes em antecipação à dor, ele tocou o cajado. Nada aconteceu.

Caramon arregalou os olhos, atônito. Ele agarrou o cajado, levantou-o em sua mão enorme e sorriu.

— Viu só? — Raistlin gesticulou como um ilusionista mostrando um truque para a multidão — Apenas aqueles que têm bondade e são puros de coração —, seu sarcasmo doía, — podem tocar o cajado. É de fato um cajado sagrado de cura, abençoado por algum deus. Não é mágico. Nenhum objeto mágico dentre os que eu já ouvi falar tem poderes de cura.

— Psiu! — ordenou Tasslehoff, que tinha tomado o lugar de Caramon na janela — Os guardas do Teocrata! — ele avisou em voz baixa.

Ninguém falou. Agora, todos eles podiam ouvir os passos dos duendes caminhando nas calçadas suspensas que passavam por entre os galhos das copadeiras.

— Eles estão fazendo uma busca de casa em casa! —Tanis sussurrou incrédulo, ao ouvir punhos batendo numa casa vizinha.

— Os Seguidores demandam o direito de entrar! — coaxou uma voz. Houve uma pausa, então, a mesma voz disse, — Ninguém em casa, devemos derrubar a porta?

— Não —, disse uma outra voz — É melhor reportarmos ao Teocrata, deixe que ele derrube a porta. Agora, se a porta estivesse destrancada, seria diferente... nesse caso nós temos permissão para entrar.

Tanis olhou para a porta oposta a ele. Ele sentiu o pelo de seu pescoço arrepiar. Ele poderia jurar que eles tinham fechado e trancado a porta... agora ela estava ligeiramente aberta!

— A porta! — ele murmurou. — Caramon...

Mas o guerreiro já estava de pé atrás da porta, suas costas voltadas para a parede, flexionando suas mãos gigantes.

Os passos pararam em frente a porta de Tika.

— Os Seguidores demandam o direito de entrar—Os goblins começaram a bater na porta, mas pararam surpresos, pois a porta se abriu.

— Este lugar está vazio —, disse um deles — Vamos em frente.

— Você não tem nenhuma imaginação, Grum —, disse o outro — Esta é nossa chance de pegar algumas peças de prata.

Uma cabeça de goblin apareceu dentro da porta aberta. Seus olhos focados em Raistlin, sentado calmamente com seu cajado no ombro. O goblin grunhiu assustado, depois começou a rir.

— Oh, não! Olha o que a gente achou! Um cajado! — Os olhos do duende brilharam. Ele deu um passo na direção de Raistlin, seu parceiro bem atrás dele — Me dê esse cajado!

— Certamente —, o mago murmurou. Ele levantou seu próprio cajado — Shirak —, ele disse. A bola de cristal fulgurou. Os goblins deram um grito e fecharam os olhos, tentando sacar as espadas. Naquele momento, Caramon saltou de trás da porta, agarrou os duendes pelo pescoço, e bateu suas cabeças uma na outra, produzindo um barulho repugnante. Os corpos dos goblins caíram no chão transformando-se em um monte fedorento.

— Eles estão mortos? — perguntou Tanis enquanto Caramon se inclinava sobre eles, examinando-os na luz do cajado de Raistlin.

— Eu temo que sim — O homenzarrão suspirou—Eu bati neles com muita força.

— Bem, agora danou-se —, Tanis disse apavorado — Nós matamos mais dois dos guardas do Teocrata. Ele vai colocar a cidade em pé de guerra. Agora a gente não vai poder ficar na moita alguns dias, nós vamos ter que sumir daqui! E vocês dois —, ele se virou para os bárbaros, — é melhor virem conosco.

— Onde quer que a gente vá — disse Flint com irritação.

— Para onde é que vocês iam? —Tanis perguntou a Vendaval.

— Nós estávamos viajando para Haven —, o bárbaro respondeu com relutância.

— Existem homens sábios lá —, Lua Dourada disse — Nós tínhamos esperança que eles pudessem nos dizer algo sobre este cajado. Você ouviu a canção que eu cantei a história é verdadeira: o cajado salvou nossas vidas.

— Você vai ter de nos contar mais tarde —, Tanis interrompeu — Quando estes guardas não se reportarem aos seus superiores, todos os goblins de Solace virão como enxames para as árvores. Raistlin, apaga essa luz.

O mago disse outra palavra, — Dumak —, O cristal bruxuleou, depois se apagou.

— O que e que nós vamos fazer com estes corpos' — Caramon perguntou, cutucando um goblin morto com sua bota — E Tika? Ela não vai ficar em apuros?

— Deixe os corpos — A mente de Tanis estava trabalhando rapidamente

— E destroce a porta. Sturm, derrube algumas mesas. Vamos fazer parecer que nós entramos aqui e brigamos com estes camaradas. Assim, Tika não vai se complicar muito. Ela é uma moça esperta ... vai saber como se virar.

— Nós vamos precisar de comida —, disse Tasslehoff. Ele correu até a cozinha e começou a revirar as prateleiras, enfiando pães e tudo que parecia ser

comestível em suas bolsas. Ele jogou para Flint um odre cheio de vinho. Sturm virou algumas cadeiras. Caramon arrumou os corpos para fazer parecer que eles tinham morrido em uma batalha feroz. Os dois bárbaros da planície ficaram em frente do fogo que se extinguia, olhando para Tanis com ar de incerteza.

— Bem? disse Sturm — E agora? Para onde é que nós vamos?

Tanis hesitou, repassando as opções em sua cabeça. O povo da planície tinha vindo do leste e... se a história deles era verdadeira e sua tribo estivesse tentando matá-los... os dois não iam querer voltar por aquele caminho. O grupo poderia viajar para o sul, para dentro do reino dos elfos, mas Tanis sentiu uma estranha relutância em voltar a sua terra natal. Ele sabia, também, que os elfos não ficariam contentes em ver estes estranhos entrarem em sua cidade oculta.

— Nós vamos para o norte —, ele disse finalmente — Nós vamos acompanhar estes dois até chegarmos à encruzilhada, depois, podemos decidir o que fazer dali em diante. Eles podem seguir para o sudeste na direção de Haven, se quiserem. Eu planejo viajar mais para o norte e ver se os boatos sobre exércitos se preparando são verdadeiros.

— E talvez encontrar Kitiara —, Raistlin sussurrou com astúcia. Tanis ficou vermelho.

Vocês concordam com esse plano? Ele perguntou, olhando para todos a sua volta.

— Apesar de não ser o mais velho entre nós, Tanis, você é o mais sábio —, Sturm disse — Nós o seguiremos, como sempre.

Caramon acenou com a cabeça. Raistlin já estava se dirigindo para a porta. Flint colocou o odre no ombro, resmungando.

Tanis sentiu uma mão gentil tocar seu ombro. Ele se virou e olhou para os olhos azuis claros da linda bárbara.

— Nós estamos agradecidos —, Lua Dourada disse lentamente, como se não estivesse acostumada a expressar gratidão — Vocês estão arriscando suas vidas por nós, e nós somos estranhos.

Tanis sorriu e segurou a mão dela.

— Eu sou Tanis. Os dois irmãos são Caramon e Raistlin. O cavaleiro é Sturm Montante Luzente. Flint Forjardente é o que está carregando o vinho e Tasslehoff Pés Ligeiros é o nosso serralheiro. Você é Lua Dourada e ele é Vendaval. Agora não somos mais estranhos.

Lua Dourada sorriu fatigada. Ela deu um tapinha no braço de Tanis, depois dirigiu--se para a porta, apoiando-se no cajado que mais uma vez parecia não ter nada de especial. Tanis olhou-a, depois virou os olhos e deu de cara com Vendaval que o encarava, o rosto escuro do bárbaro era uma mascara impenetrável.

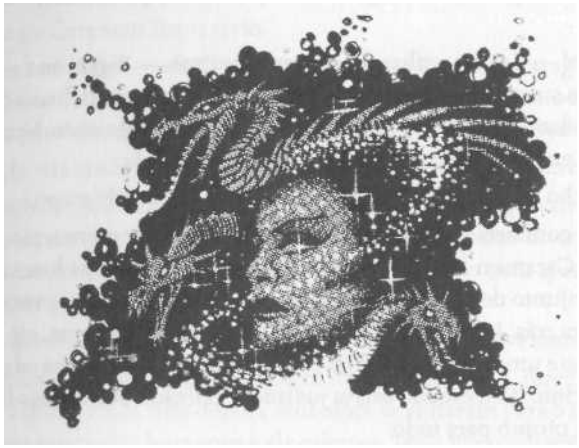
— Bem —, Tanis retificou silenciosamente — Alguns de nós não são mais estranhos.

Pouco depois todos já tinham partido. Tas mostrava o caminho. Tanis ficou de pé, sozinho, por um momento na sala de estar destruída, fitando os corpos dos duendes. Este deveria ter sido um tranqüilo retorno ao lar depois de anos amargos de viagens solitárias. Ele pensou em sua casa confortável. Ele pensou em todas as coisas que tinha planejado fazer, coisas que ele havia planejado fazer junto com Kitiara. Ele pensou nas longas noites de inverno, nas pessoas contando histórias em volta da lareira na Hospedaria, depois voltando para casa, rindo juntos debaixo dos cobertores de pele, dormindo até tarde naquelas manhãs cobertas de neve.

Tanis chutou o carvão fumegante espalhando-o pelo chão. Kitiara não tinha voltado. Duendes tinham invadido sua calma cidade. Ele estava fugindo na noite para escapar de um bando de fanáticos religiosos, com a possibilidade de nunca mais poder voltar.

Elfos não notam o passar do tempo. Eles vivem centenas de anos. Para eles, as estações do ano passam como uma rápida chuva de verão. Mas Tanis era meio humano. Ele sentia as mudanças chegando.

Ele suspirou e balançou a cabeça. Depois saiu pela porta destruída; deixando-a balançando em uma única dobradiça.



5

A DESPEDIDA DE FLINT.

FLECHAS VOAM .

MENSAGEM DAS ESTRELAS

Tanis foi para o alpendre e desceu pelos galhos da árvore até o chão. Os outros esperavam, agrupados na escuridão, afastados da luz que emanava das lâmpadas da rua que balançavam nos galhos acima deles. Um vento frio, vindo do norte, tinha omeçado a soprar. Tanis olhou para trás e viu outras luzes, as luzes dos grupos de busca. Ele colocou o capuz sobre a cabeça e se apressou.

— O vento mudou —, ele disse — Vai chover pela manhã — Ele olhou para o pequeno grupo e os viu banhados pela estranha luz das lâmpadas que dançavam ao sabor dos ventos. O rosto de Lua Dourada estava marcado pela fadiga. O rosto de Vendaval era uma máscara impassível de força, mas seus

ombros estavam caídos. Raistlin, tremendo, encostou-se em uma árvore ofegante.

Tanis arqueou os ombros contra o vento.

— Nós precisamos encontrar abrigo —, ele disse — Um lugar para descansar.

— Tanis... —Tas deu um puxão no manto do meio elfo — Nós poderíamos ir de barco. O Lago de Cristal fica aqui perto. Existem cavernas do outro lado e isso diminuirá nosso tempo de caminhada amanhã.

— Essa é uma boa idéia, Tas, mas nós não temos um barco.

— Isso não é problema — O kender sorriu. Seu rosto pequeno e suas orelhas pontudas faziam com que ele tivesse uma aparência particularmente travessa sob aquela estranha iluminação. Tanis se deu conta de que Tas estava curtindo muito tudo Isso. Ele sentiu vontade de chacoalhar o kender, e passar-lhe um sermão sobre a gravidade do perigo no qual eles estavam envolvidos. Mas o meio elfo sabia que isso seria inútil: os kenders são totalmente imunes ao medo.

— O barco é uma boa idéia —, Tanis repetiu, depois de um momento de reflexão — Você guia. E não diga ao Flint —, ele complementou — Eu cuidarei disso.

— Certo! —Tas riu, voltando-se para os outros — Sigam-me —, ele chamou em tom suave, e seguiu adiante. Flint resmungou por debaixo de sua barba, e saiu andando atrás do kender. Lua Dourada seguiu o anão. Vendaval deu uma olhada em todos do grupo, depois seguiu atrás dela.

— Eu acho que ele não confia em nós —, Caramon observou.

— Você confiaria? —Tanis perguntou, fitando o homenzarrão. O dragão no elmo de Caramon luziu momentaneamente refletindo as luzes que piscavam; sua conjunto de cota de malha ficava visível toda vez que o vento soprava sua capa para trás. Uma espada longa retinia contra suas coxas, ele trazia um arco pequeno e uma aljava de flechas pendurados no ombro, uma

adaga sobressaía de seu cinto. Seu escudo estava judiado e marcado por muitas lutas. O gigante estava pronto para tudo.

Tanis olhou para Sturm, que seguia orgulhosamente o código de armas de uma cavalaria que havia caído em desgraça trezentos anos atrás. Apesar de Sturm ser somente quatro anos mais velho do que Caramon, a vida disciplinada e rígida do cavaleiro, dificuldades trazidas pela pobreza e sua busca melancólica por seu amado pai, tinham envelhecido o cavaleiro além da sua idade real. Ele tinha apenas vinte e nove anos, mas aparentava quarenta.

Tanis pensou, eu acho que não confiaria em nós tampouco.

— Qual é o plano? — Sturm perguntou.

— Nós vamos de barco —, Tanis respondeu.

— Oh, oh! — Caramon engasgou — Já contou ao Flint?

— Não. Deixa isso comigo.

— Onde é que nós vamos conseguir o barco? Sturm perguntou desconfiado.

— Você vai ficar mais feliz se não souber —, o meio elfo disse.

O cavaleiro franziu a testa. Seus olhos seguiram o kender, que estava bem à frente deles, correndo de uma sombra para a outra.

— Eu não gosto disso, Tanis. Primeiro nos somos assassinos, agora nós vamos nos tornar ladrões.

— Eu não me considero um assassino — Caramon disse respirando pesado — Goblins não contam.

Tanis viu o cavaleiro olhar para Caramon.

— Eu não gosto de nada disto Sturm —, ele disse rapidamente, esperando evitar uma discussão — Mas é um caso de necessidade. Olhe para o povo da planície. Orgulho é a única coisa que os mantém vivos. Olhe para Raistlin... — Seus olhos se voltaram para o mago, que deslizava pelas folhas secas, mantendo-se sempre na sombra. Ele se apoiou com dificuldade sobre seu cajado. De vez em quando, uma tosse seca afligia seu corpo frágil.

O rosto de Caramon ficou sério.

— Tanis está certo —, ele disse tranqüilamente Raist não vai agüentar muito tempo. Eu tenho de ajudá-lo — Deixando o cavaleiro e o meio elfo, ele correu adiante para alcançar seu irmão gêmeo curvado dentro de seu robe.

— Deixe-me ajudá-lo, Raist —, eles ouviram Caramon sussurrar.

Raistlin balançou a cabeça encapuzada e se encolheu esquivando-se do toque de seu irmão. Caramon deu de ombros e largou o braço do irmão. Mas o grande guerreiro ficou perto de seu frágil irmão, pronto para ajudá-lo se isso fosse necessário.

— Por que é que ele tolera isso? —Tanis perguntou suavemente.

— Família. Laços de sangue — Sturm soou melancólico. Parecia que ele ia dizer mais alguma coisa, mas depois, seus olhos se voltaram para o rosto de elfo de Tanis com seus pelos humanos e ele calou-se. Tanis viu o olhar e sabia o que o cavaleiro estava pensando. Família, laços de sangue, isso tudo são coisas sobre as quais um meio elfo, órfão, não saberia nada a respeito.

— Vamos lá —, Tanis disse abruptamente — Nós estamos diminuindo o ritmo.

Depois de pouco tempo eles deixaram as copadeiras de Solace e entraram na floresta de pinheiros que circundava o Lago de Cristal. Tanis mal conseguia ouvir os gritos abafados atrás dele.

— Eles encontraram os corpos —, ele imaginou. Sturm concordou com a cabeça melancolicamente. De repente Tasslehoff pareceu se materializar da escuridão, bem debaixo do nariz do meio elfo.

— A trilha tem pouco mais de um quilômetro e meio até o lago —, Tas disse — Eu encontro vocês lá no final — Ele gesticulou vagamente, depois desapareceu antes que Tanis pudesse dizer qualquer coisa. O meio elfo olhou para trás, para Solace. Parecia haver mais luzes e elas estavam se movendo nesta direção. As estradas provavelmente já estavam bloqueadas.

— Onde está o kender? — Flint resmungou enquanto eles se enfiavam na floresta.

— Tas vai nos encontrar no lago —, Tanis respondeu.

— Lago? — Os olhos de Flint se arregalaram perplexos — Que lago?

— Só existe um lago por aqui, Flint —, Tanis disse, fazendo força para não rir para Sturm — Vamos lá. É melhor continuarmos — Sua visão de elfo lhe mostrou a ampla aura vermelha de Caramon e o formato vermelho mais brando de seu irmão desaparecendo dentro da densa floresta à frente.

— Eu pensei que nós fossemos ficar quietos por alguns dias na floresta — Flint passou empurrando Sturm para reclamar com Tanis

— Nós vamos de barco —Tanis continuou andando.

— Coisa nenhuma! — Flint reclamou — Eu não entro em barco nenhum!

— Aquele acidente aconteceu há dez anos! —Tanis disse, exasperado — Olhe, eu faço Caramon ficar sentado quieto.

— Absolutamente não! — o anão disse com firmeza — Nada de barcos. Eu fiz uma promessa.

Tanis —, A voz de Sturm sussurrou atrás dele — Luzes.

— Droga! — O meio elfo parou e se virou. Ele teve que esperar um pouco antes de avistar luzes brilhando através das árvores. A busca tinha se espalhado além de Solace. Ele apressou o passo para alcançar Caramon, Raistlin, e o povo da planície.

— Luzes! — Ele exclamou em um sussurro penetrante. Caramon olhou para trás e praguejou. Vendaval levantou a mão concordando —Temo que nós teremos que andar mais rápido, Caramon ... Tanis começou a dizer.

— Nós vamos conseguir —, o homenzarrão disse, sem se perturbar. Ele estava dando apoio a seu irmão agora, o braço em volta do corpo magro de Raistlin, praticamente carregando-o. Raistlin tossiu levemente, mas ele estava caminhando. Sturm alcançou Tanis. Enquanto eles forçavam sua passagem pela

vegetação, eles conseguiam ouvir Flint, ofegante logo atrás, resmungando consigo mesmo, irritado.

— Ele não virá, Tanis —, Sturm disse — O Flint ficou com um medo mortal de barcos desde que Caramon quase o afogou acidentalmente aquela vez. Você não estava lá. Você não o viu depois que nós o tirarmos da água.

— Ele virá —, Tanis disse, respirando com dificuldade — Ele não é capaz de deixar nós, jovens, nos metermos em confusão sem ele.

Sturm balançou a cabeça, sem se convencer.

Tanis olhou para trás novamente. Não viu luzes, mas ele sabia que agora eles estavam muito dentro da floresta para poder vê-las. Cotiliquê Toede pode não ter impressionado ninguém com seu cérebro, mas não precisava ser muito inteligente para imaginar que o grupo pudesse tentar escapar pelo lago. Tanis parou abruptamente para evitar trombar em alguém.

— O que é? — Ele murmurou.

Nós estamos aqui —, Caramon respondeu. Tanis deu um suspiro de alívio assim que ele olhou para o outro lado da escura vastidão do Lago de Cristal. O vento frio batia na água transformando em gelo sua superfície.

—Onde está Tas? — Ele manteve a voz baixa.

—Lá, eu acho — Caramon apontou para um objeto escuro flutuando perto da praia. Tanis mal conseguia discernir o contorno vermelho do kender sentado em um grande barco.

As estrelas cintilavam com um brilho gelado no céu negro azulado. A lua vermelha, Lunitari, estava se levantando da água como uma unha sangrenta. Sua parceira no céu da noite, Solinari, já havia se levantado, marcando o lago com o tom de prata derretida.

—Que belos alvos nós seremos! — Sturm disse irritado.

Tanis via Tasslehoff se movendo de um lado para outro, procurando por eles. O meio elfo se abaixou, procurando uma pedra na escuridão. Encontrou

uma e a jogou na água. Ela caiu a alguns metros do barco. Tas, reagindo ao sinal de Tanis, levou o barco para a praia.

— Você vai colocar nós todos em um barco! — Flint disse aterrorizado — Você é louco, meio elfo!

— É um barco grande —, Tanis disse.

— Não! Eu não vou. Mesmo que fosse um dos legendários barcos de asas brancas de Tarsis, eu não iria. Eu prefiro me arriscar com o Teocrata!

Tanis ignorou o anão fumegante e fez um sinal para Sturm.

— Vá colocando todos no barco. Nós os acompanharemos em breve.

— Não demorem muito —, Sturm avisou — Escutem.

— Estou ouvindo —, Tanis disse nervosamente — Continuem.

— O que são aqueles sons? — Lua Dourada perguntou ao cavaleiro que vinha em sua direção.

— Grupos de busca de goblins —, Sturm respondeu — Aqueles apitos os mantêm em contato quando eles estão separados. Eles estão entrando na floresta agora.

Lua Dourada acenou com a cabeça para mostrar que tinha compreendido. Ela falou algumas palavras com Vendaval em sua própria língua, aparentemente continuando uma conversa que Sturm tinha interrompido. O alto homem das planícies franziu a testa e gesticulou de volta na direção da floresta com a mão.

Ele está tentando convencê-la a se separar de nós, Sturm percebeu. Talvez ele conheça suficientemente a floresta para se esconder dos grupos de busca dos goblins durante vários dias, mas eu duvido.

— Vendaval, gue lando!—Lua Dourada disse com firmeza. Sturm viu Vendaval franzir as sobrancelhas com raiva. Sem dizer uma palavra, ele se virou e caminhou na direção do barco. Lua Dourada suspirou e olhou na direção dele, com a dor estampada em seu rosto.

— Posso fazer alguma coisa para ajudar, dama? — Sturm perguntou gentilmente.

— Não —, ela respondeu. Depois, disse com tristeza, como se para si mesma, — Ele governa meu coração, mas eu sou sua governante. Uma vez, quando éramos jovens, nós pensamos que poderíamos nos esquecer disso. Mas, eu tenho sido 'a Filha do Líder' há tempo demais.

— Por que ele não confia em nós? — Sturm perguntou.

— Ele tem todos os preconceitos de nosso povo —, Lua Dourada respondeu — O povo da planície não acredita em ninguém que não seja humano — Ela deu uma olhada para trás —Tanis não consegue esconder seu sangue meio elfo debaixo de uma barba. Além disso, tem o anão, o kender.

— E a senhora? — Sturm perguntou — Por que é que confia em nós? Não tem os mesmos preconceitos?

Lua Dourada se virou para encará-lo. Ele podia ver seus olhos, escuros e reluzentes como o lago atrás dela.

— Quando era menina —, ela disse com sua voz grave e baixa, — eu era uma princesa para o meu povo. Eu era uma sacerdotisa. Eles me adoravam como a uma deusa. Eu acreditei nisso. Eu adorava isso. Então, algo aconteceu ... — Ela ficou em silêncio, seus olhos se encheram de memórias.

— O que aconteceu? — Sturm perguntou suavemente.

— Eu me apaixonei por um pastor —, Lua Dourada respondeu, olhando para Vendaval. Ela suspirou e caminhou na direção do barco.

Sturm observou Vendaval entrar na água para trazer o barco próximo da praia enquanto Raistlin e Caramon se aproximavam da margem. Raistlin segurou as vestes em volta de si, tremendo.

— Eu não posso molhar meus pés —, ele sussurrou com rouquidão. Caramon não respondeu. Colocou simplesmente seus braços enormes em volta do irmão e levantou-o tão facilmente quanto se ele tivesse levantado uma

criança, e colocou Raistlin dentro do barco. O mago se encolheu na parte de trás do barco, sem dizer uma palavra de agradecimento.

— Eu a segurarei firme —, Caramon disse a Vendaval — Suba você —, Vendaval hesitou por um momento, depois subiu rapidamente ao lado. Caramon ajudou Lua Dourada a entrar no barco. Vendaval segurou-a e a ajudou a firmar-se, pois o barco balançava gentilmente. O homem das planícies foi sentar na popa, atrás de Tasslehoff.

Caramon virou-se para Sturm quando o cavaleiro chegou mais perto.

— O que é que está acontecendo lá atrás?

— Flint está dizendo que prefere queimar na estaca a entrar em um barco... pelo menos assim, ele morrerá aquecido, ao invés de molhado e com frio.

— Eu vou lá buscá-lo e trazê-lo para cá —, Caramon disse.

—Você só vai piorar as coisas. Foi você que quase o afogou, lembra-se? Deixe Tanis cuidar disso... ele e o diplomata.

Caramon concordou. Os dois homens ficaram de pé, esperando em silêncio Sturm viu Lua Dourada olhar para Vendaval num apelo silencioso, mas o homem das planícies não prestou atenção ao olhar dela. Tasslehoff, mexendo-se em seu assento, começou a fazer uma pergunta, mas um olhar severo do cavaleiro o calou. Raistlin encolhido em suas vestes, tentava segurar uma tosse incontrolável.

— Eu vou até lá —, Sturm disse finalmente — Aqueles apitos estão chegando mais perto. Nós não podemos nos arriscar a demorar mais — Mas, naquele momento, ele viu Tanis apertar a mão do anão e começar a correr na direção do barco sozinho. Flint ficou onde estava, perto da borda da floresta. Sturm balançou a cabeça — Eu falei para o Tanis que o anão não viria.

— Teimoso como um anão, assim diz o ditado —, Caramon grunhiu — E aquele anão teve cento e quarenta e oito anos para ficar ainda mais teimoso — O homenzarrão balançou a cabeça com tristeza — Bem, nós sentiremos a falta

dele, isso é claro. Ele já salvou minha vida mais de uma vez. Deixe-me ir buscá-lo. Um soco no queixo e ele não saberá se está no barco ou em sua própria cama.

Tanis correu, arquejando, e ouviu o último comentário.

— Não, Caramon —, ele disse — Flint nunca nos perdoaria. Não se preocupe com ele. Ele vai voltar para as montanhas. Entre no barco. Tem mais luzes vindo nesta direção. Nós deixamos uma trilha na floresta que um anão da ravina pançudo e cego seria capaz de seguir.

— Não faz sentido todos nós nos molharmos —, Caramon disse, segurando o lado do barco — Você e Sturm subam. Eu empurrarei.

Sturm já estava do lado. Tanis deu um tapa nas costas de Caramon, depois subiu. O guerreiro empurrou o barco para dentro do lago. Ele estava com água até os joelhos quando eles escutaram um chamado da praia.

— Parem! — Era Flint, que descia correndo das árvores, uma vaga forma escura se movendo contra a praia iluminada pela lua — Esperem! Estou indo!

— Parem! —Tanis gritou — Caramon! Espere pelo Flint!

— Olhem! — Sturm, meio levantado, apontou. Luzes tinham aparecido nas árvores, tochas esfumaçadas empunhadas por guardas goblins.

— Goblins, Flint! —Tanis gritou — Atrás de você! Corra! — O anão, sem questionar, abaixou a cabeça e disparou em direção à praia, com uma mão no elmo para evitar que ele saísse voando.

— Eu dou cobertura a ele —,Tanis disse, tirando o arco do ombro. Com sua visão de elfo, ele era o único capaz de ver os goblins atrás de suas tochas. Tanis ficou em pé, enquanto colocava uma flecha em seu arco e Caramon mantinha o grande barco parado. Tanis disparou no contorno do líder goblin. A flecha o atingiu no peito e o lançou para frente sobre seu rosto. Os outros goblins diminuíram um pouco o passo, procurando seus próprios arcos. Tanis colocou outra flecha em seu arco no momento em que Flint chegava à praia.

— Esperem! Estou indo! — o anão engoliu o ar, jogou-se na água e afundou como uma pedra.

— Agarre-o! — Sturm gritou —Tas, reme para trás. Ele está ali. Consegue ver? As bolhas... — Caramon estava espirrando água para todo lado, caçando o anão. Tas tentou remar para trás, mas o peso que havia no barco era demais para o kender. Tanis tentou novamente, errou o alvo, e praguejou baixinho. Ele pegou uma nova flecha. Os goblins já pareciam abelhas em um dos lados da colina.

— Eu o peguei! — Caramon gritou, puxando o anão, que pingava e cuspia, pela gola de sua túnica de couro — Pare de se debater —, ele disse a Flint, cujos braços estavam se agitando em todas as direções. Mas o anão estava completamente em pânico. A flecha de um goblin bateu contra o camisão de cota de malha de Caramon e ficou presa como uma pena fina.

— Agora chega! — O guerreiro grunhiu exasperado e, levantando seus braços musculosos, jogou o anão dentro do barco enquanto o barco se afastava dele. Flint se agarrou em um banco e se segurou, com metade de seu corpo, da cintura para baixo, pendurada fora do barco. Sturm o agarrou pelo cinto e o arrastou para dentro do barco que balançava assustadoramente. Tanis quase perdeu o equilíbrio e foi forçado a largar o arco e se segurar na borda do barco para evitar ser jogado para dentro da água. A flecha de um goblin acertou o convés, quase atingindo a mão de Tanis.

— Reme para trás até Caramon, Tas! —Tanis gritou.

— Eu não consigo! — gritou o kender apurado. O movimento de um remo fora de controle quase derruba Sturm do barco.

O cavaleiro arrancou o kender do banco. Agarrou os remos e suavemente levou o barco até onde Caramon poderia se agarrar num dos lados. Tanis ajudou o guerreiro a subir, depois gritou para Sturm

— Puxe! — O cavaleiro puxou os remos com toda sua força, inclinando-se para trás enquanto enfiava os remos, fundo na água. O barco saiu

da praia, acompanhado pelos gritos de duendes irritados. Mais flechas zumbiram à volta do barco enquanto Caramon, pingando de tão molhado, largou o corpo próximo a Tanis.

— Noite de treino de tiro ao alvo para os goblins —, Caramon falou, puxando a flecha de sua cota de malha — Estamos bem visíveis dentro da água.

Tanis estava procurando o arco que havia caído quando ele notou Raistlin sentado.

— Cubra-se! Tanis aconselhou e Caramon começou a se mover na direção de seu irmão, mas o mago franziu a testa para os dois e escorregou sua mão para dentro de uma algibeira em seu cinto. Seus dedos delicados puxaram um punhado de alguma coisa no momento em que uma flecha fincava no banco ao seu lado — Raistlin não reagiu. Tanis começou a forçar o mago a se abaixar, quando percebeu que ele estava perdido na concentração que um usuário de mágica precisa fazer para conjurar uma magia. Qualquer distúrbio agora poderia trazer serias conseqüências, fazendo com que o mago esquecesse a magia ou pior ainda — errasse a magia.

Tanis cerrou os dentes e observou. Raistlin levantou sua mão fina e delicada e permitiu que o componente da magia que ele havia tirado de sua bolsa caísse lentamente por entre seus dedos no convés do barco. Areia, Tanis percebeu.

—Ast tasarak sinuralan krynawi —, Raistlin murmurou e depois moveu sua mão direita em um arco paralelo à praia. Tanis voltou os olhos para a terra. Um a um, os goblins largaram seus arcos e caíram, como se Raistlin estivesse tocando um de cada vez. As flechas pararam. Os goblins mais distantes uivaram furiosos e correram para frente. Mas nessa hora, as poderosas remadas de Sturm tinham levado o barco para fora de seu alcance.

— Bom trabalho, irmãozinho! — Caramon disse cordialmente. Raistlin piscou e pareceu voltar ao mundo, depois o mago caiu para frente. Caramon

pegou-o e o segurou por um momento. Depois Raistlin se sentou e respirou fundo, o que fez ele tossir.

— Eu vou ficar bom —, ele sussurrou, esquivando-se de Caramon.

— O que é que você fez? — perguntou Tanis enquanto procurava as flechas inimigas para jogá-las no lago, às vezes, os goblins envenenavam suas flechas.

— Eu os coloquei para dormir —, Raistlin sibilou entre os dentes que estavam batendo de frio — E agora eu tenho de descansar — Ele se encostou contra o lado do barco.

Tanis olhou para o mago. Raistlin tinha, realmente, ganho em poder e perícia. Eu gostaria de poder confiar nele, o meio elfo pensou.

O barco atravessou o lago cheio de estrelas. Os únicos sons que se ouviam eram o suave e rítmico bater dos remos na água e a tosse seca e sofrida de Raistlin. Tasslehoff desarrolhou o odre, que Flint, de alguma maneira, tinha conservado em sua louca corrida e tentou fazer com que o anão gelado e trêmulo engolisse um belo gole. Mas Flint, encolhido no fundo do barco, só conseguia tremer e observar a água.

Lua Dourada se agasalhou melhor com sua capa de pele de animal. Ela usava uma calça macia de couro de veado, comum entre seu povo, com uma saia de franjas por cima e uma túnica com cinto. Suas botas eram feitas de couro macio. Uma certa quantidade de água tinha caído dentro do barco quando Caramon jogou Flint a bordo. A água fez a pele de veado grudar nela, e logo ela estava com frio e tremendo.

— Pegue minha capa —, Vendaval disse na linguagem deles, começando a remover seu manto de pele de urso.

— Não — Ela balançou a cabeça — Você está sofrendo com febre. Eu nunca fico doente, você sabe disso. Mas — ela levantou os olhos para ele e sorriu — você pode me abraçar, guerreiro. O calor dos nossos corpos nos aquecerá.

— Essa é uma ordem real, Filha do Líder? — Vendaval sussurrou brincando, puxando ela mais para perto dele.

— É —, ela disse, reclinando-se contra o forte corpo dele com um suspiro de contentamento. Ela olhou para o céu estrelado, depois seu corpo ficou tenso e ela inspirou o ar com medo.

— O que foi? — Vendaval perguntou, olhando para cima.

Apesar de não terem entendido a conversa, as outras pessoas que estavam no barco, ouviram o grito sufocado de Lua Dourada e viram seus olhos hipnotizados por alguma coisa no céu.

Caramon cutucou seu irmão e disse, — Raist, o que é? Eu não vejo nada.

Raistlin se sentou, jogou seu capuz para trás, depois tossiu. Quando o acesso de tosse passou, ele vasculhou o céu noturno. Aí, ele ficou tenso, e seus olhos se arregalaram. Esticando sua mão delicada de ossos saltados, Raistlin apertou o braço de Tanis, segurando-o de uma forma, que o meio elfo tentou involuntariamente se afastar do aperto esquelético do mago.

—Tanis... — Raistlin sibilou, quase sem fôlego — As constelações...

— O que? — Tanis estava realmente assustado com a palidez do dourado metálico da pele do mago e o brilho febril de seus olhos estranhos — O que é que tem as constelações?

— Elas desapareceram! — ele disse com a voz rouca e teve um novo ataque de tosse. Caramon colocou os braços em volta dele, segurando-o próximo a si, quase como se o homenzarrão estivesse tentando manter o delicado corpo de seu irmão junto de si. Raistlin se recuperou e limpou a boca com a mão. Tanis viu que os dedos do mago estavam escurecidos pelo sangue. Raistlin respirou fundo, depois falou.

— A constelação conhecida como Rainha das Trevas; e a outra, chamada Guerreiro Valente. Ambas desapareceram. Ela veio para Krynn, Tanis, e ele veio lutar contra ela. Todos os boatos ruins que ouvimos são verdadeiros.

Guerra, morte, destruição... — A voz dele foi interrompida por outro ataque de tosse.

Caramon o segurou.

—Vamos, Raist —, ele disse tentando tranqüilizá-lo — Não fique tão agitado. É só um punhado de estrelas.

— Só um punhado de estrelas —, Tanis repetiu em tom monótono. Sturm começou a remar novamente, encostando rapidamente na praia oposta.

6

A NOITE EM UMA CAVERNA. DISSENSÃO. TANIS DECIDE

Um vento gelado começou a soprar sobre o lago. Nuvens de tempestade rolaram pelo céu vindo do norte, eliminando os espaços negros deixados pelas estrelas que haviam caído. Os companheiros se curvaram dentro do barco, apertando os mantos em volta deles enquanto a chuva caía. Caramon se juntou a Sturm nos remos. O grande guerreiro tentou falar com o cavaleiro, mas Sturm

o ignorou. Ele remou num silêncio sombrio, resmungando de vez em quando consigo mesmo em solâmnico.

— Sturm! Ali... entre as rochas grandes mais à esquerda! — Tanis gritou, apontando.

Sturm e Caramon se esforçaram ainda mais. A chuva fez com que ficasse difícil avistar as rochas do ponto de desembarque, por um momento, pareceu que eles tinham perdido o caminho na escuridão. Então, de repente as rochas apareceram à frente deles. Sturm e Caramon deram a volta com o barco. Tanis pulou de um lado e o puxou para a praia. Chovia torrencialmente. Os companheiros desceram do barco, molhados e gelados. Eles tiveram que carregar o anão. Flint estava duro como um goblin morto por causa do medo. Vendaval e Caramon esconderam o barco entre os espessos arbustos. Tanis guiou o resto do grupo subindo uma trilha que dava em uma pequena abertura na frente do rochedo.

Lua Dourada olhou para a abertura indecisa. Parecia ser nada mais do que uma grande rachadura na superfície do rochedo. Lá dentro, porém, a caverna era grande o suficiente para que todos eles se esticassem confortavelmente.

— Bela casa. —Tasslehoff olhou a sua volta — Mas não tem muita mobília. Tanis sorriu para o kender.

— E suficiente para esta noite. Eu acho que nem mesmo o anão vai reclamar. Se ele reclamar, nós o mandaremos dormir no barco!

Tas sorriu de volta para o meio elfo. Era bom ver o velho Tanis de volta. Ele estava achando seu amigo estranhamente mais temperamental e indeciso, não o líder forte que ele se lembrava dos velhos tempos. Mas, agora que eles estavam de volta na estrada, o brilho havia voltado aos olhos do meio elfo. Ele tinha saído de sua casca protetora e assumido a liderança, voltando a fazer o papel que estava acostumado fazer. Ele precisava desta aventura para distrair a cabeça e esquecer seus problemas — quaisquer que fossem eles. O kender, que

nunca foi capaz de compreender o tumulto interno de Tanis, estava feliz pelo fato desta aventura ter surgido.

Caramon carregou seu irmão para fora do barco e o colocou, da forma mais gentil possível, na areia macia que cobria o chão da caverna, enquanto Vendaval acendia o fogo. A fumaça rolou na direção do teto e saiu por uma rachadura. O homem da planície cobriu a entrada da caverna com folhagem e galhos de árvore caídos, escondendo a luz do fogo e mantendo a chuva do lado de fora de forma eficiente.

Ele se encaixa bem, Tanis pensou enquanto observava o bárbaro trabalhar. Ele quase poderia ser um dos nossos. Suspirando, o meio elfo voltou sua atenção para Raistlin. Ajoelhando-se ao seu lado, ele olhou para o jovem mago com preocupação. O rosto pálido de Raistlin refletido na luz trêmula do fogo, lembrou o meio elfo dos tempos que ele, Flint e Caramon quase não conseguiram salvar Raistlin de uma multidão cruel que queria queimar o mago na estaca. Raistlin tinha tentado desmascarar um clérigo charlatão que estava enganando os aldeões, roubando-lhes seu dinheiro. Ao invés de se voltarem contra o clérigo, os aldeões se voltaram contra Raistlin. Como Tanis havia dito para Flint — as pessoas querem acreditar em alguma coisa.

Caramon estava ocupado com seu irmão, colocando seu manto, pesado, sobre os ombros dele. O corpo de Raistlin estava destruído pelos acessos de tosse e o sangue corria da sua boca. Seus olhos brilhavam febrilmente. Lua Dourada se ajoelhou a seu lado, com um copo de vinho na mão.

— Você pode beber isto? — ela lhe perguntou gentilmente.

Raistlin balançou a cabeça de um lado para outro, tentou falar, tossiu e empurrou a mão dela. Lua Dourada levantou os olhos para Tanis. —Talvez... meu cajado? — ela perguntou.

— Não —, Raistlin disse engasgando. Ele moveu sua mão chamando Tanis para perto de si. Mesmo sentando perto dele, Tanis mal podia ouvir as palavras do mago; suas frases eram interrompidas pelo seu esforço em respirar e

pelos ataques de tosse — O cajado não vai me curar, Tanis —, ele murmurou — Não o gaste comigo. Se ele é um artefato abençoado... seu poder sagrado é limitado. Meu corpo era o meu sacrifício... em favor de minha mágica. Este dano é permanente. Nada pode ajudar... — A voz dele sumiu e seus olhos se fecharam.

O fogo subitamente se levantou quando o vento envolveu a caverna. Tanis levantou os olhos e viu Sturm puxando as folhagens de lado e entrando na caverna, meio que carregando Flint que tropeçou por falta de firmeza nos pés. Sturm o deixou cair ao lado do fogo. Os dois estavam encharcados. Sturm estava visivelmente impaciente com o anão e, pelo que Tanis notou, com o grupo todo. Tanis o observou com preocupação, reconhecendo os sinais de uma depressão que algumas vezes acometia o cavaleiro. Sturm gostava do sistemático, do bem disciplinado. O desaparecimento das estrelas, o distúrbio da ordem natural das coisas, tinham-no afetado bastante.

Tasslehoff envolveu o anão com o cobertor que se sentou encolhido no chão da caverna, seus dentes batiam tanto que seu elmo chacoalhava — B-b-b-barco... — era tudo que ele conseguia dizer. Tas lhe deu uma caneca de vinho, que o anão bebeu avidamente.

Sturm olhou para Flint desgostoso.

— Eu farei o primeiro turno de vigia —, ele disse e se deslocou na direção da entrada da caverna.

Vendaval se levantou — Eu vigiarei com você —, ele disse asperamente.

Sturm parou, depois se virou devagar para encarar o alto homem das planícies. Tanis podia ver o rosto do cavaleiro, entalhado em relevo pela luz do fogo, linhas escuras esculpidas em volta da boca rígida. Apesar de ser mais baixo que Vendaval, o ar de nobreza do cavaleiro e a rigidez de sua postura fizeram com que os dois parecessem quase iguais.

— Eu sou um cavaleiro de Solamnia —, Sturm disse — Minha palavra é minha honra e minha honra é minha vida. Eu dei minha palavra, lá atrás na

Hospedaria, que iria proteger você e sua dama. Se optar por contestar minha palavra, você estará contestando minha honra e portanto me ofendendo. Eu não posso permitir que esse insulto subsista entre nós.

— Sturm! Tanis estava de pé.

Sem tirar os olhos do homem das planícies, o cavaleiro levantou a mão.

— Não interfira, Tanis —, Sturm disse — Bem, que arma será — espadas, facas? Como é que vocês bárbaros lutam?

A expressão estóica de Vendaval não mudou. Ele encarou o cavaleiro com seus olhos escuros, intensos. Depois, disse, escolhendo suas palavras cuidadosamente.

— Eu não tive intenção de questionar sua honra. Eu não conheço os homens e suas cidades e eu lhe digo honestamente ...eu tenho medo. É o meu medo que me faz falar assim. Eu tenho sentido medo desde que o cajado de cristal azul me foi dado. Acima de tudo, eu tenho medo por Lua Dourada — O homem da planície olhou para a mulher, seus olhos refletiam o fogo, que brilhava — Sem ela, eu morro. Como é que eu poderia confiar... — Sua voz falhou. A máscara impassível trincou e se esfarelou de dor e cansaço. Seus joelhos se dobraram e ele caiu para frente. Sturm o segurou.

—Você não poderia —, o cavaleiro disse — Eu entendo. Você está cansado e doente — Ele ajudou Tanis a deitar o homem das planícies no fundo da caverna — Descanse agora. Eu ficarei na vigia — O cavaleiro empurrou a folhagem para o lado e, sem dizer outra palavra, saiu na chuva.

Lua Dourada tinha escutado a discussão em silêncio. Ela tinha mudado suas minguadas posses para o fundo da caverna e ajoelhado ao lado de Vendaval. Ele a abraçou e a segurou perto de si, enfiando sua cabeça no cabelo ouro prateado dela. Os dois se acomodaram na sombra da caverna. Enrolados na capa de pele de Vendaval, os dois logo adormeceram, a cabeça de Lua Dourada descansando no peito de seu guerreiro.

Tanis soltou um suspiro de alívio e se virou para Raistlin. O mago tinha caído num sono espasmódico. De vez em quando ele murmurava palavras estranhas na língua dos mágicos, suas mãos se moviam procurando pelo cajado. Tanis olhou para os outros em volta. "Tasslehoff estava sentado perto do fogo, separando cada um de seus objetos 'adquiridos". Ele estava sentado de pernas cruzadas, os tesouros no chão da caverna em frente dele. Tanis conseguia distinguir anéis reluzentes, algumas moedas incomuns, uma pena de curiango, pedaços de cordão, um colar de contas, um sabonete decorado, e um apito. Um dos anéis lhe pareceu familiar. Era um anel de fabricação élfica, dado a Tanis, há muito tempo atrás, por alguém que ele guardava nas imediações de seu coração. Era um anel delicado, ricamente entalhado com folhas de hera douradas grudada nele.

Tanis aproximou-se do kender na ponta dos pés, sem fazer barulho para não acordar os outros.

—Tas... — Ele tocou o kender no ombro e apontou — Meu anel...

— É seu? — perguntou Tasslehoff com olhos inocentes arregalados — Este é seu? Estou contente por tê-lo achado. Você deve tê-lo deixado cair na Hospedaria.

Tanis pegou o anel com um sorriso irônico, depois se acomodou perto do kender.

— Você tem um mapa desta área, Tas? Os olhos do kender brilharam.

— Um mapa? Sim, Tanis. É claro — Ele agarrou seus pertences, jogou todos eles de volta numa bolsa, e puxou uma caixa de pergaminho feita de madeira entalhada a mão de uma outra bolsa. Ele tirou um punhado de mapas. Tanis já tinha visto antes a coleção do kender, mas ela nunca deixou de lhe surpreender. Devia haver uns cem, desenhados em todo tipo de material, desde finos pergaminhos de pelica até uma enorme folha de palmito.

— Eu achei que você conhecia todas as árvores destas redondezas pessoalmente, Tanis —Tasslehoff punha seus mapas em ordem, seus olhos se fixando de vez em quando em um favorito.

O meio elfo balançou a cabeça.

—Eu morei aqui muito tempo —, ele disse —Mas, admito, não conhecer nenhum dos caminhos obscuros e secretos.

— Você não encontrará muitos para Haven —Tas puxou um mapa do monte

e o alisou contra o chão da caverna. — A Estrada Haven através do Vale de Solace é a mais rápida, isso é certeza.

Tanis estudou o mapa sob a luz do acampamento que se definhava.

— Você está certo —, ele disse — A estrada não é somente a mais rápida, parece ser a única rota transitável por muitos quilômetros lá para a frente. Tanto ao sul quanto ao norte de nós estão os Montes Kharolis, não existe nenhuma passagem por lá — Franzindo a testa, Tanis enrolou o mapa e o devolveu — Que é exatamente o que o Teocrata vai pensar.

Tasslehoff bocejou.

— Bem —, ele disse, guardando cuidadosamente o mapa de volta em sua caixa —, é um problema que será resolvido por mãos mais sábias que as minhas. Eu estou nessa só pela diversão — Enfiando a caixa de volta em uma bolsa, o kender deitou no chão da caverna, puxou as pernas para perto de seu queixo e logo estava dormindo o pacífico sono das crianças e dos animais.

Tanis olhou para ele com inveja. Apesar de estar dolorido de cansaço, ele não conseguia relaxar o suficiente para dormir. A maioria dos outros já tinha dormido, todos menos o guerreiro que cuidava de seu irmão. Tanis caminhou na direção de Caramon.

— Vá descansar —, ele murmurou — Eu olharei Raistlin.

— Não —, o grande guerreiro disse. Esticando as mãos, ele puxou gentilmente um manto mais para perto, em volta dos ombros de seu irmão — Ele pode precisar de mim.

— Mas você tem que dormir um pouco.

— Eu dormirei — Caramon sorriu — Durma você um pouco, ama-seca. Suas crianças estão bem. Olhe, até o anão desmaiou de frio.

— Eu nem preciso olhar —, Tanis disse — É provável que o Teocrata seja capaz de ouvi-lo roncando lá em Solace. Bem, meu amigo, este reencontro não era bem o que tínhamos planejado cinco anos atrás.

— E o que é? — Caramon perguntou suavemente, olhando para seu irmão. Tanis deu um tapinha no braço do homenzarrão, depois se deitou, enrolou-se em seu próprio manto e finalmente adormeceu.

A noite passou vagarosamente para aqueles que ficaram de vigia, e rapidamente para aqueles que dormiram. Caramon substituiu Sturm. Tanis substituiu Caramon. A tormenta continuou com a mesma intensidade a noite toda, o vento batendo no lago cobrindo-o com uma crosta branca de gelo. Relâmpagos cortavam a escuridão como árvores pegando fogo. Trovões ribombavam continuamente. De manhã a tormenta tinha finalmente passado, e o meio elfo assistiu o dia amanhecer cinza e gelado. A chuva tinha parado, mas as nuvens de tempestade ainda estavam penduradas no céu. Nada do sol aparecer. Tanis sentiu uma sensação crescente de urgência. Ele não conseguia ver o fim das nuvens de tempestade se amontoando para o norte. Tempestades do Outono são raras, especialmente com esta ferocidade. O vento era cortante também e pareceu estranho que a tormenta tivesse vindo do norte, quando geralmente elas sopram para o leste, cruzando as planícies. Sensível aos costumes da natureza, o clima estranho incomodou Tanis quase tanto quanto as estrelas caídas de Raistlin. Ele sentiu necessidade de seguir viagem, embora ainda fosse muito cedo. Ele entrou na caverna para acordar os outros.

A caverna estava fria e sombria naquela manhã cinzenta, a despeito do fogo aceso. Lua Dourada e Tasslehoff estavam preparando o desjejum. Vendaval de pé no fundo da caverna, chacoalhava o manto de pele de Lua Dourada. Tanis olhou para ele. O homem das planícies ia dizer alguma coisa para Lua Dourada quando Tanis estava entrando, mas ficou calado, contentando-se em olhar para ela de forma significativa enquanto continuava seu trabalho. Lua Dourada manteve os olhos abaixados, seu rosto pálido e perturbado. Tanis concluiu que o bárbaro se arrependera de ter se exposto na noite anterior.

— Eu temo que não haja muita comida —, Lua Dourada disse, jogando um cereal dentro de uma panela de água fervendo.

— A despensa de Tika não estava bem abastecida —, Tasslehoff completou pedindo desculpas — Nós temos um pão, um pouco de carne seca, metade de um queijo embolorado e a aveia. Tika deve fazer suas refeições fora de casa.

— Vendaval e eu não trouxemos nenhuma provisão —, Lua Dourada disse — Nos realmente não esperávamos fazer esta viagem.

Tanis estava quase lhe perguntando mais sobre sua canção e o cajado, mas os outros começaram a despertar assim que sentiram o cheiro de comida. Caramon bocejou, se esticou e se pós de pé. Andando na direção da panela para olhar, ele grunhiu.

— Avelã? É tudo que temos?

— E vai haver menos para o jantar —Tasslehoff riu sarcástico — Aperte seu cinto. Você está engordando mesmo.

O homenzarrão suspirou deprimido.

Naquela manhã fria o esparso desjejum foi desanimado. Sturm, recusou das as ofertas de comida e foi para fora continuar sua vigia. Tanis podia ver o cavaleiro, sentado numa rocha, fitando aborrecido as nuvens escuras que refletiam sua imagens como dedos delicados nas águas paradas do lago.

Caramon comeu sua porção de comida rapidamente, engoliu a porção de seu irmão e depois se apropriou da porção de Sturm quando o cavaleiro foi para fora. Depois o homenzarrão sentou-se, esperando ansiosamente os outros terminarem.

—Você vai comer isso? — ele perguntou, apontando para a porção de pão de Flint. O anão franziu a testa. Tasslehoff, vendo os olhos do guerreiro se dirigirem para seu prato, enfiou seu pedaço de pão na boca, quase sufocando no processo. Pelo menos, isso o manteve quieto, pensou Tanis, contente com a pausa na voz estridente do kender. Tas tinha atazanado Flint a manhã inteira sem compaixão, chamando-o de "Senhor dos mares" e "companheiro do navio", perguntando a ele o preço do peixe, e quanto ele cobraria para levá-los de volta através do lago. Por fim, Flint jogou uma pedra nele e Tanis mandou Tas lavar as panelas no rio.

O meio elfo foi até o fundo da caverna.

— Como você está esta manhã, Raistlin? —, ele perguntou — Nós vamos ter que partir em breve.

— Estou bem melhor —, o mago respondeu com a voz suave e sussurrante. Ele estava bebendo uma mistura de ervas que ele mesmo tinha preparado. Tanis podia ver pequenas folhas verdes, como penas, boiando na água quente. Elas tinham um odor forte e amargo e Raistlin fazia caretas enquanto a bebia.

Tasslehoff voltou para dentro da caverna pulando, batendo as panelas e os pratos de estanho para fazer bastante barulho. Tanis rangeu os dentes por causa do barulho, começou a ralhar com o kender, depois mudou de idéia. Não ia adiantar mesmo.

Flint, vendo a tensão nos olhos de Tanis, agarrou as panelas do kender e começou a empacotá-las.

— Tenha modos —, o anão repreendeu Tasslehoff— Ou eu te pego pelo topete e te amarro em uma árvore como uma advertência para todos os kenders...

Tas esticou a mão e arrancou alguma coisa da barba do anão.

— Olhe! — o kender levantou a mão alegremente — Alga marinha! — Flint, rugiu e tentou apanhar o kender, mas Tas saiu de seu caminho com agilidade.

Ouviu-se um som de farfalhar quando Sturm empurrou para o lado as folhagens que cobriam a entrada da caverna. Seu rosto estava sombrio e mal humorado.

— Parem com isso! — Sturm disse, olhando irritado para Flint e Tas, seu bigode tremia. Seu olhar sério voltou-se para Tanis — Eu conseguia ouvir o barulho destes dois lá no lago. Eles vão atrair todos os goblins de Krynn para cima de nós. Nós temos que sair daqui. Para que lado nós vamos?

Um incômodo silêncio se abateu sobre a caverna. Todos pararam o que estavam fazendo e olharam para Tanis, com exceção de Raistlin. O mago estava enxugando sua caneca com um pano branco, limpando a meticulosamente. Ele continuou trabalhando, os olhos voltados para baixo, como se estivesse totalmente desinteressado.

Tanis suspirou e coçou a barba.

— O Teocrata de Solace é corrupto. Agora, nós sabemos disso. Ele está usando a escória dos goblins para assumir o controle. Se tivesse o cajado, ele o usaria em benefício próprio. Nós estamos procurado um sinal dos verdadeiros deuses há anos. Parece-me que existe uma chance de termos encontrado um. Eu é que não vou entregá-lo para aquela fraude em Solace. Tika disse que ela achava que os Altos Seguidores de Haven ainda têm interesse na verdade. Pode ser que eles sejam capazes de nos dizer algo sobre o cajado, de onde ele veio e quais são seus poderes. Tas, me dê o mapa.

O kender, espalhou o conteúdo de várias bolsas no chão e finalmente encontrou o pergaminho desejado.

— Nós estamos aqui, na margem oeste do Lago de Cristal —, Tanis continuou —Ao norte e ao sul de nós, estão a continuação dos Montes Kharolis que formam o perímetro do Vale de Solace. Não existem passagens de uma cordilheira para a outra exceto através do Passo de Berma ao sul de Solace...

— Que quase certamente está ocupada pelos goblins —, comentou Sturm — Existem passagens mais para o nordeste...

— Isso é do outro lado do lago! Flint disse aterrorizado.

— Sim —, a expressão no rosto de Tanis era impenetrável, — do outro lado do lago. Mas elas levam para as planícies e eu não acredito que vocês queiram ir naquela direção — Ele olhou para Lua Dourada e Vendaval — Indo para oeste a estrada para Haven passa pelo Pico das Sentinelas e pelo Cânion da Sombra. Essa, para mim, parece a direção mais óbvia a se seguir.

Sturm franziu a testa.

— E se os Altos Seguidores de lá forem tão maus quanto os de Solace?

— Aí, nós continuamos para o sul em direção a Qualinesti.

— Qualinesti? — Vendaval fez uma careta mal-humorada — As Terras Élficas? Não! Os Humanos são proibidos de entrar lá. Além do mais, o caminho está escondido...

Um som sibilante e rouco, interrompeu a discussão. Todos se viraram para olhar Raistlin enquanto ele falava.

—Existe um caminho — Sua voz era suave e irônica; seus olhos dourados

brilhavam na fria luz da manhã — As trilhas da Mata Escura. Elas vão diretamente para Qualinesti.

—Mata Escura? — Caramon repetiu atônito — Não, Tanis!

O guerreiro sacudiu a cabeça.

—Eu luto contra os vivos em qualquer dia da semana, mas não lutarei contra os mortos!

—Os mortos? Tasslehoff perguntou ansiosamente — Diga-me Caramon...

— Cala a boca, Tas! Sturm disparou — A Mata Escura é loucura. Ninguém que entrou nela voltou. Você nos faria receber esse prêmio, mago?

— Esperem! — Tanis falou com firmeza. Todos se calaram. Até mesmo Sturm se aquietou. O cavaleiro olhou para o rosto calmo e pensativo de Tanis, os olhos amendoados que guardavam a sabedoria de seus muitos anos vagando pelo mundo. O cavaleiro tinha muitas vezes tentado resolver consigo mesmo porque é que ele aceitava a liderança de Tanis. Ele não passava, na verdade, de um bastardo meio elfo. Ele não tinha sangue nobre. Ele não usava nenhuma armadura, não carregava orgulhoso nenhum escudo com um emblema. Ainda assim, Sturm o seguia amava-o e o respeitava, como não respeitava nenhum outro ser humano.

A vida para o Cavaleiro Solâmnico era uma mortalha escura. Ele não podia fingir que a conhecia ou compreendia, exceto através do código dos cavaleiros pelo qual ele vivia. "Est Sularus oth Mithas"— "Minha honra é a vida." O código definia honra e era mais completo, detalhado e rigoroso do que qualquer outro em Krynn. O código manteve-se verdadeiro por setecentos anos, mas o medo secreto de Sturm era que algum dia, na batalha final, o código não tivesse respostas. Ele sabia que, se esse dia chegasse, Tanis estaria ao seu lado, mantendo unido o mundo despedaçado. Por ora, Sturm seguia o código; Tanis o vivia.

A voz de Tanis trouxe o cavaleiro de volta ao presente.

— Gostaria de lembrar todos vocês que este cajado não é nosso 'prêmio'. O cajado, pertence legitimamente a Lua Dourada... se é que ele pertence a alguém. Nós não temos mais direitos sobre ele do que o próprio Teocrata de Solace — Tanis virou-se para Lua Dourada — O que a senhora deseja?

Lua Dourada encarou Tanis, depois Sturm, depois ela olhou para Vendaval.

— Você sabe o que eu penso —, ele disse friamente — Mas... você é a Filha do Líder — Ele se colocou de pé. Ignorando o olhar de súplica dela, ele saiu da caverna.

— O que é que ele quis dizer? —Tanis perguntou.

— Ele quer que nós os deixemos e levemos o cajado para Haven —, Lua Dourada respondeu, com a voz baixa — Ele diz que vocês estão aumentando o perigo que corremos. Que nós estaríamos mais seguros sozinhos.

—Aumentando o perigo? — Flint explodiu — Porque se nós não estivéssemos aqui, eu não teria quase morrido afogado... mais uma vez! Se não fosse por ... por ... — O anão começou a falar atabalhoadamente em sua fúria.

Tanis levantou a mão.

— Chega — Ele coçou a barba — Vocês estão mais seguros conosco. Vocês aceitam nossa ajuda?

— Eu aceito —, Lua Dourada respondeu num tom grave, — pelo menos durante algum tempo.

— Bom —,Tanis disse —Tas, você conhece o caminho pelo Vale de Solace. Você será nosso guia. E lembrem-se; nós não estamos fazendo um piquenique!

— Sim, Tanis —, o kender disse, desanimado. Ele juntou suas muitas bolsas, pendurou-as em volta de sua cintura e sobre os ombros. Passando por Lua Dourada, ele se ajoelhou rapidamente e deu um tapinha na mão dela, depois saiu pela entrada da caverna. O resto do pessoal juntou rapidamente suas coisas e seguiu atrás dele.

— Vai chover outra vez —, Flint grunhiu, olhando para cima, para as nuvens que desciam — Eu devia ter ficado em Solace — Ele saiu resmungando, ajustando o machado de batalha em suas costas. Tanis, que esperava por Lua

Dourada e Vendaval, sorriu e balançou a cabeça. Pelo menos algumas coisas nunca mudam, os anões estão entre elas.

Vendaval pegou suas mochilas das mãos de Lua Dourada e as pendurou sobre o ombro.

— Eu me assegurei de que o barco estaria bem escondido e seguro —, ele disse a Tanis. A máscara estóica de volta em seu lugar — Caso a gente precise dele.

— Uma boa idéia —, Tanis disse, — Obrig...

— Se você for à frente —, Vendaval acenou para ele — Eu irei atrás e cobrirei nossas pegadas.

Tanis começou a falar para agradecer ao homem das planícies. Mas Vendaval já tinha lhe dado as costas e estava começando seu trabalho. Subindo a trilha, o meio elfo balançou a cabeça. Atrás dele, ele podia ouvir Lua Dourada falando suavemente em sua própria língua. Vendaval retrucou com uma palavra áspera. Tanis ouviu Lua Dourada suspirar, depois todas as outras palavras ficaram perdidas junto com o som das folhagens estalando enquanto Vendaval dava um fim nas marcas da passagem deles.

7

A HISTÓRIA DO CAJADO.

CLÉRIGOS ESTRANHOS.

SENSAÇÕES TENEBROSAS.

As densas florestas do Vale de Solace eram uma massa verde de vida vibrante. Embaixo do denso telhado das copadeiras florescia o cardo e também um outro arbusto chamado "muro verde". O chão era forrado com um incômodo cipó. Nestes, era preciso pisar com muito cuidado, senão eles se enrolavam de repente no calcanhar da vitima indefesa, prendendo-a até ela ser devorada por um do muitos animais predadores que perambulavam pelo Vale; fornecendo dessa forma ao cipó aquilo que ele precisa para viver: sangue.

Foi preciso mais de uma hora quebrando e cortando a vegetação para chegar à Estrada de Haven. Todos eles estavam arranhados, cortados e cansados e o longo trecho de terra com boa pavimentação que levava os viajantes para Haven, era uma visão bem vinda. Foi somente quando pararam próximo da estrada que eles perceberam que não se ouvia nenhum som. Uma quietude caiu sobre a terra, como se todas as criaturas estivessem prendendo a respiração, esperando. Agora que eles tinham chegado à estrada, ninguém estava particularmente ansioso em deixar a proteção da vegetação para trás.

Você acha que é seguro? — Caramon perguntou, espiando através dos arbustos.

— Seguro ou não, é o caminho que nós temos que seguir —, Tanis comentou> — a menos que você seja capaz de voar ou queira voltar para a floresta. Gastamos uma hora para viajar algumas centenas de metros. Nessa velocidade, nós chegaremos à encruzilhada na semana que vem.

O homenzarrão ficou vermelho de vergonha.

— Eu não quis dizer...

— Desculpe —Tanis suspirou. Ele também deu uma olhada na estrada. As grandes copadeiras formavam um corredor escuro na luz cinza — Não gosto disto nenhum pouquinho a mais que você.

— Devemos nos separar ou ficar juntos? — Sturm interrompeu o que ele considerou conversa fiada, com uma questão de natureza prática.

— Nós ficaremos juntos —, Tanis respondeu. Então, depois de um segundo, ele completou, — mesmo assim, alguém devia fazer um reconhecimento do terreno.

— Eu irei Tanis —, Tas apresentou-se como voluntário, surgindo do meio da vegetação debaixo do cotovelo de Tanis — Ninguém jamais suspeitaria de um kender viajando sozinho.

Tanis franziu a testa. Tas estava certo, ninguém suspeitaria dele. Todos os kenders sentiam um impulso irresistível para viajar e viajavam por toda Krynn em busca de aventura. Mas, Tas tinha o hábito desconcertante de esquecer sua missão e ficar divagando se algo mais interessante chamasse sua atenção.

— Muito bem —, Tanis disse finalmente — Mas, lembre-se, Tasslehoff Pés Ligeiros, mantenha seus olhos abertos e fique alerta. Nada de sair da estrada e, acima de tudo —, Tanis olhou nos olhos do kender de forma enérgica, — mantenha suas mãos longe dos pertences dos outros.

— A menos que eles sejam padeiros —, Caramon completou.

Tas riu, abriu caminho através dos poucos metros de vegetação que faltavam e começou a caminhar estrada abaixo, seu cajado hoopak abrindo buracos na lama, suas bolsas sacolejando para cima e para baixo à medida que ele andava. Eles ouviram sua voz aumentar numa canção de passeio dos kenders.

Seu único amor é um veleiro
Que ancora em nosso porto.
Nós levantamos as velas, equipamos o convés,
Nós deixamos as vigias brilhando;
E sim, nosso farol brilha por ele,
E sim, nossas praias são quentes;
Quando cai a tormenta Nós o guiamos até o porto, qualquer porto.
Os marinheiros ficam em fila
E o contemplam do cais,
Sedentos como um anão por um monte de ouro Ou os centauros por vinho barato.
Pois todos marinheiros o amam,
E correm em bando para onde ele está ancorado,
Todo homem, com a esperança de poder
Ir a bordo com a tripulação.

Tanis, mostrando sua aprovação com um sorriso, deixou passar alguns minutos depois de ouvir o último verso da canção de Tas antes de partirem. Finalmente eles entraram na estrada com tanto medo quanto uma turma de atores inexperientes enfrentando uma audiência hostil. Parecia que todos os olhos de Krynn estavam voltados para eles.

A sombra escura sob as folhas coloridas como chamas, tornava impossível ver qualquer coisa dentro da mata mesmo que ela estivesse a apenas alguns metros da estrada. Sturm caminhava sozinho na frente do grupo, completamente em silêncio. Tanis sabia que, apesar de ter a cabeça erguida por uma questão de orgulho, o cavaleiro caminhava pesadamente dentro de sua própria escuridão. Caramon e Raistlin iam atrás. Tanis manteve seus olhos no mago, preocupado com sua capacidade de acompanhar os outros.

Raistlin tinha tido alguma dificuldade para atravessar a mata, mas agora estava indo bem. Ele se apoiava no cajado com uma mão, e segurava um livro aberto com a outra. Primeiro, Tanis ficou imaginando o que é que o mago estava estudando, depois ele percebeu que era um livro de magia. É a maldição dos magos, o fato deles terem de estudar constantemente e memorizar suas magias todos os dias. As palavras da mágica se incendeiam na mente, depois bruxuleiam e se apagam quando a magia é feita. Cada magia esgota um pouco da energia física e mental do mágico até ele ficar completamente exausto e ter de descansar antes de ser capaz de usar sua mágica novamente.

Flint caminhava ao lado de Caramon. Os dois começaram a discutir tranqüilamente sobre o acidente de barco de dez anos antes.

— Tentando pegar um peixe com suas mãos nuas —, Flint grunhiu irritado.

Tanis vinha por último, caminhando próximo ao homem das planícies. Ele voltou sua atenção para Lua Dourada. Vendo-a sob a luz cinza debaixo das árvores, ele notou linhas em volta de seus olhos que faziam com que ela parecesse mais velha do que seus vinte e nove anos.

— Nossas vidas não têm sido fáceis —, Lua Dourada lhe confidenciou enquanto eles caminhavam — Vendaval e eu nos amamos há muitos anos, mas a lei do meu povo diz que um guerreiro que quer se casar com a Filha do Líder tem de realizar um grande feito para provar que é digno dela. Foi pior conosco. A família de Vendaval foi expulsa da tribo anos atrás por se recusar a adorar

nossos ancestrais. O avó dele acreditava em deuses antigos que tinham existido antes do Cataclismo, embora ele fosse capaz de encontrar pouca evidência da existência deles em Krynn.

— Meu pai tinha decidido que eu não deveria me casar com alguém tão abaixo do meu nível. Ele enviou Vendaval numa missão impossível: encontrar algum objeto com propriedades sagradas que provariam a existência desses deuses antigos. É claro que meu pai não acreditava que tal objeto existisse. Ele esperava que Vendaval morresse, ou que eu viesse a amar outro homem — Ela olhou para o alto guerreiro que caminhava ao seu lado e sorriu. Mas o rosto dele era impenetrável, os olhos fixos na distância. O sorriso dela desapareceu. Suspirando, ela continuou sua história, falando suavemente, mais para si mesma do que para Tanis.

— Vendaval ficou longe durante muitos anos. E minha vida se tornou vazia. Algumas vezes eu pensei que meu coração ia morrer. Então, exatamente uma semana atrás, ele retornou. Ele estava meio morto, falava coisas sem sentido e tinha uma febre muito alta. Ele chegou ao acampamento cambaleando e caiu a meus pés, a pele dele parecia estar queimando. Em sua mão, ele segurava o cajado. Nós tivemos que abrir seus dedos para soltá-lo. Mesmo inconsciente, ele não o largava.

— Delirado por causa da febre, ele falava de um lugar escuro, uma cidade destruída, na qual a morte tinha asas negras. Então, quando ele tinha quase enlouquecido de medo e horror e os servos tiveram que amarrar seus braços na cama, ele se lembrou de uma mulher, uma mulher vestida com uma luz azul. Ela apareceu para ele no lugar escuro, ele disse, curou-o e deu-lhe o cajado. Quando se lembrou dela, ele ficou mais calmo e sua febre passou.

— Dois dias atrás —, ela fez uma pausa, só fazia dois dias? Parecia uma vida inteira! Suspirando, ela continuou — Ele presenteou meu pai com o cajado, dizendo a ele que o cajado tinha sido dado a ele por uma deusa, embora ele não soubesse o nome dela. Meu pai olhou para este cajado —, Lua Dourada

o levantou, — e ordenou que ele fizesse alguma coisa, qualquer coisa. Nada aconteceu. Ele jogou o cajado de volta para Vendaval, dizendo-lhe que era uma farsa e ordenou que o povo o apedrejasse até a morte, como punição por sua blasfêmia!

O rosto de Lua Dourada ficou mais pálido enquanto ela falava, o rosto de Vendaval continuava impassível e triste.

— A tribo prendeu Vendaval e o arrastou para o Muro das Lamentações — ela disse, falando pouca coisa mais alto que um sussurro — Eles começaram a jogar pedras. Ele olhou para mim com tanto amor e gritou dizendo que nem mesmo a morte nos separaria. Eu não conseguia suportar a idéia de viver minha vida sozinha, sem ele. Eu corri para ele. As pedras nos acertaram ... — Lua Dourada colocou a mão sobre a testa, franzindo o rosto, lembrando a dor, e a atenção de Tanis foi chamada por uma nova cicatriz serrilhada, em sua pele morena -Houve um clarão ofuscante. Quando Vendaval e eu pudemos ver de novo nós estávamos em pé na estrada fora de Solace. O cajado tinha um brilho azul, depois sua luz diminuiu e se apagou, até ficar do jeito que você o vê agora. Foi aí que nós decidimos ir a Haven e perguntar sobre o cajado aos homens sábios do templo.

— Vendaval —, Tanis perguntou, incomodado, — o que é que você lembra dessa cidade destruída? Onde ela era?

Vendaval não respondeu. Ele olhou para Tanis com o canto de seus olhos escuros e era óbvio que seus olhos tinham estado bem distantes. Depois, ele fixou os olhos nas árvores frondosas.

— Tanis meio elfo —, ele disse finalmente — É esse é seu nome?

— Entre os humanos, é assim que eu sou chamado —, Tanis respondeu.

Meu nome élfico é longo e difícil de ser pronunciado por humanos.

Vendaval franziu a testa.

— Por que é —, ele perguntou, — que você é chamado meio elfo e não meio humano?

A pergunta atingiu Tanis como um soco. Ele quase podia se ver estendido na poeira do chão e teve que se esforçar para parar e engolir uma resposta mal educada. Ele sabia que Vendaval estava fazendo esta pergunta por uma razão. Ela não tinha a intenção de insultar. Era um teste. Tanis percebeu. Ele escolheu suas palavras cuidadosamente.

— De acordo com os humanos, meio elfo é parte de um ser completo. Meio homem é um aleijado.

Vendaval refletiu sobre a resposta, por fim acenou abruptamente com a cabeça e respondeu a pergunta de Tanis.

— Eu vaguei durante muitos anos —, ele respondeu — Muitas vezes, eu não tinha a menor idéia de onde eu estava. Eu segui o sol, as luas e as estrelas. Minha última jornada é como um sonho sombrio —, ele se calou por um momento. Quando recomeçou, era como se estivesse falando de algum lugar bem distante — Era uma cidade que já foi linda, com prédios brancos sustentados por altas colunas de mármore. Mas agora, parece que uma mão enorme levantou a cidade e a jogou montanha abaixo. A cidade é agora, muito velha e muito maligna.

— Morte em asas negras —, Tanis disse suavemente.

— Ela se levantava como uma deusa da escuridão, suas criaturas a adoravam gritando e uivando — O rosto do homem das planícies empalideceu sob sua pele queimada pelo sol. Ele estava suando no ar frio da manhã — Eu não consigo falar mais sobre isso! — Lua Dourada colocou sua mão no braço dele e a tensão no rosto dele desapareceu.

— E no meio desse horror veio uma mulher que lhe deu o cajado?—Tanis continuou.

— Ela me curou —, Vendaval disse de maneira simples — Eu estava morrendo.

Tanis olhou intensamente para o cajado que Lua Dourada segurava em sua mão. Era um cajado comum que ele nunca teria percebido até sua atenção

ser chamada para ele. Havia um adereço estranho entalhado no topo do cajado e penas, daquelas que os bárbaros admiram, amarradas em volta dele. Além disso, ele tinha visto o brilho azul! Ele tinha sentido seus poderes curativos. Seria ele um presente de deuses antigos que vinham ajudá-los na hora que eles precisavam? Ou seria maligno? E o que é que ele sabia sobre esses bárbaros? Tanis pensou sobre a afirmação de Raistlin, de que o cajado só poderia ser tocado por pessoas puras de coração. Ele balançou a cabeça. Soava bem. Ele queria acreditar nisso...

Tanis, perdido em pensamentos, sentiu Lua Dourada tocar seu braço. Ele olhou para cima e viu Sturm e Caramon fazendo sinais. O meio elfo de repente percebeu que ele e o homem das planícies tinham ficado bem atrás dos outros. Ele disparou a correr.

— O que é?

Sturm apontou.

— Nosso batedor está voltando —, ele disse bem seco.

Tasslehoff vinha correndo pela estrada na direção deles. Ele acenou com o braço três vezes.

— Para a mata! —Tanis ordenou. O grupo saiu apressadamente da estrada e mergulhou entre os arbustos e árvores que cresciam ao longo do lado sul, todos, exceto Sturm.

— Vamos! —Tanis colocou a mão no braço do cavaleiro. Sturm se afastou do meio elfo.

— Eu não vou me esconder numa vala! — o cavaleiro afirmou friamente.

— Sturm ... —Tanis começou, lutando para controlar a raiva que crescia. Ele segurou palavras amargas que não ajudariam em nada e poderiam causar um dano irreparável. Ao invés disso, ele se afastou do cavaleiro, com os lábios comprimidos e esperou pelo kender com um sorriso irritado.

Tas veio correndo, bolsas e mochilas balançando como loucas enquanto ele corria.

— Clérigos! ele respirou fundo — Um grupo de clérigos. Oito. Sturm fungou.

— Eu pensei que fosse no mínimo um batalhão de guardas goblins. Eu acho que nós podemos cuidar de um grupo de clérigos.

— Não sei não —, Tasslehoff disse, em dúvida — Eu já vi clérigos de todas artes de Krynn e nunca tinha visto nenhum como estes — Ele olhou para a estrada apreensivo, depois levantou os olhos para Tanis com uma seriedade não era comum em seus olhos castanhos — Você se lembra do que Tika disse e sobre os homens estranhos em Solace reunidos com Hederick? Como eles eram encapuzados e vestiam robes pesados? Bem, isso descreve estes clérigos com precisão! E, Tanis, eles me deram uma sensação tenebrosa — O kender tremia — eles vão aparecer dentro de alguns minutos.

Tanis olhou para Sturm. O cavaleiro ergueu as sobrancelhas. Ambos sabiam que os kenders não sentiam medo, mas mesmo assim, eram extremamente sensíveis à natureza de outras criaturas. Tanis não conseguiu se lembrar de algum momento no qual a visão de qualquer ser em Krynn tivesse dado a Tas uma "sensação tenebrosa", e ele já tinha estado com o kender em alguns lugares ruins. — Lá vêm eles —, Tanis disse repentinamente. Ele, Sturm e Tas se voltaram para a sombra das árvores à esquerda, observando enquanto os clérigos faziam lentamente uma curva na estrada. Eles estavam muito longe para que o meio elfo pudesse descobrir muita coisa sobre eles, exceto que eles estavam se movendo bem devagar, puxando um grande carrinho de mão atrás deles.

— Talvez você devesse falar com eles, Sturm —, Tanis disse suavemente — Nós precisamos de informação sobre a estrada daqui para frente. Mas tenha cuidado meu amigo.

— Eu terei cuidado —, Sturm disse, sorrindo — Não tenho intenção de jogar minha vida fora sem necessidade.

O cavaleiro segurou o braço de Tanis por um instante numa retratação silenciosa, depois baixou a mão para soltar a espada em sua bainha antiga. Ele foi para o outro lado da estrada e ficou encostado contra uma cerca de madeira quebrada, com a cabeça abaixada, como se estivesse descansando. Tanis ficou parado, indeciso por um momento, depois virou-se e se enfiou na mata, Tasslehoff seguiu logo atrás dele.

— O que é isso? — Caramon reclamou quando Tanis e Tas apareceram. O grande guerreiro mudou seu cinturão de armas de lugar, fazendo com que seu arsenal chacoalhasse e produzisse um som alto de metal batendo. O resto dos companheiros estava agrupado, escondidos atrás de uma grossa massa de vegetação, mas ainda capazes de ter uma clara visão da estrada.

— Psiu — Tanis se ajoelhou entre Caramon e Vendaval, que estavam agachados no meio do mato a menos de um metro à esquerda de Tanis — Clérigos —, ele sussurrou — Um grupo deles vindo pela estrada. Sturm vai fazer algumas perguntas a eles.

— Clérigos! — Caramon falou com sarcasmo e se acomodou confortavelmente sobre os calcanhares. Mas Raistlin movia-se com impaciência.

— Clérigos —, ele sussurrou pensativo — Eu não gosto disso.

— O que você quer dizer? — perguntou Tanis.

Raistlin deu uma olhada para o meio elfo a cabeça escondida na sombra escura de seu capuz. Tudo que Tanis podia ver eram os olhos dourados em forma de ampulheta do mago, dois riscos estreitos de astúcia e inteligência.

— Clérigos estranhos —, Raistlin falou com uma paciência elaborada, como alguém que fala com uma criança — O cajado tem poderes clericais de cura, poderes que não são vistos em Krynn desde o Cataclismo! Caramon e eu vimos alguns destes homens com manto e capuz em Solace. Você não acha

estranho, meu amigo, que estes clérigos e este cajado tenham aparecido no mesmo lugar ao mesmo tempo quando nenhum deles havia sido visto antes? Talvez este cajado seja realmente deles... por direito.

Tanis olhou para Lua Dourada. O rosto dela estava coberto de preocupação. Com certeza ela deve estar pensando a mesma coisa. Ele olhou de volta para a estrada. As figuras de manto vinham puxando o carrinho a passo de tartaruga. Sturm sentou na cerca, acariciando os bigodes.

Os companheiros esperavam em silêncio. Nuvens cinza se agrupavam acima de suas cabeças, o céu se escureceu e logo a água começou a pingar através dos galhos das árvores.

— Olha aí, está chovendo —, Flint resmungou — Não é suficiente eu ter de me agachar no mato como um sapo, agora vou ficar molhado até a alma ...

Tanis olhou para o anão. Flint resmungou e ficou quieto. Em pouco tempo, a única coisa que os companheiros conseguiam ouvir era a chuva pingando contra as folhas já molhadas e batendo ritmicamente nos elmos e escudos. Era uma chuva fria e contínua, daquele tipo que penetra o manto mais grosso. Ela escorregava pelo elmo de dragão de Caramon e pingava em seu pescoço. Raistlin começou a tremer e tossir, cobrindo a boca com a mão para abafar o som quando todos olharam para ele assustados.

Tanis olhou para a estrada. Como Tas, ele nunca tinha visto algo que se pudesse comparar com estes clérigos em seus cem anos de vida em Krynn. Eles eram altos, cerca de um metro e oitenta de altura. Roupões longos embrulhavam seus corpos e mantos com capuz cobriam os roupões. Até mesmo os pés e as mãos estavam cobertos por panos, como bandagens cobrindo feridas leprosas. Enquanto se aproximavam de Sturm, eles olharam em volta cautelosamente. Um deles olhou diretamente para o trecho de vegetação onde os companheiros estavam escondidos. Eles podiam ver apenas olhos escuros brilhando por uma pequena abertura no pano.

— Salve, Cavaleiro de Solamnia —, o clérigo chefe disse na Língua Comum. Sua voz era oca, algumas consoantes mal pronunciadas, uma voz não humana. Tanis gelou.

—Saudações, irmãos —, Sturm respondeu, também em Comum — Viajei muitos quilômetros hoje e vocês são os primeiros viajantes que encontro. Tenho ouvido boatos estranhos e procuro informação sobre a estrada adiante. De onde vocês vêm?

— Nós somos do leste —, o clérigo respondeu — Mas hoje nós viajamos de Haven Está um dia muito frio para viajar, cavaleiro, talvez seja por isso que a estrada está vazia. Nós mesmos não viajaríamos hoje, não fosse por motivo de necessidade. Nós não passamos por você na estrada, então você deve estar vindo de Solace, Senhor Cavaleiro.

Sturm concordou com a cabeça. Vários dos clérigos que estavam em pé atrás do carrinho com capuzes em seus rostos, começaram a se entreolhar e sussurrar. O clérigo chefe falou com eles numa língua gutural muito estranha. Tanis olhou para seus companheiros. Tasslehoff balançou a cabeça. O mesmo aconteceu com o resto; nenhum deles a tinha escutado antes. O clérigo voltou a falar Comum.

— Estou curioso para saber dos boatos dos quais você fala, cavaleiro.

— Ouvi conversas sobre exércitos ao norte —, Sturm respondeu — Estou viajando naquela direção, para minha terra natal, Solamnia. Eu não gostaria de me ver no meio de uma guerra para a qual não fui convidado.

— Nós não ouvimos estes boatos —, o clérigo respondeu — Até onde nós sabemos, a estrada em direção ao norte está limpa.

— Ah, é isso que dá dar ouvidos a companheiros bêbados — Sturm encolheu os ombros — Mas qual é a necessidade que leva os irmãos a viajarem com tempo tão ruim?

— Nós buscamos um cajado —, o clérigo respondeu de imediato — Um cajado de cristal azul. Nós ouvimos dizer que ele foi visto em Solace. Você sabe alguma coisa a respeito?

— Sim —, Sturm respondeu — Eu ouvi falar desse cajado em Solace dos mesmos companheiros que me falaram sobre os exércitos ao norte. Devo acreditar nessas histórias ou não?

Isso pareceu confundir o clérigo por um momento. Ele olhou a sua volta, sem ter certeza de como reagir.

— Diga-me —, disse Sturm, reclinando-se na cerca, — por que é que vocês procuram um cajado de cristal azul? Certamente, um simples de madeira teria melhor serventia a vocês cavalheiros clericais.

— Trata-se de um cajado sagrado de cura —, o clérigo respondeu com voz grave — Um de nossos irmãos está gravemente doente e morrerá sem o toque abençoado desta relíquia sagrada.

— Cura? — Sturm ergueu as sobrancelhas — Um cajado sagrado de cura seria de grande valor. Como vocês não sabem onde colocaram objeto tão raro e maravilhoso?

— Não é que não saibamos onde o colocamos! — o clérigo disse. Tanis viu as mãos do homem se apertarem de raiva — Ele foi roubado de nossa ordem. Nós seguimos o ladrão até uma vila bárbara nas planícies, depois perdemos a pista dele. Mas, correm boatos de acontecimentos estranhos em Solace, por isso estamos indo para lá — Ele gesticulou para a parte de trás do carrinho — Esta viagem monótona não é nada mais que um pequeno sacrifício para nós, quando comparada à agonia e dor que nossos irmãos estão sentindo.

— Temo não poder ajudá-los... —, Sturm começou a falar.

— Eu posso lhe ajudar! — gritou uma bela voz do lado de Tanis. Ele tentou segurá-la, mas era tarde demais. Lua Dourada tinha se levantado da vegetação e caminhava com determinação para a estrada, empurrando para os

lados, galhos de árvores e arbustos espinhentos. Vendaval levantou-se de uma só vez e começou a andar atrás dela.

— Lua Dourada! —Tanis se arriscou num sussurro penetrante.

— Eu tenho de saber! — foi tudo o que ela disse.

Os clérigos, ouvindo a voz de Lua Dourada, se entreolharam, acenando com o capuz em suas cabeças. Tanis sentiu o cheiro de confusão, mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Caramon também se levantou.

— O povo da planície não vai me deixar numa vala enquanto eles se divertem! — Caramon afirmou, enfiando-se na mata atrás de Vendaval.

—Todo mundo ficou louco? — Tanis grunhiu. Ele agarrou Tasslehoff pela gola da camisa, arrastando o kender de volta, pois ele estava pronto para sair alegremente atrás de Caramon — Flint, fique de olho no kender. Raistlin...

— Não precisa se preocupar comigo, Tanis —, o mago sussurrou — Eu não tenho nenhuma intenção de ir até lá.

— Certo. Bem, fique aqui — Tanis levantou-se e começou a andar lentamente para frente, e uma "sensação tenebrosa" se abateu sobre ele.

8

A BUSCA DA VERDADE.

RESPOSTAS INESPERADAS.

Eu posso lhes ajudar — A voz de Lua Dourada soou limpa como um sino de prata. A Filha do Líder viu o olhar chocado de Sturm; ela compreendeu o aviso de Tanis. Mas este não foi o ato de uma mulher tola e histérica. Lua Dourada estava longe disso. Ela tinha governado sua tribo durante dez anos, desde que a enfermidade tinha se abatido sobre seu pai como um relâmpago, deixando-o incapaz de falar com clareza nem movimentar o braço e a perna direita. Ela tinha liderado sua tribo em tempos de guerra com as tribos vizinhas e em tempos de paz. Ela tinha frustrado tentativas de lhe roubarem o poder. Ela sabia que o que ela estava fazendo nesse momento era perigoso. Estes clérigos estranhos enchiam-na de repugnância. Mas era óbvio que eles sabiam alguma coisa sobre esse cajado e ela tinha de saber a resposta.

— O cajado de cristal azul encontra-se em meu poder —, Lua Dourada disse, aproximando-se do líder dos clérigos, com a cabeça orgulhosamente ereta — Mas nós não o roubamos; o cajado nos foi dado.

Vendaval parou em um dos lados dela, Sturm do outro. Caramon veio correndo através da vegetação e ficou atrás dela com a mão no punho da espada e um sorriso ansioso no rosto.

— Assim você diz —, o clérigo disse com uma voz suave de escárnio. Ele fitou o cajado marrom na mão dela com olhos ávidos, negros e brilhantes, depois esticou a mão coberta bandagens para pegá-lo. Lua Dourada puxou rapidamente o cajado para junto de seu corpo.

— O cajado foi tirado de um lugar de grande mal —, ela disse — Eu farei o que for preciso para ajudar seu irmão enfermo, mas não vou entregar o cajado a você ou a quem quer que seja, até estar completamente convencida de seu direito a ele.

O clérigo hesitou, olhou novamente para seus companheiros. Tanis os viu fazerem gestos nervosos em direção aos cintos largos de pano que eles usavam amarrados em volta de seus roupões folgados. Tanis notou que os cintos eram largos e incomuns e tinham um estranho volume debaixo deles que não era, ele tinha certeza, produzido por livros de orações. Ele praguejou frustrado, desejando que Caramon e Sturm estivessem prestando atenção. Mas Sturm parecia completamente relaxado e Caramon cutucava Sturm, como se os dois estivessem curtindo uma piada entre eles. Tanis levantou o arco cuidadosamente e colocou uma flecha na corda.

O clérigo finalmente curvou a cabeça em submissão e enfiou as mãos nas mangas.

— Nós seremos gratos por qualquer ajuda que você puder dar a nosso pobre irmão —, ele disse com a voz abafada — Depois, eu espero que vocês e seus companheiros voltem conosco para Haven. Eu prometo que você se convencerá de que o cajado veio parar em suas mãos por engano.

— Nós vamos para onde decidirmos ir, irmão —, Caramon grunhiu. Tolo! Tanis pensou. O meio elfo pensou em gritar um aviso, depois decidiu

continuar escondido para o caso de seu temor cada vez maior se concretizar.

Lua Dourada e o líder dos homens com mantos passaram pelo carrinho, Vendaval ao lado dela. Caramon e Sturm permaneceram próximos à frente do carrinho, olhando-o com interesse. Quando Lua Dourada e o clérigo chegaram à traseira, o clérigo escondeu sua mão coberta de bandagens e levou Lua Dourada na direção do carrinho. Ela se esquivou de seu toque e adiantou-se sozinha. O clérigo curvou-se humildemente depois levantou um pano que cobria a traseira do carrinho. Segurando o cajado à sua frente, Lua Dourada olhou para dentro do carrinho.

Tanis viu uma explosão de movimento. Lua Dourada gritou. Houve um clarão de luz azul e um grito. Lua Dourada pulou para trás enquanto Vendaval postava-se a sua frente. O clérigo levantou um chifre na direção de seus lábios e tocou umas notas longas e lamentosas.

— Caramon! Sturm! —Tanis gritou, levantando seu arco — É uma arma... Um grande peso caiu sobre o meio elfo vindo do alto, derrubando no chão. Mãos fortes tentavam agarrar sua garganta enquanto empurravam seu rosto contra as folhas molhadas e a lama. Os dedos do homem tinham-no agarrado de jeito e começaram a apertar. Tanis lutou para respirar, mas seu nariz e sua boca estavam cheios de lama. Já vendo estrelas, ele atacou freneticamente as mãos que tentavam esmagar sua garganta. O aperto do homem era incrivelmente forte. Tanis sentiu que começava a perder a consciência. Ele tencionou músculos para uma última e desesperada tentativa, depois ouviu um grito rouco e o barulho de um osso sendo esmagado. As mãos relaxaram seu aperto e o enorme peso foi tirado de cima dele.

Tanis ficou de joelhos e sentia muita dor ao respirar. Limpando a lama de eu rosto ele olhou para cima e viu Flint com um pedaço de tronco nas mãos. Mas os olhos do anão não estavam olhando para ele. Eles olhavam para o corpo a seus pés.

Tanis acompanhou o olhar perplexo do anão e se encolheu aterrorizado. Não era um homem! Asas, coriáceas, saiam de suas costas. Asas cheias de escamas, como um réptil; as mãos e os pés eram grandes e tinham garras, mas ele andava em pé como um homem. O rosto da criatura, entretanto, foi o que fez ele estremecer. Não era o rosto de qualquer ser vivo que ele já tivesse visto antes, nem em Krynn nem em seus mais loucos pesadelos. A criatura tinha o rosto de um homem, mas era como se um ser maligno o tivesse retorcido e transformado no rosto de um réptil!

— Por todos os deuses —, Raistlin falou, arrastando-se até Tanis — O que é isso?

Antes que Tanis pudesse responder, ele viu pelo canto dos olhos o forte brilho de uma luz azul e ouviu o chamado de Lua Dourada.

Por um momento, enquanto olhava para dentro do carrinho, Lua Dourada ficou tentando imaginar que doença terrível poderia transformar a carne de um homem em escamas. Ela tinha se adiantado para tocar o pobre clérigo com seu cajado, mas naquele instante a criatura saltou sobre ela, tentando agarrar o cajado com as garras de sua mão. Lua Dourada tropeçou para trás, mas a criatura foi rápida e as garras de sua mão se fecharam em volta do cajado. Houve um clarão ofuscante de luz azul. A criatura gritou de dor e caiu para trás, apertando sua mão negra. Vendaval, de espada em punho, tinha se colocado à frente da filha de seu líder.

Mas agora ela ouvia ele respirar com dificuldade e viu o braço que empunhava a espada cair de fraqueza. Ele cambaleou para trás e não fez nenhum esforço para se defender. Mãos ásperas com bandagens agarraram Lua Dourada por trás. Uma mão horrível cheia de escamas tapava sua boca. Lutando para se libertar, ela deu uma espiada em Vendaval. Ele olhava com os olhos arregalados de terror a coisa que estava no carrinho, o rosto mortalmente pálido e a respiração rápida e superficial como um homem que acorda de um pesadelo e descobre que é tudo realidade.

Lua Dourada, filha forte de uma raça de guerreiros, deu um chute para trás tentando atingir o joelho do clérigo que a segurava. Seu chute habilidoso pegou seu oponente de surpresa e esmagou-lhe a rótula. No instante que o clérigo afrouxou o aperto, Lua Dourada deu uma volta e o acertou com o cajado. Ela ficou surpresa ao ver o clérigo despencar no chão, parecendo ter sido derrubado com um soco que o próprio Caramon teria invejado. Ela olhou perplexa para o cajado que agora emitia uma luz azul brilhante. Mas não havia tempo para se maravilhar, outras criaturas a cercavam. Ela brandiu o cajado luzente percorrendo um arco largo, mantendo-os afastados. Mas, por quanto tempo?

— Vendaval!

O grito de Lua Dourada tirou o homem das planícies de seu estado de terror. Virando-se, ele a viu caminhando de costas para a floresta, mantendo os clérigos à distância com seu cajado. Ele agarrou um dos clérigos por trás e o jogou pesadamente no chão. Um outro se jogou sobre ele enquanto um terceiro correu na direção de Lua Dourada.

Houve um ofuscante clarão azul.

Um segundo antes de Tanis gritar, Sturm tomou consciência de que os clérigos tinham preparado uma armadilha e sacou a espada. Ele tinha visto uma mão com garras se esticando para agarrar o cajado pelos vãos entre as tábuas do carrinho. Ele tinha corrido para dar cobertura a Vendaval. Mas o cavaleiro estava totalmente despreparado para a reação do homem das planícies ao ver a criatura no carrinho. Sturm viu Vendaval cambalear para trás, indefeso, enquanto a criatura empunhava um machado de guerra com a mão que não estava ferida e corria na direção do bárbaro. Vendaval não fez nenhum movimento para se defender. Ele só conseguiu olhar com a arma pendurada em sua mão.

Sturm enfiou sua espada nas costas da criatura. A coisa gritou e se virou para atacá-lo, arrancando com a torção, a espada da mão do cavaleiro. Babando

e gorgolejando em sua fúria de morte, a criatura envolveu o perplexo cavaleiro com seus braços e o carregou para dentro da estrada lamacenta. Sturm sabia que a coisa que o tinha agarrado estava morrendo e se esforçou para vencer o terror e a repulsa que sentiu ao toque de sua pele gosmenta. O grito parou e ele sentiu a criatura ficar rígida. O cavaleiro empurrou o corpo para lado e começou rapidamente a puxar sua espada das costas da criatura. A arma não se mexeu! Ele olhou para ela sem acreditar, depois deu um tranco na espada com toda força, chegando até mesmo a usar o pé contra o corpo para ter mais apoio. A arma estava bem presa. Furioso, ele bateu na criatura com as mãos, depois se afastou com medo e repugnância. A coisa tinha se transformado em pedra.

— Caramon! — Sturm gritou quando outro dos estranhos clérigos partiu em sua direção, brandindo um machado. Sturm se abaixou, sentiu uma dor cortante, e depois ficou cego quando o sangue escorreu sobre seus olhos. Ele tropeçou, incapaz de ver e um peso esmagador o jogou no chão.

Caramon, que estava próximo à frente do carrinho, partiu em socorro de Lua Dourada quando ouviu o grito de Sturm. Então, duas das criaturas o atacaram. Brandindo sua espada curta de um lado para o outro para forçá-los a manter distância, Caramon sacou sua adaga com a mão esquerda. Um clérigo pulou sobre ele e Caramon o cortou, produzindo um corte profundo na carne da criatura. Ele sentiu um cheiro fétido de coisa em decomposição e viu uma mancha verde repulsiva aparecer no roupão do clérigo, mas o ferimento pareceu dar a impressão de servir somente para enraivecer a criatura. Ela continuou avançando, a saliva pingando de suas mandíbulas que eram as mandíbulas de um réptil, não de um homem. Por um instante, o pânico tomou conta de Caramon. Ele já tinha lutado contra trolls e goblins, mas estes clérigos horríveis o deixavam completamente amedrontado. Ele se sentiu perdido e sozinho, então, ouviu um sussurro tranqüilizante perto dele.

— Eu estou aqui, meu irmão — A voz calma de Raistlin encheu sua cabeça.

— Já não era sem tempo —, Caramon arquejou, ameaçando a criatura com sua espada — Que tipo de clérigos infames são estes?

— Não os perfure! — Raistlin advertiu rapidamente — Eles viram pedra. Eles não são clérigos. São um tipo de homem réptil. Essa é a razão para eles estarem usando roupões e capuzes.

Apesar de serem diferentes como a sombra e a luz, os gêmeos lutavam bem em grupo. Eles trocavam algumas palavras durante a batalha, seus pensamentos emergindo mais rápido do que qualquer língua seria capaz de traduzir. Caramon largou a espada e a adaga e flexionou os enorme músculos de seus braços. As criaturas, ao verem Caramon largar suas armas, avançaram na direção dele. As bandagens tinham se soltado e voavam de forma grotesca em volta delas. Caramon fez uma careta ao ver os corpos cheios de escamas e as mãos com garras.

— Estou pronto, ele disse a seu irmão.

— Ast tasark simiralan krynawi —, disse Raistlin suavemente, e jogou um punhado de areia no ar. As criaturas pararam, balançaram as cabeças grogues enquanto um sono mágico caia sobre eles... mas, então, eles piscaram os olhos. Depois de alguns minutos, eles recobraram a consciência e atacaram novamente!

— Resistentes à magia! — Raistlin murmurou espantado. Mas aquele breve interlúdio de um quase sono, foi suficiente para Caramon. Envolvendo os pescoços esqueléticos das criaturas com suas mãos enormes, o guerreiro bateu suas cabeças uma contra a outra. Os corpos caíram no chão como estátuas sem vida. Caramon olhou para cima e viu mais clérigos rastejando sobre os corpos de pedra de seus irmãos, espadas de lâmina curva brilhavam em suas mãos envoltas em bandagens.

— Fique atrás de mim —, Raistlin ordenou num sussurro rouco. Caramon se agachou e pegou a adaga e a espada. Ele se movia atrás de seu

irmão, temendo pela segurança do gêmeo, mas sabendo que Raistlin não poderia lançar sua magia se ele ficasse no caminho do mago.

Raistlin olhou fixamente as criaturas que, ao reconhecerem um utilizador de magia, pararam e olharam uma para a outra, hesitantes, sem se aproximarem. Um deles se jogou no chão e rastejou para debaixo do carrinho. O outro avançou com a espada preparada, na esperança de impalar o mago antes que a mágica fosse conjurada, ou pelo menos interromper a concentração que era tão necessária para o realizador da magia. Caramon berrou. Raistlin parecia não ouvir nem ver qualquer um deles. Lentamente ele levantou as mãos. Mantendo seus polegares juntos, ele abriu os dedos como um leque e disse:

— Kair tangus miopiar — A mágica atravessou seu corpo delicado e a criatura foi envolta em chamas.

Recobrando-se de seu choque inicial, Tanis ouviu Sturm gritar e correu para a estrada. Ele brandiu a espada como uma clava e acertou a criatura que mantinha Sturm preso ao chão. O clérigo caiu com um grito e Tanis conseguiu arrastar o cavaleiro ferido para o mato.

— Minha espada —, Sturm resmungou, atordoado. O sangue escorria pelo seu rosto; ele tentou limpá-lo mas não conseguiu.

— Nós a pegaremos —, Tanis prometeu, tentando imaginar como. Olhando para a estrada, ele viu uma grande quantidade de criaturas, saindo da mata e caminhando na direção deles. A boca de Tanis estava seca. Nós temos que sair daqui, ele pensou, lutando contra o pânico. Ele se forçou a parar e respirar fundo. Depois, ele se voltou para Flint e Tasslehoff que tinham corrido atrás dele.

— Fiquem aqui e protejam Sturm —, ele instruiu — Eu vou juntar os outros. Nós vamos voltar para a mata.

Sem esperar resposta, Tanis correu para a estrada, mas as chamas da magia de Raistlin se acenderam e ele foi obrigado a se jogar no chão.

O carrinho começou a soltar fumaça quando o estrado de palha sobre o qual a criatura estava deitada pegou fogo.

— Fique aqui e proteja Sturm, uh! — Flint disse, segurando com firmeza seu machado de batalha. Por ora, as criaturas que vinham pela estrada pareciam não ter notado a presença do anão, do kender nem do cavaleiro ferido, deitado na sombra das árvores. Sua atenção estava focalizada em dois pequenos grupos de guerreiros em luta. Mas Flint sabia que era somente uma questão de tempo. Ele plantou mais firmemente os pés no chão — Faça algo por Sturm —, ele disse para Tas irritado — Faça alguma coisa de útil pelo menos uma vez.

— Eu estou tentando —, Tasslehoff respondeu num tom magoado — Mas eu não consigo estancar o sangue — Ele limpou os olhos do cavaleiro com um lenço razoavelmente limpo — Pronto, você consegue ver agora? — ele perguntou ansioso.

Sturm grunhiu e tentou se sentar, mas a dor se espalhou por sua cabeça e ele caiu para trás.

— Minha espada —, ele disse.

Tasslehoff olhou em volta e viu a arma de duas mãos cravada nas costas do clérigo morto.

—Fantástico! — exclamou o kender de olhos arregalados. — Olhe, Flint!

A espada de Sturm...

— Eu sei, seu kender idiota com cérebro de sapo! — Flint rugiu com a lâmina em punho quando ele viu uma criatura correndo na direção deles.

—Eu vou buscá-la —, Tas disse alegremente para Sturm enquanto se ajoelhava ao seu lado — Não demoro nada.

—Não... Flint gritou, percebendo que o clérigo que estavam atacando estava fora do campo de visão de Tas. A espada curva e maligna da criatura moveu-se num arco brilhante que tinha o pescoço do anão como endereço. Flint brandiu o machado, mas naquele momento, Tasslehoff, que estava de olho na espada de Sturm, levantou-se. O cajado hoopak do kender atingiu Flint

na parte de trás dos joelhos, fazendo com que suas pernas se dobrassem. A espada da criatura assobiou inofensiva sobre a cabeça do anão, enquanto ele dava um grito perplexo e caia de costas em cima de Sturm.

Tasslehoff, ouvindo o anão gritar, olhou para trás, surpreso com a estranha cena: um clérigo estava atacando o anão que, por alguma razão, estava deitado de costas, com as pernas para cima quando ele deveria estar em pé lutando.

— O que é que você está fazendo, Flint? —Tas gritou. Indiferentemente, ele atingiu a criatura no peito com seu hoopak, atingiu-a novamente na cabeça, o que a fez curvar-se para frente e a observou caindo ao chão, inconsciente.

— Pronto! — ele disse irritado para Flint — Eu tenho que resolver tudo para você? — O kender virou-se e caminhou na direção da espada de Sturm.

— Lute! Por mim! — O anão levantou-se com dificuldade cuspindo de ódio. Seu elmo tinha escorregado para cima de seus olhos, cegando-o momentaneamente. Flint o empurrou para trás no momento em que outro clérigo lançou-se sobre ele, derrubando o anão no chão novamente.

Tanis encontrou Lua Dourada e Vendaval em pé, de costas um para o outro, Lua Dourada se defendendo das criaturas com seu cajado. Três deles estavam mortos a seus pés; seus restos enegrecidos pela chama azul do cajado. A espada de Vendaval tinha ficado presa nas entranhas de uma outra estátua. O homem das planícies tinha tirado de seu ombro sua última arma, o arco curto, e tinha uma flecha já pronta. As criaturas estavam afastadas, naquele momento, discutindo suas estratégias em voz baixa numa língua indecifrável. Sabendo que eles iriam atacar o homem das planícies dentro de instantes, Tanis saltou na direção deles e atingiu uma das criaturas por trás, usando a prancha de sua espada, depois com as costas de sua mão, acertou a outra.

— Vamos! — ele gritou para o homem das planícies — Por aqui!

Algumas das criaturas se viraram diante deste novo ataque; outras hesitaram. Vendaval disparou uma flecha e derrubou uma delas, depois agarrou

a mão de Lua Dourada e juntos eles correram na direção de Tanis, pulando sobre os corpos de pedra de suas vítimas.

Tanis deixou-os passar por ele, defendendo-se das criaturas com a prancha de sua espada.

—Tome, pegue esta adaga! — Ele gritou para Vendaval quando o bárbaro passou por ele correndo. Vendaval agarrou a adaga, virou-a e atingiu uma das criaturas no queixo com um golpe ascendente com o cabo da adaga que quebrou o pescoço da criatura. Houve um novo lampejo de chama azul quando Lua Dourada usou seu cajado para tirar mais uma criatura de seu caminho. Depois, eles entraram nas matas.

O carrinho de madeira queimava. Olhando através da fumaça, Tanis conseguiu ver a estrada. Um frio percorreu sua espinha quando ele viu formas escuras com asas flutuando em direção a eles a quase um quilômetro dos dois lados da estrada. O caminho estava fechado nas duas direções. Eles ficariam sem saída, a menos que fugissem para a floresta imediatamente.

Ele chegou ao lugar onde havia deixado Sturm. Lua Dourada e Vendaval estavam lá, Flint também. Onde estavam os outros? Ele olhou em volta, no meio da fumaça espessa, piscando.

— Ajude Sturm —, ele falou para Lua Dourada. Depois se virou para Flint, que tentava sem sucesso arrancar seu machado do peito de uma criatura de pedra — Onde estão Caramon e Raistlin? E onde está Tas? Eu disse a ele para ficar aqui

— Droga de kender, quase me matou! — Flint explodiu — Espero que eles o levem! Espero que eles o usem como carne para cachorro! Espero...

— Em nome dos deuses! —Tanis praguejou irritado. Ele saiu andando em direção ao lugar onde tinha visto Caramon e Raistlin pela última vez e deu de cara com o kender que vinha arrastando a espada de Sturm de volta. A arma era

quase tão grande quanto Tasslehoff e ele não conseguia levantá-la, por isso ele a arrastava pela lama.

— Como você conseguiu fazer isso? —Tanis perguntou maravilhado, tossindo por causa da fumaça espessa que havia em volta deles.

Tas sorriu, lágrimas escorrendo pelo rosto por causa da fumaça em seus olhos—A criatura virou pó —, ele disse feliz — Oh, Tanis, foi maravilhoso. Eu cheguei lá e puxei a espada e ela não saiu, aí eu puxei outra vez e...

— Agora não! Volte para junto dos outros! —Tanis agarrou o kender e o empurrou para frente — Você viu Caramon e Raistlin?

Justamente nessa hora, ele ouviu a voz do guerreiro ribombar no meio da fumaça.

— Nós estamos aqui —, Caramon arquejou. Ele tinha os braços em volta do irmão, que estava tossindo incontrolavelmente — Nós destruímos todos eles? — o homenzarrão perguntou animadamente.

— Não, nós não os destruímos —Tanis respondeu com tristeza — Na verdade, nós temos que fugir para o sul pela floresta — Ele colocou o braço em volta de Raistlin e juntos eles se apressaram de volta para o lugar onde os outros estavam agrupados perto da estrada, sufocados pela fumaça, mas gratos pela cobertura que ela dava.

Sturm estava de pé, o rosto pálido, mas a dor na cabeça tinha sumido e a ferida tinha parado de sangrar.

— O cajado o curou? —Tanis perguntou a Lua Dourada.

Ela tossiu.

— Não completamente. Apenas o suficiente para ele andar.

— Ele tem...limites —, Raistlin disse, ofegante.

— Sim... —Tanis interrompeu — Bem, nós vamos para o sul, pela floresta.

Caramon balançou a cabeça.

— Aquela é a Mata Escura... — ele começou.

— Eu sei, você prefere lutar com os vivos —, Tanis interrompeu — Como é que você se sente a esse respeito agora?

O guerreiro não respondeu.

—Tem mais daquelas criaturas vindo dos dois lados. Nós não conseguiremos resistir a um outro ataque. Mas nós não entraremos na Mata Escura se não precisarmos. Existe uma trilha de caça não muito longe daqui que nós podemos usar para chegar ao Pico Olho do Orador. Lá, nós poderemos ver a estrada para o norte e todas as outras direções.

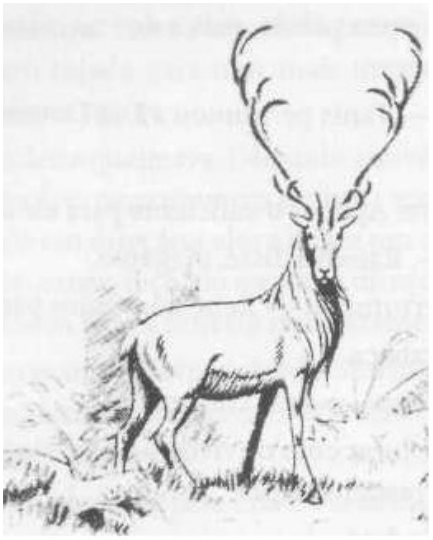
— Nós poderíamos ir para o norte até a caverna. O barco está escondido lá — Vendaval sugeriu.

— Não! — gritou Flint com uma voz sofrida. Sem dizer outra palavra, o anão girou o corpo e se enfiou na mata, correndo para o sul tão rápido quanto suas pequenas pernas podiam carregá-lo.

9

Vôo!

O Cervo Branco.



Os companheiros caminhavam pela densa floresta o mais rápido que podiam e logo chegaram à trilha de caça. Caramon tomou a dianteira, espada em punho, espiando cada sombra. Seu irmão o seguia, com uma mão no ombro de Caramon, os lábios apertados numa determinação feroz. O resto do grupo vinha depois, empunhando suas armas. Mas eles não viram mais nenhuma das criaturas.

— Por que elas não estão nos perseguindo? — Flint perguntou depois de eles terem caminhado uma hora.

Tanis coçou a barba, ele estava se perguntando a mesma coisa.

— Eles não precisam nos perseguir —, ele disse finalmente — Nós estamos presos sem dúvida nenhuma. Eles, bloquearam todas as saídas desta floresta. Com exceção da Mata Escura....

— A Mata Escura! — Lua Dourada repetiu suavemente — Será que é realmente necessário ir por esse caminho?

Pode ser que não seja —, Tanis disse — Nós daremos uma olhada do Pico Olho do Orador.

De repente, eles ouviram Caramon que ia na frente deles gritar. Correndo naquela direção, Tanis descobriu que Raistlin tinha desmaiado.

— Eu vou ficar bem —, o mago sussurrou — Mas preciso descansar. —Todos nós nos beneficiaríamos com um descanso —, Tanis disse.

Ninguém respondeu. Todos se atiraram no chão, recuperando o fôlego. Sturm fechou os olhos e encostou-se em uma pedra coberta de musgo. Seu rosto tinha um chocante tom branco acinzentado. O sangue havia engrossado seus longos bigodes e empastado os fios. O ferimento era um corte denteado, que estava ficando roxo pouco a pouco. Tanis sabia que o cavaleiro morreria antes de emitir qualquer palavra de queixa.

— Não se preocupe —, Sturm disse asperamente — Dê-me apenas um momento de paz —Tanis agarrou o braço do cavaleiro durante um segundo, depois foi se sentar ao lado de Vendaval.

Nenhum deles falou durante um bom tempo, depois Tanis perguntou.

— Você já lutou com essas criaturas antes, não foi?

— Na cidade destruída—Vendaval tremia —Tudo clareou para mim quando eu olhei dentro do carrinho e vi aquela coisa olhando de soslaio para mim! Pelo menos... — Ele fez uma pausa, balançou a cabeça. Depois deu a Tanis um meio sorriso — Pelo menos, agora eu sei que não estava ficando louco. Aquelas criaturas horríveis realmente existem... às vezes eu duvidava.

— Eu imagino —, Tanis murmurou — Então a menos que sua cidade destruída seja perto daqui, estas criaturas estão se espalhando por toda Krynn.

— Não. Eu entrei em Que-Shu pelo leste. Era longe de Solace, além das planícies da minha terra natal.

— O que você acha que aquelas criaturas quiseram dizer, quando falaram que tinham seguido você até nosso vilarejo? — Lua Dourada perguntou

lentamente, encostando o rosto na manga da túnica de couro de Vendaval, passando a mão em torno do braço dele.

— Não se preocupe —, Vendaval disse, colocando as mãos dela nas dele — Os guerreiros de lá, teriam cuidado deles.

— Vendaval, você se lembra do que ia dizer? — ela o lembrou.

— Sim, você tem razão —, Vendaval respondeu, tocando o cabelo prata dourado dela. Ele olhou para Tanis e sorriu. Durante um breve instante, a máscara sem expressão desapareceu e Tanis viu calor humano no fundo dos olhos castanhos do homem — Eu lhe agradeço, meio elfo, e a todos vocês — Seu olhar correu por todos eles — Vocês salvaram nossas vidas mais de uma vez e eu tenho sido mal agradecido. Mas... — ele fez uma pausa —... é tudo tão estanho!

— Vai ficar ainda mais estranho — A voz de Raistlin soou ameaçadora. Os companheiros estavam se aproximando do Pico Olho do Orador. Eles tinham sido capazes de vê-lo da estrada, erguendo-se sobre a floresta. Seus picos partidos pareciam duas mãos postas em oração, por isso o nome. A chuva tinha parado. A mata estava mortalmente silenciosa. Os companheiros começaram a achar que os animais e os pássaros da floresta tinham desaparecido da terra, deixando um tenebroso e vazio silêncio para trás. Todos eles estavam apreensivos, exceto talvez Tasslehoff, e continuaram a olhar para trás e sacar suas espadas para as sombras.

Sturm insistiu em ficar na retaguarda, mas ele começou a ficar para trás quando sua dor de cabeça aumentou. Ele estava começando a ficar tonto e se sentir nauseado. Pouco tempo depois ele tinha perdido completamente a noção de onde estava e o que estava fazendo. Ele só sabia que ele tinha que continuar andando, colocando um pé na frente do outro, movendo-se como um dos autômatos de Tas.

Como era a história de Tas? Sturm tentou se lembrar dela no meio de uma onda de dor. Estes autômatos serviam a um mago que tinha invocado um

demônio para levar o kender embora. Era baboseira, como todas as histórias do kender. Sturm continuou colocando um pé na frente do outro. Baboseira. Como as histórias do velho... o velho na Hospedaria. Histórias do Cervo Branco e dos deuses antigos, Paladine. Histórias de Huma. Sturm colocou a palma das mãos nas têmporas, que estavam latejando, como se ele fosse evitar que sua cabeça se dividisse em duas. Huma....

Quando menino, Sturm tinha ouvido as histórias de Huma. Sua mãe, que era filha de um Cavaleiro de Solamnia, casou-se com um Cavaleiro e não sabia nenhuma outra história que pudesse contar para seu filho. Os pensamentos de Sturm voltaram-se para sua mãe, a dor que ele sentia fazia ele pensar nos cuidados carinhosos quando ele estava doente ou machucado. O pai de Sturm tinha mandado sua esposa e o filho para o exílio porque o menino, seu único herdeiro, era um alvo para aqueles que queriam ver os Cavaleiros de Solamnia banidos para sempre da face de Krynn. Sturm e sua mãe se refugiaram em Solace. Sturm logo fez amizade, particularmente com um outro menino, Caramon, que compartilhava os mesmos interesses que ele tinha nas coisas militares. Mas a orgulhosa mãe de Sturm considerava essas pessoas abaixo do nível dela.

Por isso, quando a febre a consumiu, ela morreu sozinha exceto pela companhia do filho adolescente. Ela tinha confiado o menino ao pai, se é que o pai dele ainda estava vivo, o que Sturm estava começando a duvidar.

Depois da morte da mãe, o jovem rapaz tornou-se um guerreiro experiente sob a liderança de Tanis e Flint, que adotaram Sturm, não oficialmente, como eles já tinham adotado Caramon e Raistlin. Juntos com Tasslehoff, o kender que adora viajar e, em algumas ocasiões, Kitiara, a linda meia-irmã, dos gêmeos, Sturm e seus amigos acompanharam Flint em suas jornadas pelas terras da Abanasinia, trabalhando diligentemente como um ferreiro.

Cinco anos atrás, entretanto, os companheiros decidiram se separar para investigar notícias de um mal que crescia na região. Eles juraram se encontrar na Hospedaria Derradeiro Lar.

Sturm tinha viajado para Solamnia, determinado a encontrar seu pai e sua herança. Ele não encontrou nada e quase não escapou com vida, mas trouxe consigo a armadura e a espada de seu pai. A jornada para sua terra natal foi uma experiência dolorosa. Sturm tinha ouvido dizer que os Cavaleiros eram insultados mas ele ficou chocado ao perceber quão profunda era a animosidade contra eles Huma, Lightbringer, Cavaleiro de Solamnia, tinham afastado a escuridão anos antes, durante a Idade dos Sonhos, e assim havia começado a Idade do P der Depois, veio o Cataclismo, quando os deuses abandonaram os homens, de acordo com a crença popular. O povo tinha se voltado para os Cavaleiros pedindo ajuda, como eles haviam pedido a Huma no passado. Mas Huma tinha morrido há muito tempo. A única coisa que os Cavaleiros podiam fazer era assistir impotentes enquanto o terror caía dos céus e Krynn era despedaçada. O povo tinha suplicado aos Cavaleiros, mas eles não podiam fazer nada e o povo nunca os perdoou. De pé, em frente ao castelo arruinado de sua família, Sturm jurou que ele restauraria a honra dos Cavaleiros de Solamnia, mesmo que isso significasse que ele teria de sacrificar sua vida tentando.

Mas como é que ele podia fazer isso lutando com um monte de clérigos, ele pensava amargamente, enquanto a trilha à sua frente ia ficando cada vez mais estreita. Ele tropeçou, mas recuperou o equilíbrio. Huma tinha lutado contra dragões. Dêem-me dragões, Sturm sonhava. Ele levantou os olhos. As folhas se transformaram numa névoa dourada e ele percebeu que ia desmaiar. Então, ele piscou. Tudo voltou a ficar em foco.

Diante dele erguia-se o Pico Olho do Orador. Ele e seus companheiros tinham chegado ao pé da velha montanha glacial. Ele podia ver trilhas sinuosas que subiam a encosta coberta de árvores, trilhas usada pela população de Solace para chegar até as áreas de piquenique na face oriental do Pico. Próximo a um

dos caminhos bem conhecidos havia um cervo branco. Sturm olhou para ele. O cervo era o animal mais magnífico que o cavaleiro já tinha visto. Era enorme, vários palmos mais alto do que qualquer cervo que o cavaleiro já havia caçado. Tinha a cabeça erguida com orgulho, sua galhada esplêndida brilhava como uma coroa. Seus olhos eram castanho escuro em contraste com a pele completamente branca, e ele estava olhando fixamente para o cavaleiro, como se o conhecesse. Então, com um pequeno movimento da cabeça, o cervo correu para o sudeste.

— Parem! — o cavaleiro gritou rouco.

Os outros se viraram assustados, sacando as armas. Tanis correu de volta até ele.

— O que foi, Sturm?

O cavaleiro colocou involuntariamente a mão na cabeça que doía.

— Me desculpe, Sturm —, Tanis disse — Eu não percebi que você estava tão doente assim. Nós podemos descansar. Nós estamos no sopé do Pico Olho do Orador. Eu vou escalar a montanha e ver...

— Não! Veja! — O cavaleiro segurou o ombro de Tanis e o virou. Ele apontou — Você está vendo? O cervo branco!

— O cervo branco? —Tanis olhou na direção que o cavaleiro tinha indicado — Onde? Eu não...

— Lá —, Sturm disse suavemente. Ele deu alguns passos para frente, na direção do animal que tinha parado e parecia estar esperando por ele. O cervo acenou com sua grande cabeça. Depois, disparou outra vez, mais alguns passos, então, voltou-se para olhar para o cavaleiro mais uma vez — Ele quer que nós o sigamos —, Sturm disse com a voz entrecortada — Como Huma!

A esta altura os outros, já haviam se reunido em torno do cavaleiro, observando-o com expressões que variavam da profunda preocupação até a óbvia descrença.

— Eu não vejo nenhum cervo seja de que cor for —, disse Vendaval, cujos olhos escuros vasculhavam a floresta.

— Ferimento na cabeça — Caramon acenou com a cabeça como um clérigo charlatão — Vamos lá, Sturm, deite-se e descanse um pouco ...

— Seu grandessíssimo idiota! — O cavaleiro rosnou para Caramon — Com o cérebro no estômago, é claro que você não vê nenhum cervo. Você provavelmente o mataria e o cozinharia! Pois eu digo isto que nós devemos segui-lo!

— É a loucura causada pelo ferimento na cabeça —, Vendaval sussurrou para Tanis — Tenho visto isso com freqüência.

— Não tenho tanta certeza —, Tanis disse. Ele ficou calado por alguns minutos. Quando ele falou, foi com uma relutância óbvia — Embora eu mesmo não tenha visto o cervo branco, já estive com alguém que viu e eu o segui, como na história do velho — Sua mão, brincava distraidamente com o anel de folhas de hera retorcidas que ele usava na mão esquerda, seus pensamentos estavam na jovem elfa de cabelos dourados que chorou quando ele partiu de Qualinesti.

— Está sugerindo que nós devemos seguir um animal que nós nem mesmo podemos ver? — Caramon disse de queixo caído.

— Não seria a coisa mais estranha que nós já fizemos —, Raistlin comentou num sussurro sarcástico — lembrem-se, foi o velho quem contou essa história do Cervo Branco e foi o velho quem nos colocou nesta situação ...

— Foi nossa própria escolha que nos colocou nesta situação —, Tanis disse corrigindo — Nós poderíamos ter entregue o cajado ao Alto Teocrata e com uma boa conversa termos nos livrado deste dilema. Eu acho que nós deveríamos seguir Sturm. Aparentemente, ele foi escolhido do mesmo modo que Vendaval foi escolhido para receber o cajado...

— Mas ele nem está nos guiando na direção certa! — Caramon argumentou — Você sabe tão bem quanto eu que não existem trilhas pelo lado oeste da floresta. Ninguém vai para aquele lado.

— Melhor assim, Lua Dourada disse repentinamente —Tanis disse que aquelas criaturas devem ter bloqueado os caminhos. Talvez esta seja uma saída. Eu acho que devemos seguir o cavaleiro — Ela se virou e acompanhou Sturm, sem nem mesmo olhar para os outros, obviamente acostumada a ser obedecida. Vendaval encolheu os ombros e balançou a cabeça, franzindo a testa pesaroso mas foi atrás de Lua Dourada e os outros o seguiram.

O cavaleiro deixou os caminhos bem explorados do Pico Olho do Orador para trás e se moveu para o sudoeste subindo a encosta. No princípio pareceu que Caramon estava certo, não havia trilhas. Sturm se enfiava pela vegetação como um louco. Então, de repente, uma trilha suave e larga se abriu diante deles. Tanis olhou para ela assombrado.

— O que, ou quem abriu este caminho? — ele perguntou a Vendaval, que também o examinava com uma expressão confusa.

— Eu não sei —, disse o homem das planícies — Ele é antigo. Aquela árvore caída está ali há tempo suficiente para ter afundado mais da metade na terra e está coberta de musgo e cipós. Mas não há nenhuma pegada, a não ser as de Sturm. Não há sinal de ninguém ou de nenhum animal passando por aqui. E por que é que a vegetação não a encobriu?

Tanis não sabia responder e também não tinha tempo para pensar nisso. Sturm avançava rapidamente; tudo que o grupo podia fazer era tentar mantê-lo à vista.

— Goblins, barcos, homens-lagarto, cervos invisíveis, o que mais falta acontecer? — Flint reclamou para o kender.

— Eu queria ver o cervo —, Tas disse pensativo.

— Leve uma pancada na cabeça — O anão disse bufando — Embora, no seu caso, nós provavelmente não conseguiríamos notar nenhuma diferença.

Os companheiros seguiram Sturm, que subia com uma espécie de entusiasmo feroz, esquecido de sua dor e de seu ferimento. Tanis teve

dificuldade para alcançar o cavaleiro. Quando conseguiu, ele ficou assustado com o brilho febril nos olhos de Sturm. Mas o cavaleiro estava obviamente sendo guiado por alguma coisa. A trilha levava-os encosta acima no Pico Olho do Orador. Tanis viu que ela os levava para o vão entre as duas "mãos" de pedra, um vão no qual até onde ele sabia, ninguém jamais tinha entrado antes.

— Espere um instante —, ele disse com a respiração entrecortada e correu para alcançar Sturm. Era quase meio dia, ele imaginou, embora o sol ainda estivesse escondido pelas nuvens cinzas — Vamos descansar. Eu vou dar uma olhada na região dali de cima — Ele apontou para uma plataforma no rochedo que se projetava do outro lado do pico.

— Descansem... repetiu Sturm distraidamente, parando para respirar. Ele olhou para frente durante um momento, depois virou-se para Tanis — Sim. Vamos descansar — Seus olhos brilhavam.

— Você está bem?

— Eu estou bem —, Sturm disse meio distraído e ficou caminhando sobre a grama, tocando e alisando seu bigode gentilmente. Tanis observou-o durante um momento, em dúvida, depois voltou para os outros que estavam chegando ao topo de uma pequena elevação.

— Nós vamos descansar aqui —, o meio elfo disse. Raistlin deu um suspiro de alivio e se jogou sobre as folhas molhadas.

— Eu vou dar uma olhada ao norte, ver o que está se movimentando pela estrada em direção a Haven —, Tanis completou.

— Eu vou com você —, Vendaval se ofereceu.

Tanis acenou com a cabeça e os dois saíram do caminho, dirigindo-se para a plataforma na rocha. Tanis olhou para o alto guerreiro enquanto eles caminhavam juntos. Ele estava começando a se sentir à vontade com o rígido e sério homem das planícies. Uma pessoa bastante reservada, Vendaval respeitava a privacidade dos outros e jamais pensaria em testar os limites que Tanis havia colocado em torno de sua própria alma. Isto era tão confortável para o meio

elfo quanto um sono não interrompido durante a noite. Ele sabia que seus amigos, simplesmente pelo fato de serem seus amigos e o conhecerem a anos, estavam especulando sobre a relação dele com Kitiara. Por que ele tinha resolvido terminar com tudo tão abruptamente cinco anos atrás? E por que, então, seu desapontamento tão óbvio quando ela deixou de se encontrar com eles? Vendaval, é claro, não sabia nada sobre Kitiara, mas Tanis tinha a sensação de que nada mudaria para o homem das planícies mesmo que ele soubesse: eram problemas pessoais de Tanis e não dele.

Quando chegaram a uma posição da qual poderiam ser vistos da Estrada de Haven, eles se arrastaram o último meio metro, avançando lentamente pela rocha molhada até chegarem à borda da plataforma. Olhando para baixo e para o leste, Tanis podia ver os velhos caminhos para as áreas de piquenique que contornavam a montanha. Vendaval apontou e Tanis percebeu que havia criaturas movendo-se pelas trilhas de piquenique! Aquilo explicava o silencio incomum na floresta. Tanis mordeu o lábio preocupado. As criaturas deviam estar esperando para emboscá-los. Sturm e seu cervo branco tinham, provavelmente, salvo suas vidas. Mas não levaria muito tempo até as criaturas descobrirem essa nova trilha.Tanis olhou para baixo dele e piscou, não havia trilha alguma. Não havia nada além de uma espessa e impenetrável floresta. A trilha havia se fechado atrás deles! — Eu devo estar imaginando coisas, ele pensou, e voltou seus olhos novamente para a Estrada de Haven e as muitas criaturas se movendo ao longo dela. Não demorou muito para eles se organizarem, ele pensou. Ele olhou mais longe para o norte e viu as águas paradas e calmas do Lago de Cristal. Depois seu olhar passeou pelo horizonte.

Ele franziu a testa. Tinha alguma coisa errada. Ele não soube dizer o que era de imediato, por isso não disse nada a Vendaval mas fixou os olhos na linha do horizonte. Nuvens de tempestade se agrupavam ao norte mais espessas do que nunca, longos dedos de nuvens cinza esquadrinhando a terra. E subindo para encontrá-los, era isso! Agarrando o braço de Vendaval,Tanis apontou seu

dedo na direção norte. Vendaval olhou, apertou os olhos, mas não viu nada no início. Depois, ele viu a fumaça negra se movendo no céu. Suas sobrancelhas grossas e pesadas estavam contraídas.

— Fogueiras de acampamentos —, Tanis disse.

— Centenas de fogueiras —, Vendaval emendou suavemente — Os fogos da guerra. Isso é acampamento de um exército.

— Então os boatos estão confirmados — Sturm disse quando eles retornaram — Existe um exército ao norte.

— Mas que exército? De quem? E por quê? O que eles vão atacar? — Caramon riu incrédulo — Ninguém mandaria um exército atrás deste cajado — O guerreiro fez uma pausa — Mandaria?

— O cajado é só uma parte disso tudo —, Raistlin disse com uma voz sibilante — Lembrem-se das estrelas caídas!

— Histórias de crianças! — Flint disse. Ele virou o odre vazio de cabeça para baixo, chacoalhou-o e suspirou.

— Minhas histórias não são para crianças —, Raistlin disse num tom rancoroso, erguendo-se das folhas como uma cobra — E você faria bem em prestar atenção em minhas palavras, anão!

— Olhe ali! O cervo! — Sturm disse de repente, seus olhos fixos diretamente em uma grande pedra, ou assim pareceu a seus companheiros — É hora de partirmos.

O cavaleiro começou a andar. Os outros guardaram apressadamente suas coisas e correram atrás dele. Enquanto caminhavam ainda mais para cima na trilha que parecia se materializar diante deles à medida que eles prosseguiam, o vento mudou de direção e começou soprar do sul. Era uma brisa morna que carregava com ela a fragrância do desabrochar das flores silvestres do outono. O vento afastou as nuvens de tempestade e no momento em que eles chegaram ao vão entre as duas metades do Pico, o sol apareceu.

Já era bem mais de meio-dia quando eles pararam para descansar mais um pouco antes de tentar escalar o estreito vão entre as paredes do Pico Olho do Orador, pelo qual Sturm disse que eles tinham de passar. O cervo havia indicado o caminho, ele insistia.

— Logo será hora do jantar —, Caramon disse. Ele deu um ruidoso suspiro, olhando para os pés — Eu seria capaz de comer minhas botas!

— Elas estão começando a me dar água na boca também —, Flint resmungou — Eu queria que esse cervo fosse de carne e osso. Ele poderia ser útil para alguma coisa além de fazer a gente se perder!

— Cale a boca! — Sturm virou-se para o anão repentinamente furioso, com os punhos cerrados. Tanis se levantou rapidamente e colocou a mão no ombro do cavaleiro, segurando-o.

Sturm estava de pé olhando para o anão com os bigodes tremendo, depois ele se esquivou de Tanis.

— Vamos andando —, ele murmurou.

À medida que iam entrando na estreita garganta, os companheiros podiam ver um céu azul e limpo do outro lado. O vento sul assobiava entre as paredes íngremes e brancas do Pico que se erguia acima deles. Eles andavam com cuidado, e pequenas pedras fizeram com que eles escorregassem mais de uma vez. Felizmente, a passagem era tão estreita que eles podiam se equilibrar com facilidade apoiando-se contra os muros íngremes.

Depois de uns trinta minutos de caminhada, eles saíram no outro lado do Pico Olho do Orador. Eles pararam e olharam para o vale. A vegetação abundante e florida fluía em ondas verdes abaixo deles, até chegarem à borda de uma floresta de alamos verde claro mais para o sul. As nuvens carregadas estavam atrás deles e o sol brilhava intensamente num céu azul-violeta.

Pela primeira vez, eles acharam que seus mantos eram pesados demais, com exceção de Raistlin que permaneceu enrolado em sua capa vermelha com capuz. Flint tinha passado a manhã toda reclamando da chuva e agora começava

a falar do sol; era muito claro, estava ofuscando seus olhos. Era quente demais, estava esquentando seu elmo.

— Eu acho que a gente devia jogar o anão, montanha abaixo —, grunhiu Caramon para Tanis.

Tanis riu.

— Ele iria fazer barulho igual a um chocalho até chegar lá em baixo e entregar nosso esconderijo.

— E quem está lá em baixo para ouvi-lo? — Caramon disse, apontando na direção do vale com sua mão larga — Eu aposto que nós somos os primeiros seres vivos a deitar os olhos neste vale.

— Primeiros seres vivos —, Raistlin disse sugando o ar — Você está correto, meu irmão. Pois, você está olhando para a Mata Escura.

Ninguém disse nada. Vendaval mudou de posição desconfortável; Lua Dourada arrastou-se até ficar a seu lado, olhando para baixo, para as árvores verdes, com os olhos arregalados. Flint limpou a garganta e ficou em silêncio, alisando o longo bigode. Sturm observava a floresta calmamente. Tasslehoff fazia o mesmo.

— Não parece nada mal —, o kender disse todo alegre. Sentado no chão de pernas cruzadas com um punhado de pergaminhos espalhados sobre os joelhos ele desenhava um mapa com um pedaço de carvão, tentando indicar o caminho que eles tinham feito ate o Pico Olho do Orador.

— As aparências enganam como os kender "de mão leve" —, Raistlin sussurrou asperamente.

Tasslehoff franziu a testa, começou a retrucar quando viu o olhar de Tanis e voltou a desenhar. Tanis caminhou até Sturm. O cavaleiro estava de pé na plataforma, o vento sul soprava seu longo cabelo para trás, e fazia a velha capa tremular, em torno dele.

— Sturm, onde está o cervo? Você está vendo ele agora?

— Sim —, Sturm respondeu. Ele apontou para baixo — Ele atravessou a pradaria; eu posso ver a trilha dele no mato alto. Ele entrou no meio dos alamos.

— Se ele foi para a Mata Escura —, Tanis murmurou.

— Quem disse que é a Mata Escura? — Sturm virou-se e encarou Tanis.

— Raistlin.

— Balela!

— Ele é um mago —, Tanis disse.

— Ele é louco —, Sturm respondeu. Depois, encolheu os ombros — Mas você pode ficar plantado aqui na face do Pico se quiser, Tanis. Eu seguirei o cervo, como Huma fez, mesmo que isso me leve para dentro da Mata Escura — Enrolando o manto em torno de si, Sturm desceu da plataforma e começou a caminhar por uma trilha sinuosa que descia pelo lado da montanha.

Tanis voltou até os outros.

— O cervo está levando Sturm diretamente para a floresta — ele disse — Que certeza você tem que esta floresta e a Mata Escura, Raistlin?

— Que certeza alguém aqui tem de alguma coisa, meio elfo? — o mago respondeu — Eu não tenho certeza de que eu respirarei mais uma vez. Mas vá em frente. Dirija-se para a floresta de onde homem nenhum jamais voltou. A morte e a única certeza que se tem nesta vida, Tanis.

O meio elfo sentiu um repentino desejo de jogar Raistlin montanha abaixo. Ele olhou para Sturm, que estava quase a meio caminho do vale.

— Eu vou com Sturm —, ele disse repentinamente — Mas, não serei responsável por mais ninguém nesta decisão. O resto de vocês, pode fazer o que bem entender.

— Eu vou! — Tasslehoff enrolou o mapa e o colocou em sua caixa de pergaminho. Ele pôs-se de pé, escorregando nos pedregulhos soltos.

— Fantasmas! — Flint lançou um olhar mal-humorado para Raistlin, e estalou os dedos zombeteiramente, depois deu uma corrida, até ficar ao lado do meio elfo. Lua Dourada seguiu sem hesitar, embora seu rosto estivesse pálido.

Vendaval juntou-se ao grupo mais lentamente, seu rosto estava pensativo. Tanis estava aliviado, os bárbaros tinham muitas lendas assustadoras sobre a Mata Escura, e ele sabia. E finalmente, Raistlin moveu-se para a frente tão depressa que pegou seu irmão, completamente, de surpresa.

Tanis observou o mago com um leve sorriso.

— Por que você vai? — ele não conseguiu deixar de perguntar.

— Porque você vai precisar de mim, Meio Elfo —, o mago sibilou — Além disso, onde é que você nos mandaria ir? Você permitiu que nós fôssemos guiados até aqui, não dá mais para voltar atrás. E a Escolha do Ogro que você nos oferece, Tanis: 'Morrer rápido, ou morrer devagar' — Ele começou a caminhar — Você vem, irmão?

Os outros olharam inseguros para Tanis quando os irmãos passaram. O meio elfo sentiu-se como um tolo. Raistlin, tinha razão, é claro. Ele tinha permitido que isto ficasse muito além de seu controle, depois fez parecer que aquela era uma decisão deles, e não dele, permitindo-lhe com isso continuar com a consciência limpa. Irritado, ele pegou uma pedra e a jogou longe para começar. Por que é que seria responsabilidade dele? Por que é que ele tinha se envolvido, quando tudo que ele queria era encontrar Kitiara e lhe dizer que ele tinha se decidido; ele a amava e a queria. Ele era capaz de aceitar as fraquezas humanas dela e ele tinha aprendido a aceitar suas próprias.

Mas, Kit não tinha voltado para ele. Ela tinha um "novo senhor." Talvez seja por isso que ele...

— Avante, Tanis! — A voz do kender flutuou até ele.

— Estou indo —, ele murmurou.

O sol estava começando a se por no oeste quando os companheiros chegaram à borda da floresta. Tanis calculou que eles ainda teriam pelo menos três ou quatro horas de luz do dia. Se o cervo continuasse a guiá-los por trilhas abertas e planas, existia uma possibilidade deles conseguirem atravessar a floresta antes da escuridão chegar.

Sturm esperou por eles sob os álamos, descansando confortavelmente na sombra verde das folhas. Os companheiros deixaram a pradaria lentamente, nenhum deles tinha pressa alguma de entrar na mata.

— O cervo entrou aqui —, Sturm disse, colocando-se em pé e apontando para o mato alto.

Tanis não viu pegadas. Ele tomou um gole de água de seu odre quase seco e olhou para dentro da floresta. Como Tasslehoff tinha dito, a mata não parecia ser sinistra. Na verdade, ela parecia fresca e convidativa depois do desagradável brilho do sol do Outono.

— Talvez haja algum animal de caça aqui —, Caramon disse, gingando o corpo sobre os calcanhares — Nenhum cervo, é claro -— ele completou apressadamente — Coelhos, talvez.

— Não atirem em nada. Não comam nada. Não bebam nada na Mata Escura —, Raistlin sussurrou.

Tanis olhou para o mago, cujos olhos de ampulheta estavam dilatados. A pele metálica brilhava com uma cor fantasmagórica sob a forte luz do sol. Raistlin apoiou-se em seu cajado, tremendo como se estivesse com frio.

— Histórias de crianças —, Flint resmungou, mas faltava convicção na voz do anão. Apesar de saber da queda que Raistlin tinha pelo dramático, Tanis nunca tinha visto o mago afetado dessa maneira antes.

— O que você está sentindo, Raistlin? — ele perguntou serenamente.

— Existe uma magia grande e poderosa nesta mata —, sussurrou Raistlin.

— Maligna? — perguntou Tanis.

— Somente para aqueles que trazem o mal dentro de si —, o mago afirmou.

— Então, você é o único que precisa ter medo desta floresta —, Sturm disse ao mago com frieza.

O rosto de Caramon ficou de uma cor vermelho arroxeada; sua mão saiu em busca da espada. A mão de Sturm procurou a lâmina.Tanis segurou o braço de Sturm enquanto Raistlin tocava em seu irmão. O mago encarou o cavaleiro, seus olhos dourados piscavam suavemente.

— Nós veremos —, Raistlin disse, suas palavras, não passavam de sons sibilantes saindo por entre seus dentes. — Nós veremos. — Depois, apoiando o peso sobre o cajado, Raistlin se voltou para o irmão — Você vem?

Caramon olhou para Sturm com raiva, depois entrou na mata, caminhando ao lado de seu irmão gêmeo. Os outros seguiram atrás deles, deixando apenas Tanis e Flint em pé no mato alto, que ondulava.

— Estou ficando velho demais para isto, Tanis —, o anão disse repentinamente.

— Besteira —, o meio elfo respondeu, sorrindo — Você lutou como ura...

— Não, eu não estou falando dos ossos nem dos músculos —, o anão olhou para suas mãos deformadas, — embora eles sejam velhos o suficiente. Eu falo do espírito. Anos atrás, antes dos outros terem nascido, você e eu teríamos atravessado uma floresta mágica sem ter que pensar uma segunda vez. Agora...

— Anime-se —, Tanis disse. Ele tentou soar tranqüilo, embora estivesse profundamente perturbado pela seriedade incomum no anão. Ele estudou Flint de perto pela primeira vez, desde que se encontraram fora de Solace. O anão parecia velho, mas, Flint sempre pareceu velho. A parte do rosto do anão que dava para se ver, através da barba grisalha, dos bigodes e sobrancelhas brancas, era bronzeada, enrugada e estalava como couro velho. O anão reclamava e se queixava. A mudança estava nos olhos. O brilho de fogo tinha desaparecido.

— Não deixe Raistlin te alterar —, Tanis disse — Nós vamos sentar em volta da fogueira hoje à noite e rir de suas histórias de fantasmas.

— Eu suponho que sim — Flint suspirou. Ele ficou em silêncio por um instante, depois disse —, Um dia eu te dou sossego, Tanis. Eu nunca vou querer que você pense, por que é que eu agüento esse anão velho e rabugento?

— Porque eu preciso de você, seu anão velho e rabugento —, Tanis disse, colocando as mãos nos ombros do anão. Ele fez um gesto para indicar que entraria na mata depois dos outros — Eu preciso de você, Flint. Eles são todos tão... jovens. Você é como uma rocha sólida contra a qual eu posso reclinar minhas costas quando empunho minha espada.

O rosto de Flint ficou vermelho de alegria. Ele deu um puxão na barba, depois limpou a garganta — Sim, bem, você sempre foi sentimental. Vamos indo. Nós estamos perdendo tempo. Eu quero atravessar esta floresta o mais rápido possível — Depois ele murmurou, — Ainda bem que está claro.

10

MATA ESCURA

OS MORTOS CAMINHAM. A MÁGICA DE RAISTLIN.

A única coisa que Tanis sentiu quando entrou na floresta, foi alívio por poder sair do brilho do sol do Outono. O meio elfo lembrou-se de todas as lendas que tinha ouvido sobre a Mata Escura, histórias de fantasmas contadas em volta da fogueira à noite, e não se esqueceu da premonição de Raistlin. Mas tudo que Tanis sentiu é que a floresta era muito mais viva do que qualquer outra que ele já havia entrado.

Ela não estava mergulhada num silêncio mortal como o que eles tinham experimentado antes. Pequenos animais chilreavam em meio à vegetação. Pássaros batiam suas asas nos galhos mais altos. Insetos com asas de um colorido alegre passavam voando. Folhas farfalhavam e se agitavam, flores balançavam, embora nenhuma brisa as tocasse... como se as plantas se deliciassem por estarem vivas.

Todos os companheiros entraram na floresta com as mãos em suas armas, em guarda, alertas e desconfiados. Depois de algum tempo tentando evitar até mesmo que as folhas secas fossem esmagadas, Tas disse que aquilo parecia "um tanto tolo", e eles relaxaram — todos, exceto Raistlin.

Eles caminharam umas duas horas, viajando num passo tranqüilo, mas rápido, por uma trilha plana e limpa. As sombras se alongavam à medida que o sol baixava. Tanis se sentiu em paz nesta floresta. Ele não tinha medo algum de que as horríveis criaturas aladas pudessem tê-los seguido até aqui. O mal parecia não estar presente, a menos, como disse Raistlin, que cada um trouxesse seu próprio mal para a mata. Tanis olhou para o mago. Raistlin caminhava sozinho, a cabeça curvada. A sombra das árvores da floresta, parecia se adensar a volta do jovem mago. Tanis estremeceu e percebeu que o ar estava ficando mais fresco à medida que o sol se, escondia abaixo do topo da copa das árvores. Era hora de começar a pensar em acender uma fogueira para passar a noite.

Tanis pegou o mapa de Tasslehoff para estudá-lo mais uma vez antes que a luz se fosse. O mapa era de origem élfica e tinha escrito, numa caligrafia fluente, bem no meio da floresta, as palavras: Mata Escura. Mas as matas estavam apenas vagamente delineadas, e Tanis não podia ter certeza se as palavras faziam referência a esta floresta, ou a outra mais ao sul. Raistlin deve estar errado, Tanis pensou — esta não pode ser a Mata Escura. Ou, se for, seu mal era apenas produto da imaginação do mago. Eles continuaram a caminhar.

Logo veio o crepúsculo; àquela hora do entardecer, na qual a luz que se extingue faz tudo parecer mais vivido e distinto. Os companheiros já não conseguiam manter o ritmo. Raistlin mancava e sua respiração era composta de uma série de arquejos ofegantes. O rosto de Sturm ficou pálido. O meio elfo prestes a dizer para eles pararem para passar a noite quando, como que antevendo seus desejos, a trilha os levou diretamente para uma grande clareira verde. Água limpa nascia do subsolo e pingava sobre rochas lisas formando um córrego raso. A clareira era coberta por um tapete de grama espessa e convidativa; árvores altas guardavam as bordas. Assim que eles viram a clareira, a luz do sol se avermelhou, depois desapareceu e as sombras enevoadas da noite, deslizaram em torno das árvores.

— Não saiam do trilho —, Raistlin salmodiou quando seus companheiros começaram a entrar na clareira.

Tanis suspirou, — Raistlin —, ele disse pacientemente, — nós estamos bem. O caminho está bem à vista, menos de três metros de distância. Relaxe. Você precisa descansar. Nós todos precisamos. Olhe... —Tanis levantou o mapa — eu não acho que é a Mata Escura. De acordo com este...

Raistlin ignorou o mapa com desdém. O restante dos companheiros ignorou o mago e, saindo fora da trilha, começou a levantar acampamento. Sturm encostou-se em uma árvore, com os olhos fechados de dor, enquanto Caramon olhava para as sombras menores que fugiam, com um olhar de fome. A um sinal de Caramon, Tasslehoff entrou na floresta para buscar lenha para fogueira.

Observando-os, o rosto do mago se retorceu num sorriso sarcástico.

— Vocês são todos uns tolos. Esta é a Mata Escura, como vocês verão antes da noite terminar — Ele deu de ombros — Mas, como vocês mesmo dizem, eu preciso descansar. No entanto, eu não vou sair da trilha — Raistlin sentou-se na trilha, com o cajado ao seu lado.

Caramon ficou vermelho de vergonha quando viu os outros trocando olhares divertidos.

— Ah, Raist —, o homenzarrão disse, — junte-se a nós. Tas foi buscar lenha e talvez eu consiga pegar um coelho.

— Não atire em nada! — na verdade Raistlin disse isso pouco mais alto que um sussurro, fazendo todos começarem a dizer, — Não incomodem nada na Mata Escura! Nem planta, nem árvore, nem pássaro nem animal!

— Eu concordo com Raistlin —, Tanis disse — Nós temos que passar a noite aqui e eu não quero matar nenhum animal nesta floresta se nós não precisarmos.

— Elfos nunca querem matar e ponto final —, disse Flint rabugento — O mágico fica nos assustando e você nos fazendo passar fome. Bem, se alguma coisa nos atacar essa noite, eu espero que ela seja comestível!

— Você e eu, anão — Caramon deu um grande suspiro, foi até o riacho, e começou a amenizar sua fome bloqueando o curso da água, fazendo-o transbordar.

Tasslehoff voltou com a lenha.

— Eu não cortei —, ele assegurou a Raistlin — Eu só apanhei.

Mas nem Vendaval conseguia fazer a madeira pegar fogo.

— A madeira está molhada —, ele disse por fim e jogou o isqueiro de volta na mochila.

— Nós precisamos de luz —, Flint disse inquieto enquanto as sombras iam ficando cada vez mais espessas. Os sons da mata, que tinham sido inocentes durante o dia, agora pareciam sinistros e ameaçadores.

— Tenho certeza de que vocês não têm medo de histórias de crianças —, Raistlin disse com sua voz sibilante.

— Não! — retrucou o anão — Eu só quero ter certeza que o kender não vai vasculhar minha mochila no escuro.

— Muito bem —, disse Raistlin com uma gentileza incomum. Ele pronunciou sua palavra de comando: "Shirak". Uma pálida luz branca começou a brilhar no cristal que havia na ponta do cajado do mágico. Era uma luz fantasmagórica que pouco a ajudava a iluminar a escuridão. Na verdade, ela pareceu enfatizar a ameaça da noite.

— Pronto, agora vocês têm luz —, o mago sussurrou calmamente. Ele fincou a parte de baixo de seu cajado no chão molhado.

Foi aí, que Tanis percebeu que sua visão de elfo tinha sumido. Ele deveria ser capaz de ver o contorno avermelhado de seus companheiros, mas eles não eram mais que sombras mais escuras contra a escuridão estrelada da clareira. O meio elfo não disse nada para os outros, mas a sensação de

tranqüilidade que ele tinha sentido até aquele momento, foi espantada por uma farpa de medo.

— Eu fico com o primeiro turno de vigia —, Sturm ofereceu com firmeza — Eu não deveria dormir com este ferimento na cabeça. Uma vez, eu conheci um homem que dormiu... e nunca mais acordou.

— Nós vamos ficar de vigia em duplas —, Tanis disse — Eu farei o primeiro turno com você.

Os outros abriram as mochilas e começaram a fazer suas camas na grama, exceto Raistlin. Ele continuou sentado na trilha, à luz de seu cajado brilhava de encontro ao capuz que cobria sua cabeça curvada. Sturm acomodou-se embaixo de uma árvore. Tanis foi até o riacho e bebeu com gosto. De repente, ele ouviu um grito sufocado atrás de si. Ele sacou a espada e ficou em pé, tudo num único gesto. Os outros tinham sacado as armas. Somente Raistlin continuava sentado sem se mover.

— Guardem suas espadas —, ele disse — Elas não vão lhes ajudar em nada. Somente uma arma mágica poderosa seria capaz de feri-los.

Um exército de guerreiros os cercou. Só isso, já seria o suficiente para gelar o sangue de qualquer um. Mas os companheiros sabiam lidar com isso. O que eles não sabiam lidar era com o terror que tomou conta deles e entorpeceu seus sentidos. Todos eles se lembravam do imprudente comentário de Caramon: "Eu lutarei com os vivos qualquer que seja o dia da semana, mas não lutarei com os mortos!"

Estes guerreiros estavam mortos.

Nada mais do que uma luz frágil e fugaz delineava seus corpos. Era como se o calor humano que tinha sido deles enquanto eles estavam vivos, houvesse permanecido de forma assustadora depois da morte. A carne decomposta já havia desaparecido, deixando para trás, a imagem do corpo lembrada pela alma. A alma aparentemente se lembrava de outras coisas, também. Os guerreiros estavam vestidos com armaduras antigas recordadas. Cada guerreiro carregava

armas recordadas capazes de causar mortes muito bem lembradas. Mas os mortos-vivos não precisavam de armas. Eles podiam matar só com o medo, ou com o toque de suas mãos frias como túmulos.

— Como podemos lutar com essas coisas? —Tanis pensava desesperadamente, ele que nunca havia sentido medo diante de inimigos de carne e osso. O pânico o envolveu e ele pensou em gritar para os outros correrem.

Muito irritado, o meio elfo se esforçou para se acalmar, para avaliar a realidade. Realidade! Ele quase riu da ironia. Fugir era inútil; eles se perderiam, se ficassem separados. Eles tinham que ficar e enfrentar o problema, de alguma forma. Ele começou a andar na direção dos guerreiros fantasmas. Os mortos não diziam nada, nem faziam qualquer gesto ameaçador. Eles simplesmente ficavam lá bloqueando o caminho. Era impossível contá-los, pois alguns deles passavam a existir enquanto outros desapareciam, só retornando, quando seus camaradas desapareciam. Não que isso fizesse muita diferença, Tanis admitiu para si mesmo, sentindo o suor frio escorrendo pelo seu corpo. Um destes guerreiros mortos-vivos sozinho seria capaz de matar todos nós simplesmente erguendo a mão.

Quando chegou perto dos guerreiros, o meio elfo viu um lampejo de luz, o cajado de Raistlin. O mago estava de pé apoiado em seu cajado à frente dos companheiros agrupados. Tanis caminhou até ficar a seu lado. A luz pálida do cristal refletia no rosto do mago, fazendo com que ele ficasse quase tão fantasmagórico quanto os rostos dos mortos que se encontravam diante dele.

— Bem vindo à Mata Escura, Tanis —, o mago disse.

— Raistlin... —Tanis disse reprimindo seus sentimentos. Ele tentou mais de uma vez, até conseguir que sua garganta, seca, emitisse um som — O que é isso...

— Asseclas espectrais —, o mago murmurou sem tirar os olhos deles — Nós estamos com sorte.

— Sorte? —Tanis repetiu incrédulo — Por quê?

— Estes são espíritos de homens que prometeram realizar uma tarefa. Eles não cumpriram essa promessa, e a pena deles é realizar essa mesma tarefa repetidamente, até conseguirem sua liberação e encontrarem o verdadeiro descanso na morte.

— Em nome do Abismo, como é que isso é ter sorte? —Tanis sussurrou irritado, liberando seu medo na forma de raiva —Talvez eles tenham feito à promessa de eliminar todos aqueles que entrarem na floresta!

— É possível —, Raistlin deu uma olhada rápida no meio elfo, — embora eu não acredite nisso. Nós vamos descobrir.

Antes que Tanis tivesse chance de reagir, o mago se afastou do grupo e encarou os espectros.

— Raist! — Caramon disse com a voz entrecortada e começando a ir para frente empurrando os outros para fora de seu caminho.

— Mantenha-o aí atrás, Tanis —, Raistlin ordenou asperamente — Nossas vidas dependem disto.

Segurando o braço do guerreiro, Tanis perguntou a Raistlin,

— O que é que você vai fazer?

— Eu vou fazer uma mágica que permitirá que nós nos comuniquemos com eles. Eu sou capaz de captar seus pensamentos. Eles vão falar através de mim.

O mago jogou a cabeça para trás, seu capuz escorregou. Ele esticou os braços para frente e começou a falar.

— Ast büak parbiladar. Suh tangus moipar! — ele murmurou, depois repetiu a mesma frase três vezes. No momento em que Raistlin falou, a multidão de guerreiros se abriu e uma figura, mais espantosa e mais aterrorizadora do que as outras, apareceu. O espectro era mais alto do que os outros e usava uma coroa bruxuleante. Sua armadura pálida era ricamente

decorada com jóias escuras. Seu rosto mostrava o sofrimento e a angústia mais terríveis. Ele se adiantou na direção de Raistlin.

Caramon engoliu em seco e desviou os olhos. Tanis não ousava falar nem gritar, com medo de perturbar o mago e anular a magia. O espectro levantou uma mão sem carne e a esticou lentamente até tocar o mago. Tanis tremia... o toque do espectro significava morte certa. Mas Raistlin, em transe, não se movia. Tanis se perguntava se o mago tinha visto a mão fria indo de encontro ao seu coração. Então, Raistlin falou.

— Você que está morto há muito tempo, use minha voz para nos falar de sua profunda tristeza. Depois, deixe-nos atravessar esta floresta, pois nossa intenção não é má, como você verá se ler nossos corações.

A mão do espectro parou abruptamente. Os olhos pálidos examinaram cuidadosamente o rosto de Raistlin. Depois, bruxuleando na escuridão, o espectro se curvou diante do mago. Tanis engoliu em seco; ele já conhecia o poder de Raistlin, mas isto...!

Raistlin curvou-se em retribuição, depois caminhou até ficar ao lado do espectro. Seu rosto estava quase tão pálido quanto o da figura fantasmagórica ao seu lado. O vivo morto e o morto vivo, Tanis pensou, estremecendo.

Quando Raistlin falou, sua voz não era mais o sussurro sibilante do frágil mago. Era profunda, grave, transmitia autoridade e se fez ouvir em toda a floresta. Era um som frio e sem emoção que parecia vir de algum lugar debaixo do solo.

— Quem são vocês que invadem a Mata Escura?

Tanis tentou responder, mas sua garganta tinha ficado completamente seca. Caramon, a seu lado, não conseguia nem levantar a cabeça. Então, Tanis percebeu um movimento ao seu lado. O kender! Praguejando contra si mesmo, Tanis tentou segurar Tasslehoff, mas era tarde demais. A pequena figura, correu balançando a cabeça até a luz do cajado de Raistlin e ficou em pé diante do espectro.

Tasslehoff curvou-se respeitosamente.

— Eu sou Tasslehoff Pés Ligeiros —, ele disse — Meus amigos —, ele agitou sua pequena mão na direção do grupo —, chamam-me de Tas. Quem é você?

— Isso não importa muito —, a voz sepulcral entoou — Saiba apenas que somos guerreiros de uma época há muito tempo esquecida.

— É verdade que vocês deixaram de cumprir uma promessa e é por isso que vocês estão aqui? — Tas perguntou com interesse.

— E verdade. Nós prometemos proteger estas terras. E então, a montanha ardente veio dos céus. As terras se partiram. Coisas malignas rastejaram para fora das entranhas da terra e nós largamos nossas espadas e fugimos aterrorizados até sermos alcançados pela morte. Nós fomos convocados para cumprir nossa promessa, já que mais uma vez o mal ronda as terras. E aqui permaneceremos até o mal ser afastado e o equilíbrio novamente restaurado.

De repente Raistlin deu um grito estridente e jogou a cabeça, para trás seus olhos rolaram para cima, até seus companheiros poderem ver apenas a parte branca deles Sua voz transformou-se em mil vozes gritando ao mesmo tempo. Isto assustou até o kender, que deu um passo para trás e olhou inquieto para Tanis.

O espectro levantou a mão num gesto de comando e o tumulto cessou como se tivesse sido tragado pela escuridão.

— Meus homens querem saber por que razão vocês entraram na Mata Escura Se for para o mal, vocês descobrirão que causaram o mal a si mesmos, pois não viverão para ver as luas nascendo.

— Não, não para o mal. Claro que não —, Tasslehoff disse apressadamente — Sabe é uma longa história; mas nós não estamos com pressa de ir a lugar algum, e obviamente vocês também não, então eu vou contá-la para vocês.

— Para começar, nós estávamos na Hospedaria Derradeiro Lar em Solace. Vocês provavelmente não a conhecem. Eu não tenho certeza há quanto tempo ela existe, mas ela não existia na época do Cataclismo e parece que vocês já existiam Bem, nós estávamos lá, ouvindo o velho falar sobre Huma e... o velho, não Huma, pediu a Lua Dourada que cantasse sua canção e ela disse "que canção" e depois ela cantou e um Seguidor que achava que era um crítico de música e Vendaval, que é aquele homem alto ali, empurrou o Seguidor no fogo. Foi um acidente... ele não fez de propósito. Mas o Seguidor pegou fogo como uma tocha! Você precisava ver! E aí, o velho me deu o cajado e disse derrube-o e eu o derrubei e o cajado se transformou em cristal azul e as chamas se apagaram e...

— Cristal azul! — A voz do espectro saiu do fundo da garganta de Raistlin, enquanto ele começou a andar na direção deles. Tanis e Sturm, saltaram para frente, agarraram Tas e o arrastaram para fora do caminho. Mas o espectro parecia apenas interessado em examinar o grupo. Seus olhos bruxuleantes fixaram-se em Lua Dourada. Levantando a mão pálida, ele fez um sinal para ela se aproximar.

— Não! — Vendaval tentou impedir que ela saísse de perto dele, mas ela o empurrou de lado gentilmente e se adiantou até ficar de frente ao espectro, o cajado em suas mãos. O exército fantasma os cercou.

De repente, o espectro sacou a espada de sua bainha pálida. Ele a segurou bem acima de sua cabeça e uma luz branca tingida com uma chama azul bruxuleou dentro da lamina.

— Olhe o cajado! — Lua Dourada disse respirando fundo, chocada.

O cajado tinha um brilho azul claro, como se estivesse respondendo à espada.

O rei fantasmagórico virou-se na direção de Raistlin e esticou sua mão pálida na direção do mago em transe. Caramon deu um mugido rouco e se livrou do aperto de Tanis. Sacando a espada, ele a enfiou no guerreiro

morto-vivo. A lâmina penetrou o corpo, que piscava, mas foi Caramon que gritou de dor e caiu ao chão se contorcendo. Tanis e Sturm ajoelharam-se a seu lado. Raistlin olhava para frente, sua expressão inalterada, inerte.

— Caramon, onde... — Tanis o segurou, tentando freneticamente ver onde o homenzarrão estava ferido.

— Minha mão! Caramon balançava para frente e para trás, chorando, com a mão esquerda, a mão com que ele empunhava a espada, enfiada, debaixo de seu braço direito.

— Qual é o problema? —Tanis perguntou. Depois, vendo a espada do guerreiro no chão ele entendeu: a espada de Caramon estava coberta de cristais de gelo.

Tanis olhou aterrorizado e viu a mão do espectro se fechar em volta do punho de Raistlin. Um estremecimento percorreu o delicado corpo do mago; sua face se contorcia de dor, mas ele não caiu. Os olhos do mago estavam fechados, as linhas de cinismo e amargura eliminadas e a paz da morte tomaram conta dele. Tanis assistia a tudo estupefato, apenas parcialmente ciente dos roucos gritos de Caramon. Ele viu o rosto de Raistlin se transformar novamente, desta vez, impregnado de êxtase. A aura de poder do mago se intensificou até ela brilhar em volta dele com um esplendor quase palpável.

— Nós fomos invocados —, Raistlin disse. A voz era dele mesmo, mas, não soava como nenhuma outra que Tanis o tivesse visto usar — Nós temos de partir.

O mago voltou as costas para eles e caminhou para dentro da mata, a fantasmagórica mão descarnada do rei ainda segurava a dele. O círculo de mortos-vivos abriu-se para deixá-los passar.

— Pare-os —, Caramon resmungou. Ele se levantou cambaleando.

— Nós não podemos! — Tanis se esforçou para segurá-lo, até que, por fim, o homenzarrão caiu nos braços do meio elfo, chorando como uma criança

— Nós vamos segui-lo. Ele vai ficar bem. Ele é um magi, Caramon, nós não entendemos. Nós va...

Os olhos dos mortos-vivos bruxuleavam com uma luz profana enquanto eles observavam os companheiros passarem por eles e entrarem na floresta. O exército espectral se fechou em formação atrás deles.

Os companheiros entraram em uma batalha furiosa. Barulho de aço; de vozes estridentes de homens feridos gritando por socorro. Tão real, era o embate dos exércitos na escuridão, que Sturm sacou a espada por puro reflexo. O tumulto deixou-o surdo; e ele abaixou e se esquivou de ataques invisíveis que ele sabia que eram dirigidos contra ele. Ele agitava a espada, desesperado, no ar negro da noite, sabendo que ele estava condenado e que não havia escapatória. Ele começou a correr, e de repente saiu desajeitadamente da floresta em uma clareira deteriorada e sem vegetação. Raistlin estava em pé diante dele, sozinho.

Os olhos do mago estavam fechados. Ele suspirou gentilmente, depois caiu no chão. Sturm correu até ele, depois Caramon apareceu e quase derrubou Sturm no afã de chegar perto de seu irmão e colhê-lo carinhosamente em seus braços. Um a um, os outros surgiram como que guiados até a clareira. Raistlin ainda estava murmurando palavras estranhas, desconhecidas. Os espectros desapareceram.

— Raist! — Caramon soluçava.

As pálpebras do mago piscaram e se abriram.

— A mágica... drenou minha energia... — ele sussurrou — Eu preciso descansar...

— E descansar, vós ireis! — retumbou uma voz, uma voz viva!

Tanis respirou aliviado, enquanto levava a mão ao punho de sua espada. Rapidamente ele e os outros pularam para frente de Raistlin para protegê-lo, formando um círculo, com os rostos voltados para fora, olhando para a escuridão. Então, a lua prateada apareceu, de repente, como se uma mão a tivesse produzido debaixo de um cachecol de seda preto. Agora eles podiam ver

a cabeça e os ombros de um homem em pé entre as árvores. Seus ombros nus, eram tão largos e tão fortes quanto os de Caramon. Seus cabelos longos caiam em cachos em volta de seu pescoço; seus olhos eram claros e tinham um brilho frio. Os companheiros escutaram um farfalhar na vegetação e viram o brilho da ponta de uma lança sendo levantada, apontando para Tanis.

— Abaixem vossas armas insignificantes —, o homem avisou — Vocês estão cercados e não têm chance alguma.

— Um ardil —, Sturm grunhiu, mas enquanto ele falava ouviu-se o som terrível de galhos de árvores estalando e quebrando. Mais homens apareceram, cercando-os, todos armados com lanças que faiscavam sob a luz do luar.

O primeiro homem caminhou rapidamente na direção deles, e os companheiros compreenderam maravilhados, e suas mãos relaxaram rapidamente o aperto no punho das armas.

Na verdade o homem não era um homem. Era um centauro! Humano da cintura para cima, ele tinha o corpo de um cavalo da cintura para baixo. Ele galopou para frente com graça, músculos poderosos formando ondas em seu peito largo. Os outros centauros foram para a trilha obedecendo a um gesto de comando. Tanis colocou sua espada na bainha. Flint espirrou.

— Vocês devem vir conosco —, o centauro ordenou.

— Meu irmão está doente —, Caramon rosnou — ele não pode ir a lugar algum.

— Coloque-o nas minhas costas —, o centauro disse amigavelmente — Na verdade, se estiverem cansados, alguns de vocês poderão cavalgar até o lugar para onde vamos.

— Onde é que você está nos levando? —Tanis perguntou.

— Vocês não estão em posição de fazer perguntas — O centauro esticou a mão e cutucou as costas de Caramon com sua espada — Nós viajaremos rápido e para longe. Eu sugiro que vocês cavalguem. Mas não temam — Ele se

curvou diante de Lua Dourada, estendendo a perna dianteira e levantando a mão ao cabelo mal cuidado — Nada de mal lhes acontecerá esta noite.

— Eu posso cavalgar, Tanis, por favor? — implorou Tasslehoff.

— Não confie neles! Flint deu um espirro violento.

— Eu não confio neles —, Tanis murmurou —, mas não me parece que temos muita escolha, Raistlin não pode andar. Vá em frente Tas. O resto de vocês, também.

Caramon, desconfiado, franzindo a testa para os centauros, levantou o irmão nos braços e o colocou nas costas de um desses meio homem, meio animal. Raistlin curvou-se para frente, fraco.

— Monte —, o centauro disse para Caramon — Eu consigo carregar o peso de vocês dois. Seu irmão precisará de vosso apoio pois nós cavalgaremos rápido hoje à noite.

Vermelho de vergonha, o grande guerreiro subiu com dificuldade nas largas costas do centauro, suas pernas enormes balançavam quase tocando o chão. Ele colocou um braço em volta de Raistlin quando o centauro começou a galopar na estrada. Tasslehoff, rindo de entusiasmo, saltou sobre as costas de um centauro e escorregou do outro lado caindo na lama. Sturm, suspirando, levantou o kender e o colocou nas costas do centauro. Depois, antes que Flint pudesse protestar, o cavaleiro levantou o anão e colocou-o atrás de Tas. Flint tentou falar, mas só conseguiu espirrar enquanto o centauro se afastava. Tanis cavalgou com o primeiro centauro, que parecia ser o líder.

— Onde você está nos levando? —Tanis perguntou novamente.

— Ao Senhor da Floresta —, o centauro respondeu.

— O Senhor da Floresta? —Tanis repetiu — Quem é ele... ele é como vocês?

— Ela é o Senhor da Floresta —, o centauro respondeu e começou galopar trilha afora.

Tanis começou fazer uma outra pergunta, mas o passo apressado do centauro jogou-o para cima e ele quase mordeu a língua quando caiu novamente sobre as costas do centauro. Sentido que começava escorregar para trás quando o centauro começou a galopar cada vez mais rápido, Tanis jogou os braços em volta do largo torso do centauro.

— Não, você não precisa me dividir em dois! — O centauro deu uma olhada para trás, seus olhos brilhavam sob a luz do luar — É meu dever não deixar que você caia. Relaxe. Coloque suas mãos em minhas ancas para se equilibrar. Isso, assim. Segure com as pernas.

Os centauros saíram da trilha e adentraram a floresta. O luar foi imediatamente engolido pelas árvores densas. Tanis sentia os galhos golpeando suas roupas quando eles passavam. O centauro nunca desviou ou diminuiu a velocidade durante o galope e Tanis só podia concluir que ele conhecia bem o caminho, uma trilha que o meio elfo não conseguia ver.

Pouco tempo depois, o ritmo começou a diminuir e o centauro finalmente parou. Tanis não conseguia enxergar por causa da fumaça. Ele sabia que seus companheiros estavam por perto, pois, ouvia a respiração curta de Raistlin, a madura de Caramon que chacoalhava, e o incessante espirrar de Flint. Até a luz do cajado de Raistlin tinha se apagado.

— Existe uma mágica poderosa nesta floresta —, o mago sussurrou baixinho quando Tanis lhe perguntou sobre isso — Esta mágica dissipa todas as outras.

O desconforto de Tanis aumentou.

— Por que estamos parando?

— Porque vocês estão aqui. Desmontem —, o centauro ordenou bruscamente.

— Onde é aqui? — Tanis escorregou das costas largas do centauro para o chão. Ele olhou a sua volta, mas não conseguia ver coisa alguma.

Aparentemente, as árvores impediam que até mesmo o menor clarão do luar ou das estrelas chegasse até a trilha.

— Vocês estão no centro de Mata Escura —, o centauro respondeu — E agora eu vos digo passem bem... ou mal, dependendo do veredicto do Senhor da Floresta.

— Espere um minuto! — Caramon gritou com raiva — Você não pode nos deixar aqui no meio desta floresta, cegos como gatinhos recém nascidos...

— Parem-nos! —Tanis ordenou, procurando sua espada. Mas sua arma havia sumido. Uma explosão de palavrões de Sturm indicava que o cavaleiro tinha descoberto a mesma coisa.

O centauro riu. Tanis ouviu cascos batendo na terra macia e galhos de árvores se agitando. Os centauros haviam partido.

— Já vão tarde! — Flint disse enquanto espirrava.

— Estamos todos aqui? —Tanis perguntou, esticando a mão e sentindo o confortante e forte aperto de Sturm.

— Eu estou aqui — disse Tasslehoff com sua voz esganiçada — Ah, Tanis, não foi maravilhoso? Eu...

— Quieto, Tas! —Tanis disse rapidamente — E os da planície?

— Nós estamos aqui —, disse Vendaval desconsolado — Sem armas. Alguém tem alguma arma? —Tanis perguntou — Não que fosse ajudar muito nesta maldita escuridão —, ele completou num tom irritado.

— Eu tenho meu cajado —, a voz baixa de Lua Dourada disse suavemente.

— E que arma formidável ele é, filha de Que-shu —, disse uma voz grave — Uma arma para o bem, que foi criada com a intenção de combater enfermidades, ferimentos e doenças — A voz, invisível, ficou triste — Hoje em dia, ela será usada como uma arma contra as criaturas do mal que tentam encontrá-la e bani-la deste mundo.

11

O SENHOR DA FLORESTA .

UM INTERLÚDIO TRANQÜILO.

Quem é você? —Tanis gritou — Apareça!

— Nós não vamos lhe fazer mal —, blefou Caramon.

— Claro que não vão — Agora, a voz grave estava surpresa. Vocês não têm armas. Eu as devolverei no momento apropriado. Ninguém traz armas para a Mata Escura, nem mesmo um Cavaleiro de Solamnia. Não tema, nobre cavaleiro. Eu sei que sua espada é antiga e muito valiosa! Eu a manterei segura. Desculpem esta aparente falta de confiança, mas até mesmo o grande Huma colocou a Lança do Dragão aos meus pés.

— Huma! — Sturm disse quase sem fôlego — Quem é você?

— Eu sou o Senhor da Floresta — Enquanto a voz grave falava, a escuridão se foi. Um respiro de deslumbre, gentil como uma brisa de primavera, passou pelos companheiros, enquanto eles olhavam o que acontecia diante deles. Um luar prateado brilhava intensamente no topo de um rochedo alto. De pé sobre o rochedo havia um unicórnio. Ela os observava tranqüilamente, seus olhos inteligentes brilhavam com infinita sabedoria.

A beleza do unicórnio atingia o coração. Lua Dourada sentiu lágrimas em seus olhos e ela foi forçada a fechá-los devido à radiante magnificência do animal. Seu pelo era prateado como o luar, seu chifre era pérola brilhante, sua crina como a espuma do mar. A cabeça poderia ter sido esculpida em mármore polido, mas nenhuma mão humana ou de anão, seria capaz de captar a elegância e a graça que vivia nos finos traços do poderoso pescoço e do peito musculoso. As pernas eram fortes, mas delicadas, os cascos pequenos e fendidos como os de uma cabra. Anos mais tarde, quando viajou por caminhos escuros e seu coração estava entristecido pelo desespero e pela falta de esperança, Lua Dourada precisava apenas fechar os olhos e lembrar do unicórnio para encontrar conforto.

O unicórnio balançou a cabeça e depois a abaixou numa nítida saudação de boas-vindas. Os companheiros, sentindo-se estranhos, desajeitados e confusos, curvaram-se, retribuindo o cumprimento. O unicórnio, de repente, virou-se e deixou a plataforma no rochedo, descendo pelas rochas na direção deles.

Tanis, sentindo que uma mágica havia sido tirada de cima dele, olhou em volta. A luz prateada do luar iluminou uma clareira na floresta. Árvores altas os circundavam como guardiões gigantes e bondosos. O meio elfo estava consciente do duradouro senso de paz que existia naquele lugar. Mas, havia também uma tristeza latente.

— Descansem —, o Senhor da Floresta disse enquanto se encaminhava para o meio deles — Vocês estão cansados e com fome. A comida será trazida e também água para que vocês possam se limpar. Esta noite vocês podem deixar de lado a cautela e os temores. Se existe segurança em algum lugar nestas terras hoje à noite, ela está aqui.

Caramon, cujos olhos se ascenderam à menção de comida, ajudou seu irmão a se sentar no chão. Raistlin afundou na grama, encostando-se no tronco de uma árvore. Seu rosto estava mortalmente pálido sob a luz prateada do luar,

mas sua respiração estava boa. Ele não parecia estar doente e sim exausto. Caramon sentou-se ao lado dele, olhando em torno à procura de comida. Depois soltou um suspiro.

— Provavelmente, mais frutas silvestres —, o guerreiro disse em tom triste para Tanis — Eu sinto vontade de comer carne... traseiro de veado assado, um pedacinho de coelho no espeto...

— Psiu —, Sturm advertiu suavemente, olhando para o Senhor da Floresta. Provavelmente, ela iria te assar primeiro!

Centauros saíram da floresta trazendo uma toalha branca que foi estendida sobre a grama. Outros colocaram globos de cristal transparente que iluminaram a floresta.

Tasslehoff fixou seus olhos, curiosos, nas luzes.

— São luzes de insetos!

Os globos de cristal continham milhares de insetos minúsculos, cada um deles tinha dois pontos em suas costas que brilhavam muito intensamente. Eles caminhavam dentro dos globos, aparentemente contentes em explorar seu ambiente.

Depois, os centauros trouxeram tigelas de água fresca e toalhas brancas e limpas para lavar os rostos e as mãos. A água refrescava os corpos e as mentes ao mesmo tempo em que carregava consigo as marcas de batalha. Outros centauros trouxeram cadeiras, para as quais Caramon olhou desconfiado. Elas eram feitas de um único pedaço de madeira que se curvava em torno do corpo. Elas pareciam confortáveis, a não ser pelo fato de cada cadeira ter apenas uma perna!

— Sentem-se por favor —, disse o Senhor da Floresta afavelmente.

— Eu não consigo sentar naquilo! — o guerreiro protestou — Eu vou cair. — Ele ficou em pé ao lado da toalha de mesa — Além disso, a toalha está esticada na grama. Eu me sentarei na grama junto com ela.

— Perto da comida —, murmurou Flint atrás de sua barba. Os outros olharam inquietos para as cadeiras, as estranhas lâmpadas de cristal com insetos e os centauros. A Filha do Líder, entretanto, sabia o que se esperava dos convidados Apesar do resto do mundo considerar seu povo como bárbaros, a tribo de Lua Dourada tinha regras rígidas de cortesia que tinham de ser observadas de forma religiosa. Lua Dourada sabia que manter seu anfitrião esperando era um insulto, tanto para o anfitrião quanto para sua comitiva. Ela se sentou com uma graça real. A cadeira de uma perna só balançou um pouco, ajustando-se a sua altura e se modelando especialmente para Lua Dourada.

— Sente-se do meu lado direito, guerreiro —, ela disse formalmente, consciente dos muitos olhos sobre eles. O rosto de Vendaval não demonstrava nenhuma emoção, embora fosse engraçado vê-lo tentando dobrar seu corpo alto para sentar numa cadeira de aparência tão frágil. Mas, depois de sentado, ele se reclinou confortavelmente, quase sorrindo numa aprovação inacreditável.

— Obrigado a todos por esperarem eu me sentar —, Lua Dourada disse rapidamente, para encobrir a hesitação dos outros — Vocês todos podem sentar agora.

— Não, obrigado —, começou Caramon, cruzando os braços sobre o peito — Eu não estava esperando. Eu não vou me sentar nessas cadeiras estranhas... — o cotovelo de Sturm cutucou rapidamente as costelas do guerreiro.

— Dama graciosa —, Sturm curvou-se e se sentou com uma dignidade cavalheiresca.

— Bem, se ele pode, eu também posso —, murmurou Caramon, tendo sua decisão acelerada pelo fato dos centauros estarem trazendo a comida. Ele ajudou seu irmão a se sentar e depois se sentou cautelosamente, para ter certeza de que a cadeira suportaria seu peso.

Quatro centauros se posicionaram em cada um dos quatro cantos da enorme toalha aberta no chão. Eles levantaram a toalha na altura de uma mesa e

depois a soltaram. A toalha ficou flutuando no lugar; sua superfície delicadamente bordada era tão dura e firme, quanto a das mesas sólidas da Hospedaria Derradeiro Lar.

— Que magnífico! Como é que eles fazem isso? —Tasslehoff gritou, espiando por debaixo da toalha — Não tem nada aqui em baixo! — ele reportou, com os olhos arregalados. Os centauros riram ruidosamente e até mesmo o Senhor da Floresta sorriu. Depois, os centauros colocaram os pratos, feitos de madeira, lindamente cortados e polidos. Cada convidado recebeu uma faca e um garfo feitos de chifre de veado. Travessas de carne assada encheram o ar com um tentador aroma de fumaça. Pães perfumados e enormes tigelas com frutas brilhavam sob a suave luz das lâmpadas.

Caramon, sentindo-se seguro em sua cadeira, esfregava as mãos. Depois, ele deu um sorriso enorme e pegou o garfo.

— Ahhhh! — Ele suspirou de gratidão quando um centauro colocou diante dele uma travessa de carne de veado assada. Caramon enfiou o garfo, cheirando extasiado o vapor e o caldo que jorraram da carne. De repente, ele percebeu que todos estavam olhando para ele. Ele parou e olhou em volta.

— O que... — ele perguntou, piscando. Então, seus olhos se dirigiram ao Senhor da Floresta e ele enrubesceu e removeu o garfo apressadamente — Eu... eu peço desculpas. Este veado deve ter sido alguém que você conheceu... quero dizer... um de seus súditos.

O Senhor da Floresta sorriu gentilmente.

— Fique tranqüilo, guerreiro —, ela disse — O veado cumpre sua função na vida, provendo sustento para o caçador, seja ele lobo ou homem. Nós não lamentamos a perda daqueles que morrem cumprindo seu objetivo.

Pareceu a Tanis, que os olhos escuros do Senhor da Floresta se dirigiram para Sturm quando ela falou, e havia uma profunda tristeza neles, que enchia o coração do meio elfo com o mais puro medo. Mas, quando voltou a olhar para

o Senhor da Floresta, ele viu o magnífico animal sorrindo mais uma vez. "Imaginação minha," ele pensou.

— Como nós sabemos, Mestre —, Tanis perguntou com hesitação —, se a vida de cada criatura cumpriu seu objetivo? Eu já conheci velhos que morreram em amargura e desespero. Eu já vi crianças pequenas morrerem antes da hora deles, mas deixando para trás um legado tão grande de amor e alegria que a dor de suas mortes foi amenizada pelo conhecimento de que suas curtas vidas tinham dado muito para os outros.

— Você respondeu sua própria pergunta, Tanis Meio Elfo, muito melhor do que eu poderia — o Senhor da Floresta disse com sua voz grave — Isso quer dizer que nossas vidas são medidas, não pelo que ganhamos, mas sim por aquilo que doamos.

O meio elfo começou a responder mas o Senhor da Floresta interrompeu. — Deixem suas preocupações de lado por enquanto. Desfrutem da paz de minha floresta enquanto vocês podem. O tempo dela está se esvaindo.

Tanis olhou atentamente para o Senhor da Floresta, mas o grande animal tinha desviado sua atenção de Tanis e olhava para longe na floresta, com os olhos perturbados pela tristeza. O meio elfo ficou curioso em saber o que ela queria dizer e ficou sentado, perdido em pensamentos profundos, até sentir uma mão gentil tocar a sua.

— Você deveria comer —, Lua Dourada disse — Suas preocupações não vão desaparecer com a comida... e, se elas desapareceram, melhor ainda.

Tanis sorriu para ela e começou a comer com muito apetite. Ele aceitou o conselho do Senhor da Floresta e afastou por algum tempo suas preocupações para um canto de sua mente. Lua Dourada estava certa: não havia muita chance delas irem embora.

O resto dos companheiros fez o mesmo, aceitando a estranheza do que havia a sua volta com a segurança de viajantes experientes. Embora não

houvesse nada mais para beber além de água, para frustração de Flint, o liquido fresco e cristalino limpou os horrores e as dúvidas de seus corações como havia limpado o sangue e a sujeira de suas mãos. Eles riram, conversaram e comeram, desfrutando da companhia uns dos outros. O Senhor da Floresta não falou mais com eles, ao invés disso, ficou observando cada um deles.

O rosto pálido de Sturm tinha ganho um pouco mais de cor. Ele comeu com graça e dignidade. Sentado ao lado de Tasslehoff, ele respondeu às intermináveis perguntas do kender sobre sua terra natal. Ele também, sem chamar muita atenção para o fato, removeu da bolsa de Tasslehoff, uma faca e um garfo que tinham inexplicavelmente ido parar lá. O cavaleiro tinha sentado o mais longe possível de Caramon e fez o possível para ignorá-lo.

O grande guerreiro estava, obviamente, se deliciando com sua refeição. Ele comeu três vezes mais e três vezes do que qualquer um dos outros; três vezes mais rápido e de forma três vezes mais barulhenta do que qualquer um. Quando não estava comendo, ele descrevia para Flint uma luta com um troll usando o osso, em suas mãos, como uma espada para ilustrar seus ataques e defesas. Flint comia com avidez e disse a Caramon que ele era o maior mentiroso de Krynn.

Raistlin sentado ao lado de seu irmão, comeu muito pouco, tirando pedaços somente da carne mais macia, algumas uvas, e um pouco de pão que ele embebeu na água primeiro. Ele não dizia nada, mas ouvia atentamente a todos, absorvendo em sua alma tudo que era dito, guardando tudo isso para referência e uso futuro.

Lua Dourada comeu sua refeição com delicadeza, com uma facilidade praticada. A princesa Que-shu estava acostumada a comer em frente ao público e sabia conversar com facilidade. Ela conversava com Tanis, encorajando-o a descrever as terras élficas e outros lugares que ele havia visitado. Vendaval, ao lado dela, estava extremamente ansioso e preocupado com seu comportamento. Embora não provocasse tanta turbulência ao comer quanto Caramon, o

homem das planícies estava claramente mais acostumado a comer em volta de fogueiras de acampamentos com seus companheiros de tribo do que nos salões reais e ele sabia que parecia primitivo ao lado de Lua Dourada. Ele não dizia nada e parecia propenso a ficar esquecido.

Por fim, todos começaram a empurrar seus pratos e a se recostar nas estranhas cadeiras de madeira, terminando o jantar com pedaços de bolo com frutas. Tas começou a cantar a canção de estrada dos kenders, para o deleite dos centauros. Então, de repente Raistlin falou. Sua voz suave e sussurrante deslizou entre as risadas e conversas num tom alto.

— Senhor da Floresta... — o mago sibilou o nome, — hoje nós lutamos contra criaturas abomináveis que nós nunca tínhamos visto antes em Krynn. Você pode nos falar sobre elas?

O clima festivo e descontraído foi sufocado tão eficientemente, quanto se tivesse sido coberto por uma mortalha. Todos trocaram olhares sinistros.

— Essas criaturas andam como homens —, Caramon completou, — mas parecem répteis. Eles têm mãos e pés com garras e asas e... — o tom da sua voz diminuiu —... eles se transformam em pedra quando morrem.

O Senhor da Floresta fitou-os com tristeza enquanto se levantava. Pareceu que ela estava à espera da pergunta.

— Eu sei dessas criaturas —, ela respondeu — Algumas delas entraram na Mata Escura com um grupo de goblins de Haven uma semana atrás. Elas usavam capuzes e mantos, sem dúvida, para disfarçar sua aparência horrível. Os centauros as seguiram escondidos, para garantir que elas não machucariam ninguém, antes dos asseclas espectrais cuidarem deles. Os centauros disseram que as criaturas chamam a si mesmas de 'dragonianos' e dizem pertencer à 'Ordem do Dragão.'

Raistlin franziu a testa.

— Dragão —, ele sussurrou, confuso — Mas quem são eles? Que raça ou espécie?

— Eu não sei: A única coisa que eu posso lhes dizer é isto: eles não pertencem ao mundo animal, e eles não pertencem a nenhuma das raças de Krynn.

Essa informação levou alguns instantes para ser assimilada por todos. Caramon piscou.

— Eu não... — ele começou.

— Ela quer dizer, meu irmão, que eles não são deste mundo —, Raistlin explicou impaciente.

— Então, de onde eles vêm? — Caramon perguntou, perplexo.

— Essa é a questão, não é? — Raistlin disse friamente — De onde eles vieram... e por quê?

— Isso eu não sei dizer — O Senhor da Floresta balançou a cabeça — Mas eu sei que antes dos asseclas espectrais darem um fim naqueles dragonianos, eles falaram em 'exércitos ao norte.

— Eu os vi. — Tanis ficou em pé — Fogueiras de acampamento... — Sua voz ou quando ele percebeu o que o Senhor da Floresta estava prestes a dizer — Exércitos! De dragonianos? Deve haver milhares deles! — Agora, estavam todos em pé falando ao mesmo tempo.

— Impossível! — disse o cavaleiro, carrancudo.

— Quem está por trás disto? Os Seguidores? Pelos deuses —, Caramon urrou, — Eu sou da opinião de que devemos ir para Haven e encher...

— Vá para Solamnia, não para Haven —, Sturm aconselhou em voz alta.

— Nós deveríamos viajar para Qualinost —, Tanis argumentou—Os elfos...

— Os elfos têm seus próprios problemas —, o Senhor da Floresta interrompeu, sua voz calma era uma influência tranqüilizadora — Assim como os Altos Seguidores de Haven também têm. Nenhum lugar está seguro. Mas eu lhes direi onde vocês devem ir para encontrar respostas para suas perguntas.

— O que você quer dizer quando diz que nos dirá onde devemos ir? — Raistlin adiantou-se lentamente, suas vestes vermelhas ondulando à sua volta enquanto ele caminhava — O que é que você sabe de nós? — O mago fez uma pausa, seus olhos se apertando num pensamento repentino.

— Sim, eu estava esperando por vocês —, o Senhor da Floresta disse em resposta aos pensamentos de Raistlin — Um ser grande e brilhante apareceu para mim na mata um dia destes. Ele me disse que aquele que possuí o cajado de cristal azul viria esta noite à Mata Escura. Os asseclas espectrais deixariam o possuidor do cajado e seus companheiros passarem, apesar de não terem permitido que nenhum humano, elfo, anão ou kender entrasse na Mata Escura desde o Cataclismo. Eu fiquei incumbido de entregar a seguinte mensagem ao portador do cajado: "Você deve voar por sobre a Serra da Muralha. Dentro de dois dias, aquele que possui o cajado deverá estar em Xak Tsaroth. Lá, se se mostrarem merecedores, vocês receberão o maior presente dado ao mundo".

— Serra da Muralha! O queixo do anão caiu — Nós precisaremos mesmo de voar para chegarmos em Xak Tsaroth em dois dias. Ser brilhante! Ah! — Ele estalou os dedos.

O resto dos companheiros olhou um para o outro incomodados. Por fim Tanis disse hesitante.

— Temo que o anão esteja certo, Senhor da Floresta. A jornada para Xak Tsaroth seria longa e perigosa. Nós teríamos que voltar por terras que sabemos que são habitadas por goblins e aqueles dragonianos.

— Além disso, nós teríamos que atravessar as planícies —, Vendaval falou pela primeira vez desde que encontrou o Senhor da Floresta — Nossas vidas não valem nada lá — Ele gesticulou na direção de Lua Dourada — Os Que-shu são guerreiros ferozes e eles conhecem aquelas terras. Eles estão à espera. Nós nunca conseguiríamos atravessar em segurança — Ele olhou para Tanis — E meu povo não sente nenhum amor pelos elfos.

— E, por que ir para Xak Tsaroth? — Caramon resmungou — O maior presente... o que poderia ser isso? Uma espada poderosa? Um baú cheio de moedas de aço? Isso viria a calhar, mas tem uma guerra sendo preparada lá no norte. Eu não perderia essa luta por nada.

O Senhor da Floresta concordou circunspecto.

— Eu entendo seu dilema —, ela disse — Eu ofereço toda ajuda que estiver ao meu alcance. Eu consigo fazer com que vocês cheguem em Xak Tsaroth em dois dias. A questão é, vocês irão?

Tanis voltou-se para os outros. O rosto de Sturm estava abatido. O olhar dele encontrou o de Tanis e ele suspirou.

— O cervo nos trouxe até aqui —, ele disse lentamente —, talvez, para receber este conselho. Mas, meu coração está voltado para o norte, para minha terra natal. Se os exércitos desses dragonianos estão se preparando para atacar, meu lugar é junto com aqueles Cavaleiros, que certamente se agruparão para combater esse mal. Por outro lado, eu não quero abandoná-lo, Tanis, nem você — Ele acenou para Lua Dourada com a cabeça, depois curvou-se segurando a cabeça, que doía, em suas mãos.

Caramon encolheu os ombros.

— Eu irei a qualquer lugar, lutar contra qualquer coisa, Tanis. Você sabe disso. O que você me diz, irmão?

Mas Raistlin, com os olhos fixos na escuridão, não respondeu. Lua Dourada e Vendaval falavam em voz baixa. Eles concordaram entre si, depois Lua Dourada disse a Tanis:

— Nós iremos para Xak Tsaroth. Nós agradecemos tudo que vocês fizeram por nós...

— Mas nós não precisamos mais da ajuda de ninguém —, Vendaval afirmou orgulhoso — Este é o fim de nossa busca. Da mesma forma que começamos sozinhos, nós vamos concluí-la sozinhos.

— E vocês vão morrer sozinhos! Raistlin disse suavemente. Tanis estremeceu.

— Raistlin —, ele disse —, preciso ter uma palavra com você.

O mago se virou obediente e caminhou com o meio elfo até uma pequena área coberta de arbustos anões retorcidos. A escuridão se fechou à volta deles.

— Como nos velhos tempos —, Caramon disse, acompanhando seu irmão, com os olhos apreensivos.

— E olhe só em quanta confusão a gente conseguiu se meter —, Flint o lembrou, deitando-se ruidosamente na grama.

— Sobre o que será que eles estão conversando? — Tasslehoff disse. Há muito tempo atrás, o kender havia tentado escutar algumas destas conversas particulares entre o mago e o meio elfo, mas, Tanis sempre o tinha pego e expulsado — e por que é que eles não podem discutir o assunto conosco?

— Porque, provavelmente, nós iríamos arrancar o coração do Raistlin —, Sturm respondeu, com a voz baixa e cheia de dor — Eu não me importo com o que você diz, Caramon, existe um lado sinistro em seu irmão e Tanis o viu. Pelo que eu sou grato. Ele é capaz de lidar com isso. Eu não seria.

Contrariando a regra, Caramon não disse nada. Sturm olhou para o guerreiro atônito. Nos velhos tempos, o lutador teria saltado em defesa do irmão. Agora, ele ficou sentado em silêncio, preocupado, o rosto aflito. Então, existe um lado sinistro de Raistlin, e agora, Caramon também sabe o que é. Sturm estremeceu, imaginando o que teria acontecido nestes cinco anos que se passaram para ensombrar dessa maneira o guerreiro sempre animado.

Raistlin caminhava junto a Tanis. Os braços do mago estavam cruzados dentro das mangas de suas vestes, a cabeça curvada pensativa. Tanis era capaz de sentir o calor do corpo de Raistlin irradiando através de suas vestes vermelhas, como se ele estivesse sendo consumido por um fogo interior. Como

sempre, Tanis se sentia ansioso na presença do jovem mago. Ainda assim, nesse momento, ele não sabia de mais ninguém com quem ele poderia se aconselhar.

— O que você sabe sobre Xak Tsaroth? —Tanis perguntou.

— Havia um templo lá... um templo em honra dos deuses antigos —, Raistlin sussurrou. Seus olhos cintilavam sob a estranha luz da lua vermelha

— Ele foi destruído no Cataclismo e seu povo fugiu, certo de que os deuses os tinham abandonado. Caiu no esquecimento. Eu não sabia que ainda existia.

— O que é que você vê, Raistlin? —Tanis perguntou em tom suave, depois de uma longa pausa — Você olhou bem longe... o que você viu?

— Eu sou um mago, Tanis, não um vidente.

— Não me venha com essa —, Tanis falou abruptamente — Faz algum tempo, mas não tanto tempo assim. Eu sei que você não tem o dom da visão. Você estava pensando, não consultando os cristais. E você encontrou algumas respostas. Eu quero essas respostas. Você tem mais cabeça do que todos nós juntos, mesmo sendo... — ele parou.

— Mesmo sendo uma aberração e estando deformado — O tom da voz de Raistlin ergueu-se com uma rude arrogância — Sim, eu sou mais inteligente que vocês, todos vocês. E um dia eu o provarei! Algum dia vocês, com toda a força, charme e boa aparência de vocês, todos vocês, me chamarão de mestre!

— Suas mãos se fecharam dentro de seu robe, seus olhos cintilaram com uma cor vermelha sob o luar escarlate. Tanis, que já estava acostumado com esta acusação, esperou pacientemente. O mago relaxou, suas mãos se abriram — Mas, por ora, eu vou lhe dar meu conselho. O que eu vi? Estes exércitos, Tanis, exércitos de dragonianos, derrotarão Solace e Haven e todas as terras de seus pais. Essa é a razão pela qual nós devemos ir para Xak Tsaroth. O que nós encontraremos lá, provará a ruína que esse exército tem provocado.

— Mas, por que os exércitos? — Tanis perguntou — Por que alguém iria querer controlar Solace e Haven e as planícies do leste? São os Seguidores?

— Seguidores! Ah! — Raistlin disse com sarcasmo— Abra seus olhos, Meio Elfo. Alguém ou alguma coisa poderosa criou essas criaturas, esses dragonianos. Não os idiotas dos Seguidores. E ninguém se dá tanto trabalho para dominar duas cidades agrícolas ou até mesmo para procurar um cajado de cristal azul. Esta é uma guerra de conquista, Tanis. Alguém quer conquistar Ansalon! Dentro de dois dias, a vida em Krynn, como nós a conhecemos chegará ao fim. Este é o sinal profético das estrelas cadentes. A Rainha das Trevas voltou. Nós enfrentamos um inimigo que quer, no mínimo, nos escravizar, ou talvez destruir-nos completamente.

— Seu conselho?—Tanis perguntou com relutância. Ele sentiu a mudança vindo e, como todos os elfos, ele temia e detestava mudanças.

Raistlin sorriu seu sorriso torto e amargo, deliciando-se com seu momento de superioridade.

— Que viajemos para Xak Tsaroth imediatamente. Que nós partamos hoje à noite, se possível, por qualquer que seja o meio que esse Senhor da Floresta tem planejado. Se nós não conseguirmos esse presente dentro de dois dias, os exércitos de dragonianos o conseguirão.

— O que você acha que esse presente poderia ser? —Tanis pensou em voz alta — Uma espada, ou moedas, como Caramon disse?

— Meu irmão é um tolo —, Raistlin afirmou com frieza — Você não acredita nisso e nem eu.

— Então, o que? — Tanis continuou. Os olhos de Raistlin se apertaram.

— Eu já lhe dei meu conselho. Aja a esse respeito, como bem lhe aprouver. Eu tenho minhas próprias razões para ir. Mas será perigoso. Xak Tsaroth foi abandonada trezentos anos atrás. Eu não acredito que ela tenha permanecido abandonada todo esse tempo.

— Isso é verdade —, Tanis ponderou. Ele ficou em pé, em silêncio, durante alguns minutos. O mago tossiu uma vez, suavemente — Você acredita que nós fomos escolhidos, Raistlin? —Tanis perguntou.

O mago não hesitou.

— Sim. Foi isso que eu descobri nas Torres da Magia. Foi isso que Par-Salian me disse.

— Mas por quê? —Tanis questionou impaciente — Nós não somos heróis... bem, talvez Sturm...

— Ah —disse Raistlin — Mas, quem nos escolheu? E com que intenção? Pense nisto, Tanis Meio Elfo!

O mago curvou-se diante de Tanis zombeteiramente e se virou para voltar para junto do resto do grupo.

12

SONO ALADO.

FUMAÇA No ORIENTE.

MEMÓRIAS SOMBRIAS

Xak Tsaroth—, Tanis disse — Essa é a minha decisão.

— É isso que o mago aconselha? — Sturm perguntou carrancudo.

— É —, Tanis respondeu — e eu acredito que o conselho dele é válido. Se nós não chegarmos a Xak Tsaroth dentro de dois dias, outros irão e esse 'grande presente' pode ser perdido para sempre.

— O grande presente! —Tasslehoff disse, com os olhos luzindo — Pense só, Flint! Jóias que não têm preço! Ou talvez...

— Um barril de cerveja e as batatas fritas de Otik —, o anão resmungou — E uma lareira bem quentinha. Mas não Xak Tsaroth!

—Acho que todos nós concordamos, então —, Tanis disse — Se você achar que precisam de você no norte, Sturm, claro que você...

— Eu irei com você para Xak Tsaroth —, Sturm suspirou — Não há nada no norte para mim. Eu estava me iludindo. Os Cavaleiros da minha ordem estão espalhados, hibernando em fortalezas desmoronadas, tentando fugir dos cobradores.

O rosto do cavaleiro se contorceu em agonia e ele abaixou a cabeça. De repente Tanis, se sentiu cansado. Seu pescoço estava machucado, seus ombros e costas doíam, os músculos de suas pernas estavam contraídos. Ele começou a dizer alguma coisa, quando sentiu uma mão gentil tocar seu ombro. Ele olhou para cima e viu o rosto de Lua Dourada, descontraída e calma à luz do luar.

— Você está exausto, meu amigo —, ela disse — Nós todos estamos. Mas Vendaval e eu estamos contentes pelo fato de você estar vindo conosco — A mão dela era forte. Ela olhou em volta, seu olhar abrangendo o grupo todo — Nós estamos contentes por vocês todos estarem vindo conosco.

Tanis olhando para Vendaval, tinha certeza de que o alto homem das planícies concordava com ela.

—É só mais uma aventura — Caramon disse, ficando vermelho de vergonha, — Ei, Raist? Ele cutucou o irmão com o cotovelo. Raistlin, ignorando o irmão gêmeo, olhou para o Senhor da Floresta.

— Nós devemos partir imediatamente —, o mago disse friamente — Você disse alguma coisa sobre nos ajudar a atravessar as montanhas.

— Sem dúvida —, o Senhor da Floresta respondeu num tom sério — Eu também estou contente por vocês terem tomado essa decisão. Espero que vocês achem minha ajuda bem-vinda.

O Senhor da Floresta ergueu a cabeça e olhou para o céu. Os companheiros acompanharam seu olhar. O céu noturno visto por entre as copas das árvores cintilava com o brilho das estrelas. Pouco depois, os companheiros perceberam que havia alguma coisa voando sobre eles que fazia as estrelas piscarem com sua passagem.

— Eu quero ser um anão —, Flint disse com ar sério — Cavalos alados. O que vem depois?

— Oh! —Tasslehoff respirou fundo. O kender estava maravilhado enquanto observava os lindos animais circularem sobre eles, descendo um pouco a cada volta, seus pelos brilhando com um tom azul esbranquiçado sob a luz do luar. Tas, juntou as mãos. Nunca, na imaginação mais louca de um kender, ele tinha sonhado em voar. Só isto, já valia a pena lutar contra todos os dragonianos de Krynn.

Os pégasos desceram até o chão, suas asas com penas criavam um vento que balançava os galhos das árvores e faziam a grama abaixar. Um grande pégaso tocou suas asas no chão quando ele passou abaixando-se em reverência ao Senhor da Floresta. Sua postura era nobre e cheia de orgulho. Todas as outras criaturas, se curvaram também, uma a uma.

— Você nos invocou? — o líder perguntou ao Senhor da Floresta.

— Estes meus convidados têm negócios urgentes no leste. Eu aposto que vocês os carregariam com a rapidez dos ventos para o outro lado da Serra da Muralha.

O pégaso olhou para os companheiros com perplexidade. Ele andou com um porte majestoso olhou para um dos companheiros, depois para outro. Quando Tas levantou a mão para acariciar o nariz do cavalo, as duas orelhas do animal se viraram para frente e ele ergueu a cabeça para trás. Mas quando se aproximou de Flint, ele deu um relincho de repugnância e se virou para o Senhor da Floresta.

— Um kender? Humanos? E um anão?

— Não me faça nenhum favor, cavalo! — Disse Flint espirrando.

O Senhor da Floresta simplesmente acenou com a cabeça e sorriu. O pégaso se curvou, concordando com relutância.

— Muito bem, mestre —, ele respondeu. Com uma graça poderosa, ele caminhou até Lua Dourada e começou a dobrar sua perna dianteira, abaixando-se diante dela, para ajudá-la a montar.

— Não, não se ajoelhe nobre animal —, ela disse — Eu já cavalgava antes mesmo de aprender a andar. Eu não preciso de tal ajuda — Entregando seu cajado a Vendaval, Lua Dourada passou o braço em volta do pescoço do pégaso e se jogou, com uma perna de cada lado, nas costas largas do animal. O cabelo prata dourado dela esvoaçou como uma pena branca ao luar, o rosto era puro e sem emoções como mármore. Agora ela realmente parecia a princesa de uma tribo bárbara.

Ela pegou o cajado das mãos Vendaval. Levantando-o no ar, ela começou a cantar. Vendaval, com os olhos brilhando de admiração, pulou atrás dela, nas costas do cavalo alado. Colocando seus braços em volta dela, ele adicionou sua voz de barítono à dela.

Tanis não tinha a menor idéia do que eles estavam cantando, mas pareceu-lhe uma canção de vitória e triunfo. Ela mexeu com o seu sangue e ele teria se juntado a eles voluntariamente. Um dos pégasos caminhou até ele. Ele montou sozinho, e se acomodou em suas costas largas, sentando-se na frente das poderosas asas.

A esta altura, todos os companheiros apanhados na exultação do momento, montados, a canção de Lua Dourada dando asas às suas almas enquanto os pégasos abriam suas enormes asas e pegavam as correntes de vento. Eles subiam, cada vez mais alto, circulando por sobre a floresta. A lua prateada e a lua vermelha, banhavam o vale embaixo deles e as nuvens acima, em um assustador, e lindo, brilho purpúreo que foi se transformando em uma noite de púrpura escura.

Enquanto a floresta se afastava deles, a última coisa que os companheiros viram, foi o Senhor da Floresta, piscando como uma estrela, que caiu dos céus, brilhando perdida e sozinha em uma terra que escurecia.

Um a um, os companheiros sentiram uma sonolência tomar conta deles.

Tasslehoff lutou contra esse sono mágico induzido, mais tempo do que os outros. Encantado com a corrente de vento soprando contra seu rosto, enfeitiçado pela visão das altas árvores, que normalmente pairavam acima dele, reduzidas a brinquedos de crianças, Tas lutou para ficar acordado até bem depois de todos os outros. A cabeça de Flint descansava contra suas costas, o anão roncando bem alto. Lua Dourada estava envolvida nos braços de Vendaval. A cabeça dele, pendurada para frente sobre o ombro dela. Mesmo dormindo, ele a segurava, protegendo-a. Caramon deitou-se sobre o pescoço de seu cavalo, roncando pesadamente. Seu irmão descansava contra suas costas largas. Sturm dormia em paz, as marcas de dor haviam desaparecido de seu rosto. Mesmo o rosto barbado de Tanis estava livre de cuidados, preocupações e responsabilidades.

Tas bocejou.

—Não —, ele resmungou, piscando rapidamente e beliscando a si mesmo.

—Descanse, agora, pequeno kender —, o pégaso em que ele estava montado disse divertido — Os mortais não foram feitos para voar. Este sono é para sua proteção. Nós não queremos que vocês se assustem e caiam.

— Eu não vou cair —, Tas protestou, bocejando outra vez. Sua cabeça caiu para frente. O pescoço do pégaso era quente e confortável, o pelo era perfumado e macio — Eu não ficarei com medo —, Tas sussurrou com sono — Nunca ficarei com medo... — Ele adormeceu.

O meio elfo acordou assustado ao descobrir que ele estava deitado em uma pradaria. O líder dos pégasos estava pairando sobre ele, olhando para o leste. Tanis se sentou.

— Onde nós estamos? — ele começou — Isto não é uma cidade — Ele olhou em volta — Por que... nós não cruzamos as montanhas ainda!

— Me desculpe — O pégaso virou-se para ele — Nós não tínhamos como levá-los até a Serra da Muralha. Há uma grande confusão se formando lá para o leste. Trevas enchem o ar, trevas que eu não vejo em Krynn há muitos... — Ele parou, baixou a cabeça e bateu com suas patas no chão, irrequieto — Eu não me atrevo a ir mais longe.

— Onde nós estamos? — O confuso meio elfo repetiu — E onde estão os outros pégasos?

— Eu os mandei para casa. Fiquei para guardar seu sono. Agora que você acordou, eu devo voltar também — O pégaso fitou Tanis de uma forma severa — Eu não sei o que despertou esse grande mal em Krynn. Eu acredito que não tenha sido você ou seus companheiros.

Ele abriu suas grandes asas.

— Espere! —Tanis levantou-se rapidamente — O que...

O pégaso se jogou no ar, deu duas voltas, depois se foi, voando rapidamente de volta para o oeste.

— Que mal? — Tanis perguntou frustrado. Ele suspirou e olhou em volta. Seus companheiros estavam dormindo profundamente, deitados no chão em volta dele, em várias poses de sono. Ele estudou o horizonte, tentando se recompor. Percebeu que era quase de manhã. A luz do sol estava começando a iluminar o leste. Ele estava de pé em uma pradaria plana. Não havia uma única árvore à vista, nada além de colinas cobertas por grama alta, até onde ele podia ver.

Tentando descobrir o que o pégaso quisera dizer sobre confusão no leste, Tanis sentou-se para ver o sol nascer e esperar que seus amigos acordassem. Ele não estava particularmente preocupado com relação ao lugar onde eles estavam, pois, imaginou que Vendaval conhecesse estas terras, até a última folha de grama. Então, ele se esticou no chão, olhando para o leste, sentindo-se mais descontraído depois daquele estranho sono que ele teve.

De repente, ele se sentou, sua descontração se fora, um aperto na garganta, como uma mão invisível. Pois, lá, subindo como uma cobra para se encontrar com o sol da manhã, estavam três grossas e espiraladas colunas de uma fumaça negra e gordurosa. Tanis levantou-se depressa. Ele correu e sacudiu Vendaval gentilmente, tentando acordar o homem das planícies sem incomodar Lua Dourada.

— Psiu —, Tanis murmurou, colocando um dedo nos lábios e acenando na direção da mulher que dormia, enquanto Vendaval piscava para o meio elfo. Vendo a expressão assustada de Tanis, o bárbaro acordou instantaneamente. Ele ficou de pé silenciosamente e se afastou com Tanis, olhando à sua volta.

— O que é isto? — ele murmurou — Nós estamos nas planícies da Abanasinia. Ainda estamos a meio dia de jornada das Montanhas da Parede Leste. Meu vilarejo está ao leste...

Ele parou quando Tanis apontou, silenciosamente, para o leste. Depois soltou um suspiro curto e desigual, quando viu a fumaça espiralando para o céu. Lua Dourada acordou sobressaltada. Ela se sentou, contemplou Vendaval, sonolenta e assustada. Voltando-se, ela acompanhou seu olhar aterrorizado.

— Não —, ela soltou um grito de lamento — Não! — ela gritou novamente. Levantando-se rapidamente, ela começou a juntar seus pertences. Os outros acordaram com seu grito.

— O que aconteceu? — Caramon pôs-se de pé.

— O vilarejo deles —, Tanis disse em tom suave, gesticulando com sua mão — Está pegando fogo. Aparentemente os exércitos estão se movendo mais rápido do que nós pensávamos.

— Não —, disse Raistlin — Lembrem-se, os clérigos dragonianos disseram que eles tinham rastreado o cajado até um vilarejo nas planícies.

— Meu povo —, Lua Dourada murmurou, sua energia se esvaindo. Ela se largou nos braços de Vendaval, olhando fixamente para a fumaça — Meu pai...

— É melhor partirmos — Caramon olhou à sua volta inquieto — Nós somos visíveis como uma jóia no umbigo de uma dançarina cigana.

— Sim —, Tanis disse — Nós, definitivamente, temos que sair daqui. Mas, para onde vamos? ele perguntou a Vendaval.

— Que-shu —, disse Lua Dourada com firmeza — Está no nosso caminho. As Montanhas da Parede Leste ficam logo depois do meu povoado — Ela começou a caminhar no meio da grama alta.

Tanis fitou Vendaval.

— Marulina!—Ele gritou o nome dela. Correndo para frente, ele segurou o braço de Lua Dourada. — Nikh pat-takh merílar! — ele disse sério.

Ela olhou para ele, os olhos azuis e frios como o céu da manhã.

— Não —ela disse resoluta — Eu vou para nosso vilarejo. É nossa culpa se tiver acontecido. Eu não me importo se tem milhares daqueles monstros nos esperando. Eu morrerei com nosso povo, como deveria ter feito — Sua voz falhou. Tanis, observando a cena, sentiu seu coração doer de pena.

Vendaval colocou o braço em volta dela e juntos eles começaram a caminhar na direção do sol nascente.

Caramon limpou a garganta.

—Eu estou torcendo para encontrar milhares daquelas coisas —, ele murmurou, pegando sua mochila e a de seu irmão.

— Ei —, ele disse surpreso — Elas estão cheias — Ele deu uma espiada dentro de sua mochila. — Provisões. Para vários dias. E minha espada está de volta em minha bainha!

—Pelo menos, isso é uma coisa com a qual nós não precisaremos nos preocupar — Tanis disse num tom soturno — Você está bem, Sturm?

— Sim —, o cavaleiro respondeu — Eu me sinto bem melhor depois daquele sono.

— Ótimo, então. Vamos. Flint, onde está Tas? — Virando-se Tanis quase caiu sobre o kender que estava de pé bem atrás dele.

— Pobre Lua Dourada —, Tas disse em tom suave. Tanis deu uns tapinhas no ombro dele.

— Talvez não seja tão ruim quanto nós tememos —, o meio elfo disse, seguindo os homens da planície no meio da grama que ondulava com o vento — Talvez os guerreiros os tenham expulsado e aquelas sejam fogueiras festejando a vitória..

Tasslehoff suspirou e olhou para Tanis, seus olhos castanhos arregalados.

— Você é um grande mentiroso, Tanis —, o kender disse. Ele teve a impressão de que aquele seria um dia muito longo.

Crepúsculo. O pálido sol se pós. Raios amarelos e marrons riscavam o céu ocidental, depois se dissiparam na noite sombria. Os companheiros se sentaram agrupados em volta do fogo que não os aquecia, pois não existia nenhuma chama em Krynn capaz de espantar o frio de suas almas. Eles não falaram entre si, mas todos eles se sentaram com olhos fixos no fogo, tentando enxergar algum sentido naquilo que eles tinham visto, tentando ver algum sentido naquilo que não faz sentido.

Tanis tinha passado por muita coisa horrível em sua vida. Mas a cidade devastada de Que-shu iria sempre se destacar em sua memória como um símbolo dos horrores da guerra.

Mesmo assim, lembrando-se de Que-shu, ele conseguia ver apenas algumas imagens fugidas pois sua mente se recusava a guardar a visão total dos horrores. Estranhamente, ele se lembrava das pedras derretidas de Que-shu. Ele se lembrava delas vividamente. Somente em seus sonhos ele se lembrou dos corpos retorcidos e queimados esparramados por entre as pedras fumegantes.

As grandes paredes de pedra, os enormes edifícios e templos de pedra, os espaçosos prédios de pedra com seus jardins e estátuas de rocha, uma grande arena de pedra, tudo tinha derretido como manteiga em um dia quente de verão. A rocha ainda queimava, embora estivesse óbvio que o vilarejo tinha sido

atacado bem mais de um amanhecer atrás. Era como se uma enorme chama ardente tivesse engolido todo o vilarejo. Mas, que fogo havia em Krynn capaz de derreter rochas?

Ele se lembrou de um rangido, lembrou-se de tê-lo ouvido e ficar intrigado com ele, e imaginou o que poderia ser, até localizar a fonte do único som na inércia da cidade mortalmente silenciosa se tornar uma obsessão. Ele correu pelo vilarejo em ruínas, até localizar sua fonte. Ele se lembra de ter gritado para os outros até eles irem ter com ele. Eles ficaram em pé olhando a arena derretida.

Enormes blocos de pedra haviam escorregado das paredes laterais da depressão em forma de tigela, formando ondas de pedra derretida em volta do fundo da tigela. No centro, sobre a grama que estava escura e queimada, havia uma forca rústica. Dois postes firmes tinham sido enfiados no chão queimado por uma força indescritível, suas bases esmagadas pelo impacto. Três metros acima do solo, a madeira transversal da forca estava presa aos dois postes. A madeira estava queimada e coberta de bolhas. Abutres se empoleiravam sobre a trave. Três correntes, feitas do que parecia ser ferro, antes delas terem sido derretidas e transformadas em uma só, balançavam para frente e para trás. Esta era a origem do rangido. Suspenso em cada corrente, aparentemente pelos pés, havia um corpo. Os corpos não eram humanos; eram de hobgoblins. No alto da repugnante estrutura havia um escudo preso à madeira transversal pela lâmina de uma espada quebrada. Rudemente rabiscadas no escudo amassado, havia algumas palavras escritas de forma grosseira em língua comum.

"Isto é o que acontece àqueles que fazem prisioneiros contra minhas ordens". Mate ou morra. "Estava assinado, Verminaard".

Verminaard. O nome não significava nada para Tanis.

Outras imagens. Ele se lembrou de Lua Dourada sentada no centro da casa arruinada de seu pai, tentando juntar os pedaços de um vaso quebrado. Ele se lembrou de um cachorro, a única coisa viva que eles acharam em todo

vilarejo, enrolado em torno do corpo de uma criança morta. Caramon parou para fazer um agrado no pequeno cachorro. O animal se encolheu, depois lambeu a mão do homenzarrão. Depois, ele lambeu o rosto frio da criança, olhando para o guerreiro, com esperança de que este humano pudesse fazer tudo ficar bem, seu amiguinho correr e rir de novo. Ele se lembrou de Caramon passando suas mãos enormes no pelo macio do cachorro.

Ele se lembrou de Vendaval pegando uma pedra, segurando-a, sem inten-. alguma, enquanto ele olhava seu vilarejo queimado e destruído.

Ele se lembrou de Sturm, de pé, paralisado diante da forca, olhando para o aviso e ele se lembrou dos lábios do cavaleiro se movendo como em uma prece ou talvez num voto silencioso.

Ele se lembrou das marcas de tristeza no rosto do anão, que tinha visto muita tragédia ao longo de sua extensa vida, em pé no centro do vilarejo em ruínas, batendo gentilmente nas costas de Tasslehoff, depois de ter encontrado o kender soluçando num canto.

Ele se lembrou de Lua Dourada procurando freneticamente por sobreviventes. Ela se arrastava pelos destroços enegrecidos, gritando nomes, esperando ouvir respostas enfraquecidas para seus chamados, até ficar rouca e Vendaval conseguir finalmente convencê-la de que já não havia esperança. Se houvesse sobreviventes, eles teriam fugido há muito tempo.

Ele se lembrou de estar de pé, sozinho, no centro da cidade, olhando para os montes de poeira com pontas de flechas neles, e reconhecendo-os como corpos de dragonianos.

Ele se lembrou de uma mão fria tocando seu braço e a voz sussurrante do mago.

— Tanis, nós temos de partir. Não há mais nada que nós possamos fazer e temos de chegar em Xak Tsaroth. Depois, nós nos vingaremos.

E assim eles deixaram Que-shu. Eles viajaram o mais que puderam durante a noite, nenhum deles queria parar, todos querendo forçar seu corpo

até a exaustão para que, quando eles viessem finalmente a dormir, não houvesse nenhum sonho maligno.

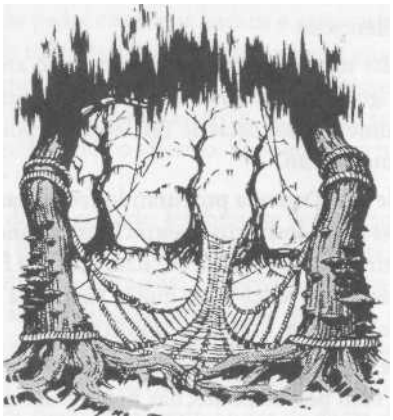
Mas os sonhos vieram, assim mesmo.

13

MANHÃ FRIA

PONTES DE CIPÓ.

ÁGUA ESCURA.



Tanis sentiu mãos com garras apertando sua garganta. Ele se debateu e lutou, então, acordou e viu Vendaval curvado sobre ele na escuridão, chacoalhando-o com força.

— O que... ? Tanis se sentou.

— Você está sonhando —, o homem das planícies disse sombrio — Eu tive que te acordar. Seus gritos atrairiam um exército.

— Obrigado —, Tanis murmurou — Desculpe-me — Sentado, ele tentou esquecer o pesadelo — Que horas são?

— Ainda faltam algumas horas até o amanhecer — Vendaval disse cansado. Ele voltou para o lugar onde estivera sentado, suas costas contra o tronco de uma árvore retorcida. Lua Dourada dormia no chão ao seu lado. Ela começou a murmurar e sacudir a cabeça, dando pequenos, e suaves gemidos, como um animal ferido. Vendaval tocou seu cabelo prata dourado, e ela se acalmou.

— Você deveria ter me acordado mais cedo —Tanis disse. Ele ficou de pé, esfregando os ombros e o pescoço — E hora do meu turno de vigia.

— Você acha que eu consegui dormir? — perguntou Vendaval desconsolado.

— Você deve —, Tanis respondeu — Você vai nos atrasar se não descansar.

— Um homem de minha tribo é capaz de viajar muitos dias sem dormir — Vendaval disse. Seus olhos estavam apáticos e vidrados e ele parecia estar olhando para o nada.

Tanis começou a discutir, depois suspirou e ficou quieto. Ele sabia que nunca conseguiria entender a verdadeira agonia que o homem das planícies estava sentindo. Ter amigos e família, uma vida inteira, praticamente destruída, deve tão devastador que seu cérebro se encolheu só de pensar nisso. Tanis dei--o e caminhou até onde Flint estava esculpindo um pedaço de madeira. —Você também deveria dormir —Tanis disse ao anão — Eu vigiarei um pouco.

Flint acenou com a cabeça.

— Eu ouvi você gritando — Ele guardou a adaga na bainha e jogou o pedaço de madeira em uma bolsa — Você estava defendendo Que-shu?

Tanis franziu a testa só de lembrar. Tremendo com o frio da noite, ele se enrolou em seu manto, e levantou o capuz.

— Você tem alguma idéia de onde estamos? — ele perguntou a Flint.

— O homem das planícies diz que estamos em uma estrada conhecida como Estrada da Artemísia —, o anão respondeu. Ele se esticou no chão frio, puxando um cobertor em torno dos ombros — Alguma rodovia antiga. Ela existe desde antes do Cataclismo.

— Eu não acredito que nós vamos ter sorte suficiente para essa estrada nos levar até Xak Tsaroth!

— Vendaval acha que não —, o anão resmungou sonolento — Disse que ele só usou um trecho pequeno dela. Mas, pelo menos ela nos ajuda atravessar as montanhas — Ele deu um grande bocejo e se virou, usando o manto como travesseiro.

Tanis respirou fundo. A noite parecia calma o suficiente. Eles não tinham encontrado nenhum dragoniano ou goblin em seu maravilhoso vôo de Que-shu. Como Raistlin disse, dá a impressão que, eles atacaram Que-shu em busca do cajado, não como parte de qualquer preparação para a guerra. Eles tinham atacado e depois se retirado. Tanis supunha que o limite de tempo do Senhor da Floresta continuava valendo,... chegar a Xak Tsaroth em dois dias. E um dia já havia se passado.

Tremendo, o meio elfo voltou até onde Vendaval estava.

— Você tem alguma idéia de quanto ainda temos de andar e em qual direção — Tanis se agachou perto do homem das planícies.

— Sim, — Vendaval acenou com a cabeça, esfregando os olhos, que queimavam — Nós temos de ir para o nordeste, na direção do Novo Mar. Os boatos dizem que a cidade é por ali. Eu nunca estive lá... — ele franziu a testa, depois balançou a cabeça — Eu nunca estive lá —, ele repetiu.

— Será que vamos conseguir chegar lá até amanhã? —Tanis perguntou.

— Dizem que Novo Mar fica a dois dias de viagem de Que-shu — O bárbaro disse suspirando. — Se Xak Tsaroth existe, nós devemos chegar lá em um dia, embora eu tenha ouvido dizer que as terras daqui até Novo Mar são pantanosas e que é difícil viajar por elas.

Ele fechou os olhos, sua mão tocava inconscientemente o cabelo de Lua Dourada. Tanis ficou calado, torcendo para o homem das planícies dormir. O meio elfo moveu-se silenciosamente e sentou-se sob uma árvore, observando a noite. Ele fez uma anotação mental para perguntar a Tasslehoff pela manhã, se ele tinha um mapa.

O kender tinha um mapa, mas não era de grande ajuda, pois datava de antes do Cataclismo. Novo Mar não estava no mapa, pois ele apareceu depois que a terra foi arrasada e as águas do Mar Turvo se apressaram em preenchê-lo. Ainda assim, o mapa mostrava Xak Tsaroth a uma pequena distância de uma rodovia marcada como Estrada da Artemísia. Eles deveriam chegar lá a qualquer momento na parte da tarde, se o território que eles tinham de atravessar não fosse intransponível.

Os companheiros comeram o desjejum sem entusiasmo, a maioria deles forçando a comida a descer sem apetite. Raistlin fez o seu mal cheiroso chá de ervas sobre a pequena fogueira, seus olhos estranhos fixos no cajado de Lua Dourada.

— Quão precioso ele se tornou —, ele comentou suavemente, — agora que foi comprado com o sangue de inocentes.

— Será que vale a pena? Será que vale as vidas de meu povo? — Lua Dourada perguntou, olhando sem entusiasmo para o cajado marrom que não tinha qualidades visíveis. Ela parecia ter envelhecido da noite para o dia. Manchas cinza eram visíveis abaixo de seus olhos.

Nenhum dos companheiros respondeu, todos eles desviaram o olhar num silêncio estranho. Vendaval levantou-se abruptamente e caminhou sozinho em direção à mata. Lua Dourada levantou os olhos e acompanhou seu movimento, depois afundou a cabeça em suas mãos e começou a chorar silenciosamente.

— Ele culpa a si mesmo — Ela balançou a cabeça — E eu não o estou ajudando. Não foi culpa dele.

— Não é culpa de ninguém —, Tanis disse lentamente, caminhando na direção dela. Ele colocou a mão no ombro dela, massageando-o para desfazer a tensão que sentiu nos músculos do pescoço dela — Nós não conseguimos entender. Temos apenas que continuar e torcer para encontrarmos a resposta em Xak Tsaroth.

Ela acenou com a cabeça e enxugou as lágrimas, respirou fundo e assoou o nariz no lenço que Tasslehoff tinha lhe dado.

— Você tem razão —, ela disse, engolindo em seco — Meu pai teria vergonha de mim. Eu tenho de me lembrar que eu sou a Filha do Líder.

— Não —, ouviu-se a voz grave de Vendaval vinda do lugar onde ele se encontrava, atrás dela, nas sombras das árvores — Você é a Líder.

Lua Dourada ficou boquiaberta. Ela se virou e olhou para Vendaval com os olhos arregalados.

—Talvez eu seja —, ela parou, — mas isso não faz sentido. Nosso povo esta morto...

— Eu vi pegadas —, Vendaval respondeu — Alguns conseguiram escapar. Eles provavelmente foram para as montanhas. Eles voltarão e você será seu líder.

— Nosso povo... ainda vivo? — O rosto de Lua Dourada ficou radiante.

— Não muitos. Talvez nenhum agora. Isso depende se os dragonianos os seguiram até as montanhas ou não — Vendaval encolheu os ombros — Ainda assim agora, você é a governante deles... — a amargura impregnou sua voz... — e eu serei o marido do chefe.

Lua Dourada se encolheu de medo, como se ele a tivesse atingido. Ela piscou, depois balançou a cabeça.

— Não, Vendaval —, ela disse suavemente —, Eu... nós já conversamos...

— Já conversamos? ele a interrompeu — Eu estava pensando nisso a noite passada. Eu fiquei ausente durante muitos anos. Meus pensamentos estavam em você. como uma mulher. Eu não percebi... — Ele engoliu em seco e depois respirou fundo — Eu deixei Lua Dourada. Quando voltei eu encontrei a Filha do Líder.

— Que escolha eu tive? — Lua Dourada gritou com raiva — Meu pai não estava bem. Eu tinha que governar se não Loreman teria tomado conta da

nossa tribo. Você sabe o que é... ser a Filha do Líder? Tentando adivinhar em cada refeição, se é este o bocado que está envenenado? Lutar todos os dias para encontrar dinheiro no tesouro para pagar os soldados para que Loreman não tivesse uma desculpa para assumir o poder? E todo tempo eu tive que agir como a Filha do Líder, enquanto meu pai se sentava e ficava babando e balbuciando — Sua voz engasgou com as lágrimas.

Vendaval ouvia com o rosto circunspecto e impassível. Ele olhava fixamente para um ponto acima da cabeça dela.

— Nós temos de partir —, ele disse friamente — Já está quase amanhecendo.

Os companheiros tinham viajado apenas alguns quilômetros na estrada velha e danificada quando ela literalmente os levou para dentro de um pântano. Eles tinham notado que o terreno tinha ficado ligeiramente mais poroso e que as altas e fortes árvores da floresta que existia no cânion da montanha tinham diminuído. Árvores estranhas e retorcidas surgiram na frente deles. Um miasma que levantava do pântano bloqueava o sol e o ar se tornou viciado. Raistlin começou a tossir e cobriu a boca com um lenço. Eles ficaram nas pedras quebradas da velha estrada, evitando o chão pantanoso próximo a ela.

Flint ia andando na frente com Tasslehoff quando de repente o anão deu um grito e desapareceu dentro do pântano. Eles só conseguiam ver a cabeça dele.

— Socorro! O anão! —Tas gritou, e os outros correram.

— Está me puxando para baixo! — Flint se debatia em pânico na lama negra que transudava.

— Fique parado—, Vendaval avisou — Você caiu num poço da morte. Não vá atrás dele! — ele avisou Sturm que tinha saltado para frente — Vocês dois morrerão. Pegue um galho.

Caramon agarrou uma árvore nova, respirou fundo, grunhiu e puxou. Eles conseguiam ouvir as raízes da árvore quebrando e rangendo quando o

enorme guerreiro a arrastou para fora da terra. Vendaval, esticou-se no chão, estendendo um galho para o anão. Flint com a lama gosmenta, quase na altura do nariz se debateu até finalmente conseguir agarrar o galho. O guerreiro puxou a árvore para fora do poço da morte arrastando junto o anão que estava agarrado a ela.

— Tanis! — O kender agarrou o meio elfo e apontou. Uma cobra, tão grossa quanto o braço de Caramon, se arrastava para dentro da lama, próximo ao lugar onde o anão estava se debatendo.

— Nós não vamos atravessar isso aí! —Tanis gesticulou para o pântano — Talvez nós devêssemos regressar.

— Não há tempo —, Raistlin sussurrou, seus olhos de ampulheta piscando.

— E não há outro caminho —, Vendaval disse. Sua voz soou estranha — E nós conseguiremos passar, eu conheço um caminho.

— O que? —Tanis se virou para ele — Eu pensei que você tivesse dito...

— Eu já estive aqui —, o homem das planícies disse com a voz estrangulada. — Não consigo me lembrar quando, mas eu já estive aqui. Eu sei um caminho para atravessar o pântano. E ele leva para... — Ele passou a língua nos lábios.

— Leva a uma cidade destruída tomada pelo mal? —Tanis perguntou com raiva quando o homem das planícies não terminou a frase.

— Xak Tsaroth! — Raistlin sibilou.

— É claro —, Tanis disse suavemente — Faz sentido. Onde é que nós poderíamos ir para obter respostas sobre o cajado, se não no lugar onde o cajado lhe foi dado?

— E nós temos de partir agora! — disse Raistlin de forma insistente — Nós temos de estar lá hoje, por volta da meia noite!

O homem das planícies assumiu a liderança. Ele encontrou solo firme em volta da água negra e, depois de fazer com que andassem em fila indiana,

afastou-se da estrada, e conduziu-os para dentro do pântano. Árvores, que ele chamou de garras-de-ferro, erguiam-se para fora da água, com as raízes expostas, retorcendo-se para dentro da lama. Cipós se penduravam em seus galhos e cruzavam o pequeno caminho. A névoa ficou mais espessa, e pouco tempo depois, ninguém mais conseguia ver um metro à frente. Eles foram forçados a se mover lentamente, testando cada passo. Um movimento em falso e eles teriam mergulhado no fedorento charco a volta.

De repente, a trilha chegou ao fim, adiante somente a escura água do pântano.

— E agora? — Caramon perguntou triste.

— Por aqui —, Vendaval disse, apontando. Uma ponte rústica de corda, feita de cipós torcidos estava presa a uma árvore. Ela se estendia sobre a água, como uma teia de aranha.

— Quem a construiu? —Tanis perguntou.

— Não sei —, Vendaval respondeu — Mas elas existem ao longo de todo o caminho, onde quer que ele se torne instransponível.

— Eu lhe disse que Xak Tsaroth não permaneceria abandonada —, Raistlin sussurrou.

— Sim, bem... acho que nós não deveríamos desprezar um presente dos deuses —, respondeu Tanis — Pelo menos, nós não temos que nadar!

A travessia da ponte de cipó não era uma jornada agradável. Os cipós estavam cobertos com um musgo gosmento, que tornava o equilíbrio precário. A estrutura balançava assustadoramente quando era tocada, e seu movimento se tornava errático quando era atravessada por alguém. Eles chegaram sãos e salvos ao outro lado, mas tinham andado uma pequena distância quando foram forçados a atravessar outra ponte. E o tempo todo havia aquela água escura, em volta e abaixo deles, dentro da qual olhos estranhos os observavam famintos. Então, eles chegaram a um lugar onde a terra firme terminava e não havia pontes de cipós. À frente deles, não havia nada, além de água gosmenta.

— Não é muito funda —, Vendaval murmurou — Sigam-me. Pisem onde eu pisar.

Vendaval deu um passo, depois mais um, sentindo onde pisava, o resto dos companheiros se mantinha atrás dele, olhando para a água. Eles olhavam assustados e com repugnância, quando coisas que eles não conseguiam enxergar, deslizavam por entre suas pernas. Quando eles chegaram novamente a terra firme, suas pernas estavam cobertas de gosma; todos eles ficaram nauseados com o cheiro. Mas este último trecho parecia ter sido o pior. A vegetação não era tão espessa e eles conseguiam ver o sol brilhando fracamente em meio a uma névoa verde.

Quanto mais para o norte eles viajavam, mais firme o terreno se tornava. Aí pelo meio dia, Tanis anunciou uma parada, quando encontrou um pedaço de terra seca embaixo de um antigo carvalho. Os companheiros se sentaram para almoçar, e falavam esperançosos de sair do pântano que tinha ficado atrás deles. Todos, com exceção de Lua Dourada e Vendaval. Os dois não falavam nada.

As roupas de Flint estavam encharcadas. Ele tremia de frio e começou se queixar de dores nas juntas. Tanis ficou preocupado. Ele sabia que o anão tinha reumatismo e se lembrou do que Flint tinha dito sobre o medo de atrasá-los. Tanis deu um tapinha no kender e fez um gesto pedindo que ele se afastasse para o lado.

— Eu sei que você tem alguma coisa em uma das suas bolsas que tiraria o frio dos ossos do anão, você sabe do que eu estou falando —, Tanis disse calmamente.

— Ah, é claro, Tanis —, Tas disse, alegre. Ele mexeu daqui e dali, primeiro em uma bolsa, depois em outra, e finalmente tirou um frasco prateado que brilhava — Licor. O melhor de Otik.

— Eu não acredito que você tenha pago por ele —Tanis disse sorrindo.

— Eu pagarei —, o kender respondeu, magoado — Na próxima vez que eu for até lá.

— É claro — Tanis deu uns tapinhas no ombro dele — Dê um pouco ao Flint. Não muito —, ele avisou — Só o suficiente para aquecê-lo.

— Está bem. E nós assumiremos a liderança, nós poderosos guerreiros — Tas riu e correu até o anão enquanto Tanis voltava para perto dos outros. Eles estavam empacotando em silencio o que havia sobrado do almoço e se preparando para partir. Todos nós nos beneficiaremos com o melhor de Otik, ele pensou. Lua Dourada e Vendaval não tinham falado um com o outro a manhã toda. O humor deles provocou tristeza em todos. Tanis não conseguia pensar em nada que pudesse ser feito para por um fim à tortura que os dois estavam vivendo. Ele só podia esperar que o tempo curasse suas mágoas.

Os companheiros continuaram seguindo o caminho durante uma hora depois do almoço, movendo-se com mais rapidez, pois a parte mais espessa da floresta, tinha sido deixada para trás. Entretanto, quando eles começaram a achar que tinham saído do pântano, o chão firme chegou abruptamente a um fim. Cansados, enjoados com o cheiro e desencorajados, os companheiros se viram mais uma vez brigando com a lama.

Somente Flint e Tasslehoff não tinham sido afetados pelo retorno ao pântano. Estes dois estavam bem na frente dos outros. Tasslehoff, logo "esqueceu" o aviso de Tanis sobre beber somente um pouquinho do licor. O líquido esquentou o sangue e dissipou a atmosfera lúgubre, depois, o kender e o anão passaram o frasco muitas vezes para frente e para trás até ele estar vazio e eles estarem caminhando meio a esmo, fazendo piadas sobre o que eles fariam se encontrassem um dragoniano.

— Eu o faria virar pedra —, o anão disse, brandindo um machado de batalha imaginário — Bum! — bem na barriga do lagarto.

— Aposto que Raistlin seria capaz de transformar um deles em pedra, só com o olhar! Tasslehoff imitou o rosto sério do mago e seu olhar severo. Ambos riram alto, depois se calaram, rindo baixinho, olhando para trás, desequilibrados, para ver se Tanis tinha ouvido.

— Eu aposto que Caramon ia querer espetar um deles, com o garfo, e comê-lo! — Flint disse

Tas se engasgou com o riso e enxugou as lágrimas de seus olhos. O anão rugiu. De repente os dois chegaram ao fim do chão poroso. Tasslehoff agarrou o anão com força, quando Flint quase caiu de cabeça dentro de um pequeno lago de água do pântano tão largo que uma ponte de cipó não o atravessaria. Havia uma enorme garra-de-ferro deitada na água e seu tronco grosso formava uma ponte larga o suficiente para duas pessoas andarem lado a lado.

— Isto é que é uma ponte! — disse Flint, dando um passo para trás e tentando colocar o tronco em foco — Chega de rastejar como uma aranha naquelas estúpidas teias verdes. Vamos.

— Nós não deveríamos esperar pelos outros? — Tas perguntou calmamente —Tanis não vai gostar da gente se separar.

— Tanis? Ah! — disse o anão fungando — Nós lhe mostraremos.

— Está bem —, Tasslehoff concordou alegremente. Ele pulou sobre a árvore caída — Cuidado —, ele disse, escorregando de leve, depois recuperando o equilíbrio com facilidade — É liso — Ele deu alguns passos rápidos, braços esticados, os pés virados para fora como um equilibrista que ele tinha visto uma vez numa feira de verão.

O anão subiu estouvadamente atrás do kender, as grossas botas de Flint caminhando desajeitadamente sobre o tronco. Uma voz, no lado do cérebro de Flint que não tinha licor, disse-lhe que ele não conseguiria fazer isso totalmente sóbrio. Também disse a ele que ele era um tolo em atravessar a ponte sem esperar pelos outros, mas ele a ignorou. Ele se sentia jovem outra vez.

Tasslehoff, encantado em fingir que ele era Mirgo, o Magnífico, olhou para frente e viu que ele realmente tinha uma platéia, uma daquelas coisas dragonianas pulou no tronco bem a sua frente. Essa visão fez com que Tas ficasse sóbrio rapidamente. O kender não era dado ao medo, mas ele estava perplexo. Ele teve presença de espírito suficiente para fazer duas coisas.

Primeiro, ele gritou bem alto, — Tanis, emboscada! — Depois ele levantou seu cajado hoopak e o girou percorrendo um arco largo.

O movimento pegou o dragoniano de surpresa. A criatura prendeu a respiração e pulou de volta para a margem abaixo. Tas, que tinha ficado momentaneamente sem equilíbrio, conseguiu se firmar novamente e tentou imaginar o que fazer a seguir. Ele olhou em volta e viu outro dragoniano na margem. Eles estavam, Tas ficou confuso ao ver, desarmados. Antes de poder considerar isso um fato estranho, ele ouviu um berro atrás dele. Ele tinha esquecido do anão.

— O que é isso? — Flint gritou.

— Essas coisas dragão agora vão dançar —, Tas disse, segurando seu hoopak e tentando enxergar através da névoa — Dois à nossa frente! Aí vêm eles!

— Bem, confunda-os, saia do meu caminho! — Flint resmungou. Esticando a mão para trás, ele pegou seu machado.

— E para onde é que eu devo ir? —Tas gritou freneticamente.

— Abaixe-se! — grifou o anão.

O kender se abaixou, jogando-se no tronco quando um dos dragonianos veio em sua direção, com as garras das mãos estendidas. Flint brandiu o machado em um golpe poderoso, que teria decapitado o dragoniano se ele tivesse chegado perto dele. Infelizmente, o anão errou o cálculo e a lâmina assobiou inofensivamente na frente do dragoniano que agitava as mãos no ar e recitava um cântico com palavras estranhas.

O impulso do golpe de Flint, fez o anão girar. Seus pés escorregaram no tronco gosmento e o anão caiu de costas na água depois de dar um grito alto.

Tasslehoff, por ter estado às voltas com Raistlin durante anos, percebeu que o dragoniano estava conjurando uma mágica. Deitado de bruços sobre o tronco com o cajado hoopak em sua mão, o kender se deu conta de que ele tinha mais ou menos um segundo e meio para decidir o que fazer. O anão estava

ofegando e engrolando na água abaixo dele. Bem próximo a ele, o dragoniano estava chegando a alguma conclusão de seu feitiço. Decidindo que qualquer coisa seria melhor do que ser enfeitiçado. Tas respirou fundo e se jogou do tronco.

— Tanis! Emboscada!

— Droga! — praguejou Caramon quando a voz do kender flutuou até eles saindo de algum lugar da névoa adiante.

Todos eles começaram a correr em direção ao som, maldizendo os cipós e os galhos das árvores que bloqueavam o caminho deles. Correndo pela floresta, eles viram a ponte formada por uma garra-de-ferro caída. Quatro dragonianos saíram repentinamente das sombras e bloquearam a passagem deles.

De repente os companheiros foram engolfados por uma escuridão tão espessa que eles mal conseguiam ver suas próprias mãos, que dirá seus camaradas.

— Magia! — Tanis ouviu Raistlin sibilar — Estes são utilizadores de magia. Fiquem de lado. Vocês não são capazes de enfrentá-los.

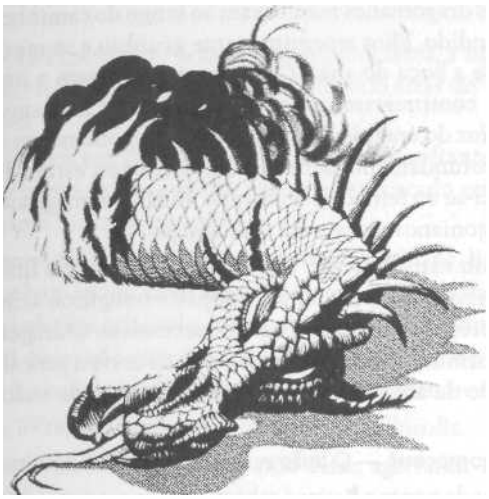
Então, Tanis ouviu o mago gritar em agonia.

— Raist! — Caramon gritou — Onde... uh... — Houve um gemido de dor e o som de um corpo pesado caindo no chão.

Tanis ouviu o cântico dos dragonianos. Enquanto procurava sua espada, ele foi subitamente coberto da cabeça aos pés por uma substância espessa, e gosmenta, que entupiu sua boca e seu nariz. Debatendo-se para se livrar, ele ficava cada vez mais preso. Ele ouviu Sturm praguejar perto dele, Lua Dourada gritou, a voz de Vendaval ficou engasgada, e um torpor tomou conta dele. Tanis caiu de joelhos, tentando se livrar da substância que parecia com os fios de uma teia de aranha e tinha grudado as mãos dele junto a seu corpo. Depois, ele caiu de bruços no chão, e foi tomado por um sono incomum.

14

PRISIONEIROS DOS DRAGONIANOS



Deitado no chão, arquejando, Tasslehoff viu quando os dragonianos se preparavam para levar seus amigos inconscientes. O kender estava bem escondido em baixo de um arbusto perto do pântano. O anão estava esticado perto dele, desmaiado. Tas olhou para ele com remorso. Ele não teve escolha. Em seu pânico, Flint tinha arrastado o kender para dentro da água fria. Se ele não tivesse acertado a cabeça do anão com seu cajado hoopak, nenhum deles teria saído vivo. Ele tinha puxado o anão entorpecido para fora da água e escondido debaixo de um arbusto.

Depois, Tasslehoff assistiu impotente enquanto os dragonianos prendiam seus amigos magicamente no que pareceu ser uma forte teia de aranha. Tas viu que eles estavam todos aparentemente inconscientes ou mortos porque eles não lutaram nem ofereceram resistência.

O kender até se divertiu um pouco assistindo os dragonianos tentando pegar o cajado de Lua Dourada. Evidentemente, eles o reconheceram pois coaxavam como sapos em sua linguagem gutural e faziam gestos de júbilo. Um deles, presumivelmente o líder, tentou pegá-lo. Houve um lampejo de luz azul.

Dando um grito esganiçado, o dragoniano largou o cajado e passou a pular numa perna para cima e para baixo na margem, dizendo palavras que Tas assumiu serem de baixo calão. O líder teve finalmente uma idéia engenhosa. O dragoniano pegou um cobertor de pele da mochila de Lua Dourada e estendeu-o no chão. A criatura pegou um pedaço de pau e o usou para rolar o cajado sobre o cobertor. Depois, enrolou o cajado na pele com muita cautela e o levantou triunfalmente. Os dragonianos levantaram os corpos dos amigos do kender nas teias e os levaram embora. Outros dragonianos seguiam atrás, carregando as mochilas dos companheiros e suas armas.

Enquanto os dragonianos marchavam ao longo do caminho bem próximos ao kender escondido, Flint repentinamente grunhiu e se mexeu. Tas colocou suas mãos sobre a boca do anão. Os dragonianos deram a impressão de não terem ouvido e continuaram andando. Tas podia ver seus amigos claramente banhados pela luz do entardecer, enquanto os dragonianos passavam. Eles pareciam estar profundamente adormecidos. Caramon estava até roncando. O kender lembrou-se do feitiço de dormir de Raistlin e imaginou que tinha sido esse que os dragonianos usaram em seus amigos.

Flint grunhiu mais uma vez. Um dos dragonianos no fim da fila parou e olhou para os arbustos. Tas pegou seu hoopak e o segurou acima da cabeça do anão — como precaução. Mas isso não foi necessário. O dragoniano encolheu os ombros e murmurou consigo mesmo, depois correu para alcançar o esquadrão. Suspirando de alivio, Tas tirou sua mão da boca do anão. Flint piscou e abriu os olhos.

— O que aconteceu? — O anão resmungou, com a mão na cabeça.

— Você caiu da ponte e bateu a cabeça em um tronco —, Tas disse imediatamente.

— Eu caí? — Flint olhou desconfiado — Eu não me lembro disso. Eu me lembro de uma daquelas coisas dragonianas vindo na minha direção e me lembro de cair na água...

— Bem, você caiu, então não discuta —, Tas disse apressadamente, levantando-se — Você consegue andar?

— É claro que eu consigo andar —, o anão disse irritado. Ele se levantou, meio cambaleante, mas ereto — Onde estão todos?

— Os dragonianos os capturaram e os levaram.

—Todos eles? — Flint ficou de boca aberta — Como assim?

— Estes dragonianos conheciam a mágica —, Tas disse sem paciência, ansioso para partir. — Eles fizeram magias, eu acho. Eles não os machucaram, com exceção de Raistlin. Eu acho que eles fizeram algo terrível com ele. Eu o vi quando eles passaram. Ele estava horrível. Mas ele era o único — O kender segurou na manga molhada do anão — Vamos... nós temos que segui-los.

— Sim, claro —, Flint resmungou, olhando em volta. Depois, colocou a mão na cabeça outra vez — Onde está meu elmo?

— No fundo do pântano —, Tas disse exasperado — Você quer descer e procurá-lo?

O anão deu uma olhada horrorizada na água lamacenta, estremeceu e se virou rapidamente. Ele colocou a mão na cabeça mais uma vez, e sentiu um grande galo.

—Eu realmente não me lembro de ter batido a cabeça —, ele murmurou. Então, uma idéia repentina lhe passou pela cabeça. Ele passou a mão nas costas desesperado — Meu machado! — ele gritou.

—Psiu! —Tas ralhou — Pelo menos você está vivo. Agora, nós precisamos salvar os outros.

—E como você espera fazer isso, sem nenhuma arma, a não ser esse seu estilingue gigante? — Flint resmungou, caminhando atrás do kender que se movia com rapidez.

—Nós pensaremos em alguma coisa —, Tas disse confiante, embora estivesse se sentindo como se seu coração tivesse se enroscado em seus pés, tão para baixo seu ânimo tinha despencado.

O kender achou a trilha dos dragonianos sem dificuldade. Era obviamente uma trilha velha e bem usada; parecia que centenas de pés de dragonianos haviam passado por ali. Examinando as pegadas, Tasslehoff percebeu que eles poderiam estar se dirigindo para um grande acampamento de monstros. Ele deu de ombros. Não valia a pena se preocupar com pormenores como esse.

Infelizmente, Flint não compartilhava da mesma filosofia.

— Tem um exército inteiro lá! — o anão disse, agarrando o kender pelo ombro.

— Sim, bem... —Tas parou para refletir sobre a situação. Ele se alegrou — Melhor ainda. Quanto mais deles houver, menores serão as chances de eles nos verem — Ele começou novamente. Flint franziu a testa. Tinha alguma coisa errada naquela lógica, mas neste exato momento, ele não era capaz de descobrir o que estava errado e ele estava molhado e com frio demais para discutir. Alem disso, ele estava pensando na mesma coisa que o kender estava: a outra única escolha que eles tinham, era fugirem pelo pântano e deixarem seus amigos nas mãos dos dragonianos. E essa não era uma boa escolha.

Eles andaram durante uma meia hora. O sol afundou na névoa, dando a ela uma cor vermelho-sangue e a noite caiu rapidamente no pântano lúgubre.

Pouco tempo depois, eles viram uma luz brilhar à frente deles. Eles saíram da trilha e se esconderam no meio do matagal. O kender movia-se silenciosamente como um camundongo; o anão pisava em gravetos que se quebravam sob seus pés, batia em árvores, e se chocava com a vegetação. Felizmente, o acampamento dragoniano estava comemorando e provavelmente não teria ouvido um exército de anões se aproximando. Flint e Tas se ajoelharam um pouco além do círculo de luz produzido pelo fogo e observaram. O anão de repente agarrou o kender com tanta violência que quase o puxou para cima de si.

— Grande Reorx! — Flint praguejou, apontando — Um dragão!

Tas estava atordoado demais para dizer qualquer coisa. Ele e o anão assistiram maravilhados e aterrorizados enquanto os dragonianos dançavam e se prostravam diante de um gigantesco dragão negro. A criatura movia-se furtivamente dentro daquilo que restou de um domo destruído. Sua cabeça era mais alta que o topo das árvores, a envergadura de suas asas era enorme. Um dos dragonianos que vestia um robe, curvou-se diante do dragão, gesticulando para o cajado que estava colocado no chão junto com as armas capturadas.

—Tem alguma coisa estranha com aquele dragão —, Tas sussurrou depois de observá-lo durante algum tempo.

— Como, por exemplo, o fato de que eles não deveriam existir?

— Esse é o ponto —, Tas disse — Olhe para ele. A criatura não está se movendo nem reagindo a coisa alguma. Está lá sentada. Sabe eu sempre achei que os dragões eram criaturas mais enérgicas?

— Vá lá e faça cócegas no pé dele! — Flint riu — Aí, você vai ver energia!

— Acho que vou fazer isso —, o kender disse. Antes que o anão pudesse dizer uma palavra, Tasslehoff se arrastou para fora do matagal e passou a mover-se rapidamente de sombra em sombra, chegando cada vez mais perto do acampamento. Flint teve vontade de arrancar sua barba de frustração, mas seria desastroso tentar impedi-lo agora. O anão, não tinha outra coisa a fazer, senão segui-lo.

—Tanis!

O meio elfo ouviu alguém chamá-lo do outro lado de uma enorme vala. Ele tentou responder, mas sua boca estava cheia de alguma coisa grudenta. Ele chacoalhou a cabeça. Então, ele sentiu um braço em volta dos ombros, ajudando-o a se sentar. Ele abriu os olhos. Era noite. A julgar pela luz bruxuleante, havia uma enorme fogueira em algum lugar. O rosto de Sturm, com uma fisionomia preocupada, estava próximo ao seu. Tanis suspirou e esticou a mão para segurar o ombro do cavaleiro. Ele tentou falar e foi obrigado

a tirar pedaços da substância pegajosa que estava grudada em seu rosto e na boca como uma teia de aranha.

— Eu estou bem —, Tanis disse quando conseguiu falar — Onde nós estamos? — Ele olhou em volta — Está todo mundo aqui? Tem alguém ferido?

— Nós estamos em um acampamento dragoniano —, Sturm disse, ajudando o meio elfo a se levantar —Tasslehoff e Flint não estão aqui e Raistlin está ferido.

— Muito? —Tanis perguntou, assustado com a expressão séria no rosto de Sturm.

— Ele não está bem —, o cavaleiro respondeu.

— Uma flecha envenenada —, Vendaval disse. Tanis virou-se para o homem das planícies e pela primeira vez deu uma boa olhada na cela. Eles estavam dentro de uma jaula feita de bambu. Havia guardas dragonianos em pé do lado de fora, empunhando suas espadas longas e curvas. A uma certa distância da jaula, centenas de dragonianos se agitavam no acampamento. E acima da fogueira do acampamento...

— Sim — Sturm disse, vendo a expressão assustada de Tanis — Um dragão. Mais historias de criança. Raistlin iria adorar.

— Raistlin... — Tanis foi até o mago que estava deitado em um canto da jaula coberto com seu manto. O jovem mago tinha febre e sentia calafrios. Lua Dourada estava ajoelhada ao lado dele, com a mão em sua testa, penteando o cabelo branco dele para trás. Ele estava inconsciente. Sua cabeça balançava periodicamente, e ele murmurava palavras estranhas, algumas vezes gritando comandos ininteligíveis. Caramon, cujo rosto estava quase tão pálido quanto o de seu irmão, sentava ao lado dele. Lua Dourada deparou-se com o olhar de interrogação de Tanis e balançou a cabeça com tristeza; seus olhos grandes e brilhantes refletiam a luz do fogo. Vendaval se aproximou e ficou parado ao lado de Tanis.

— Ela encontrou isto na garganta dele —, ele disse, segurando cuidadosamente uma seta com penas, entre o polegar e o indicador. Ele olhou para o mago sem amor, mas com uma certa compaixão — Quem é que sabe que veneno corre em suas veias?

— Se nós tivéssemos o cajado... — Lua Dourada disse.

— É, Tanis disse — Onde está ele?

— Lá —, disse Sturm, torcendo a boca. Ele apontou. Tanis passou seus olhos por centenas de dragonianos e viu o cajado deitado no cobertor de pele de Lua Dourada em frente ao dragão negro.

Esticando sua mão, Tanis agarrou uma das barras da jaula. — Nós poderíamos escapar —, ele disse a Sturm — Caramon é capaz de quebrar isto como se fosse um graveto.

— Tasslehoff conseguiria quebrar isso como se fosse um graveto, se ele estivesse aqui —, Sturm disse. — Depois nós teríamos algumas centenas dessas criaturas para cuidar, isso sem falar no dragão é claro.

— Está bem. Não precisa esfregar isso na cara —Tanis suspirou — Alguma idéia do que aconteceu com o Flint e o Tas?

— Vendaval disse que ele escutou um chape na água, logo depois que Tas gritou que tínhamos caído numa emboscada. Se tiveram sorte, eles mergulharam de cima do tronco e escaparam pelo pântano. Se não... — Sturm não terminou.

Tanis fechou os olhos para evitar a luz do fogo. Ele se sentiu cansado... cansado de lutar, cansado de matar, cansado de se arrastar pela lama. Ele pensou durante um bom tempo em deitar e adormecer novamente. Ao invés disso, ele abriu os olhos, foi até as barras da jaula, e as chacoalhou. Um guarda dragoniano virou-se, com a espada em riste.

— Você fala comum? —Tanis perguntou na forma mais simples e tosca de comum usada em Krynn.

— Eu falo comum. Aparentemente, melhor do que você, escória élfica —, o dragoniano disse com sarcasmo — O que você quer?

— Um membro de nosso grupo está ferido. Nós lhe pedimos para tratar dele. Dê-lhe o antídoto para a seta venenosa.

— Veneno? — O dragoniano olhou para dentro da jaula — Ah, sim, o utilizador de mágica — A criatura gorgolejou alguma coisa do fundo de sua garganta que, obviamente, pretendia ser uma gargalhada — Ele está doente? Sim, o veneno age rapidamente. Não dá pra ter um utilizador de mágica por perto. Mesmo atrás das grades eles são mortais. Mas não se preocupe. Ele não ficará sozinho, o resto de vocês se juntará a ele muito em breve. Na verdade, vocês deveriam invejá-lo. Suas mortes não serão tão rápidas.

O dragoniano deu as costas para eles e disse alguma coisa a seu parceiro, sacudindo a garra de seu polegar na direção da jaula. As duas criaturas coaxaram suas gargalhadas gorgolejantes. Tanis, sentindo a revolta e a fúria aumentando dentro de si, olhou de volta para Raistlin.

O mago estava piorando rapidamente. Lua Dourada colocou a mão no pescoço de Raistlin, buscando a pulsação e depois balançou a cabeça. Caramon soltou um gemido. Depois, seu olhar voltou-se para os dois dragonianos rindo e conversando do lado de fora.

— Pare, Caramon! — Tanis gritou, mas era tarde demais.

Com o rugido de um animal ferido, o enorme guerreiro pulou na direção dos dragonianos. O bambu se abriu diante dele, as farpas rasgando e cortando sua pele. Enlouquecido pelo desejo de matar, Caramon nem percebeu. Tanis pulou em suas costas quando o guerreiro passou por ele, mas Caramon jogou-o longe tão facilmente quanto um urso espanta uma mosca irritante.

— Caramon, seu tolo... — Sturm grunhiu enquanto ele e Vendaval se jogavam em cima do guerreiro. Mas a fúria de Caramon o guiava.

Rodopiando, um dragoniano ergueu a arma, mas Caramon fez a arma voar. A criatura caiu no chão, nocauteada pelo soco do homenzarrão. Em

segundos, havia seis dragonianos, com arco e flecha nas mãos, cercando o guerreiro. Sturm e Vendaval derrubaram Caramon no chão. Sturm, sentando-se sobre ele, enfiou seu rosto na lama até sentir Caramon relaxar e dar um soluço engasgado.

Naquele instante, uma voz estridente soou no acampamento.

— Tragam o guerreiro até mim! — disse o dragão.

Tanis sentiu os pelos de seu pescoço arrepiarem. Os dragonianos abaixaram suas armas e viraram-se de frente para o dragão, olhando atônitos e murmurando entre si. Vendaval e Sturm se levantaram. Caramon estava deitado no chão, sufocado pelos seus soluços. Os guardas dragonianos se entreolharam inquietos, enquanto aqueles que estavam de pé perto do dragão se afastaram rapidamente e formaram um imenso semicírculo em volta dele.

Uma das criaturas, que Tanis supôs ser algum tipo de capitão pela insígnia havia em sua armadura caminhou até um dragoniano de robe, que olhava de boca aberta para o dragão negro.

— O que está acontecendo? — o capitão indagou. O dragoniano falou na língua comum. Tanis, ouvindo atentamente, percebeu que eles eram de espécies diferentes. Aparentemente os dragonianos de robe, eram os sacerdotes e utilizadores de mágica. Presumivelmente, os dois não eram capazes de se comunicar em suas próprias línguas. O dragoniano militar estava claramente irritado.

— Onde está aquele sacerdote Bozak de vocês? Ele deve nos dizer o que fazer!

— O mais alto da minha ordem não se encontra aqui — O dragoniano de robe. se recompôs rapidamente — Um deles voou até aqui e o levou para uma reunião com o Lorde Verminaard sobre o cajado.

— Mas o dragão nunca fala quando o sacerdote não está aqui — O capitão baixou a voz — Meus rapazes não gostam disso. É melhor você fazer alguma coisa rápido!

— Por que a demora? — A voz do dragão soou estridente como um vento assobiando — Tragam-me o guerreiro.

— Faça o que o dragão diz — O dragoniano de robe fez um movimento rápido com a mão. Vários dragonianos correram, empurraram Tanis, Vendaval e Sturm de volta para a jaula destroçada, e levantaram Caramon que sangrava nos braços. Eles o arrastaram e o colocaram de pé em frente ao dragão e de costas para a fogueira ardente. Próximo a Caramon estavam o cajado de cristal azul, o cajado de Raistlin, suas armas, e suas mochilas.

Caramon levantou a cabeça para confrontar o monstro, seus olhos embaçados pelas lágrimas e o sangue dos muitos cortes que o bambu tinha provocado em seu rosto. O dragão erguia-se diante dele, mas Caramon não conseguia vê-lo com muita clareza devido à fumaça que subia da fogueira.

— Nós administramos nossa justiça de forma rápida e segura, escória humana —, o dragão disse em tom sibilante. Enquanto falava, ele agitava suas enormes asas, abanando-as lentamente. Os dragonianos ficaram boquiabertos e começaram a se afastar, alguns deles tropeçando neles mesmos em sua pressa de sair do caminho do monstro. Obviamente, eles sabiam o que estava por vir.

Caramon encarou a criatura sem medo.

— Meu irmão está morrendo —, ele gritou — Faça o que quiser comigo. Eu peço apenas uma coisa. Dê-me minha espada para que eu possa morrer lutando!

O dragão soltou uma risada estridente; os dragonianos o acompanharam, gorgolejando e coaxando de forma horrível. Enquanto suas asas batiam, o dragão começou a balançar para frente e para trás como se estivesse se preparando para pular em cima do guerreiro e devorá-lo.

— Isto vai ser divertido. Dê-lhe sua arma —, o dragão ordenou. O bater de suas asas fez com que um vento varresse o acampamento, espalhando faíscas da fogueira.

Caramon empurrou os guardas dragonianos de lado. Esfregando a mão nos olhos, ele caminhou até o monte de armas e pegou sua espada. Depois, ele se virou para enfrentar o dragão, com resignação e dor estampadas em seu rosto. Ele ergueu a espada.

— Nós não podemos deixar ele morrer sozinho! — Sturm disse asperamente, e deu um passo à frente preparado para escapar.

De repente ela ouviu uma voz que vinha das sombras atrás dele.

— Psiu... Tanis!

O meio elfo deu uma volta.

— Flint! — ele exclamou, depois olhou apreensivo para os guardas dragonianos, mas eles estavam assistindo o espetáculo de Caramon e o dragão. Tanis dirigiu-se rapidamente para trás da jaula de bambu onde estava o anão.

— Saia daqui! — o meio elfo ordenou — Não há nada que você possa fazer. Raistlin está morrendo, e o dragão...

— É Tasslehoff, Flint disse sucintamente.

— O que? —Tanis olhou de modo feroz para o anão — Não entendi.

— O dragão é Tasslehoff, Flint repetiu pacientemente.

Pelo menos uma vez na vida Tanis ficou mudo. Ele olhou para o anão.

— O dragão é feito de vime —, o anão sussurrou com pressa —Tasslehoff se enfiou por trás dele e olhou dentro. Ele é manipulável! Qualquer pessoa sentada dentro do dragão pode fazer ele bater as asas e falar através de um tubo oco. Eu acho que é assim que os sacerdotes mantêm a ordem por aqui. De qualquer forma, é Tasslehoff quem está batendo as asas e ameaçando Caramon.

Tanis ficou boquiaberto.

— Mas o que é que nós faremos? Ainda tem uma centena de dragonianos por aqui. Mais cedo ou mais tarde eles vão perceber o que está acontecendo.

— Vão até Caramon, você, Vendaval e Sturm. Peguem suas armas, mochilas e o cajado. Eu ajudarei Lua Dourada a carregar Raistlin para a mata. Tasslehoff tem alguma coisa em mente. Estejam prontos.

Tanis soltou um gemido.

— Eu não gosto disso, tanto quanto você —, o anão resmungou — Confiando nossas vidas àquele kender cabeça oca. Mas, bem, afinal de contas ele é o dragão.

— Ele certamente é —, Tanis disse, espiando o dragão que estava gritando, batendo as asas e balançando o corpo para frente e para trás. Os dragonianos estavam olhando o dragão boquiabertos e maravilhados. Tanis agarrou Sturm e Vendaval e os três se aproximaram de Lua Dourada que não tinha saído do lado de Raistlin. O meio elfo explicou o que estava acontecendo. Sturm olhou como se ele estivesse tão louco quanto Raistlin. Vendaval balançou a cabeça.

— Bem você tem um plano melhor? — Tanis perguntou.

Ambos olharam para o dragão, depois olharam para Tanis e encolheram os ombros.

— Lua Dourada vai com o anão —, Vendaval disse.

Ela começou a protestar. Ele olhou para ela, seus olhos sem expressão, ela engoliu em seco e ficou calada.

— Sim —, Tanis disse — Fique com Raistlin, por favor. Nós traremos o cajado para você.

— Apressem-se então —, ela disse com os lábios brancos — Ele está quase morto.

— Nós nos apressaremos —, Tanis disse com uma voz implacável — Eu tenho a impressão de que assim que as coisas começarem a acontecer, nós vamos nos mover bem rápido! — Ele bateu de leve na mão dela — Vamos — Ele ficou em pé e respirou fundo.

Os olhos de Vendaval ainda estavam em Lua Dourada. Ele começou a falar, depois balançou a cabeça, irritado, virou-se sem dizer uma palavra e ficou de pé ao lado de Tanis. Sturm juntou-se a eles. Os três se arrastaram atrás dos guardas dragonianos.

Caramon levantou a espada. Ela brilhou iluminada pela luz da fogueira. O dragão entrou num frenesi louco, e todos os dragonianos caíram para trás, emitindo um som áspero e forte e batendo as espadas nos próprios escudos. O vento criado pelas asas do dragão assoprou cinzas e faíscas da fogueira, fazendo com que algumas cabanas de bambu nas proximidades pegassem fogo. Os dragonianos não perceberam, tão entusiasmados eles estavam com a matança. O dragão soltou uma risada estridente e uivou, e Caramon sentiu a boca seca e um vazio na boca do estômago. Era a primeira vez que ele entrava em um combate sem seu irmão; esse pensamento fez seu coração pulsar de dor. Ele estava a ponto de pular para a frente e atacar, quando Tanis, Sturm e Vendaval apareceram do nada e se colocaram ao seu lado.

— Nós não deixaremos nosso amigo morrer sozinho! — o meio elfo gritou desafiando o dragão. Os dragonianos torciam com entusiasmo.

— Saia daqui, Tanis! — Caramon franziu a testa, seu rosto ficou vermelho e riscado de lágrimas — Esta luta é minha.

— Cale a boca e escute! —Tanis ordenou—Pegue sua espada e a minha, Sturm. Vendaval, pegue suas armas e mochilas e toda arma dragoniana que você conseguir, para repor aquelas que nós perdemos. Caramon, pegue os dois cajados. Caramon olhou para ele.

— O que...

— Tasslehoff é o dragão —, Tanis disse—Não há tempo para explicar. Agora faça o que eu digo! Pegue o cajado e leve-o para a floresta. Lua Dourada está esperando — Ele colocou a mão no ombro do guerreiro e o empurrou — Vá! Raistlin está quase morto! Você é a única chance dele.

Esta afirmação atingiu o cérebro de Caramon. Ele correu para o monte de armas e pegou o cajado de cristal azul e o Cajado de Magius de Raistlin, enquanto os dragonianos gritavam. Sturm e Vendaval se armaram, Sturm trouxe a espada de Tanis.

— E agora, preparem-se para morrer humanos! — o dragão gritou. Suas asas fizeram um movimento amplo e de repente a criatura estava voando, pairando no ar. Os dragonianos coaxaram e gritaram assustados, alguns deles fugiram para a mata, outros se atiraram no chão.

— Agora! — gritou Tanis — Corra, Caramon!

O grande guerreiro correu para a mata, dirigindo-se rapidamente para o lugar onde ele via Lua Dourada e Flint esperando por ele. Um dragoniano apareceu em sua frente, mas Caramon atirou-o para fora do caminho com um empurrão. Ele ouvia uma tremenda confusão atrás dele, Sturm entoando um grito de guerra Solâmnico, dragonianos gritando. Outros dragonianos saltaram sobre Caramon. Ele usou o cajado de cristal azul, como havia visto Lua Dourada fazer, girando-o num arco largo com sua enorme mão direita. Ele emitiu sua luz azul e os dragonianos caíram para trás.

Caramon chegou à mata e encontrou Raistlin deitado aos pés de Lua Dourada, mal conseguindo respirar. Lua Dourada pegou o cajado de Caramon e o deitou sobre o corpo inerte do mago. Flint observava, balançando a cabeça.

— Não vai funcionar —, murmurou o anão — Está gasto.

— Tem que funcionar —, Lua Dourada disse com firmeza — Por favor — ela murmurou —, quem quer que seja o mestre deste cajado, cure este homem. Por favor — Sem se dar conta, ela repetiu o pedido diversas vezes. Caramon assistiu a cena durante um momento, piscando os olhos. Então, a mata à volta dele foi iluminada por uma gigantesca explosão de luz.

— Em nome do Abismo! — Flint sussurrou — Olhe para aquilo! Caramon virou-se bem a tempo de ver um grande dragão negro de vime trombar de cabeça com a fogueira acesa. Troncos em chamas voaram no ar,

provocando uma chuva de faíscas sobre o acampamento. As cabanas de bambu dos dragonianos, algumas já em chamas, começaram a queimar com violência. O dragão de vime deu um último grito horrível e, então, ele começou também a pegar fogo.

— Tasslehoff! — Flint praguejou — Aquele kender amaldiçoado está lá dentro! — Antes que Caramon pudesse segurá-lo, o anão correu para dentro do acampamento dragoniano, em chamas.

— Caramon... — Raistlin murmurou. O grande guerreiro ajoelhou ao lado de seu irmão. Raistlin ainda estava pálido, mas, seus olhos estavam abertos e claros. Ele se sentou, fraco, apoiando-se em seu irmão e olhou para o fogo intenso — o que está acontecendo?

— Não estou bem certo — Caramon disse — Tasslehoff se transformou num dragão e depois disso, as coisas ficaram muito confusas. Descanse — O guerreiro olhou para a fumaça, a espada em punho e pronta para o caso de algum dragoniano ir na direção deles.

Mas nesse momento, os dragonianos tinham pouco interesse nos prisioneiros. A raça inferior atingida pelo pânico, fugia para a floresta pois seu grande deus dragão estava em chamas. Alguns dos dragonianos em robes, maiores e aparentemente mais inteligentes do que as outras espécies, tentavam desesperadamente trazer ordem ao caos assustador que havia se instalado à volta deles.

Sturm lutou e abriu caminho no meio dos dragonianos sem encontrar qualquer resistência organizada. Ele tinha acabado de chegar às margens da clareira, perto da jaula de bambu, quando Flint passou por ele, correndo de volta para o acampamento!

— Ei! Onde... — Sturm gritou para o anão.

— Tas... dentro do dragão! — O anão não parou.

Sturm virou-se e viu o dragão negro de vime queimando com chamas que se elevavam em direção ao céu. Uma fumaça espessa subia, cobrindo o acampamento; a umidade pesada do ar do pântano evitava que a fumaça subisse e fosse levada para longe. Houve uma chuva de faíscas, quando parte do dragão em chamas, explodiu no meio do acampamento. Sturm abaixou-se e lutou para apagar as faíscas que caiam em sua capa, depois, correu atrás do anão, alcançando sem dificuldade as pernas curtas de Flint.

— Flint, ele disse, com a respiração entrecortada, segurando o braço do anão — Não adianta. Nada conseguiria sobreviver naquela fornalha! Nós temos de voltar para perto dos outros...

— Me solta! — Flint rugiu com tanta fúria que Sturm o deixou espantado. O anão correu novamente em direção ao dragão em chamas. Sturm deu um suspiro e correu atrás dele; seus olhos começavam a lacrimejar por causa da fumaça.

— Tasslehoff Pés Ligeiros! — Flint gritou — Seu kender idiota! Onde está você?

Não houve resposta.

— Tasslehoff! — Flint gritou — Se você estragar esta fuga, eu te mato. Então, me ajude... Lágrimas de raiva, frustração, dor e fumaça escorriam pelas bochechas do anão.

O calor era insuportável. Ele queimou os pulmões de Sturm e o cavaleiro sabia que eles não poderiam ficar muito tempo respirando aquela fumaça, se não eles morreriam também. Ele segurou o anão com firmeza, com a intenção de desacordá-lo se isso fosse necessário, quando de repente viu um movimento perto da borda do fogo. Ele esfregou os olhos e olhou mais de perto.

O dragão deitado no chão, a cabeça ainda ligada ao corpo em chamas, por um longo pescoço de vime. A cabeça ainda não tinha pegado fogo, mas as chamas estavam começando a lamber o pescoço de vime. A cabeça, em breve, estaria em chamas, também. Sturm viu o movimento de novo.

— Flint! Veja! — Sturm correu na direção da cabeça, o anão o seguiu logo atrás. Duas pernas pequenas cobertas por um par de calças azuis claro estavam saindo da boca do dragão, chutando sem força.

— Tas! — Sturm gritou — Saia! A cabeça vai queimar!

— Não consigo! Estou preso! — disse uma voz abafada.

Sturm olhou para a cabeça, tentando, desesperadamente, descobrir um jeito de libertar o kender, enquanto Flint simplesmente agarrou as pernas de Tas e puxou.

— Ai! Pare! —Tas gritou.

— Isso não vai adiantar —, arquejou o anão — Ele está bem preso. As chamas subiam pelo pescoço do dragão.

Sturm sacou a espada.

— Pode ser que eu corte a cabeça dele —, ele murmurou para Flint —, mas é a única chance que ele tem — Estimando o tamanho do kender, tentando adivinhar onde a cabeça dele estaria, e torcendo para as mãos dele não estarem esticadas acima da cabeça, Sturm levantou a espada sobre o pescoço do dragão.

Flint fechou os olhos.

O cavaleiro respirou fundo e golpeou o pescoço do dragão com sua lâmina, separando a cabeça do resto do corpo. O kender soltou um grito lá dentro, mas Sturm não sabia dizer se de dor ou de espanto.

— Puxe! — ele gritou para o anão.

Flint agarrou a cabeça de vime e puxou-a para longe do pescoço incandescente. De repente, uma forma alta e escura apareceu no meio da fumaça. Sturm preparou sua espada depois viu que se tratava de Vendaval.

— O que você está... o homem das planícies olhou para a cabeça do dragão. Talvez Flint e Sturm tivessem ficado loucos.

— O kender está preso aí dentro! — Sturm gritou — Nós não conseguiremos abrir a cabeça aqui, cercados por dragonianos! Nós temos que...

Suas palavras se perderam numa explosão de chamas, mas Vendaval viu as pernas azuis saindo pela boca do dragão. Ele agarrou um lado da cabeça do dragão, enfiando suas mãos em um dos olhos. Sturm agarrou o outro, e juntos, eles levantaram a cabeça, com o kender dentro, e começaram a correr pelo acampamento. Os poucos dragonianos que eles encontraram, deram uma olhada naquela aparição aterrorizante e fugiram.

— Vamos, Raist —, Caramon disse ansioso, o braço em volta dos ombros do irmão — Você tem de tentar ficar em pé. Nós temos que nos aprontar para sair daqui. Como você está se sentindo?

— Como é que eu sempre me sinto? — sussurrou Raistlin irritado — Me ajude a levantar. Isso! Agora me deixe em paz por um instante — Ele se recostou contra uma árvore, tremendo, mas em pé.

— Claro, Raist —, disse Caramon, afastando-se magoado. Lua Dourada olhou para Raistlin com repugnância, lembrando-se da dor que Caramon sentiu quando pensou que seu irmão estava morrendo. Ela se virou para procurar os outros, no meio da fumaça.

Tanis apareceu primeiro. Ele vinha tão rápido que trombou com Caramon. O grande guerreiro agarrou-o em seus braços enormes, diminuindo o impulso do meio elfo e mantendo-o em pé.

— Obrigado! —Tanis disse com a respiração entrecortada. Ele se inclinou para a frente, apoiando as mãos nos joelhos para respirar — Onde estão os outros?

— Eles não estavam com você? — Caramon franziu a testa.

— Nós nos separamos — Tanis inspirou enormes quantidades de ar, depois tossiu, quando a fumaça entrou em seus pulmões.

— Sü Torakh! — interrompeu Lua Dourada com voz de espanto. Tanis e Caramon, ambos viraram-se assustados, olharam para o acampamento tomado pela fumaça e se depararam com uma visão grotesca emergindo da fumaça que subia em grandes espirais. Uma cabeça de dragão com uma língua

azul bipartida investia na direção deles. Tanis piscou incrédulo, depois ouviu um som atrás dele que quase o fez subir em uma árvore em pânico. Ele deu meia-volta, com o coração na boca, e a espada na mão.

Raistlin estava rindo.

Tanis nunca tinha ouvido o mago rir antes, mesmo quando Raistlin era criança, e ele esperava nunca ouvir novamente. Era uma gargalhada estranha, estridente e sarcástica. Caramon olhou seu irmão, perplexo; Lua Dourada aterrorizada. Por fim o som da gargalhada de Raistlin diminuiu até o mago estar sorrindo silenciosamente, seus olhos dourados refletindo o brilho do acampamento dragoniano em chamas.

Tanis sentiu um calafrio, virou-se e viu que na verdade a cabeça do dragão estava sendo carregada por Sturm e Vendaval. Flint vinha correndo à frente deles com um elmo dragoniano na cabeça. Tanis correu na direção deles.

— O que em nome dos...

— O kender está preso aqui dentro! — Sturm disse. Ele e Vendaval largaram a cabeça no chão, os dois respiravam com dificuldade — Nós temos que tira-lo daí — Sturm viu Raistlin rindo e disse desconfiado — Qual e o problema dele? Ainda está envenenado?

— Não, ele está melhor —, Tanis disse, examinando a cabeça do dragão.

— Uma pena —, Sturm murmurou enquanto ajoelhava ao lado do meio elfo.

— Tas, você está bem? —Tanis gritou, levantando a enorme boca para ver a cabeça por dentro.

— Acho que o Sturm cortou meu cabelo! — o kender gemeu.

— Ainda bem que não foi sua cabeça! — Flint observou rindo.

— O que está mantendo ele preso? — Vendaval inclinou-se para baixo para espiar dentro da boca do dragão.

— Não sei ao certo —, disse Tanis, praguejando baixinho — Eu não consigo ver nada com essa droga de fumaça — Ele ficou em pé, suspirando de

frustração — E nós temos que sair daqui! Não vai demorar muito para os dragonianos se organizarem. Caramon, venha aqui. Veja se você consegue arrancar a parte de cima.

O grande guerreiro caminhou até eles e se posicionou em frente à cabeça de vime do dragão. Depois, ele agarrou os dois buracos dos olhos, fechou os olhos, respirou fundo, soltou um grunhido e ergueu o corpo. Durante um minuto, nada aconteceu. Tanis viu os músculos crescerem nos braços do homenzarrão e os músculos de suas coxas absorverem o esforço. O sangue fluiu para o rosto de Caramon. Então ouviu-se o som da madeira quebrando. O topo da cabeça do dragão cedeu com um enorme craque. Caramon cambaleou para trás enquanto metade do topo da cabeça do dragão saia em suas mãos.

Tanis enfiou a mão dentro da cabeça do dragão, agarrou a mão de Tas, e libertou-o.

— Você está bem? — ele perguntou. O kender dava a impressão de estar vacilante, mas seu sorriso estava mais largo do que nunca.

— Estou bem —, Tas disse alegremente — Só um pouco chamuscado — Depois seu rosto ficou sério — Tanis —, ele disse com o rosto enrugado demonstrando uma preocupação incomum. Ele apalpou o longo topete. — Meu cabelo?

— Está todo aí —, disse Tanis, sorrindo.

Tas respirou aliviado. Depois, começou a falar.

— Tanis, foi a coisa mais maravilhosa, voar daquele jeito. E a cara do Caramon...

— Essa história vai ter de esperar —, disse Tanis com firmeza — Nós temos que sair daqui. Caramon? Você e seu irmão conseguem seguir viagem?

— Sim, vamos —, Caramon disse.

Raistlin cambaleou para a frente, aceitando o apoio dos braços fortes de seu irmão. O mago olhou para trás, para a cabeça do dragão. Ele chiava

enquanto respirava e seus ombros chacoalhavam em uma alegria silenciosa e sarcástica.

15

ESCAPADA.

O POÇO.

A MORTE SOBRE ASAS NEGRAS.

A fumaça do acampamento dragoniano em chamas pairava sobre as negras terras pantanosas, protegendo os companheiros dos olhos daquelas criaturas estranhas e malignas. A fumaça flutuava como um fantasma pelo pântano, encobrindo a lua prateada e obscurecendo as estrelas. Os companheiros não se arriscaram a ter qualquer luz, nem mesmo a luz do cajado de Raistlin, pois, eles podiam ouvir o som das cornetas à volta deles, enquanto os líderes dragonianos tentavam restabelecer a ordem.

Vendaval os guiava. Apesar de sempre ter se orgulhado de suas próprias habilidades na floresta, Tanis perdeu completamente seu senso de direção naquele lamaçal coberto de névoa negra. Relances ocasionais, efêmeros e incompletos, das estrelas, toda vez que a fumaça levantava, indicavam que eles estavam indo para o norte.

Eles ainda não tinham ido muito longe, quando Vendaval errou um passo e afundou até os joelhos dentro da lama. Depois que Tanis e Caramon tiraram o homem das planícies para fora da água, Tasslehoff tomou a dianteira, testando o chão com seu cajado hoopak. Ele afundava a cada tentativa.

— Nós não temos alternativa, a não ser nos arrastarmos nessa lama , Vendaval disse desconsolado.

Escolhendo um caminho, onde a água parecia mais rasa, os companheiros deixaram a terra firme e entraram na lama. No inicio, a água chegava apenas até a altura dos tornozelos, depois, eles afundaram até os joelhos. Logo, eles afundaram ainda mais; Tanis foi obrigado a carregar Tasslehoff, o kender, sorridente segurava-o pelo pescoço. Flint recusou firmemente todas as ofertas de ajuda, mesmo quando a ponta de sua barba se molhou. Depois, ele desapareceu. Caramon, que vinha logo atrás dele, pescou o anão, tirou-o para fora da água e pendurou-o sobre seu ombro como se ele fosse um saco molhado. O anão estava cansado, e assustado demais para reclamar. Raistlin cambaleava, tossindo, suas vestes puxando-o para baixo. Fatigado e ainda sob o efeito do veneno, o mago finalmente caiu. Sturm agarrou-o e carregou o mago meio que o arrastando pelo pântano.

Depois de uma hora chapinhando desajeitadamente na água gelada, eles finalmente encontraram terra firme e se jogaram no chão para descansar, tremendo de frio.

As árvores começaram a estalar e a resmungar, seus galhos se dobrando quando um vento forte soprou vindo do norte. O vento cortou a névoa em

pequenos fragmentos. Raistlin, deitado no chão, olhou para cima. O mago arfou e sentou-se assustado.

— Nuvens de tempestade — Ele se engasgou, tossiu, e fez força para falar — Elas vêm do norte. Nós não temos tempo! Nós precisamos chegar em Xak Tsaroth. Apressem-se! Antes que a lua se ponha!

Todos olharam para cima. Uma escuridão se aproximava vindo do norte, engolindo as estrelas. Tanis sentia a mesma sensação de urgência que agitava o mago. Exausto, ele se levantou. Sem dizer uma palavra, o resto do grupo se levantou e seguiu adiante, Vendaval assumiu a liderança. Mas a água escura do pântano bloqueou o caminho deles mais uma vez.

— Outra vez, não! — Flint reclamou.

— Não, nós não vamos ter de nos arrastar na lama outra vez. Venham ver —, Vendaval disse. Ele os guiou até a borda da água. Lá, entre muitas outras ruínas que se erguiam do chão escuro, havia um obelisco que tinha caído ou sido derrubado para servir de ponte até a outra margem do pântano.

— Eu vou primeiro —, Tas apresentou-se como voluntário, pulando com energia sobre a longa pedra — Ei, tem algo escrito nesta coisa. Algum tipo de runa.

— Eu tenho de ver isso! Raistlin sussurrou, correndo. Ele disse uma palavra de comando —, Shitak —, e o cristal na ponta de seu cajado se acendeu.

— Depressa! Sturm grunhiu — Você acabou de contar para todo mundo num raio de quarenta quilômetros que nós estamos aqui.

Mas Raistlin não se apressaria. Ele segurou a luz sobre as runas compridas e finas estudando-as com atenção. Tanis e os outros subiram no obelisco e se juntaram ao mago.

O kender agachou-se, acompanhando as runas com sua mão pequena.

— O que é que elas dizem Raistlin? Você consegue ler? A linguagem parece ser bem antiga.

— Ela é antiga —, o mago murmurou — Ela é de antes do Cataclismo. As runas dizem, "Grande Cidade de Xak Tsaroth, cuja beleza os cercam, fala para o bem de seu povo e seus feitos generosos". Os deuses nos recompensaram na graça de nosso lar.

— Que horrível! — Lua Dourada estremeceu, olhando a ruína e a desolação que havia a sua volta.

— Os deuses os recompensaram, sem dúvida —, Raistlin disse, seus lábios abrindo-se num sorriso cínico. Ninguém disse nada. Então, Raistlin murmurou —; Dulak, e a luz se extinguiu. De repente a noite pareceu bem mais negra

— Nós temos de ir andando —, o mago disse — Com certeza existe mais de um monumento para indicar o que este lugar já foi um dia.

Eles cruzaram o obelisco e entraram em uma densa floresta. A princípio, parecia não haver trilha alguma, depois, procurando diligentemente, Vendaval encontrou uma trilha aberta entre os cipós e as árvores. Ele se ajoelhou para estudá-la. Seu rosto estava assustado quando ele se levantou.

— Dragonianos? Tanis perguntou.

— Sim —, ele disse lentamente — Pegadas de muitos pés com garras. E eles vão para o norte, direto para a cidade.

Tanis perguntou em voz baixa.

— E esta a cidade destruída onde lhe foi dado o cajado?

— E onde a morte tinha asas negras —, Vendaval acrescentou. Ele fechou os olhos e, passou a mão sobre o rosto. Depois inspirou profundamente e de forma irregular — Eu não sei. Eu não consigo lembrar, mas estou com medo sem saber por quê.

Tanis colocou a mão no braço de Vendaval.

— Os elfos têm um ditado: 'Só os mortos não sentem medo.' Vendaval surpreendeu Tanis, ao agarrar, de repente, as mãos do meio elfo.

— Eu nunca tinha conhecido um elfo —, o homem das planícies disse — Meu povo desconfia deles, dizendo que os elfos não nutrem nenhum sentimento por Krynn nem pelos humanos. Eu acho que meu povo está enganado. Estou contente por ter te conhecido, Tanis de Qualinost. Eu o considero um amigo.

Tanis conhecia o suficiente da cultura das planícies para saber que com esta afirmação Vendaval tinha declarado estar disposto a sacrificar tudo por aquele meio elfo, até mesmo sua vida. Um voto de amizade era um voto solene entre os homens das planícies.

— Você é meu amigo também Vendaval —, Tanis disse simplesmente — Você e Lua Dourada, os dois são meus amigos.

Vendaval voltou os olhos para Lua Dourada, que estava perto deles, apoiada no cajado com os olhos fechados e o rosto tenso de dor e exaustão. O rosto de Vendaval enterneceu-se de compaixão quando ele olhou para ela. Depois, ficou tenso, o orgulho colocou a máscara impassível outra vez.

— Xak Tsaroth não está longe —, ele disse tranqüilo — E estas pegadas são velhas — Ele guiou o grupo para a floresta. Depois de uma pequena caminhada, a trilha do norte, de repente, passou a ter uma pavimentação de pedras.

— Uma rua! — exclamou Tasslehoff.

— As imediações de Xak Tsaroth! — Raistlin disse.

— Já não era sem tempo! — Flint olhou tudo em volta, descontente — Que bagunça! Se o maior presente já dado ao homem está aqui, ele deve estar bem escondido!

Tanis concordou. Ele nunca tinha visto um lugar tão desolador. À medida que eles caminhavam, a rua larga os levava a um pátio aberto e pavimentado. Do lado leste, havia quatro colunas eretas e solitárias que não suportavam nada; o prédio em volta delas estava em ruínas. Um enorme muro

circular de pedra erguia-se intacto até mais ou menos um metro e vinte do solo. Caramon, foi até ele para inspecioná-lo e anunciou que se tratava de um poço.

— É fundo —, ele disse. Ele se inclinou e olhou para baixo dentro do poço — Cheira mal, também.

Ao norte do poço havia, o que parecia ser o único prédio que parecia ter escapado à destruição do Cataclismo. Ele tinha sido construído com uma rocha branca pura, suportada por colunas, altas e delicadas. Grandes portas douradas de folha dupla brilhavam ao luar.

— Esse era um templo dedicado aos deuses antigos —, Raistlin disse, mais para ele mesmo do que para qualquer um dos outros. Mas Lua Dourada que estava perto dele, ouviu seu murmúrio.

— Um templo? — ela repetiu, olhando para o edifício — Que lindo — Ela caminhou na direção dele, estranhamente fascinada.

Tanis e o resto do grupo procuraram pelos arredores e não encontraram nenhum outro edifício intacto. Colunas acanaladas jaziam no chão, seus pedaços quebrados, alinhados de forma a mostrar sua antiga beleza. Estátuas caídas, quebradas e, em alguns casos, grotescamente desfiguradas. Tudo era antigo, tão antigo que fez até o anão se sentir jovem.

Flint sentou-se numa coluna.

— Bem, estamos aqui —. Ele piscou para Raistlin e bocejou — E agora, mago?

Os lábios finos de Raistlin abriram-se, mas antes que ele pudesse responder, Tasslehoff gritou, — Dragoniano!

Todos giraram o corpo com as armas nas mãos. Um dragoniano, pronto para atacar, estava olhando para eles da beirada do poço.

— Detenham-no! — Tanis gritou. — Ele vai alertar os outros!

Mas antes que alguém pudesse alcançá-lo, o dragoniano abriu suas asas e voou para dentro do poço. Raistlin, com seus olhos dourados brilhando sob o 1uar correu para o poço e espiou sobre a beirada. Levantando sua mão, como se

fosse lançar um feitiço, depois ele hesitou, e deixou suas pequenas mãos, caírem ao longo de seu corpo — Eu não posso —, ele disse — Eu não consigo pensar. Eu não consigo me concentrar. Eu preciso dormir!

— Nós todos estamos cansados —, Tanis disse exausto — Se tem alguma coisa lá em baixo, ele a avisou. Agora não há mais nada que possamos fazer. Nós precisamos descansar.

— Ele foi avisar alguém —, Raistlin murmurou. Ele se agasalhou com seu manto e olhou em volta com os olhos arregalados — Vocês não conseguem sentir? Nenhum de vocês? Meio Elfo? O mal está prestes a despertar e sair do esconderijo.

O silêncio tomou conta do grupo.

Então, Tasslehoff subiu no muro de pedra e olhou para baixo.

— Olhem! O dragoniano está boiando, como uma folha. Suas asas não se movem...

— Fique quieto! —Tanis disse asperamente.

Tasslehoff olhou para o meio elfo, surpreso. A voz de Tanis havia soado tensa e não natural. O meio elfo estava olhando para o poço, suas mãos apertadas nervosamente. Tudo estava parado. Parado demais. As nuvens de tempestade se acumulavam ao norte, mas não havia vento algum. Nenhum galho estalou, nenhuma folha balançou. A lua prateada e a vermelha, projetavam sombras gêmeas, que faziam as coisas vistas com os cantos dos olhos parecerem irreais e distorcidas.

Então, Raistlin se afastou lentamente do poço, levantando as mãos diante dele como para se proteger de algum perigo assustador.

— Eu também sinto —Tanis disse engolindo em seco — O que é isso?

— Sim, o que é isso? — Tasslehoff, inclinou-se e olhou atentamente para dentro do poço. Ele pareceu tão fundo e escuro quanto os olhos de ampulheta do mago.

— Leve-o para longe daqui! — Raistlin gritou.

Tanis, contagiado pelo medo do mago e a sensação crescente de que algo estava terrivelmente errado, começou a correr na direção de Tas. Mas, no momento em que começou a se mexer, ele sentiu o chão tremer sob seus pés. O Kender deu um grito assustado, quando o antigo muro de pedra do poço trincou e cedeu sob seus pés. Tas sentiu-se escorregando para dentro da terrível escuridão abaixo dele. Ele agitou, as mãos e os pés freneticamente, tentando se agarrar nas rochas que se quebravam. Tanis lançou-se desesperadamente, mas estava longe demais.

Vendaval tinha começado a se mover quando ouviu o grito de Raistlin e os passos longos e ágeis do homem alto, levaram-no rapidamente até o poço. Agarrando Tas pelo colarinho, o homem das planícies tirou-o do muro, bem na hora em que as pedras e a argamassa desmoronaram para dentro da escuridão.

O chão tremeu mais uma vez. Tanis tentou forçar seu cérebro anestesiado a tentar descobrir o que estava acontecendo. Então, um jato de ar frio saiu do poço. O vento varreu terra e folhas do pátio e lançou-as no ar, atingindo Tanis no rosto e nos olhos.

— Corra! —Tanis tentou gritar, mas engasgou com o cheiro fétido que saia do poço.

As colunas que haviam ficado de pé depois do Cataclismo, começaram a balançar. Os companheiros olhavam com medo para o poço. Então, Vendaval afastou o olhar.

— Lua Dourada... — ele disse, olhando em volta. Ele deixou Tas cair no chão — Lua Dourada! — Ele parou quando um grito estridente ergueu-se das profundezas do poço. O som era tão alto e agudo, que ele perfurava a cabeça Vendaval procurava Lua Dourada freneticamente, chamando seu nome.

Tanis ficou atordoado com o barulho. Incapaz de se mover, ele viu Sturm, se afastar lentamente do poço com a mão na espada. Ele viu Raistlin, o rosto fantasmagórico do mago com um brilho amarelo metálico, seus olhos dourados, tornados vermelhos pela luz vermelha da lua, gritar alguma coisa que

Tanis não conseguia ouvir. Ele viu Tasslehoff olhando para o poço com os olhos arregalados de espanto. Sturm cruzou o pátio, pegou o kender com uma das mãos e correu para as árvores. Caramon correu em direção a seu irmão exausto, agarrou-o e tentou se proteger. Tanis sabia que algum mal monstruoso estava saindo do poço, mas ele não conseguia se mover. As palavras "corra, imbecil, corra" gritavam em seu cérebro.

Vendaval também tinha ficado próximo ao poço, lutando contra o medo que crescia dentro dele: ele não conseguia encontrar Lua Dourada! Distraído pela tentativa de evitar que o kender rolasse para dentro do poço, ele não tinha visto Lua Dourada se aproximar do templo intacto. Ele olhou em volta feito louco, esforçando-se para se manter equilibrado, enquanto o chão balançava debaixo de seus pés. O ruído estridente, o pulsar e tremer do chão, trouxeram de volta memórias pavorosas e horripilantes. "Morte em asas negras." Ele começou a suar e tremer, depois, obrigou sua mente a pensar em Lua Dourada. Ela precisava dele; ele sabia, e somente ele sabia que a demonstração de força dela, só servia para esconder o medo, a dúvida e a incerteza que ela sentia. Ela devia estar terrivelmente amedrontada e ele tinha de encontrá-la.

Quando as pedras do poço começaram a cair, Vendaval se afastou e avistou Tanis. O meio elfo estava gritando e apontando para o templo atrás de Vendava1, Vendaval sabia que Tanis estava dizendo alguma coisa, mas ele não conseguia ouvir por causa do som estridente. Então, ele entendeu! Lua Dourada! Vendaval virou-se para ir buscá-la, mas perdeu o equilíbrio e caiu de joelhos. Ele viu Tanis começar a correr na direção dele.

Então o terror saiu do poço... o terror de seus pesadelos febris. Vendaval fechou os olhos e não viu mais nada.

Era um dragão.

Tanis, naqueles primeiros momentos, quando seu sangue pareceu se esvair de seu corpo, deixando-o fraco e sem vida, olhou para o dragão assim que ele saiu do poço e pensou, "Que lindo... que lindo..."

Negro e liso, o dragão ergueu-se, suas asas brilhantes dobradas ao lado de seu corpo, as escamas cintilando. Os olhos luziam com um tom vermelho-negro, da cor de pedra fundida. Sua boca se abriu em um rosnado, os dentes reluziam brancos e malignos. A língua vermelha e longa, enrolava-se quando ela respirava o ar noturno. Livre do confinamento do poço, o dragão abriu suas asas, ocultando as estrelas, obliterando o luar. Cada asa tinha na ponta, uma garra branca que luzia vermelha como sangue sob a luz de Lunitari.

Um medo, como Tanis nunca tinha imaginado antes, encolheu seu estômago. Seu coração pulsava dolorosamente; ele não conseguia respirar. Conseguia apenas olhar com terror e espanto, maravilhado com a beleza mortal da criatura. O dragão circundou cada vez mais alto em direção ao céu noturno. Então, quando Tanis sentiu o medo paralisante começar a diminuir, e começou a buscar seu arco e flecha, o dragão falou.

Ela disse uma palavra — uma palavra na língua da magia — e uma escuridão espessa e terrível caiu do céu, cegando todos eles. Tanis perdeu instantaneamente a noção de onde ele estava. Ele só sabia que havia um dragão acima dele pronto para atacar. Ele era incapaz de defender a si mesmo. Tudo que ele conseguia fazer era se agachar, rastejar entre os destroços, e tentar se esconder desesperadamente.

Privado do seu sentido da visão, o meio elfo concentrou-se em sua audição. O som estridente tinha parado no momento em que a escuridão caiu sobre eles. Tanis conseguia ouvir o lento e gentil bater das asas coriáceas do dragão e sabia que ela estava voando em círculos acima deles, subindo cada vez mais. Depois, ele não conseguia mais ouvir o bater das asas; as asas tinham parado de bater. Ele visualizou uma grande ave de rapina negra, suspensa no ar, esperando.

Depois, ouviu-se um som gentil de farfalhar, o som de folhas sendo carregadas quando o vento fica forte, antes de uma tempestade. O som aumentou cada vez mais, até se transformar no barulho do vento quando a

tempestade chega e então se ouviu o som estridente do furacão. Tanis pressionou o corpo contra o poço quebrado e cobriu a cabeça com as mãos.

O dragão estava atacando.

Ela não conseguia enxergar na escuridão que ela mesmo havia criado, mas, Khisanth sabia que os intrusos ainda estavam no pátio lá embaixo. Seus asseclas, os dragonianos, tinham-na avisado de que um grupo perambulava por aquelas terras, levando consigo o cajado de cristal azul. Lorde Verminaard queria o cajado, queria que ele estivesse guardado e seguro com ela, para nunca mais ser visto nas mãos de humanos. Mas ela o tinha perdido e Lorde Verminaard não estava contente com isso. Ela tinha de consegui-lo de volta. Por isso, Khisanth tinha esperado um instante antes de conjurar a magia da escuridão, estudando cuidadosamente os intrusos à procura do cajado. Sem saber que o cajado já havia saído de seu campo de visão, ela estava satisfeita. Ela só tinha que destruir.

A dragoa despencou do céu, suas asas coriáceas curvando-se para trás como a lâmina de uma adaga negra. Ela desceu na direção do poço, para onde tinha visto os intrusos correrem em busca de proteção. Sabendo que eles estariam paralisados devido à dragofobia, Khisanth tinha certeza de que poderia matar a todos com um só golpe. Ela abriu sua boca cheia de presas.

Tanis ouviu o dragão se aproximando. O som de alguma coisa se aproximando foi ficando cada vez mais alto, depois parou por um instante. Ele podia ouvir enormes tendões estalando, erguendo e abrindo as asas gigantescas. Depois, ele ouviu o som de ar sendo sugado por uma garganta aberta, e então, um som estranho que o lembrou de vapor escapando de uma chaleira de água fervendo. Alguma coisa liquida espirrou perto dele. Ele ouvia pedras borbulhando rachando e se partindo. Gotas do líquido espirraram em suas mãos, e ele arquejou quando uma dor lancinante penetrou seu ser.

Depois, Tanis ouviu um grito. Era uma voz grave, o grito de um homem... Vendaval. Tão terrível, tão agonizante era o grito que Tanis enfiou as

unhas na palma de sua mão para evitar que a sua voz se juntasse àquele grito horrível de dor e ele revelasse sua posição ao dragão. O grito parecia sem fim, mas depois ele se transformou em um gemido. Tanis sentiu um corpo grande passar por ele na escuridão. As pedras, contra as quais ele comprimia seu corpo, tremeram. Então, o tremor provocado pela passagem do dragão afundou cada vez mais nas profundezas do poço. Finalmente o chão estava firme.

Fez-se silêncio.

Tanis encheu os pulmões e abriu os olhos. A escuridão tinha desaparecido. As estréias reluziam; as luas brilhavam no céu. Por um momento, o meio elfo não conseguia fazer outra coisa a não ser respirar e respirar de novo, tentando acalmar seu corpo que tremia. Aí, ele se levantou e correu na direção de uma forma escura deitada no pátio de pedra.

Tanis foi o primeiro a chegar perto do corpo do homem das planícies. Ele deu uma olhada, depois engasgou e virou o rosto para o outro lado.

O que havia restado de Vendaval não se parecia mais com qualquer coisa humana A carne do homem tinha sido calcinada. O branco dos ossos era claramente visível nos lugares onde a pele e os músculos tinham derretido. Seus olhos escorriam como geléia pelas bochechas descarnadas. Sua boca estava aberta num grito silencioso. Suas costelas estavam expostas; havia pedaços de carne e roupa queimada grudados nos ossos. Mas, o mais horrível, a carne de seu torso tinha sido queimada a ponto de desaparecer, deixando os órgãos expostos, pulsando vermelho, sob a luz vermelho vivo do luar.

Tanis se abaixou, vomitando. O meio elfo havia visto muitos homens morrerem empunhando sua espada. Ele tinha visto homens estraçalhados por trolls. Mas isto... isto era horrivelmente diferente e Tanis sabia que a lembrança disto, iria assombrá-lo para sempre. Um braço forte segurou-o pelos ombros, oferecendo, conforto, compaixão e compreensão em silêncio. A náusea passou. Tanis se sentou e respirou. Ele limpou a boca e o nariz, depois, tentou engolir a saliva e se sentiu nauseado.

— Você está bem? — Caramon perguntou preocupado.

Tanis acenou com a cabeça, incapaz de falar. Depois, virou-se ao ouvir o som da voz de Sturm.

— Que os verdadeiros deuses tenham piedade! Tanis, ele ainda está vivo! Eu vi a mão dele se mexer! — Sturm engasgou. Ele não conseguia dizer mais nada.

Tanis ficou em pé e caminhou, de forma vacilante até o corpo. Uma das mãos queimadas e negras, tinha se levantado das pedras, horrivelmente, como se tentasse pegar alguma coisa no ar.

— Acabe com isso! —Tanis disse rouco, sua garganta em carne viva por causa da bílis — Acabe com isso, Sturm...

O cavaleiro já tinha sacado sua espada. Depois de beijar o cabo, ele ergueu a lamina em direção ao céu e ficou em pé, ao lado do corpo de Vendaval. Ele fechou os olhos e se transportou mentalmente para um velho mundo, no qual a morte em combate havia sido gloriosa e boa. Lenta e solenemente, ele começou a recitar o antigo Canto Fúnebre Solâmnico. Enquanto pronunciava as palavras que tinham tomado conta da alma do guerreiro e transportado-a para reinos de paz alem, ele girou a lâmina da espada e a manteve suspensa sobre o peito de Vendaval.

Leve este homem de volta para o colo de Huma
Além dos céus selvagens e imparciais;
Dê a ele o descanso de um guerreiro
E liberte a última centelha de seus olhos
das sufocantes nuvens das guerras,
Sobre as luzes das estrelas.
Permita que seu último suspiro
Se refugie no ar que acalenta
Acima dos sonhos dos corvos, nos quais
Somente o falcão se lembra da morte.

Depois, permita que sua sombra suba até Huma,

Além dos céus, selvagens e imparciais.

A voz do cavaleiro sumiu.

Tanis sentiu a paz dos deuses lavá-lo como água fresca que limpa, acalmando sua dor e submergindo o horror. Caramon, ao lado dele, chorava silenciosamente. Enquanto eles olhavam, a luz do luar refletiu na lâmina da espada.

Então, uma voz clara falou.

— Parem. Tragam-no para mim.

Tanis e Caramon levantaram-se e ficaram em frente ao corpo torturado do homem, cientes de que Lua Dourada deveria ser poupada desta visão horrenda. Sturm, perdido na tradição, voltou à realidade com um sobressalto e suspendeu o golpe final. Lua Dourada em pé projetava uma sombra alta e esguia, contra as portas douradas do templo iluminadas pela luz do luar. Tanis começou a falar, mas, sentiu de repente a mão fria do mago segurar seu braço. Estremecendo, ele puxou sua mão, livrando-se do toque de Raistlin.

— Façam o que ela diz —, o mago sibilou — Levem-no até ela.

O rosto de Tanis se contorceu de fúria ao ver o rosto sem expressão de Raistlin, os olhos sem compaixão.

— Levem-no até ela —, Raistlin disse friamente — Não cabe a nós decidir sobre a morte deste homem. Isso cabe aos deuses.

16

UMA ESCOLHA DIFÍCIL.

O MAIOR PRESENTE.

Tanis encarou Raistlin. Nem um tremor de pálpebra traiu seus sentimentos, se é que o mago tinha algum sentimento. Os olhos deles se encontraram e, como sempre, Tanis sentiu que o mago via mais do que era visível para ele. De repente, Tanis odiou Raistlin, odiou-o com uma intensidade que chocou o meio elfo, odiou-o por não sentir essa dor, odiou-o e invejou-o ao mesmo tempo.

— Nós precisamos fazer alguma coisa! — Sturm disse de modo severo — Ele não está morto e o dragão pode voltar!

— Muito bem —, Tanis disse, com a voz presa na garganta — Enrolem-no em um cobertor.... mas me dêem um momento a sós com Lua Dourada.

O meio elfo atravessou lentamente o pátio. Seus passos ecoavam na calada da noite, enquanto ele subia os degraus de mármore de um alpendre, no qual Lua Dourada se encontrava em pé em frente às portas douradas que brilhavam. Olhando para trás, Tanis viu seus amigos enrolando cobertores que eles haviam retirado de suas mochilas, em torno de galhos de árvores, para fazer

uma maca de campanha. O corpo do homem não era mais do que uma massa escura sem forma sob a luz do luar.

— Traga-o para mim, Tanis —, Lua Dourada repetiu enquanto o meio elfo se aproximava dela. Ele segurou a mão dela.

— Lua Dourada —, Tanis disse — Vendaval está horrivelmente ferido. Ele está morrendo. Não há nada que você possa fazer, nem mesmo o cajado...

—Psiu, Tanis —, Lua Dourada disse gentilmente.

O meio elfo ficou em silêncio, vendo-a claramente pela primeira vez. Surpreso, ele percebeu que a mulher das planícies estava tranqüila, calma e animada. O rosto dela, à luz do luar, era o rosto do marinheiro que tinha lutado contra mares tempestuosos em seu barco frágil e havia finalmente alcançado águas tranqüilas.

—Venha para dentro do templo, meu amigo —, disse Lua Dourada, olhando fixamente com seus olhos lindos para os olhos de Tanis — Venha para dentro, e traga Vendaval para mim.

Lua Dourada não tinha ouvido o dragão se aproximando, ela não tinha visto o ataque contra Vendaval. Quando eles entraram no pátio danificado de Xak Tsaroth, Lua Dourada sentiu uma estranha e poderosa força atraindo-a para dentro do templo. Ela atravessou os destroços e subiu a escada, esquecida do resto do mundo, atenta apenas às portas douradas que brilhavam sob o luar prata-avermelhado. Ela se aproximou delas e ficou parada por um instante. Depois, ela tomou consciência da confusão atrás dela e ouviu Vendaval chamar seu nome — Lua Dourada... — ela fez uma pausa, relutante em deixar Vendaval e os amigos dela, sabendo que um mal terrível estava prestes a sair do poço.

— Venha para dentro, minha filha —, uma voz gentil a chamou.

Lua Dourada levantou a cabeça e olhou fixamente para as portas. Lágrimas rolaram em seu rosto. Era a voz de sua mãe. Triste Canção,

sacerdotisa de Que-shu, que tinha morrido há muito tempo, quando Lua Dourada era muito pequena.

— Triste Canção! — Lua Dourada engasgou — Mãe...

— Muitos anos se passaram e eles têm sido tristes para você, minha filha... — a voz de sua mãe, muito mais sentida no coração do que ouvida —... e eu temo que sua carga não vai ficar menor tão cedo. Na verdade, se continuar, você deixará esta escuridão e penetrará numa escuridão ainda mais densa. A verdade iluminará seu caminho, minha filha, embora você possa vir a descobrir que a luz dela brilha fraca na vasta e terrível noite que se encontrara à frente. Ainda assim, sem a verdade, todos perecerão e se perderão. Venha para dentro do templo comigo, filha. Você encontrará o que busca.

— Mas, meus amigos, Vendaval — Lua Dourada olhou para trás, para o poço e viu Vendaval tropeçar nas pedras do pavimento que tremiam — Eles não são capazes de lutar contra este mal. Eles morrerão sem mim. O cajado pode ajudar! Eu não posso abandoná-los! — Ela começou a se virar, quando a escuridão desceu.

— Eu não consigo vê-los!... Vendaval!... Mãe, ajude-me —, ela gritou agoniada.

Mas não houve resposta. Isso não é justo! Lua Dourada gritou silenciosamente, cerrando os punhos. Nós nunca quisemos isto! Nós só queríamos amar um ao outro, e agora... agora nós podemos perder isso! Nós sacrificamos muita coisa e nada disto fez diferença alguma. Eu tenho trinta anos de idade, mãe! Trinta, e não tenho nenhum filho. Eles levaram minha juventude, eles levaram meu povo. E eu não tenho nada para mostrar em troca. Nada, exceto isto! Ela chacoalhou o cajado. E agora me pedem, mais uma vez, que eu dê ainda mais.

A raiva dela acalmou. Vendaval, teria ele sentido raiva durante todos estes longos anos em que ele buscou respostas? Tudo que ele encontrou foi este cajado que trouxe ainda mais perguntas. Não, ele não teve raiva, ela pensou. A

fé dele é profunda. Eu sou fraca. Vendaval estava disposto a morrer por sua fé. Parece que eu estou disposta a viver, mesmo que isso signifique viver sem ele.

Lua Dourada encostou a cabeça nas portas douradas cuja superfície de metal provocavam uma sensação fria contra sua pele. Relutante, ela tomou uma decisão difícil. — Eu irei em frente, mãe, mas, se Vendaval morrer, meu coração morrerá também. Eu peço somente uma coisa: se ele morrer deixe-o saber de alguma forma que eu continuarei a busca dele.

Inclinando-se sobre o cajado, a líder dos Que-shu abriu as portas douradas e entrou no templo. As portas se fecharam atrás dela, no exato momento em que o dragão saiu do poço.

Lua Dourada entrou em uma escuridão suave e envolvente. No principio, ela não conseguia ver nada, mas a lembrança de estar relembrando um abraço caloroso e bem apertado de sua mãe, brincou com sua mente. Uma luz fraca começou a brilhar à sua volta. Lua Dourada percebeu que ela estava debaixo de um grande domo que se elevava bem acima do chão de ladrilhos decorados com desenhos intricados. Sob o domo, no centro do saguão, havia uma estátua de mármore de uma graça e beleza singulares. A luz que havia nessa sala emanava dessa estátua. Lua Dourada, em transe, caminhou na direção dela. A estátua era de uma mulher de vestes esvoaçantes. Seu rosto de mármore tinha uma expressão que irradiava esperança, com um toque de tristeza. Havia um amuleto estranho pendurado em seu pescoço.

— Esta é Mishakal, deusa da cura, a quem eu sirvo —, disse a voz de sua mãe — Ouça as palavras dela, minha filha.

Lua Dourada ficou em pé, bem em frente da estátua, maravilhando-se com sua beleza. Mas ela parecia estar inacabada, incompleta. Lua Dourada percebeu que parte da estátua estava faltando. As mãos de mármore da mulher eram curvas, como se elas estivessem segurando um longo e fino bastão, mas as mãos estavam vazias. Sem pensar conscientemente nisso, simplesmente devido

à necessidade de completar tal beleza, Lua Dourada enfiou seu cajado nas mãos de mármore

Ele começou a brilhar com uma luz azul suave. Lua Dourada deu um passo para trás espantada. A luz do cajado aumentou até atingir um esplendor que cegava. Lua Dourada cobriu os olhos e caiu de joelhos. Um poder grande e amoroso encheu seu coração. Ela se arrependeu amargamente de sua raiva.

— Não se envergonhe amada discípula. Foi sua indagação que a trouxe até nós e é sua raiva que a amparará durante as muitas provas que encontrará pela frente. Você veio em busca da verdade, e você a receberá.

— Os deuses não se afastaram do homem... foi o homem que se afastou dos verdadeiros deuses. Krynn está prestes a enfrentar sua maior prova. Mais do que nunca os homens precisarão da verdade. Você, minha discípula, deve devolver a verdade e o poder dos deuses verdadeiros ao homem. É hora de restaurar o equilíbrio do universo. O mal fez a balança pender. Pois, apesar dos deuses do bem terem voltado para o homem, os deuses do mal também o fizeram. A Rainha das Trevas retornou, buscando aquilo que permitirá que ela caminhe mais uma vez livre por estas terras. Dragões, que tinham sido banidos para as regiões inferiores, caminham sobre a terra.

Dragões; pensou Lua Dourada como em um sonho. Ela achou difícil se concentrar e assimilar as palavras que inundaram sua mente. Somente mais tarde, ela compreenderia totalmente a mensagem. Então, ela se lembraria das palavras pelo resto de sua vida.

— Para ganhar o poder para derrotá-los, você precisará da verdade dos deuses, este é o presente maior de que você ouviu falar. Embaixo deste templo, nas ruínas assombradas pelas glórias de épocas passadas, descansam os Discos de Mishakal; discos circulares feitos de platina luminosa. Encontre os Discos e você poderá invocar todo meu poder pois eu sou Mishakal, deusa da cura.

— Sua caminhada não será fácil. Os deuses do mal conhecem e temem o grande poder da verdade. O antigo e poderoso dragão negro, Khisanth,

conhecido pelos homens como Ônix, guarda os Discos. O covil dela fica na cidade destruída de Xak Tsaroth, abaixo de nós. O perigo está a sua frente, se você optar por tentar recuperar os Discos. Portanto, eu abençôo este cajado. Apresente-o com bravura, nunca com hesitação, e você triunfará.

A voz desapareceu. Foi então, que Lua Dourada ouviu o grito de morte de Vendaval.

Tanis entrou no templo e teve a sensação de ter andado para trás na memória. O sol estava iluminando as árvores de Qualinost. Ele, Laurana, e o irmão dela, Gilthanas, estavam deitados na margem do rio, rindo e compartilhando sonhos, como parte de alguma brincadeira de crianças. Foram poucos os dias felizes na infância de Tanis. O meio elfo aprendeu cedo que ele era diferente dos outros. Mas, aquele dia, havia sido um dia de sol dourado e amizade calorosa. A paz relembrada inundou-o diminuindo sua dor e seu terror.

Ele se voltou para Lua Dourada que se encontrava em pé ao seu lado, silenciosa.

— Que lugar é este?

— Essa é uma história que terá de esperar para ser contada —, Lua Dourada respondeu. Tocando o braço de Tanis com a mão, ela fez com que ele cruzasse o chão de ladrilhos bruxuleantes, até ambos estarem em frente à luminosa estatua de mármore de Mishakal. O cajado de cristal azul irradiava um brilho intenso que iluminava toda a câmara.

Mas, no momento em que os lábios de Tanis se abriram maravilhados, uma sombra escureceu a sala. Ele e Lua Dourada viraram-se para a porta. Caramon e Sturm entraram, carregando o corpo de Vendaval na maca improvisada. Flint e Tasslehoff, o anão parecia velho e exausto, o kender extraordinariamente quieto, estavam um de cada lado da maça, formando uma espécie estranha de guardas de honra. A procissão sombria moveu-se lentamente para dentro. Atrás deles vinha Raistlin, com as mãos enfiadas no roupão e o capuz cobrindo-lhe a cabeça, o próprio espectro da morte.

Eles atravessaram o chão de mármore, concentrados na carga que transportavam e pararam diante de Tanis e Lua Dourada. Tanis olhou para o corpo aos pés de Lua Dourada e fechou os olhos. O sangue havia ensopado o grosso cobertor, formando grandes manchas escuras no tecido.

— Remova o cobertor —, Lua Dourada ordenou. Caramon olhou para Tanis implorando.

— Lua Dourada... Tanis começou gentilmente.

De repente, antes que alguém pudesse impedi-lo, Raistlin curvou-se e arrancou o cobertor manchado de sangue que cobria o corpo.

Lua Dourada soltou um gemido estrangulado diante da visão do corpo torturado de Vendaval e ficou tão pálida que Tanis estendeu sua mão com medo que ela pudesse desmaiar. Mas Lua Dourada era filha de um povo forte e orgulhoso. Ela engoliu em seco e respirou fundo. Depois, virou-se e caminhou até a estátua de mármore. Ela ergueu cuidadosamente o cajado de cristal azul que se encontrava nas mãos da deusa, depois retornou e se ajoelhou ao lado do corpo de Vendaval.

— Kan-tokah —, ela disse suavemente — Meu amado — Esticando uma mão trêmula ela tocou na testa do moribundo homem das planícies. O rosto cego se moveu na direção dela, como se ele a tivesse ouvido. Uma das mãos enegrecidas se agitou debilmente, como se ele fosse tocá-la. Então, ele estremeceu e ficou totalmente inerte. Lágrimas escorriam sem serem notadas pelas bochechas de Lua Dourada enquanto ela estendia o cajado sobre o corpo de Vendaval. Uma luz azul suave encheu a câmara. Todos aqueles que foram tocados pela luz, sentiram-se descansados e revigorados. A dor e a exaustão dos esforços do dia, deixaram seus corpos. O terror provocado pelo ataque do dragão foi eliminado de suas mentes como o sol atravessa a neblina. Então, a luz do cajado diminuiu e sumiu. A noite invadiu o templo, iluminado mais uma vez, apenas pela luz que emanava da estátua de mármore.

Tanis piscou, tentando acostumar seus olhos outra vez ao escuro. Depois, ele ouviu uma voz grave.

— Kan-tokah neh sirakan.

Ele ouviu Lua Dourada gritar de alegria. Tanis olhou para baixo, para aquilo que deveria ser o cadáver de Vendaval. Ao invés disso, ele viu o homem das planícies sentado, estendendo os braços para Lua Dourada. Ela o abraçou rindo e chorando ao mesmo tempo.

— E então —, disse Lua Dourada, chegando ao fim de sua história —, nós temos de encontrar o caminho para a cidade destruída que se encontra em algum lugar debaixo do templo e retirar os Discos do covil do dragão.

Eles estavam comendo um jantar frugal, sentados no chão da câmara principal do templo. Uma rápida inspeção no prédio revelou que ele estava vazio, embora Caramon afirmasse ter encontrado pegadas de dragonianos na escada, junto com as pegadas de uma outra criatura que o guerreiro não era capaz de identificar.

Não era um edifício grande. Havia duas salas de devoção localizadas em lados opostos do corredor que levava à câmara principal, onde estava a estátua. Duas salas circulares saiam da câmara principal, uma ao norte e outra ao sul. Elas eram decoradas com afrescos que estavam agora descorados e cobertos de fungos a ponto de serem irreconhecíveis. Duas séries de portas douradas de folha dupla se abriam para o leste. Caramon disse ter encontrado uma escada que levava para a cidade destruída que se encontrava embaixo deles. Era possível ouvir o som tênue de ondas, lembrando-os de que eles estavam empoleirados sobre um grande rochedo de onde se podia ver o Novo Mar.

Os companheiros sentaram-se, cada um absorvido em seus próprios pensamentos, tentando assimilar as novas que Lua Dourada tinha trazido. Tasslehoff, entretanto, continuou a cutucar as paredes dos quartos, espiando todos os cantos escuros. Por não encontrar nada interessante, o kender ficou

entediado e voltou para junto do grupo, segurando um antigo elmo nas mãos. O elmo era grande demais para ele; de qualquer forma os kenders nunca usavam elmos por considerá-los importunos e restritivos. Ele jogou o elmo para o anão.

— O que é isso? — Flint perguntou desconfiado, segurando o elmo perto da luz emanada pelo cajado de Raistlin. Era um elmo de desenho antigo, bem trabalhado por um ferreiro habilidoso. Sem dúvida nenhuma um anão, Flint pensou, esfregando as mãos carinhosamente no elmo. Uma longa mecha de pelo de animal decorava o topo do elmo. Flint jogou o elmo dragoniano que estava usando no chão. Depois, colocou o elmo recém descoberto em sua cabeça. Ele serviu perfeitamente. Sorrindo, ele o tirou, admirando mais uma vez o trabalho do artesão. Tanis o observava, entretido.

— Aquilo é rabo de cavalo —, ele disse, apontando para a mecha.

— Não é, não é! — o anão protestou, franzindo a testa. Ele cheirou a mecha, torcendo o nariz. Como não espirrou, ele olhou para Tanis em triunfo

— É pelo de crina de grifo.

Caramon deu uma gargalhada.

— Grifo!—Ele disse bufando — Existem tantos grifos em Krynn quanto...

— Dragões —, completou Raistlin calmamente.

A conversa cessou abruptamente.

Sturm tossiu, limpando a garganta.

—É melhor nós descansarmos —, ele disse — Eu ficarei com o primeiro turno de vigia.

—Ninguém precisa ficar de vigia esta noite —, Lua Dourada disse suavemente. Ela estava sentada perto de Vendaval. O alto homem das planícies não tinha falado muito desde sua escaramuça com a morte. Ele tinha ficado um bom tempo olhando a estátua de Mishakal, reconhecendo a mulher que tinha lhe dado o cajado sob a luz azul, mas ele se recusou a responder qualquer pergunta ou discutir o assunto.

— Nós estamos seguros aqui —, Lua Dourada afirmou, olhando para a estatua.

Caramon ergueu as sobrancelhas. Sturm franziu a testa e alisou os bigodes. Os dois eram educados demais para questionar a fé de Lua Dourada, mas, Tanis sabia que nenhum dos dois guerreiros iria se sentir seguro se não houvesse vigia. Por outro o lado, não faltavam muitas horas até o amanhecer e todos eles precisavam descansar. Raistlin já estava dormindo enrolado em suas vestes num canto escuro da câmara.

— Eu acho que Lua Dourada tem razão —, Tasslehoff disse — Vamos confiar nestes deuses antigos, pois parece que nós os encontramos.

— Os elfos nunca os perderam; nem os anões —, Flint protestou, franzindo as sobrancelhas — Eu não compreendo nada disso! Reorx é presumivelmente um dos deuses antigos. Nós o adoramos desde antes do Cataclismo.

— Adorar? — Tanis perguntou — Ou suplicar em desespero porque seu povo foi expulso do Reino sob a Montanha. Não, não fique bravo... — Tanis levantou a mão, ao ver o rosto do anão ficar vermelho — Os elfos não são melhores. Nós suplicamos aos deuses quando nossa terra natal foi destruída. Nós sabemos dos deuses e honramos sua memória, assim como alguém honraria os mortos. Os clérigos élficos desapareceram a muito tempo, da mesma forma que os clérigos anões. Eu me lembro de Mishakal, a Curandeira. Eu me lembro de ter ouvido histórias sobre ela quando era jovem. Eu me lembro de ter ouvido histórias de dragões, também. Histórias de crianças, Raistlin diria. Parece que nossa infância voltou para nos assombrar, ou nos salvar, eu não sei qual dos dois. Eu vi dois milagres esta noite, um do mal e outro do bem. Eu tenho de acreditar em ambos, se for para eu confiar nas evidências dos meus sentidos. A despeito disso... — O meio elfo suspirou — Eu digo que devemos nos revezar na vigia, hoje à noite. Me desculpe, dama. Eu queria que minha fé fosse tão grande quanto a sua.

Sturm ficou com o primeiro turno de vigia. O resto deles se enrolou em seus cobertores e deitou no piso de ladrilho. O cavaleiro ficou andando pelo templo iluminado pela luz da lua, examinando os quartos quietos, mais por força do hábito do que por pressentir alguma ameaça. Ele ouvia o vento soprando frio e forte lá fora, vindo do norte. Mas, lá dentro, estava estranhamente quente e confortável, confortável demais.

Sentado na base da estátua, Sturm sentiu uma paz agradável tomar conta dele. Perplexo, ele se sentou de costas eretas e percebeu envergonhado, que quase havia dormido durante seu turno de vigia. Isso era indesculpável. Repreendendo a si mesmo com severidade, o cavaleiro decidiu que ele andaria durante sua vigia, de duas horas, como punição. Ele começou a se levantar e então parou. Ele ouviu um canto, uma voz de mulher. Sturm olhou em volta freneticamente, com a mão na espada. Depois, a mão desceu do punho. Ele reconheceu a voz e a canção. Era a voz da mãe dele. Uma vez mais, Sturm estava com ela. Eles estavam fugindo de Solamnia, viajando acompanhados apenas por um lacaio de confiança, e ele estaria morto antes deles chegarem a Solace. A música era uma daquelas canções de ninar sem letra que eram mais velhas do que os dragões. A mãe de Sturm segurava seu filho próximo de si e tentava afastar o medo dela, cantando essa canção gentil e tranqüilizante. Os olhos de Sturm se fecharam. O sono o abençoou, abençoou também seus companheiros.

A luz do cajado de Raistlin brilhava, mantendo afastada a escuridão.

17

O Caminho dos Mortos

Os Novos amigos de Raistlin

O som do metal caindo contra o chão de ladrilho fez Tanis despertar sobressaltado de seu sono profundo. Ele se sentou assustado e enquanto suas mãos procuravam a espada.

Flint deu alguns passos à frente e entregou a ele um pedaço de pão e algumas tiras de carne de veado seca.

— De pé e com o café da manhã tomado —, o anão grunhiu — Você teria sido capaz de dormir durante o Cataclismo, Meio Elfo.

Tanis deu uma mordida na carne seca sem apetite. Então, franzindo o nariz, ele cheirou.

— O que é esse cheiro engraçado?

— Uma mistura do mago — O anão fez uma careta e sentou-se no chão perto de Tanis. Flint puxou um bloco de madeira e começou a esculpir, golpeando furiosamente e fazendo as lascas voarem — Ele amassou uma espécie de pó em uma xícara e colocou água. Mexeu e bebeu a mistura, mas não

antes dela soltar aquele mau cheiro sufocante. Eu fico mais feliz não sabendo o que era.

Tanis concordou. Ele mastigou a carne de veado. Raistlin estava lendo seu grimório, murmurando palavras repetidamente até tê-las guardadas em sua memória. Tanis ficou imaginando que tipo de magia Raistlin sabia que poderia ser útil contra um dragão. Do pouco conhecimento que ele tinha sobre dragões, aprendido anos atrás do elfo bardo, Quivalen Soth, somente as magias dos maiores magos tinham alguma chance de afetar dragões que sabiam trabalhar sua própria mágica, como eles já tinham tido oportunidade de testemunhar.

Tanis olhou para o jovem frágil, absorto em seu livro de magias e balançou a cabeça. Raistlin pode ser poderoso para sua idade e, com certeza, ele era esperto e trapaceiro. Mas, os dragões eram antigos. Eles vivem em Krynn desde antes dos primeiros elfos, a mais antiga das raças, habitarem a terra. Claro que, se o plano que os companheiros discutiram ontem à noite viesse a funcionar, eles nem encontrariam o dragão. Eles tinham esperança de encontrar o covil e simplesmente fugir com os Discos. Era um bom plano, Tanis pensou, e provavelmente, valia tanto quanto fumaça no vento. O desespero começou a crescer dentro dele como uma névoa úmida.

— Bem, eu estou pronto —, Caramon anunciou animado. O grande guerreiro sentia-se incomensuravelmente melhor dentro de sua armadura. O dragão parecia um incômodo bem pequeno esta manhã. Caramon assobiava de forma bastante desafinada uma antiga canção de marchar, enquanto colocava a roupa suja de barro dentro de sua mochila. Sturm, com sua armadura cuidadosamente ajustada, sentou-se distante dos companheiros, com os olhos fechados, realizando, qualquer que fosse o ritual secreto que os cavaleiros realizam, preparando-se mentalmente para o combate. Tanis ficou de pé, duro e frio, mexendo-se de um lado para o outro, para fazer o sangue circular e diminuir as dores que sentia em seus músculos. Os Elfos não faziam nada antes das batalhas, a não ser pedir perdão por tirar vidas.

— Nos, também, estamos prontos —, Lua Dourada disse. Ela vestia uma túnica cinza de couro macio adornado com algum tipo de pelagem. Ela tinha feito tranças em seu longo cabelo prata dourado e o tinha enrolado em sua cabeça, uma precaução contra o inimigo, evitando que ele pudesse agarrá-la pelo cabelo.

— Vamos terminar com isto — Tanis suspirou, enquanto pegava o arco longo e a aljava de flechas que Vendaval tinha apanhado no acampamento dragoniano e pendurava-os no ombro. Para completar, Tanis estava armado com uma adaga e sua espada longa. Sturm tinha sua espada de duas mãos. Caramon carregava seu escudo, uma espada longa e duas adagas que Vendaval tinha surrupiado de alguém. Flint tinha substituído o machado de guerra perdido por um outro no acampamento dragoniano. Tasslehoff levava seu hoopak e uma pequena adaga que ele tinha achado. Ele tinha muito orgulho dela e ficou profundamente magoado quando Caramon lhe disse que ela seria de muita utilidade se eles se deparassem com coelhos ferozes. Vendaval levava sua espada longa amarrada às costas e ainda carregava a adaga de Tanis. Lua Dourada não carregava nenhuma arma além do cajado. Nós estamos bem armados, Tanis pensou. For todo bem que isso nos faça.

Os companheiros saíram da câmara de Mishakal, Lua Dourada foi a última a sair. Ela tocou gentilmente a estátua da deusa com sua mão quando passou, murmurando uma oração silenciosa.

Tas ia na frente, pulando alegremente, o topete balançando. Ele ia ver um dragão de verdade, vivo! O kender não conseguia imaginar nada mais empolgante

Seguindo as orientações de Caramon, eles foram para o leste, atravessaram duas outras portas duplas douradas e chegaram a uma grande sala circular. Havia um pedestal alto e coberto de limo bem no centro da sala, ele era tão alto que nem mesmo Vendaval conseguia ver o que havia nele, se é que havia alguma coisa. Tas ficou debaixo dele, olhando pensativo para o pedestal.

— Eu tentei escalá-lo na noite passada —, ele disse, — mas ele era escorregadio demais. O que será que tem lá em cima?

— Bem, o que quer que seja terá que ficar para sempre além do alcance de kenders —, Tanis disse irritado. Ele foi até a escada em espiral que descia para a escuridão, com o objetivo de investigá-la. Os degraus estavam quebrados e cobertos de mofo e as plantas em decomposição.

— O Caminho dos Mortos —, Raistlin disse repentinamente. O que? — Tanis perguntou.

— O Caminho dos Mortos —, o mago repetiu — É assim que esta escada é chamada.

— Como, em nome de Reorx, você sabe disso? — Flint grunhiu.

— Eu já li alguma coisa sobre esta cidade —, Raistlin respondeu com sua voz sussurrante.

— Esta é a primeira vez que nós ouvimos isto —, Sturm disse friamente — O que mais você sabe que não nos contou?

— Muitas outras coisas, cavaleiro —, Raistlin retrucou, franzindo a testa — Enquanto você e meu irmão brincavam com espadas de madeira, eu passava o tempo estudando.

— Sim, estudo daquilo que é obscuro e misterioso —, o cavaleiro disse com escárnio — O que realmente aconteceu nas Torres de Alta Feitiçaria, Raistlin? Você não ganhou esse seus maravilhosos poderes sem ter dado algo em troca. O que você sacrificou naquela Torre? Sua saúde, ou sua alma?

— Eu estava com meu irmão na Torre —, disse Caramon. O rosto do guerreiro, normalmente animado, agora estava abatido — Eu o vi lutar com magos e feiticeiros poderosos usando apenas algumas magias simples. Ele os derrotou, mas eles destruíram seu corpo. Eu o carreguei quase morto para fora daquele lugar terrível. E eu... — O homenzarrão hesitou.

Raistlin deu rapidamente um passo à frente e colocou sua mão fina e fria no braço de seu irmão gêmeo.

— Cuidado com o que você diz —, ele sibilou.

Caramon inspirou de forma desarticulada e engoliu em seco.

— Eu sei o que ele sacrificou —, o guerreiro disse com a voz rouca. Então, ele levantou a cabeça com orgulho — Nós estamos proibidos de falar sobre isso. Mas, você me conhece há muitos anos, Sturm Montante Luzente, e eu lhe dou minha palavra de honra de que você pode confiar em meu irmão, como você confia em mim. Se chegar o dia em que isso não for mais assim, que minha morte e a dele não estejam muito longe.

Os olhos de Raistlin se apertaram por causa deste voto. Ele observava seu irmão com uma expressão pensativa e sombria. Então, Tanis viu o lábio do mago se curvar, a expressão séria trocada por seu costumeiro cinismo. Foi uma mudança assustadora. Por um momento, a semelhança entre os gêmeos havia sido extraordinária. Agora, eles pareciam tão diferentes quanto os lados opostos de uma moeda.

Sturm deu um passo à frente e pegou a mão de Caramon, apertando-a firme, sem dizer uma palavra. Depois, ele se virou de modo a ficar de frente para Raistlin, incapaz de olhar para ele sem demonstrar uma repugnância óbvia.

— Eu peço desculpas, Raistlin —, o cavaleiro disse tenso — Você deveria ser grato por ter um irmão tão leal.

— Oh, eu sou —, Raistlin sussurrou.

Tanis olhou para o mago com atenção, tentando descobrir se o sarcasmo na voz sibilante do mago tinha sido apenas sua imaginação. O meio elfo umedeceu os lábios secos, ele sentiu um repentino sabor amargo em sua boca.

— Você é capaz de nos guiar neste lugar? — ele perguntou abruptamente.

— Eu seria —, Raistlin respondeu, — se nós tivéssemos vindo aqui antes do Cataclismo. Os livros que eu estudei são de centenas de anos atrás. Durante o Cataclismo, quando a montanha de fogo atingiu Krynn, a cidade de Xak

Tsaroth foi jogada encosta abaixo de um rochedo. Eu reconheço esta escada, porque ela ainda está intacta. Fora isso... — Ele encolheu os ombros.

— Onde essas escadas vão dar?

— Em um lugar conhecido como a Sala dos Ancestrais. Os Sacerdotes e os reis de Xak Tsaroth foram enterrados em criptas dentro dessa sala.

—Vamos andando —, Caramon disse de mau humor—Tudo que fazemos aqui é assustar a nos mesmos.

—Sim — Raistlin fez um gesto com a cabeça — Nós temos de ir, e rápido. Nós temos até o anoitecer. Amanhã, esta cidade estará abarrotada com os exércitos que estão vindo do norte.

—Balela! — Sturm franziu a testa — Pode ser que você saiba de muitas coisas, como afirma, mago, mas você não tem como saber isso! Caramon está certo, nós já ficamos aqui tempo demais. Eu irei na frente.

Ele começou a descer as escadas, movendo-se com cuidado para não escorregar na superfície limosa. Tanis viu os olhos de Raistlin, dois traços dourados de animosidade, seguirem Sturm escada a baixo.

— Raistlin, vá com ele e ilumine o caminho —. Tanis ordenou, ignorando o olhar de raiva que Sturm tinha lhe dirigido — Caramon, fique junto de Lua Dourada. Vendaval e eu ficaremos na retaguarda.

— E onde é que nós ficamos? Flint resmungou para o kender, enquanto eles seguiam atrás de Lua Dourada e Caramon, — No meio, como de costume. Só mais bagagem sem utilidade...

— Deve haver alguma coisa lá em cima —, Tas disse, olhando mais uma vez para o pedestal. Obviamente, ele não tinha ouvido uma única palavra do que havia sido dito — Uma bola de cristal de ver o futuro, um anel mágico igual ao que eu tive uma vez. Eu já contei, a história do meu anel mágico? — Flint soltou um grunhido. Tanis ouviu a voz do kender tagarelando, enquanto os dois desapareciam escada abaixo.

O meio elfo virou-se para Vendaval.

— Você esteve aqui... você deve ter estado. Nós vimos a deusa que lhe deu o cajado. Você desceu estas escadas?

— Eu não sei —, Vendaval disse exausto — Eu não me lembro de nada. Nada, exceto o dragão.

Tanis ficou em silêncio. O dragão. Tudo se resumia ao dragão. A criatura que pairava ameaçadora nos pensamentos de todo mundo. E quão fraco o pequeno grupo pareceu contra um monstro, que tinha brotado das lendas mais obscuras de Krynn. Por que nós? Tanis pensou desconsolado. Será que já existiu um grupo de heróis mais improvável, cercado de brigas, resmungos, discussões, metade de nós não confia na outra metade. "Nós fomos escolhidos." Esse pensamento trouxe pouco conforto. Tanis relembrava as palavras de Raistlin. "Quem nos escolheu — e por quê?" O meio elfo estava começando a ficar curioso.

Eles desceram silenciosamente a íngreme escada, que descia numa espiral ainda mais fundo dentro da encosta da montanha. No inicio, estava intensamente escuro enquanto eles desciam os degraus. Depois, o caminho começou a ficar mais claro, até chegar a um ponto em que Raistlin pode extinguir a luz de seu cajado. Logo em seguida, Sturm levantou a mão, fazendo parar aqueles que vinham atrás dele. À sua frente havia um corredor curto, não mais que alguns metros de comprimento. Esse corredor levava a uma porta em arco, que dava para uma vasta área aberta. Uma luz cinza pálida se infiltrava no corredor, junto com o odor de umidade e podridão.

Os companheiros ficaram longos momentos ouvindo cuidadosamente. O som de água corrente parecia vir de algum lugar abaixo da porta e além dela, e quase abafava todos os outros sons. Ainda assim, Tanis teve a impressão de ter ouvido algo mais, como um estalo, e sentido, mais do que ouvido, pisadas e pulsações no chão. Mas elas não duraram muito, e o estalo não se repetiu. Então, mais confuso ainda, ele ouviu o som de um arranhar metálico, pontuado

por um ocasional rangido estridente. Tanis olhou para Tasslehoff de forma inquisitiva.

O kender encolheu os ombros.

— Não faço a menor idéia —, ele disse, inclinando a cabeça e ouvindo com atenção — Eu nunca ouvi nada parecido, Tanis, a não ser uma vez... — Ele fez uma pausa, depois chacoalhou a cabeça — Você quer que eu vá olhar? — Ele perguntou ansioso.

— Vá.

Tasslehoff percorreu furtivamente o curto corredor, movendo-se rapidamente de uma sombra para outra. Um camundongo correndo por um carpete faz mais barulho do que um kender, quando ele quer passar despercebido. Ele chegou até a porta e espiou para fora. A frente dele, estendia-se o que deve ter sido um saguão cerimonial. Sala dos Ancestrais é o nome que Raistlin tinha usado. Agora era a Sala das Ruínas. Parte do piso no lado leste tinha caído formando um buraco do qual saía uma névoa branca e fétida. Tas notou a existência de outros buracos enormes abertos no piso e uma quantidade apreciável de grandes ladrilhos de pedra que se projetavam como se fossem lápides de túmulos. Testando o chão debaixo de seus pés com cuidado, o kender entrou na sala. Ele mal conseguia distinguir através da névoa uma passagem escura na parede sul... e outra na parede norte. O estranho som estridente vinha do sul. Tas virou-se e começou andar naquela direção.

De repente, ele ouviu novamente aquele som pulsante, vindo do norte, atrás dele, e sentiu o chão começar a tremer. O kender correu apressadamente de volta para as escadas. Seus amigos tinham ouvido o som e estavam de costas contra a parede com as armas na mão. O som pulsante aumentou até se transformar no ruído provocado por um Vendaval. Então, dez ou quinze criaturas atarracadas e espectrais, atravessaram velozmente a porta em arco. O chão tremeu. Eles ouviram uma respiração pesada e, de vez em quando, uma

palavra murmurada. Depois, as criaturas desapareceram no meio da névoa, em direção ao sul. Houve um outro estalo, depois o silêncio.

— Em nome do Abismo, o que foi aquilo? — Caramon exclamou — Eles não eram dragonianos, a menos que eles estejam produzindo uma raça pequena e gorda. E de onde eles vieram?

— Eles vieram do lado norte da sala —, Tas disse — Tem uma porta lá, e uma outra que dá passagem para o sul. Os estranhos sons estridentes vêm do sul, ou seja da direção para onde aquelas coisas estavam indo.

— O que tem a leste? — Tanis perguntou.

— A julgar pelo som da água caindo que eu consegui ouvir, tem uma queda de uns trezentos metros —, o kender respondeu — O chão desmoronou. Eu não recomendaria andar por ali.

Flint farejou o ar.

— Eu sinto cheiro de alguma coisa... familiar. Eu não lembro o que é.

— Eu sinto cheiro da morte —, Lua Dourada disse, estremecendo e segurando o cajado perto de si.

— Não, isso é alguma coisa pior —, Flint ponderou. Então, seus olhos se arregalaram e seu rosto ficou vermelho de fúria e ódio — Já sei! — ele rugiu — Anões da ravina! — Ele pegou seu machado. — É isso que aquelas criaturinhas miseráveis eram. Bem, eles não serão anões da ravina por muito tempo. Logo, eles serão cadáveres fedorentos!

Ele disparou para frente. Tanis, Sturm, e Caramon saltaram sobre ele assim que ele chegou ao fim do corredor e o arrastaram de volta.

— Fique quieto! — Tanis ordenou ao anão que tartamudeava — Que certeza você tem de que eles são anões da ravina?

O anão libertou-se do aperto de Caramon com um chacoalhão.

— Claro! — ele começou a rugir, depois abaixou a voz até ela se transformar num sussurro — Eles não me mantiveram prisioneiro durante três anos?

— É verdade? —Tanis perguntou surpreso.

— É por isso que eu nunca contei a vocês onde é que eu andei os cinco últimos anos —, o anão falou, vermelho de vergonha. Seu rosto ficou sério — Mas, eu jurei me vingar. Eu matarei todo anão da ravina que atravessar meu caminho.

— Espere um minuto —, Sturm interrompeu — Os Anões da ravina não são malignos, pelo menos não como os goblins. O que será que eles estão fazendo, vivendo aqui com os dragonianos?

— Escravos —, Raistlin respondeu com frieza — Sem dúvida nenhuma, os anões da ravina viveram aqui durante muitos anos, provavelmente desde que a cidade foi abandonada. Quando foram enviados, para cá, talvez para guardar os Discos, os dragonianos encontraram os anões da ravina e os usaram como mão de obra escrava.

—Talvez eles possam nos ajudar —, Tanis murmurou.

— Anões da ravina! — Flint explodiu — Você confiaria naqueles seres imundos...

— Não —, Tanis disse — É claro que nós não podemos confiar neles. Mas, quase todo escravo está disposto a trair seu mestre e os anões da ravina, como a maioria dos anões, têm pouco senso de lealdade com qualquer um, exceto seus próprios chefes. Contanto que nós não peçamos que eles façam alguma coisa que possa por em risco suas próprias peles, é possível que nós consigamos comprar sua ajuda.

— Bem, eu serei o traseiro de um ogro! — disse Flint desgostoso. Ele jogou seu machado no chão, rasgou sua mochila e agachou, sentando-se de costas contra o muro de braços cruzados — Vá em frente. Vá pedir aos seus novos amigos para lhe ajudar. Eu não vou com você! Eles o ajudarão. Vão ajudá-lo a se enfiar no focinho do dragão!

Tanis e Sturm trocaram olhares preocupados, lembrando-se do incidente no barco. Flint era capaz de ser incrivelmente teimoso e Tanis achou que desta vez o anão provavelmente ficaria imóvel.

— Eu não sei — Caramon suspirou e balançou a cabeça — É muito chato o fato do anão estar ficando para trás. Se nós conseguirmos que os anões da ravina nos ajudem, quem vai manter aquela escória na linha?

Surpreso com o fato de Caramon conseguir ser tão sutil, Tanis sorriu e entendeu a jogada do guerreiro.

— Sturm, eu acho.

— Sturm! — O anão pôs-se de pé — Um cavaleiro que não daria uma facada em um inimigo pelas costas? Você precisa de alguém que conhece essas criaturas abomináveis...

— Você tem razão, Flint —, disse Tanis num tom grave — Acho que você vai ter que vir conosco.

— Eu vou —, Flint grunhiu. Ele agarrou suas coisas e saiu andando pelo corredor. Ele se virou — Vocês não vem?

Escondendo seus sorrisos, os companheiros seguiram o anão em direção à Sala dos Ancestrais. Eles se mantiveram perto da parede, evitando o chão traiçoeiro. Eles foram para o sul, seguindo os anões da ravina e entraram em uma passagem mal iluminada com algumas dezenas metros, depois viraram bruscamente para o leste. Eles ouviram o estalo mais uma vez. O som metálico tinha do. De repente, eles ouviram o som de pés caminhando atrás deles.

— Anões da ravina! — grunhiu Flint.

— Para trás! —Tanis ordenou — Estejam prontos para pular sobre eles. Não podemos deixar eles darem o alarme!

Todos se encostaram contra a parede, espadas preparadas nas mãos. Flint segurava seu machado de batalha, um olhar de expectativa em seu rosto. Olhando a vasta sala atrás deles, eles viram um outro grupo de figuras pequenas e gorduchas correndo na direção deles.

De repente, o líder dos anões da ravina olhou e os viu. Caramon pulou na frente das pequenas figuras que corriam com seu braço enorme levantado num gesto imperativo.

— Parem! — ele disse. Os anões da ravina olharam para ele, enxamearam em torno dele e desapareceram dobrando a esquina para o leste. Caramon virou-se para olhá-los, espantado.

— Parem... ele disse meio desanimado.

Um anão da ravina apareceu de volta, na esquina que eles tinham virado, olhou para Caramon e colocou um dedo sujo nos lábios.

— Pssssiu! — Depois, a figura pequena e gorda desapareceu. Eles ouviram o estalo e o som estridente começar de novo.

— O que você acha que esta acontecendo? — Tanis perguntou em tom suave.

—Todos eles tem essa aparência? — Lua Dourada disse com os olhos arregalados — Eles são tão sujos e maltrapilhos, e têm feridas por todo o corpo.

— E eles tem o cérebro de uma maçaneta de porta —, Flint grunhiu. Cautelosamente, o grupo virou a esquina no fim do corredor, levando as mãos no punho de suas espadas. Um corredor longo e estreito se estendia para o leste, iluminado por tochas que piscavam e esfumaçavam o ar tornando-o sufocante. A luz refletia nas paredes úmidas com vapor condensado. Portas em arco que davam no corredor revelavam apenas a escuridão.

— As criptas —, Raistlin sussurrou.

Tanis estremeceu. Água pingava sobre ele, do teto. O som estridente metálico estava mais alto e mais próximo. Lua Dourada tocou o braço do meio elfo e apontou. Tanis viu uma porta no final do corredor. Adiante do vão da porta, havia uma outra passagem, formando uma intersecção em forma de T. O corredor estava cheio de anões da ravina.

— Por que será que essas criaturinhas estão em fila? — Caramon disse.

— Esta é nossa oportunidade de descobrir —, Tanis disse. Ele estava começando a andar adiante, quando sentiu a mão do mago em seu braço.

— Deixe isto comigo —, Raistlin murmurou.

— E melhor irmos com você —, disse Sturm, — para lhe dar cobertura, é claro.

— E claro —, Disse Raistlin torcendo o nariz — Muito bem, mas não me interrompam.

Tanis acenou com a cabeça.

— Flint, você e Vendaval guardem o final deste corredor —, Flint abriu a boca para protestar, depois franziu as sobrancelhas e ficou de frente para o homem das planícies.

— Fique bem para trás —, Raistlin ordenou, depois caminhou pelo corredor, com suas vestes vermelhas fazendo barulho à volta de seus tornozelos, o Cajado de Magius tocando suavemente o chão a cada passo. Tanis e Sturm o acompanhavam, movendo-se ao longo das paredes que pingavam. Ar frio fluía das criptas. Espiando dentro de uma delas, Tanis conseguiu ver o vulto escuro de um sarcófago iluminado pela luz da tocha. O caixão tinha entalhes primorosos e era decorado com ouro que não brilhava mais. Um ar opressivo pairava sobre as criptas. Algumas das tumbas davam a impressão de terem sido violadas e roubadas. Tanis viu de relance, um crânio rindo na escuridão. Ele se pôs a imaginar se alguns desses antigos mortos estavam planejando se vingar pelo fato de seu descanso ter sido perturbado. Tanis se esforçou para voltar à realidade. Ela já era sombria o bastante.

Raistlin parou quando chegou próximo ao fim do corredor. Os anões da ravina observavam-no com curiosidade, ignorando os outros que vinham atrás dele. O mago não disse nada. Enfiou a mão em uma bolsa que trazia presa a seu cinto e tirou várias moedas de ouro. Os olhos dos anões da ravina começaram a brilhar. Um ou dois que se encontravam no inicio da fila perto de Raistlin

avançaram um pouco para ver melhor. O mago levantou uma moeda para que todos pudessem ver bem. Depois, ele a jogou para o alto e ela sumiu no ar!

Os anões da ravina soltaram um grito sufocado. Raistlin abriu a mão com um floreio e mostrou a moeda. Houve alguns aplausos aqui e ali. Os anões da ravina chegaram mais perto de bocas abertas, maravilhados.

Os Anões da ravina, ou aghar como sua raça era conhecida, eram realmente uma classe inferior. A casta mais baixa da sociedade anã; eles podiam ser encontrados em toda Krynn, vivendo na imundície e na sujeira, em lugares que haviam sido abandonados pela maioria das outras criaturas vivas, incluindo os animais. Como todos os anões, eles se dividiam em clãs e era freqüente vários clãs morarem juntos, submetendo-se ao governo de seus chefes ou, de um poderoso líder de clã em particular. Três clãs viviam em Xak Tsaroth: os sluds, os bulps, e os glups. Membros dos três clãs rodeavam Raistlin. Havia machos e fêmeas, embora não fosse fácil ver a diferença entre os dois sexos. As fêmeas não tinham pelos nos queixos mas tinham-nos nas bochechas. Elas vestiam uma sobre-saia esfarrapada enrolada na cintura que chegava até os joelhos ossudos. De resto, elas eram tão feias quanto sua contraparte masculina. Apesar de sua aparência miserável, os anões da ravina em geral levavam uma existência bem alegre.

Raistlin fez a moeda dançar na junta de seus dedos com uma destreza maravilhosa movendo-a para cima e para baixo por entre os dedos. Depois, ele a fez desaparecer, só para fazê-la reaparecer dentro da orelha de um anão da ravina surpreso que ficou olhando para o mago assombrado. Este último truque provocou uma interrupção momentânea na performance do mago, pois os amigos do aghar o agarraram e espiaram dentro de sua orelha; um deles chegou a enfiar o dedo dentro do ouvido para ver se saia mais moedas. Mas, esta atividade interessante cessou, quando Raistlin enfiou a mão em uma outra bolsa e tirou dela um pequeno pergaminho enrolado. Abrindo-o com seus dedos

longos e finos, o mago começou a ler o que estava escrito nele, num suave cântico.

—Suh tangus moipar, ast akular kalipar — Os anões da ravina observavam-no completamente fascinados.

Quando o mago terminou de ler as palavras que pareciam pernas de aranha no pergaminho começaram a queimar. Elas se incendiaram, depois desapareceram, deixando traços de uma fumaça verde.

— Para que serviu tudo aquilo? — Sturm perguntou desconfiado.

— Agora eles estão encantados —, Raistlin respondeu — Eu lancei sobre eles a magia da amizade.

Os anões da ravina estavam cativados e Tanis notou que as expressões em seus rostos tinham mudado do interesse para uma afeição descarada pelo mago. Eles esticaram as mãos sujas e deram tapinhas nas costas de Raistlin, tagarelando em sua linguagem estranha. Sturm olhou para Tanis assustado. Tanis sabia o que o cavaleiro estava pensando: Raistlin poderia ter lançado aquela magia em qualquer um deles, a qualquer momento.

Ao ouvir o som de pés correndo, Tanis olhou rapidamente para trás, onde Vendaval montava guarda. O homem das planícies apontou para os anões da ravina, depois levantou as mãos com os dedos abertos. Mais dez anões vinham na direção deles. Pouco depois, o novo aghar surgiu em seu campo de visão, passou por Vendaval, sem prestar muita atenção. Eles pararam abruptamente ao verem a comoção em torno do mago.

— Que acontece? — disse um deles olhando para Raistlin. Os anões da ravina encantados, se aglomeraram em volta do mago, puxando seu robe e arrastando-o pelo corredor.

— Amigo. Este nosso amigo —, todos eles falavam empolgados numa forma rústica de comum.

— Sim —, Raistlin disse com uma voz suave e gentil, tão macia e chorosa que Tanis foi momentaneamente pego de surpresa — Vocês são todos meus

amigos —, o mago continuou — Agora, digam-me, meus amigos, para onde nos leva este corredor? Raistlin apontou para o lado leste. Todos começaram a tagarelar, respondendo ao mesmo tempo.

— Corredor leva pra lá —, disse um deles, apontando para o leste.

— Não, ele leva pra lá! disse outro, apontando para oeste.

Teve início um tumulto, os anões da ravina começaram a empurrar uns aos outros. Logo, punhos começaram a se agitar e, pouco tempo depois, um anão da ravina havia derrubado outro no chão e começado a chutá-lo e a gritar, — Pra lá! Pra lá! — com toda força.

Sturm voltou-se para Tanis.

— Isto é ridículo! Eles atrairão tudo quanto é dragoniano que existe neste lugar para cima de nós. Eu não sei o que aquele mágico louco fez, mas você tem que pará-lo.

Mas, antes que Tanis pudesse intervir, uma anã da ravina resolveu o problema sozinha. Mergulhando no meio da confusão, ela agarrou os dois combatentes, bateu as cabeças deles uma contra a outra e largou-os no chão. Os outros, que os estavam incitando, calaram-se imediatamente e a recém chegada virou-se para Raistlin. Ela tinha um nariz grosso e bulboso e o cabelo dela ficava todo espetado. Ela usava um vestido de retalhos todo rasgado, sapatos grosseiros e meias enroladas na altura dos tornozelos. Mas ela parecia ser uma espécie de líder entre os anões da ravina, pois, todos eles a olhavam com respeito. Isso pode ser porque ela carregava uma sacola enorme e pesada pendurada em um de seus ombros. A sacola arrastava no chão enquanto ela caminhava, fazendo com que ela tropeçasse de vez em quando. Mas, aparentemente a sacola tinha uma grande importância para ela. Quando um dos outros anões da ravina tentou tocar em sua bolsa, ela a rodopiou e o acertou no rosto.

— Corredor leva chefões —, ela disse, acenando com a cabeça para o lado leste.

— Obrigado, minha querida —, Raistlin disse, esticando a mão para tocá-la na bochecha. Ele disse algumas palavras —, Tantago, musalah.

A anã da ravina ficou olhando, fascinada, enquanto ele falava. Depois, ela suspirou e ergueu os olhos em direção ao mago, em adoração.

— Diga-me, pequenina —, Raistlin disse — Quantos chefes?

A anã da ravina franziu a testa, concentrando-se. Ela levantou uma mão suja.

— Um, ela disse, com um dedo levantado — E um, e um, e um — Olhando com um ar triunfante para Raistlin, ela tinha quatro dedos levantados e disse, — Dois.

—Estou começando a concordar com Flint —, Sturm grunhiu.

— Psiu —, Tanis disse. Só então, o barulho estridente parou. Os anões da ravina olharam para o fim do corredor inquietos, quando dentro daquele silêncio ouviu-se novamente o estalo forte.

— O que é aquele barulho? — Raistlin perguntou para sua admiradora encantada.

— Chicote —, a anã da ravina disse sem emoção alguma. Esticando a mão imunda ela pegou Raistlin pelo seu robe e começou a puxá-lo em direção ao fim do corredor leste — Chefes fica bravos. Nós vamos.

— O que é que vocês fazem para os chefes? — Raistlin perguntou, parando de andar.

— Nós vamos. Você ver — A anã da ravina deu um puxão nele — Nós pra baixo. Eles pra cima. Baixo. Cima. Baixo. Cima. Venha. Você vai. Nós damo carona pra baixo.

Raistlin, olhou para trás em direção a Tanis, enquanto era carregado por uma maré de aghar e fez um gesto com a mão. Tanis sinalizou para Vendaval e Flint, e todos começaram a andar ao longo do corredor atrás dos anões da ravina. Aqueles que Raistlin tinha encantado, permaneceram agrupados à sua volta, tentando ficar o mais perto possível, enquanto o resto deles correu pelo

corredor quando o chicote estalou novamente. Os companheiros seguiram Raistlin e os anões da ravina até a esquina, onde o som estridente começou outra vez, muito mais alto agora.

A anã da ravina se alegrou quando o ouviu. Ela e todos os outros anões da ravina pararam. Alguns deles se sentaram agachados contra as paredes cobertas de limo, outros se jogaram no chão como sacos. A fêmea ficou perto de Raistlin, segurando a bainha da manga dele com sua mão pequena.

— O que foi? — ele perguntou — Por que nós paramos?

— Nos espera. Não é nossa vez ainda —, ela o informou.

— O que faremos quando for nossa vez? ele perguntou pacientemente. Vamo pra baixo —, ela disse, erguendo os olhos para ele em adoração.

Raistlin olhou para Tanis e balançou a cabeça. O mago decidiu tentar usar uma nova abordagem.

Qual é seu nome, pequenina? — ele perguntou.

— Bupu.

Caramon riu alto e colocou a mão sobre sua bota.

— Agora, Bupu —, Raistlin disse num tom melodioso, — você sabe onde faca o covil do dragão?

— Dragão? — Bupu repetiu, surpresa — Você quer dragão?

— Não, Raistlin disse apressadamente, — nos não queremos o dragão... só o covil do dragão, o lugar onde o dragão mora

— Ah, eu não sabe isso — Bupu sacudiu a cabeça. Então, vendo o rosto desapontado de Raistlin, ela segurou a mão dele — Mas, eu leva você grande Alto Bulp. Ele sabe tudo.

Raistlin levantou as sobrancelhas.

— E como chegamos até o Alto Bulp?

— Pra baixo! — ela disse, sorrindo feliz. O som estridente parou. Houve um estalar de chicote — Nossa vez ir pra baixo agora. Você vem. Você vem agora. Ver Alto Bulp.

— Um momento — Raistlin soltou-se da mão da anã da ravina — Eu tenho de falar com meus amigos — Ele caminhou na direção de Tanis e Sturm.

— Esse Alto Bulp e provavelmente o líder do clã, talvez o líder de vários clãs.

— Se for tão inteligente quanto esta turma, ele não saberá nem onde está seu próprio penico, quanto mais um dragão —, Sturm grunhiu.

— E mais provável que ele saiba —, Flint falou com relutância.

— Os anões da ravina não são inteligentes, mas eles lembram tudo que eles vêem ou ouvem se você conseguir que eles usem palavras com mais de uma sílaba quando falam.

— Então, é melhor irmos ver o grande Alto Bulp —, Tanis disse com pesar

— Agora, se nós pudéssemos descobrir o que é esse negócio de para baixo e para cima e aquele rangido...

— Eu sei! — disse uma voz.

Tanis olhou à sua volta. Ele tinha esquecido completamente de Tasslehoff. O kender vinha correndo de volta, o topete dançando, os olhos brilhando de contentamento.

— É um elevador, Tanis —, ele disse — Como nas minas dos anões. Eu estive em uma mina, uma vez. Foi a coisa mais maravilhosa. Eles tinham um elevador que levava pedras para cima e para baixo. E este aqui é igualzinho Bem, quase igual. Veja só... De repente ele começou a rir e não conseguia continuar. Enquanto os outros olhavam para ele de forma inquisitiva, o kender fez um esforço violento para se controlar.

— Eles estão usando um caldeirão de derreter banha gigante! Os anões da ravina que estavam aqui parados numa fila, correm quando um capataz dragoniano estala o chicote. Eles todos pulam para dentro do caldeirão que está ligado a uma corrente enorme que gira em torno de uma roda dentada, cujos

dentes se encaixam nos elos da corrente, é isso que está rangendo! A roda gira e eles vão para baixo, e logo depois vem um outro caldeirão...

— Chefões. Caldeirão cheio chefões —, Bupu disse.

— Cheio de dragonianos! —Tanis repetiu alarmado.

— Não vem aqui —, Bupu disse — Vão pra Ia... Ela fez um gesto vago com a mão.

Tanis ficou inquieto.

_ Então, esses são os chefes. Quantos dragonianos há lá perto do caldeirão?

— Dois —, disse Bupu, segurando a manga de Raistlin com firmeza — Não mais do que dois.

—Na verdade, tem quatro —, Tas disse com um olhar apologético por estar contradizendo a anã da ravina — Eles são dos pequenos, não dos grandes que fazem magias.

—Quatro — Caramon flexionou seus enormes braços — Nós somos capazes de enfrentar quatro deles.

—Sim, mas nós temos que ser rápidos, para que não cheguem mais quinze —, Tanis alertou.

O chicote estalou outra vez.

—Venha! — Bupu puxou a manga de Raistlin com urgência — Nós vamo. Chefões fica bravo.

— Eu diria que ir agora, ou depois, não faz muita diferença —, Sturm falou, encolhendo os ombros — Deixem os anões da ravina correrem como de costume. Nos os seguiremos e subjugaremos os chefões na confusão. Se tem um caldeirão aqui em cima esperando para ser carregado com anões da ravina, o outro tem que estar lá embaixo, no térreo.

— Eu suponho que sim —, Tanis disse. Ele se virou para os anões da ravina — Quando vocês chegarem perto do elevador... ah, do caldeirão... não entrem dentro dele. Apenas corram para um lado e saiam da frente. Está bem?

Os anões da ravina olharam para Tanis com profunda desconfiança. O meio elfo suspirou e olhou para Raistlin. Sorrindo levemente, o mago repetiu as instruções de Tanis. Imediatamente os anões da ravina começaram a sorrir e concordar com entusiasmo.

O chicote estalou outra vez e os companheiros ouviram uma voz áspera.

— Parem de enrolar escória, ou nos cortaremos fora seus pés nojentos e lhes daremos uma boa desculpa para serem lerdos!

— Nos veremos quais pés serão cortados —, Caramon disse. Isso ser divertido! — disse um dos anões da ravina solenemente. O aghar disparou como uma flecha pelo corredor.

18

LUTA NO ELEVADOR.

O REMÉDIO DE BUPU PARA TOSSE.

Uma névoa quente, surgiu de dois enormes buracos no chão, redemoinhando em torno do quer que estivesse por perto. Entre os dois buracos havia uma grande roda em volta da qual havia uma corrente enorme. Havia um imenso caldeirão de ferro preto suspenso pela corrente sobre um dos buracos. A outra ponta da corrente desaparecia no outro buraco. Quatro dragonianos vestidos com armaduras, dois deles agitando chicotes de couro e armados com espadas curvas, estavam de pé em volta do caldeirão. Eles ficavam visíveis durante um pequeno período, depois eram escondidos pela névoa. Tanis conseguia ouvir o estalo do chicote e uma voz gutural berrando.

— Seus vermes piolhentos! O que vocês estão fazendo parados aí atrás? Entrem no caldeirão antes que eu arranque a carne imunda de seus ossos nojentos! Eu... ops!

O dragoniano parou no meio da sentença com olhos esbugalhados quando Caramon emergiu da névoa, rugindo seu grito de guerra. O dragoniano deu um grito que se transformou em um gorgolejo sufocado, quando Caramon agarrou a criatura pelo pescoço ossudo, levantou-a do chão e jogou-a contra a

parede. Os anões da ravina se espalharam quando o corpo da criatura bateu contra a parede com um som de ossos se quebrando.

No momento em que Caramon atacou, Sturm brandiu sua espada de duas mãos, e gritou a saudação dos cavaleiros para um inimigo e cortou fora a cabeça de um dragoniano que não chegou nem a ver o que estava acontecendo. A cabeça decapitada rolou no chão produzindo um som cavo enquanto se transformava em pedra.

Ao contrário dos goblins que atacam qualquer coisa que se move sem estratégia nem reflexão, os dragonianos são inteligentes e pensam rápido. Os dois que sobraram próximo ao caldeirão não tinham nenhuma intenção de lutar contra cinco guerreiros treinados e bem armados. Um deles pulou imediatamente dentro do caldeirão, gritando instruções para seu companheiro em sua língua gutural. O outro dragoniano correu para a roda e liberou o mecanismo. O caldeirão começou a cair através do buraco.

—Detenham-no! — Tanis gritou — Ele vai buscar reforços!

—Errado! — gritou Tasslehoff espiando pela beirada — Os reforços já estão subindo no outro caldeirão. Deve ter uns vinte deles!

Caramon correu para deter o dragoniano que estava operando o elevador, mas chegou tarde demais. A criatura deixou o mecanismo em funcionamento, pulou na direção do caldeirão e caiu dentro dele seguindo seu companheiro. Caramon, agindo de acordo com o princípio de não deixar seu inimigo escapar, também pulou para dentro do caldeirão! Os anões da ravina torciam e gritavam e alguns correram para a beirada do buraco para ver melhor.

—Aquele grande idiota! — Sturm praguejou. Empurrando os anões da ravina para o lado a fim de poder olhar para baixo, ele viu punhos se agitando e o brilho da armadura enquanto Caramon e os dragonianos golpeavam uns aos outros. O peso adicional de Caramon fez com que o caldeirão caísse mais rápido.

—Eles vão transformar aquele palerma em carne seca, lá embaixo —, Sturm balbuciou — Eu vou atrás dele —, ele gritou para Tanis. Lançando-se no ar, ele agarrou a corrente e escorregou para dentro do caldeirão.

— Agora nós perdemos os dois! — Tanis grunhiu — Flint, venha comigo. Vendaval, fique aqui com Raistlin e Lua Dourada. Veja se você consegue fazer a droga da roda funcionar no sentido contrário! Não, Tas; você não!

Tarde demais. Gritando com entusiasmo, o kender pulou na corrente e desceu. Tanis e Flint pularam no buraco, também. Tanis colocou os braços e as pernas em torno da corrente e ficou pendurado logo acima do kender, mas o anão não conseguiu se agarrar e caiu de cabeça dentro do caldeirão. Caramon, imediatamente, pisou nele.

Os dragonianos prensaram o guerreiro contra a beirada do caldeirão. Ele socou um deles, fazendo com que ele se chocasse contra o outro lado e enfiou sua adaga no segundo enquanto ele tentava sacar sua espada. Caramon deu sua estocada antes do dragoniano conseguir tirar a espada da bainha, mas a adaga do guerreiro resvalou na armadura da criatura e escapou da mão de Caramon.

O dragoniano atacou o rosto do guerreiro, tentando furar os olhos de Caramon com as garras de suas mãos. Agarrando os punhos do dragoniano com um aperto esmagador, Caramon conseguiu afastar as mãos da criatura para longe de seu rosto. Os dois seres poderosos, o humano e o dragoniano, se debatiam contra a parede do caldeirão.

O outro dragoniano se recuperou do soco de Caramon e pegou sua arma. Mas sua investida contra o guerreiro foi interrompida abruptamente, quando Sturm, que vinha escorregando pela corrente, deu-lhe um chute forte no rosto com sua bota pesada. O dragoniano perdeu o equilíbrio e caiu para trás e a espada voou de sua mão. Sturm pulou e tentou acertar a criatura com a prancha de sua espada, mas o dragoniano desviou a lâmina para o lado com as mãos.

— Saia de cima de mim! — Flint rugiu no fundo do caldeirão. Cegado pelo elmo, ele estava sendo lentamente esmagado pelos grandes pés de Caramon. Num ataque de raiva, o anão endireitou o elmo, depois se levantou fazendo com que Caramon perdesse o equilíbrio e caísse para frente sobre o dragoniano. A criatura saiu de lado, enquanto Caramon cambaleava na direção da enorme corrente. O dragoniano brandiu sua espada num golpe molinete. Caramon se abaixou e a espada ressoou inutilmente contra a corrente, criando um entalhe na lâmina. Flint se jogou contra o dragoniano, atingindo-o em cheio no estômago com a cabeça. Os dois caíram contra a parede do caldeirão.

O caldeirão ganhou velocidade, fazendo com que a névoa fétida girasse em volta deles.

Tanis desceu pela corrente enquanto mantinha os olhos no que acontecia abaixo de si.

— Fique onde está! — Ele gritou para Tasslehoff. Soltando a corrente, Tanis aterrissou no meio da confusão. Tas, desapontado, mas relutante em desobedecer Tanis, segurou-se na corrente com uma mão enquanto enfiava a outra mão em sua bolsa e tirava uma pedra, pronto para deixá-la cair... na cabeça de um inimigo, ele esperava.

O caldeirão começou a balançar a medida que os combatentes chocavam-se contra sua parede durante a luta, enquanto descia cada vez mais, fazendo com que o outro caldeirão, cheio de dragonianos gritando e praguejando, subisse cada vez mais.

Vendaval, de pé na beirada do buraco com os anões da ravina, conseguia ver muito pouco do que acontecia atrás da névoa. Entretanto, ele conseguia ouvir batidas, palavrões e grunhidos vindos do caldeirão em que estavam seus amigos. Então, do meio da névoa, surgiu o outro caldeirão. Os dragonianos em pé com as espadas na mão, olhavam para ele de boca aberta, com suas longas línguas vermelhas ofegantes de ansiedade. Dentro de segundos, ele, Lua

Dourada, Raistlin, e quinze anões da ravina estariam frente a frente com vinte dragonianos irritados!

Ele rodopiou, tropeçou em um anão da ravina, recuperou o equilíbrio e correu em direção ao mecanismo. De alguma forma, ele tinha de impedir que aquele caldeirão subisse. A enorme roda girava lentamente, a corrente rangendo ao tocar os dentes da roda. Vendaval olhava para o mecanismo com a idéia de agarrar a corrente com suas próprias mãos. Um vendaval vermelho o empurrou de lado. Raistlin observou a roda por um momento, calculando o tempo de duração de uma volta, depois, ele enfiou o Cajado de Magius entre a roda e o chão O cajado tremeu por um instante e Vendaval segurou a respiração com medo que o cajado se partisse. Mas ele agüentou! O mecanismo estremeceu e parou completamente.

—Vendaval! — Lua Dourada gritou de onde ela tinha ficado, próximo ao buraco. O homem das planícies correu para a borda do buraco, Raistlin o seguiu Os anões da ravina, que tinham se alinhado em volta do buraco, estavam se divertindo um bocado assistindo a um dos eventos mais interessantes de suas vidas. Somente Bupu se afastou da borda... ela correu atrás de Raistlin, segurando seu robe sempre que possível.

—Khark-umat! — disse Vendaval enquanto olhava para baixo por entra a névoa.

Caramon jogou o dragoniano com quem ele estava lutando para dentro do buraco. Ele soltou um grito estridente enquanto caía dentro da névoa. O grande guerreiro tinha marcas de garras no rosto e um corte de espada no braço direito. Sturm, Tanis, e Flint ainda estavam lutando com o segundo dragoniano que parecia disposto a matar sem pensar nas conseqüências. Quando finalmente ficou claro que bater não era suficiente, Tanis o esfaqueou com sua adaga. A criatura agachou e transformou-se em rocha, prendendo a arma de Tanis em seu cadáver de pedra.

Então, o caldeirão deu uma sacudida e parou, dando um tranco em todo mundo.

— Cuidado! Vizinhos! — gritou Tasslehoff, largando a corrente. Tanis olhou para o outro caldeirão cheio de dragonianos, balançando a uns seis metros de distância. Armados até os dentes, os dragonianos estavam preparando uma manobra de abordagem. Dois deles marinharam a borda do caldeirão e estavam prontos para pular sobre o buraco enevoado. Caramon inclinou-se sobre a borda do caldeirão e deu um golpe molinete com sua espada, numa tentativa de cortar um dos abordadores. Ele errou o alvo e o momento gerado pelo golpe fez o caldeirão girar em torno da corrente.

Caramon perdeu o equilíbrio e caiu para frente com seu grande peso, tombando o caldeirão de forma perigosa. Ele se viu olhando diretamente para o chão lá em baixo. Sturm agarrou o colarinho de Caramon e o puxou de volta, fazendo com que o caldeirão balançasse desgovernado. Tanis escorregou e aterrissou sobre os joelhos e as mãos no fundo do caldeirão, onde ele descobriu que o dragoniano de pedra tinha se transformado em pó o que permitiu que ele recuperasse sua adaga.

— Ai vem eles! — Flint gritou, fazendo com que Tanis se levantasse.

Um dragoniano se atirou na direção deles e se agarrou à borda do caldeirão. O caldeirão se inclinou mais uma vez.

— Vá para lá! —Tanis empurrou Caramon para o lado oposto, na expectativa de que o peso do guerreiro mantivesse o caldeirão estável. Sturm golpeou as mãos do dragoniano, tentando forçá-lo a largar a borda. Então, outro dragoniano voou para dentro do caldeirão, calculando sua distância melhor que o primeiro. Ele aterrissou ao lado de Sturm.

— Não se mova! — Tanis gritou para Caramon enquanto o guerreiro se preparava instintivamente para o combate. O caldeirão tombou. O homenzarrão, voltou rapidamente para sua posição. O caldeirão se equilibrou sozinho. O dragoniano que estava pendurado na borda e tinha uma coisa verde

exsudando de seus dedos, soltou-se, abriu suas asas e flutuou em direção a névoa.

Tanis girou o corpo para enfrentar o dragoniano que tinha saltado para dentro do caldeirão e caiu sobre Flint, derrubando o anão mais uma vez. O meio elfo cambaleou contra a parede do caldeirão. Ele olhou para baixo enquanto o caldeirão balançava. A névoa se abriu e ele viu a cidade destruída de Xak Tsaroth muito abaixo dele. Quando se levantou, ele se sentiu enjoado e desorientado e viu Tasslehoff lutando com o dragoniano. O pequeno kender engatinhou pelas costas da criatura e bateu na cabeça dela com uma pedra. No fundo do caldeirão, Flint pegou a adaga que havia caído da mão de Caramon e esfaqueou a mesma criatura na perna. O dragoniano gritou, quando a lâmina entrou fundo em sua perna. Sabendo que havia mais dragonianos prestes a voar para dentro do caldeirão, Tanis olhou para cima desesperado. Mas o desespero se transformou em esperança quando ele viu Vendaval e Lua Dourada olhando para baixo através da névoa.

— Puxem-nos de volta para cima! — Tanis gritou freneticamente, então alguma coisa o atingiu na cabeça. A dor era excruciante. Ele se sentiu caindo, caindo, caindo....

Raistlin não ouviu o grito de Tanis... o mago já tinha entrado em ação.

— Venham aqui, meus amigos —, Raistlin disse rapidamente. Os anões da ravina que estavam encantados juntaram-se animadamente à volta dele—Aqueles chefões lá embaixo, querem me machucar —, ele disse tranqüilo.

Os anões da ravina grunhiram. Vários deles franziram as testas, muito sérios. Alguns agitaram os punhos contra o caldeirão cheio de dragonianos.

— Mas, vocês podem me ajudar —, Raistlin disse — Vocês podem detê-los. Os anões da ravina olharam para o mago em dúvida. Afinal de contas amizade só vai até certo ponto.

— Tudo que vocês precisam fazer —, Raistlin disse pacientemente, — é correr e pular naquela corrente — Ele apontou para a corrente conectada ao caldeirão dos dragonianos.

Os rostos dos anões da ravina se animaram. Isso não parecia tão ruim. Na verdade, era uma coisa que eles faziam quase que diariamente quando não conseguiam pegar o caldeirão.

Raistlin acenou com o braço.

—Vão! — ele ordenou.

Os anões da ravina, todos exceto Bupu, olharam uns para os outros, depois correram para a borda do buraco e, gritando freneticamente, arremessaram-se direção à corrente que sustentava os dragonianos, agarrando-se a ela com uma habilidade maravilhosa.

O mago correu em direção à roda, Bupu ia atrás dele. Ele soltou o Cajado de Magius A roda estremeceu e começou a se mover mais uma vez, girando cada vez mais rápido, à medida que o peso dos anões da ravina fazia com que o caldeirão de dragonianos mergulhasse para dentro da névoa.

Vários dos dragonianos que estavam empoleirados na borda, prestes a pular para o outro caldeirão, foram pegos de surpresa pelo tranco inesperado. Eles perderam o equilíbrio e caíram. Apesar de suas asas terem interrompido suas quedas, eles esganiçaram de raiva enquanto planavam em direção ao solo. Seus gritos contrastavam de forma estranha com os gritos de entusiasmo dos anões da ravina.

Vendaval inclinou-se sobre a borda do buraco e segurou o caldeirão dos companheiros, quando ele chegou à roda.

— Vocês estão bem? — Lua Dourada perguntou ansiosa, inclinando-se para ajudar Caramon a sair.

—Tanis está machucado —, Caramon disse, sustentando o meio elfo.

— E só um galo —, Tanis protestou grogue. Ele sentiu um grande caroço na parte de trás de seu crânio — Eu pensei que eu estivesse caindo para fora daquela coisa — Ele estremeceu só de lembrar.

— Nós não podemos descer por esse caminho! — disse Sturm, saindo do caldeirão — E nós não podemos ficar por aqui. Não vai demorar muito até eles consertarem este elevador e, quando isso acontecer, eles estarão atrás de nós. Nos temos que voltar.

— Não, não volte! — Bupu agarrou-se em Raistlin — Eu saber caminho Alto Bulp! Ela deu um puxão na manga dele, apontando para o norte — Bom caminho1 Caminho secreto! Não chefões —, ela disse num tom suave, tocando na mão dele — não deixar chefões pega você. Você bonito.

— Parece que não temos muita escolha. Nós temos que descer —, Tanis disse, se encolhendo quando o cajado de Lua Dourada o tocou. Então, o poder curativo fluiu pelo seu corpo. Ele relaxou quando a dor diminuiu e suspirou — Como você disse, eles já moram aqui há muitos anos.

Flint grunhiu e sacudiu a cabeça quando Bupu começou a andar pelo corredor, indo em direção ao norte

— Parem! Ouçam! — Tasslehoff disse em tom suave Eles ouviram o som de pés com ganas caminhando na direção deles

— Dragonianos! — disse Sturm — Nos temos que sair daqui1 Voltemos para o oeste.

— Eu sabia —, Flint resmungou, franzindo a testa — Aquela anã da ravina, nos levou direto para os lagartos!

— Esperem! — Lua Dourada segurou o braço de Tanis — Olhe para ela! O meio elfo se virou e viu Bupu remover uma coisa irregular e sem forma da sacola que ela carregava no ombro Aproximando-se da parede, ela agitou a coisa em frente a laje de pedra e murmurou algumas palavras A parede estremeceu e, depois de alguns segundos, apareceu uma passagem que levava para a escuridão Os companheiros trocaram olhares inquietos.

— Nos não temos alternativa —, Tanis murmurou. O chacoalhar e o soro metálico das armaduras dos dragonianos podiam ser ouvidos com clareza, marchando pelo corredor na direção deles.

— Raistlin, luz —, ele ordenou

O mago falou e o cristal de seu cajado se acendeu. Ele, Bupu e Tanis passaram rapidamente pela porta secreta O resto dos companheiros atravessou em seguida e a porta se fechou atrás deles O cajado do mago revelou uma pequena sala quadrada decorada com esculturas na parede tão cobertas de limo verde que era impossível distingui-las Eles ficaram em silêncio, quando ouviram dragonianos passando no corredor.

— Eles devem ter ouvido o barulho da luta —, Sturm sussurrou — Não vai demorar muito para o elevador voltar a funcionar, ai nos vamos ter toda a força dragoniana atrás de nos!

— Conhecer caminho pra baixo — Bupu acenou com a mão expressando desaprovação. — Não preocupar.

— Como você abriu a porta, pequenina? — Raistlin perguntou curioso, ajoelhando-se ao lado de Bupu

— Mágica —, ela disse timidamente e esticou a mão. Na palma suja da mão da anã da ravina tinha um rato morto, com seus dentes presos em uma careta permanente Raistlin levantou as sobrancelhas, depois Tasslehoff tocou seu braço

— Não e mágica, Raistlin —, o kender sussurrou — É uma fechadura de chão oculta. Eu vi quando ela apontou para a parede e eu estava prestes a dizer alguma coisa, quando ela falou aquele palavreado mágico sem sentido Ela pisa na fechadura quando chega perto da parede e agita aquela coisa — O kender riu — Ela provavelmente tropeçou na fechadura por acidente uma vez quando carregava o rato.

Bupu olhou para o kender com um ar sarcástico

— Mágica! —Ela afirmou, fazendo biquinho e acariciando o rato carinhosamente. Ela o guardou de novo em sua sacola e disse — Venha, você vai — Ela os guiou em direção ao norte, passando pelas salas destruídas e cobertas de limo. Por fim, Ela parou em uma sala cheia de pó, pedras e escombros. Parte do teto tinha caído e o chão estava sujo e coberto de ladrilhos quebrados. A anã da ravina falou alguma coisa ininteligível e apontou alguma coisa no canto nordeste da sala

— Vão ate lá! — ela disse.

Tanis e Raistlin foram ate o local, para fazer uma inspeção Eles encontraram um cano com um metro e vinte de diâmetro, com uma ponta saindo do chão destruído Aparentemente, ele tinha caído pelo teto e fincado na seção nordeste da sala Raistlin enfiou seu cajado dentro do cano e espiou dentro.

— Vem, você vai! — Bupu disse, apontando e agarrando na manga de Raistlin com urgência — Chefões não sabem seguir.

— Isso provavelmente é verdade —, Tanis disse — Não com aquelas asas.

— Mas não tem espaço suficiente para brandir uma espada —, Sturm disse, franzindo a testa — Eu não gosto disso.

De repente, todos pararam de falar Eles ouviram a roda ranger e a corrente começar a guinchar Os companheiros olharam um para o outro.

— Eu primeiro! —Tasslehoff sorriu. Enfiando a cabeça no cano, ele engatinhou para frente

— Você tem certeza de que eu vou caber? — Caramon perguntou, olhando ansiosamente para a abertura.

— Não se preocupe — A voz de Tas ecoou lá de dentro — Esta tão escorregadio por causa do limo que você vai escorregar para dentro como um porco engordurado.

Parece que esta afirmação jovial não impressionou muito Caramon. Ele continuou a observar o cano deprimido, enquanto Raistlin, guiado por Bupu, ajeitava o roupão a sua volta e entrava, com seu cajado iluminando o caminho. Flint entrou a seguir. Lua Dourada o acompanhou, fazendo caretas de nojo quando suas mãos escorregaram na espessa camada de limo verde. Vendaval entrou depois dela.

— Isto é loucura, espero que você saiba disso! — Sturm balbuciou com aversão

Tanis não respondeu. Ele deu uma palmada de encorajamento nas costas de Caramon:

— É sua vez —, ele disse, ouvindo o som da corrente se movendo cada vez mais rápido.

Caramon grunhiu O grande guerreiro se agachou, ficou de gatinhas, depois arrastou-se na direção da abertura no cano. O punho da espada dele ficou preso na beirada. Afastando-se de costas, ele reajustou a espada, depois tentou novamente. Desta vez, suas nádegas ficaram muito empinadas, fazendo com que suas costas raspassem na parte superior do cano. Tanis plantou seu pé com firmeza no traseiro, do grande guerreiro e empurrou.

— Estire-se no chão! — o meio elfo ordenou.

Caramon caiu como um saco molhado, grunhindo novamente. Ele se contorceu lá dentro, empurrando seu escudo à frente dele, arrastando sua armadura ao longo do cano de metal provocando um ruído estridente que fez os dentes de Tanis rangerem.

O meio elfo esticou as mãos e segurou a parte de cima do cano. Primeiro ele jogou as pernas para dentro, depois começou a escorregar no limo fétido. Ele torceu a cabeça de lado para olhar para Sturm que vinha por último.

— A sanidade terminou quando nós seguimos Tika para a cozinha da Hospedaria Derradeiro Lar—, ele disse.

— É verdade —, o cavaleiro concordou com um suspiro.

Tasslehoff, encantado com a nova experiência de engatinhar pelo cano, viu de repente figuras escuras no final do cano. Lutando para encontrar um apoio, ele escorregou até parar.

— Raistlin! — o kender sussurrou —Tem alguma coisa vindo pelo cano!

— O que é? — o mago começou perguntar, mas o ar úmido e fétido chegou até sua garganta e ele começou a tossir. Tentando recuperar o fôlego, ele fez a luz de seu cajado brilhar dentro do cano para ver quem vinha vindo.

Bupu deu uma olhada e cheirou.

— Bajulador-Glup! — ela balbuciou. Acenando com a mão, ela gritou. — Volte! Volte!

— Nós subir... pegar elevador! Chefões ficar bravo! gritou um.

— Nós descer. Ver Alto Bulp! — Bupu disse com autoridade.

Quando ouviram isto, os outros anões da ravina, começaram a voltar para baixo, resmungando e praguejando.

Mas, por um momento, Raistlin não conseguiu se mover. Ele colocou as mãos no peito, tossiu seco, o som ecoava de forma assustadora na quietude do cano estreito. Bupu olhou para ele ansiosamente, depois enfiou sua mão pequena dentro da sacola, revirou-a por alguns instantes e tirou um objeto que ela segurou contra a luz. Ela apertou os olhos tentando enxergar, depois suspirou e balançou a cabeça.

— Isto não eu queria —, ela resmungou.

Tasslehoff, vendo um brilho claro e colorido, chegou mais perto.

— O que é isso? ele perguntou, apesar de saber a resposta. Raistlin também estava olhando para o objeto piscando os olhos, arregalados.

Bupu encolheu os ombros.

— Pedra bonita, ela disse sem interesse, procurando dentro de sua sacola mais uma vez.

— Uma esmeralda! — Raistlin sibilou.

Bupu olhou para cima.

—Você gosta? — ela perguntou a Raistlin.

—Muito! — o mago disse, ofegante.

—Você guarda —, Bupu colocou a jóia na mão do mago. Então, com um grito de triunfo ela tirou da sacola o que estava procurando. Tas, que tinha se inclinado para chegar mais perto e ver a nova maravilha, afastou-se com aversão. Era um lagarto morto... bem morto. Havia um pedaço de cordão de couro mastigado em volta do rabo inerte do lagarto. Bupu esticou o braço na direção de Raistlin.

—Você usa no pescoço —, ela disse — Cura tosse.

O mago, acostumado a lidar com coisas muito mais desagradáveis do que esta, sorriu para Bupu e agradeceu, mas recusou a cura, assegurando a ela que sua tosse tinha melhorado muito. Ela olhou para ele em dúvida, mas ele parecia ter melhorado, o ataque tinha passado. Depois de um momento, ela encolheu os ombros e colocou o lagarto de volta em sua sacola. Raistlin, examinando a esmeralda com olhos experientes, olhou friamente para Tasslehoff. O kender, suspirou e deu-lhes as costas, continuando a descer pelo cano. Raistlin colocou a pedra em um dos bolsos secretos dentro de suas vestes.

Quando uma nova seção de cano se juntou ao deles, Tas procurou a anã com um olhar inquisitivo. Bupu, hesitante, apontou para o sul, para dentro do novo cano. Tas entrou lentamente.

— Este é de aç... ele arfou, enquanto começava a escorregar rapidamente para baixo. Ele tentou diminuir a velocidade, mas o limo era muito espesso. A blasfêmia explosiva de Caramon que ecoou dentro do cano atrás dele, deixou claro para o kender que seus companheiros estavam tendo o mesmo problema. De repente, Tas viu uma luz adiante dele. O túnel estava chegando ao fim, mas, onde? Tas teve a visão vivida de precipitar-se a cinqüenta metros de altura sobre o nada. Mas, não havia nada que ele pudesse fazer para parar a si mesmo. A luz ficou mais intensa, e Tasslehoff saiu pela ponta do cano com um pequeno grito estridente.

Raistlin escorregou para fora do cano, quase caindo sobre Bupu. O mago, olhando a sua volta, pensou por um instante que ele tivesse caído dentro de uma fogueira. Uma grande massa ondulante de fumaça branca se espalhou pela sala. Raistlin começou a tossir e a ofegar.

— O qu... ? — Flint saiu voando pelo fim do cano e caiu com os joelhos e as mãos no chão. Ele espiou a nuvem de fumaça — Veneno? — Ele arfou e engatinhou até o mago. Raistlin balançou a cabeça, mas não conseguiu responder. Bupu agarrou o mago e puxou-o na direção da porta. Lua Dourada escorregou para fora do cano de bruços, o que fez com que o ar fosse expelido de seus pulmões. Vendaval rolou para fora e torceu o corpo para evitar chocar-se com Lua Dourada. Ouviu-se um som metálico alto e ressonante quando o escudo de Caramon saiu voando pela abertura do cano. Os cravos da armadura de Caramon e seu enorme cinto de armas diminuíram tanto sua velocidade que ele conseguiu sair do cano rastejando. Mas, ele estava coberto de hematomas e daquela imundície verde. Quando Tanis chegou, todo mundo estava engasgando devido à atmosfera poeirenta.

— Em nome do Abismo? — Tanis disse perplexo engasgando assim que encheu seus pulmões com aquela coisa branca — Vamos sair daqui —, ele resmungou — Onde está aquela anã da ravina?

Bupu apareceu na porta. Ela tinha levado Raistlin para fora da sala e agora estava fazendo um sinal para os outros. Eles emergiram, em um lugar onde o ar estava limpo e se jogaram no chão para descansar em meio às ruínas de uma rua. Tanis só esperava que eles não estivessem dando tempo para que um exército de dragonianos chegasse. De repente, ele ergueu os olhos.

— Cadê o Tas? — ele perguntou assustado, cambaleando ao levantar-se.

— Eu estou aqui —, disse uma voz engasgada e triste. Tanis girou o corpo.

Tasslehoff — pelo menos Tanis supôs ser Tasslehoff— estava de pé diante dele. O kender estava coberto dos pés até o topete com uma substância

pastosa espessa e branca. Tudo que Tanis conseguia ver dele eram dois olhos castanhos piscando atrás de uma máscara branca.

— O que aconteceu? — O meio elfo perguntou. Ele nunca tinha visto alguém em estado tão deplorável quanto o kender empanado.

Tasslehoff não respondeu. Ele só apontou para trás, para dentro do cano.

Tanis teve medo de que alguma coisa terrível tivesse amortecido e espiou cautelosamente pela porta em ruínas. A nuvem branca tinha se dissipado, de forma que ele conseguia enxergar a sala à sua volta. Em um canto, diretamente oposto à abertura do cano, tinha uma série de sacos grandes, cheios. Dois deles tinham sido abertos, derramando o pó branco pelo chão.

Então, Tanis compreendeu. Ele colocou a mão no rosto para esconder o sorriso.

— Farinha —, ele murmurou.

19

A CIDADE DESTRUÍDA.

ALTO BULP, TROLES-BOLES 1,

O GRANDE.

A noite do Cataclismo tinha sido uma noite de terror para a cidade de Xak Tsaroth. Quando a montanha flamejante atingiu Krynn, a terra se partiu. A antiga e linda cidade Xak Tsaroth, escorregou para dentro de uma vasta caverna formada por enormes rasgos no solo junto à face de um rochedo. Assim, escondida no subsolo, ela estava fora da vista dos homens e a maioria das pessoas acreditava que a cidade tinha desaparecido completamente, engolida pelo Novo Mar. Mas, ela ainda existia, agarrada às asperezas das paredes da caverna e, esparramados pelo chão da caverna, existiam prédios submetidos a vários níveis diferentes de destruição.

O prédio, no qual os companheiros tinham caído e que Tanis supunha ter sido uma padaria, encontrava-se no nível intermediário, aparado pelas rochas e apoiado contra a face escarpada do rochedo. A água de correntes subterrâneas escorria pelos lados da rocha e se espalhava pela rua, ziguezagueando por entre as ruínas.

O olhar de Tanis, acompanhou o curso da água. Ela escorria pela rachadura no meio da rua pavimentada, passando por pequenas lojas e casas, onde antes pessoas haviam vivido e trabalhado. Quando a cidade caiu, os prédios altos que no passado estavam alinhados com a rua, caíram uns sobre os outros, formando um rústico arco de placas de mármores quebradas sobre o pavimento da rua. Portas e vitrines de lojas quebradas estavam agora caídas na rua. Tudo estava inerte e quieto, a não ser pelo barulho da água pingando. O ar era pesado e carregado Com cheiro de decomposição. Ele pesava sobre o espírito. E, apesar do ar ser mais quente no subsolo do que lá em cima, a atmosfera sombria gelava o sangue. Ninguém falou. Eles lavaram o limo de seus corpos (e a farinha de Tas) o melhor que puderam, depois encheram seus odres de água. Sturm e Caramon vasculharam a área, mas não viram dragonianos. Depois de alguns minutos de descanso, os companheiros se levantaram e puseram-se a caminho. Bupu guiou-os para o sul, descendo a rua, passando por baixo da arcada de prédios destruídos. A rua terminava em uma praça, onde a água das ruas se transformava em um rio que corria para o oeste.

— Segue rio —, Bupu apontou.

Tanis franziu a testa, ouvindo um outro som além do barulho do rio, o rumorejar e o retumbar de uma grande cachoeira. Mas Bupu insistiu e os heróis seguiram em frente margeando o rio da praça, tendo de vez em quando a água a lhes cobrir o tornozelo. Ao chegarem ao fim da rua, os companheiros descobriram a cachoeira. A rua terminava no ar, e o rio jorrava por entre colunas quebradas e caía de uma altura de quase cento e cinqüenta metros até o fundo da caverna. Ali descansava o resto da cidade destruída de Xak Tsaroth.

Eles conseguiam ver, graças à luz fraca que se infiltrava pelas rachaduras no teto da caverna bem acima deles, que o coração da antiga cidade estava esparramado pelo solo da caverna em vários estágios de destruição. Alguns dos edifícios estavam quase completamente intactos. Outros, entretanto, não eram mais do que destroços. Uma névoa fria, criada pelas muitas cachoeiras que se

precipitavam para dentro da caverna, pairava sobre a cidade. A maioria das ruas havia se transformado em rios, que se combinavam e fluíam para dentro do abismo rumo ao norte. Espiando através da névoa, os companheiros podiam ver a enorme corrente pendurada, a uns trinta metros de distância, um pouco ao norte em relação à posição que eles se encontravam. Eles perceberam que o elevador, subia e descia pessoas pelo menos uns trezentos metros.

— Onde é que o Alto Bulp mora? —Tanis perguntou, olhando para a cidade fantasma abaixo dele.

— Bupu diz que ele mora lá... Raistlin gesticulou... naqueles prédios do lado oeste da caverna.

— E quem mora nos prédios reconstruídos bem abaixo de nós? —Tanis perguntou.

— Chefões —, Bupu respondeu, franzindo a testa.

— Quantos chefões?

— Um, e um, e um — Bupu contou, até ter usado todos seus dedos — Dois —, ela disse — Não mais que dois.

— O que pode ser qualquer coisa entre duzentos e dois mil —, Sturm balbuciou — Como e que conseguimos ver o Alto Bhoop.

— Alto Bulp! — Bupu olhou de modo feroz para ele — Alto Bulp Trolesboles I, o Grande.

— Como é que chegamos até ele sem que os chefões nos peguem?

Como resposta, Bupu apontou para cima, para o caldeirão cheio de dragonianos. Tanis não entendeu coisa alguma e olhou para Sturm que encolheu os ombros desgostoso. Bupu suspirou exasperada e virou-se para Raistlin, mostrando de maneira óbvia que ela considerava os outros incapazes de compreender — Chefões sobe. Nos desce —, ela disse.

Raistlin examinou o elevador na névoa. Depois, acenou com a cabeça como se tivesse entendido alguma coisa.

—Os dragonianos provavelmente acreditam que nós estamos presos lá em cima e não temos nenhuma maneira de descer para a cidade. Se a maioria dos draconianos estiver lá em cima, isso permitiria que nós nos movêssemos com segurança aqui em baixo.

—Está bem —, Sturm falou — Mas, em nome de Istar, como é que nós descemos? A maioria de nós não sabe voar?

Bupu abriu as mãos.

—Cipó! — ela disse. Vendo o olhar confuso de todos eles, a anã da ravina foi até a beirada da cachoeira e apontou para baixo. Havia cipós grossos e verdes pendurados na beira do rochedo como cobras gigantes. As folhas dos cipós estavam laceradas, despedaçadas e, em alguns lugares, elas haviam sido totalmente arrancadas, mas os cipós propriamente ditos eram grossos e fortes, apesar de serem escorregadios.

Lua Dourada, incomumente pálida, rastejou na direção da borda, deu uma espiada e voltou rapidamente. Era uma queda de cento e cinqüenta metros sobre uma rua pavimentada com destroços espalhados aqui e ali. Vendaval abraçou-a, confortando-a.

— Eu já escalei coisas piores. — Caramon disse de forma complacente.

— Bem, eu não gosto disso —, disse Flint — Mas qualquer coisa é melhor do que escorregar por um cano de esgoto — Agarrando um cipó, ele se jogou para fora da plataforma e começou a descer lentamente, de mão em mão — Não é tão ruim —, ele gritou.

Tasslehoff escorregou em um cipó atrás de Flint, movendo-se rapidamente e com tal perícia que recebeu um grunhido de aprovação de Bupu.

A anã da ravina virou-se na direção de Raistlin e apontou para suas vestes longas e esvoaçantes, franzindo a testa. O mago sorriu para ela, tranqüilizando-a. De pé na beirada do rochedo ele disse suavemente —, Pveathrfall — A bola de cristal no alto de seu cajado se acendeu e Raistlin pulou

da beirada do rochedo, desaparecendo na névoa. Bupu tremia. Tanis segurou-a, temendo que a anã da ravina admiradora pudesse se jogar lá de cima.

— Ele está bem —, o meio elfo lhe assegurou, sentindo um pouco de pena quando viu uma angústia genuína no rosto dela — Ele é magi —, ele disse — Mágica. Você sabe.

Bupu obviamente não sabia, pois ela olhou para Tanis desconfiada, passou a alça da sacola em torno do pescoço, agarrou um cipó e começou a descer a rocha escorregadia. O resto dos companheiros estava se preparando para descer, quando Lua Dourada sussurrou abatida.

— Eu não vou conseguir.

— Vendaval segurou suas mãos.

— Kan-toka —, ele disse suavemente, — vai dar certo. Você ouviu o que o anão falou. E só não olhar para baixo.

Lua Dourada sacudiu a cabeça, seu queixo tremia.

— Deve haver um outro caminho —, ela disse com teimosia — Nós o procuraremos!

— Qual é o problema? — Tanis perguntou — Nós temos de nos apressar...

— Ela tem medo de altura —, Vendaval disse. Lua Dourada o empurrou para longe.

— Como você ousa lhe contar isso? — ela gritou e seu rosto ficou vermelho de raiva.

Vendaval fitou-a com frieza.

— Por que, não? — ele disse com a voz irritada — Ele não é seu súdito. Você pode deixá-lo saber que você é humana, que você tem fraquezas humanas. Você tem apenas um súdito para impressionar agora, chefe, e esse súdito sou eu!

Se Vendaval a tivesse esfaqueado, não teria provocado uma dor tão terrível. A cor dos lábios de Lua Dourada desapareceu. Seus olhos se arregalaram e ficaram fixos, como os olhos de um cadáver.

— Por favor, prenda o cajado nas minhas costas —, ela disse a Tanis.

— Lua Dourada, ele não quis dizer... — ele começou a falar.

— Faça o que eu disse! — ela ordenou curta e grossa, seus olhos azuis queimando de raiva.

Tanis suspirou, amarrou o cajado nas costas dela com um pedaço de corda. Lua Dourada nem ao menos olhou para Vendaval. Quando o cajado estava preso com firmeza, ela começou a caminhar na direção da beirada do rochedo. Sturm pulou na frente dela.

— Permita-me descer pelo cipó na sua frente —, ele disse — Se você escorregar...

— Se eu escorregar e cair, você cairá comigo. A única coisa que conseguiríamos seria morrermos juntos —, ela repreendeu. Inclinando-se para baixo, ela agarrou o cipó com firmeza e se jogou para fora do rochedo. Quase imediatamente, suas mãos suadas escorregaram. O ar ficou entalado na garganta de Tanis. Sturm lançou-se para a frente, embora não houvesse nada que ele pudesse fazer. Vendaval ficou observando, sem que seu rosto demonstrasse qualquer traço de emoção. Lua Dourada se agarrou freneticamente no cipó e nas folhas grossas. Ela agarrou e grudou nele com firmeza, incapaz de respirar, sem nenhuma vontade de se mover. Ela pressionou o rosto contra as folhas molhadas tremendo e com os olhos fechados para impedir a visão da queda assustadora ate o chão ia embaixo. Sturm aproximou-se da beirada e desceu ate onde ela estava.

_ Deixe-me sozinha —, Lua Dourada disse para ele, com os dentes cerrados. Ela inspirou nervosa e profundamente, lançou um olhar orgulhoso e desafiador para Vendaval, depois começou a descer pelo cipó.

Sturm continuou próximo a ela, acompanhado-a com os olhos, enquanto descia habilidosamente a face do rochedo. Tanis de pé ao lado de Vendaval, queria dizer alguma coisa para o homem das planícies, mas teve medo de piorar a situação. Então, sem dizer nada, ele se dirigiu para a borda. Vendaval seguiu-o em silêncio.

O meio elfo achou a descida fácil, embora tivesse escorregado no último trecho e aterrissado em três centímetros de água. Ele percebeu que Raistlin estava tremendo de frio e sua tosse tinha piorado devido à umidade do ar. Vários anões da ravina rodeavam o mago, olhando para ele com admiração. Tanis queria saber quanto tempo o encantamento duraria.

Lua Dourada encostou-se contra a parede, tremendo. Ela não olhou para Vendaval quando ele chegou ao chão e se afastou dela, com o rosto ainda inexpressivo.

— Onde nós estamos? —Tanis gritou mais alto que o barulho da cachoeira. A névoa era tão espessa que ele não conseguia ver nada a não ser colunas quebradas cobertas de fungo e cipós.

— Praça Grande aquele lado —, Bupu apontou seu dedo sujo para o oeste

— Venha. Você segue. Ir ver Alto Bulp!

Ela começou a andar, Tanis esticou a mão e a segurou, fazendo-a parar. Ela o fitou, profundamente ofendida. O meio elfo removeu sua mão.

— Por favor, escute só um momento! E o dragão? Onde está o dragão? Os olhos de Bupu se arregalaram.

— Você quer dragão? — ela perguntou.

— Não! —Tanis gritou. — Nós não queremos o dragão. Mas, nós precisamos saber se o dragão vem para esta parte da cidade... — Ele sentiu a mão de Sturm em seu ombro e desistiu — Esqueça. Deixe para lá —, ele disse exausto — Vá em frente.

Bupu sentia uma profunda compaixão por Raistlin, pelo fato dele ter de aturar esse povo insano. Por isso, ela pegou a mão do mago e começou a caminhar a passos rápidos pela rua indo para o oeste, os outros anões da ravina iam atrás. Meio ensurdecidos pelo barulho estrondoso da cachoeira, os companheiros caminhavam devagar atrás deles, olhando uns para os outros com preocupação, janelas escuras assomavam sobre eles, portas escuras e ameaçadoras surgiam. A cada momento, eles esperavam encontrar dragonianos de escamas, vestindo armaduras. Mas os anões da ravina não pareciam estar preocupados. Eles caminhavam pela rua, com os pés na água, ficando o mais perto de Raistlin que eles podiam e tagarelando em sua língua estranha.

Por fim, os sons da cachoeira sumiram na distância. A névoa continuou a serpear em torno deles e o silêncio da cidade morta tornou-se opressivo. A água escura jorrava e borbulhava próximo a seus pés, sobre o leito pavimentado do rio. De repente os prédios acabaram e a rua chegou a uma enorme praça circular. Através da água, eles podiam ver o que havia restado do pavimento da praça, feito de grandes lajes, com um intricado desenho do sol e seus raios ao redor. No centro da praça, o rio recebia como afluente um outro riacho que vinha do norte. Eles formavam um pequeno rodamoinho, no ponto onde as águas se encontravam e rodopiavam antes de se juntarem e continuarem para o oeste por entre um outro grupo de edifícios desmoronados.

Aqui, a luz fluía para a praça através de uma rachadura no teto da caverna, dezenas de metros acima do solo, iluminando a névoa fantasmagórica e dançando na superfície da água, sempre que a névoa se abria.

— Outro lado Grande Praça —, Bupu apontou.

Os companheiros fizeram uma parada à sombra dos prédios destruídos. Todos eles pensaram a mesma coisa: A praça tinha mais de trinta metros de diâmetro e nenhum traço de abrigo. Se eles se aventurassem a cruzá-la, não haveria onde se esconder.

Bupu, que andava rápido sem se preocupar, de repente percebeu que ninguém a seguia, exceto os anões da ravina. Ela olhou para trás irritada com a demora.

— Você vem... Alto Bulp aqui.

— Olhem! — Lua Dourada agarrou o braço de Tanis.

Do outro lado da praça pavimentada com lajes, havia colunas de mármore grandes e altas que sustentavam um telhado de pedra. As colunas estavam trincadas e quebradas e tinham deixado o telhado vergar. A névoa se abriu e Tanis viu um pátio atrás das colunas. As formas escuras de edifício altos em forma de domo eram visíveis do outro lado do pátio. Então, a névoa se fechou em volta deles. Apesar de estar agora enterrada na ruína e na degradação, esta estrutura deve ter sido no passado, a mais magnífica de Xak Tsaroth.

— O Palácio Real —, Raistlin confirmou, tossindo.

— Pssssiu! — Lua Dourada chacoalhou o braço de Tanis — Você não consegue ver? Não, espere...

A névoa passou em frente aos pilares. Durante um momento os companheiros não conseguiam ver nada. Depois, a neblina se abriu. Os companheiros recuaram para a porta escura. Os anões da ravina escorregaram até parar na praça, depois rodopiaram e correram para se encolher de medo atrás de Raistlin.

Bupu fitou Tanis por baixo das mangas do mago.

— Aquele dragão —, ela disse — Você quer?

Era o dragão.

Lisa e de um negro brilhante, Khisanth rastejou para fora do telhado com suas asas coriáceas dobradas ao lado do corpo, abaixando a cabeça para passar por baixo da fachada de pedra envergada. As garras das patas dianteiras dela tiniam nas escadas de mármore, quando ela parou e olhou para a névoa flutuante com seus olhos vermelhos claros. Suas pernas traseiras e a pesada cauda reptiliana não eram visíveis, o corpo do dragão se estendia por nove

metros ou mais, para dentro do pátio. Um dragoniano curvado servilmente caminhava ao lado dela, os dois estavam aparentemente concentrados, conversando.

Khisanth estava com raiva. O dragoniano havia lhe trazido notícias perturbadoras... era impossível que qualquer um dos estranhos pudesse ter sobrevivido ao ataque dela no poço! Mas o capitão de sua guarda tinha reportado a presença de estranhos na cidade! Estranhos que atacaram suas forças com perícia e audácia, estranhos carregando um cajado marrom cuja descrição era conhecida por todo dragoniano que estava servindo neste lado do continente de Ansalon.

— Eu não consigo acreditar neste relatório! Ninguém poderia ter escapado de mim — A voz de Khisanth era suave, quase um ronronar, mesmo assim o dragoniano estremeceu quando a ouviu — O cajado não estava com eles. Eu teria sentido sua presença. Você diz que estes estranhos ainda estão lá em cima nas câmaras superiores? Você tem certeza disso?

O dragoniano engoliu em seco e acenou com a cabeça.

— Não há outro caminho para baixo, realeza, a não ser o elevador.

— Existem outros caminhos, lagarto —, Khisanth desdenhou — Esses miseráveis anões da ravina rastejam em volta deste lugar como parasitas. Os intrusos têm o cajado e estão tentando descer para a cidade. Isso só pode significar uma coisa, eles estão atrás dos Discos! Como eles poderiam ter ficado sabendo dos Discos? — O dragão movimentou a cabeça para os lados, para cima e para baixo, como se ela pudesse ver aqueles que ameaçavam seus planos através da névoa cegante. Mas a névoa passou redemoinhando, mais espessa do que nunca.

Khisanth rangeu os dentes, irritada.

— O cajado! Aquele cajado miserável! Verminaard deveria ter previsto isso tudo com aqueles poderes clericais que ele alardeia tanto, então, o cajado poderia ter sido destruído. Mas não, ele está ocupado com sua guerra, enquanto

eu tenho de apodrecer nesta cidade que mais parece uma tumba úmida — Khisanth roia uma garra, enquanto ponderava.

— Você podia destruir os Discos —, o dragoniano sugeriu, arriscando-se bastante.

— Tolo, você acha que nós já não tentamos? — Khisanth murmurou. Ela levantou a cabeça — Não, e muito perigoso ficar aqui mais tempo. Se estes intrusos sabem do segredo, deve haver outros que também sabem. Os Discos deveriam ser transferidos para um lugar seguro. Informe Lorde Verminaard de que eu estou deixando Xak Tsaroth. Vou me encontrar com ele em Pax Tharkas e eu levarei os intrusos comigo para um interrogatório.

— Informar Lorde Verminaard? — o dragoniano perguntou chocado.

— Muito bem —, Khisanth respondeu com sarcasmo — Se você insiste no jogo de palavras, peça a permissão ao meu Lorde. Eu suponho que você mandou a maior parte das tropas para cima?

— Sim, realeza — O dragoniano fez uma mesura. Khisanth refletiu sobre o assunto.

— Afinal de contas, talvez você não seja tão idiota assim —, ela ponderou — Eu sou capaz de cuidar das coisas aqui embaixo. Concentre sua busca nas partes superiores da cidade. Quando encontrar esses intrusos, traga-os diretamente para mim. Não os machuque mais do que o necessário para subjugá-los. E cuidado com aquele cajado!

O dragoniano caiu de joelhos diante do dragão, que torceu o nariz em escárnio e deslizou de volta para as sombras escuras de onde tinha saído.

O dragoniano desceu as escadas correndo, onde se juntou a várias outras criaturas que apareceram, vindas do meio da névoa. Depois de uma breve e abafada conversa na língua deles, os dragonianos começaram a caminhar pela rua em direção ao norte. Eles caminhavam indiferentes, rindo de alguma piada e pouco depois, sumiram no meio da névoa.

— Eles não estão preocupados, estão? — Sturm disse.

— Não —, Tanis concordou de forma soturna — Eles acham que nos pegaram.

— Vamos encarar os fatos, Tanis. Eles têm razão —, Sturm disse — Este plano que nós discutimos tem uma grande falha. Se conseguirmos entrar sem que o dragão saiba e se nós conseguirmos pegar os Discos, ainda teremos que sair desta cidade abandonada por Deus, cheia de dragonianos rastejando em todos os níveis superiores.

— Eu já perguntei antes, e vou perguntar mais uma vez agora —, Tanis disse — Você tem um plano melhor?

— Eu tenho um plano melhor —, Caramon disse de mau-humor — Sem querer faltar com o respeito, Tanis, mas todos nós sabemos como os elfos se sentem com relação a lutar — O homenzarrão gesticulou na direção do palácio — Obviamente é ali que o dragão mora. Vamos atraí-lo para fora como planejamos, só que desta vez nós vamos lutar com ela e não entrar furtivamente em seu covil como ladrões. Quando nos livrarmos do dragão, pegaremos os Discos.

— Meu querido irmão —, Raistlin sussurrou, — sua força está concentrado no braço que empunha a espada e não em seu cérebro. Tanis é sábio, como o cavaleiro disse quando começamos esta pequena aventura. Você se daria bem se prestasse atenção naquilo que ele diz. O que você sabe sobre os dragões, meu irmão? Você viu o efeito de seu hálito mortal — Raistlin foi tomado por um ataque de tosse. Ele tirou um pano macio da manga de seu robe. Tanis viu que o pano estava manchado de sangue.

Depois de algum tempo, Raistlin continuou.

— Talvez você seja capaz de se defender daquilo, das garras afiadas, dos caninos e da cauda cortante capaz de derrubar aqueles pilares. Mas, o que você usará, meu querido irmão, contra a mágica dela? Os dragões, são os mais antigos utilizadores de mágica. Ela seria capaz de encantá-lo como eu encantei minha

pequena amiga. Ela poderia fazê-lo dormir com uma palavra, depois assassiná-lo enquanto você estivesse sonhando.

— Está bem —, Caramon murmurou, desgostoso — Eu não sabia nada disso. Droga, quem é que sabe alguma coisa sobre estas criaturas!

— Existem muitas lendas sobre dragões em Solamnia —, Sturm disse com suavidade.

Tanis percebeu que Sturm também queria lutar contra o dragão. Ele está pensando em Huma, o cavaleiro perfeito, chamado Destruidor de Dragões.

Bupu deu um puxão no robe de Raistlin.

— Vem. Você vai. Não mais chefes. Não mais dragão — Ela e os outros anões da ravina começaram a chapinhar na praça de lajes.

— Bem? — Tanis disse, olhando para os dois guerreiros.

— Parece que não temos outra escolha —, Sturm disse obstinadamente — Nós não enfrentamos o inimigo, nós nos escondemos atrás de anões das ravina! Mais cedo ou mais tarde chegará a hora em que nós enfrentaremos esses monstros! — Ele girou sobre os calcanhares e se afastou, as costas eretas, o bigode eriçado. Os companheiros o seguiram.

—Talvez nós estejamos nos preocupando sem necessidade —Tanis coçou a barba, olhando novamente para o palácio que estava agora oculto pela névoa — Talvez este seja o único dragão que restou em Krynn, um que sobreviveu à Era dos Sonhos.

Os lábios de Raistlin se entortaram.

— Lembre-se das estrelas, Tanis —, ele murmurou — A Rainha das Trevas retornou. Relembre as palavras do Cântico: "as hostes estridentes dela". De acordo com os antigos as hostes dela eram dragões. Ela retornou e suas hostes vieram junto com ela.

— Por aqui! — Bupu agarrou Raistlin e apontou uma rua que derivava para o norte — Aqui casa!

— Pelo menos é seco —, Flint grunhiu. Eles viraram à direita, e deixaram o rio atrás deles. A névoa se fechou em volta dos companheiros enquanto eles entravam em um outro aglomerado de prédios destruídos. Esta parte deve ter sido o lado pobre da cidade de Xak Tsaroth, mesmo em seus dias de glória, os edifícios estavam nos últimos estágios de decadência e falência. Os anões da ravina começaram a gritar e berrar enquanto corriam pela rua. Sturm olhou para Tanis assustado por causa do barulho.

— Você não consegue fazer eles ficarem mais quietos? —Tanis pediu a Bupu — Assim, os dragonianos... uh... chefões não nos encontram.

— Que nada! — Ela deu de ombros — Sem chefes. Eles não vem aqui. Medo do grande Alto Bulp.

Tanis tinha suas dúvidas sobre isso, mas, olhando em volta, ele não conseguia ver nem sinal dos dragonianos. Do que ele tinha observado, os homens lagartos pareciam levar uma vida militar bem ordenada. Em contraste, as ruas desta parte da cidade estavam cheias de lixo e sujeira. Os prédios de pior aparência estavam cheios de anões da ravina? Machos, fêmeas e crianças sujas e descuidadas olhavam para eles com curiosidade enquanto eles passavam pela rua. Bupu e os anões da ravina encantados rodeavam Raistlin, praticamente, carregando-o.

Sem dúvida alguma os dragonianos eram inteligentes, Tanis pensou. Eles permitiam que seus escravos vivessem sua vida privada em paz, desde que eles não criassem confusão. Uma boa idéia, considerando que havia muito mais anões da ravina do que dragonianos, a proporção era de dez para um. Apesar de serem basicamente covardes, os anões da ravina tinham a reputação de serem guerreiros terríveis quando se viam encurralados.

Bupu fez o grupo parar na frente de um dos becos mais escuros, lúgubres e imundos que Tanis já tinha visto. Dele exalava um cheiro fétido. Os prédios inclinavam-se para a frente, apoiando-se uns nos outros, como bêbados cambaleando para fora de uma taverna. Enquanto ele observava, pequenas

criaturas escuras corriam de lá para cá no beco e crianças anãs da ravina começaram a correr atrás delas.

— Jantar —, gritou uma, estalando os lábios.

— Aquilo, são ratos! — Lua Dourada gritou horrorizada.

— Nós temos que entrar lá? — Sturm grunhiu, olhando para os prédios inclinados.

— Só o cheiro é capaz de matar um troll —, Caramon completou — E eu prefiro morrer nas garras do dragão do que ter o casebre de um anão da ravina caindo sobre mim.

Bupu gesticulou para o beco.

— Alto Bulp! — ela disse, apontando para o prédio mais dilapidado do quarteirão.

— Fiquem aqui e mantenham guarda, se vocês quiserem —, Tanis disse a Sturm — Eu vou falar com o Alto Bulp.

— Não — O cavaleiro franziu a testa, gesticulando para o meio elfo no beco —Nós estamos nisto juntos.

O beco tinha algumas dezenas de metros na direção leste, depois ele virava para o norte e acabava repentinamente, num beco sem saída. Mais à frente deles, havia um muro de tijolos em decomposição, também sem saída. As costas deles estavam agora bloqueadas por anões da ravina que tinham corrido para o beco atrás deles.

— Emboscada! — Sturm sibilou e sacou a espada. Caramon começou a dizer alguma coisa ininteligível no fundo da garganta. Os anões da ravina entraram em pânico ao verem o brilho do aço frio. Eles se viraram e fugiram de volta pelo beco tropeçando e caindo sobre si mesmos.

Bupu olhou para Sturm e Caramon descontente. Ela voltou-se para Raistlin.

— Você faz eles parar! — ela ordenou, apontando para os guerreiros — Ou não levo Alto Bulp.

— Guarde sua espada, cavaleiro —, Raistlin sibilou —, a menos que você ache que encontrou um inimigo digno de sua atenção.

Sturm olhou com raiva para Raistlin e, por um momento, Tanis pensou que ele fosse atacar o mago, mas, o cavaleiro guardou sua espada.

— Eu gostaria de saber qual é o seu jogo, mágico —, Sturm disse com frieza — Você estava muito ansioso para vir para esta cidade, mesmo antes de sabermos da existência dos Discos. Por quê? Do que você está atrás?

Raistlin não respondeu. Ele olhou para o cavaleiro com malevolência, com seus estranhos olhos dourados, depois virou-se para Bupu.

— Eles não vão mais incomodar, pequenina —, ele sussurrou.

Bupu olhou em volta para ter certeza de que eles tinham sido propriamente intimidados, depois deu um passo à frente e bateu duas vezes na parede com seu punho sujo.

— Porta secreta —, ela disse com ar de importância. Ouviram-se duas batidas em resposta às batidas de Bupu.

— E sinal —, ela disse —Três batidas. Agora deixa entrar.

— Mas ela só bateu duas vezes... —Tas começou a dizer, rindo. Bupu olhou furiosa para ele.

— Psiu! —Tanis cutucou o kender com o cotovelo.

Nada aconteceu. Bupu franziu a testa e bateu mais duas vezes. Duas batidas responderam. Ela esperou. Caramon, que mantinha os olhos na entrada do beco, começou a se mover impaciente de um pé para o outro. Bupu bateu mais duas vezes. Duas batidas responderam.

Por fim, Bupu gritou para a parede. — Eu dar batida código secreto. Você deixa entrar'

— Batida secreta, cinco batida —, respondeu uma voz abafada.

— Eu dar cinco batida! — Bupu afirmou irritada — Você deixa entrar!

— Você dar seis batida.

— Eu contar oito batida —, disse uma outra voz.

De repente, Bupu empurrou a parede com as duas mãos. Ela se abriu facilmente. Bupu espiou dentro.

— Eu dar quatro batida. Você deixa entra! — ela disse, levantando um punho cerrado.

— Está bem —, a voz resmungou.

Bupu fechou a porta e bateu duas vezes. Tanis, desejando evitar mais incidentes e atrasos, olhou fixamente para o kender que estava se retorcendo com uma gargalhada reprimida.

A porta se abriu novamente.

— Você pode entrar —, disse o guarda de mau humor — Mas não quatro batida —, ele sussurrou para Bupu. Ela o ignorou e passou desdenhosamente por ele, arrastando sua sacola pelo chão.

— Nós ver Alto Bulp —, ela anunciou.

— Você leva turma Alto Bulp? — Um dos guardas arquejou, olhando fixamente para o gigante Caramon e o alto Vendaval com os olhos arregalados. Seus companheiros começaram a se afastar.

— Ver Alto Bulp —, Bupu disse com orgulho.

Sem tirar os olhos do grupo de aparência formidável, o guarda anão da ravina deu um passo na direção de um corredor imundo, depois saiu correndo. Ele começou a gritar com toda a força que seus pulmões permitiam — Um exército! Um exército invadir! — Eles ouviam seus gritos ecoando pelo corredor.

— Balela! — Bupu torceu o nariz — Cria de Glup tremuloso! Venha. Ver Alto Bulp.

Ela começou a caminhar pelo corredor, apertando sua sacola contra o peito. Os companheiros ainda conseguiam ouvir os gritos do anão da ravina ecoando pelo corredor.

— Um exército! Um exército de gigantes! Salvem o Alto Bulp!

O grande Alto Bulp, Trolesboles I, era um anão da ravina entre anões da ravina. Ele era quase inteligente, os rumores diziam que ele era fabulosamente rico e um notório covarde. Os Bulps tinham sido há muito tempo, a elite de Xak Tsaroth, ou "Th" como eles a chamavam desde que Nulph Bulp caiu num poço uma noite, devido aos efeitos de uma bebedeira e descobriu a cidade. Assim que ficou sóbrio na manhã seguinte, ele a reivindicou para seu clã. Os Bulps povoaram-na rapidamente e, anos mais tarde, permitiram graciosamente que os clãs Slud e Glup também ocupassem a cidade.

A vida era boa na cidade destruída — pelo menos, segundo os padrões dos anões da ravina. O mundo lá fora não os incomodava (já que o mundo lá fora não tinha a menor idéia de que eles estavam lá e não se importaria se soubesse). Os Bulps não tinham nenhuma dificuldade em manter sua predominância sobre outros clãs, principalmente porque foi um Bulp (Glunggu) com uma mente científica (alguns membros ciumentos do clã Slud diziam que a mãe dele tinha sido um gnomo) que desenvolveu o elevador, colocando em uso os dois caldeirões enormes que eram usados pelos antigos residentes para derreter banha. O elevador permitiu que os anões da ravina estendessem suas atividades de coleta para a floresta acima da cidade afundada, melhorando muito seu padrão de vida. Glunggu Bulp tornou-se um herói e foi proclamado Alto Bulp por unanimidade. Desde então a chefia dos clãs tem permanecido na família Bulp.

Os anos se passaram, e então, de repente, o mundo exterior se interessou por Xak Tsaroth. A chegada do dragão e dos dragonianos trouxe um empecilho para o estilo de vida dos anões da ravina. No início, os dragonianos tinham intenção de eliminar os pequenos incômodos, mas os anões da ravina, liderados pelo grande Troles-boles, tinham se acovardado, se curvado servilmente, choramingado, chorado e se prostrado de forma tão humilhante, que os dragonianos foram misericordiosos e simplesmente os escravizaram.

E foi assim que os anões da ravina foram forçados a trabalhar pela primeira vez, depois de viverem em Xak Tsaroth durante várias centenas de anos. Os dragonianos consertaram edifícios, colocaram as coisas em ordem militar e transformaram num inferno a vida daqueles anões da ravina que tinham de cozinhar, limpar e consertar as coisas.

Desnecessário dizer que o grande Troles-boles não estava contente com essa situação. Ele passava longas horas pensando em maneiras de eliminar o dragão. É claro que ele sabia onde ficava o covil do dragão e tinha até descoberto uma rota secreta que levava até lá. Ele tinha até entrado lá uma vez, quando o dragão estava fora. Troles-boles tinha ficado pasmo diante da vasta quantidade de pedras bonitas e moedas brilhantes acumuladas na enorme sala subterrânea. O grande Alto Bulp tinha viajado um pouco em sua juventude e sabia que as pessoas do mundo exterior desejavam estas belas pedras e dariam vastas quantidades de tecidos coloridos e espalhafatosos (Troles-boles tinha uma fraqueza por roupas finas) em troca delas. Na mesma hora, o Alto Bulp rabiscou um mapa para não esquecer como se chegava até o tesouro. Ele até teve a presença de espírito de pegar algumas das pedras menores.

Troles-boles sonhou durante vários meses com essa riqueza, mas nunca encontrou outra oportunidade para voltar. Isso se devia a dois fatores: um, o dragão nunca mais saiu e, dois, para Troles-boles o mapa parecia não ter pé nem cabeça

Se pelo menos o dragão fosse embora para sempre, ele pensou, ou se algum herói surgisse e espetasse uma espada nele! Estes eram os sonhos que o Alto Bulp mais acalentava e este era o estado das coisas quando o grande Troles-boles ouviu seus guardas proclamarem que um exército estava atacando.

E foi assim que, quando Bupu conseguiu finalmente arrancar o grande Troles-boles de debaixo de sua cama e convencê-lo de que ele não estava prestes a ser atacado por um exército de gigantes, o Alto Bulp Troles-boles I começou a acreditar que os sonhos podem se tornar realidade.

— Então, vocês aqui matar dragão —, disse o grande Alto Bulp, Troles-boles I, para Tanis Meio Elfo.

— Não —, Tanis disse pacientemente, — nós não estamos.

Os companheiros estavam na Corte do Aghar diante do trono de um anão da ravina, que Bupu tinha apresentado como o grande Alto Bulp. Bupu manteve um olho nos companheiros quando eles entraram na sala do trono, antecipando ansiosamente seus olhares de espanto. Bupu não se desapontou. O olhar no rosto dos companheiros quando eles entraram, poderia muito bem ser descrito como de espanto.

A cidade de Xak Tsaroth tinha sido despida de todas suas jóias pelos primeiros Bulps que as usaram para decorar a sala do trono de seu lorde. Seguindo a filosofia de que se um metro de tecido dourado é bom, quarenta metros são melhor ainda, e totalmente desinibidos pelo bom gosto, os anões da ravina transformaram a sala do trono do grande Alto Bulp em uma obra prima de confusão. Tecidos dourados pesados e desgastados espiralavam e guarneciam cada centímetro disponível da parede. Tapeçarias enormes penduradas nos tetos (algumas delas de cabeça para baixo). As tapeçarias devem ter sido lindas, fios delicados e coloridos se entrelaçando para mostrar cenas da vida da cidade ou retratar histórias e lendas do passado. Mas, os anões da ravina querendo avivá-las, pintaram o tecido com cores berrantes.

Assim, Sturm ficou chocado no mais fundo de seu ser, quando se viu diante de um Huma vermelho vivo lutando contra um dragão com pintas púrpuras embaixo de um céu verde esmeralda.

Graciosas estátuas nuas adornavam a sala colocadas nos lugares mais errados. Estas os anões também tinham melhorado pois consideravam o mármore branco uma coisa sem vida e deprimente. Eles pintaram as estátuas com atenção aos detalhes e realismo suficiente para Caramon, com um olhar envergonhado a Lua Dourada, enrubescer e manter seus olhos voltados para o chão.

O fato é que os companheiros tiveram dificuldade em manter sua aparência séria quando foram conduzidos a esta galeria de horrores artísticos. Um deles fracassou completamente: Tasslehoff foi imediatamente tomado por um ataque de riso tão intenso que Tanis foi obrigado a mandar o kender de volta para o Lugar de Espera, fora do Pátio, para ele tentar se recompor. O resto do grupo curvou-se solenemente diante do grande Troles-boles, com exceção de Flint que se manteve ereto, os dedos batendo em seu machado de guerra, sem um traço de sorriso em seu rosto envelhecido.

O anão tinha colocado a mão no braço de Tanis antes deles entrarem no pátio do Alto Bulp.

— Não se deixe levar por esta bobagem, Tanis —, Flint aconselhou — Estas criaturas sabem ser traiçoeiras.

O Alto Bulp ficou um tanto perturbado quando os companheiros entraram, principalmente, à vista de guerreiros tão altos. Mas, Raistlin fez alguns comentários bem escolhidos que acalmaram e deram segurança ao Alto Bulp (caso ele estivesse desapontado).

O mago, interrompido por ataques de tosse, explicou que eles não queriam causar problema, eles simplesmente planejavam recuperar um objeto de valor religioso do covil do dragão e partir, de preferência sem perturbar o dragão.

Isto, é claro, não combinava com os planos de Troles-boles. Portanto, ele fingiu não ter entendido corretamente. Embrulhado em vestes de cores berrantes, ele se recostou no trono folheado a ouro, lascado, e repetiu calmamente.

— Vocês aqui. Têm espadas. Matar dragão.

— Não —, disse Tanis outra vez — Como nosso amigo Raistlin explicou, o dragão está guardando um objeto que pertence aos nossos deuses. Nós queremos pegar o objeto e escapar da cidade antes de o dragão perceber que o objeto desapareceu.

O Alto Bulp franziu a testa.

— Como eu saber vocês não levar tesouro tudo e deixar Alto Bulp apenas dragão louco? Ter muito tesouro, pedra bonita.

Raistlin olhou para cima com um ar feroz, seus olhos brilhando. Sturm, mexendo na sua espada de forma irrequieta, contemplou o mago com antipatia.

— Nós lhe traremos as pedras bonitas —, Tanis garantiu ao Alto Bulp — Ajude-nos e você ficará com todo o tesouro. Nós só queremos encontrar a relíquia de nossos deuses.

Tinha ficado óbvio para o Alto Bulp que ele estava lidando com ladrões mentirosos e não os heróis que ele tinha esperado. Aparentemente este grupo tinha tanta dragofobia quanto ele e isso deu ao Alto Bulp uma idéia.

— O que vocês querer Alto Bulp? — ele perguntou, tentando reprimir seu júbilo e parecer sutil.

Tanis suspirou de alívio. Finalmente, parecia que eles estavam chegando a algum lugar.

— Bupu... — ele apontou para a anã da ravina pendurada na manga de Raistlin... nos disse que você era a única pessoa na cidade que poderia nos guiar até o covil do dragão.

— Guiar! — Por um momento, o grande Troles-boles perdeu a compostura apertando o robe em torno de seu corpo — Não guiar! Grande Alto Bulp não poder ser sacrificado. Pessoas precisar eu!

— Não, não. Eu não quis dizer guiar —, Tanis consertou rapidamente — Se você tiver um mapa ou puder enviar alguém para nos mostrar o caminho.

— Mapa! —Troles-boles limpou o suor da testa com a manga de seu robe —Devia dizer no começo. Mapa. Sim. Eu conseguir mapa. Enquanto isso, vocês comer. Hóspede de Alto Bulp. Guardas levar sala da bagunça.

— Não, obrigado —, Tanis disse educadamente, incapaz de olhar para os companheiros. Eles tinham passado pela sala da bagunça dos anões da ravina

quando estavam indo ver o Alto Bulp. O cheiro sozinho tinha sido suficiente para arruinar até mesmo o apetite de Caramon.

— Nós temos nossa própria comida —. Tanis continuou — Nós gostaríamos de um pouco de tempo com nós mesmos, para descansar e discutir nossos planos um pouco mais.

— Certo — O Alto Bulp deslizou para a frente do trono. Dois de seus guardas se aproximaram para ajudá-lo a descer, pois seus pés não alcançavam o chão —Voltar ao Lugar de Espera. Sentar. Comer. Conversar. Eu mandar mapa. Talvez vocês contar planos Troles-boles?

Tanis lançou um olhar para o anão da ravina e viu os olhos apertados do Alto Bulp brilharem com astúcia. De repente, o meio elfo sentiu um frio, ao perceber que este anão da ravina não era nenhum bobo. Tanis começou a desejar ter conversado mais com Flint.

— Nossos planos ainda não estão completos, sua majestade —, o meio elfo disse.

O grande Alto Bulp era esperto. Muito tempo atrás, ele tinha feito um buraco na parede da sala conhecida como Lugar de Espera, para poder ouvir a conversa de seus súditos enquanto eles esperavam por uma audiência com ele, descobrindo de antemão com o que eles queriam importuná-lo. Por isso, ele já sabia bastante sobre os planos dos companheiros, e deixou o assunto de lado. O uso do termo "sua majestade" pode ter tido alguma coisa a ver com isso; o Alto Bulp nunca tinha escutado algo assim tão apropriado.

— Sua majestade —, Troles-boles repetiu, suspirando de prazer. Ele cutucou um de seus guardas nas costas — Lembrar. Agora diante, dizer Sua Majestade.

— S-sim, s-sua, ah, majestade —, o anão da ravina gaguejou. O grande Troles-boles acenou a mão imunda graciosamente e os companheiros fizeram uma mesura antes de sair. Alto Bulp, Troles-boles I, ficou em pé ao lado do trono sorrindo, o que ele considerava uma conduta charmosa, até seus

convidados saírem da sala. Depois, sua expressão mudou e se transformou em um sorriso tão perspicaz e malévolo que seus guardas se agruparam à sua volta ansiosos.

— Você —, ele disse para um deles —Vá para aposento. Trazer mapa. Dar tolos sala lado.

O guarda saudou-o e saiu correndo. O outro guarda permaneceu nas proximidades, aguardando de boca aberta, tamanha era sua ansiedade. Troles-boles olhou em volta, depois, puxou o guarda ainda mais perto, pensando em como lhe dar a próxima ordem. Ele precisava de alguns heróis, e se ele tinha que criar seus próprios heróis de qualquer escória que aparecesse, então ele faria isso. Se eles morressem, não seria uma grande perda. Se eles conseguissem matar o dragão, melhor ainda. Os anões da ravina ganhariam o que, para eles, era mais precioso do que todas as pedras bonitas de Krynn: um retorno aos doces e tranqüilos dias de liberdade! Então, chega dessa besteira de ficar espiando.

Troles-boles inclinou-se e sussurrou no ouvido do guarda.

—Você ir dragão. Dar ela os cumprimento sua majestade, o Alto Bulp, Troles-boles I e dizer ela...

20

O MAPA SECRETO

O GRIMÓRIO DE FISTANDILUS

Eu não confio naquele pequeno bastardo nem um pouco a mais do que eu consigo suportar seu cheiro —, Caramon grunhiu.

— Eu concordo —, Tanis disse baixinho — Mas, que escolha nós temos? Nós concordamos em lhe trazer o tesouro. Ele tem tudo a perder e nada a ganhar se nos trair.

Eles se sentaram no chão do Lugar de Espera, uma imunda antecâmara fora da sala do trono. A. decoração desta sala era tão vulgar quanto a da Corte. Os companheiros estavam tensos e nervosos, falando pouco e forçando a si mesmos a comerem.

Raistlin recusou comida. Sentado no chão, abraçando as pernas, e separado dos outros, ele preparou e bebeu a estranha mistura de ervas que acalmava sua tosse. Depois, ele se embrulhou em suas vestes e se estirou de olhos fechados no chão. Bupu encolheu-se perto dele mastigando alguma coisa de sua sacola. Ao ir ver como seu irmão estava, Caramon ficou horrorizado ao ver uma cauda desaparecer dentro da boca dela, fazendo barulho.

Vendaval sentou-se sozinho. Ele não tomou parte na conversa, pois os amigos revisaram seus planos mais uma vez. O homem das planícies contemplava o chão deprimido. Quando sentiu um leve toque em seu braço, ele nem mesmo levantou a cabeça. Lua Dourada, ajoelhou-se ao lado dele. O rosto dela estava pálido. Ela tentou falar, não conseguiu, então, tossiu, limpando a garganta.

— Nós precisamos conversar —, ela disse com firmeza, na língua deles.

—Isso é uma ordem? — ele perguntou com animosidade.

Ela engoliu em seco.

—Sim —, ela respondeu, quase inaudível.

Vendaval levantou-se e caminhou até parar em frente a uma tapeçaria berrante. Ele não olhou para Lua Dourada nem se dirigiu a ela. Seu rosto era uma máscara inflexível, mas debaixo dela, Lua Dourada podia ver a dor abrasadora em sua alma. Ela colocou gentilmente a mão no braço dele.

— Perdoe-me —, ela disse suavemente.

Vendaval olhou para ela atônito. Ela estava diante dele com a cabeça curvada e uma vergonha quase infantil em seu rosto. Ele estendeu a mão para tocar o cabelo dourado e prateado da pessoa que ele amava mais do que a própria vida. Ele sentiu Lua Dourada estremecer quando a tocou e seu coração doeu de amor. Movendo a mão da cabeça dela para o pescoço, ele muito gentil e ternamente trouxe a cabeça de sua amada para seu peito e, então, tomou-a em seus braços.

— Eu nunca tinha ouvido você dizer aquelas palavras antes —, ele disse sorrindo consigo mesmo, sabendo que ela não podia vê-lo.

— Eu nunca as tinha dito —, ela engoliu em seco, o rosto pressionado contra a camisa de couro dele — Oh, meu amado, eu peço desculpas por você ter voltado para casa e ter encontrado a Filha do Líder e não Lua Dourada. Mas eu tenho sentido tanto medo.

— Não —, ele sussurrou — Sou eu quem deveria pedir perdão — Ele ergueu a mão para enxugar as lágrimas dela — Eu não tinha me dado conta de tudo que você passou. Eu só conseguia pensar em mim mesmo e os perigos que eu tinha enfrentado. Queria que você tivesse me contado antes, coisa mais preciosa do meu coração.

— Eu queria que você tivesse me perguntado —, ela respondeu, olhando para ele ardentemente — Eu tenho sido a Filha do Líder há tanto tempo que esta é a única coisa que eu sei ser. É minha força. Me dá coragem quando estou com medo. Eu acho que não consigo deixar isso de lado.

— Eu não quero que você deixe isso de lado — Ele sorriu para ela, alisando alguns cabelos desobedientes que insistiam em cobrir o rosto dela — Eu me apaixonei pela Filha do Líder na primeira vez que a vi. Você se lembra? Nos jogos organizados em sua honra.

— Você se recusou a se curvar para receber minha bênção —, ela disse — Você reconheceu a liderança de meu pai, mas negou-se a me reconhecer como deusa. Você disse que homens não podiam transformar outros homens em deuses — Os olhos dela viajaram para trás no tempo, muitos anos para trás — Quão alto, orgulhoso e lindo você era, falando de deuses antigos que, para mim, não existiam ainda.

— E como você ficou furiosa —, ele relembrou, — e quão linda! Sua beleza por si só era uma benção para mim. Eu não precisava de outra. Você queria que me tirassem dos jogos.

Lua Dourada sorriu com tristeza.

—Você achou que eu estava com raiva porque você tinha me envergonhado em frente do povo, mas não foi isso.

— Não? Então, o que foi, Filha do Líder?

O rosto dela enrubesceu e ficou rosa escuro, mas ela ergueu os olhos azuis claros para ele.

— Eu estava com raiva porque eu sabia quando vi você ali recusando-se a se ajoelhar diante de mim, que eu tinha perdido parte de mim mesma e que enquanto você não a reivindicasse, eu nunca estaria completa novamente.

Como resposta, o homem das planícies apertou-a contra si, beijando seu cabelo gentilmente.

— Vendaval —, ela disse, engolindo em seco — A Filha do Líder ainda está aqui. Eu não acredito que ela partira um dia. Mas, você tem de saber que Lua Dourada está dentro dela e se esta jornada um dia terminar e nós finalmente tivermos paz, Lua Dourada será sua para sempre e nós desterraremos a Filha do Líder.

Uma batida na porta do Alto Bulp fez com que todos ficassem nervosos, quando um anão da ravina tropeçou para dentro da sala.

— Mapa —, ele disse, jogando um pedaço de papel amassado para Tanis.

— Obrigado —, disse o meio elfo sério — E estenda nossos agradecimentos ao Alto Bulp.

— Sua Majestade, o Alto Bulp —, o guarda corrigiu com um olhar ansioso na direção da parede coberta de tapeçaria. Curvando-se desajeitadamente, ele se afastou para as dependências do Alto Bulp.

Tanis abriu o mapa. Todos se juntaram a sua volta, até mesmo Flint. Entretanto, depois de dar uma olhada, o anão bufou com escárnio e voltou para seu sofá. Tanis riu, pesarosamente.

— Nos deveríamos ter esperado uma coisa assim. Eu gostaria de saber se o grande Troles-boles se lembra onde é a 'grande sala secreta?

— É claro que não — Raistlin sentou-se, abrindo os estranhos olhos dourados e olhando para eles através de suas pálpebras entreabertas — É por isso que ele nunca voltou ao tesouro. Entretanto há um entre nós que sabe onde fica o covil do dragão —Todos acompanharam o olhar do mago.

Bupu olhou de volta para eles, desafiadoramente.

— Vocês certo. Eu saber —, ela disse, mal humorada — Eu saber lugar secreto. Eu ir lá, encontrar pedra bonita. Mas não contar Alto Bulp!

— Você vai nos contar? —Tanis perguntou. Bupu olhou para Raistlin. Ele acenou com a cabeça.

—Eu contar —, ela resmungou — Dar mapa.

Raistlin, vendo os outros entretidos olhando para o mapa, acenou para seu irmão.

—O plano ainda e o mesmo' — o mago murmurou.

—Sim — Caramon franziu as sobrancelhas — E eu não gosto dele. Eu devia ir com você.

—Besteira —, Raistlin sussurrou — Você só ia me atrapalhar! — Depois, ele completou mais gentilmente —, Eu não vou correr perigo, te prometo — Ele colocou a mão no braço de seu irmão gêmeo e chegou mais perto — Alem disso — o mago olhou em volta... tem algo que você precisa fazer por mim, meu irmão. Algo que você tem de trazer para mim do covil do dragão.

O toque de Raistlin era incomumente quente, seus olhos queimavam. Caramon inquieto começou a andar para trás, vendo algo em seu irmão que ele não tinha visto desde as Torres da Alta Magia, mas a mão de Raistlin o segurou.

— O que é? — Caramon perguntou com relutância.

— Um grimório! — Raistlin murmurou.

— Então, é por isso que você queria vir para Xak Tsaroth! — disse Caramon — Você sabia que esse livro de magias estaria aqui.

— Eu li sobre ele, anos atrás. Eu sabia que ele tinha estado em Xak Tsaroth antes do Cataclismo, todos os membros da Ordem sabiam, mas nós presumimos que ele tivesse sido destruído com a cidade. Quando eu descobri que Xak Tsaroth tinha escapado à destruição, percebi que poderia haver uma chance do livro ter sobrevivido!

— Como você sabe que ele está no covil do dragão?

— Eu não sei. Só estou conjeturando. Para os utilizadores de mágica, este livro e o maior tesouro de Xak Tsaroth. Você pode estar certo de que se o encontrou, o dragão o esta usando!

— E você quer que eu o pegue para você —, Caramon disse lentamente — Com que ele se parece?

— Com o meu grimório, e claro, com a diferença que o pergaminho branco como osso está encadernado em couro azul como a noite, com runas prateadas estampadas na frente. Ele será frio como a morte, ao tato.

— O que as runas dizem'

— É melhor você não saber... — Raistlin sussurrou.

—De quem era o livro? — Caramon perguntou desconfiado.

Raistlin ficou em silêncio, seus olhos dourados abstraídos, como se ele estivesse fazendo uma busca interior, tentando se lembrar de algo esquecido.

— Você nunca ouviu falar dele, meu irmão —, ele disse finalmente, num sussurro que foiçou Caramon a se inclinar para mais perto — Mas, ele era um dos maiores da minha ordem. Seu nome era Fistandantilus.

— Da forma que você descreve esse grimório... — Caramon hesitou, temendo o que Raistlin responderia. Ele engoliu em seco e começou novamente — Esse Fistandantilus, ele usava o Robe Negro? Ele não conseguiu enfrentar o olhar penetrante de seu irmão.

— Não me pergunte mais nada! — Raistlin disse, sua voz quase transformada num assobio — Você é tão mau quanto os outros! Como é que qualquer um de vocês pode me entender! Vendo o olhar de dor de seu irmão gêmeo, o mago suspirou — Confie em mim, Caramon. Não é um grimório particularmente poderoso, na verdade, é um dos primeiros livros do mago. Um que ele tinha, quando era muito jovem —, Raistlin murmurou, fixando o olhar em algum lugar distante. Depois, ele piscou e disse mais animado —, Mas será valioso para mim, da mesma maneira. Você tem de consegui-lo! Você tem... — Ele começou a tossir.

— Claro, Raist —, Caramon prometeu, acalmando o irmão — Não fique exaltado. Eu o encontrarei.

— Bom, Caramon. Excelente, Caramon —, Raistlin sussurrou quando conseguiu falar outra vez. Ele se sentou no canto e fechou os olhos — Agora me deixe descansar. Eu tenho de estar pronto.

Caramon levantou-se, olhou para seu irmão durante um momento, então, ele se virou e quase caiu sobre Bupu, que estava em pé atrás dele, examinando-o o desconfiada, com os olhos arregalados.

— Do que se tratava? — Sturm perguntou de forma grosseira, quando Caramon voltou ao grupo.

— Oh, nada —, o homenzarrão resmungou, enrubescendo de culpa. Sturm lançou um olhar assustado para Tanis.

— O que foi, Caramon? — Tanis perguntou, colocando o mapa enrolado em seu cinto e olhando para o guerreiro. Alguma coisa errada?

— N-não... — Caramon gaguejou — Não é nada. Eu... ah... tentei convencer Raistlin a deixar eu ir com ele. Ele disse que eu só vou atrapalhar.

Tanis examinou atentamente Caramon. Ele sabia que o homenzarrão estava dizendo a verdade, mas Tanis também sabia que o guerreiro não estava dizendo toda a verdade. Caramon derramaria alegremente a última gota de seu sangue por qualquer membro do grupo, mas Tanis suspeitava que ele trairia todos, se Raistlin o ordenasse.

O gigante olhou para Tanis, pedindo silenciosamente, para ele não fazer mais perguntas.

— Ele esta certo, você sabe, Caramon —, Tanis disse finalmente, pegando no braço do homenzarrão — Raistlin não correrá perigo. Bupu estará com ele. Ela o trará de volta para cá, para se esconder. Ele só tem que continuar algumas de suas pirotecnias, criar uma diversão para distrair a atenção do dragão e tirá-lo de seu covil. Ele sairá de lá muito antes do dragão chegar.

—Claro, eu sei disso —, disse Caramon forçando uma risada — De qualquer forma, você precisa de mim.

—Nós precisamos —, Tanis disse num tom sério — Bem, estão todos prontos?

Eles se levantaram amedrontados e em silêncio. Raistlin levantou-se e deu um passo à frente, com o capuz sobre o rosto, as mãos dobradas nas mangas de suas vestes. Havia uma aura em torno do mago, indefinida, mas assim mesmo, assustadora... a aura de poder era gerada e criada dentro da pessoa. Tanis tossiu, limpando a garganta.

— Nos contaremos até quinhentos —, Tanis disse para Raistlin — Aí, nós começaremos. De acordo com sua pequena amiga o 'lugar secreto' marcado no mapa, é um alçapão localizado em um edifício não muito longe daqui. Ele leva para baixo da cidade, a um túnel que vai ate embaixo do covil da dragoa, perto de aonde nós a vimos hoje. Crie sua distração na praça, depois volte aqui. Nós nos encontraremos aqui, daremos o tesouro para o Alto Bulp e ficamos quietos até anoitecer. Quando a noite chegar, nós escaparemos.

— Entendi —, Raistlin disse calmamente.

Eu gostaria de ter entendido, Tanis pensou irritado. Eu gostaria de ter entendido o que está se passando nessa sua cabeça, mago. Mas, o meio elfo não disse nada.

— Vamos agora? — perguntou Bupu, olhando para Tanis com ansiedade.

— Nós vamos agora —, Tanis disse.

Raistlin saiu do beco sombrio e percorreu rapidamente a rua em direção ao sul. Ele não viu nenhum sinal de vida. Era como se todos os anões da ravina tivessem sido tragados pela névoa. Ele achou esse pensamento um tanto perturbador e se manteve nas sombras. O frágil mago era capaz de se mover silenciosamente, se houvesse necessidade. Ele só esperava conseguir controlar sua tosse. A dor e a congestão em seu peito tinham aliviado depois dele beber a

mistura de ervas, cuja receita tinha sido dada a ele por Par-Salian, uma espécie de pedido de desculpas do grande feiticeiro pelo trauma que o jovem mago tinha sofrido. Mas o efeito da mistura passaria em pouco tempo.

Bupu espiou por detrás das vestes do mago, seus grandes olhos negros como contas, se apertando para ver a rua que levava para a Grande Praça.

— Ninguém, ela disse e deu um puxão no robe do mago — Vamos agora. Ninguém, pensou Raistlin preocupado. Não fazia sentido. Onde estava a multidão de anões de ravina? Ele tinha a sensação de que alguma coisa estava errada, mas não tinha tempo para voltar atrás... Tanis e os outros estavam a caminho da entrada secreta do túnel. O mago sorriu, irritado. Que busca idiota, isto estava se tornando. Era provável que todos eles morressem nesta cidade desafortunada.

Bupu deu um puxão em seu robe outra vez. Encolhendo os ombros, ele jogou o capuz sobre a cabeça e, juntos, ele e a anã da ravina, correram pela rua coberta de névoa.

Duas figuras vestidas com armadura saíram de uma porta escura e caminharam furtivamente atrás de Raistlin e Bupu.

— Este é o lugar —, Tanis disse suavemente. Ele abriu uma porta que apodrecia e espiou dentro — Está escuro aqui. Nós vamos precisar de luz.

Houve um som de pedra batendo em metal e depois um facho de luz, quando Caramon acendeu uma das tochas que eles tinham pego emprestadas do Alto Bulp. O guerreiro deu uma para Tanis e acendeu uma para si mesmo e Vendaval. Tanis entrou no prédio e se viu imediatamente com água até os tornozelos. Erguendo a tocha, ele viu água escorrendo pelas paredes da funesta sala. A água redemoinhava em torno do centro do piso, depois escorria para baixo através de rachaduras que existiam próximo às bordas. Tanis patinhou até o centro da sala e segurou sua tocha próximo à água.

— É aqui mesmo. Eu consigo vê-lo —, ele disse enquanto os outros vadeavam para dentro da sala. Ele apontou para um alçapão no chão. Mal se podia ver uma argola de ferro no centro dele.

— Caramon? —Tanis se afastou.

— Bobagem! — Flint bufou — Se um anão da ravina consegue abrir isso, eu também consigo. Fique de lado — O anão acotovelou todos para trás, enfiou sua mão na água e puxou. Houve um momento de silêncio. Flint grunhiu e seu rosto ficou vermelho. Ele parou endireitou-se, respirou fundo, depois enfiou a mão na água e tentou novamente. Não se ouviu um estalo sequer. Aporta continuou fechada.

Tanis colocou a mão no ombro do anão.

— Flint, Bupu disse que ela só desce na época da seca. Você está tentando levantar metade do Novo Mar junto com a porta.

— Bem... — o anão arquejou tentando recuperar o fôlego... — por que você não me disse isso, antes? Deixe o grande touro tentar.

Caramon deu um passo à frente. Ele colocou a mão dentro da água e deu um puxão. Os músculos de seus ombros se contraíram e as veias de seu pescoço se levantaram. Houve um barulho de sucção, depois a sucção foi liberada tão repentinamente que o grande guerreiro quase caiu para trás. A água da sala escorreu quando Caramon levantou a porta de tábua do alçapão. Tanis abaixou a tocha para poder ver. Um túnel de um metro e vinte de diâmetro abriu-se no chão; uma escada de ferro estreita descia dentro do túnel.

— Qual e a contagem? —Tanis perguntou, sua garganta estava seca.

— Quatrocentos e três —, respondeu a voz grave de Sturm —Quatrocentos e quatro.

Os companheiros ficaram em volta da porta do alçapão, tremendo com o ar gelado, o único som que eles ouviam era a água escorrendo pelo túnel.

— Quatrocentos e cinqüenta e um —, comentou o cavaleiro calmamente.

Tanis coçou a barba. Caramon tossiu duas vezes, como se estivesse lembrando a todos seu irmão ausente. Flint nervoso, deixou seu machado cair na água. Tas, distraído, mastigava a ponta de seu topete. Lua Dourada, pálida mas composta, aproximou-se de Vendaval, o cajado em sua mão tinha uma aparência normal. Ele colocou seu braço em volta dela. Não existe nada pior do que esperar.

— Quinhentos —, disse Sturm, finalmente.

— Está na hora! — Tasslehoff jogou-se na escada. Tanis foi em seguida, segurando sua tocha de modo a iluminar o caminho para Lua Dourada que vinha atrás dele. Os outros os seguiram, descendo lentamente em um poço de acesso ao sistema de esgoto da cidade. O poço tinha mais ou menos seis metros, depois, se abria em um túnel de mais ou menos um metro e meio de raio que corria de norte a sul.

— Verifique a profundidade da água —, Tanis avisou o kender, quando Tas estava prestes a largar a escada. O kender, que estava pendurado com uma só mão no último degrau, abaixou seu cajado hoopak dentro da água escura, que redemoinhava abaixo dele. O cajado afundou pela metade.

— Uns sessenta centímetros —, ele disse animado. Ele caiu dentro da água fazendo um chuá, a água chegava até as coxas dele. Ele olhou para Tanis inquisitivo.

— Por ali —, Tanis apontou, — Sul.

Segurando o cajado acima de sua cabeça, Tasslehoff deixou a corrente levá-lo.

— Onde está a distração? — Sturm perguntou e sua voz ecoou. Tanis estava se perguntando a mesma coisa.

— Nós provavelmente não seremos capazes de ouvir coisa alguma aqui embaixo — Ele esperava que isso fosse verdade.

— Raist conseguirá. Não se preocupem —, Caramon disse irritado.

— Tanis! —Tasslehoff consultou o meio elfo. —Tem alguma coisa aqui embaixo! Eu senti ela passar perto de meus pés.

— Continue se movimentado —, Tanis murmurou, — e reze para essa coisa não estar faminta..

Eles vadearam em silêncio, a luz da tocha bruxuleante refletia nas paredes, criando ilusões nos olhos da mente. Mais de uma vez, Tanis viu alguma coisa querendo pegá-lo, mas depois percebeu que era a sombra do elmo de Caramon ou o hoopak de Tas.

O túnel ia direto para o sul, por mais ou menos sessenta metros, depois virava para o leste. 0s companheiros pararam. No final do braço leste do esgoto, havia uma coluna de luz fraca, infiltrando-se pelo teto. Isto, de acordo com Bupu, marcava o local do covil do dragão.

— Apaguem as tochas! —Tanis sibilou, mergulhando sua tocha na água. Tocando a parede limosa, Tanis acompanhou o kender, o contorno de Tas era visível para seus olhos de elfo um pouco a frente no túnel. Atrás dele, ele ouviu Flint reclamar dos efeitos da água sobre seu reumatismo.

— Psiu —, Tanis sussurrou quando eles estavam chegando mais perto da luz. Tentando ser silenciosos, a despeito do retinir das armaduras, logo eles estavam perto de uma escada estreita que subia até uma grade de ferro.

— Ninguém se dá ao trabalho de trancar grades de chão —Tas puxou Tanis mais perto para sussurrar em seu ouvido — Mas tenho certeza de que eu posso abri-la se ela estiver trancada.

Tanis acenou com a cabeça. Ele não disse que Bupu tinha sido capaz de abri-la também. A arte de abrir fechaduras era um motivo de orgulho tão grande para o kender, quanto os bigodes de Sturm o eram para o cavaleiro. Eles todos se puseram a observar, com água até os joelhos, enquanto Tas deslizava escada acima.

— Eu ainda não ouço nada lá fora —, Sturm resmungou.

— Psiu! — Caramon grunhiu asperamente.

A grade tinha uma fechadura simples que Tas abriu num instante. Depois, ele levantou a grade silenciosamente e espiou para fora. Uma escuridão repentina desceu sobre ele, uma escuridão tão densa e impenetrável que pareceu atingi-lo como um peso de chumbo e quase fez com que ele largasse a grade. Ele colocou a grade no lugar apressadamente, sem fazer qualquer ruído, depois desceu a escada, trombando com Tanis.

—Tas? — o meio elfo o segurou — É você? Eu não consigo ver nada. O que está acontecendo?

— Eu não sei. Ficou escuro de repente.

— O que você quer dizer, você não consegue ver? — Sturm sussurrou para Tanis — E o seu talento élfico?

— Se foi —, Tanis disse de forma sinistra, — exatamente como aconteceu na Mata Escura e perto do poço...

Ninguém falou enquanto eles ficaram amontoados no túnel. Tudo que eles conseguiam ouvir era o som de suas próprias respirações e da água pingando das paredes.

O dragão estava lá em cima esperando por eles.

21

O SACRIFÍCIO.

A CIDADE QUE MORREU DUAS VEZES

Um desespero, mais negro que a escuridão, cegou Tanis. Era meu plano, a única chance que tínhamos de sairmos daqui vivos, ele pensou. Tinha fundamento, deveria ter funcionado! O que deu errado? Raistlin... será que ele nos traiu? Não! Tanis cerrou o punho. Não, droga. O mago estava distante, e desagradável, impossível de se entender, mas Tanis podia jurar que ele era leal a eles. Onde estava Raistlin? Morto, talvez. Não que isso importasse. Todos eles morreriam.

— Tanis... — o meio elfo sentiu um aperto firme em seu braço e reconheceu a voz grave de Sturm... — Eu sei o que você está pensando. Nós não temos outra escolha. Nosso tempo está se esgotando. Esta é nossa única chance de pegar os Discos. Não teremos outra.

— Eu vou dar uma olhada —, Tanis disse. Ele subiu a escada, passou pelo kender e espiou pela grade. Estava escuro, magicamente escuro. Tanis colocou a mão na cabeça e tentou pensar. Sturm estava certo: o tempo estava se esgotando. Por outro lado, como poderia ele, confiar no bom senso do cavaleiro? Sturm queria lutar contra o dragão! Tanis arrastou-se de volta para a escada — Nós estamos indo —, ele disse. De repente, tudo o que ele queria, era que aquilo terminasse, então eles poderiam ir para casa. Casa, em Solace. — Não, Tas — Ele segurou o kender e o puxou para baixo da escada — Os guerreiros vão Primeiro, Sturm e Caramon. Depois o resto.

Mas o cavaleiro já o estava empurrando ávido, com a espada tinindo contra sua coxa.

— Nós sempre somos os últimos! —Tasslehoff suspirou, empurrando o anão. Flint subiu a escada lentamente, seus joelhos estalando — Depressa! — Tas disse — Eu espero que não aconteça nada antes de chegarmos lá. Eu nunca falei com um dragão.

— Eu aposto que o dragão nunca falou com um kender, também! — O anão bufou — Você percebe, seu cabeça de lebre, que nós provavelmente vamos morrer.Tanis sabe, dá para ver pela voz dele.

Tas fez uma pausa, segurando-se na escada, enquanto Sturm empurrava a grade lentamente.

— Sabe, Flint —, o kender disse com seriedade, — meu povo não teme a morte. De certa forma, nós a esperamos com ansiedade, a última grande aventura. Mas, eu acho que me sentiria mal deixando esta vida. Eu sentiria falta das minhas coisas ... — ele deu um tapinha em suas bolsas — ... e meus mapas, e você e Tanis. Amenos—, ele acrescentou com alegria, — que todos nós acabemos indo para o mesmo lugar quando morrermos.

Flint teve uma visão súbita do despreocupado kender deitado morto e frio. Ele sentiu um aperto no peito e agradeceu pela escuridão que tudo ocultava. Limpando a garganta, ele disse com a voz rouca.

— Se acha que eu vou passar o meu pós-vida com um punhado de kenders, você é mais louco que Raistlin. Sai pra lá!

Sturm levantou cuidadosamente a grade e a empurrou para um dos lados. Ela raspou no chão, fazendo com que ele cerrasse os dentes. Ele ergueu-se com facilidade. Ele se virou e ajoelhou para ajudar Caramon que estava tendo dificuldade em espremer seu corpo e seu arsenal que tinia através do buraco.

— Em nome de Istar, fique quieto! — Sturm sibilou.

— Eu estou tentando —, Caramon balbuciou, chegando finalmente à borda. Sturm deu sua mão para Lua Dourada. O último foi Tas, extasiado por ninguém ter feito nada em sua ausência.

— Nós precisamos de luz —, Sturm disse.

— Luz? — respondeu uma voz sombria e sem emoção como a meia noite de inverno — Sim, que tenhamos luz?

A escuridão desapareceu instantaneamente. Os companheiros viram que eles estavam em uma enorme câmara em forma de domo que se elevava a dezenas de metros de altura. Uma luz cinza e fria penetrava na câmara através de uma rachadura no teto e iluminava um grande altar no centro da sala circular. No chão que circundava o altar havia grandes quantidades de jóias, moedas e outros tesouros da cidade morta. As jóias não brilhavam. O ouro não reluzia. A luz fraca não iluminava nada, nada a não ser um dragão negro empoleirado no topo de um pedestal como uma enorme ave de rapina.

— Sentindo-se traídos? — o dragão perguntou em tom de conversação.

— O mago nos traiu! Onde está ele? Servindo você? — Sturm gritou furioso, sacando a espada e dando um passo à frente.

— Afaste-se, fétido Cavaleiro de Solamnia. Afaste-se, ou seu utilizador de mágica não usará suas mágicas nunca mais! — O dragão serpeou seu grande pescoço para baixo e olhou para eles com seus olhos vermelhos cintilantes. Depois, lenta e delicadamente, levantou uma pata cheia de garras. Raistlin estava deitado no pedestal sob elas.

— Raist! — Caramon rugiu e se lançou em direção ao altar.

— Pare, idiota! a dragoa sibilou. Ela descansava uma garra pontuda, sobre o abdômen do mago. Raistlin fez um grande esforço e moveu a cabeça para olhar para seu irmão com seus estranhos olhos dourados. Ele fez um gesto débil e Caramon parou. Tanis viu algo se mover no chão próximo ao altar. Era Bupu, encolhida entre as riquezas, com medo demais até para se lamuriar. O Cajado de Magius estava no chão próximo a ela.

— Mais um passo e eu empalo este humano mirrado com minha garra. O rosto de Caramon enrubesceu de raiva.

— Solte-o! — ele gritou — Sua luta é comigo.

— Minha luta não é com nenhum de vocês —, a dragoa disse movendo as asas preguiçosamente. Raistlin se encolheu, quando, a dragoa mudou levemente a posição de seu pé, só para provocar, enfiando uma de suas garras na carne dele A pele metálica do mago cintilava com o suor. Ele deu uma respirada funda e barulhenta — Melhor não se mexer, mago, a dragoa ridicularizou — Nós falamos o mesmo idioma, lembra-se? Uma só palavra mágica e as carcaças de seus amigos serão usadas para alimentar os anões da ravina!

Os olhos de Raistlin se fecharam como se ele estivesse exausto. Mas, Tanis podia ver as mãos do mago abrindo e fechando e ele sabia que Raistlin estava preparando um último feitiço. Seria seu último, pois a dragoa o mataria assim que ele o conjurasse. Mas, poderia dar a Vendaval a chance de alcançar os Discos e sair dali vivo com Lua Dourada. Tanis avançou lentamente na direção do homem das planícies.

— Como eu estava dizendo —, a dragoa continuou suavemente — Eu optei por não lutar contra nenhum de vocês. Eu não compreendo como vocês escaparam da minha ira até agora. Mas, vocês ainda estão aqui. Devolvam-me aquilo que me foi roubado. Sim, dama de Que-shu. Eu estou vendo que você está segurando o cajado de cristal azul. Traga-o para mim.

Tanis sibilou uma ordem para Lua Dourada.

— Fique parada! — Mas, olhando para o rosto dela, frio como o mármore, ele se perguntou se ela o tinha ouvido ou até mesmo se ela tinha ouvido o dragão. Parecia que ela estava ouvindo outras vozes, outras palavras.

— Obedeça-me. — A dragoa abaixou a cabeça, ameaçadoramente — Obedeça-me ou o mago morre. E depois dele, o cavaleiro. E depois, o meio elfo. E assim por diante, um depois do outro, até você, dama de Que-shu, ser última sobrevivente. Então, você trará o cajado para mim e implorará para eu ser misericordiosa.

Lua Dourada curvou a cabeça em submissão. Empurrando gentilmente Vendaval com a mão, ela se virou para Tanis e envolveu o meio elfo em um abraço carinhoso.

—Adeus, meu amigo —, ela disse em voz alta, encostando o rosto no dele. Ela abaixou a voz até quase um sussurro — Eu sei o que tenho de fazer. Eu vou levar o cajado para o dragão e...

— Não! —Tanis disse com veemência — Não fará diferença. O dragão tem intenção de nos matar de qualquer forma.

— Ouça-me! — As unhas de Lua Dourada enfiaram-se no braço de Tanis — Fique com Vendaval, Tanis. Não deixe que ele tente me impedir.

— E se eu tentasse te impedir?—Tanis perguntou gentilmente, segurando Lua Dourada próximo a ele.

— Você não tentará —, ela disse com um sorriso doce e triste — Você sabe que cada um de nós tem um destino a cumprir, como o Senhor da Floresta disse. Vendaval precisará de você. Adeus, meu amigo.

Lua Dourada deu um passo atrás, os olhos azuis claros em Vendaval como se ela fosse memorizar cada detalhe para guardá-los com ela por toda a eternidade. Percebendo que ela estava dizendo adeus, ele começou a andar na direção dela.

— Vendaval —, Tanis disse em tom suave — Confie nela. Ela confiou em você todos aqueles anos. Ela esperou enquanto você enfrentava suas guerras. Agora é você quem deve esperar. Esta é a luta dela.

Vendaval tremeu, depois ficou inerte. Tanis podia ver as veias inchadas em seu pescoço, os músculos de sua mandíbula flexionados. O meio elfo segurou o braço do homem das planícies. Vendaval nem sequer olhou para ele. Seus olhos estavam em Lua Dourada.

— Por que essa demora? — A dragoa perguntou — Estou ficando entediada. Venha até aqui.

Lua Dourada se afastou de Vendaval. Ela passou por Flint e Tasslehoff. O anão curvou a cabeça. Tas observava solene e de olhos arregalados. De alguma forma, isto não era tão excitante quanto ele tinha imaginado. Pela primeira vez na vida, o kender se sentiu pequeno, indefeso e solitário. Foi uma sensação horrível e desagradável e ele achou que a morte podia ser mais desejável.

Lua Dourada parou perto de Caramon e colocou a mão no braço dele.

— Não se preocupe —, ela disse para o grande guerreiro que estava olhando para seu irmão agoniado —, ele vai ficar bem — Caramon ficou a ponto de chorar e acenou com a cabeça. Então, Lua Dourada se aproximou de Sturm. De repente, como se o horror do dragão fosse grande demais, ela tombou para frente. O cavaleiro a pegou e a segurou.

—Venha comigo, Sturm —, Lua Dourada sussurrou enquanto ele colocava seu braço em volta dela — Você tem de jurar fazer o que eu ordenar, não importa o que aconteça. Jure por sua honra como um Cavaleiro de Solamnia.

Sturm hesitou. Os olhos de Lua Dourada, calmos e claros, encontraram os dele.

— Jure —, ela ordenou, — ou eu irei sozinha.

— Eu juro, dama —, ele disse com reverência — Eu obedecerei.

Lua Dourada suspirou agradecida.

— Venha comigo. Não faça nenhum gesto ameaçador.

Juntos, a mulher bárbara das planícies e o cavaleiro caminharam na direção do dragão.

Raistlin continuava deitado sob a garra do dragão com os olhos fechados, preparando-se mentalmente para a mágica que seria sua última. Mas as palavras necessárias para conjurar a magia, não se formariam no meio da confusão em que se encontrava sua mente. Ele lutou para recobrar o controle.

Eu estou me suicidando, e para que? Raistlin perguntava-se irritado. Para tirar estes tolos da confusão em que eles se meteram. Eles não atacarão com medo de me machucar, apesar de me desprezarem e terem medo de mim. Isso não faz sentido, da mesma forma que meu sacrifício não faz sentido. Por que eu estou morrendo por eles, quando eu mereço viver mais do que eles?

Não é por eles que você está fazendo isto, uma voz lhe respondeu. Raistlin tentou se concentrar e prestar atenção na voz. Era uma voz real, uma voz familiar, mas ele não conseguia se lembrar de quem era ou onde ele a tinha ouvido. Tudo que ele sabia e que ela falava para ele em momentos de grande estresse. Quanto mais próximo da morte ele chegava, mais alta era a voz.

Não é por eles que você faz este sacrifício, a voz repetiu. É porque você não é capaz de suportar a derrota! Nada nem ninguém conseguiu derrotá-lo, nem mesmo a própria morte...

Raistlin respirou fundo e relaxou. Ele não entendeu as palavras completamente, da mesma forma que ele não conseguia se lembrar da voz. Mas, agora a magia veio à sua mente com facilidade.

— Astolarakhkh um... — ele murmurou, sentindo a mágica começar seu percurso através de seu corpo frágil. Então, uma outra voz interrompeu sua concentração e esta voz era uma voz viva falando diretamente com sua mente. Ele abriu os olhos, virou a cabeça lentamente e olhou para seus companheiros dentro da câmara.

A voz veio da mulher, a princesa bárbara de uma tribo morta. Raistlin olhou para Lua Dourada enquanto ela caminhava em sua direção, apoiando-se nos braços de Sturm. As palavras presentes na mente dela tinham tocado a mente de Raistlin. Ele observou a mulher friamente, com indiferença. Sua visão distorcida tinha liquidado para sempre qualquer desejo físico que o mago poderia vir a sentir quando olhava para a carne humana. Ele não era capaz de ver a beleza que tanto havia cativado Tanis e seu irmão. Seus olhos de ampulheta viam-na se degenerando e morrendo. Ele não sentia nenhuma

proximidade, nenhuma compaixão por ela. Ele sabia que ela tinha piedade dele e ele a odiava por isso, mas ela também o temia. Então, por que ela estava falando com ele?

Ela estava dizendo para ele esperar.

Raistlin compreendeu. Ela sabia o que ele pretendia fazer e ela estava lhe dizendo que não era necessário. Ela tinha sido escolhida. Era ela quem ia fazer o sacrifício.

Ele observou Lua Dourada com seus estranhos olhos dourados enquanto ela se aproximava com os olhos no dragão. Ele viu Sturm movendo-se solenemente ao lado dela, parecendo tão antigo e nobre quanto o próprio Huma. Que perfeito par Sturm fazia, o participante ideal no sacrifício de Lua Dourada. Mas, por que teria Vendaval permitido que ela fosse? Ele não viu o que ia acontecer? Raistlin olhou rapidamente para Vendaval. Ah, é claro! O meio elfo estava a seu lado, com cara de estar sofrendo, sem dúvida fazendo brotar palavras de sabedoria como sangue. O bárbaro estava se tornando tão ingênuo quanto Caramon. Raistlin voltou os olhos novamente para Lua Dourada.

Agora, ela estava diante do dragão, seu rosto pálido com a determinação. Ao lado dela, Sturm parecia sério e atormentado, consumido por um conflito interior. Lua Dourada, tinha provavelmente conseguido algum juramento de total obediência, ao qual o cavaleiro estava preso com sua honra. O lábio de Raistlin curvou-se num sorriso escarninho.

A dragoa falou e o mago ficou tenso, pronto para a ação.

— Coloque o cajado no chão junto com o resto da insensatez da humanidade —, a dragoa disse a Lua Dourada, inclinando sua cabeça de escamas brilhantes na direção do amontoado de tesouros embaixo do altar.

Lua Dourada, sobrepujada pela dragofobia, não se moveu. Ela não conseguia fazer nada a não ser olhar para a monstruosa criatura e tremer. Sturm, ao lado dela, vasculhou o tesouro com os olhos à procura dos Discos de

Mishakal, lutando para controlar o medo que sentia do dragão. Sturm não sabia que poderia ficar com tanto medo de alguma coisa. Ele repetia o código: "Honra é Vida," continuamente e sabia que só não tinha fugido ainda por causa de seu orgulho.

Lua Dourada viu a mão de Sturm tremer, ela viu o rosto do cavaleiro brilhando de suor. Querida deusa, ela gritou em sua alma, dê-me coragem! Então, Sturm cutucou-a. Ela percebeu que tinha que dizer alguma coisa, pois tinha ficado silenciosa durante muito tempo.

— O que você nos dará em troca cajado miraculoso? — Lua Dourada perguntou, esforçando-se para falar com calma, apesar de sua garganta estar seca e sua língua inchada.

A dragoa riu, uma risada feia e estridente.

— O que eu lhes darei? — A dragoa meneou a cabeça e olhou para Lua Dourada — Nada! Nada mesmo. Eu não faço negócios com ladrões. Mas... — A dragoa empinou a cabeça para trás, seus olhos vermelhos quase fechados, não passavam de uma fresta. Por brincadeira, ela enfiou uma de suas garras no corpo de Raistlin; o mago se encolheu, mas suportou a dor sem um murmúrio sequer. A dragoa removeu a garra e a manteve a uma altura em que todos poderiam ver o sangue pingar dela — Não é inconcebível que Lorde Verminaard, Alto Mestre do Dragão, veja de forma favorável o fato de vocês entregarem o cajado. Pode até ser que ele tenha uma tendência à misericórdia, ele é um clérigo e os clérigos têm valores estranhos. Mas, saiba disto, dama de Que-shu, Lorde Verminaard não precisa de seus amigos. Entregue o cajado agora e eles serão poupados. Force-me a pegá-lo e eles morrerão. O mago será o primeiro.

Lua Dourada, com o espírito visivelmente subjugado, caiu derrotada. Sturm moveu-se para perto dela, aparentemente para consolá-la.

— Eu encontrei os Discos —, ele sussurrou de forma áspera. Ele segurou o braço dela e viu que ela tremia de medo. — Você está realmente

decidida quanto ao curso de ação a ser seguido, minha dama? — ele perguntou suavemente.

Lua Dourada curvou a cabeça. Ela estava mortalmente pálida, mas calma e severa. Alguns cachos de seu fino cabelo prateado dourado tinham escapado da presilha e caído sobre o rosto escondendo sua expressão da dragoa. Apesar de parecer derrotada, Ela ergueu os olhos para Sturm e sorriu. Havia tanto paz quanto tristeza em seu sorriso que era muito parecido com o sorriso da deusa de mármore. Ela não disse nada, mas Sturm entendeu sua resposta. Ele curvou-se submisso.

— Que minha coragem seja igual à sua, dama — ele disse — Eu não a desapontarei.

— Adeus, cavaleiro. Diga a Vendaval... — Lua Dourada hesitou, piscando os olhos quando eles se encheram de lágrimas. Temendo que sua decisão pudesse ainda fraquejar, ela engoliu as palavras e virou-se para enfrentar a dragoa, quando a voz de Mishakal preencheu seu ser, em resposta a sua prece. "Apresente o cajado com bravura", Lua Dourada, impregnada com uma força interior, levantou o cajado de cristal azul.

— Nós não optamos por nos render! — Lua Dourada gritou e sua voz ecoou pela câmara. Movendo-se rapidamente, antes que a dragoa atônita pudesse reagir, a Filha do Líder brandiu o cajado uma ultima vez, atingindo a pata da dragoa que pairava sobre Raistlin.

O cajado produziu um som parecido com o de uma campainha quando atingiu a dragoa, depois, ele se partiu O cajado partido emitiu uma explosão de luz azul A luz foi ficando mais intensa, espalhando-se em ondas concêntricas que engoliram o dragão

Khisanth gritou de fúria. A dragoa estava terrivelmente fenda, uma fenda mortal Ela vergastou a cauda, arremessou a cabeça com violência e lutou para escapar da ardente chama azul Ela não queria mais nada a não ser matar aqueles

que haviam ousado infligir-lhe tamanha dor, mas o intenso fogo azul consumia sua carne sem descanso, da mesma forma que consumia Lua Dourada.

A Filha do Líder não largou o cajado quando ele se quebrou. Ela segurou um dos pedaços, assistiu enquanto a luz aumentava de intensidade, mantendo-o o mais próximo possível da dragoa. Quando a luz azul tocou suas mãos, ela sentiu uma dor intensa Ela cambaleou, caiu de joelhos, mas mesmo assim, continuou segurando o cajado Ela ouviu a dragoa gritar e rugir acima dela, depois não conseguiu ouvir mais nada alem do som de campainha do cajado. A dor se tornou tão intensa que não fazia mais parte dela e ela foi tomada por um grande cansaço. Eu vou dormir, ela pensou Eu vou dormir e, quando acordar, eu estarei no lugar ao qual eu realmente pertenço. Sturm viu a luz azul destruir lentamente a dragoa, depois ela se espalhou para alem do cajado, para Lua Dourada. Ele ouviu o som de campainha ficar cada vez mais intenso, ate encobrir os gritos do dragão que morria. Sturm deu um passo na direção de Lua Dourada, pensando em arrancar o cajado quebrado da mão dela e afastá-la da chama azul mas, enquanto se aproximava, ele percebeu que não poderia salvá-la.

Meio cego pela luz e ensurdecido pelo som, o cavaleiro percebeu que ele precisaria de toda sua força e coragem para cumprir seu juramento, recuperar os Discos. Ele desviou o olhar de Lua Dourada, cujo rosto estava contorcido pela agonia e cujo corpo estava sendo calcinado pelo fogo. Rangendo os dentes para enfrentar a dor que sentia na cabeça, ele cambaleou na direção da pilha do tesouro onde tinha visto os Discos, centenas de folhas finas de platina presas por um único anel. Sturm agachou-se para pegá-los e levantou-os, maravilhado com sua leveza. Então, seu coração quase parou de bater quando uma mão sangrenta levantou-se do monte do tesouro e agarrou seu pulso:

—Ajude-me!

Ele não ouviu tanto a voz, quanto sentiu o pensamento Ele agarrou a mão de Raistlin e ajudou o mago a se levantar. O sangue era visível no robe

vermelho de Raistlin, mas ele não parecia estar gravemente ferido, pelo menos, ele conseguia ficar em pé. Mas, será que ele conseguiria andar? Sturm precisava de ajuda. Ele queria saber onde os outros estavam, ele não conseguia ve-los, devido ao esplendor. De repente, Caramon surgiu ao lado dele, com a armadura brilhando na luz azul.

Raistlin agarrou-se a ele.

— Ajude-me a encontrar o grimório! — ele sibilou.

— Quem se importa com isso? — Caramon rugiu, agarrando seu irmão — Eu o tirarei daqui!

A boca de Raistlin se contorceu numa fúria e frustração tão grandes que ele não conseguia falar. Ele caiu de joelhos e começou a procurar freneticamente na pilha do tesouro. Caramon tentou afastá-lo, mas Raistlin o empurrou com sua mão frágil.

E o som de campainha, ainda penetrava em seus ouvidos. Sturm sentiu lagrimas de dor escorrerem em suas bochechas. De repente alguma coisa se estatelou no chão na frente do cavaleiro. O teto da câmara estava desmoronando! O prédio inteiro à volta deles estava tremendo, a vibração do som de campainha estava fazendo os pilares tremerem e as paredes trincarem.

Então, o som morreu, e com ele, a dragoa. Khisanth tinha desaparecido e deixado para trás nada mais do que um amontoado de cinzas fumegantes.

Sturm respirou aliviado, mas não por muito tempo. Assim que o som de campainha parou, ele começou a ouvir o som do palácio desmoronando, os tetos trincando, as pancadas e os estrondos de enormes placas de pedra caindo no chão. Depois, Tanis apareceu diante dele saindo do meio da poeira e do barulho. O sangue escorria de um corte na bochecha do meio elfo. Sturm agarrou seu amigo e puxou-o para o altar no momento em que outro pedaço do teto caiu perto deles.

— A cidade toda esta desmoronando! — Sturm gritou — Como é que nós vamos sair?

Tanis balançou a cabeça.

— O único caminho que eu conheço é de volta por onde viemos, por aquele túnel —, ele gritou. Ele se abaixou quando outro pedaço de teto caiu sobre o altar vazio.

— Por lá não é seguro! Tem de haver um outro caminho!

— Nós o encontraremos -—, Tanis disse com firmeza Ele espiou por entre a poeira que crescia — Onde estão os outros? — Ele perguntou. Então, virando-se, ele viu Raistlin e Caramon Tanis observou, com horror e aversão, o mago vasculhando o tesouro. Depois, viu uma pequena figura puxando Raistlin pela manga Bupu' Tanis lançou-se na direção dela, quase assustando a tola anã da ravina Ela se encolheu contra Raistlin e soltou um grito assustado

— Nos temos que sair daqui1 —Tanis rugiu Ele agarrou as vestes de Raistlin e arrastou o jovem mago — Pare de roubar e faça aquela anã da ravina nos mostrar a saída, se não você morrera por minhas mãos!

Os finos lábios de Raistlin abriram-se num sorriso fantasmagórico, quando Tanis o jogou contra o altar. Bupu soltou um grito estridente.

— Venha! Nós vamos! Eu saber caminho!

— Raist —, Caramon implorou, — você não vai conseguir encontrá-lo! Você vai morrer se nós não sairmos daqui!

— Muito bem —, o mago disse com rispidez. Ele tirou o Cajado de Magius de cima do altar e ficou em pé, estendendo o braço para que seu irmão o ajudasse — Bupu, mostre-nos o caminho —, ele ordenou.

— Raistlin, acenda seu cajado para que possamos segui-lo —Tanis ordenou — Eu vou buscar os outros.

— Ali, disse Caramon de forma sinistra—Você vai precisar de ajuda com o homem das planícies.

Tanis colocou o braço sobre o rosto, quando mais pedras caíram, depois, saltou sobre os destroços. Ele encontrou Vendaval caído no lugar onde Lua Dourada havia estado; Flint e Tasslehoff tentavam colocar o homem das

planícies em pé. Não havia mais nada lá a não ser uma grande área de pedra enegrecida. Lua Dourada tinha sido totalmente consumida pelas chamas.

— Ele está vivo? —Tanis gritou.

— Sim! —Tas respondeu, com sua voz estridente por cima do barulho — Mas, ele não se move!

— Eu falarei com ele —, Tanis disse — Sigam os outros. Alcançaremos vocês num minuto. Vão em frente!

Tasslehoff hesitou mas, depois de uma olhadela no rosto de Tanis, Flint colocou a mão no braço do kender. Fungando, Tas se virou e começou a correr por entre os destroços com o anão.

Tanis ajoelhou ao lado de Vendaval, depois o meio elfo ergueu os olhos quando Sturm apareceu do nada.

— Vá em frente —, Tanis disse — Você está no comando.

Sturm hesitou. Uma coluna desabou perto deles, fazendo chover poeira e pedras sobre eles. Tanis jogou seu corpo por cima do corpo de Vendaval.

— Vá! ele gritou para Sturm — Estou lhe passando a responsabilidade! Sturm respirou fundo, colocou uma mão no ombro de Tanis, depois correu na direção da luz do cajado de Raistlin.

O cavaleiro encontrou os outros agrupados em um corredor estreito. O teto em forma de arco acima deles parecia estar firme, mas Sturm ouvia ruídos surdos lá em cima. O chão tremeu embaixo de seus pés e pequenas correntes de água estavam começando a se infiltrar pelas novas fendas nas paredes.

— Onde está Tanis? — Caramon perguntou.

—Ele já está vindo —, Sturm disse asperamente — Nós esperaremos... pelo menos alguns minutos — Ele não disse que esperaria até a espera se transformar em morte.

Algo se rompeu produzindo um estalo. Água começou a jorrar da parede, inundando o chão. Sturm estava prestes a ordenar que os outros

saíssem, quando uma figura emergiu da passagem destruída. Era Vendaval, carregando o corpo inerte de Tanis nos braços.

—O que aconteceu? — Sturm saltou na direção dos dois, com a garganta apertada, —Ele não está...

—Ele ficou comigo —, Vendaval disse suavemente — Eu disse a ele que me deixasse. Eu queria morrer, lá com ela. Então, uma laje de pedra. Ele nem a viu...

—Eu o carregarei —, Caramon disse.

—Não! — Vendaval olhou para o homenzarrão. Seus braços apertaram ainda mais o corpo de Tanis — Eu o carregarei. Nós precisamos ir.

—Sim! Por aqui! Nós ir agora! — apressou a anã da ravina. Ela os guiou para fora da cidade que morria pela segunda vez. Eles deixaram o covil do dragão e entraram na praça, que estava sendo rapidamente inundada pelo Novo Mar que fluía para dentro da caverna que desmoronava. Os companheiros vadearam com dificuldade, dando as mãos uns para os outros, evitando dessa forma serem arrastados pela violenta correnteza. Anões da ravina, apinhavam-se em todos os lugares, num estado de total confusão, alguns eram levados pela correnteza, outros subiam nos andares superiores de edifícios que balançavam, ou corriam pelas ruas.

Sturm só conseguia pensar em uma saída — Vamos para o leste! — ele gritou, gesticulando na direção da rua larga que levava para a cachoeira. Ele olhou ansioso para Vendaval. O aturdido homem das planícies parecia ignorar a confusão à sua volta. Tanis estava inconsciente, talvez morto. O medo gelou o sangue de Sturm, mas ele fez um esforço violento para sufocar suas emoções. O cavaleiro correu na frente e alcançou os gêmeos.

— Nossa única chance é o elevador! — ele gritou.

Caramon fez um aceno afirmativo com a cabeça — Isso significa lutar.

— Sim, que se dane! — disse Sturm exasperado, visualizando todos os dragonianos tentando sair da cidade atingida — Isso significa lutar! Você tem uma idéia melhor?

Caramon sacudiu a cabeça.

Em um canto, Sturm esperava para reunir seu bando cansado e claudicante a fim de guiá-lo na direção certa. Através da névoa e da poeira, ele podia ver o elevador na frente deles. Estava, como ele havia previsto, cercado por uma massa escura e contorcida de dragonianos. Felizmente, todos eles tinham uma única intenção: fugir. Sturm sabia que eles tinham que atacar rapidamente para pegá-los desprevenidos. A escolha do momento era crítica. Ele segurou o kender, quando Tas, passou por ele.

—Tas! — ele gritou — Nós vamos subir de elevador!

Tasslehoff acenou com a cabeça para indicar que havia entendido, depois fez uma careta imitando um dragoniano e fez um sinal com a mão como se estivesse cortando sua garganta.

— Quando chegarmos perto —, Sturm gritou, — dê a volta sorrateiramente até um lugar de onde você possa ver o caldeirão descendo. Quando ele começar a descer, me dê um sinal. Nós atacaremos quando ele chegar ao chão.

O topete de Tasslehoff balançou.

— Diga ao Flint! — Sturm terminou quase totalmente sem voz de tanto gritar. Tas acenou outra vez com a cabeça e correu na direção do anão. Com um suspiro, Sturm endireitou as costas que doíam e continuou a descer a rua. Ele conseguia ver uns vinte ou vinte e cinco dragonianos reunidos no pátio, olhando para o caldeirão, que os levaria a um lugar seguro, começar sua descida. Sturm imaginou a confusão lá em cima, dragonianos chicoteando e intimidando os anões da ravina já mortos de medo, obrigando-os a entrar no elevador. Ele torcia para essa confusão durar um pouco mais.

Sturm viu os irmãos escondidos na sombra às margens do pátio. Ele se juntou a eles, olhando para cima nervosamente, no momento em que uma laje de pedra caiu atrás dele. Quando Vendaval cambaleou para fora da névoa e da poeira, Sturm começou a ajudá-lo, mas o homem das planícies olhou para o cavaleiro como se nunca o tivesse visto em toda sua vida.

— Traga Tanis para cá —, Sturm disse -.Você pode deitá-lo e descansar um pouco. Nós vamos subir pelo elevador, mas temos uma luta pela frente. Espere aqui. Quando dermos o sinal...

— Faça o que você tiver de fazer —, Vendaval interrompeu com frieza. Ele deitou o corpo de Tanis gentilmente no chão e caiu ao lado dele, escondendo rosto em suas mãos.

Sturm hesitou. Ele começou a se ajoelhar perto de Tanis quando Flint apareceu e ficou parado ao seu lado.

— Vá. Eu cuido dele —, o anão se ofereceu.

Sturm acenou com a cabeça, agradecendo. Ele viu Tasslehoff atravessar o pátio correndo e passar por uma porta. Olhando na direção do elevador, ele viu os dragonianos praguejando e gritando para a névoa, como se eles pudessem acelerar a descida do caldeirão.

Flint cutucou as costelas de Sturm.

— Como nós vamos enfrentar todos eles? — ele gritou.

—Nós não vamos. Você vai ficar aqui com Vendaval e Tanis —, Sturm disse. Caramon e eu podemos cuidar disso —, ele completou, desejando ele mesmo ser capaz de acreditar nisso.

— E eu — sussurrou o mago — Eu ainda tenho minhas magias — O cavaleiro não respondeu. Ele não confiava em mágica e não confiava em Raistlin. Por outro lado, ele não tinha outra escolha, Caramon não iria para a luta sem ter o irmão ao seu lado. Alisando o bigode, Sturm largou a espada inquieto. Caramon flexionava os braços, abrindo e fechando suas mãos imensas. Raistlin, de olhos fechados, estava perdido em concentração. Bupu,

escondida em um buraco na parede atrás dele, observava tudo com os olhos arregalados de medo.

O caldeirão surgiu trazendo anões da ravina pendurados nas bordas. Como Sturm suspeitava, os dragonianos que se encontravam no chão começaram a brigar entre si, nenhum deles queria ficar para trás. O pânico deles aumentou quando enormes fendas cortaram o pavimento na direção deles. Água subia pelas fendas. A cidade de Xak Tsaroth estaria muito em breve descansando no fundo do Novo Mar.

Assim que o caldeirão tocou o solo, os anões da ravina saltaram sobre a borda e fugiram. Os dragonianos subiam com dificuldade, batendo e empurrando uns aos outros.

— Agora! — o cavaleiro gritou.

— Saia do meu caminho! — o mago sibilou.Tirou um punhado de areia de um de seus bolsos, espalhou-o no chão e sussurrou, — Ast tasark sinuralan krynaw —, traçando um arco com sua mão direita na direção dos dragonianos. Um deles piscou os olhos, depois, outros fizeram o mesmo e caíram no chão dormindo, mas alguns deles continuaram em pé, olhando em volta assustados. O mago se escondeu atrás da porta ao não verem nada, os dragonianos voltaram sua atenção para o elevador, pisando nos corpos de seus camaradas que dormiam em sua pressa frenética. Raistlin encostou-se contra a parede e fechou os olhos exausto.

— Quantos? — ele perguntou.

— Só uns seis — Caramon tirou a espada da bainha.

— Entre na droga do caldeirão! — Sturm gritou — Nos voltaremos para pegar Tanis quando a luta terminar.

Protegidos pela névoa e com as espadas em punho, os dois guerreiros, cobriram a distância até os dragonianos no intervalo de apenas algumas batidas de seus corações. Raistlin ia tropeçando atrás deles. Sturm emitiu seu grito de batalha. Ao ouvi-lo, os dragonianos giraram o corpo amedrontados.

E Vendaval levantou a cabeça.

O som da batalha penetrou a bruma de desespero de Vendaval. O homem das planícies viu Lua Dourada diante dele, morrendo na chama azul. A expressão de morte desapareceu de seu rosto, substituída por uma ferocidade tão bestial e aterrorizante que Bupu, ainda escondida perto da porta, gritou de susto. Vendaval ficou em pé de um salto. Ele nem sacou a espada, atacando o inimigo com as mãos vazias. Ele se lançou contra as fileiras de dragonianos confusos, como uma pantera faminta e começou a matar. Ele matou com as mãos nuas, torcendo pescoços, estrangulando, arrancando os olhos. Os dragonianos atingiram-no com suas espadas; em pouco tempo, sua túnica de couro estava ensopada de sangue. Mesmo assim, ele não parou de se movimentar no meio deles e não parou de matar. Seu rosto era a face de um homem enlouquecido. Os dragonianos que se encontravam no caminho de Vendaval, viram a morte nos olhos dele, e eles viram também que suas armas não faziam nenhum efeito. Um deles fugiu correndo, logo depois o outro fez o mesmo.

Sturm, terminando com um oponente, ergueu os olhos com raiva, preparado para ver mais seis deles vindo em sua direção. Ao invés disso, ele viu o inimigo fugindo para dentro da névoa para salvar a vida. Vendaval caiu no chão coberto de sangue.

— O elevador! — O mago apontou. Ele pairava a uns sessenta centímetros do chão e estava começando a se mover para cima. Havia anões da ravina no caldeirão de cima vindo para baixo.

— Segurem o elevador! — Sturm gritou. Tasslehoff saiu correndo de seu esconderijo e saltou. Ele se agarrou à borda do caldeirão, e ficou com os pés balançando, tentando desesperadamente evitar que o caldeirão vazio subisse. — Caramon! Agarre-se nele! — Sturm ordenou ao guerreiro — Eu pegarei Tanis!

— Eu consigo segurá-lo, mas não por muito tempo — O homenzarrão grunhiu, agarrando a beirada e fincando os pés no chão. Ele fez o elevador

parar. Tasslehoff entrou no caldeirão na esperança de que seu pequeno corpo pudesse servir de lastro.

Sturm correu de volta até Tanis. Flint estava ao lado dele segurando seu machado.

— Ele está vivo! — o anão disse, enquanto o cavaleiro se aproximava. Sturm fez uma pausa momentânea para agradecer a algum deus, em algum lugar, depois ele e Flint levantaram o meio elfo ainda inconsciente e o carregaram para o caldeirão. Eles o colocaram dentro do elevador, depois voltaram para buscar Vendaval. Foi preciso quatro deles para colocar o corpo ensangüentado de Vendaval dentro do elevador. Tas tentou estancar o sangue com um de seus lenços, mas não obteve muito sucesso.

— Depressa! — Caramon arfou. Apesar de todo seu esforço, o caldeirão estava subindo lentamente.

— Entre! — Sturm ordenou a Raistlin.

O mago fitou o com frieza e correu de volta para dentro da névoa. Depois de alguns segundos, ele reapareceu carregando Bupu nos braços. O cavaleiro pegou a anã da ravina, que tremia, e a colocou no elevador. Bupu, agachou-se no fundo do caldeirão choramingando, segurando ainda a bolsa contra o peito. Raistlin subiu pelo lado. O caldeirão continuava a subir. Os braços de Caramon quase foram arrancados de suas juntas.

—Vá você—, Sturm ordenou a Caramon, como de costume o cavaleiro era sempre o último a deixar o campo de batalha. Caramon sabia que não valia a pena discutir. Ele alçou a si mesmo, quase tombando o caldeirão. Flint e Raistlin puxaram-no para dentro. Sem Caramon para segurá-lo, o caldeirão lançou-se para cima com rapidez. Sturm segurou-se com as duas mãos numa das bordas, enquanto o caldeirão subia. Depois de duas ou três tentativas, ele conseguiu jogar uma perna sobre a borda e subiu com a ajuda de Caramon.

O cavaleiro ajoelhou-se ao lado de Tanis e ficou extremamente aliviado ao ver o meio elfo mexer-se e resmungar. Sturm agarrou o meio elfo e segurou-o próximo de si.

—Você não tem a menor idéia da minha felicidade em saber que você está vivo! — o cavaleiro disse com a voz rouca.

— Vendaval... —Tanis murmurou grogue.

— Ele está aqui. Ele salvou sua vida. Ele salvou as vidas de todos nós. — Sturm falava rapidamente, de forma quase incoerente — Nos estamos subindo no elevador. A cidade está destruída. Onde você está ferido?

— Parece que eu quebrei algumas costelas — Encolhendo-se de dor, Tanis olhou para Vendaval, que ainda estava consciente apesar dos ferimentos — Pobre homem —, Tanis disse em tom suave — Lua Dourada. Eu a vi morrer, Sturm. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Sturm ajudou o meio elfo a se levantar.

— Nós estamos com os Discos —, o cavaleiro disse com firmeza — Era o que ela queria, a razão pela qual ela lutou. Eles estão na minha mochila. Tem certeza de que você consegue ficar em pé?

— Sim —, Tanis disse. Ele sentia muita dor ao respirar — Nós estamos com os Discos, seja lá qual for o bem que eles nos trarão.

Eles foram interrompidos por gritos estridentes, quando o segundo caldeirão passou por eles, cheio de anões da ravina agitando-se no ar como bandeiras. Os anões da ravina agitavam os punhos e amaldiçoavam os companheiros. Bupu riu, depois ficou em pé, olhando para Raistlin preocupada. O mago encostou-se, na parede do caldeirão exausto, com os lábios movendo-se em silêncio, trazendo a memória uma outra magia.

Sturm olhava para a névoa acima.

— Estou tentando adivinhar quantos dragonianos nós encontraremos lá em cima! — ele disse.

Tanis também olhou para cima.

— Espero que a maioria deles tenha fugido —, ele disse. Ele tomou fôlego e colocou a mão sobre as costelas.

Houve um balanço repentino. O caldeirão desceu cerca de trinta centímetros e parou com um tranco, depois, lentamente, começou a subir novamente. Os companheiros se entreolharam assustados.

— O mecanismo...

— Ou ele está prestes a quebrar, ou os dragonianos nos reconheceram e estão tentando destruí-lo —, Tanis disse.

— Não há nada que possamos fazer —, Sturm disse frustrado. Ele olhou para o pacote contendo os Discos que estava a seus pés — Exceto rezar para estes deuses...

O caldeirão deu um outro solavanco e desceu novamente. Ele ficou suspenso por um momento, balançando no ar encoberto pela névoa. Depois começou a subir, movendo-se devagar, vibrando. Os companheiros podiam ver a beirada da plataforma de rocha e a abertura acima deles. O caldeirão subiu rangendo a cada centímetro, todos seus passageiros sustentando mentalmente cada elo da corrente que os carregava para cima, em direção aos...

— Dragonianos!—gritou Tas, com sua voz estridente, apontando para cima. Dois dragonianos olhavam para o grupo dentro do elevador. Enquanto o caldeirão se aproximava cada vez mais, Tanis viu os dragonianos se agacharem e se prepararem para saltar.

— Eles vão pular aqui dentro! O caldeirão não vai agüentar! Flint rugiu — Nós vamos cair!

— Essa pode ser a intenção deles —, Tanis disse — Eles têm asas.

— Afastem-se —, Raistlin disse, cambaleando ao se levantar.

— Raist, não! — Seu irmão o segurou — Você está muito fraco.

— Eu tenho forças para mais uma magia —, o mago sussurrou — Mas, pode ser que não funcione. Pode ser que eles consigam resistir à magia se eles perceberem que eu sou um magi.

— Esconda-se atrás do escudo de Caramon —, Tanis disse apressadamente. O homenzarrão jogou o corpo e o escudo na frente de seu irmão.

A névoa redemoinhava em volta deles, escondendo-os dos olhos dos dragonianos, mas também impedindo que eles vissem os dragonianos. O caldeirão subiu, centímetro a centímetro, a corrente rangendo e balançando enquanto subia. Raistlin colocou-se atrás do escudo de Caramon, seus olhos estranhos observando, esperando que a névoa se abrisse.

O ar fresco tocou o rosto de Tanis. Uma brisa abriu a névoa, por um instante. Os dragonianos estavam tão perto que eles quase podiam tocá-los! Os dragonianos viram-nos ao mesmo tempo. Um deles abriu as asas e flutuou para baixo na direção do caldeirão com a espada na mão, guinchando em triunfo.

Raistlin falou. Caramon retirou o escudo e o mago abriu seus dedos finos. Uma bola de cor branca disparou de suas mãos e atingiu o dragoniano bem no peito. A bola explodiu, cobrindo a criatura com uma teia pegajosa. Seu grito de triunfo se transformou em um berro de desespero, quando a teia se enrascou em suas asas. A criatura mergulhou na névoa, mas seu corpo atingiu a borda do caldeirão de ferro, enquanto caia. O caldeirão começou a balançar e a inclinar.

—Ainda tem mais um! — Raistlin arfou, caindo de joelhos — Segure-me em pé, Caramon, me ajude a levantar! — O mago começou a tossir violentamente, o sangue escorria de sua boca.

—Raist! — seu irmão implorou, largando o escudo e segurando o irmão que desmaiava — Pare! Não há nada que você possa fazer. Você vai se matar!

Um olhar de comando foi suficiente. O guerreiro sustentou seu irmão, enquanto o mago começava a falar novamente naquela língua mágica que tem um som tenebroso.

O dragoniano que restava hesitou, ele ainda ouvia os gritos de seu companheiro que havia caído. Ele sabia que o humano era um utilizador de

mágica. Ele também sabia que provavelmente conseguiria resistir à mágica. Mas, este humano que ele estava enfrentando não era igual aos outros utilizador de mágica que ele já tinha encontrado. O corpo desse humano parecia fraco, praticamente a ponto de morrer, mas uma forte aura de poder o circundava.

O mago levantou a mão e apontou para a criatura. O dragoniano lançou um último olhar cruel contra os companheiros, depois virou-se e fugiu. Raistlin deixou-se cair inconsciente nos braços de seu irmão, enquanto o caldeirão completava sua jornada até a superfície.

22

O PRESENTE DE BUPU.
UMA VISÃO AMEAÇADORA

Assim que eles tiraram Vendaval do elevador, um tremor súbito fez balançar o chão da Sala dos Ancestrais. Os companheiros, cambalearam para trás, arrastando Vendaval com eles, quando o chão trincou. O solo cedeu e desmoronou, levando a grande roda e os caldeirões de ferro para dentro da névoa abaixo deles.

— Todo este lugar está desmoronando! — Caramon gritou assustado, segurando seu irmão nos braços.

— Corram!

—Voltem para o Templo de Mishakal —Tanis arfou de dor.

— Confiando nos deuses outra vez, uh? — Flint disse. Tanis não conseguiu responder.

Sturm agarrou o braço de Vendaval e começou a levantá-lo, mas o homem das planícies balançou a cabeça e o repeliu — Meus ferimentos não são graves. Eu agüento. Deixe-me — Ele continuou caído no chão despedaçado.Tanis deu uma olhada inquisitiva para Sturm. O cavaleiro encolheu os ombros. O Cavaleiro Solâmnico considerava o suicídio uma atitude nobre e honrada. Os elfos o consideravam uma blasfêmia.

O meio elfo agarrou o cabelo longo e escuro do homem das planícies e puxou sua cabeça para trás de forma que o homem atônito pudesse olhar dentro dos olhos de Tanis.

— Vá em frente. Deite-se e morra! —Tanis disse com os dentes cerrados — Envergonhe sua líder! Ela pelo menos teve coragem de lutar!

Os olhos de Vendaval se desmancharam em lágrimas. Ele pegou o pulso de Tanis e jogou o meio elfo para longe de si com tanta força que Tanis cambaleou, bateu na parede e resmungou de dor. O homem das planícies ficou em pé e olhou para Tanis com ódio. Depois, ele se virou e saiu tropeçando de cabeça baixa pelo corredor que trepidava.

Sturm ajudou Tanis a se levantar, o meio elfo estava tonto de dor. Eles seguiram os outros o mais rápido que podiam. O solo se inclinava descontroladamente. Quando Sturm escorregou, eles bateram contra uma parede Um sarcófago escorregou para o corredor, derramando seu horrendo conteúdo. Um crânio rolou para perto dos pés de Tanis, assustando o meio elfo que caiu de joelhos. Ele tinha medo de desmaiar por causa da dor.

— Vá —, ele tentou dizer para Sturm, mas não conseguia falar. O cavaleiro o agarrou e, juntos, eles cambalearam pelo corredor engolido pela poeira. Ao pé da escada chamada Caminho dos Mortos, eles encontraram Tasslehoff esperando.

—E os outros? — Sturm perguntou ofegante, tossindo por causa da poeira.

—Eles já subiram para o templo —, Tasslehoff disse — Caramon disse para eu esperar vocês aqui. Flint disse que o templo é seguro, porque as pedras foram trabalhadas por anões. Raistlin está consciente. Ele também disse que era seguro. Alguma coisa com relação a estarmos seguros na palma da mão de uma deusa. Vendaval está lá. Ele olhou para mim. Eu acho que ele seria capaz de me matar! Mas, ele subiu as escadas...

— Está bem! —Tanis disse para interromper a garrulice — Chega! Coloque-me no chão, Sturm. Eu preciso descansar um minuto, se não eu desmaio. Leve Tas, eu os encontrarei lá em cima. Vão logo. Droga!

Sturm agarrou Tasslehoff pelo colarinho e o arrastou escada acima. Tanis se sentou no chão. O suor, esfriava seu corpo; respirar era uma agonia. De repente, o que sobrava do piso da Sala dos Ancestrais ruiu, com um grande estrondo. O Templo de Mishakal trepidava, e balançava. Tanis levantou-se cambaleando, depois fez uma pausa por um momento. Ele conseguia ouvir atrás dele, bem baixinho, o som das águas subindo. O Novo Mar tinha reivindicado Xak Tsaroth. A cidade que antes estava morta, estava agora sendo enterrada.

Tanis emergiu lentamente do poço da escada e entrou na sala circular. A subida tinha sido um pesadelo, cada novo passo um milagre. A câmara estava abençoadamente quieta. O único som que se ouvia era o respirar pesado dos amigos que tinham chegado até aqui e estavam caídos exaustos. Ele também não conseguiria ir mais adiante.

O meio elfo olhou em volta, para ter certeza de que os outros estavam bem.

Sturm tinha colocado no chão o pacote contendo os Discos e estava encostado em uma parede com os ombros caídos. Raistlin estava deitado em um banco com os olhos fechados. Sua respiração era curta e rápida. Caramon é

claro, estava sentado ao lado dele com o rosto sério de ansiedade. Tasslehoff sentou-se ao pé do pedestal, olhando para o alto. Flint encostou-se às portas, cansado demais para resmungar.

— Onde está Vendaval? — Tanis perguntou. Ele viu Caramon e Sturm trocarem olhares, depois abaixarem os olhos.Tanis levantou-se com dificuldade, a raiva superando a dor. Sturm levantou-se e bloqueou seu caminho.

— A decisão é dele, Tanis. É o jeito do povo dele e é o jeito do meu. Tanis empurrou o cavaleiro para o lado e caminhou na direção das portas duplas. Flint não se mexeu.

— Saia do meu caminho —, o meio elfo disse, sua voz tremia. Flint ergueu os olhos; as linhas de sofrimento e aflição gravadas ao longo de cem anos amenizavam a expressão da testa franzida do anão. Tanis viu nos olhos de Flint a sabedoria acumulada que havia feito com que um infeliz menino meio elfo, meio humano tivesse uma estranha e duradoura amizade com um anão.

— Sente-se, rapaz —, Flint disse com uma voz gentil, como se ele também se lembrasse das origens deles — Se sua cabeça de elfo não consegue entender, então ouça seu coração humano pelo menos uma vez.

Tanis fechou os olhos, as lágrimas queimavam suas pálpebras. Então, ele ouviu um forte grito dentro do templo, Vendaval. Tanis jogou o anão de lado e abriu as enormes portas douradas. Caminhando rapidamente, ignorando a dor, ele abriu o segundo conjunto de portas e entrou na câmara de Mishakal. Mais uma vez ele sentiu a paz e a tranqüilidade inundarem seu ser, mas agora estes sentimentos tinham se adicionado à raiva por aquilo que havia acontecido.

— Eu não posso acreditar em você! —Tanis gritou — Que tipo de deuses são vocês que exigem um sacrifício humano? Vocês são os mesmos deuses que trouxeram o Cataclismo sobre os homens. Tudo bem... vocês são poderosos! Agora, nos deixem em paz! Nós não precisamos de vocês! — O meio elfo teve um acesso de choro. Em meio às suas lágrimas, ele podia ver que

Vendaval estava ajoelhado diante da estátua com a espada na mão. Tanis cambaleou para frente, na esperança de impedir o ato da autodestruição. Tanis circulou a base da estatua e parou, atônito. Por um minuto, ele se recusou a acreditar em seu próprio sentido da visão; talvez o sofrimento e a dor estivessem pregando peça? em sua mente. Ele ergueu os olhos para o rosto lindo e calmo da estátua e estabilizou seus sentidos confusos. Então, ele olhou outra vez.

Lua Dourada estava lá deitada, dormindo profundamente, seu peito subindo e descendo com o ritmo de sua tranqüila respiração. O cabelo prateado dourado dela tinha se soltado da trança e sido soprado para o rosto dela pela brisa gentil que enchia a câmara com a fragrância da primavera. O cajado era mais uma vez parte da estátua de mármore, mas Tanis viu que Lua Dourada tinha em sua garganta o colar que antes adornava a estátua.

— Agora, eu sou uma clériga de verdade —, Lua Dourada disse suavemente — Eu sou uma discípula de Mishakal e, apesar de ainda ter muito que aprender, eu tenho o poder da minha fé. Acima de tudo, eu sou uma curandeira. Eu trago o dom da cura de volta para a terra.

Esticando a mão, Lua Dourada tocou Tanis na testa, murmurando uma prece para Mishakal. O meio elfo sentiu paz e força fluírem através de seu corpo, limpando seu espírito e curando seus ferimentos.

—Agora, nós temos uma clériga —, Flint disse, — e isso será muito útil. Mas pelo que nós ouvimos, esse Lorde Verminaard também é um clérigo e ele é poderoso. Pode ser que nós tenhamos encontrado os antigos deuses do bem, mas ele encontrou os antigos deuses do mal muito antes. Eu não vejo como estes Discos vão ser de muita ajuda contra as hordas de dragões.

— Você tem razão —, Lua Dourada disse suavemente — Eu não sou uma guerreira. Sou uma curandeira. Eu não tenho o poder de unir o povo de nosso mundo para lutar contra esse mal e restaurar o equilíbrio. Meu dever é

encontrar a pessoa que tem a força e a sabedoria para essa tarefa. Eu devo entregar os Disco de Mishakal para essa pessoa.

Os companheiros ficaram em silêncio durante um bom tempo. Depois...

— Nós temos de sair daqui, Tanis —, Raistlin sibilou das sombras do Templo onde estava, olhando para o pátio — Ouçam.

Cornetas. Todos eles podiam ouvir o orneio estridente de muitos, muitos clarins, trazidas pelo vento norte.

— Os exércitos —, Tanis disse suavemente — A guerra começou.

Os companheiros saíram de Xak Tsaroth durante o crepúsculo. Eles viajaram para o oeste, na direção das montanhas. O ar estava frio e penetrante como o ar do começo do inverno. Folhas mortas, sopradas pelos ventos frios, passavam voando próximo a seus rostos. Eles decidiram caminhar na direção de Solace, planejando comprar suprimentos e coletar todas as informações que conseguissem, antes de decidirem para onde seguir em busca de um líder.Tanis era capaz de antever discussões neste sentido. Sturm já estava falando de Solamnia. Lua Dourada mencionou Haven, enquanto o próprio Tanis estava pensando que os Discos de Mishakal estariam mais seguros no reino élfico.

Eles viajaram até bem tarde da noite discutindo planos vagos. Eles não viram nenhum dragoniano e supuseram que aqueles que tinham escapado de Xak Tsaroth tinham viajado para o norte, para se reunirem aos exércitos de Lorde Verminaard, Alto Mestre do Dragão. A lua prateada nasceu, depois a vermelha. Os companheiros haviam chegado a um ponto elevado, o som dos clarins fez com que eles passassem do ponto de exaustão. Depois de um jantar melancólico durante o qual não ousaram acender uma fogueira, eles montaram a guarda e depois adormeceram.

Raistlin acordou naquele horário cinza antes do amanhecer. Ele tinha ouvido a alguma coisa. Será que ele tinha sonhado? Não, lá estava ele de novo, o som de alguém chorando. Lua Dourada, o mago pensou irritado e começou a se

deitar de novo. Então, ele viu Bupu, encolhida como uma bola de sofrimento, debulhando-se em lágrimas enrolada em um cobertor.

Raistlin olhou em volta. Os outros estavam dormindo, com exceção de Flint que estava montando guarda do outro lado do acampamento. Aparentemente, o anão, não tinha ouvido nada e ele não estava olhando na direção de Raistlin. O mago levantou-se e caminhou suavemente até ela. Depois de se ajoelhar ao lado da anã da ravina, ele colocou a mão no ombro dela.

— O que foi, pequenina?

Bupu rolou no chão, até ficar de frente para ele. Seus olhos estavam vermelhos e seu nariz inchado. Lágrimas rolavam pelo seu rosto sujo. Ela fungou e limpou o nariz com a mão — Eu não querer deixar você. Querer ir com você —, ela disse com a voz entrecortada —, mas, oh, eu sentir falta meu povo! — Chorando, ela escondeu o rosto em suas próprias mãos.

Um olhar de carinho infinito surgiu no rosto de Raistlin, um olhar que ninguém no seu mundo iria ver. Ele esticou a mão e alisou os cabelos grossos de Bupu, sabendo como é se sentir fraco e inadequado, o objeto de pena e escárnio.

— Bupu —, ele disse —, você tem sido uma amiga boa e verdadeira para mim.. Você salvou minha vida e a vida daqueles a quem eu amo. Agora, você fará mais uma coisa para mim, pequenina. Volte. Eu terei de viajar por estradas que serão escuras e perigosas antes do fim da minha jornada. Eu não posso lhe pedir para vir comigo.

Bupu levantou a cabeça, seus olhos brilhavam. Então, ela ficou séria.

— Mas, você ser infeliz sem eu.

— Não —, Raistlin disse, sorrindo —, minha felicidade será saber que você está segura, junto de seu povo.

— Você tem certeza? — Bupu perguntou ansiosamente.

— Eu tenho —, Raistlin respondeu.

— Então, eu vou — Bupu ficou em pé — Mas, primeiro, você pega presente — Ela começou a remexer dentro de sua bolsa.

— Não, pequenina —, Raistlin começou a dizer, lembrando-se do lagarto morto. — isso não é necessário... — As palavras ficaram presas em sua garganta quando ele viu Bupu tirar um livro de sua sacola... Ele ficou pasmo, vendo a luz pálida da manhã fria iluminar runas prateadas em uma capa de couro azul como a noite.

Raistlin esticou a mão tremendo.

— O grimório de Fistandantilus! — ele suspirou.

— Você gosta? — Bupu disse timidamente.

— Sim, pequenina! — Raistlin pegou o precioso objeto em suas mãos e o segurou carinhosamente, acariciando o couro — Onde ...

— Eu pegar dragão —, Bupu disse — quando luz azul brilhar. Eu feliz você gostar. Agora, eu ir. Encontrar Alto Bulp Troles-boles I, o grande.

Ela pendurou a bolsa no ombro. Depois, ela parou e se virou.

— Aquela tosse... você certo não quer cura lagarto?

— Não, obrigado, pequenina —, Raistlin disse, levantando-se.

Bupu olhou para ele, com tristeza, depois, com grande audácia, ela segurou a mão dele na dela e a beijou. Ela se virou, com a cabeça baixa, soluçando desconsolada.

Raistlin deu um passo à frente. Ele colocou a mão na cabeça dela. Se é que eu tenho algum poder, Ó Grandioso, ele disse para si mesmo, poder que ainda não me tenha sido revelado, permita que esta pequenina viva sua vida com segurança e felicidade.

—Adeus, Bupu —, ele disse suavemente.

Ela olhou para ele com os olhos arregalados, depois virou-se e correu tão rápido quanto seus sapatos folgados lhe permitiam.

— O que foi tudo aquilo? — Flint perguntou, enquanto caminhava pesadamente vindo do outro lado do acampamento — Ah! —, ele completou,

vendo Bupu correndo — Então, você se livrou de sua anã da ravina de estimação.

Raistlin não respondeu, limitou-se, simplesmente a olhar para Flint com uma malevolência que fez o anão estremecer e se afastar a passos largos.

O mago segurou o livro de magias em suas mãos, admirando-o. Ele estava ansioso para abri-lo e se deleitar com seus tesouros, mas sabia que havia longas semanas de estudo à sua frente antes mesmo dele ser capaz de ler as novas magias, quanto mais aprendê-las. E com as mágicas viria mais poder! Ele suspirou extasiado e apertou o livro contra seu peito delicado. Depois, enfiou o livro em sua mochila junto com seu próprio grimório. Os outros iam acordar em breve, deixe-os imaginar como ele havia conseguido o livro.

Raistlin levantou-se, olhando para o oeste, para sua terra natal, onde o céu estava clareando com o sol da manhã. De repente ele ficou tenso. Então, largando a mochila, ele atravessou o acampamento correndo e se ajoelhou ao lado do meio elfo.

— Tanis! — Raistlin, sibilou — Acorde!

Tanis acordou e pegou a adaga.

— O que...

Raistlin apontou para o oeste.

Tanis piscou, tentando focar os olhos. A vista do topo da montanha onde eles estavam acampados era magnífica. Dali se podia ver as árvores altas darem lugar as planícies gramadas. E para além das planícies, ziguezagueando em direção ao céu...

— Não! —Tanis engasgou. Ele segurou o mago — Não pode ser!

— Sim —, Raistlin sussurrou — Solace está em chamas.

LIVRO II

1

NOITE DOS DRAGÕES

Tika torceu o pano no balde e observou entediada, enquanto a água a negra. Ela jogou o pano no balcão e começou a levantar o balde a fim de levá-lo de volta à cozinha para pegar mais água. Depois, ela pensou, por que me preocupar! Pegando o pano, ela começou a limpar as mesas outra vez. Quando pensou que Otik não estava olhando, ela enxugou os olhos com o avental.

Mas Otik estava olhando. Suas mãos rechonchudas seguraram os ombros de Tika e gentilmente fizeram ela virar. Tika deu um soluço estrangulado e deitou i cabeça no ombro dele.

— Desculpe-me —, Tika disse soluçando, — mas eu não consigo limpar isto!

Otik sabia, é claro, que esta não era a verdadeira razão pela qual a garota estava chorando, mas chegava perto. Ele deu uns tapinhas nas contas dela, gentilmente.

— Eu sei, eu sei, minha filha. Não chore. Eu entendo.

— É esta droga de fuligem! —Tika lamuriou-se — Ela cobre tudo de preto e todo dia eu limpo e no dia seguinte está preto de novo. Eles continuam queimando e queimando!

— Não se preocupe com isso, Tika —, Otik disse, alisando o cabelo dela — Seja grata pelo fato da Hospedaria estar intacta...

—Ser grata?! —Tika afastou-se dele, seu rosto ficou vermelho — Não! Eu queria que ela tivesse queimado como tudo mais em Solace, aí, eles não viriam aqui! Eu queria que tivesse queimado! Eu queria que tivesse queimado! —Tika debruçou na mesa, soluçando descontroladamente. Otik ficou rondando em volta dela.

—Eu se, minha querida, eu sei —, ele repetiu, alisando as mangas bufantes da blusa que Tika tinha tanto orgulho em manter limpa e branca. Agora elas estavam sujas e coberta de fuligem como tudo mais na cidade destruída.

O ataque contra Solace tinha acontecido sem aviso. Mesmo quando os primeiros refugiados vindos do norte começaram a surgir na cidade num estado deplorável, contando histórias horríveis de enormes monstros alados, Hederick, o Alto Teocrata, garantiu ao povo de Solace que ele estava seguro, pois sua cidade seria poupada. E o povo acreditou nele porque o povo queria acreditar nele.

E então, veio a noite dos dragões.

A Hospedaria estava lotada naquela noite, era um dos poucos lugares onde as pessoas podiam ir e não serem lembradas das nuvens de tempestade que pairavam nos céus do norte. O fogo, iluminava a Hospedaria, a cerveja

estava ótima, as batatas temperadas estavam uma delícia. Mesmo assim, até ali, o mundo de fora se intrometeu: todos falavam em voz alta e com medo da guerra.

As palavras de Hederick tranqüilizaram os corações amedrontados.

— Nós não somos como esses idiotas inconseqüentes do norte que cometeram o erro de desafiar o poder dos Altos Lordes do Dragão —, ele gritou de pé em uma cadeira, para ser ouvido — Lorde Verminaard garantiu pessoalmente ao Conselho dos Altos Seguidores em Haven que ele só quer a paz. Ele pede permissão para passar.por nossa cidade com seus exércitos para poder conquistar as terras élficas ao sul. E eu desejo que ele continue a ter sucesso!

Hederick fez uma pausa e ouviu alguns aplausos e aclamações esparsas.

— Nós toleramos os elfos de Qualinesti há tempo demais. E eu acho, que devemos deixar esse Verminaard mandá-los de volta para Silvanost ou seja lá qual for o lugar de onde eles vieram! Na verdade... — Hederick ficou empolgado —... alguns de vocês jovens deveriam considerar a hipótese de se alistar no exército deste grande lorde. E ele é um grande Lorde! Eu o conheci! Ele é um verdadeiro clérigo! Eu vi os milagres que ele tem feito! Nós entraremos em uma nova era sob a liderança dele! Nós expulsaremos os elfos, os anões, e os outros estrangeiros de nossas terras e...

Aí, ouviu-se um rugido, baixo e abafado, como a acumulação de águas de um poderoso oceano. Fez-se um silêncio abrupto. Todos ouviam intrigados, tentando descobrir o que poderia produzir aquele som. Hederick, ciente de que tinha perdido sua audiência, olhou em volta irritado. O bramido crescia cada vez mais e se aproximava. De repente, a Hospedaria mergulhou em uma escuridão espessa e sufocante. Algumas pessoas gritaram. A maioria correu para as janelas, tentando espiar pela poucas vidraças transparentes espalhadas no meio do vidro colorido do vitral.

— Desça e descubra o que está acontecendo —, alguém disse.

— Está tão escuro que eu não consigo ver as estrelas — outra pessoa murmurou.

E, de repente, a escuridão desapareceu.

Chamas explodiam do lado de fora da Hospedaria. Uma onda de calor atingiu o prédio com força suficiente para estilhaçar as janelas e provocar uma chuva de vidro naqueles que estavam do lado de dentro. A poderosa copadeira, que nenhuma tempestade em Krynn tinha conseguido abalar, começou a oscilar por causa da explosão. A Hospedaria inclinou. As mesas correram para um lado; os bancos escorregaram e foram de encontro à parede. Hederick perdeu o equilíbrio e caiu da cadeira. Brasas foram arremessadas da lareira, enquanto as lâmpadas a óleo do teto e as velas das mesas começaram pequenos incêndios.

Um som estridente elevou-se acima do barulho e da confusão, era o grito de alguma criatura viva, um grito cheio de ódio e crueldade. O rugido passou por cima da Hospedaria. Houve um jato de vento e, depois a escuridão desapareceu no momento em que uma parede de chamas se ergueu ao sul.

Tika derrubou uma bandeja de canecas no chão, quando se agarrou desesperadamente ao balcão, em busca de apoio. As pessoas em volta dela gritavam e berravam, algumas por causa da dor, outras por causa do medo.

Solace estava em chamas.

Um brilho cor de laranja apavorante iluminou o salão. Nuvens de fumaça negra entravam pelas janelas quebradas. O cheiro de madeira queimada encheu as narinas de Tika, junto com um cheiro mais horrível o cheiro de carne humana queimada. Tika engasgou e, quando olhou para cima. viu pequenas chamas lambendo os grandes galhos da copadeira que sustentavam o teto. O som do verniz crepitando e estourando no calor misturava-se com os gritos

— Joguem água no fogo! — Otik gritava freneticamente.

— A cozinha! — A cozinheira gritou, enquanto fugia pela porta de vai vem a roupa soltando fumaça e uma sólida barreira de chamas atrás dela. Tika pegou jarra de cerveja do balcão e jogou-a no vestido da cozinheira, depois

manteve-a parada para encharcar suas roupas. Rhea caiu sentada numa ira chorando histericamente.

— Saiam daqui! Isso aqui vai explodir! — Alguém gritou.

Hederick, empurrando os feridos para poder passar, foi um dos primeiros a chegar à porta. Ele correu para a plataforma da frente da Hospedaria, depois parou atordoado e segurou no corrimão para se apoiar. Olhando para o norte, ele viu as matas queimando centenas de criaturas marchando com a fantasmagórica luz do fogo refletindo em suas asas de couro. Tropas dragonianas. Ele assistiu aterrorizado quando as primeiras fileiras entraram na cidade de Solace, sabendo que deveria haver milhares mais, atrás destes. E sobre eles voavam criaturas que haviam saído das histórias infantis.

Dragões.

Cinco dragões vermelhos voavam em círculos no céu iluminado pelas labaredas. Primeiro um, depois outro, mergulhou, incinerando partes da pequena cidade com seu hálito incandescente e conjurando a espessa e mágica escuridão. Era impossível lutar contra eles, os guerreiros não enxergavam o suficiente para mirar suas flechas ou atingi-los com suas espadas.

O resto da noite ficou anuviada na memória de Tika. Ela ficou repetindo para si mesma que deveria sair da Hospedaria em chamas, mas a Hospedaria era sua casa, ela se sentia segura ali, por isso, ela ficou, apesar do calor da cozinha em chamas ter ficado tão intenso que seus pulmões doíam quando ela respirava. No momento em que as chamas se espalharam para o salão comum, a cozinha desabou. Otik e as garçonetes jogaram baldes de cerveja nas chamas do salão comum, até o fogo ser finalmente extinto.

Depois que o incêndio foi apagado, Tika voltou sua atenção para os feridos. Otik caiu em um canto tremendo e soluçando. Tika mandou uma das outras garçonetes cuidar dele, enquanto ela começava a tratar os feridos. Ela trabalhou durante horas, recusando-se a olhar para fora das janelas, eliminando

de sua memória os sons horríveis de morte e destruição que se ouvia do lado de fora.

De repente, ocorreu a ela que os feridos não tinham fim, que havia mais pessoas deitadas no chão do que quando a Hospedaria foi atacada. Atordoada, ela ergueu os olhos e viu pessoas se espalhando desordenadamente. Esposas ajudavam os maridos. Maridos carregavam as esposas. Mães carregavam crianças agonizantes.

— O que está acontecendo? —Tika perguntou a um guarda Seguidor que entrou cambaleando, apertando o braço no local onde ele tinha sido atingido por uma flecha. Outros se empurravam atrás dele — O que está acontecendo? Por que estas pessoas estão vindo aqui?

O guarda olhou para ela com os olhos embaciados e cheios de dor.

— Este é o único edifício —, ele murmurou — Está pegando fogo. Tudo...

— Não! —Tika ficou mole com o choque e seus joelhos começaram a tremer. Naquele momento, o guarda desmaiou em seus braços e ela foi obrigada a se manter firme. A última coisa que ela viu enquanto arrastava o guarda para dentro foi Hederick, de pé no alpendre, contemplando a cidade em chamas com os olhos vidrados. Lágrimas corriam em seu rosto coberto de fuligem sem serem notadas.

— Alguém cometeu um erro —, ele se lamentou, torcendo as mãos— Alguém cometeu um erro em algum momento.

Isso tinha acontecido uma semana antes. Como se descobriu mais tarde, a Hospedaria não foi o único edifício que ficou em pé. Os dragonianos sabiam quais eram os edifício essenciais para suas necessidades e destruíram todos aqueles que não eram. A Hospedaria, a loja do ferreiro Theros Ferro Forjado e a loja geral foram poupadas. A loja do ferreiro sempre foi no solo, por não ser aconselhável ter uma forja quente em cima de uma árvore, mas as outras

tiveram que ser transferidas para o solo por que os dragonianos achavam difícil subir nas árvores.

Lorde Verminaard ordenou aos dragões que baixassem os edifícios. Depois que uma área foi queimada e limpa, um dos enormes monstros vermelhos enfiou suas garras na Hospedaria e levantou-a. Os dragonianos deram vivas, quando o dragão a colocou sobre a grama escurecida no chão, de forma não gentil. Cotiliquê Toede encarregado da cidade, mandou Otik consertar a Hospedaria imediatamente. Os dragonianos tinham uma grande fraqueza, gostavam de bebidas fortes. A Hospedaria reabriu três dias depois da cidade ter sido tomada.

— Eu estou bem agora —, Tika disse a Otik. Ela sentou e enxugou os olhos, limpando o nariz no avental — Eu não tinha chorado mais depois daquela noite —, ela disse, mais para si mesma do que para ele. Seus lábios se apertaram — E eu nunca mais chorarei! — ela jurou levantando-se da mesa.

Otik, que não tinha compreendido, mas estava grato por Tika ter recuperado a compostura antes dos fregueses chegarem, voltou rapidamente para detrás do balcão.

— Esta quase na hora de abrir —, ele disse, tentando soar animado — Quem sabe nós vamos ter bastante movimento hoje.

— Como é que você consegue aceitar o dinheiro deles? —Tika perguntou irritada.

Temendo um novo acesso, Otik olhou para ela com um ar suplicante.

— O dinheiro deles é tão bom quanto o de qualquer outro. Melhor do que o da maioria, hoje em dia —, ele disse.

— Uh! —Tika bufou. Seus cachos vermelhos movimentavam-se, enquanto ela caminhava irritada e apressada. Otik, que já conhecia o temperamento dela, deu um passo para trás. Não adiantou. Ela o alcançou. Ela enfiou um dedo no estômago gordo dele — Como é que você pode rir das piadas rudes que eles contam e atender aos caprichos deles? — ela reclamou —

Eu odeio a fedentina deles! Eu odeio seus olhares com segundas intenções e suas mãos frias e escamosas, tocando a minha! Algum dia eu...

— Tika, por favor! — Otik implorou — Tenha alguma consideração por mim. Eu estou velho demais para ser levado para as minas de escravos! E você, eles te levariam amanhã mesmo, se você não trabalhasse aqui. Por favor, comporte-se, seja uma boa moça!

Tika mordeu o lábio de ódio e frustração. Ela sabia que Otik tinha razão. Ela arriscava mais do que ser mandada em uma das caravanas de escravos que passavam pela cidade quase que diariamente, um dragoniano irritado matava com rapidez e sem misericórdia. Enquanto ela pensava nisto, a porta se abriu com um estrondo e seis guardas dragonianos entraram com ar arrogante. Um deles tirou a placa da porta onde estava escrito "FECHADO" e jogou-a em um canto.

— A Hospedaria está aberta —, a criatura disse, jogando-se em uma cadeira.

— Sim, com certeza — Otik sorriu, debilmente —Tika...

— Eu estou vendo —, Tika disse sem entusiasmo.

2

O ESTRANHO.

CAPTURADOS

A freqüência da Hospedaria naquela noite foi esparsa. Os fregueses eram agora dragonianos, apesar de alguns residentes de Solace ainda entrarem para um drinque. Em geral, eles não ficavam muito tempo por achar a companhia desagradável e ser difícil suportar as lembrança dos velhos tempos.

Naquela noite, havia um grupo de hobgoblins que olhava os dragonianos com desconfiança e três humanos vestidos de forma grosseira que tinham vindo do norte. No início, eles tinham.sido forçados a trabalhar para lorde Verminaard, mas agora eles lutavam simplesmente pelo prazer de matar e saquear Havia alguns cidadãos de Solace sentados em um canto. Hederick, o Teocrata, não estava em seu lugar habitual. Lorde Verminaard tinha recompensado o serviço prestado pelo Alto Teocrata colocando-o entre os primeiros a serem mandados para as minas de escravos.

Perto do pôr do sol, um estranho entrou na Hospedaria e ocupou uma mesa em um canto escuro perto da porta. Tika não sabia dizer muito a respeito dele, ele vestia um manto pesado e usava um capuz que lhe cobria cabeça. Ele parecia fatigado, sentou-se devagar em sua cadeira como se suas pernas não fossem mais capazes de sustentá-lo.

— O que você deseja? —Tika perguntou ao estranho. O homem baixou a cabeça e puxou um lado de seu capuz com sua mão delgada.

— Nada, obrigado —, ele disse com uma voz suave carregada de sotaque

— É permitido sentar-se aqui e descansar? Eu tenho que encontrar alguém.

— Que tal uma caneca de cerveja enquanto espera? —Tika sorriu.

O homem olhou para cima e ela viu os olhos castanhos brilharem das profundezas de seu capuz.

— Está bem—, o estranho disse — Estou com sede. Traga-me sua cerveja.

Tika caminhou na direção do bar. Enquanto pegava a cerveja, ela ouviu mais fregueses entrando na Hospedaria.

— Só um minuto —, ela gritou, incapaz de se virar — Sentem-se onde quiserem. Eu os atenderei assim que puder! — Ela olhou por sobre os ombros, para os recém chegados e quase deixou a caneca cair. Tika engoliu em seco e tentou se manter calma. — Não os entregue!

— Sentem-se em qualquer lugar, estranhos —, ela disse em voz alta.

Um dos homens, um cara grande, deu a impressão de que ia falar alguma coisa. Tika franziu a testa para ele e balançou a cabeça. Seus olhos voltaram-se para os dragonianos sentados no centro do saguão. Um homem de barba liderava o grupo que passou diante dos dragonianos que examinaram os estranhos com grande interesse.

Eles viram quatro homens e uma mulher, um anão e um kender. Os homens estavam vestidos com mantos e botas manchados de lama. Um deles era extremamente alto. outro extremamente grande. A mulher estava coberta com peles e caminhava de braço dado com o homem alto. Todos eles pareciam abatidos e cansados. Um dos homens tossia e se apoiava em um cajado de aparência estranha. Eles cruzaram o saguão e se sentaram em uma mesa no canto mais longínquo.

— Mais dessa escória de refugiados —, zombou um dragoniano — Os humanos parecem sadios e todos sabem que anões são bons trabalhadores. Por que será que eles não foram despachados?

— Eles serão assim que o Cotiliquê deitar os olhos neles.

— Talvez nos devêssemos cuidar desse assunto agora mesmo —, disse um terceiro, franzindo a testa na direção dos oito estranhos.

— Não, eu estou de folga. Eles não vão muito longe.

Os outros riram e continuaram a beber. Já havia várias canecas vazias na frente deles.

Tika levou a cerveja para o estranho de olhos castanhos e a colocou na frente dele apressadamente, depois correu até a mesa dos recém chegados.

— O que vocês vão querer? — Ela perguntou com frieza. O homem alto, de barba respondeu com uma voz baixa e rouca.

— Cerveja e comida —, ele disse — E vinho para ele —, ele acenou com a cabeça para o homem que estava tossindo quase sem parar. O homem sacudiu a cabeça.

— Água quente —, ele murmurou.

Tika acenou e saiu. Por força do hábito, ela estava indo para o lugar onde era a cozinha antigamente. Depois, lembrando-se de que ela não existia mais, deu uma volta e se dirigiu para a cozinha improvisada que tinha sido construída por goblins sob a supervisão dragoniana. Assim que chegou à cozinha, ela surpreendeu a cozinheira ao pegar a frigideira com todas as batatas apimentadas e levá-la para o saguão comum.

— Cerveja para todos e uma caneca de água quente! — ela pediu a Dezra atrás do balcão. Tika agradeceu às estrelas, por Otik ter ido para casa mais cedo — Itrum, atenda aquela mesa — Ela passou pela mesa dos hobgoblins enquanto voltava para os recém chegados. Ela bateu a frigideira na mesa, olhando de relance para os dragonianos. Vendo que eles estavam absortos com suas bebidas ela, de repente, abraçou o grande homem e deu-lhe um beijo, que o fez ficar vermelho.

— Ah. Caramon —, ela sussurrou rapidamente — Eu sabia que você voltaria para mim. Me leve com você! Por favor! Por favor!

— Ei, devagar, devagar —, Caramon disse, dando uns tapinhas sem jeito nas costas dela e pedindo ajuda para Tanis com um olhar. O meio elfo interveio rapidamente, sem tirar os olhos dos dragonianos.

— Tika, acalme-se —, ele disse para ela —Tem gente olhando.

— É verdade —, ela disse com sagacidade e endireitou o corpo, alisando o avental. Depois de trazer os pratos, ela começou a servir as batatas apimentadas enquanto Dezra trazia a cerveja e a água quente.

— Conte-nos o que aconteceu em Solace —, Tanis disse com a voz engasgada.

Tika sussurrou rapidamente a história, enquanto servia o prato de todos eles, dando uma porção dupla para Caramon. Os companheiros ouviram num silêncio assustador.

— E então —, Tika concluiu, — toda semana, as caravanas de escravos partem para Pax Tharkas, só que agora eles já levaram quase todo mundo, e deixaram para trás só os peritos como Theros Ferro Forjado. Eu temo por ele — Ela baixou a voz — Ele jurou para mim a noite passada que não trabalharia mais para eles. Tudo começou com aquele grupo de elfos cativos...

— Elfos! O que os elfos estão fazendo aqui? —Tanis perguntou, falando alto demais, por causa do assombro. Os dragonianos viraram as cabeças para olhar para ele; o estranho de capuz que estava no canto levantou a cabeça. Tanis, curvou-se e esperou que os dragonianos voltassem suas atenções para os drinques. Depois, começou a fazer novas perguntas sobre os elfos para Tika. Naquele instante, os dragonianos gritaram pedindo mais cerveja.

Tika suspirou.

— É melhor eu ir — Ela colocou a frigideira na mesa — Eu a deixarei aqui. Terminem de comer as batatas.

Os companheiros comeram com desânimo, a comida tinha gosto de cinzas. Raistlin preparou sua estranha infusão de ervas e a bebeu; sua tosse melhorou quase que imediatamente. Caramon observava Tika enquanto comia com um ar pensativo. Ele ainda podia sentir o calor do corpo dela no momento em que o abraçou e a delicadeza de seus lábios. Sensações agradáveis

percorreram seu corpo e ele se pôs a pensar se as histórias que ele tinha ouvido sobre Tika eram verdadeiras. Esse pensamento deixou-o triste e com ódio.

Um dos dragonianos ergueu a voz.

—Pode ser que nós não sejamos homens com os quais você está acostumada, doçura —, ele disse bêbado e colocou o braço escamoso em volta da cintura de Tika — Mas, isso não significa que nós não sejamos capazes de encontrar formas de fazê-la feliz.

Caramon soltou um grunhido do fundo da garganta. Sturm, que tinha ouvido tudo, olhou com raiva e levou a mão à espada. Segurando o braço do cavaleiro, Tanis disse, autoritário.

— Vocês dois, parem com isso! Nós estamos numa cidade invadida! Sejam sensatos. Isto não é hora de cavalheirismos! Você também, Caramon! Tika sabe cuidar de si mesma.

Dito e feito. Tika se esquivou com habilidade do toque do dragoniano e voltou irritada para a cozinha, pisando duro.

— Bem, o que é que nós fazemos agora? — Flint resmungou — Nós voltamos para Solace à procura de suprimentos e tudo que encontramos são dragonianos. Minha casa virou cinza. Tanis não tem nem mesmo uma copadeira, quanto mais uma casa. Tudo que nós temos são os Discos de platina de alguma deusa antiga e um mago doente com alguns feitiços novos — Ele ignorou o olhar furioso de Raistlin — Nós não podemos comer os Discos e o mago não aprendeu a conjurar comida então, mesmo que soubéssemos para onde ir, nós morreríamos de fome antes de chegar lá!

— Você ainda acha que nós deveríamos ir para Haven? — Lua Dourada perguntou, erguendo os olhos para Tanis — E se a situação lá estiver tão ruim quanto aqui? Como é que descobrimos se o Conselho dos Altos Seguidores ainda existe?

— Eu não sei dizer —, Tanis disse suspirando. Ele esfregou os olhos com a mão — Mas, eu acho que nós deveríamos tentar chegar em Qualinesti.

Tasslehoff, entediado com a conversa, bocejou e se inclinou apoiando-se as costas da cadeira. Para ele não importava para onde eles iam. Examinando a Hospedaria com muito interesse, ele teve vontade de se levantar e olhar o lugar exato onde a cozinha era antigamente, mas antes deles entrarem Tanis tinha-os alertado para eles não arranjarem confusão. O kender contentou-se em estudar os outros fregueses.

Ele notou imediatamente o estranho de capuz e manto na entrada da Hospedaria observando-os com atenção, enquanto a conversa entre os companheiros se tornava mais calorosa. Tanis levantou a voz e a palavra "Qualinesti" soou novamente. O estranho colocou a caneca de cerveja na mesa com uma pancada. Quando Tas ia chamar a atenção de Tanis para esse fato, Tika saiu da cozinha com a comida dos dragonianos, batendo com os pratos na mesa ao servi-los, evitando habilmente as mãos com garras dos dragonianos. Depois, ela voltou até o grupo.

— Você poderia me trazer mais batatas? — Caramon perguntou.

— É claro —Tika sorriu para ele e pegou a frigideira para voltar à cozinha. Caramon sentiu os olhos de Raistlin observando-o. Ele ficou vermelho e começou a brincar com o garfo.

— Em Qualinesti... —Tanis reiterou, levantando a voz enquanto contestava um ponto de Sturm que queria ir para o norte.

Tas viu o estranho do canto levantar-se e caminhar na direção deles. — Tanis, pessoal —, o kender disse suavemente.

A conversa parou. Com os olhos em suas canecas de cerveja, todos eles eram capazes de sentir e ouvir a aproximação do estranho. Tanis xingou a si mesmo por não tê-lo notado antes.

Os dragonianos, por outro lado, tinham notado o estranho. Assim que ele chegou perto da mesa das criaturas, um dos dragonianos estendeu o pé com garras em seu caminho. O estranho tropeçou e caiu de cabeça em uma mesa

próxima. As criaturas gargalharam. Então, um dragoniano viu de relance, o rosto

— Elfo! — o dragoniano sibilou, puxando o capuz e revelando os olhos amendoados e as orelhas pontiagudas e delicadas e os traços masculinos de um elfo.

— Deixe-me passar —, o elfo disse afastando-se com as mãos levantadas — Eu só ia saudar estes viajantes.

— Você vai saudar o Cotiliquê, elfo —, o dragoniano rangeu os dentes. Levantando-se num salto e segurando o estranho pelo colarinho de seu manto, a criatura empurrou o elfo de costas contra o balcão. Os outros dois dragonianos riram alto.

Tika, que voltava para a cozinha com a frigideira, caminhou na direção dos dragonianos.

— Parem com isso! — ela gritou, segurando um dos dragonianos pelo braço — Deixe-o em paz. Ele é um freguês que paga pelo que consome tanto quanto vocês.

— Vá cuidar da sua vida, garota! — O dragoniano empurrou Tika de lado, depois agarrou o elfo com uma das mãos e o atingiu duas vezes no rosto. As pancadas arrancaram sangue. Quando o dragoniano o soltou, o elfo cambaleou, chacoalhando a cabeça grogue.

— Ah, mate-o —, gritou um dos humanos do norte — Faça-o esganiçar, como os outros!

— Eu arrancarei os olhos amendoados de sua cabeça, é isso que eu farei! — O dragoniano sacou a espada.

— Isto já foi longe demais! — Sturm ergueu-se e os outros foram atrás dele, apesar de todos acharem que havia pouca chance de salvar o elfo, eles estavam muito longe dele. Mas, havia ajuda mais perto. Com um grito agudo de raiva Tika Waylan acertou a cabeça do dragoniano com sua pesada frigideira de ferro.

Ouviu-se um som metálico abafado. O dragoniano olhou para Tika com um ar estúpido durante um segundo, depois caiu no chão como uma cobra. O elfo pulou para frente e sacou uma faca enquanto os outros dois dragonianos se levantavam para pegar Tika. Sturm chegou ao lado dela e acertou um dos dragonianos com sua espada. Caramon levantou o outro em seus grandes braços e jogou-o sobre o balcão.

— Vendaval! Não deixe que eles saiam pela porta! —Tanis gritou, ao ver os hobgoblins se levantarem. O homem das planícies segurou um dos hobgoblins no momento em que ele colocava a mão na maçaneta da porta, mas o outro escapou de sua mão. Eles o ouviram chamar os guardas.

Tika, ainda empunhando sua frigideira, acertou um hobgoblin na cabeça. Mas, outro hobgoblin, ao ver Caramon avançar em sua direção, pulou pela janela.

Lua Dourada colocou-se de pé.

— Use sua mágica! — ela disse para Raistlin, agarrando-o pelo braço — Faça alguma coisa1

O mago olhou para a mulher com frieza.

— É um caso perdido —, ele sussurrou — E não vou desperdiçar minha energia.

Lua Dourada olhou para o mago furiosa, mas ele já tinha voltado para sua bebida. Achando melhor ficar calada, ela correu até Vendaval levando a bolsa contendo os preciosos Discos de Mishakal em seus braços. Ela podia ouvir as cornetas tocando sem parar nas ruas.

— Nós temos que sair daqui! —Tanis disse, mas naquele momento um dos guerreiros humanos prendeu o pescoço de Tanis numa gravata, derrubando-o no chão. Tasslehoff deu um grito, pulou no balcão e começou a jogar canecas contra o adversário do meio elfo, quase acertando Tanis.

Flint estava observando o elfo estranho no meio desse caos — Eu te conheço! — ele gritou de repente —Tanis, ele não é ...

Uma caneca atingiu a cabeça do anão, derrubando-o imediatamente.

— Ops—, disse Tas.

Tanis sufocou o nortista e o deixou inconsciente debaixo de uma mesa. Ele tirou Tas do balcão, colocou o kender no chão e ajoelhou-se ao lado de Flint que estava resmungando, tentando se levantar.

— Tanis, aquele elfo ... — Flint piscou meio grogue depois perguntou — O que foi que me atingiu?

— Aquele cara grande debaixo da mesa! —Tas disse apontando.

Tanis colocou-se em pé e olhou para o elfo que Flint tinha indicado.

— Gilthanas?

O elfo o encarou.

— Tanthalas, ele disse sem emoção — Eu jamais o teria reconhecido. Essa barba...

As cornetas tocaram novamente, desta vez mais próximas.

— Grande Reorx! — O anão grunhiu e levantou-se cambaleando — Nós temos que sair daqui! Vamos pelos fundos!

— Não tem mais os fundos! —Tika gritou, ainda segurando a frigideira.

— Não —. disse uma voz à porta — Não tem mais os fundos. Vocês são meus prisioneiros.

A chama de uma tocha iluminou o saguão. Os companheiros protegeram os olhos, distinguindo a silhueta de hobgoblins atrás de uma figura pequena e gorda na porta. Os companheiros podiam ouvir o som de pés andando do lado de fora, depois o que parecia ser uma centena de goblins, olhou para dentro das janelas e espiou pela porta. Os hobgoblins atrás do balcão que ainda estavam vivos ou conscientes, levantaram-se e empunharam suas espadas, examinando os companheiros com raiva.

— Sturm, não seja tolo! — Tanis gritou e segurou o cavaleiro quando ele já se preparava para atacar a agitada massa de goblins que lentamente formava um anel de aço em volta deles — Nós nos entregamos —, o meio elfo gritou.

Sturm olhou para o meio elfo com raiva e, por um momento, Tanis pensou que ele fosse desobedecer.

— Por favor, Sturm —, Tanis disse calmamente — Confie em mim. Não é hora de morrermos.

Sturm hesitou, olhou em volta, para os goblins que se amontoavam dentro da Hospedaria. Eles ficaram parados, com medo da espada dele e de sua perícia, mas ele sabia que eles atacariam num segundo, se ele fizesse o menor movimento — Não é hora de morrermos — Que palavras estranhas. Por que será que Tanis as tinha dito? Será que algum homem já teve uma "hora de morrer"? Se ela existe, Sturm percebeu que esta não era a hora, se dependesse dele. Não havia glória em morrer em uma Hospedaria, pisado pelos pés fedorentos dos goblins.

Vendo que o cavaleiro tinha guardado sua arma, a figura que estava à porta decidiu que era seguro entrar, rodeado por uns cem soldados de sua tropa. Os companheiros viram a pele cinza e manchada e os olhos vermelhos e semicerrados como os olhos de um porco de Cotiliquê Toede.

Tasslehoff engoliu em seco e se apressou em ficar ao lado de Tanis.

— Com certeza, ele não nos reconhecerá —, Tas murmurou — O sol estava se pondo quando eles nos pararam, perguntando pelo cajado.

Aparentemente, Toede não os reconheceu. Muita coisa tinha acontecido em uma semana e o Cotiliquê tinha coisas importantes em sua cabeça que já estava cheia. Seus olhos vermelhos focaram os emblemas de cavaleiro, sob o manto de Sturm.

— Mais refugiados de Solamnia —, Toede comentou.

— Sim — Tanis mentiu rapidamente. Ele duvidava que Toede soubesse da destruição de Xak Tsaroth. Ele achou que seria altamente improvável que este Cotiliquê soubesse qualquer coisa sobre os Discos de Mishakal. Mas, Lorde Verminaard sabia dos Discos e ele logo saberia da morte do dragão. Até mesmo um anão da ravina seria capaz de fazer essa ligação. Ninguém pode saber que

eles vieram do leste — Nós viajamos vários dias vindo do norte. Nós não queríamos criar confusão. Estes dragonianos começaram tudo...

— Sim, sim —, Toede disse com impaciência — Eu já ouvi isso antes.

Seus olhos, que já eram fechados, se estreitaram ainda mais.

— Ei, você! — ele gritou, apontando para Raistlin — O que você está fazendo, se escondendo aí atrás? Peguem-no, rapazes! — O Cotiliquê deu um passo nervoso para trás da porta enquanto observava Raistlin cautelosamente. Vários goblins correram para os fundos, derrubando mesas e cadeiras no afã de chegar até o jovem frágil. Caramon grunhiu no fundo de seu peito. Tanis fez um gesto para o grande guerreiro, aconselhando-o a ficar calmo.

— Levante-se! — um dos goblins resmungou, cutucando Raistlin com uma lança.

Raistlin se levantou lenta e cuidadosamente e recolheu suas bolsas. Quando ele ia pegar seu cajado, o goblin agarrou o ombro frágil do mago.

— Não me toque! — Raistlin disse com sua voz sibilante, afastando-se — Eu sou um magi!

O goblin hesitou e olhou para Toede.

— Pegue-o! — gritou o Cotiliquê, escondendo-se atrás de um goblin imenso. Traga-o aqui com os outros. Se todo homem usando um robe vermelho fosse um mágico, este país seria destruído por coelhos! Se ele não vier pacificamente, espete-o!

— Talvez eu o espete assim mesmo —, o goblin grasnou. A criatura segurou a ponta de sua lança contra a garganta do mago, gorgolejando de tanto rir. Mais uma vez, Tanis segurou Caramon. Seu irmão é capaz de cuidar de si mesmo —, ele sussurrou rapidamente. Raistlin levantou as mãos, os dedos abertos como se estivesse se rendendo. De repente, ele disse as palavras, — Kalith karan, tobanis-kar! — e apontou os dedos para o goblin. Pequenos dardos, brilhantes feitos de pura luz branca, saíram em feixes da ponta dos dedos do mago, atravessaram o ar como listras e foram cravar profundamente

no peito do goblin. A criatura caiu com um grito estridente e ficou se contorcendo no chão.

Enquanto o cheiro de carne e pelos queimando enchia o ar, os outros goblins avançaram uivando, furiosos.

— Não o matem, seus tolos! —Toede gritou. O Cotiliquê tinha se afastado da porta, mas continuava mantendo o goblin imenso na frente dele como proteção — Lorde Verminaard paga uma boa recompensa por utilizadores de mágica. Mas... Toede estava inspirado... — o Lorde, não paga nenhum prêmio por kenders vivos, somente por suas línguas! Faça isso outra vez mago, e o kender morre!

— De que me vale o kender? — Raistlin resmungou.

Houve um longo silêncio na sala. Tanis sentiu o suor frio escorrendo. Não havia dúvida de que Raistlin, era capaz de cuidar de si mesmo! Que se dane o mago!

Essa com certeza, também não era a resposta que Toede estava esperando e ele ficou meio sem saber o que fazer, principalmente porque esses grandes guerreiro? ainda estavam com suas armas. Ele olhou quase que implorando para Raistlin. O mago pareceu encolher os ombros.

— Eu irei pacificamente —, Raistlin sussurrou, seus olhos dourados brilhando — Só não me toquem.

— Não. claro que não —, Toede murmurou — Tragam-no.

Os goblins, lançando olhares inquietos na direção do Cotiliquê, permitiram que o mago ficasse ao lado de seu irmão.

— Estão todos aí? — perguntou Toede, irritado — Então, peguem suas espadas e suas mochilas.

Tanis, na esperança de evitar mais confusão, tirou o arco do ombro e o colocou junto com sua aljava no chão cheio de fuligem da Hospedaria. Tasslehoff colocou rapidamente seu hoopak no chão; o anão, resmungando,

deixou seu machado de batalha. Os outros seguiram a liderança de Tanis, exceto Sturm que se levantou e cruzou os braços contra o peito, e...

— Por favor, deixe-me ficar com minha mochila —, Lua Dourada disse — Eu não tenho armas nela, nada de valor para vocês. Eu juro!

Os companheiros viraram e olharam para ela, todos eles se lembrando dos preciosos Discos que ela carregava. Um silêncio tenso caiu sobre eles. Vendaval ficou de frente para Lua Dourada. Ele tinha colocado seu arco no chão, mas ainda tinha a espada, o cavaleiro também.

De repente Raistlin interveio. O mago tinha colocado no chão seu cajado, suas bolsas de componentes de magia e a mochila preciosa que continha seus grimórios. Ele não estava preocupado com eles, ele tinha colocado magias de proteção nos livros; qualquer pessoa que não fosse o próprio dono que os tentasse ler, ficaria louco; e o Cajado de Magius era suficientemente capaz de tomar conta de si mesmo. Raistlin esticou as mãos na direção de Lua Dourada.

— Dê-lhes a mochila —, ele disse gentilmente — Senão, eles vão nos matar.

— Ouça o que ele diz, minha querida —, disse Toede, com pressa — Ele é um homem inteligente.

— Você é um traidor! — gritou Lua Dourada, apertando a mochila.

— Dê a mochila para eles —, Raistlin repetiu de forma hipnótica.

Lua Dourada sentiu-se enfraquecer, sentiu o estranho poder dele tomando conta dela.

— Não! — Ela engasgou — Esta é nossa esperança...

— Tudo vai ficar bem —, Raistlin sussurrou, olhando dentro de seus olhos azuis claros — Lembre-se do cajado? Lembra quando eu o toquei?

Lua Dourada piscou.

— Sim —, ela murmurou — Ele deu um choque em você...

— Psiu — Raistlin alertou — Dê-lhes a mochila. Não se preocupe. Tudo sairá bem. Os deuses protegem a quem lhes pertence.

Lua Dourada fixou o olhar no do mago, depois fez um sinal com a cabeça ainda relutante. Raistlin esticou as mãos delicadas para pegar a bolsa dela. Cotiliquê Toede olhou para a bolsa com ganância, ansioso para saber o que havia dentro dela. Ele iria descobrir, mas não na frente de todos esses goblins.

Por fim, havia apenas uma pessoa que não tinha obedecido ao comando. Sturm estava imóvel, o rosto pálido, seus olhos piscavam extremamente agitados. Ele segurava firmemente a antiga espada de duas mãos de seu pai. De repente, Sturm virou-se, chocado por sentir os dedos de Raistlin queimando seu braço.

— Eu garantirei sua segurança —, o mago murmurou.

— Como? — o cavaleiro perguntou, recuando para evitar o toque de Raistlin como se ele fosse uma cobra venenosa.

— Eu não tenho de explicar meus métodos para você —, Raistlin sibilou — Confie em mim ou não, você escolhe.

Sturm hesitou.

— Isto é ridículo! — Toede esganiçou — Matem o cavaleiro! Matem-nos, se eles causarem mais problemas. Eu estou perdendo meu sono!

— Muito bem! — Sturm disse com uma voz engasgada. Ele avançou e colocou sua espada com reverência sobre o monte de armas. Sua antiga bainha de prata decorada com o alcione e a rosa cintilava sob a luz.

— Ah, realmente uma linda arma —, Toede disse. Ele teve uma visão repentina dele mesmo se encaminhando para uma audiência com Lorde verminaard, trazendo a espada de um cavaleiro Solâmnico pendurada na cintura — Talvez eu mesmo deva ficar com ela em custodia. Traga-a...

Antes que ele pudesse terminar, Raistlin deu um passo a frente e se ajoelhou ao lado da pilha de armas. Um clarão luminoso saiu de sua mão. Raistlin fechou os olhos e começou a murmurar palavras estranhas, enquanto mantinha as mãos esticadas sobre as armas e as mochilas.

— Detenham-no! — Toede gritou. Mas, ninguém ousou.

Por fim, Raistlin parou de falar e sua cabeça se curvou para frente. Seu irmão correu para ajudá-lo. Raistlin colocou-se de pé.

— Saibam disto! — o mago disse, seus olhos dourados percorrendo todo o saguão comum — Eu conjurei uma magia sobre nossos pertences. Qualquer um que vier a tocá-los será lentamente devorado por um grande verme Catyrpelius, que subirá do Abismo e chupará o sangue de suas veias até ele não ser mais do que uma casca seca.

— O grande verme Catyrpelius! — soprou Tasslehoff, com os olhos brilhando — Isso é incrível. Eu nunca ouvi falar de...

Tanis colocou a mão sobre a boca do kender.

Os goblins se afastaram do monte de armas que parecia quase brilhar com uma aura verde.

— Alguém, pegue aquelas armas! — ordenou Toede, furioso.

— Pegue-as você! — murmurou um goblin.

Ninguém se mexeu. Toede estava confuso. Apesar dele não ser particularmente criativo, uma imagem vivida do grande verme Catyrpelius surgiu em sua mente.

— Muito bem —, ele murmurou, — levem os prisioneiros' E coloquem-nos em jaulas. E tragam essas armas também, ou vocês desejarão que o tal do verme que eu não sei o nome estivesse chupando seu sangue1 Toede saiu pisando duro irritado.

Os goblins começaram a empurrar os prisioneiros para a porta, cutucando-os nas costas com suas espadas. Entretanto, ninguém tocou Raistlin.

— Foi um feitiço maravilhoso, Raist —, Caramon disse em voz baixa — Quão eficiente ele é? Ele poderia ...

— A eficiência dele depende da sua inteligência! — Raistlin sussurrou e ergueu a mão direita. Quando viu a marca negra da pólvora que provocou o clarão. Caramon deu um sorriso sinistro de quem tinha compreendido.

Tanis foi o último a sair da Hospedaria..Ele deu uma ultima olhada em volta. Havia uma única lâmpada pendurada no teto. Mesas tinham sido viradas, cadeiras quebradas. Os galhos de sustentação do telhado estavam enegrecidos pelo fogo, em alguns casos completamente queimados. As janelas, estavam cobertas com uma fuligem negra e gordurosa.

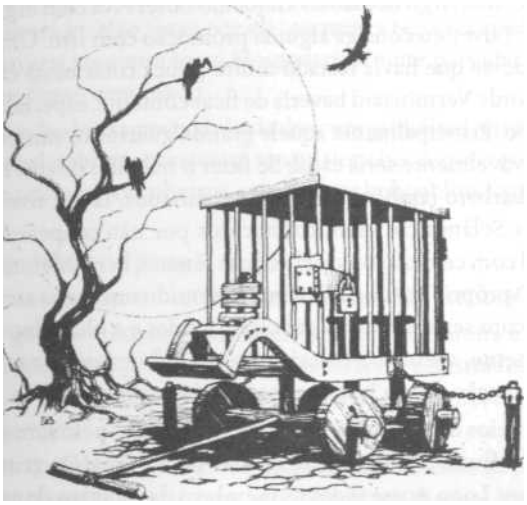
— Eu quase desejo que eu tivesse morrido sem ter visto isso.

A última coisa que ele ouviu quando saiu foi dois capitães hobgoblins discutindo calorosamente quem ia transportar as armas encantadas.

3

A CARAVANA DE ESCRAVOS

UM ESTRANHO E VELHO MAGO



Os companheiros passaram a noite, sem dormir, confinados em uma jaula com barras de ferro sobre rodas, na Praça da Cidade de Solace. Três jaulas foram acorrentadas em um poste enfiado no chão perto da clareira. Os postes de madeira estavam enegrecidos pelo fogo e pelo calor e suas bases estavam chamuscadas e lascadas. Não havia nenhum sinal de vida naquela clareira; até mesmo as pedras estavam negras e derretidas. Quando amanheceu, eles foram capazes de ver mais prisioneiros nas outras jaulas. A última caravana de escravos que partia de Solace para PaxTharkas seria guiada pelo próprio Cotiliquê que tinha decidido aproveitar esta oportunidade para impressionar Lorde Verminaard que estava morando em PaxTharkas.

Caramon tentou dobrar as grades da jaula, na calada da noite, mas teve que desistir.

Uma névoa fria se levantou nas primeiras horas da manhã e escondeu a cidade destruída dos companheiros. Tanis olhou para Lua Dourada e Vendaval.

Agora eu os compreendo, Tanis pensou. Agora eu conheço o frio vazio lá no fundo que dói mais do que qualquer golpe de espada. Meu lar foi destruído.

Ele olhou para Gilthanas amontoado em um canto. O elfo não tinha conversado com nenhum deles naquela noite, dizendo que sua cabeça doía e ele estava cansado. Mas Tanis, que montou guarda durante a noite toda, viu que Gilthanas não tinha dormido, nem mesmo fingido que estava dormindo. Ele mordia o lábio inferior e fitava a escuridão. Esta visão lembrava a Tanis que ele tinha, se quisesse reivindicar isso, um outro lugar que ele poderia chamar de lar: Qualinesti.

Não, Tanis pensou, apoiando-se contra as grades, Qualinesti nunca tinha sido um lar. Foi simplesmente um lugar onde eu vivi....

Cotiliquê Toede emergiu da névoa, esfregando as mãos rechonchudas e trazendo um sorriso largo nos lábios enquanto observava com orgulho a caravana de escravos. Talvez eu consiga alguma promoção com isto. Uma bela colheita, considerando-se que havia restado muito pouca coisa nesta cidade destruída pelo fogo. Lorde Verminaard haveria de ficar contente, especialmente com este último grupo. Principalmente aquele grande guerreiro, um excelente espécime. Ele provavelmente seria capaz de fazer o trabalho de três homens nas minas. O alto bárbaro também daria bons resultados. Talvez tivesse que matar o cavaleiro, os Solâmnicos eram conhecidos por não cooperarem. Mas, Lorde Verminaard com certeza apreciará as duas fêmeas, bem diferentes entre si, mas adoráveis. O próprio Toede tinha sempre sentido uma certa atração pela garçonete com seus encantadores olhos verdes e a blusa decotada revelando propositalmente, apenas o necessário de sua pele levemente sardenta para instigar a imaginação de um homem com relação ao que há além.

Os devaneios de Cotiliquê foram interrompidos pelo som de aço tinindo e gritos roucos flutuando de forma sinistra pela névoa. Os gritos ficaram cada

vez mais altos. Logo, quase todos os membros da caravana de escravos estavam acordados e tentando ver apesar da névoa.

Toede lançou um olhar inquieto para os prisioneiros e desejou que ele tivesse deixado alguns guardas a mais à mão. Os goblins, ao verem os prisioneiros se mexerem, levantaram-se e apontaram seus arcos e flechas para os vagões.

— O que é isto? —Toede grunhiu em voz alta — Será que esses idiotas não sabem cuidar de um prisioneiro sem toda essa agitação?

De repente um grito ergueu-se acima do barulho. Era o grito de um homem atormentado pela dor, mas sua fúria tinha sobrepujado todo o resto. Gilthanas ficou em pé, seu rosto estava pálido.

— Eu conheço aquela voz —, ele disse —Theros Ferro Forjado. Eu temia por isso. Ele tem ajudado os elfos a escapar desde que a matança começou. Este Lorde Verminaard jurou exterminar os elfos... — Gilthanas observou a reação de Tanis... — ou você não sabia?

— Não! —Tanis disse chocado — Eu não sabia. Como é que eu poderia saber?

Gilthanas ficou em silêncio, estudando Tanis durante algum tempo. —Perdoe-me —. ele disse finalmente — Parece que eu fiz um mau juízo de você. Eu achei que talvez essa fosse a razão pela qual você tinha deixado a barba crescer.

— Nunca! —Tanis deu um salto — Como você se atreve a me acusar...

—Tanis —, alertou Sturm.

O meio elfo virou-se e viu os guardas goblins se aglomerando na frente da jaula, as flechas apontadas diretamente para seu coração. Levantando as mãos, ele se afastou para seu canto, no momento em que um esquadrão de hobgoblins trazia um homem alto e de constituição física poderosa.

— Eu ouvi dizer que Theros foi traído —, Gilthanas disse suavemente — Eu voltei para alertá-lo. Não fosse por ele, eu nunca teria escapado de Solace

com vida. Eu deveria encontrá-lo na Hospedaria a noite passada. Quando ele não apareceu, eu fiquei com medo...

Cotiliquê Toede abriu a porta da jaula dos companheiros, gritando e gesticulando para os hobgoblins apressarem seu prisioneiro. Alguns goblins mantiveram os outros prisioneiros cobertos, enquanto os hobgoblins jogavam Theros dentro da jaula.

Cotiliquê Toede bateu a porta.

— É isso aí! — ele gritou — Amarrem as bestas. Nós estamos de partida.

Pelotões de goblins trouxeram alces enormes para a clareira e começaram atrelá-los aos vagões. Seus gritos e a confusão ficaram registrados apenas em algum canto da cabeça de Tanis. Naquele momento, sua atenção traumatizada estava toda no ferreiro.

Theros Ferro Forjado estava deitado inconsciente no chão da jaula coberto de palha. No lugar onde deveria estar seu forte braço direito, havia um coto mutilado. Aparentemente seu braço havia sido arrancado por alguma arma cega logo abaixo do ombro. O sangue escorria do ferimento horrível e empoçava no chão da jaula.

— Que isso sirva de lição para todos aqueles que ajudam os elfos! — O Cotiliquê espiou a jaula com seus olhos vermelhos e suínos se estreitando em suas bolsas de gordura — Nunca mais ele vai forjar nada, a menos que seja um novo braço! Eu,ah... — Um alce enorme trombou desajeitadamente com o Cotiliquê, obrigando-o a correr para se salvar.

Toede virou-se para a criatura que guiava o alce.

— Sestun! Seu imbecil! — Toede derrubou a criatura no chão.

Tasslehoff olhou para a criatura, achando que se tratava de um goblin muito pequeno. Depois ele viu que era um anão da ravina vestido com uma armadura de goblin. O anão da ravina levantou-se sozinho e colocou seu elmo, que era maior do que a cabeça dele, e olhou para o Cotiliquê que caminhava gingando o corpo em direção ao início da caravana. Franzindo a testa, o anão da

ravina começou a chutar lama na direção dele. Aparentemente isto trouxe algum alivio para sua alma, pois ele parou logo em seguida e voltou a conduzir o alce para a fila.

— Meu fiel amigo —, Gilthanas murmurou, inclinando-se sobre Theros e pegando a mão forte e negra do ferreiro na sua — Você pagou com a vida por sua lealdade.

Theros olhou para ele com um olhar vazio, claramente incapaz de ouvir a voz do elfo. Gilthanas tentou estancar o sangue que escorria da ferida pavorosa, mas o sangue continuava a se espalhar no chão da carroça. A vida do ferreiro estava se esvaindo diante dele.

— Não —, disse Lua Dourada, ajoelhando-se ao lado do ferreiro — Ele não precisa morrer, eu sou uma curandeira.

— Dama —, Gilthanas disse impaciente —, não existe curandeira em Krynn capaz de ajudar este homem. Ele já perdeu mais sangue do que aquele anão tem em todo seu corpo! Seu pulso está tão fraco que eu mal posso senti-lo. A coisa mais humana que podemos fazer é deixá-lo morrer em paz sem nenhum de seus rituais bárbaros!

Lua Dourada o ignorou. Colocou a mão na testa de Theros, e fechou os olhos.

— Mishakal —, ela rezou —, amada deusa da cura, agracie este homem com uma benção. Se seu destino ainda não foi cumprido, cure-o para que ele possa viver e servir à causa da verdade.

Gilthanas começou a protestar mais uma vez, erguendo a mão para afastar Lua Dourada. Então, ele parou e olhou maravilhado. O sangue tinha parado de escorrer do ferimento do ferreiro e, enquanto o elfo observava, a carne começou a cobrir o ferimento. A pele escura do ferreiro começou a ficar quente, sua respiração começou a ficar mais tranqüila e fácil e ele pareceu cair num sono saudável e calmo. Houve murmúrios de assombro e olhares pasmados dos outros que se encontravam nas jaulas próximas. Tanis olhou em

volta assustado, tentando ver se algum goblin ou dragoniano tinha percebido, mas aparentemente todos eles estavam preocupados em atrelar os incontroláveis alces às carroças. Gilthanas voltou para seu canto com os olhos em Lua Dourada e uma expressão pensativa.

— Tasslehoff, empilhe um pouco dessa palha—, Tanis instruiu — Caramon, você e Sturm ajudem-me a levá-lo para um canto.

— Tome — Vendaval ofereceu seu manto — Pegue isto para protegê-lo do frio.

Lua Dourada assegurou-se de que Theros estava confortável, depois voltou para seu lugar ao lado de Vendaval. O rosto dela irradiava uma paz e uma serenidade tão grandes, que fez parecer que as criaturas reptilianas do lado de fora da jaula é que eram os verdadeiros prisioneiros.

Era quase meio dia e a caravana ainda não tinha partido. Goblins se aproximaram e jogaram comida dentro das jaulas, pedaços de carne e pão. Ninguém, nem mesmo Caramon, seria capaz de comer aquela carne rançosa e fedida. E eles jogaram a comida de volta para fora. Mas, devoraram o pão com avidez pois não tinham comido nada desde a noite passada. Em pouco tempo, Toede tinha posto tudo em ordem e, depois de montar em seu pônei de pelos longos, deu ordem para partir. Sestun, o anão da ravina, trotava atrás de Toede. Ao ver o pedaço de carne caída na lama suja do lado de fora da jaula, o anão da ravina parou, pegou a carne com vontade e a enfiou na boca.

As jaulas tinham rodas e cada uma delas era puxada por quatro alces. Havia dois hobgoblins sentados, em rudes plataformas de madeira, um segurava as rédeas dos alces, o outro tinha um chicote e uma espada. Toede colocou-se na frente da fila, seguido por uns cinqüenta dragonianos vestindo armaduras e fortemente armados. Uma outra tropa que devia ter mais ou menos o dobro dessa quantidade de hobgoblins, entrou na fila atrás das jaulas.

Depois de um bocado de confusão e muitos palavrões, a caravana começou finalmente a andar. Alguns dos residentes que sobraram em Solace

olhavam para eles enquanto eles se afastavam. Se conheciam alguém dentre os prisioneiros, eles não emitiram nenhum som ou fizeram qualquer gesto de despedida. Os rostos, tanto dentro quanto fora das jaulas, eram rostos de pessoas que não eram mais capazes de sentir dor. Como Tika, eles tinham jurado nunca mais chorar.

A caravana viajou para o sul, pela velha estrada que atravessava o Passo de Berma. Os hobgoblins e os dragonianos resmungavam por terem de viajar no calor do dia, mas eles se animavam e se deslocavam mais rápido quando marchavam na sombra das altas paredes dos cânion da Passagem. Apesar de sentirem frio no canion, os prisioneiros tinham suas próprias razões para se sentirem gratos, eles não tinham mais que olhar para sua terra natal destruída.

Já era noitinha, quando eles saíram das estradas sinuosas do cânion e chegaram a Berma. Os prisioneiros espremeram-se contra as grades para dar uma olhada no próspero mercado da cidade. Mas, agora havia somente dois muros baixos de pedra, derretidos e enegrecidos, marcando o local onde antes erguia-se a cidade. Nenhum sinal de uma criatura viva. Os prisioneiros sentaram-se num estado deplorável.

De volta à estrada, já longe dali, os dragonianos disseram que preferiam viajar à noite, longe da luz do sol. Conseqüentemente, a caravana fez poucas paradas até o amanhecer. Era impossível dormir nas jaulas imundas que pulavam e chacoalhavam a cada rodeira na estrada. Os prisioneiros passaram fome e sede. Aqueles que conseguiram engolir a comida que os dragonianos lhes jogaram, logo a vomitaram. Eles recebiam apenas pequenos copos de água, duas ou três vezes ao dia.

Lua Dourada permaneceu perto do ferreiro ferido. Apesar de não estar mais correndo risco de vida,Theros Ferro Forjado ainda estava muito doente. Ele teve uma febre alta e, enquanto delirava, ele falou da pilhagem de Solace. Theros falou de dragonianos cujos corpos, quando mortos, se transformavam em poças de ácido, que queimavam a carne de suas vítimas e de dragonianos

cujos ossos explodiam depois que eles morriam, destruindo tudo dentro de um certo raio.Tanis escutou o ferreiro reviver um terror atrás do outro até ficar com náusea. Pela primeira vez Tanis percebeu a atrocidade da situação. Como é que eles poderiam lutar contra dragões cujo hálito era capaz de matar e cujas mágicas só não eram superiores aos feitiços dos mais poderosos utilizadores de mágica que se conhecia? Como poderiam eles derrotar os vastos exércitos desses dragonianos, se até mesmo os cadáveres dessas criaturas tinham o poder de matar?

Tudo que nós temos, Tanis pensou desconsolado, são os Discos de Mishakal, e para que é que eles servem? Ele tinha examinado os Discos durante a jornada de Xak Tsaroth para Solace. No entanto, ele tinha conseguido ler pouco do que estava escrito. Apesar de ser capaz de entender as palavras que diziam respeito a arte da cura, Lua Dourada conseguiu decifrar pouca coisa além disso.

— Tudo será esclarecido para o líder do povo —, ela disse isso com uma fé inabalável — Meu objetivo agora é encontrar esse líder.

Tanis desejou ser capaz de compartilhar dessa fé, mas enquanto viajavam pelas terras destruídas, ele começou a duvidar que algum líder fosse capaz de derrotar o poder desse Lorde Verminaard.

Essas dúvidas só fizeram aumentar os problemas do meio elfo. Raistlin, privado de seu remédio, tossiu até ficar numa situação quase tão ruim quanto a de Theros e Lua Dourada passou a ter dois pacientes em suas mãos. Felizmente, Tika ajudou a mulher das planícies a cuidar do mago. Tika, cujo pai tinha sido uma espécie de mágico, olhava com admiração todos aqueles que eram capazes de fazer alguma mágica.

Na verdade, foi o pai de Tika que sem intenção introduziu Raistlin na arte da magia. O pai de Raistlin levou os irmãos gêmeos e sua enteada, Kitiara, ao festival de Fim de Verão, onde as crianças viram o Magnífico Waylan fazer seus truques de ilusionismo. Caramon, que na época tinha oito anos de idade, ficou

rapidamente entediado e concordou prontamente em acompanhar sua meio-irmã adolescente no evento que tinha atraído sua atenção, a esgrima. Raistlin, magro e frágil já naquela época não conseguia participar de um esporte tão ativo. Ele passou o dia inteiro assistindo Waylan, o Ilusionista. Quando a família voltou para casa naquela noite, Raistlin impressionou a todos por ser capaz de reproduzir com perfeição todos os truques. No dia seguinte, seu pai levou-o para estudar com um dos grandes mestres das artes mágicas.

Tika tinha sempre sentido admiração por Raistlin e tinha ficado impressionada com as histórias que ela ouvira sobre sua misteriosa jornada até as lendárias Torres da Alta Magia. Agora, ela ajudava a cuidar do mago por respeito e por causa da sua necessidade inata de ajudar aqueles que são mais fracos do que ela. Ela também cuidava dele (ela admitia isso secretamente para si mesma), porque esses cuidados valeram um sorriso de gratidão do belo irmão gêmeo de Raistlin. Tanis não tinha certeza com qual dos dois ele deveria se preocupar mais — a condição do mago que estava piorando ou o romance que estava nascendo entre o soldado mais velho e experiente e a garçonete, jovem e... Tanis acreditava, a despeito das fofocas em contrário... inexperiente.

Ele tinha também um outro problema: Sturm que se sentia humilhado por ter sido feito prisioneiro e arrastado pelas terras como um animal para o matadouro, caiu em uma profunda depressão da qual Tanis achou que ele nunca mais fosse sair. Sturm ficava o dia inteiro sentado olhando para fora da jaula por entre as grades, ou, o que talvez fosse pior, entregava-se a períodos de sono profundo dos quais era impossível acordá-lo.

Por último, Tanis tinha ainda que cuidar de seu conflito interior, que, se manifestava fisicamente, no fato do elfo ficar sentado em um canto da jaula. Toda vez que ele olhava para Gilthanas, as memórias que Tanis tinha de seu lar em Qualinesti o assombravam. Quando eles se aproximaram de sua terra natal, as memórias que ele pensou estarem enterradas e esquecidas para sempre,

tomaram conta de sua mente e cada toque delas era tão frio quanto o toque dos mortos na Mata Escura.

Gilthanas, amigo de infância, mais do que amigo, um irmão. Criados na mesma residência e mais ou menos com a mesma idade, os dois tinham brincado, lutado e gargalhado juntos. Quando a irmã caçula de Gilthanas cresceu o suficiente, os meninos permitiram que a cativante criança loura se juntasse a eles. Um dos maiores prazeres desses três era provocar o irmão mais velho Porthios que era um jovem forte e sério, que havia tomado para si desde muito jovem as responsabilidades e tristezas de seu povo. Gilthanas, Laurana, e Porthios eram filhos do Orador dos Sóis, o governante dos elfos de Qualinesti, uma posição que Porthios herdaria após a morte de seu pai.

Alguns habitantes do reino élfico acharam estranho o Orador acolher em sua casa o filho bastardo da esposa de seu irmão já falecido, depois que ela foi estuprada por um guerreiro humano. Ela morreu de desgosto poucos meses depois do nascimento de seu filho mestiço. Mas, o Orador, que tinha opiniões bastante sólidas com relação à responsabilidade, acolheu a criança sem hesitação. Foi somente anos mais tarde, quando ele assistia com crescente preocupação o desenvolvimento do relacionamento entre sua filha adorada e o meio elfo bastardo, que ele começou a se arrepender de sua decisão. A situação confundiu Tanis, também. Por ser meio humano, o jovem adquiriu uma maturidade que a jovem elfa, por ter um desenvolvimento mais lento, não era capaz de entender.Tanis viu a infelicidade que a união entre eles traria para a família que ele amava. Ele também se sentia incomodado pelo conflito interior que iria atormentá-lo o resto de sua vida: a luta constante entre o elfo e o humano dentro dele. Com oito anos de idade, que corresponde a vinte anos, entre os humanos, Tanis saiu de Qualinost. O Orador não ficou triste ao ver Tanis partir. Ele tentou esconder seus sentimentos do jovem meio elfo, mas ambos sabiam.

Gilthanas não tinha sido tão diplomático. Ele e Tanis tinham trocado palavras amargas, sobre Laurana. Passaram-se anos, antes da dor provocada por aquelas palavras desaparecer e Tanis se punha a pensar se ele tinha realmente esquecido e perdoado. Estava claro que Gilthanas não tinha feito nenhum dos dois.

A jornada para estes dois foi muito longa. De vez em quando Tanis dava algumas indiretas e ficou imediatamente ciente de que Gilthanas havia mudado. O jovem elfo lorde tinha sido sempre aberto e sincero, divertido e amável. Ele não invejava as responsabilidades que seu irmão mais velho tinha devido ao seu papel de herdeiro do trono. Gilthanas era um catedrático, um amante das artes mágicas, embora nunca as tivesse levado com a mesma seriedade que Raistlin. Ele era um excelente guerreiro, embora não gostasse de lutar, como todos os elfos. Ele era profundamente devotado a sua família, especialmente à sua irmã. Mas, agora ele estava triste e mal humorado, uma característica incomum entre os elfos. A única vez que ele demonstrou interesse em alguma coisa, foi quando Caramon começou a planejar uma fuga. Gilthanas disse-lhe rispidamente para esquecer aquilo, pois ele ia estragar tudo. Quando foi pressionado para explicar melhor o porquê, o elfo ficou quieto, murmurando alguma coisa sobre "probabilidades esmagadoras."

Ao nascer do sol do terceiro dia, o exército dragoniano estava extenuado devido a longa marcha noturna e ansioso para descansar. Os companheiros tinham passado mais uma noite sem dormir e não esperavam nada alem de mais um dia frio e lúgubre. Mas, de repente, as jaulas pararam. Tanis levantou os olhos, intrigado pela mudança na rotina. Os outros prisioneiros levantaram-se e olharam para fora das grades. Eles viram um velho usando um roupão longo, que parecia já ter sido branco e um chapéu pontudo muito judiado. Ele parecia estar falando com uma árvore.

— Eu disse, você me ouviu? — O velho balançou seu caiado já gasto para o carvalho — Eu disse para se mover e eu estou falando sério! Eu estava

sentado nessa pedra — ...ele apontou para uma pedra grande ... — apreciando o sol da manhã em meus ossos velhos, quando você teve a audácia de lançar sua sombra sobre ela e me esfriar! Saia já daí!

A árvore não respondeu. Nem tampouco se moveu.

— Eu não tolerarei mais sua insolência! — O velho começou a bater na árvore com seu cajado — Mova-se, ou eu... vou...

— Alguém coloque esse doido numa jaula! — Cotiliquê Toede gritou enquanto galopava em direção à retaguarda da caravana.

— Tire suas mãos de mim! — o velho gritou com sua voz estridente para os dragonianos que correram e o interpelaram. Ele bateu debilmente neles com seu cajado, até eles o tirarem de si — Prenda a árvore! — ele insistiu — Obstruindo a luz do sol! Essa é a acusação!

Os dragonianos jogaram o velho dentro da jaula dos companheiros com rudeza. Tropeçando em suas vestes, ele caiu no chão.

— Você está bem, meu Velho? Vendaval perguntou enquanto ajudava o velho a se sentar.

Lua Dourada saiu do lado de Theros.

— Sim, meu Velho —, ela disse suavemente. — Você está ferido? Eu sou uma clériga de...

— Mishakal! – ele disse, olhando para o amuleto que ela trazia em volta do pescoço — Que interessante. Muito interessante. — Ele fixou os olhos nela, maravilhado. — Você não parece ter trezentos anos de idade!

Lua dourada piscou, sem saber como reagir...

— Como você sabia? Você reconheceu...? eu não tenho trezentos anos... — Ela estava ficando confusa.

— É claro que você não tem. Desculpe, querida — O velho deu um tapinha na mão dela — Nunca comente a idade de uma dama em público. Perdoe-me. Não acontecerá novamente. Será nosso segredo —, ele disse

sussurrando. Tas e Tika começaram a rir. O velho olhou em volta — Foi gentil da sua parte parar e me dar uma carona. A estrada para Qualinost é longa.

— Nós não estamos indo para Qualinost —, Gilthanas disse com firmeza — Nós somos prisioneiros indo para as minas de escravos de PaxTharkas.

— Ah? — o velho olhou em torno distraidamente — Então tem um outro grupo vindo para cá daqui a pouco? Eu poderia ter jurado que este era o grupo.

— Qual é o seu nome, meu Velho —,Tika perguntou.

— Meu nome? — O velho hesitou, franzindo a testa — Fizban? Sim, é isso. Fizban.

— Fizban! —Tasslehoff repetiu, quando a jaula começou a se mover novamente — Isso não é um nome!

— Não é? — o velho perguntou tristonhamente — Que pena. Eu gostava tanto dele.

— Eu acho que é um nome esplêndido —Tika disse, olhando feio para Tas. O kender calou a boca e se encolheu em um canto, de olho nas bolsas que estavam penduradas no ombro do velho.

De repente Raistlin começou a tossir e todos voltaram a atenção para ele. Seus acessos de tosse estavam ficando cada vez piores. Ele estava exausto e era óbvio que ele estava sentindo dor; a pele estava dele estava muito quente. Lua Dourada era incapaz de ajudá-lo. A clériga não era capaz de curar o que quer que fosse que estava queimando o mago por dentro. Caramon ajoelhou-se ao lado dele, enxugando a saliva misturada com sangue que manchava os lábios de seu irmão.

— Ele tem que tomar daquela coisa que ele bebe! — Caramon olhou angustiado — Eu nunca o vi assim tão ruim. Se eles não ouvirem 'pela razão' —... o homem franziu a testa... — Eu vou quebrar a cabeça deles! Eu não me importo com quantos deles existam!

— Nós falaremos com eles quando pararmos para pernoitar —, Tanis prometeu, embora ele fosse capaz de adivinhar a resposta do Cotiliquê.

— Desculpem-me —, disse o velho — Posso? — Fizban sentou-se ao lado de Raistlin. Ele colocou a mão na cabeça do mago e disse algumas palavras num tom muito carrancudo. Caramon, que estava ouvindo atentamente, escutou — Fistandan... — e — não é hora... — Com certeza, aquela não era uma prece de cura, como a que Lua Dourada havia tentado, mas o homenzarrão notou que seu irmão tinha reagido! No entanto, a reação foi surpreendente, os olhos de Raistlin piscaram rapidamente, depois se abriram. Ele olhou para o velho com uma expressão de terror e segurou o punho de Fizban com sua frágil e delicada mão. Durante um instante, deu a impressão que Raistlin conhecia o velho, depois Fizban passou a mão sobre os olhos do mago. O olhar de terror desapareceu, substituído por um olhar confuso.

— Olá —, Fizban sorriu exultante — Meu nome é... ah... Fizban — Ele lançou um olhar carrancudo para Tasslehoff, desafiando o kender a rir.

— Você é ...magi! — Raistlin sussurrou. Sua tosse tinha desaparecido.

— Por quê? Sim, eu suponho que sim.

— Eu sou um magi! — Raistlin disse, esforçando-se para se sentar.

— Verdade? — Fizban parecia imensamente encantado — Que mundo pequeno é Krynn. Eu vou ter que te ensinar algumas das minhas magias. Eu tenho um ... uma bola de fogo... deixe-me ver, como é que era mesmo?

O velho falou sem parar, até bem depois da caravana ter parado ao nascer do Sol.

4

SALVOS

A MÁGICA DE FIZBAN

O corpo de Raistlin sofria, a mente de Sturm sofria, mas talvez aquele que passou pelo maior sofrimento durante os quatro dias de prisão dos companheiros foi Tasslehoff.

A forma mais cruel de tortura que alguém pode infligir a um kender é trancafiá-lo. É claro também, e todo mundo sabe, que a forma mais cruel de tortura que alguém pode infligir em qualquer outra espécie é trancafiá-la com um kender. Depois de três dias de conversas incessantes, travessuras e peças pregadas por Tasslehoff, os companheiros teriam, de boa vontade, trocado o kender por uma hora de sossego esticados no ecúleo, pelo menos foi o que Flint disse. Por fim, depois de até mesmo Lua Dourada ter perdido a calma e quase tê-lo esbofeteado,Tanis mandou Tasslehoff para o fundo da carroça. Com as pernas penduradas para fora, o kender pressionou o rosto contra as barras de ferro e pensou que ia morrer de tristeza. Ele nunca tinha se sentido tão entediado em toda sua vida.

As coisas ficaram mais interessantes com a descoberta de Fizban, mas o velho perdeu o valor como forma de entretenimento quando Tanis fez Tas

devolver as bolsas do velho mago. E assim, levado ao ponto de desespero, Tasslehoff encontrou uma nova diversão. Sestun, o anão da ravina.

No geral, os companheiros olhavam Sestun com uma compaixão divertida. O anão da ravina era objeto de escárnio e maus tratos de Toede. Ele corria para lá e para cá a noite toda, levando mensagens de Toede, da frente da caravana até o capitão hobgoblin lá no final, levando comida da carroça de suprimentos para o Cotiliquê, dando de comer e beber ao pônei do Cotiliquê e qualquer outra tarefa detestável que o Cotiliquê fosse capaz de imaginar. Toede derrubava-o no chão pelo menos três vezes por dia, os dragonianos o atormentavam e os hobgoblins roubavam sua comida. Até mesmo o alce o chutava toda vez que ele passava perto dele. O anão da ravina suportava tudo isso com um espírito tão implacavelmente desafiador que ele acabou ganhando a simpatia dos companheiros.

Sestun começou a ficar perto dos companheiros quando não estava ocupado. Tanis, ávido por informações sobre PaxTharkas, perguntava-lhe sobre sua pátria e como ele tinha vindo trabalhar para o Cotiliquê. Sestun levou um dia inteiro para contar a história e os companheiros precisaram de mais um dia para montá-la como um quebra-cabeça, pois ele começara pelo meio e depois pulara para o começo.

No final o que eles acabaram descobrindo não era de muita ajuda. Sestun estava vivendo com um grande grupo de anões da ravina nas colinas em volta de PaxTharkas, quando o Lorde Verminaard e seus dragonianos capturaram as minas de ferro que ele precisava para fabricar armas de aço para suas tropas.

— Grande fogo, dia inteiro, noite toda. Cheiro ruim — Sestun torceu o nariz — Quebrar pedra. Dia inteiro, noite toda. Eu ter bom trabalho na cozinha —... seu rosto avivou-se por um momento... — fazer sopa quente. Muito quente — Seu rosto voltou a ficar sério — Derramar sopa. Sopa quente esquenta armadura rápido. Lorde Verminaard dormir costas uma semana — Ele suspirou. — Eu vir Cotiliquê. Eu voluntário.

— Talvez nós possamos fechar as minas —, Caramon sugeriu.

— É uma idéia —, Tanis ponderou — Quantos dragonianos Lorde Verminaard tem guardando as minas?

— Dois! — Sestun disse, levantando dez dedos imundos.

Tanis suspirou, lembrando-se onde ele tinha ouvido aquilo antes. Sestun olhou para ele esperançoso. —Tem só dois dragões, também.

— Dois dragões! —Tanis disse incrédulo.

— Não mais que dois.

Caramon grunhiu e se sentou. O guerreiro vinha pensando seriamente em lutar com dragões desde que saíra de Xak Tsaroth. Ele e Sturm tinham repassado todas as histórias sobre Huma, o único caçador de dragões conhecido do qual o cavaleiro conseguia se lembrar. Infelizmente, ninguém tinha levado as lendas de Huma a sério antes (exceto os Cavaleiros Solâmnicos, pelo que eles eram ridicularizados) e muitas das histórias sobre Huma tinham sido distorcidas através dos tempos ou esquecidas.

— Um cavaleiro de verdade e poder que fez com que os próprios deuses descessem e forjassem a poderosa Lança do Dragão —, Caramon murmurou, olhando para Sturm, que dormia deitado no chão coberto de palha da prisão deles.

— A Lança do Dragão? — balbuciou Fizban, acordando com um bufo — Lança do Dragão? Quem falou alguma coisa sobre a Lança do Dragão?

— Meu irmão—, Raistlin sussurrou sorrindo — Citando o Cântico. Parece que ele e o cavaleiro gostaram tanto das histórias de seus tempos de criança que elas agora os vêm assombrar.

— Boa história, Huma e a Lança do Dragão —, disse o velho alisando a barba.

— História... não passa disso — Caramon bocejou e coçou o peito — Quem sabe se ela é real, se a Lança do Dragão existiu ou até mesmo se Huma existiu.

— Nós sabemos que os dragões são reais —, Raistlin murmurou.

— Huma existiu —, Fizban disse suavemente — E também a Lança do Dragão — O rosto do velho ficou triste.

— Existiu? — Caramon se sentou — Você sabe descrevê-la?

— É claro! — Fizban torceu o nariz com desdém.

Agora, todos estavam ouvindo. Fizban sentia-se, na verdade, um pouco embaraçado pela platéia que havia encontrado para suas histórias.

— Era uma arma similar a... não, não era. Na verdade ela era... não, não era assim também. Era mais parecida com ... quase uma... ou melhor, ela era um tipo de... lança, é isso! Uma lança! — Ele acenou com a cabeça com veemência — E ela era muito boa contra dragões.

— Eu vou tirar uma soneca —, Caramon grunhiu.

Tanis sorriu e balançou a cabeça. Sentando de costas contra as grades, ele fechou os olhos de exaustão. Logo, todos com exceção de Raistlin e Tasslehoff caíram em um sono espasmódico. O kender, totalmente acordado e aborrecido, olhava para Raistlin esperançoso. Às vezes, se estava de bom humor, Raistlin contava historias antigas sobre utilizadores de mágica. Mas o mago, aconchegado em seu roupão vermelho, fitava Fizban com curiosidade. O velho roncava gentilmente sentado num banco, sua cabeça subia e descia quando a carroça sacudia na estrada. Os olhos dourados de Raistlin fecharam-se até se transformarem em pequenas aberturas brilhantes, como se ele tivesse sido atingido por um pensamento novo e perturbador. Depois de um momento, ele colocou o capuz sobre a cabeça e se reclinou, seu rosto escondido nas sombras.

Tasslehoff suspirou. Depois, olhando a sua volta, ele viu Sestun andando da jaula. O kender ficou contente. Aqui, ele sabia, havia uma platéia interessada em suas histórias.

Tasslehoff chamou-o para perto e começou a contar uma de suas favoritas.

As duas luas se puseram. Os prisioneiros dormiam. Os hobgoblins acompanhavam a caravana lá atrás, meio adormecidos, falando em acampar em breve. Cotiliquê Toede caminhava na frente, sonhando com sua promoção. Atrás do Cotiliquê, os dragonianos conversavam entre si, em seu rude idioma, lançando olhares de ódio na direção de Toede quando ele não estava olhando.

Tasslehoff estava sentado, balançando as pernas para fora da jaula, falando com Sestun. O kender notou, sem dar a perceber, que Gilthanas somente fingia dormir. Tas viu os olhos do elfo se abrirem e olharem rapidamente em volta, quando ele pensou que não havia ninguém observando. Isto deixou Tas imensamente intrigado. Quase parecia que Gilthanas estava observando ou esperando por alguma coisa. O kender perdeu o fio da meada.

— E então, eu... ah... peguei uma pedra de minha bolsa, joguei-a e... bum... atingi o feiticeiro bem na cabeça —, Tas terminou apressadamente — O demônio pegou o feiticeiro pelo pé e o arrastou para as profundezas do Abismo.

— Mas primeiro demônio agradecer —, concluiu Sestun que já tinha escutado esta história duas vezes antes com algumas variações — Você esquecer.

— Esqueci? —Tas perguntou, mantendo um olho em Gilthanas — Bem, sim, o demônio me agradeceu e levou o anel mágico que ele tinha me dado. Se não estivesse escuro, você poderia ver a marca que o anel deixou no meu dedo.

— Sol nascendo. Logo manhã. Aí eu ver —, o anão da ravina disse ansioso. Ainda estava escuro, mas uma luz fraca no leste indicava que em breve o sol nasceria no quarto dia de sua jornada.

De repente Tas ouviu o chamado de um pássaro na mata. Vários responderam. Que sons de pássaros estranhos, Tas pensou. Nunca tinha ouvido desse tipo antes. Por outro lado, ele nunca havia estado tão ao sul antes. Ele sabia onde eles estavam através de um de seus mapas. Eles tinham

atravessado a única ponte sobre o Rio Fúria Branca e estavam se dirigindo para o sul, na direção de Pax Tharkas que estava marcada no mapa do kender como o local das famosas minas de ferro Thadarkan. A estrada começou a subir e densas florestas de álamo surgiram a oeste. Os dragonianos e os hobgoblins continuaram vigiando a floresta e apertaram o passo. Oculta dentro dessas florestas estava Qualinesti, o antigo lar dos elfos.

Outro pássaro chamou, bem mais próximo dessa vez. Então, os pelos do pescoço de Tasslehoff se arrepiaram quando ele ouviu o mesmo chamado de pássaro vir de trás dele. O kender virou-se e viu Gilthanas em pé com os dedos nos lábios, um tenebroso assobio cortando o ar.

— Tanis! —Tas gritou, mas o meio elfo já estava acordado. Assim como todos os outros que se encontravam na carroça.

Fizban sentou-se, bocejou, e olhou em volta.

— Ah, que bom —, ele disse em tom suave, — os elfos chegaram.

— Que elfos... onde? —Tanis se sentou.

De repente, ouviu-se um zumbido como um bando de codornas levantando vôo. Um grito ecoou da carroça de suprimentos que ia na frente deles, depois o som de madeira se partindo, quando a carroça, agora sem cocheiro, deu uma guinada e caiu num sulco da estrada e capotou. O cocheiro da jaula deles puxou as rédeas com firmeza e deteve os alces antes que eles trombassem com a carroça de suprimentos destruída. A jaula se inclinou perigosamente, escarrapachando os prisioneiros no chão. O cocheiro pôs os alces em movimento novamente e fez com que eles contornassem os destroços.

De repente, o cocheiro da jaula deu um grito e colocou a mão no próprio pescoço, onde os companheiros viram a haste de uma flecha delineada contra o céu pouco iluminado da manhã. O corpo do cocheiro caiu do banco. O outro guarda levantou-se com a espada na mão, depois ele tombou para a frente com uma flecha no peito. Os alces, sentindo as rédeas soltas, diminuíram a marcha

até a jaula parar completamente. Berros e gritos ecoavam para frente e para trás da caravana, enquanto as flechas zuniam no ar.

Os companheiros deitaram-se de bruços no chão da jaula para se proteger.

— O que é isto? O que está acontecendo? —Tanis perguntou a Gilthanas. Mas, o elfo o ignorou, e continuou espiando a floresta — Porthios! — ele chamou.

— Tanis, o que está acontecendo? — Sturm se sentou e disse suas primeiras palavras em quatro dias.

— Porthios é irmão de Gilthanas. Eu acho que isto é um resgate —, Tanis disse. Uma flecha passou zumbindo e se alojou no lado de madeira da carroça, deixando de atingir o cavaleiro por pouco.

— Não será um resgate se nós acabarmos sendo mortos! — Sturm jogou-se no chão — Eu achava que os elfos eram peritos em acertar o alvo!

— Mantenham-se abaixados — Gilthanas ordenou — As flechas são apenas para cobrir nossa fuga. Isto e o que nos chamamos de um 'ataque e corra'. Meu povo não é capaz de atacar um grupo grande diretamente. Nós temos de estar preparados para fugir para a floresta.

— E como é que nós saímos destas jaulas? — Sturm perguntou.

— Nos não podemos fazer tudo por vocês! — Gilthanas respondeu com frieza — Existem utilizadores de mágica...

— Eu não consigo trabalhar sem meus componentes de magia! — Raistlin sibilou debaixo de um banco — Fique abaixado, meu Velho —, ele disse para Fizban que, com a cabeça levantada, olhava à volta com interesse.

— Talvez eu possa ajudar —, o velho mágico disse, com os olhos luzindo. — Agora, deixe-me pensar...

— Em nome do Abismo, o que está acontecendo? — rugiu uma voz vinda da escuridão. Cotiliquê Toede apareceu galopando seu pônei — Por que nós paramos?

— Estamos sendo atacados! — Sestun gritou, arrastando-se de debaixo da jaula onde ele tinha se abrigado.

— Ataque? Blyxtshok! Faça esta carroça andar! —Toede gritou. Uma flecha acertou a sela do Cotiliquê. Os olhos vermelhos de Toede se arregalaram e ele olhou aterrorizado para a mata — Nós estamos sendo atacados! Elfos! Tentando libertar os prisioneiros!

— Cocheiro e guarda, morto! — Sestun gritou, encostando-se contra a jaula quando uma outra flecha quase o acertou — O que eu fazer?

Uma flecha passou zunindo sobre a cabeça de Toede. Ao se abaixar, ele teve que se segurar no pescoço do pônei para não cair.

— Eu trarei outro cocheiro —, ele disse, apressadamente — Você fique aqui. Guarde estes prisioneiros com sua própria vida! Você será responsável se ele? escaparem.

O Cotiliquê enfiou suas esporas no pônei e o animal amedrontado pulou para frente.

— Minha guarda! Hobgoblins! Venham a mim! — o Cotiliquê gritava enquanto galopava para o fim da fila. Seus gritos ecoaram na manhã. — Centenas de elfos! Nos estamos cercados. Vão para o norte! Eu tenho de relatar isto para Lorde Verminaard — Toede diminuiu a velocidade ao ver um capitão dragoniano — Vocês dragonianos cuidem dos prisioneiros! — Ele esporeou seu cavalo e continuou em frente ainda gritando e uma centena de hobgoblins correu atrás de seu valente líder para longe da batalha. Logo, eles estavam completamente fora de vista.

— Bem, isso resolve o problema dos hobgoblins —, Sturm disse e seu rosto relaxou num sorriso — Agora, tudo que nós temos com que nos preocupar é mais ou menos cinqüenta dragonianos. A propósito, eu não acredito que haja centenas de elfos lá fora?

Gilthanas balançou a cabeça.

— É mais para vinte.

Tika, deitada de bruços no chão, levantou cuidadosamente a cabeça e olhou para o sul. Na pálida luz da manhã, ela podia ver o formato desajeitado dos dragonianos, mais ou menos um quilômetro e meio à frente deles, buscando cobertura dos dois lados da estrada, enquanto os arqueiros elfos moviam-se para disparar contra eles. Ela tocou no braço de Tanis e apontou.

— Nós temos que sair desta jaula —, Tanis disse olhando para trás — Os dragonianos não vão se dar o trabalho de nos levar para Pax Tharkas agora que o Cotiliquê se foi. Eles vão simplesmente nos exterminar nestas jaulas, Caramon!

— Eu tentarei —, o guerreiro rugiu. Ele ficou de pé e segurou as barras da jaula com suas mãos enormes. Fechando os olhos, ele respirou fundo e tentou forçar as barras para os lados. Seu rosto ficou vermelho, os músculos de seus braços incharam, as juntas de seus dedos imensos ficaram brancas. Era inútil. Caramon deitou-se no chão arfando.

— Sestun!—Tasslehoff gritou — Seu machado! Quebre o cadeado!

Os olhos do anão da ravina se arregalaram. Ele olhou para os companheiros depois, deu uma olhada para a trilha que o Cotiliquê tinha seguido. Seu rosto se contorceu na agonia da indecisão.

— Sestun...—Tasslehoff insistiu. Uma flecha passou zunindo pelo kender.

Os dragonianos que estavam atrás deles, moviam-se adiante, disparando contra as jaulas. Tas deitou-se no chão — Sestun —, ele tentou novamente, — ajude-nos a sair daqui e você poderá vir conosco!

Um olhar de resolução enrijeceu os traços de Sestun. Ele pegou o machado que trazia sempre preso às costas. Os companheiros assistiram com uma frustração de roer as unhas, quando Sestun procurou em seus ombros, o machado que estava bem no meio de suas costas. Finalmente, uma das mãos encontrou o cabo e ele puxou o machado. A lâmina cintilava na luz cinza da manhã.

Flint viu o machado e resmungou.

— O machado é mais velho que eu! Ele deve ser da época do Cataclismo! Ele provavelmente não seria capaz de cortar o cérebro de um kender, quanto mais esse cadeado!

— Psiu! — Tanis insistiu, embora suas próprias esperanças tivessem diminuído quando ele viu a arma do anão da ravina. Não era nem mesmo um machado de batalha, só um pequeno e judiado machado enferrujado de cortar lenha que o anão da ravina tinha aparentemente pego em algum lugar pensando que fosse uma arma. Sestun prendeu o machado entre os joelhos e cuspiu em suas mãos.

As flechas faziam um ruído abafado ao bater nas grades da jaula. Uma delas acertou o escudo de Caramon. Uma outra prendeu a blusa de Tika no lado da jaula, esfolando o braço dela. Tika não conseguia se lembrar de ter ficado mais aterrorizada em toda sua vida, nem mesmo na noite em que os dragões atacaram Solace. Ela queria gritar, ela queria que Caramon a abraçasse. Mas, Caramon não ousava se mexer.

Tika viu Lua Dourada protegendo Theros com o próprio corpo, o rosto dela estava pálido, mas calmo.Tika comprimiu os lábios e respirou fundo. Assustada ela arrancou a flecha da madeira e jogou-a no chão, ignorando a dor lancinante que sentia em seu braço. Olhando para o sul, ela viu que os dragonianos que tinham ficado momentaneamente confusos com o ataque e o desaparecimento de Toede, estavam agora organizados e corriam na direção das jaulas. Suas flechas cortavam o ar. Seus peitorais de aço cintilavam na fraca luz cinza da manhã, assim como o aço brilhante de suas longas espadas, que eles carregavam presas em suas bocas enquanto corriam.

— Dragonianos se aproximando —, ela reportou a Tanis, tentando evitar que sua voz tremesse.

— Depressa, Sestun! —Tanis gritou.

O anão da ravina segurou o machado, brandiu-o com toda sua força e errou o cadeado, acertando a barra de ferro o que quase arrancou o machado de suas mãos. Depois de encolher os ombros de forma apologética, ele brandiu o machado outra vez. Desta vez, ele acertou o cadeado.

— Ele não ficou nem riscado —, Sturm reportou.

— Tanis —, Tika disse com a voz trêmula, apontando. Vários dragonianos estavam a cerca de três metros deles, mantidos momentaneamente à distancia pelas flechas dos arqueiros elfos, mas toda esperança de um resgate parecia perdida.

Sestun atingiu o cadeado mais uma vez.

— Ele arrancou uma lasca —, Sturm disse exasperado — Neste ritmo, nós vamos sair daqui dentro de três dias! E o que é que estes elfos estão fazendo? Por que eles não param de ficar emboscando e atacam!

— Nós não temos homens suficientes para atacar um grupo deste tamanho! Gilthanas respondeu irritado, agachando-se ao lado do cavaleiro — Eles vão se aproximar quando puderem. Nós estamos no início da fila. Vejam, outros estão escapando.

O elfo apontou para as duas carroças atrás deles. Os elfos tinham quebrado os cadeados e os prisioneiros estavam correndo desordenadamente para a mata, enquanto os elfos lhes davam cobertura disparando uma barreira de flechas das arvores. Mas, logo que os prisioneiros estavam seguros, os elfos voltavam para a floresta.

Os dragonianos não tinham nenhuma intenção de entrar na mata élfica atrás deles. Seus olhos estavam voltados para a última jaula e para a carroça que levava os objetos dos prisioneiros. Os companheiros podiam ouvir os gritos dos capitães dragonianos. O significado era claro: Matar os prisioneiros. Dividir os despojos.

Todos podiam ver que os dragonianos chegariam até eles muito antes dos elfos. Tanis praguejou frustrado. Tudo pareceu fútil. O velho mago, Fizban, estava se levantando.

— Não, meu Velho! — Raistlin agarrou o robe de Fizban — Mantenha-se protegido!

Uma flecha zumbiu no ar e atingiu o chapéu torto e judiado do velho. Fizban, resmungando consigo mesmo, pareceu não notar. Ele era um alvo maravilhoso na luz cinza. As Flechas dos dragonianos voaram em torno como vespas mas pareciam ter pouco efeito, apesar dele ter ficado um pouco incomodado quando uma delas atingiu uma bolsa, dentro da qual estava sua mão naquele momento.

— Abaixe-se! — Caramon rugiu — Você está atraindo o fogo deles!

Fizban se ajoelhou por um momento, mas foi só para falar com Raistlin.

— Diz aí meu rapaz —, ele disse, quando uma flecha passou voando bem onde ele tinha estado em pé — Você tem um pouco de guano de morcego, aí com você? O meu acabou.

— Não, meu Velho —, Raistlin sussurrou freneticamente — Abaixe-se!

— Não? Que pena. Bem, eu acho que vou ter que me virar — O velho mago ficou em pé, plantou firmemente os pés no chão e enrolou as mangas de seu robe. Ele fechou os olhos, apontou para a porta da jaula e começou a murmurar algumas palavras estranhas.

— Que magia ele está conjurando? —Tanis perguntou a Raistlin — Você consegue entender?

O jovem mago ouviu atentamente e sua testa franziu. De repente, os olhos de Raistlin se arregalaram.

— NÃO! — ele esganiçou tentando puxar o robe do velho mago para interromper sua concentração. Mas, era tarde demais. Fizban disse a palavra final e apontou o dedo para o cadeado da porta de trás da jaula.

— Protejam-se! — Raistlin atirou-se debaixo de um banco. Sestun, ao ver o velho mago apontar para a porta da jaula, e para ele do outro lado da porta, jogou-se de bruços no chão. Três dragonianos que se aproximavam da porta da jaula com suas armas pingando saliva, escorregaram ao tentar parar de repente e olharam alarmados.

— O que é isso? —Tanis gritou.

— Bola de Fogo! — Raistlin ofegou e naquele momento, uma bola de fogo gigantesca de cor amarelo-alaranjada saiu da ponta dos dedos do velho mago e atingiu a porta da jaula com um estrondo. Tanis escondeu o rosto em suas mãos quando as chamas rolaram e estalaram em volta dele. Uma onda de calor passou sobre ele, queimando seus pulmões. Ele ouviu os dragonianos gritarem de dor e sentiu o cheiro de carne de réptil queimada. Depois, a fumaça entrou em sua garganta.

O chão está em chamas! — Caramon gritou.

Tanis abriu os olhos e cambaleou ao levantar-se. Ele esperava ver o velho mago transformado em um monte de cinzas negras como os corpos dos dragonianos caídos atrás da carroça. Mas Fizban estava em pé, olhando para a porta de ferro, alisando a barba chamuscada abatido. A porta ainda estava fechada.

— Isso deveria ter funcionado —, ele disse.

— E o cadeado? —Tanis gritou, tentando enxergar em meio à fumaça. As barras de ferro da porta da cela brilhavam vermelhas de tão quente.

— Ele nem se mexeu! — Sturm gritou. Ele tentou chegar perto da porta da jaula para abri-la com um chute, mas o calor irradiado pelas barras tornou essa tarefa impossível. Pode ser que o cadeado esteja quente o suficiente para ser quebrado! — Ele disse, engasgando com a fumaça.

— Sestun! — A voz estridente de Tasslehoff fez-se ouvir acima do estalar das chamas —Tente outra vez! Depressa!

O anão da ravina levantou-se com dificuldade, brandiu seu machado e errou, brandiu outra vez e acertou o cadeado. O metal superaquecido estilhaçou, o cadeado cedeu e a porta da jaula se abriu.

— Tanis, ajude-nos! — Lua Dourada gritou enquanto ela e Vendaval lutavam para tirar Theros de seu estrado esfumaçado.

— Sturm, os outros! —Tanis gritou, depois tossiu com a fumaça. Ele cambaleou até a frente da carroça, enquanto os outros pulavam para fora Sturm segurou Fizban que ainda olhava triste para a porta.

— Vamos, meu Velho! — ele gritou, deixando que suas ações gentis camuflassem suas palavras ásperas enquanto ele agarrava o braço de Fizban. Caramon, Raistlin, e Tika seguraram Fizban quando ele saltou dos destroços flamejantes da carroça. Tanis e Vendaval levantaram Theros pelos ombros e o carregaram para fora. Lua Dourada saiu tropeçando atrás deles. Ela e Sturm pularam da carroça uma fração de segundo antes de o teto desabar.

— Caramon! Pegue nossas armas da carroça de suprimentos! —Tanis gritou. — Vá com ele, Sturm. Flint e Tasslehoff peguem as mochilas. Raistlin...

— Eu pegarei minha mochila —, o mago disse, sufocado com a fumaça — E meu cajado. Ninguém mais deve tocá-los.

— Está bem —, Tanis disse, pensando rápido — Gilthanas...

— Eu não sou um comandado seu para me dizer o que fazer, Tanthalas —, o elfo retrucou e correu para a mata sem olhar para trás.

Antes que Tanis pudesse responder, Sturm e Caramon correram de volta. As juntas dos dedos da mão de Caramon estavam cortadas e sangrando. Eles tinham encontrado dois dragonianos assaltando a carroça de suprimentos.

— Vamos andando! — Sturm gritou — Tem mais deles vindo! Onde está seu amigo elfo? — ele perguntou a Tanis desconfiado.

— Ele se foi para dentro da mata —, Tanis disse — Lembrem-se, ele e seu povo nos salvaram.

— Eles nos salvaram? — Sturm disse e seus olhos se estreitaram — Parece que entre os elfos e o velho, nós estivermos mais pertos de sermos mortos do que em qualquer outra situação, com exceção do dragão!

Naquele momento, seis dragonianos apareceram correndo, vindos do meio da fumaça, e pararam ao verem os guerreiros.

— Corram para a floresta! —Tanis gritou, curvando-se para ajudar Vendaval a levantar Theros. Eles carregaram o ferreiro para um lugar seguro, enquanto Caramon e Sturm, em pé, lado a lado, cobriam a fuga deles. Ambos notaram que as criaturas que eles estavam enfrentando aqui eram diferentes dos dragonianos com quem eles tinham lutado antes. Suas armaduras e suas cores eram diferentes e eles levavam arcos e espadas longas e destas pingava uma espécie de licor horrível. Os dois homens se lembraram das histórias sobre dragonianos que viravam ácido e aqueles cujos ossos explodiam.

Caramon atacou-os, rugindo como um animal raivoso, sua espada percorrendo um círculo. Dois dragonianos caíram antes de saberem o que os estava atacando. Sturm saudou os outros quatro com sua espada e cortou a cabeça de um deles com o golpe de retorno. Ele saltou sobre os outros, mas eles pararam fora de seu alcance rindo, aparentemente esperando por alguma coisa.

Sturm e Caramon observavam inquietos, tentando descobrir o que estava acontecendo. Então, eles descobriram. Os corpos dos dragonianos mortos começaram a derreter na estrada. A carne ferveu e escorreu como banha em uma frigideira. Um vapor amarelado formou-se sobre eles, misturando-se com a fumaça fina da jaula fumegante. Os dois homens engasgaram quando o vapor amarelo os envolveu. Eles ficaram tontos e sabiam que estavam sendo envenenados.

— Depressa! Voltem! —Tanis gritou da mata.

"Os dois cambalearam para trás, fugindo em meio a uma tempestade de flechas, enquanto uma força de quarenta ou cinqüenta dragonianos vasculhava a área em torno da jaula, esganiçando de raiva." Os dragonianos saíram atrás

deles, depois recuaram quando uma voz distinta, gritou, — Hai! Ulsain!— e dez elfos, liderados por Gilthanas, acorreram, vindos da floresta.

— Quen talas uvenelei! — Gilthanas gritou. Caramon e Sturm passaram cambaleando por ele, os elfos deram cobertura à fuga, depois recuaram.

— Sigam-me —, Gilthanas disse para os companheiros, mudando para o comum superior. A um sinal de Gilthanas, quatro dos guerreiros elfos pegaram Theros e o carregaram para a mata.

Tanis olhou de volta para a jaula. Os dragonianos permaneciam parados, olhando para a mata desconfiados.

— Depressa! — Gilthanas apressou — Meus homens darão cobertura. Vozes de elfos se levantaram nas matas, insultando os dragonianos que se aproximavam, tentando atraí-los para o alcance das flechas. Os companheiros se entreolharam hesitantes.

— Eu não quero entrar na Mata Élfica —, Vendaval disse com aspereza.

— Não se preocupe —, Tanis disse, colocando a mão no braço de Vendaval — Você tem minha palavra — Vendaval olhou para ele durante um instante, depois, lançou-se para dentro da mata, os outros andando ao seu lado. Os últimos a virem, foram Caramon e Raistlin que ajudavam Fizban. O velho olhou de novo para a jaula que agora não era mais que um amontoado de cinzas e ferro retorcido.

— Feitiço maravilhoso. E alguém disse alguma palavra de agradecimento? ele perguntou melancólico.

Os elfos os guiaram com rapidez pela floresta. Sem a ajuda deles, o grupo estaria irremediavelmente perdido. Atrás deles, os sons da batalha tornaram-se cada vez mais desanimados.

— Os dragonianos são espertos em não nos seguirem pela mata —, Gilthanas disse com um sorriso sinistro.Tanis, vendo guerreiros elfos armados escondidos entre as folhas das árvores, tinha pouco medo da perseguição. Em rouco tempo, todos os sons da luta tinham desaparecido.

Um grosso tapete de folhas mortas cobria o chão. Galhos de árvores sem folhas rangiam sacudidos pelo vento frio das primeiras horas da manhã. Depois de passar dias confinados dentro da jaula, os companheiros moviam-se com lentidão e pouca agilidade, estavam contentes pelo exercício que lhes aquecia o sangue. Gilthanas levou-os para uma ampla clareira no momento em que o sol da manhã acendia a mata com uma luz pálida.

A clareira estava abarrotada de prisioneiros libertados. Tasslehoff olhou ansioso para o grupo, depois balançou a cabeça com tristeza.

— Estou curioso para saber o que aconteceu com Sestun —, ele disse para — Eu achei que tinha visto ele correndo.

— Não se preocupe — O meio elfo deu um tapinha em seu ombro — Ele está bem. Os elfos não gostam de anões da ravina, mas eles não o matariam.

Tasslehoff balançou a cabeça. Não era com os elfos que ele estava preocupado.

Entrando na clareira, os companheiros viram um elfo extraordinariamente alto e de constituição muito forte falando para o grupo de refugiados. Sua voz não demonstrava emoção e sua conduta era séria e inflexível.

— Vocês são livres para partir, se é que alguém é livre para ir nestas terras. Nós ouvimos rumores de que as terras ao sul de PaxTharkas não se encontraram sob o controle do Senhor dos Dragões. Portanto, eu sugiro que vocês viagem para o sudoeste. Movam-se tão rápido e tão longe quanto vocês puderem ainda hoje. Nós temos comida e suprimentos para sua jornada, tudo que nós podemos dispor. Não podemos fazer mais que isso por vocês.

Os refugiados de Solace, atônitos pela sua repentina liberdade, olharam em volta desolados e impotentes. Eles eram agricultores dos arredores de Solace, que tinham sido forçados a verem suas casas serem queimadas e suas plantações serem roubadas para alimentar o exército do Senhor dos Dragões . A maioria deles nunca tinha estado mais longe de Solace do que Haven. Dragões e

elfos eram criaturas de lendas. Agora, as histórias infantis tinham vindo assombrá-los.

Os olhos azuis claros de Lua Dourada cintilavam. Ela sabia como eles se sentiam.

— Como vocês podem ser tão cruéis? — Ela gritou com raiva para o elfo alto — olhe para estas pessoas. Eles nunca saíram de Solace em toda sua vida e você lhes diz calmamente para eles atravessarem uma terra dominada por forças inimigas...

— O que você gostaria que eu fizesse, humana? — o elfo a interrompeu — Guiá-los até o sul, eu mesmo? Já não é suficiente nós os termos libertado? Meu povo tem seus próprios problemas. Eu não posso me preocupar com os problemas dos humanos — Ele voltou o olhar para o grupo de refugiados — Eu lhes aviso. O tempo está passando. Sigam seus caminhos!

Lua Dourada virou-se para Tanis em busca de apoio, mas ele só balançou a cabeça, seu rosto estava sério e infeliz.

Um dos homens lançou aos elfos um olhar desanimado e saiu caminhando pela trilha que serpenteava pela floresta em direção ao sul. Os outros homens carregavam armas toscas em seus ombros, mulheres carregavam seus filhos, e as famílias se espalharam em grupos esparsos.

Lua Dourada deu um passo a frente para confrontar o elfo.

— Como você pode se importar tão pouco com...

— Com humanos? — O elfo olhou para ela com frieza — Foram os humanos que trouxeram o Cataclismo sobre nós. Foram eles que buscaram os deuses, exigindo em seu orgulho, o poder que foi concedido a Huma em humildade. Foram os humanos que induziram os deuses a se afastarem de nós...

— Eles não se afastaram! — Lua Dourada gritou — Os deuses estão entre nós!

Os olhos de Porthios flamejaram de raiva. Ele começou a se virar em outra direção, quando Gilthanas caminhou até seu irmão e falou com ele rapidamente na linguagem élfica.

— O que eles estão dizendo? — Vendaval perguntou a Tanis desconfiado.

— Gilthanas está contando como Lua Dourada curou Theros —, Tanis disse lentamente. Já tinham se passado muitos e muitos anos desde a última vez que ele tinha ouvido ou falado mais do que algumas palavras na língua élfica.

Ele tinha esquecido quão linda a língua era, tão linda que ela parecia cortar sua alma deixando-o ferido e sangrando por dentro. Ele viu quando os olhos de Porthios se arregalaram incrédulos.

Então, Gilthanas apontou para Tanis. Os dois irmãos se viraram de frente para eles, suas feições élficas tão expressivas, tornaram-se rígidas. Vendaval deu uma olhada para Tanis e viu o meio elfo pálido, mas composto sob este escrutínio.

— Você voltou à terra onde nasceu, não voltou? — Vendaval perguntou — Não parece que você é bem-vindo.

— Sim —, Tanis disse triste, ciente do que o homem das planícies estava pensando. Ele sabia que Vendaval não estava bisbilhotando seus assuntos pessoais por mera curiosidade. De várias maneiras, eles corriam um perigo maior agora do que quando eles estavam com o Cotiliquê.

— Eles nos levarão para Qualinost —, Tanis disse lentamente, aparentemente as palavras lhe causavam uma dor profunda — Eu não vou lá há muito tempo. Como Flint poderá te contar, eu não fui obrigado a sair de lá, mas pouca gente ficou triste ao me ver partir. Como você me disse uma vez, Vendaval, para os humanos eu sou meio elfo. Para os elfos, eu era meio homem.

— Então, vamos partir e viajar para o sul com os outros —, Vendaval disse.

— Você nunca sairia vivo daqui, Flint murmurou. Tanis concordou com a cabeça.

— Olhe em volta —, ele disse.

Vendaval deu uma olhada em volta dele e viu os guerreiros elfos se moverem como sombras por entre as árvores, suas roupas marrons misturavam-se com a natureza que era a casa deles. Assim que os dois elfos terminaram sua conversa, Porthios voltou seu olhar de Tanis novamente para Lua Dourada.

— Eu ouvi histórias estranhas de meu irmão que exigem uma investigação. Portanto, eu ofereço a você o que os elfos não oferecem aos humanos há anos, nossa hospitalidade. Vocês serão nossos hóspedes estimados. Por favor, sigam-me

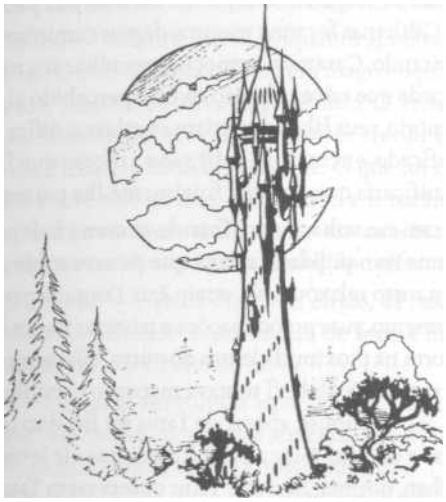
Porthios fez um gesto. Quase duas dúzias de guerreiros élficos emergiram da mata, cercando os companheiros.

— Estimados prisioneiros parece mais adequado. Isto vai ser difícil para você, meu rapaz —, Flint disse para Tanis num tom de voz baixo e gentil.

— Eu sei, velho amigo —Tanis descansou a mão no ombro do anão — Eu sei.

5

O ORADOR DOS SÓIS



Eu nunca imaginei que tal beleza existisse —, Lua Dourada disse suavemente. A marcha do dia havia sido difícil, mas a recompensa no final estava muito além de seus sonhos. Os companheiros estavam em um alto rochedo sobre a lendária cidade de Qualinost. Quatro pináculos delgados erguiam-se dos cantos da cidade como hastes brilhantes, suas pedras brancas reluzentes mescladas com um tom prateado cintilante. Arcos graciosos, ligando um pináculo a outro, se elevavam no ar. Construídos por antigos ferreiros anões, eles eram fortes o suficiente para suportar o peso de um exército, no entanto, eles pareciam tão delicados, que um pássaro pousado sobre eles, poderia lhes tirar o equilíbrio. Estes arcos cintilantes eram as únicas fronteiras da cidade; não havia nenhuma muralha em volta de Qualinost. A cidade élfica abria seus braços de forma amorosa para a imensidão.

Os edifícios de Qualinost aprimoravam a natureza ao invés de ocultá-la. As casas e as lojas eram esculpidas em quartzo cor-de-rosa. Altas e delgadas

como os álamos, elas se abobadavam para cima formando espirais impossíveis de avenidas cobertas de quartzo. No centro, havia uma grande torre de ouro polido que coletava a luz do sol e a emitia de volta em motivos cintilantes e espiralados que davam vida à torre. Olhando por sobre a cidade, parecia que a paz e a beleza imutáveis de eras passadas deviam morar em Qualinost, se é que elas moravam em algum lugar de Krynn.

— Descansem aqui —, Gilthanas disse a eles, deixando-os em um bosque de alamos — A jornada foi longa e eu peço desculpas por isso. Sei que vocês estão cansados e com fome...

Caramon levantou a cabeça esperançoso.

— Mas, eu tenho de implorar um pouco mais de sua paciência. Por favor, desculpem-me — Gilthanas fez uma mesura, depois caminhou até ficar ao lado de seu irmão. Suspirando, Caramon começou vasculhar sua mochila pela quinta vez, na esperança de que talvez ele não tivesse percebido alguma guloseima. Raistlin lia seu grimório, seus lábios repetiam as palavras difíceis, tentando compreender seu significado, encontrar a inflexão e a dicção que fariam seu sangue queimar, o que significaria que a magia finalmente lhe pertencia.

Os outros olharam em volta, maravilhando-se com a beleza da cidade abaixo deles e a aura de uma tranqüilidade antiga que pairava sobre ela. Até Vendaval pareceu tocado; seu rosto relaxou e ele atraiu Lua Dourada para perto de si. Durante um breve momento, suas preocupações e tristezas foram amenizadas e eles encontraram conforto na proximidade um do outro. Tika sentou-se distante, observando-os com tristeza. Tasslehoff tentava mapear o caminho que eles haviam trilhado de Berma até Qualinost, apesar de Tanis ter lhe dito quatro vezes que o caminho era secreto e os elfos nunca permitiriam que ele levasse um mapa dali. O velho mago, Fizban, dormia. Sturm e Flint observavam Tanis com preocupação. Flint porque só ele tinha idéia de quanto o meio elfo estava sofrendo; Sturm porque ele sabia o que era voltar para um lar que não lhe quer.

O cavaleiro colocou a mão no braço de Tanis.

— Voltar para casa não é fácil, meu amigo, é? — ele perguntou.

— Não —, Tanis respondeu suavemente — Eu achava que eu já tinha esquecido isto há muito tempo, mas agora eu sei que eu nunca esqueci. Qualinesti é parte de mim, não importa quanto eu queira negar isso.

— Psiu ... Gilthanas —, Flint avisou. O elfo veio até Tanis.

— Os mensageiros que havíamos enviado já regressaram —, ele disse em élfico — Meu pai pediu para falar com vocês, todos vocês, de uma só vez, na Torre do Sol. Eu não posso lhes dar tempo para descansarem. Com isso nós pareceremos rudes e deselegantes...

— Gilthanas —, Tanis interrompeu em comum — Meus amigos e eu passamos por perigos inimagináveis. Nós viajamos por estradas onde os mortos, literalmente, caminhavam. Nós não desmaiaremos de fome —, ele olhou para Caramon —, pelo menos, alguns de nós não vão, de forma alguma.

O guerreiro, ouvindo Tanis, suspirou e apertou o cinto.

— Obrigado —, Gilthanas disse, seco — Fico contente por vocês entenderem. Agora, por favor, me acompanhem o mais rápido que puderem.

Os companheiros reuniram suas coisas rapidamente e acordaram Fizban. Ao colocar-se de pé, ele caiu sobre a raiz de uma árvore.

—Grande desajeitada! — ele a repreendeu, batendo na árvore com seu cajado. — Pronto... você viu? Tentou me fazer tropeçar! — ele disse para Raistlin.

O mago colocou seu precioso livro de volta em sua bolsa.

— Sim, meu Velho — Raistlin sorriu, enquanto ajudava Fizban a se levantar. O velho mago apoiou-se no ombro do jovem mago enquanto eles caminhavam atrás dos outros. Tanis os observava, pensando. O velho mago era obviamente caduco. Mas,Tanis lembrou o olhar de horror absoluto de Raistlin, quando ele acordou e viu Fizban inclinado sobre ele. O que foi que o mago viu? O que é que ele sabia sobre este velho? Tanis disse a si mesmo para perguntar

mais tarde. Agora, entretanto, ele tinha outro assunto mais importante em mente. Caminhando apressadamente, ele alcançou o elfo.

—Diga-me, Gilthanas —, Tanis disse em élfico, as palavras com que ele não estava familiarizado voltando à sua mente de forma hesitante — O que está acontecendo? Eu tenho o direito de saber.

—Você tem? — Gilthanas perguntou asperamente, olhando para Tanis com o canto de seus olhos amendoados —Você ainda se importa com o que acontece com os elfos? Você mal consegue falar nosso idioma!

— É claro que eu me preocupo —, Tanis disse irritado — Vocês são meu povo, também!

— Então, porque é que você exibe ostensivamente sua hereditariedade humana? — Gilthanas fez um gesto indicando o rosto barbado de Tanis — Eu achei que você teria vergonha ... — Ele parou, mordendo os lábios, seu rosto ficou vermelho.

Tanis concordou com a cabeça, triste.

— Sim, eu tinha vergonha, e por isso eu parti. Mas, se eu tinha vergonha ... quem me fez senti-la?

— Perdoe-me Tanthalas —, Gilthanas disse, balançando a cabeça — O que eu disse foi cruel e, sinceramente, eu não quis dizer aquilo. É que... se você conseguisse compreender o perigo que nós enfrentamos!

— Diga-me! —Tanis praticamente gritou frustrado — Eu quero entender!

— Nós estamos partindo de Qualinesti —, Gilthanas disse. Tanis parou e olhou fixamente para o elfo.

— Partindo de Qualinost? — ele repetiu chocado, mudando para comum, os companheiros o ouviram e trocaram olhares rápidos entre si. O rosto do velho mago ficou sério, enquanto ele puxava sua barba.

— Isso não pode ser verdade! — Tanis disse suavemente — Partir de Qualinost! Por quê? Com certeza, as coisas não podem estar tão ruins assim...

— Elas estão piores —, Gilthanas disse, com tristeza — Olhe à sua volta, Tanthalas. Você está vendo os últimos dias de Qualinost.

Eles entraram nas primeiras ruas da cidade. Tanis, numa primeira olhada, viu tudo exatamente como ele havia deixado cinqüenta anos antes. Nem as ruas de pedras lampejantes trituradas, nem os alamos dispostos entre elas haviam mudado; as ruas limpas cintilavam na luz do sol; talvez os alamos tivessem crescido, talvez não. Suas folhas refletiam a luz do final da manhã, e os galhos incrustados de ouro e prata sussurravam e cantavam. As casas ao longo das ruas não tinham mudado. Decoradas com quartzo, elas cintilavam sob a luz do sol, criando pequenos arco-íris de cores em todos os lugares para onde eles olhassem. Tudo parecia estar do jeito que os elfos amavam, lindo, ordeiro, imutável.... Não. Isso estava errado, Tanis percebeu. A canção das árvores agora era triste, como um lamento, não a calma e alegre canção de que Tanis se lembrava. Qualinost tinha mudado e a mudança era a própria mudança. Ele tentou entende-la, mesmo que ele sentisse sua alma se encolher com a perda. A mudança não estava nos edifícios, nas árvores, nem na luz do sol se infiltrando por entre as folhas. A mudança estava no ar. O ar estalava de tensão como acontece antes de uma tormenta. Enquanto andava pelas ruas de Qualinost, Tanis viu coisas que ele nunca tinha visto em sua terra natal. Ele viu pressa. Ele viu urgência. Ele viu indecisão. Ele viu pânico, desespero e desesperança. Mulheres, encontrando amigos e amigas, se abraçavam e choravam, depois se separavam e andavam apressadas em direções diferentes. Crianças sentavam-se abandonadas, sem compreenderem, sabendo apenas que suas brincadeiras estavam fora de lugar. Os homens se reuniam em grupos, com as mãos nas espadas, mantendo um olho em suas famílias. Aqui e ali, fogueiras queimavam enquanto os elfos destruíam aquilo que eles amavam e não poderiam carregar com eles, ao invés de deixar que a escuridão vindoura os consumisse.

Tanis tinha sofrido com a destruição de Solace, mas a visão do que estava acontecendo com Qualinost penetrou em sua alma como a lâmina cega de uma

faca. Ele não tinha percebido o quanto ela significava para ele. Ele sabia, no fundo de seu coração que, mesmo que ele nunca mais voltasse, Qualinesti estaria sempre lá. Mas não, ele estava perdendo isso também. Qualinesti ia perecer.

Tanis ouviu um som estranho e se virou, ele viu o velho mago chorando.

— Que planos vocês já fizeram? Para onde vocês vão? Vocês podem escapar. — Tanis perguntou a Gilthanas desolado.

— Você descobrirá a resposta para essas perguntas e muitas outras logo, logo —, Gilthanas murmurou.

A Torre do Sol se elevava bem acima dos outros edifícios de Qualinost. A luz do sol refletindo na superfície dourada, dava a ilusão de um movimento em círculos. Os companheiros entraram na Torre em silêncio, atônitos com a beleza e a majestade do antigo edifício. Só Raistlin olhou em volta, sem se impressionar. Para seus olhos, ali não havia beleza, só morte.

Gilthanas levou os companheiros até uma pequena alcova.

—Esta sala sai da câmara principal —, ele disse — Meu pai está reunido com os Chefes de Família para planejar a evacuação. Meu irmão foi lhe dizer da nossa chegada. Quando a conversa tiver terminado, nós seremos chamados — Obedecendo a um gesto dele, elfos entraram trazendo jarras e bacias com água fresca — por favor, refresquem-se o quanto o tempo permitir.

Os companheiros beberam, depois lavaram a poeira da jornada de seus rostos de suas mãos. Sturm removeu o manto e poliu cuidadosamente sua armadura o melhor que ele podia com um dos lenços de Tasslehoff. Lua Dourada escovou seus cabelos brilhantes, mantendo seu manto preso à volta de seu pescoço Ela e Tanis tinham decidido que o medalhão que ela usava deveria ficar escondido até que a hora fosse propícia para revelá-lo; alguns o reconheceriam. Fizban tentou, sem muito sucesso, endireitar seu chapéu amassado e sem forma. Caramon olhou em volta procurando alguma coisa para comer. Gilthanas ficou separado de todos eles, seu rosto estava pálido e sério.

Poucos minutos depois, Porthios apareceu na porta em arco.

— Vocês foram chamados —, ele disse, austero.

Os companheiros entraram na câmara do Orador dos Sóis. Nenhum humano tinha visto o interior deste edifício durante centenas de anos. Nenhum kender jamais o viu. Os últimos anões que o viram, foram aqueles que estiveram presentes durante sua construção, centenas de anos atrás.

— Ah, sim. Isto é o trabalho de um artesão —, Flint disse em tom suave, com lágrimas embaçando seus olhos.

A câmara era redonda e parecia imensamente maior do que a delgada Torre era capaz de acomodar. Construída inteiramente em mármore branco, não havia vigas nem colunas. A sala se elevava por dezenas de metros, e formava um domo bem no alto da torre onde um lindo mosaico feito de um ladrilho ornado e reluzente retratava o céu azul e o sol em uma das metades; a lua prateada, a lua vermelha e as estrelas na outra, as duas metades eram separadas por um arco-íris.

Não havia luzes na câmara. Janelas e espelhos construídos com muito engenho, traziam a luz do sol para dentro da câmara onde quer que o sol estivesse localizado no céu. Os raios de luz convergiam para o centro da câmara, iluminando uma tribuna.

Não havia assentos na Torre. Os elfos ficavam em pé, homens e mulheres juntos; somente aqueles designados como Cabeças da Família tinham o direito de estar nesta reunião. Havia mais mulheres presentes do que Tanis se lembrara já ter visto; muitas vestidas de púrpura escuro, a cor do luto. Os elfos se casam uma única vez e, mesmo que seus parceiros morram, não se casam novamente. Portanto, a viúva tem o status de Cabeça da Família até ela morrer.

Os companheiros foram levados para a frente da câmara. Os elfos abriam caminho para eles num silêncio respeitoso, mas lançavam-lhes olhares estranhos e ameaçadores, particularmente para o anão, o kender, e os dois bárbaros que pareciam grotescos, vestidos com peles exóticas. Houve

murmúrios atônitos diante da visão do orgulhoso e nobre Cavaleiro de Solamnia. E houve comentários esparsos sobre a aparência de Raistlin com seu robe vermelho. Os elfos que eram utilizadores de mágica, usavam roupões brancos do bem, não as roupas vermelhas que proclamavam neutralidade. Isso, para os elfos, estava apenas a um passo do preto. Quando a multidão se acomodou, o Orador dos Sóis dirigiu-se à tribuna.

Fazia muito tempo que Tanis tinha visto o Orador pela última vez, seu pai adotivo. E aqui também ele viu mudanças. O homem ainda era alto, ainda mais alto que seu filho Porthios. Ele estava vestindo as vestes amarelas cintilantes de seu posto. Seu rosto era sério e inflexível, suas maneiras austeras. Ele era o Orador dos Sóis, chamado de Orador; ele era chamado de Orador há bem mais de um século. Aqueles que sabiam seu nome, nunca o pronunciavam, incluindo seus filhos. Mas, Tanis viu no cabelo dele alguns traços de grisalho, que não estavam lá antes e havia marcas de preocupação e tristeza em seu rosto que antigamente parecia não ser afetado pelo tempo.

Porthios juntou-se a seu irmão, enquanto os companheiros entravam guiados pelos elfos. O Orador estendeu os braços para seus filhos e os chamou pelo nome. Eles caminharam para frente para receber o abraço de seu pai.

— Meus filhos —, o Orador disse emocionado e Tanis ficou surpreso com essa demonstração de emoção — Eu pensei que nunca mais ia ver algum de vocês outra vez nesta vida. Contem-me sobre o ataque ... — ele disse, virando-se para Gilthanas.

— No momento certo, Orador —, disse Gilthanas — Primeiro, eu gostaria que você cumprimentasse nossos convidados.

— Sim. desculpem-me — O Orador passou a mão trêmula sobre o rosto e pareceu a Tanis que ele estava envelhecendo ali mesmo na frente deles — Perdoem-me, convidados. Eu dou as boas vindas a vocês que entraram neste reino, no qual ninguém entra há muitos anos.

Gilthanas disse algumas palavras e o Orador olhou atentamente para Tanis. Depois acenou para o meio-elfo se adiantar. Suas palavras eram frias, suas maneiras polidas, se não forçadas.

— É você mesmo, Tanthalas filho da esposa de meu irmão? Os anos foram passando e todos se perguntavam sobre seu destino. Nós o acolhemos com alegria em sua terra natal. Embora eu tema que você só verá seus dias finais. Minha filha em particular ficará feliz em te ver. Ela sente muita falta de seu companheiro de infância.

Neste ponto Gilthanas enrijeceu, seu semblante anuviou-se quando ele olhou para Tanis, o meio elfo sentiu seu próprio rosto ficar vermelho. Ele fez uma mesura diante do Orador, incapaz de dizer uma palavra.

—Eu dou boas vindas aos outros também e mais tarde espero saber mais sobre vocês. Nós não vamos manter vocês aqui por muito tempo, mas é preciso que vocês tomem conhecimento nesta sala, do que está acontecendo no mundo Depois, vocês terão oportunidade de descansar e relaxar. Agora, meu filho — O Orador virou-se para Gilthanas, obviamente agradecido pelo término das formalidades — O ataque a PaxTharkas?

Gilthanas adiantou-se com a cabeça baixa.

—Eu fracassei, Orador dos Sóis.

Um murmúrio correu entre os elfos como o vento entre os álamos. O rosto do Orador não tinha expressão alguma. Ele simplesmente suspirou e fixou seu olhar, sem nada ver, no exterior de uma grande janela.

— Conte sua história —, ele disse serenamente.

Gilthanas engoliu em seco, depois começou a falar, sua voz era tão baixa que muita gente no fundo da sala, se inclinou para a frente para ouvir melhor.

— Eu viajei em segredo para o sul com meus guerreiros, conforme planejado. Tudo correu bem. Nós encontramos um grupo de guerreiros da resistência humana que eram, refugiados de Berma e se uniram a nós, aumentando nosso contingente. Depois, pela mais cruel infelicidade, nós

encontramos as patrulhas avançadas do exército dragoniano. Nós lutamos corajosamente, elfos e humanos juntos, mas para nada. Eu fui atingido na cabeça e não me lembro de mais nada. Quando acordei, eu estava deitado em um buraco aberto pela erosão, cercado pelos corpos de meus camaradas. Aparentemente, os fétidos homens-dragão empurraram os feridos rochedo abaixo, e nos deixaram lá por terem nos considerado mortos — Gilthanas fez uma pausa, limpando a garganta. Os Druidas da mata cuidaram de meus ferimentos. Com eles, eu vim a saber que meus guerreiros ainda estavam vivos e tinham sido feito prisioneiros. Deixando os druidas para enterrar os mortos, eu segui as pegadas do exército dragoniano e acabei chegando em Solace.

Gilthanas parou. Seu rosto cintilava com o suor e suas mãos se torciam nervosamente. Ele limpou a garganta mais uma vez, tentou falar e não conseguiu. Seu pai o observava com uma preocupação cada vez maior.

Gilthanas falou.

— Solace está destruída.

Ouviu-se o arquejo das pessoas presentes na audiência.

— As poderosas copadeiras foram cortadas e queimadas ... poucas ainda estão de pé.

Os elfos choravam e gritavam horrorizados e com raiva. O Orador ergueu a mão pedindo ordem.

— Esta é uma notícia dolorosa —, ele disse com seriedade — Nós estamos de luto pela morte das árvores. Mas, continue ... e o nosso povo?

— Eu encontrei meus homens amarrados em estacas no centro da praça da cidade junto com os humanos que tinham nos ajudado —, Gilthanas disse, mudando a voz repentinamente — Eles estavam cercados por guardas dragonianos. Eu esperava ser capaz de libertá-los à noite. Então... — Sua voz falhou completamente e ele baixou a cabeça enquanto seu irmão mais velho se aproximou e colocou a mão em seu ombro. Gilthanas se endireitou — Um dragão vermelho apareceu no céu...

Sons de choque e horror vieram dos elfos presentes na assembléia. O Orador balançou a cabeça com tristeza.

— Sim. Orador —, Gilthanas disse e sua voz se elevou e ficou anormalmente alta e dissonante — É verdade. Esses monstros voltaram para Krynn. O dragão vermelho voou em círculos sobre Solace e todos que o viram fugiram apavorados. Ele voou cada vez mais baixo até pousar na praça da cidade. Seu corpo reptiliano vermelho e cintilante ocupou a praça, suas asas espalharam a destruição, sua cauda derrubava árvores. Suas presas amarelas brilhavam, saliva verde pingava de suas enormes mandíbulas, suas enormes garras rasgavam o chão... e cavalgando nas costas do dragão havia um humano.

— Ele tinha uma constituição física poderosa, estava vestindo um robe negro dos clérigos da Rainha das Trevas. Uma capa preta e dourada esvoaçava em torno dele. Seu rosto estava escondido por uma horrenda máscara com chifres que tinha as cores preto e dourado para se parecer com a cara de um dragão. Os homens-dragão caíram de joelhos em adoração quando o dragão aterrissou. Os goblins, os hobgoblins e os homens fétidos que lutaram ao lado dos homens-dragões se encolheram de terror, muitos deles fugiram. Somente o exemplo de meu povo me deu coragem para ficar.

Agora que estava falando, Gilthanas parecia ansioso para contar a história. — Alguns dos humanos amarrados às estacas entraram em um frenesi de terror, gritando de forma lamentável. Mas, meus guerreiros permaneceram calmos e desafiadores, embora todos tivessem sido afetados da mesma maneira pela dragofobia que o monstro gera. Aparentemente, o cavaleiro do dragão não gostou disso. Ele olhou para eles, depois disse com uma voz que veio das profundezas do Abismo. Suas palavras ainda ardem em minha mente.

— "Eu sou Verminaard, o Senhor dos Dragões do norte. Eu lutei para livrar estas terras e este povo da falsa crença espalhada por aqueles que chamam a si mesmos de Seguidores. Muito deles vieram trabalhar para mim, contentes em levar adiante a grande causa dos Altos Lordes do Dragão. Eu os tenho

tratado com misericórdia e agraciado com as bênçãos que minha deusa tem me concedido. Eu possuo magias de cura como mais ninguém nestas terras, por isso vocês sabem que eu sou o representante dos verdadeiros deuses. Mas, vocês humanos que se encontram diante de mim agora, me desafiaram. Vocês escolheram lutar contra mim, por isso sua punição servirá de exemplo para quaisquer outros que escolherem a insensatez ao invés de sabedoria."

—Depois, ele se virou para os elfos e disse, que seja conhecido por este ato que eu, Verminaard, destruirei completamente sua raça como foi ordenado por minha deusa. Os humanos podem ser treinados de modo a verem os erros em seu modo de vida, mas os elfos não! A voz do homem aumentou até ficar mais alta que os ventos. 'Que este seja o último aviso, para todos aqueles que observam! Flogisto, destrua!'

—E, com isso, o grande dragão soprou fogo sobre todos que estavam amarrados nas estacas. Eles padeceram, impotentes e queimaram até a morte numa agonia terrível...

Não se ouvia som algum na câmara. O choque e o horror eram grandes demais para palavras.

— Uma loucura tomou conta de mim —, Gilthanas continuou, seus olhos ardiam de emoção, quase um reflexo do que eles haviam visto — Eu comecei a correr adiante, para morrer com meu povo, quando uma grande mão me agarrou e me arrastou para trás. Era Theros Ferro Forjado, o ferreiro de Solace. “Agora não é hora de morrer, elfo, — ele me disse”. “Agora é hora da vingança." Eu... eu caí, e ele me levou para sua casa, colocando sua própria vida em perigo. E ele teria pago por sua bondade com a vida, não fosse esta mulher tê-lo curado!

Gilthanas apontou para Lua Dourada que estava atrás do grupo, o rosto encoberto por sua capa de pele. O Orador virou-se para fitá-la, da mesma forma que o fizeram os outros elfos na câmara com seus murmúrios sérios e assustadores.

— Theros é o homem que foi trazido para cá hoje, Orador —, Porthios disse — O homem que tem só um braço. Nossos curandeiros dizem que ele viverá. Mas, eles dizem que ele foi salvo por um milagre, tão assustadores eram seus ferimentos.

— Adiante-se, mulher das planícies —, o Orador ordenou com gravidade. Lua Dourada deu um passo na direção da tribuna. Vendaval ao seu lado. Dois guardas elfos moveram-se rapidamente com o intuito de bloqueá-lo. Ele olhou para eles de modo feroz, mas ficou onde estava.

A Filha do Líder avançou com a cabeça erguida. Quando ela removeu o capuz, o sol brilhou em seu cabelo dourado e prateado que caía como uma cascata em suas costas. Os elfos se maravilharam com sua beleza.

— Você afirma ter curado este homem, Theros Ferro Forjado? — O Orador Perguntou a ela com desdém.

— Eu não afirmo coisa alguma —, Lua Dourada respondeu calmamente — Seu filho viu-me curá-lo. Você duvida do que ele diz?

— Não, mas ele estava extremamente fatigado, doente e confuso. Ele pode ter confundido bruxaria com cura.

— Olhe para isto —, Lua Dourada disse gentilmente e desamarrou sua capa, e deixou que ela escorregasse de seu pescoço. O medalhão cintilou sob a luz do sol.

O Orador deixou a tribuna e deu um passo a frente, seus olhos se arregalaram incrédulos. Depois, seu rosto se contorceu enfurecido.

— Blasfêmia! — ele gritou. Levando a mão ao pescoço de Lua Dourada, ele começou a arrancar o medalhão da garganta dela.

Viu-se um lampejo de luz azul. O Orador desmoronou no chão com um grito de dor. Quando os elfos gritaram apavorados e sacaram suas espadas, os companheiros sacaram as deles. Guerreiros elfos se apressaram em cercá-los.

— Pare com essa besteira! — disse o velho mago com uma voz alta e grave. Fizban cambaleou até a tribuna, empurrando calmamente as lâminas das

espadas de lado, como se elas fossem os finos galhos de um álamo. Os elfos olharam irados, aparentemente incapazes de detê-lo. Balbuciando consigo mesmo, Fizban foi até o Orador que estava deitado no chão atordoado. O velho ajudou o elfo a se levantar.

— Bem, você pediu por isso —, Fizban o repreendeu, enquanto tirava o pó das vestes do Orador e o elfo olhava para ele de boca aberta.

— Quem é você? — o Orador disse arfando.

— Hum. Como é que era aquele nome mesmo? — O velho mago olhou em volta a procura de Tasslehoff.

— Fizban —, o kender disse sentindo-se útil.

— Sim. Fizban. É quem eu sou — O mago alisou a barba branca — Agora, Solostaran, eu sugiro que você dispense seus guardas e diga a todos para se acomodarem. Eu mesmo, gostaria de ouvir a história das aventuras desta jovem senhora, e você faria muito bem em ouvir. E não lhe custaria nada pedir desculpas a ela também.

Enquanto Fizban apontava o dedo para o Orador e o balançava, seu chapéu judiado inclinou-se para frente cobrindo-lhe os olhos.

— Socorro! Eu fiquei cego! — Raistlin, depois de um olhar receoso para os guardas elfos, correu para a frente. Ele pegou no braço do velho e arrumou o chapéu dele.

— Ah, graças aos verdadeiros deuses —, o mágico disse, piscando e arrastando os pés no chão. O Orador observava o velho mágico, com uma expressão confusa no rosto. Depois, como se estivesse vivendo um sonho, ele ficou de frente para Lua Dourada.

—Eu peço desculpas, dama das planícies —, ele disse num tom suave — Já faz mais de trezentos anos que os clérigos élficos desapareceram, trezentos anos desde que o símbolo de Mishakal foi visto pela última nestas terras. Meu coração sangrou ao ver o amuleto sendo profanado. Perdoe-me. Nós estamos

desesperados há tanto tempo que eu não vi a esperança que chegava. Por favor, conte-nos sua história, se não estiver exausta.

Lua Dourada contou a história do medalhão, falando sobre Vendaval e o apedrejamento, o encontro dos companheiros na Hospedaria e a jornada deles a Xak Tsaroth. Ela falou da destruição do dragão e de como ela recebeu o medalhão de Mishakal. Mas ela não mencionou os Discos.

Os raios do sol se alongaram enquanto ela falava, mudando de cor à medida que o crepúsculo se aproximava. Quando sua história terminou, o Orador ficou em silêncio durante um longo tempo.

— Eu tenho de pensar em tudo isso e no que isso significa para nós —, ele disse finalmente. Ele virou-se para os companheiros — Vocês estão exaustos. Eu vejo que alguns de vocês ainda estão em pé, só pela coragem. — Na verdade —, ele sorriu olhando para Fizban que estava encostado em um pilar, roncando levemente... — alguns de vocês estão dormindo em pé. Minha filha, Laurana, os levará a um lugar onde vocês poderão esquecer seus temores. Nós teremos um banquete em sua honra hoje à noite, pois vocês nos trazem esperança. Que a paz dos verdadeiros deuses esteja convosco.

Os elfos se espalharam e do meio deles surgiu uma jovem elfa que se aproximou do Orador. A boca de Caramon se abriu ao vê-la. Os olhos de Vendaval se arregalaram. Até Raistlin olhou, seus olhos puderam finalmente apreciar a beleza, pois nenhum traço de decadência havia tocado a jovem elfa. O cabelo dela era como mel escorrendo de uma jarra; ele jorrava sobre seus braços e ao longo de suas costas, passando sua cintura e tocando seus punhos, quando ela parou com os braços junto ao corpo. Sua pele era macia e marrom como madeira. Ela tinha os traços delicados e refinados dos elfos, mas esses traços eram combinados com lábios cheios e olhos grandes claros e brilhantes, que mudavam de cor como folhas sob a luz do sol.

— Por minha honra como cavaleiro —, Sturm disse com uma mudança no tem da sua voz —, Eu nunca vi uma mulher tão adorável.

— E nem verá neste mundo —, Tanis murmurou.

Todos os companheiros olharam imediatamente para Tanis quando ele falou, mas o meio elfo não notou. Seus olhos estavam na jovem elfa. Sturm ergueu as sobrancelhas, trocou olhares com Caramon que cutucou seu irmão. Flint balançou a cabeça e deu um suspiro que parecia ter vindo de seus artelhos, de tão profundo.

— Agora, muita coisa fica clara —, Lua Dourada disse para Vendaval.

— Ainda não ficou claro para mim —, Tasslehoff disse — Você sabe o que está acontecendo, Tika?

Tudo o que Tika sabia era que olhando para Laurana ela se sentiu subitamente desarrumada e vestida pela metade, sardenta e ruiva. Ela puxou sua blusa mais para cima, cobrindo os seios, desejando que ela não revelasse tanto ou que ela tivesse menos para revelar.

— Diga-me o que está acontecendo —, Tasslehoff sussurrou, vendo os olhares de "entendimento" trocados pelos outros.

— Eu não sei! —Tika respondeu asperamente — Só sei que Caramon está fazendo papel de bobo. Olhe para o grande touro. Até parece que ele nunca viu uma mulher antes.

— Ela é bonita —,Tas disse — Diferente de você, Tika. Ela é magra e ela caminha como uma árvore, balançando ao vento e...

— Ah, cala a boca! —Tika disse furiosa para o kender, depois deu um empurrão em Tas que quase o derrubou.

Tasslehoff olhou para Tika ofendido, depois se aproximou de Tanis determinado a se manter perto do meio elfo até descobrir o que estava acontecendo.

— Eu lhes dou as boas vindas a Qualinost, honrados convidados —, Laurana disse timidamente com uma voz que soava como um riacho límpido correndo entre as árvores — Por favor, sigam-me. O trajeto não é longo e vocês encontrarão comida, bebida e descanso ao final dele.

Movendo-se com uma graça infantil, ela caminhou entre os companheiros que abriram espaço para ela, como os elfos haviam feito, todos eles olhando para ela com admiração. Laurana baixou os olhos com uma modéstia virginal e quando percebeu os olhares dos companheiros, suas bochechas ficaram vermelhas. Ela ergueu os olhos uma vez e isso aconteceu quando ela passou por Tanis, um olhar de relance que só Tanis viu. Seu rosto ficou perturbado, seus olhos ficaram sérios. Os companheiros deixaram a Torre dos Sóis depois de acordar Fizban.

6

TANIS E LAURANA

Laurana levou-os até um bosque de alamos banhado pelo sol bem no centro da cidade. Aqui, apesar de estarem cercados de edifícios e ruas, eles pareciam estar no coração de uma floresta. Somente o murmúrio de riachos nas proximidades quebrava o silêncio. Laurana, gesticulando na direção das árvores frutíferas entre os alamos, disse para os companheiros apanharem as frutas e comerem à vontade. Jovens elfas trouxeram cestas de pães quentes. Os companheiros se lavaram no riacho, depois voltaram para relaxar nas camas macias de musgo e desfrutar do silêncio e da tranqüilidade à volta deles.

Todos, exceto Tanis. Recusando comida, o meio elfo vagou pelo bosque absorto em seus próprios pensamentos. Tasslehoff observava o meio elfo de perto, totalmente corroído pela curiosidade.

Laurana era uma anfitriã perfeita e charmosa. Ela se certificou de que todos estavam sentados e se sentindo confortáveis e, trocou algumas palavras com cada um deles.

— Flint Forjardente, não é? — ela disse. O anão ficou vermelho de alegria. Eu ainda tenho alguns dos brinquedos maravilhosos que você fez para mim. Nós sentimos sua falta todos estes anos.

Tão alvoroçado que não conseguia falar, Flint jogou-se na grama e bebeu uma enorme caneca de água.

— Você é Tika? — Laurana perguntou, parando perto da garçonete.

—Tika Waylan —, a garota disse com a voz rouca.

— Tika, que nome bonito. E que cabelo lindo você tem — Laurana disse tocando nos cachos vermelhos que balançavam, com admiração.

— Você acha mesmo? —Tika disse, ficando vermelha ao ver os olhos de Caramon sobre ela.

— É claro! É da cor do fogo. Você deve ter um espírito que combina com ele. Eu ouvi dizer que você salvou a vida de meu irmão na Hospedaria, Tika. Tenho um débito profundo com você.

— Obrigada —,Tika respondeu suavemente — Seu cabelo também é muito bonito.

Laurana sorriu e seguiu adiante. Tasslehoff notou, entretanto, que os olhos dela procuravam Tanis constantemente. Quando o meio elfo jogou uma maçã no chão e desapareceu entre as árvores, Laurana pediu desculpas apressadamente e se afastou.

— Ah, agora eu descobrirei o que está acontecendo! —Tas disse a si mesmo. Olhando em volta, ele correu atrás de Tanis.

Tas caminhou com cuidado pelo sinuoso caminho entre as árvores e de repente, encontrou o meio elfo em pé sozinho às margens de um riacho, jogando folhas mortas dentro da água. Percebendo movimento a sua esquerda, Tas se agachou rapidamente atrás de uma moita, no momento em que Laurana surgia um outro caminho.

— Tanthalas Quisifnan-Pah! — ela chamou.

Quando Tanis se virou ao ouvir o som de seu nome élfico, ela jogou os braços em volta de seu pescoço e o beijou.

— Uh —, ela disse brincando e se afastou — Corte essa barba horrível. Ela coça. E você não se parece mais com Tanthalas.

Tanis colocou suas mãos na cintura dela e a empurrou gentilmente.

— Laurana... — ele começou.

— Não, não fique bravo por causa da barba. Eu aprenderei a gostar dela se você insiste —, Laurana implorou, fazendo bico com os lábios. — Beije-me. Não? Então, eu vou te beijar até você não agüentar mais — Ela o beijou novamente, até Tanis conseguir finalmente escapar dela.

— Pare com isso, Laurana —, ele disse asperamente, virando-se para outro lado.

— Por que, qual é o problema? — ela perguntou, segurando a mão dele — Você ficou tanto tempo longe. E agora você voltou. Não seja frio e melancólico. Você é meu noivo, lembra? É apropriado uma garota beijar seu noivo.

—Isso foi há muito tempo —, Tanis disse — Nós éramos crianças naquela época e estávamos brincando, nada mais. Era romântico ter um segredo para partilhar. Você sabe o que teria acontecido se seu pai tivesse descoberto. Gilthanas descobriu, não descobriu?

—É claro! Eu contei a ele —, Laurana disse, abaixando a cabeça e erguendo os olhos para Tanis, através de seus longos cílios — Eu conto tudo para Gilthanas, você sabe disso. Eu não pensei que ele fosse reagir daquela forma! Eu sei o que ele disse para você. Ele me contou mais tarde. Ele se sentiu mal.

—Tenho certeza que sim —Tanis segurou os pulsos dela, mantendo quietas suas mãos. — O que ele disse era verdade, Laurana! Eu sou um mestiço bastardo. Seu pai teria todo direito de me matar! Como é que eu poderia trazer a desonra para ele, depois do que ele fez por minha mãe e eu? Essa foi uma das razões pelas quais eu parti, isso e também para descobrir quem eu sou e aonde eu pertenço.

—Você é Tanthalas, meu amado, e você pertence a este lugar! — Laurana gritou. Ela se soltou das mãos dele e segurou as mãos dele nas dela —

Olhe! Você ainda usa meu anel. Eu sei por que você partiu. Porque você tinha medo de me amar, mas você não precisa ter medo, não mais. Tudo mudou. Meu pai tem tanto com que se preocupar que ele não se importará. Além do mais, agora você é um herói. Por favor, vamos casar. Não foi por isso que você voltou?

— Laurana —, Tanis disse gentilmente, mas com firmeza —, meu retorno foi um acidente...

— Não! — ela gritou, empurrando-o — Eu não acredito em você.

— Você deve ter ouvido a história de Gilthanas. Se Porthios não tivesse nos resgatado, a essa hora nós estaríamos em PaxTharkas!

— Ele inventou' Ele não quis me dizer a verdade. Você voltou porque você me ama. Eu não ouvirei mais nada.

— Eu não queria lhe contar, mas vejo que devo —, Tanis disse enfurecido. Laurana, eu estou apaixonado por outra pessoa, uma mulher humana. O nome dela é Kitiara. Isso não quer dizer que eu não te amo. Eu amo... Tanis hesitou.

Laurana olhou fixamente para ele, toda cor tinha desaparecido de seu rosto.

— Eu amo você, Laurana. Mas, você vê, eu não posso me casar com você porque eu a amo também. Meu coração está dividido, assim como meu sangue

Ele tirou o anel de folhas douradas de hera e o devolveu a ela — Eu te liberto de qualquer promessa que você tenha feito para mim, Laurana. E eu lhe peço que me liberte.

Laurana pegou o anel, incapaz de dizer qualquer coisa. Ela olhou para Tanis suplicante, depois vendo somente compaixão no rosto dele, deu um grito e jogou o anel para longe dela. Ele caiu aos pés de Tas. Ele pegou o anel, e o colocou em uma bolsa.

—Laurana —, Tanis disse com tristeza, tomando-a em seus braços enquanto ela soluçava de forma descontrolada — Desculpe-me. Eu jamais...

Neste momento, Tasslehoff saiu da moita e começou a voltar pela trilha.

— Bem —, disse o kender para si mesmo, suspirando de satisfação —, agora, pelo menos eu sei o que está acontecendo.

Tanis acordou de repente e viu Gilthanas em pé na frente dele.

— Laurana? — Ele perguntou, levantando-se.

— Ela está bem —, Gilthanas disse em voz baixa — Suas donzelas trouxeram-na para casa. Ela me contou o que você disse. Eu só quero que você saiba que eu entendo. Era o que eu temia o tempo todo. A sua metade humana clama por outros humanos. Eu tentei dizer a ela, na esperança de que ela não fosse se magoar. Agora ela vai me ouvir. Obrigado, Tanthalas. Eu sei que não deve ter sido fácil.

— Não foi —, Tanis disse, engolindo em seco — Eu vou ser honesto, Gilthanas... eu amo sua irmã, eu realmente a amo. É que...

— Por favor, não diga mais nada. Vamos deixar como está e, se por acaso não pudermos ser amigos, podemos ao menos respeitar um ao outro — O rosto de Gilthanas ficou sério e pálido no sol poente — Você e seus amigos devem se preparar. Quando a lua prateada nascer haverá um banquete e depois uma reunião do Alto Conselho. Agora é a hora em que as decisões têm de ser tomadas.

Ele saiu. Tanis olhou para ele durante um momento; depois, suspirando, foi acordar os outros.

7

DESPEDIDA

DECISÃO DOS COMPANHEIROS.

O banquete oferecido em Qualinost lembrou Lua Dourada do banquete do funeral de sua mãe. Da mesma forma que este banquete, o funeral deveria ser uma ocasião de júbilo, afinal de contas, Triste Canção tinha se tornado uma deusa. Mas, o povo achou difícil aceitar a morte daquela linda mulher. Por isso, os Que-shu lamentaram sua morte com tamanha dor que aquilo tinha sido quase uma blasfêmia.

O banquete do funeral de Triste Canção foi o mais elaborado que se deu em memória dos Que-shu. Seu marido de luto não poupou nenhuma despesa. Como o banquete em Qualinost nesta noite, houve muita comida que poucos podiam comer. Houve tentativas de conversação sem muita inspiração, pois ninguém queria falar. De vez em quando, alguém tomado pela tristeza era forçado a deixar a mesa.

Essa lembrança era tão vivida que Lua Dourada conseguiu comer muito pouco; a comida tinha gosto de cinzas em sua boca. Vendaval observava-a preocupado. A mão dele encontrou a dela por baixo da mesa e ela a segurou bem apertada e sorriu, quando a força dele fluiu para o corpo dela.

O banquete élfico aconteceu no pátio ao sul da grande torre dourada. Não havia muros sobre a plataforma de cristal e mármore que se assentava no topo da mais alta colina de Qualinost, oferecendo uma visão livre da cidade que reluzia abaixo, da misteriosa floresta além da cidade, e também da cor púrpura escura do sopé das Montanhas Tharkadan, bem ao sul. Mas a beleza estava sendo desperdiçada com aqueles que participavam do banquete, ou se fez mais pungente pelo conhecimento de que em breve ela deixaria de existir para sempre.

Lua Dourada sentou-se ao lado direito do Orador. Ele fez um esforço educado de conversar mas, por fim, suas preocupações e ansiedades o dominaram e ele ficou em silêncio.

À esquerda do Orador, sentou-se sua filha, Laurana. Ela não fingiu comer, simplesmente se sentou com a cabeça curvada e o longo cabelo cobrindo seu rosto. Quando ela ergueu os olhos, foi para olhar para Tanis com o coração refletido em seus próprios olhos.

O meio elfo, muito ciente do olhar inconsolável de Laurana e do olhar frio de Gilthanas observando-o, comeu sua comida sem apetite, mantendo os olhos lixos em seu prato. Sturm, ao lado dele, estava esboçando planos em sua mente para a defesa de Qualinesti.

Flint se sentiu estranho e fora de lugar, da forma que anões sempre ficam quando estão junto de elfos. Ele não gostava mesmo de comida élfica e recusou tudo Raistlin, absorto, beliscou a comida, enquanto seus olhos dourados estudavam Fizban. Tika, sentindo-se inadequada e fora de lugar entre as graciosas mulheres élficas, não conseguiu comer nem um pedacinho sequer. Caramon chegou a conclusão de que ele havia descoberto porque elfos são tão esguios: a comida consistia de frutas e legumes cozidos em molhos delicados, servidos com pão, queijos e um vinho muito leve. Depois de passar quatro dias sem se alimentai dentro da jaula, aquela comida não ajudou a saciar a fome do grande guerreiro.

As únicas duas pessoas em toda a cidade de Qualinost a desfrutar o banquete foram Tasslehoff e Fizban. O velho mago teve uma discussão, ou melhor, um monólogo com um álamo, enquanto Tasslehoff simplesmente aproveitou de tudo. descobrindo mais tarde, para sua surpresa, que duas colheres de ouro, uma faca de prata e um pratinho de manteiga feito de concha tinham ido parar dentro de suas bolsas.

A lua vermelha não estava visível. Solinari, uma faixa estreita de prata no céu, começou a minguar. Quando as primeiras estrelas apareceram, o Orador dos Sóis fez um sinal com a cabeça para seu filho. Gilthanas levantou-se e foi se colocar ao lado da cadeira de seu pai.

Gilthanas começou a cantar. As palavras élficas fluíram em uma melodia delicada e linda. Enquanto cantava, Gilthanas segurava uma pequena bola de cristal com as duas mãos, a vela que havia dentro da bola iluminava suas feições de mármore. Tanis fechou os olhos enquanto ouvia a canção e apoiou a cabeça em suas mãos.

—O que é isso? O que essas palavras significam? — Sturm perguntou com suavidade. Tanis levantou a cabeça. Com a voz falhando, ele sussurrou,

O Sol

O olho maravilhoso

De nosso firmamento

Submerge na noite

E deixa

O céu sonolento,

Decorado com vaga-lumes,

Se acinzentando.

Os elfos sentados à mesa estavam quietos, segurando suas próprias lamparinas enquanto cantavam a canção juntos. Suas vozes se combinavam, tecendo uma canção assustadora e de tristeza infinita.

Agora durma,

Nosso mais velho amigo,

Arrulha entre as árvores

E nos chama.

As folhas

Exalam um fogo frio,

Transformando-se em cinzas

No final do ano.

E os pássaros

Deixam-se levar pelos ventos,

Vão para o norte,

Quando o outono termina.

O dia escurece,

As estações passam,

Mas nós esperamos

O fogo verde do sol

Sobre nossas árvores.

Pontos de luz bruxuleante das lanternas se espalharam pelas ruas a partir do pátio, para dentro das florestas e para além delas como ondas em um lago tranqüilo. E, a cada lâmpada acesa, outra voz se juntava à canção, até a própria floresta que os cercava, parecer ela própria estar cantando em desespero.

O vento

Faz com que passem os dias.

Em cada estação, em cada lua

Grandes reinos surgem.

O fôlego

Do vaga-lume, do pássaro,

Das árvores, da humanidade

Se fundem em uma palavra.

Agora durma,

Nosso mais velho amigo,

Arrulhando entre as árvores

E nos chama.

A era se vai,

Com as milhares de vidas

E as histórias que os homens

Levam para seus túmulos.

Mas nós,

O povo, desejamos,

Em poema e glória,

Nos unirmos com a canção.

A voz de Gilthanas silenciou. Com um sopro gentil, ele apagou a chama de sua lanterna. Uma a uma, do mesmo modo como haviam começado, as outras pessoas em volta das mesas terminaram a canção e apagaram suas velas. Em toda Qualinost, as vozes se calaram e as chamas foram extintas até parecer que o silêncio e a escuridão tinham varrido as terras. No final, somente as montanhas distantes retornavam os últimos acordes da canção, como o sussurrar das folhas caindo no chão.

O Orador se levantou.

— E agora—, ele disse como que sobrecarregado, — é hora da reunião do Alto Conselho. Ela será realizada no Pátio do Céu, Tanthalas, gostaria que você guiasse seus companheiros até lá.

O Pátio do Céu, como eles vieram a descobrir, era uma enorme praça iluminada por tochas. O céu arqueava sobre ela como um domo gigantesco reluzindo cheio de estrelas. Mas, estava escuro para o norte, onde os relâmpagos brincavam no horizonte. O Orador fez um sinal para Tanis dando a entender que os companheiros deveriam ficar em pé perto dele, depois a população inteira de Qualinost se reuniu em torno deles. Não foi preciso pedir silêncio. Até mesmo o vento se calou, quando o Orador começou a falar.

—Aqui vocês vêem nossa situação — Ele gesticulou mostrando alguma coisa no chão. Os companheiros viram um mapa gigantesco debaixo de seus pés. Tasslehoff, que estava de pé no meio das planícies de Abanasinia, respirou fundo. Ele não conseguia lembrar de ter visto alguma coisa tão linda em toda sua vida.

—Ali está Solace! — ele gritou entusiasmado, apontando.

— Sim, kender —, o Orador respondeu — E é ali que os exércitos dragonianos se concentram. Em Solace... ele tocou o ponto no mapa com um cajado...e em Haven. Lorde Verminaard não fez segredo de seus planos para invadir Qualinost. Ele só está esperando reunir suas forças e garantir suas rotas de suprimentos. Nos não temos esperanças de resistir a estas hordas.

— E certo que Qualinost é fácil de ser defendida —, Sturm disse — Não existe uma rota direta por terra. Nós cruzamos pontes sobre ravinas que nenhum exército existente poderia atravessar se as pontes fossem eliminadas. Por que vocês não os enfrentam?

— Se fosse apenas o exército, nós conseguiríamos defender Qualinesti —, o Orador respondeu — Mas, o que e que nós podemos fazer contra dragões? — O Orador abriu as mãos, impotente — Nada! De acordo com as lendas, só foi com a Lança do Dragão que o poderoso Huma os derrotou. Não existe ninguém hoje em dia, pelo menos que nós tenhamos conhecimento, que se lembre do segredo daquela grande arma.

Fizban começou a falar, mas Raistlin o silenciou.

— Não —, o Orador continuou —, nós devemos abandonar esta cidade e estas matas. Nós planejamos ir para o oeste, para as terras desconhecidas de lá, na esperança encontrar um novo lar para nosso povo, ou talvez, até mesmo retornar para Silvanesti, o mais antigo lar dos elfos. Até uma semana atrás, nossos Planos estavam se desenvolvendo bem. Serão necessários três dias de caminhada forçada para o Senhor dos Dragões deslocar seus homens até a

posição de ataque e espiões nos informariam quando os exércitos saíssem de Solace.

Teríamos tempo de fugir para o oeste. Mas, então, nós soubemos de um terceiro exército dragoniano em PaxTharkas, a menos de um dia de jornada de nós. A menos que este exército seja detido, nós estamos condenados.

— E você conhece uma maneira de deter esse exército? —Tanis perguntou.

— Sim — O Orador olhou para seu filho mais jovem — Como você sabe, homens de Berma, Solace e outras comunidades próximas, estão sendo mantidos prisioneiros na fortaleza de PaxTharkas, trabalhando como escravos para o Senhor dos Dragões. Verminaard é inteligente. Com medo que seus escravos se revoltem, ele mantém as mulheres e os filhos desses homens como reféns; um resgate pelo comportamento desses homens. Nós acreditamos que se estes cativos forem libertados, os homens se revoltarão contra seus mestres e os destruirão. Essa era a missão de Gilthanas, libertar os homens e liderar uma revolta. Ele teria levado os homens para as montanhas do sul, atraindo esse terceiro exército em sua perseguição, dando-nos tempo para escapar.

— E os humanos? — Vendaval perguntou rudemente — A mim, parece que você os está jogando para o exército dragoniano como um homem desesperado joga pedaços de carne aos lobos que o perseguem.

— Nós tememos que Lorde Verminaard não os manterá vivos por muito tempo. O minério está acabando. Ele está extraindo até o último grama, depois os escravos não terão mais utilidade para ele. Existem vales nas montanhas, cavernas onde os humanos podem viver e resistir aos exércitos dragonianos. Eles podem manter facilmente essas passagens das montanhas contra eles, principalmente agora que o inverno está chegando. Admitimos que alguns podem morrer, mas esse é o preço que tem que ser pago. Se você pudesse escolher, homem das planícies, preferiria morrer na escravidão ou morrer lutando?

Vendaval, baixou os olhos para o mapa, sem responder.

— A missão de Gilthanas fracassou —, Tanis disse, — e agora você quer que nós lideremos essa revolta?

— Sim, Tanthalas —, o Orador respondeu — Gilthanas conhece um caminho que entra em PaxTharkas... o Sla-Mori. Ele pode levá-lo até a fortaleza. Você não só tem a oportunidade de libertar seu próprio povo, oferece também uma chance de escapar aos elfos —... a voz do Orador ficou mais dura... — uma chance de viver, o que não foi dado a muitos elfos quando os humanos trouxeram o Cataclismo sobre nós!

Vendaval ergueu os olhos, franzindo a testa. Até a expressão de Sturm ficou sombria. O Orador respirou fundo, depois suspirou.

— Por favor, perdoem-me —, ele disse — Eu não tenho intenção de fustigá-los com memórias do passado. Não é que não nos importemos com os problemas dos humanos. Eu mando meu filho, Gilthanas, com vocês de bom grado, sabendo que, se nos separarmos, pode ser que nós não nos vejamos nunca mais. Eu faço este sacrifício para que meu povo e o seu possam viver.

— Nós precisamos de tempo para pensar —, Tanis disse, embora ele soubesse qual seria sua decisão. O Orador fez um gesto e guerreiros elfos abriram um caminho através da multidão, guiando os companheiros até um bosque. Ali, eles os deixaram a sós.

Os amigos de Tanis ficaram a seu lado, os rostos solenes eram máscaras de luz e sombras sob as estrelas. Todo este tempo, ele pensou, eu lutei para nos mantermos juntos. Agora eu vejo que nós temos de nos separar. Nós não podemos arriscar levar os Discos para dentro de PaxTharkas e Lua Dourada não os deixaria para trás.

—Eu vou para PaxTharkas —, Tanis disse calmamente — Mas, eu acredito que chegou a hora de nos separarmos, meus amigos. Antes que vocês falem, deixem-me dizer o seguinte. Eu mandaria Tika, Lua Dourada, Vendaval, Caramon e Raistlin e você, Fizban, com os elfos na esperança que vocês

consigam levar os Discos para algum lugar seguro. Os Discos são preciosos demais para serem arriscados num ataque contra PaxTharkas.

—Pode ser que sim Meio Elfo —, Raistlin sussurrou das profundezas de seu capuz, — mas, não é entre os elfos de Qualinesti que Lua Dourada encontrará aquele a quem ela procura.

— Como você sabe? —Tanis perguntou atônito.

— Ele não sabe nada, Tanis —, Sturm interrompeu irritado — Mais conversa...

— Raistlin? —Tanis repetiu, ignorando Sturm.

— Você ouviu o cavaleiro! — o mago sibilou — Eu não sei nada! Tanis suspirou e olhou em volta.

— Vocês me fizeram seu líder...

— Sim, nós o fizemos, rapaz —, disse Flint, repentinamente — Mas esta decisão está vindo de sua cabeça, não de seu coração. Lá no fundo, você não acredita realmente que nós deveríamos nos separar.

— Bem, eu não vou ficar com estes elfos —, Tika disse, cruzando os braços sobre o peito — Eu vou com você, Tanis. Eu planejo me tornar uma espadachim como Kitiara.

Tanis se encolheu. Ouvir o nome de Kitiara foi como um soco.

— Eu não me esconderei com os elfos —, Vendaval disse, — especialmente se isso significar deixar minha raça para trás, para lutar por mim.

Ele e eu somos um —, Lua Dourada disse colocando a mão no braço ele. Além disso —, ela disse com suavidade, — de alguma forma eu sei que aquilo que o mago diz é verdade, o líder não está entre os elfos. Eles querem fugir do mundo, não lutar por ele.

— Nós todos vamos, Tanis —, Flint disse com firmeza.

O meio elfo olhou para o grupo, impotente, depois ele sorriu e balançou a cabeça.

— Vocês têm razão. Na verdade, eu não acreditava realmente que nós devêssemos nos separar. É claro que é a coisa mais lógica e sensata a se fazer, por isso nós não a faremos.

— Agora, talvez nós possamos dormir um pouco — Fizban bocejou.

— Espere um minuto, meu Velho —, Tanis disse inflexível — Você não é um de nós. Você definitivamente está indo com os elfos.

— Eu estou? — o velho mago perguntou suavemente, enquanto seus olhos perdiam seu olhar vago e desfocado. Ele olhou para Tanis com um olhar tão penetrante, quase ameaçador, que o meio elfo deu um passo para trás involuntariamente sentindo, de repente, uma aura de poder quase palpável em volta do velho. Sua voz era macia e intensa — Eu vou para onde eu quiser neste mundo e eu quero ir com vocês, Tanis Meio-Elfo.

Raistlin olhou para Tanis como se dissesse, Agora você compreende. Tanis, indeciso, devolveu o olhar. Ele se arrependeu de ter adiado essa discussão com Raistlin, mas tentou descobrir uma forma de consultá-lo agora, sabendo que o velho não partiria.

— Eu lhe digo o seguinte, Raistlin —, Tanis disse de repente, falando no dialeto de campanha, uma forma corrompida de comum, que se desenvolveu entre os mercenários de Krynn que eram de raças diferentes. Os gêmeos tinham servido algum tempo como mercenários no passado, como o tinha feito a maioria dos companheiros, para poderem comer. Tanis sabia que Raistlin compreenderia. Ele estava quase certo que o velho não o compreenderia.

— Nós falamos se quer —, Raistlin respondeu na mesma língua —, mas sei pouco eu.

— Você teme. Por quê?

Os olhos estranhos de Raistlin fitaram um ponto distante enquanto ele respondia vagarosamente.

— Sei não, Tanis. Mas... você certo. Tem poder dentro Velhinho. Eu sinto grande poder. Eu temo — Seus olhos brilharam — E eu quer saber! — O

mago suspirou e pareceu voltar de onde quer que seus olhos tinham ido -— Mas, ele certo. Tentar pará-lo? Muito perigo.

— Como se já não houvesse suficiente —, Tanis disse irritado, voltando a falar em comum — Nós levamos o nosso conosco — na forma de um velho mago senil.

— Outros, tão perigosos —, Raistlin disse, com um olhar significativo para seu irmão. O mago voltou a falar em comum — Eu estou cansado. Eu preciso dormir. Você vai ficar, meu irmão?

— Sim, — Caramon respondeu, trocando olhares com Sturm — Nós vamos falar com Tanis.

Raistlin acenou com a cabeça e deu o braço a Fizban. O velho e o jovem mago partiram, o velho mago açoitando uma árvore com seu cajado, acusando-a de tentar pegá-lo distraído.

— Como se um mago maluco já não fosse suficiente — Flint murmurou —Eu vou para a cama.

Um a um, os outros partiram, até Tanis ficar só com Caramon e Sturm. Exausto Tanis voltou-se para os dois. Ele tinha a impressão de que já sabia sobre o que eles iam falar. O rosto de Caramon estava vermelho e ele olhava para os próprios pés. Sturm alisava o bigode e observava Tanis pensativo.

— Bem? —Tanis perguntou.

— Gilthanas —, Sturm respondeu. Tanis franziu a testa e coçou a barba.

— Isso é problema meu, não de vocês —, ele disse bem seco.

— É problema nosso, Tanis —, Sturm persistiu, — se é ele quem vai nos guiar até PaxTharkas. Nós não queremos bisbilhotar, mas é óbvio que existe alguma coisa a ser acertada entre vocês dois. Eu vi os olhos dele quando ele olha para você, Tanis e, se eu fosse você, não iria a lugar algum sem um amigo na minha retaguarda.

Caramon olhou para Tanis com veemência, a testa franzida.

— Eu sei que ele é um elfo e tal —, o homenzarrão disse sem pressa — Mas, como Sturm diz, de vez em quando ele tem um olhar estranho. Você não sabe o caminho até esse Sla-Mori? Nós não conseguimos encontrá-lo nós mesmos? Eu não confio nele. Sturm e Raist também não confiam.

— Ouça, Tanis —, Sturm disse vendo o rosto do meio elfo ficar sério de raiva — Se Gilthanas estava correndo tanto perigo em Solace como ele afirma, por que ele estaria casualmente sentado na Hospedaria? E, depois, tem essa história dos guerreiros deles terem "acidentalmente" dado de cara com um maldito exército! Tanis, não balance a cabeça tão rápido. Pode ser que ele não seja ruim, pode ser que ele esteja sendo enganado. E se Verminaard tiver algum poder sobre ele? Talvez o Senhor dos Dragões o tenha convencido de que ele pouparia seu povo, se ele nos traísse em troca! Talvez seja por isso que ele estava em Solace esperando por nós.

— Isso é ridículo! —Tanis disse irritado — Como ele iria saber que nós estávamos vindo?

— Nós não fizemos segredo de nossa viagem de Xak Tsaroth para Solace — Sturm respondeu friamente — Nós vimos dragonianos ao longo de todo o caminho e aqueles que escaparam de Xak Tsaroth devem ter percebido que nós voltamos para buscar os Discos. Verminaard provavelmente conhece nossas descrições melhor do que ele conhece sua própria mãe.

— Não! Eu não acredito nisso! —Tanis disse com raiva, olhando para Sturm e Caramon — Vocês estão errados! Eu aposto minha vida nisto. Eu fui criado com Gilthanas, eu o conheço! Sim, existe uma coisa a ser acertada entre nós dois, mas nós conversamos e o assunto está resolvido. Eu acreditarei que ele se tornou um traidor de seu povo no dia que eu acreditar que você ou Caramon se tornaram traidores. E, não, eu não sei o caminho para PaxTharkas. Eu nunca estive lá. E mais uma coisa —, Tanis estava gritando, furioso, — se tem pessoas que eu não confio neste grupo são seu irmão e aquele velho! Ele olhou de forma acusadora para Caramon.

O homenzarrão ficou pálido e abaixou os olhos. Ele começou a se virar. Tanis voltou à razão, percebendo de repente o que tinha dito.

— Desculpe-me, Caramon — Ele colocou a mão no braço do guerreiro — Eu não quis dizer isso. Raistlin salvou nossas vidas mais de uma vez durante esta jornada insana. É que eu não consigo acreditar que Gilthanas é um traidor1

— Nós sabemos, Tanis —, Sturm disse calmamente — E nós confiamos em seu discernimento. Mas, a noite está muito escura para se caminhar com os olhos fechados, como diz meu povo.

Tanis suspirou e concordou com a cabeça. Ele colocou a outra mão no braço de Sturm. O cavaleiro a agarrou, e os três homens ficaram em silêncio, depois eles saíram do bosque e caminharam de volta para o Pátio do Céu. Eles ainda pediam ouvir o Orador falando com seus guerreiros.

— O que é que Sla-Mori significa? — Caramon perguntou.

— Caminho Secreto —, Tanis respondeu.

Tanis acordou com um sobressalto e colocou a mão sobre a adaga em seu cinto. Uma forma escura se curvou sobre ele, escondendo as estrelas acima de sua cabeça. Movendo a mão rapidamente, ele agarrou a pessoa, jogou-a, de atravessado contra seu corpo e colocou a adaga na garganta exposta.

— Tanthalas! — Houve um pequeno grito à visão do aço brilhando sob a luz das estrelas.

— Laurana! —Tanis arfou.

O corpo dela apertado contra o dele. Ele podia senti-la tremendo e agora que estava totalmente acordado, ele podia ver o cabelo longo caindo solto sobre os ombros dela. Ela estava vestindo apenas uma camisola fina. O manto dela tinha caído durante a pequena luta.

Laurana tinha se levantado da cama num impulso e saído, jogando um manto sobre a camisola, para se proteger do frio. Agora ela estava atravessada sobre o peito de Tanis, assustada demais para se mover. Este era um lado de

Tanis que ela nunca soube que existia. Ela percebeu, de repente, que se fosse um inimigo, a esta altura ela estaria morta, com a garganta cortada.

— Laurana ... —Tanis repetiu, colocando a adaga de volta no cinto com a mão trêmula. Ele a empurrou e se sentou, com raiva de si mesmo por tê-la assustado e com raiva dela por ter despertado algo bem lá no fundo dele. Por um momento, quando ela estava em cima de si, ele esteve extremamente consciente do cheiro do cabelo dela, do calor de seu corpo delgado, do movimento dos músculos de suas coxas, da maciez de seus seios pequenos. Laurana era uma garota quando ele partiu. Quando voltou, ele encontrou uma mulher e uma mulher linda e desejável.

—O que em nome do Abismo você está fazendo aqui a essa hora da noite?

— Tanthalas —, ela disse engasgando, enrolando a capa em torno de si e apertando-a — Eu vim lhe pedir que mude de idéia. Deixe que seus amigos vão libertar os humanos em PaxTharkas. Você tem de vir conosco! Não desperdice sua vida. Meu pai está desesperado. Ele não acredita que isso vai funcionar, eu sei que ele não acredita. Mas, ele não tem outra escolha! Ele está pranteando Gilthanas como se ele já estivesse morto. Eu vou perder meu irmão. Eu não posso perder você, também! Ela começou a soluçar. Tanis olhou em volta impaciente. Ele tinha quase certeza que havia guardas elfos por perto. Se os elfos o pegassem nesta situação comprometedora....

— Laurana —, ele disse, segurando-a pelos ombros e chacoalhando-a, — Você não é mais uma criança. Você tem que crescer e crescer rápido. Eu não deixaria meus amigos enfrentarem esse perigo sem mim! Eu sei os riscos que estamos assumindo; eu não sou cego! Mas, se nós conseguirmos libertar os humanos de Verminaard e dar a você e seu povo tempo para escapar, esse é um risco que nós temos que correr! Um dia, Laurana, chega a hora em que a gente tem de arriscar a vida por algo em que se acredita, algo que significa mais do que a própria vida. Você compreende?

Ela olhou para ele por entre um aglomerado de cabelos dourados. Seus soluços pararam e ela parou de tremer. Ela olhou para ele com muita convicção.

— Você compreende, Laurana? — ele repetiu.

— Sim, Tanthalas —, ela respondeu suavemente — Eu compreendo.

— Bom! — Ele suspirou — Agora volte para a cama. Rápido. Você me colocou em perigo. Se Gilthanas nos visse assim...

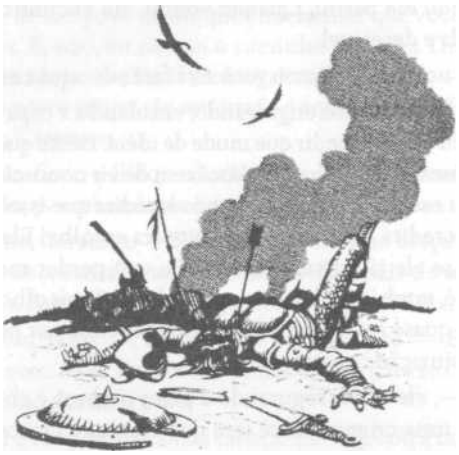
Laurana levantou-se e saiu rapidamente do bosque, movendo-se com agilidade pelas ruas e edifícios como o vento entre os alamos. Passar sorrateiramente pelos guardas para voltar para dentro dos aposentos de seu pai era simples. Ela e Gilthanas faziam isso desde a infância. Quando voltava silenciosamente para seu quarto, ela ficou um momento parada próximo à porta do quarto de seu pai e sua mãe ouvindo. Havia luz lá dentro. Ela podia ouvir o farfalhar de pergaminho e sentiu um cheiro acre. O pai dela estava queimando papéis. Ela ouviu o suave murmúrio de sua mãe chamando seu pai para a cama. Laurana fechou os olhos em agonia por um momento depois seus lábios se apertaram numa firme resolução e ela percorreu o corredor escuro e frio, até seu quarto.

8

DÚVIDAS.

EMBOSCADA

UM NOVO AMIGO.



Os elfos acordaram os companheiros antes do nascer do sol. Nuvens de tempestade surgiram no horizonte ao norte com o formato de dedos cobiçosos, voltados na direção de Qualinesti. Gilthanas chegou depois do café da manhã, vestindo uma túnica de tecido azul e de malha.

— Nos temos suprimentos —, ele disse, apontando os guerreiros que traziam mochilas em suas mãos — Nós também podemos fornecer armas e munição se vocês precisarem.

— Tika precisa de uma armadura, um escudo e uma espada —, disse Caramon.

— Nós forneceremos o que pudermos —, Gilthanas disse, — embora eu duvide que nós tenhamos um conjunto de armadura completo tão pequeno.

— Como está Theros Ferro Forjado esta manhã? — Lua Dourada perguntou.

— Ele está descansando, clériga de Mishakal — Gilthanas fez uma mesura respeitosa para Lua Dourada — Meu povo irá, é claro, levá-lo consigo quando partirmos. Você pode se despedir dele.

Os elfos voltaram pouco depois com uma armadura para Tika cujas partes haviam sido feitas por diferentes artesãos e eram de estilos diferentes e também uma espada curta e leve que era do tipo preferido pelas mulheres élficas.

Os olhos de Tika brilharam, quando ela viu o elmo e o escudo. Os dois eram de fabricação élfica e decorados com jóias.

Gilthanas pegou o elmo e o escudo das mãos do elfo.

— Eu ainda tenho que lhe agradecer por ter salvo minha vida na Hospedaria — ele disse para Tika — Aceite isto. Elas são as armaduras cerimoniais de minha mãe da época das Guerras Fratricidas. Elas iam ficar para minha irmã, mas Laurana e eu acreditamos que você seria a dona mais apropriada para elas.

— Que linda —, Tika murmurou, enrubescendo. Ela aceitou o elmo, depois olhou para o resto da armadura confusa — Eu não sei o que vai aonde —, ela confessou.

— Eu a ajudarei! — Caramon se ofereceu ansioso.

— Eu cuidarei disso —, Lua Dourada disse com firmeza. Ela pegou a armadura e levou Tika para o bosque.

—O que é que ela sabe sobre armaduras? — Caramon resmungou.

Vendaval olhou para o guerreiro e sorriu, um sorriso raro e incomum, que enterneceu seu rosto austero.

— Você esquece —, ele disse, — que ela é a Filha do Líder. Era seu dever, na ausência do pai, liderar a tribo em uma guerra. Ela sabe um bocado sobre armaduras, guerreiro, e mais ainda sobre o coração que bate debaixo delas.

Caramon ficou vermelho. Nervoso, ele pegou uma mochila de suprimentos e olhou dentro.

— O que é este lixo? — ele perguntou.

— Quith-pa —, disse Gilthanas — Rações de ferro, na sua língua. Elas durarão várias semanas, se isso for necessário.

— Parece fruta seca! — Caramon disse enojado.

— E, é isso mesmo —, Tanis respondeu, sorrindo. Caramon gemeu.

O alvorecer estava começando a tingir as pequenas nuvens de tempestade com uma luz pálida e fria, quando Gilthanas guiou o grupo para fora de Qualinesti. Tanis manteve os olhos voltados para a frente, recusando-se a olhar para trás. Ele desejava que sua última visita aqui tivesse sido mais alegre. Ele não viu Laurana a manhã toda e, apesar de ter se sentido aliviado por ter evitado uma despedida com lágrimas, secretamente, ele desejava saber por que ela não tinha vindo para lhe dar adeus.

A trilha seguia para o sul, descendo de forma gradual mas constante. Ela tinha sido coberta pela vegetação espessa, mas o grupo de guerreiros que Gilthanas tinha liderado antes, tinha limpado a trilha enquanto eles avançavam, por isso o caminhar era relativamente fácil. Caramon caminhava ao lado de Tika, resplandecente em sua armadura improvisada, instruindo-a no uso da espada. Infelizmente, o professor era um pouco desajeitado.

Lua Dourada tinha cortado a saia vermelha do uniforme de garçonete de Tika na altura das coxas para facilitar o movimento. Pedaços pequenos de branco aveludado, enfeitados com pele, da roupa íntima de Tika, apareciam de forma tentadora pelas ranhuras. As pernas da garota eram visíveis quando ela andava e eram exatamente como Caramon sempre as tinha imaginado, elas eram redondas e bem feitas. Por isso, Caramon achou bastante difícil se concentrar em sua lição. Absorto em sua aluna, ele não tinha notado que seu irmão havia desaparecido.

— Onde está o jovem mago? — Gilthanas perguntou com aspereza.

— Talvez alguma coisa tenha acontecido a ele —, Caramon disse preocupado maldizendo a si mesmo por ter esquecido seu irmão. O guerreiro sacou a espada e começou a voltar pelo caminho.

— Isso não faz sentido! — Gilthanas o deteve — O que poderia ter acontecido com ele? Não há inimigos num raio de quilômetros. Ele deve ter saído da trilha em algum lugar, por algum motivo.

— O que você está dizendo? — Caramon perguntou carregando o sobrolho.

— Talvez ele tenha saído para...

— Para coletar o que eu preciso para fazer minha mágica, elfo —, Raistlin sussurrou, emergindo de trás de um arbusto — E para colher as ervas que curam minha tosse.

— Raist! — Caramon quase o abraçou aliviado — Você não devia se afastar sozinho, é perigoso.

— Os componentes da minha mágica são segredo —, Raistlin sussurrou irritado e empurrou seu irmão. Apoiando-se em seu Cajado de Magius, o mago juntou-se a Fizban na fila.

Gilthanas lançou um olhar feroz para Tanis que encolheu os ombros e balançou a cabeça. À medida que o grupo avançava, a trilha ia se tornando cada vez mais inclinada, levando-os da floresta de alamos para os pinheiros das terras baixas. A trilha se encontrava com um córrego límpido que logo se transformava em um riacho furioso à medida que eles viajavam mais para o sul.

Quando eles pararam para um rápido almoço, Fizban aproximou-se e ficou de cócoras ao lado de Tanis.

— Alguém está nos seguindo —, ele disse num sussurro sutil.

— O que? —Tanis perguntou, erguendo a cabeça para olhar para o velho com incredulidade.

— Pode ter certeza —, o velho mago acenou com a cabeça de forma solene. — Eu o vi, correndo para cá e para lá entre as árvores.

Sturm viu o olhar de preocupação de Tanis.

— Qual é o problema?

— O velho diz que tem alguém nos seguindo.

— Besteira! — Gilthanas jogou ao chão seu último pedaço de quith-pa, revoltado e se levantou. — Isso é loucura. Vamos partir agora. O Sla-Mori ainda está a muitos quilômetros e nós temos que estar lá antes do por do sol.

— Eu ficarei de guarda na retaguarda —, Sturm disse a Tanis calmamente.

Eles ainda andaram várias horas entre os pinheiros. O sol se inclinou no céu, alongando as sombras pelo caminho, quando o grupo de repente chegou a uma clareira.

— Psiu! — Tanis avisou, afastando-se assustado.

Caramon, alerta de imediato, sacou a espada e acenou para Sturm e seu irmão com a mão livre.

— O que é? — esganiçou Tasslehoff — Eu não consigo ver!

— Psiu! —Tanis olhou para o kender e Tas colocou a mão sobre sua própria boca para evitar que Tanis o fizesse.

A clareira era o local de uma batalha sangrenta recente. Havia corpos de homens e hobgoblins esparramados nas posições obscenas produzidas pela morte brutal. Os companheiros olharam em redor com medo e ficaram quietos durante algum tempo, mas não conseguiam ouvir nada além do barulho da água.

— Nenhum inimigo a quilômetros de distância! — Sturm olhou de modo feroz para Gilthanas e começou a caminhar para fora da clareira.

— Espere! — Tanis disse — Eu acho que vi alguma coisa se mover!

— Talvez ainda haja alguém vivo, — Sturm disse friamente e se adiantou. O resto do grupo seguiu mais devagar. O som baixinho de um gemido se ouviu, vindo debaixo do corpo de dois hobgoblins. Os guerreiros se aproximaram mais da carnificina com as espadas na mão.

— Caramon... —Tanis gesticulou.

O grande guerreiro empurrou os corpos para um lado. Debaixo deles havia uma figura gemendo.

— Humano —, Caramon informou — E está coberto de sangue. Inconsciente, eu acho.

O resto do grupo chegou mais perto para olhar o homem que se encontrava no chão. Lua Dourada começou a se ajoelhar, mas Caramon a deteve.

— Não, dama —, ele disse, gentilmente — Não faria sentido curá-lo, se vamos ter que matá-lo em seguida. Lembre-se que os humanos lutaram ao lado do Senhor dos Dragões em Solace.

Eles se agruparam para examinar o homem. Ele usava uma cota de malha e boa qualidade, mas bastante oxidada. Suas roupas eram ricas, embora o tecido estivesse puído em alguns lugares. Ele parecia ter quase quarenta anos. Seu cabelo era espesso e negro, o queixo era firme e as feições comuns. O estranho abriu os olhos e olhou para os companheiros com uma expressão vaga.

— Graças aos deuses dos Seguidores! — ele disse com voz rouca — Meus amigos... eles estão todos mortos?

— Preocupe-se com você primeiro —, Sturm disse gentilmente — Diga-nos quem eram seus amigos, os humanos ou os hobgoblins?

— Os humanos, guerreiros contra os homens-dragão — O homem parou repentinamente, arregalando os olhos — Gilthanas?

— Eben —, Gilthanas disse surpreso — Como você sobreviveu à batalha na ravina?

— E como você sobreviveu? — O homem chamado Eben tentou se levantar. Caramon estendeu uma mão para ajudá-lo quando, de repente, Eben apontou.

— Cuidado! Drag...

Caramon girou rapidamente e deixou Eben cair com um gemido. Os outros se viraram e viram doze dragonianos em pé na borda da clareira empunhando suas espadas.

— Todos os estranhos encontrados nestas terras devem ser levados para o Senhor dos Dragões para interrogatório —, disse um deles — Nós ordenamos que vocês nos acompanhem pacificamente.

— Ninguém mais deveria conhecer este caminho para Sla-Mori —, Sturm murmurou para Tanis com um olhar significativo na direção de Gilthanas — Isto é, de acordo com o elfo.

— Nos não aceitamos ordens do Lorde Verminaard! —Tanis disse, ignorando Sturm.

— Vocês aceitarão muito em breve —, o dragoniano disse e brandiu a arma. As criaturas se adiantaram para atacar.

Fizban que se encontrava perto da borda da mata, tirou alguma coisa de sua bolsa e começou a balbuciar algumas palavras.

— A bola de fogo, não! — Raistlin sibilou, agarrando o braço do velho mago — Você cremará todo mundo que está aqui!

— É mesmo? Eu acho que você tem razão — O velho mago suspirou desapontado —, depois sorriu — Espere... eu vou pensar em outra coisa.

— Fique aqui, protegido! — Raistlin ordenou — Eu vou ajudar meu irmão.

— Qual era mesmo aquela magia da teia de aranha? — O velho mago se perguntou.

Tika, com sua espada nova em punho e pronta, tremia de medo e entusiasmo. Um dragoniano atacou-a e ela deu um tremendo golpe. A lâmina errou o dragoniano por um quilômetro, mas passou a apenas alguns centímetros da cabeça de Caramon. Puxando Tika para trás dele, ele derrubou o dragoniano com a prancha de sua espada. Antes que ele conseguisse se levantar, Caramon pisou na garganta do dragoniano, quebrando-lhe o pescoço.

— Fique atrás de mim —, ele disse para Tika, depois olhou para a espada que ela estava brandindo como louca — Pensando melhor —, Caramon retificou nervoso, — corra até aquelas árvores e fique com o velho e Lua Dourada.

— EU não! — Tika disse indignada — Eu vou mostrar a eles —, ela resmungou, o punho da espada escorregou nas palmas de suas mãos suadas. Outros dois dragonianos atacaram Caramon, mas seu irmão estava a seu lado agora os dois, combinando mágica e aço para destruir seus inimigos. Tika sabia que ela só ia atrapalhá-los e ela temia mais a ira de Raistlin do que os dragonianos. Ela olhou em volta para ver se alguém precisava da ajuda dela. Sturm e Tanis lutavam lado a lado. Gilthanas formava uma dupla inverossímil com Flint. Tasslehoff, que tinha seu cajado firmemente apoiado no chão, arremessava uma barreira mortal de pedras que zumbiam no campo de batalha. Lua Dourada ficou debaixo das árvores, Vendaval estava perto dela. O velho mágico tinha sacado um grimório e o folheava.

— teia ... teia ... como era mesmo? — ele murmurava.

— Aaaaahh — Um grito estridente atrás de Tika quase fez com que ela engolisse a língua de medo. Depois de rodopiar, ela largou a espada assustada, quando um dragoniano rindo de maneira horrível, lançou-se no ar diretamente sobre ela. Atacada pelo pânico, Tika segurou o escudo com as duas mãos e atingiu o dragoniano em sua horrenda cara reptiliana. O impacto quase arrancou o escudo da mão dela, mas derrubou a criatura de costas e deixou-o inconsciente. Tika pegou a espada e, depois de fazer uma careta de nojo, enfiou a espada no coração da criatura. Seu corpo se transformou imediatamente em pedra, prendendo a espada. Tika tentou arrancá-la, mas ela continuou presa.

— Tika. na sua esquerda! — gritou Tasslehoff, estridente.

Tika virou-se desajeitadamente e viu outro dragoniano. Brandindo o escudo, ela bloqueou o golpe da espada dele. Depois, com uma força gerada pelo medo, ela atingiu a criatura diversas vezes com seu escudo, pensando

apenas que ela tinha que matar aquela coisa. Ela continuou batendo até sentir uma mão em seu braço. Virando-se, com o escudo manchado de sangue preparado, ela viu Caramon.

— Está tudo bem! — o grande guerreiro disse de forma tranqüilizante — Acabou, Tika. Eles estão todos mortos. Você lutou bem, muito bem.

Tika piscou. Por um momento ela não reconheceu o guerreiro. Depois ela baixou o escudo tremendo.

— Eu não me dei muito bem com a espada —, ela disse, começando a tremer em reação ao medo e à lembrança da horrível criatura lançando-se contra ela.

Caramon viu quando ela começou a tremer. Ele ergueu os braços e a abraçou, tocando seus cachos vermelhos, molhados de suor.

— Você foi mais corajosa que muitos homens que eu já conheci, guerreiros com experiência —, o homenzarrão disse com sua voz grave.

Tika olhou nos olhos de Caramon. O terror dela desapareceu, substituído pelo júbilo. Ela apertou o corpo contra Caramon. A sensação de contato com seus músculos enrijecidos, o cheiro de suor misturado com couro, aumentou sua excitação. Tika jogou os braços em volta do pescoço dele e o beijou com tanta violência que seus dentes se cravaram nos lábios dele. Ela sentiu o gosto de sangue na boca.

Caramon, sentiu surpreso o formigar da dor, um estranho contraste com o macio dos lábios dela e foi tomado de desejo. Ele queria aquela mulher mais do que qualquer outra mulher, e tinha havido muitas delas em sua vida. Ele esqueceu onde estava e quem estava a sua volta. Seu cérebro e seu sangue estavam pegando fogo e ele sentiu um desejo imenso. Apertando Tika contra o peito, ele a segurou e a beijou com uma intensidade de causar hematomas.

A dor desse abraço foi deliciosa para Tika. Ela desejava que a dor aumentasse e a envolvesse, mas ao mesmo tempo ela sentiu frio e medo. Lembrando-se de histórias contadas por outras garçonetes, das coisas terríveis e

maravilhosas que acontecem entre um homem e uma mulher, ela entrou em pânico.

Caramon perdeu completamente o senso da realidade. Ele levantou Tika nos braços com a louca idéia de levá-la para a mata, quando ele sentiu uma mão fria e familiar em seu ombro.

O homenzarrão olhou para seu irmão e recobrou os sentidos. Ele colocou gentilmente Tika no chão. Tonta e desorientada, ela abriu os olhos e viu Raistlin em pé. ao lado de seu irmão, observando-a com seu olhar brilhante e estranho.

Tika sentiu o rosto queimar. Ela se afastou, tropeçou no corpo do dragoniano, depois apanhou seu escudo e saiu correndo.

Caramon engoliu em seco, limpou a garganta e começou a dizer algo, mas Raistlin simplesmente lhe deu um olhar de desaprovação e foi se juntar a Fizban. Caramon, tremendo como um potro recém nascido, suspirou trêmulo e foi até onde Sturm, Tanis e Gilthanas estavam conversando com Eben.

— Não, eu estou bem —, o homem lhes assegurou — Eu só me senti um pouco fraco quando eu vi aquelas criaturas, só isso. Vocês realmente têm uma clériga entre vocês? Isso é maravilhoso, mas não desperdice os poderes de cura dela comigo. É só um arranhão. É mais o sangue deles do que o meu. Meu grupo e eu estávamos rastreando estes dragonianos na mata, quando fomos atacados por pelo menos quarenta hobgoblins.

— E só sobrou você para contar a história —, Gilthanas disse.

— Sim —, Eben respondeu, retribuindo o olhar desconfiado do elfo — Eu sou um exímio espadachim, como você sabe. Eu matei estes... ele fez um gesto mostrando os corpos de seis hobgoblins que estavam espalhados à volta dele, — depois sucumbi à quantidade deles. O resto deles deve ter achado que eu tinha morrido e me deixaram. Mas, chega de meus feitos heróicos. Vocês, também são muito bons com as espadas. Para onde vocês estão indo?

— Para um lugar chamado Sla... — Começou Caramon, mas Gilthanas o interrompeu.

— Nossa jornada é secreta —, Gilthanas disse. Depois completou com uma voz hesitante — Um exímio espadachim seria de grande ajuda.

— Se vocês estiveram lutando contra os dragonianos, sua luta é minha —, Eben disse entusiasmado. Ele puxou a mochila que estava debaixo do corpo de um hobgoblin e a pendurou no ombro.

— Meu nome é Eben Quebra Pedras. Eu venho de Berma. Vocês provavelmente já ouviram falar de minha família —, ele disse — Nós tínhamos uma das mais impressionantes mansões a oeste de...

— É isso! — Fizban gritou — Eu me lembrei!

De repente, o ar se encheu com os fios de uma pegajosa e esvoaçante teia de aranha.

O sol se pós, assim que o grupo alcançou uma planície aberta, flanqueada por altos picos de montanha. Rivalizando com as montanhas pelo domínio de terras diante de si, estava a gigantesca fortaleza conhecida como PaxTharkas que guardava a passagem entre as montanhas. Os companheiros contemplavam-na, num silêncio reverente.

Os olhos de Tika se arregalaram diante da visão das enormes torres gêmeas que se elevavam em direção ao céu.

— Eu nunca tinha visto nada tão grande! Quem as construiu? Eles devem ter sido homens poderosos.

— Não foram homens —, disse Flint entristecido. A barba do anão tremia enquanto ele olhava para Pax Tharkas com uma expressão melancólica — Foram elfos e anões trabalhando juntos há muito tempo, quando os tempos eram de paz.

— O anão fala a verdade —, Gilthanas disse — Muito tempo atrás, Kith-Kanan magoou o coração de seu pai e partiu do antigo lar de Silvanesti.

Ele e seu povo vieram para as lindas matas que haviam sido dadas a eles pelo Imperador de Ergoth de acordo com o texto do Códice da Bainha da Espada que pôs um fim às Guerras Fratricidas. Os Elfos moravam em Qualinesti há séculos, desde a morte de Kith-Kanan. Seu maior feito, entretanto, foi construir PaxTharkas. Situada entre os reinos dos anões e dos elfos, ela foi construída pelos dois reinos, dentro de um espírito de amizade que se perdeu há muito tempo em Krynn. Agora me dói, vê-la como o baluarte de uma poderosa máquina de guerra.

Enquanto Gilthanas falava, os companheiros viram o enorme portão que havia na frente de Pax Tharkas abrir-se. Um exército, longas fileiras de dragonianos, goblins e hobgoblins, marchava em direção às planícies. O som de trombetas ornejando ecoava do topo das montanhas. Havia um grande dragão vermelho observando-os do alto. Os companheiros se encolheram atrás da vegetação e das árvores. Apesar do dragão estar muito longe para vê-los, a dragofobia tocou-os, mesmo àquela distância.

—Eles estão marchando para Qualinesti —, Gilthanas disse com a voz falhando — Nós temos de entrar e libertar os prisioneiros. Então, Verminaard será forçado a chamar o exército de volta.

— Vocês vão entrar em PaxTharkas! — Eben arquejou.

— Sim —, Gilthanas respondeu com relutância, aparentemente se arrependendo de ter falado demais.

— Uau! — Eben respirou fundo — Vocês têm coragem. Então, como é que a gente entra lá? Espera até o exército sair? Provavelmente, haverá apenas dois guardas no portão da frente. Nós poderíamos subjugá-los facilmente, não é verdade, homenzarrão? — Ele cutucou Caramon.

— É claro —, disse Caramon com um sorriso, largo e forçado.

— Esse não é o plano —, Gilthanas disse com frieza. O elfo apontou para um vale estreito que levava para as montanhas, ainda visível sob a luz que

diminuía rapidamente — Aquele é nosso caminho. Nós entraremos protegidos pela noite.

Ele se levantou e começou caminhar.Tanis se apressou em alcançá-lo.

— O que você sabe sobre esse Eben? — O meio elfo perguntou na língua élfica, olhando de volta para o lugar onde o homem estava conversando com Tika.

Gilthanas encolheu os ombros.

— Ele estava com o bando de homens que lutaram a nosso lado na ravina. Aqueles que sobreviveram foram levados para Solace e morreram lá. Eu acho que ele pode ter escapado. Afinal de contas, eu também escapei —, Gilthanas disse, olhando de canto de olho para Tanis — Ele vem de Berma, onde o pai dele era um mercador rico. Os outros me contaram, quando ele não estava ouvindo que a família dele perdeu todo o dinheiro e desde então ele tem vivido à custa de sua espada.

— Eu imaginei isso —, Tanis disse — As roupas dele são ricas, mas já viram dias melhores. Você tomou a decisão certa trazendo-o conosco.

— Eu não ousaria deixá-lo para trás —, Gilthanas respondeu com tristeza — Um de nós devia ficar de olho nele.

— Sim — Tanis ficou quieto.

— E, em mim também, você está pensando —, Gilthanas disse com a voz apertada — Eu sei o que os outros dizem, principalmente o cavaleiro. Mas, eu juro, Tanis, eu não sou um traidor! Eu quero uma coisa! — Os olhos do elfo brilhavam ardentemente na luz que morria — Eu quero destruir esse Verminaard. Se você o tivesse visto quando seu dragão destruiu meu povo! Eu sacrificaria minha vida com alegria... — Gilthanas parou abruptamente.

— E nossas vidas, também? —Tanis perguntou.

Gilthanas ficou de frente para Tanis, com seus olhos amendoados observando-o sem emoção — Se você quer saber, Tanthalas, sua vida significa isto... — Ele estalou os dedos — Mas a vida de meu povo é tudo para mim. Isso

é tudo que me importa, agora — Ele estava se afastando, quando Sturm os alcançou.

— Tanis —, ele disse — O velho tinha razão. Nós estamos sendo seguidos.

9

A DESCONFIANÇA AUMENTA

SLA-MORI

A trilha estreita ficava escarpada quando saía das planícies e entrava em um vale arborizado no sopé das montanhas. As sombras da noite se reuniram mais perto deles enquanto eles seguiam o riacho montanha acima. No entanto, eles tinham caminhado uma pequena distância, quando Gilthanas saiu da trilha e desapareceu no meio da vegetação. Os companheiros pararam, olhando uns para os outros desconfiados.

— Isto é loucura —, Eben sussurrou para Tanis — Existem Trolls vivendo neste vale... quem você acha que abriu aquela trilha? — O homem de cabelos negros pegou Tanis pelo braço com uma familiaridade tão grande que o meio elfo achou desconcertante — Eu sei que eu sou o novato da turma e os deuses sabem que você não tem nenhuma razão para confiar em mim, mas quanto você sabe sobre esse Gilthanas?

— Eu sei... —Tanis começou a falar, mas Eben o ignorou.

— Havia alguns entre nós que não acreditavam que aquele exército dragoniano 'trombou' conosco por acidente, se você entende o que eu quero dizer. Meus rapazes e eu estávamos nos escondendo nas colinas, combatendo

os dragonianos desde que eles chegaram em Berma. Na semana passada, estes elfos apareceram do nada. Eles nos disseram que eles iam atacar uma das fortalezas do Senhor dos Dragões e perguntaram se nós gostaríamos de nos juntar a eles para ajudar. Nós dissemos, sim, porque não... nós faríamos qualquer coisa para enfiar um osso no papo desse Alto Homem do Dragão.

—Enquanto caminhávamos, nós começamos ficar nervosos. Havia Pegadas de dragonianos por toda parte! Mas isso não incomodou os elfos. Gilthanas disse que as pegadas eram velhas. Naquela noite, nós acampamos e montamos guarda. Isso não nos adiantou muito, pois só nos deu vinte segundos de vantagem antes dos dragonianos atacarem. E... — Eben olhou em volta e chegou ainda mais perto de Tanis... — enquanto nós estávamos tentando acordar, pegar nossas armas e lutar contra aquelas criaturas fedorentas, eu ouvi os elfos gritando como se alguém estivesse perdido. E quem você acha que eles estavam chamando?

Eben observava Tanis atentamente. O meio elfo franziu a testa e balançou a cabeça, irritado com a dramaticidade.

—Gilthanas! — Eben disse sibilando — Ele desapareceu! Eles gritaram e gritaram por ele... o líder deles! — O homem encolheu os ombros — Se ele chegou a voltar ou não, eu não sei. Eu fui capturado. Eles nos levaram para Solace, de onde eu escapei. De qualquer forma, eu pensaria duas vezes antes de seguir aquele elfo. Ele pode ter tido boas razões para ter desaparecido quando os dragonianos atacaram, mas...

—Eu conheço Gilthanas há muito tempo —, Tanis interrompeu de forma grosseira. Ele estava mais perturbado do que gostaria de admitir.

— Claro. Só achei que você devia saber —, Eben disse, sorrindo com simpatia. Ele colocou a mão nas costas de Tanis, depois ficou para trás para se juntar a Tika.

Tanis não precisou olhar para trás para saber que Caramon e Sturm tinham escutado cada palavra. Entretanto, nenhum dos dois disse nada e antes

que Tanis pudesse falar com eles, Gilthanas apareceu de repente, emergindo do meio das árvores.

— Não está muito longe —, o elfo disse — A vegetação fica mais rala ali na frente e a caminhada fica mais fácil.

— Eu continuo achando que nós devemos entrar pelo portão da frente —, Eben disse.

— Eu concordo —,disse Caramon. O homenzarrão olhou para seu irmão que estava sentado, sem energia, debaixo de uma árvore. Lua Dourada estava pálida e fatigada. Até mesmo a cabeça de Tasslehoff pendia, exausta.

— Nós podíamos acampar aqui hoje à noite e entrar pelo portão da frente ao amanhecer —, Sturm sugeriu.

— Nós vamos agir de acordo com o plano original —, Tanis disse com firmeza — Nós acamparemos quando chegarmos a Sla-Mori.

Então, Flint falou.

— Se você quiser você pode tocar a campainha do portão e pedir para lorde Verminaard deixar você entrar, Sturm Montante Luzente. Tenho certeza de que o atenderia. Dá um tempo Tanis — O anão saiu pisando duro pela trilha.

— Pelo menos —, Tanis disse a Sturm em voz baixa, — existe uma chance de isso confundir nosso seguidor.

— Quem quer ou o que quer que seja —, Sturm respondeu —Tenho que admitir que se trata de um exímio conhecedor da mata. Toda vez que o vi de relance e tentei me aproximar para ver mais de perto, ele desapareceu. Eu pensei em emboscá-lo, mas não havia tempo.

O grupo saiu da vegetação agradecido e chegou ao pé de um gigantesco rochedo de granito. Gilthanas caminhou algumas dezenas de metros ao longo do rochedo, procurando alguma coisa na rocha com a mão. De repente ele parou.

— Nós chegamos —, ele sussurrou. Enfiando a mão em sua túnica, ele removeu uma pequena gema que começou a brilhar num tom amarelo suave.

Passando a mão sobre a parede de rocha, o elfo encontrou o que procurava — uma pequena fenda no granito. Ele colocou a gema na fenda e começou recitar palavras antigas e a traçar símbolos invisíveis no ar da noite.

— Muito impressionante —, sussurrou Fizban — Eu não sabia que ele era um de nós —, ele disse a Raistlin.

— Não passa de um amador —, o mago respondeu. Mas, apoiando-se exausto em seu cajado, ele observava Gilthanas com atenção.

De repente, e em silêncio, um enorme bloco de pedra separou-se da face do rochedo e começou se mover para um lado. Os companheiros se afastaram, quando uma rajada de ar frio e úmido saiu do buraco na rocha.

— O que tem aí dentro? — Caramon perguntou desconfiado.

— Eu não sei o que tem aí dentro, hoje em dia —, Gilthanas respondeu — Eu nunca entrei. Eu só sei da existência deste lugar pelas tradições do meu povo.

— Tudo bem —, Caramon grunhiu — O que costumava. existir aí? Gilthanas fez uma pausa, depois disse.

— Esta era a câmara mortuária de Kith-Kanan.

— Mais fantasmas —, Flint resmungou, espiando a escuridão — Mande o mago primeiro, assim ele pode avisá-los de que estamos chegando.

— Jogue o anão lá dentro —, Raistlin respondeu — Eles estão acostumados a morar em cavernas úmidas e escuras.

— Você está falando dos anões das montanhas! — Flint disse com os pelos da barba eriçados — Faz muito tempo que os anões das colinas deixaram de morar debaixo da terra, no reino de Thorbardin.

— Só porque você foi expulso! — Raistlin sibilou.

— Parem com isso, vocês dois! —Tanis disse exasperado — Raistlin, o que você sente acerca deste lugar?

— Mal. Um grande mal —, o mago respondeu.

— Mas eu sinto também uma grande bondade —, Fizban disse inesperadamente – Os elfos não foram totalmente esquecidos aqui dentro, apesar de coisas más terem vindo para governar sua moradia.

— Isto é loucura! — Eben gritou. O barulho ecoou de forma estranha entre as rochas e os outros se viraram e olharam para ele atemorizados — Desculpem-me — ele disse, baixando a voz — Mas, eu não acredito que vocês vão entrar lá dentro! Não é preciso ser um mágico para saber que o mal existe dentro desse buraco. Eu consigo senti-lo! Dêem a volta pela frente —, ele os encontrou — É claro que vai haver um ou dois guardas... mas, isso não é nada comparado com o que quer que espreita nessa escuridão!

—É um ponto de vista válido, Tanis —, Caramon disse — Não dá para lutar com os mortos. Nós aprendemos isso na Mata Escura.

—Este é o único caminho! — Gilthanas disse irritado — Se vocês são covardes...

—Existe uma diferença entre cautela e covardia, Gilthanas —, Tanis disse com a voz firme e calma. O meio elfo pensou durante um momento — Pode ser que nós consigamos dominar os guardas do portão da frente, mas não antes deles alertarem os outros guardas. Eu sou da opinião que nós devemos entrar e explorar este caminho. Flint, você guia. Raistlin, nós precisaremos da sua luz.

— Shirak —, disse o mago suavemente e o cristal de seu cajado começou a brilhar. Ele e Flint entraram na caverna, seguidos bem de perto pelos outros. O túnel no qual que eles entraram era obviamente antigo, mas era impossível dizer se ele era natural ou tinha sido fabricado.

— E nosso seguidor? — Sturm perguntou em tom baixo — Devemos deixar a entrada aberta

— Uma armadilha —, Tanis concordou, falando baixinho — Deixe só uma fresta, Gilthanas, o suficiente para que quem quer que esteja nos seguindo

saber que nós entramos aqui e poder nos seguir, mas não muito para não parecer uma armadilha.

Gilthanas apanhou a gema, colocou-a em uma fenda do lado de dentro da caverna e disse algumas palavras. A pedra começou a escorregar silenciosamente de volta ao lugar onde ela estava. No último segundo, quando faltava mais ou menos dezoito a vinte centímetros para a abertura se fechar, Gilthanas, removeu a gema rapidamente. A pedra estremeceu e parou e o cavaleiro, o elfo, o meio elfo se juntaram aos companheiros na entrada para Sla-Mori.

-Tem um bocado de poeira —, Raistlin reportou, tossindo —, mas nenhuma pegada, pelo menos nesta parte da caverna.

— Mais ou menos quarenta metros adiante, há uma encruzilhada —, Flint completou. Nós encontramos pegadas, mas não conseguimos descobrir do que elas são. Não parecem ser de dragonianos ou de hobgoblins e elas não vêm nesta direção — O mago diz que o mal flui da estrada para o lado direito.

— Nós acamparemos aqui esta noite —, Tanis disse —, perto da entrada. Vamos montar guarda dupla ... um perto da porta e um no final do corredor. Sturm, você e Caramon primeiro. Gilthanas e eu, Eben e Vendaval, Flint e Tasslehoff.

— E eu — Tika disse corajosamente, apesar de não ser capaz de se lembrar de algum outro momento em sua vida em que ela tivesse se sentido tão cansada — Eu farei meu turno.

Tanis estava feliz pelo fato da escuridão esconder seu sorriso

— Muito bem —, ele disse — Você vigia junto com Flint e Tasslehoff.

— Ótimo! —Tika retrucou. Ela abriu a mochila, estendeu um cobertor e se deitou, percebendo os olhos de Caramon sobre ela. Ela percebeu Eben olhando para ela também. Ela não se importava com isso. Ela estava acostumada com homens olhando para ela, admirando-a e Eben era até mais bonito que Caramon. Cem certeza, ele era mais inteligente e mais charmoso do

que o grande guerreiro. Mas. só a lembrança dos braços de Caramon em volta dela, faziam ela estremecer com um medo delicioso. Ela eliminou essa lembrança de sua mente com firmeza e tentou se ajeitar. A cota de malha era fria e a beliscava, ainda que por cima de sua blusa. Mesmo assim, ela percebeu que os outros não tiravam as deles. Atêm disso, ela estava cansada o suficiente para dormir vestida com uma armadura de placas completa. A última coisa que Tika se lembrou antes de adormecer é que ela agradecia o fato de não estar sozinha com Caramon.

Lua Dourada viu os olhos do guerreiro se demorarem em Tika. Depois de sussurrar alguma coisa para Vendaval, que concordou com a cabeça, sorrindo, ela saiu de perto dele e caminhou até Caramon. Tocando-o no braço, ela o puxou para longe dos outros, para a sombra do corredor.

— Tanis me disse que você tem uma irmã mais velha —, ela começou.

— Sim —, Caramon respondeu, atônito — Kitiara. Embora, ela seja minha meia-irmã.

Lua Dourada sorriu e colocou a mão gentilmente no braço de Caramon.

— Eu vou falar com você como uma irmã mais velha. Caramon, sorriu desajeitado.

— Não, como Kitiara você não vai não, dama de Que-shu. Kit me ensinou o significado de tudo quanto foi palavrão que eu ouvi e mais alguns que eu não tinha ouvido. Ela me ensinou a usar a espada e a lutar com honra nos campeonatos, mas ela também me ensinou a chutar um homem na virilha quando os juizes não estavam olhando. Não, dama, você não se parece nada com minha irmã mais velha.

Os olhos de Lua Dourada se arregalaram, surpresa com o retrato da mulher que ela imaginava que o meio elfo amasse.

— Mas, eu achei que ela e Tanis, quero dizer, eles...

Caramon piscou.

— Eles certamente fizeram! — Ele disse.

Lua Dourada respirou bem fundo. Ela não queria que a conversa fosse para esse lado, mas isso a ajudou falar sobre seu assunto.

— De certa forma, é sobre isso que eu queria falar com você. Só que isso tem a ver com Tika.

— Tika?—Caramon ficou vermelho — Ela é bem crescida. Me desculpe, mas eu acho que nada do que nós fazemos é do seu interesse.

— Ela é uma moça, Caramon —, Lua Dourada disse gentilmente — Você não entende?

Caramon olhou como se não entendesse nada. Ele sabia que Tika era uma moça. O que Lua Dourada queria dizer? Depois, ele deu uma piscadela de quem finalmente tinha entendido, e grunhiu.

— Não, ela não é...

— Sim — Lua Dourada suspirou — Ela é. Ela nunca esteve com um homem antes. Ela me disse, enquanto nós estávamos no bosque colocando a armadura nela. Ela está assustada, Caramon. Ela ouviu muitas histórias. Não a apresse. Ela busca desesperadamente sua aprovação e ela é capaz de fazer qualquer coisa para consegui-la. Mas, não deixe que ela use isso para fazer algo de que ela possa se arrepender mais tarde. Se você realmente a ama, o tempo irá mostrar isso e aumentará a doçura desse momento.

— Eu acho que você sabe disso, uh? — Caramon disse, olhando para Lua Dourada.

— Sim —, ela disse com suavidade dirigindo seus olhos para Vendaval — Nós estamos esperando há muito tempo e algumas vezes a dor é insuportável. Mas, as leis do meu povo são rígidas. Eu não acho quê isso importaria agora —, ela sussurrou, mais para si mesma do que para Caramon, — já que só restou ele e eu. Mas, de certa forma, isso faz se tornar ainda mais importante. Quando nossos juramentos forem feitos, nós nos deitaremos como marido e mulher. Não antes disso.

— Eu compreendo. Obrigado por me falar sobre Tika —, Caramon disse. Ele deu uns tapinhas desajeitados no ombro de Lua Dourada e voltou para seu posto.

A noite passou rápido, sem nenhum sinal do seguidor. Quando as guardas mudaram, Tanis discutiu a história de Eben com Gilthanas e recebeu uma resposta não satisfatória. Sim, o que o homem disse era verdade. Gilthanas não estava lá quando os dragonianos atacaram. Ele tinha tentado obter a ajuda dos druidas. Ele voltou quando ouviu o barulho da luta e foi aí que ele foi atingido cabeça. Ele contou tudo isso a Tanis com uma voz grave e desconsolada. Os companheiros acordaram quando a luz pálida da manhã se infiltrou para dentro da porta. Depois de um rápido café da manhã, eles juntaram suas coisas e caminharam pelo corredor em direção de Sla-Mori.

Chegando à encruzilhada, eles examinaram as duas direções, esquerda e direita. Vendaval ajoelhou-se para estudar as pegadas, depois se levantou com uma expressão confusa.

— Elas são humanas —, ele disse, — mas não são humanas. Há pegadas de animais também ... provavelmente ratos. O anão estava certo. Eu não vejo sinais de dragonianos nem de goblins. O que é estranho, entretanto, é que as pegadas de animais terminam bem aqui, onde os caminhos se cruzam. Elas não vão para o corredor da direita. As outras pegadas estranhas não vão para o corredor da esquerda.

— Bem, para que lado nós vamos? —Tanis perguntou.

— Eu acho, que nós não devemos ir para lado nenhum! — Eben afirmou — A entrada ainda está aberta. Vamos voltar.

— Voltar não é mais uma opção —, Tanis disse friamente — Eu deixaria você voltar, só que...

— Só que você não confia em mim —, Eben completou — Eu não o culpo, Tanis Meio Elfo. Tudo bem, eu disse que eu ajudaria e eu disse a verdade. Que lado, o esquerdo ou direito?

— O mal vem da direita —, Raistlin sussurrou.

— Gilthanas? — Tanis perguntou. — Você tem alguma idéia de onde estamos?

— Não, Tanthalas —, o elfo respondeu — A lenda diz que havia muitas passagens de Sla-Mori para PaxTharkas... todas secretas. Somente os sacerdotes élficos tinham permissão para vir aqui honrar os mortos. Um lado é tão bom quanto o outro.

— Ou tão ruim —, sussurrou Tasslehoff para Tika. Ela engoliu em seco e foi para perto de Caramon.

— Nós vamos para a esquerda —, Tanis disse, —já que Raistlin se sentiu incomodado com a direita.

Caminhando à luz do cajado do mago, os companheiros seguiram o túnel empoeirado e juncado de pedras algumas dezenas de metros, depois chegaram a uma antiga parede de pedra rasgada por um enorme buraco, além do qual somente a escuridão era visível. A pequena luz de Raistlin mostrou muito precariamente as paredes distantes de uma grande sala.

Os guerreiros entraram primeiro, ladeando o mago que segurava seu cajado no alto. A gigantesca sala devia ter sido esplêndida mas agora se encontrava numa tal decadência que seu esplendor desgastado pareceu angustiante e horrível. Duas fileiras de sete colunas atravessavam toda a extensão da sala, embora, algumas delas estivessem caídas no chão. Parte da parede ao fundo tinha desmoronado, numa evidência da força destrutiva do Cataclismo. Na parte mais distante da sala havia duas portas duplas de bronze.

À medida que Raistlin avançava, os outros se espalharam com as espadas desembainhadas. De repente, Caramon, na frente da sala, deu um grito sufocado. O mago correu para iluminar com sua luz o que Caramon apontou com sua mão trêmula.

Diante deles havia um sólido trono com ornamentos entalhados em granito. Duas enormes estátuas de mármore flanqueavam o trono, seus olhos

cegos olhando para a escuridão. O trono que elas guardavam não estava vazio. Sobre ele havia o esqueleto do que havia sido um homem, de que raça, ninguém saberia dizer, a morte era uma grande igualadora. A figura estava vestida com roupas reais que, apesar de descoradas e deterioradas, ainda mostravam evidências de sua riqueza. Um manto cobria os ombros secos. Uma coroa brilhava no crânio sem carne. As mãos, que agora eram somente ossos e os dedos que descansavam graciosamente na morte, faziam-no sobre uma espada embainhada.

Gilthanas caiu de joelhos.

— Kith-Kanan —, ele disse num sussurro — Nós estamos na Sala dos Patriarcas, a tumba onde ele foi sepultado. Ninguém vê isto aqui desde que os clérigos élficos desapareceram no Cataclismo.

Tanis ficou olhando o trono, até ser lentamente tomado por sentimentos que ele não entendia, o meio elfo caiu de joelhos.

— Fealan thalos. Im murquanethi. Sai Kith-Kananoth MurtariLaríon —, ele murmurou num tributo ao maior dos reis élficos.

— Que espada linda —, Tasslehoff disse, sua voz estridente quebrando o silencio reverente. Tanis olhou para ele com um ar grave — Eu não vou pegá-la! — O kender protestou, dando a impressão de ter ficado magoado — Eu só a mencionei, como um item de interesse.

Tanis se levantou.

— Não a toque —, ele disse ao kender com um ar sério, depois foi explorar as outras partes do saguão.

Quando Tas se aproximou para examinar a espada, Raistlin foi com ele. O mago começou a murmurar.

— Tsaran korilath ith hakon —, e moveu a mão rapidamente sobre a espada num padrão pré-definido. A espada começou a emitir um pequeno brilho vermelho. Raistlin sorriu e disse calmamente — Ela está encantada. Tas arfou.

—Bom encantamento, ou mau?

— Eu não tenho como saber —, o mago sussurrou — Mas, como ela ficou muito tempo sem ser perturbada, eu não me aventuraria a tocá-la!

Ele se virou, e deixou Tas se perguntando se ele ousaria desobedecer Tanis e se arriscaria se transformar em alguma coisa nojenta e pegajosa.

Enquanto o kender se debatia com a tentação, os outros procuravam entradas secretas nas paredes. Flint ajudou, fazendo longas e doutas descrições de passagens secretas construídas por anões. Gilthanas foi para o lado mais distante do trono de Kith-Kanan onde estavam as duas portas de bronze. Uma delas, que ostentava um mapa em relevo de PaxTharkas, estava ligeiramente aberta. Pedindo por luz, ele e Raistlin estudaram o mapa.

Caramon deu uma última olhada na figura esqueletal do rei morto há muito tempo e foi se juntar a Sturm e Flint para ajudar na busca de passagens secretas nas paredes. Por fim, Flint chamou.

— Tasslehoff, seu kender inútil, isto é sua especialidade. Pelo menos, você está sempre se gabando de como encontrou a porta que estava perdida há cem anos e dava passagem para a grande jóia desse ou daquele...

— E foi num lugar como este, também —, Tas disse, já esquecido de seu interesse pela espada. Voltando-se para ajudar, ele parou de repente.

— O que é isso? — ele perguntou, levantando a cabeça.

— O que é isso, o que? — Flint disse sem prestar atenção enquanto apalpava paredes.

— Um rangido —, o kender disse, intrigado — Está vindo daquelas portas. Tanis olhou, pois aprendera há muito tempo a respeitar a audição de Tasslehoff. Ele caminhou na direção das portas onde Gilthanas e Raistlin estavam analisando o mapa. De repente, Raistlin deu um passo atrás. Um jato de ar fedorento foi soprado para dentro da sala pela porta aberta. Agora, todos conseguiam ouvir o rangido e o barulho suave de alguma coisa sendo espremida.

— Fechem a porta! — Raistlin sussurrou, com urgência.

— Caramon! —Tanis gritou — Sturm! — Os dois já estavam correndo em direção à porta, juntamente com Eben. Todos eles se encostaram próximo à porta, mas foram jogados para trás, quando as portas de bronze se abriram batendo centra as paredes e produzindo um som oco e retumbante. Um monstro se arrastou para dentro da sala.

— Ajude-nos, Mishakal! — Lua Dourada proferiu o nome da deusa, enquanto se agachava de costas contra a parede. A coisa entrou rapidamente no saguão apesar de seu grande porte. O ranger que eles ouviram tinha sido provocado pelo corpo gigante e intumescido arrastando-se pelo chão.

— Uma lesma! — Tas disse, aproximando-se para examiná-la com interesse. — Mas, olhe o tamanho dessa coisa! Como é que você acha que ela ficou tão grande? O que será que ela come...

— Nós, seu idiota! — Flint gritou, pegando o kender e jogando-o no chão no exato momento em que a lesma cuspiu um jato de saliva. Os olhos da lesma estavam localizados na ponta de hastes finas e giratórias que brotavam do topo de sua cabeça. Eles não eram de grande utilidade, nem ela precisava deles. A lesma era capaz de encontrar e devorar ratos na escuridão, usando apenas o olfato. Agora ela tinha detectado uma presa bem maior e cuspido sua saliva paralisante na direção aproximada da carne viva que ela ansiava.

O líquido mortal errou o alvo, pois o kender e o anão rolaram para fora de sua trajetória. Sturm e Caramon atacaram, atingindo o monstro com suas espadas A espada de Caramon nem ao menos penetrou no couro grosso e elástico como borracha. A lâmina da espada de duas mãos, de Sturm, penetrou e fez a lesma recuar de dor. Tanis atacou quando a cabeça da lesma se virou na direção do cavaleiro.

—Tanthalas!

O grito tirou a concentração de Tanis e ele parou, depois virou para olhar atônito para a entrada da sala.

— Laurana!

Naquele momento, a lesma pressentiu o meio elfo e cuspiu o líquido corrosivo nele. A saliva atingiu sua espada, fazendo o metal ferver e soltar fumaça, depois dissolver em suas mãos. O líquido, que queimava, escorreu por seu braço, cauterizando sua carne. Tanis, caiu de joelhos gritando de agonia.

— Tanthalas! — Laurana gritou novamente, correndo em sua direção.

— Detenham-na! —Tanis arfou. Dobrando-se de dor, segurando a mão e o braço com que ele empunhava a espada, repentinamente enegrecidos e inúteis.

A lesma sentindo seu sucesso, rastejou para frente, arrastando seu corpo cinza pulsante através da porta. Lua Dourada lançou um olhar temeroso para o enorme monstro, depois correu na direção de Tanis. Vendaval manteve-se perto deles, protegendo-os.

— Afaste-se' —Tanis disse entre os dentes que rangiam.

Lua Dourada segurou a mão dele que estava ferida na sua e fez uma prece para sua deusa. Vendaval colocou uma flecha em seu arco e disparou contra a lesma. A flecha atingiu a criatura no pescoço, causando pouco dano, mas fez com que ela desviasse sua atenção de Tanis.

O meio elfo viu a mão de Lua Dourada tocar a sua, mas ele não sentia nada além da dor. Depois a dor sumiu e ele voltou a ter tato. Sorrindo para Lua Dourada, ele ficou maravilhado com os poderes de cura dela, enquanto levantava a cabeça para ver o que estava acontecendo.

Os outros estavam atacando a criatura com uma fúria renovada, tentando desviar a atenção dela de Tanis, mas o resultado seria o mesmo se eles estivessem usando suas armas contra uma parede grossa e elástica de borracha.

Tanis colocou-se de pé, ainda trêmulo. Sua mão tinha sido curada, mas sua espada estava no chão, transformada em um aglomerado de metal derretido. Sem nenhuma outra arma, a não ser seu arco longo, ele recuou, arrastando Lua Dourada com ele, enquanto a lesma deslizava para dentro da sala.

Raistlin correu para o lado de Fizban.

— Agora é hora de lançar a bola de fogo, meu Velho —, ele disse, ofegante.

— É mesmo? — O rosto de Fizban se encheu de alegria — Maravilhoso! Como era mesmo?

— Você não se lembra?! — Raistlin, deu um grito estridente e arrastou o mago para trás de uma coluna enquanto a lesma cuspia outra bola de saliva corrosiva no chão.

— Eu costumava... deixe-me ver — A testa de Fizban franziu em concentração. — Você não sabe?

— Eu ainda não ganhei os poderes, meu Velho! Aquela magia ainda está além das minhas forças! Raistlin fechou os olhos e começou a se concentrar nas magias que ele sabia.

— Recue! Saia daqui! — Tanis gritou, protegendo Laurana e Lua Dourada da melhor forma possível, enquanto tentava sacar o arco longo e as flechas.

— Ela virá atrás de nós! — Sturm gritou, atingindo-a mais uma vez com sua espada. Mas, tudo que ele e Caramon conseguiram, foi enfurecer ainda mais o monstro.

De repente Raistlin levantou a mão.

— Kalith karan, tobaniskar! — ele gritou e dardos flamejantes saíram de seus dedos, atingindo a cabeça da criatura. A lesma recuou numa agonia silenciosa e chacoalhou a cabeça, mas retornou à caçada. De repente, ela se lançou frente, sentindo que havia vítimas no final da sala, onde Tanis tinha tentado proteger Lua Dourada e Laurana. Enlouquecida pela dor e levada à loucura pelo cheiro de sangue, a lesma atacou com uma velocidade inacreditável. A flecha de Tanis resvalou em sua pele coriácea e o monstro se lançou contra ele a boca aberta. O meio elfo largou o arco inútil e cambaleou para trás, quase tropeçando nos degraus que levavam ao trono de Kith-Kanan.

— Atrás do trono! — ele gritou, preparando-se para atrair a atenção do monstro enquanto Lua Dourada e Laurana corriam para se proteger. Sua mão tateava a procura de uma pedra grande ... qualquer coisa para jogar na criatura quando seus dedos se fecharam sobre o punho de metal de uma espada.

Tanis quase derrubou a arma tão assombrado ele ficou. O metal estava tão frio que queimou sua mão. A lâmina cintilava na trêmula luz do cajado do mago. Mas não havia tempo para questionar. Tanis enfiou a ponta da espada na boca aberta da lesma, no momento em que a criatura investiu para matar.

— Corra! —Tanis gritou. Agarrando a mão de Laurana, ele a arrastou na direção do buraco. Ele a empurrou, depois virou-se, preparando-se para manter a lesma à distância, enquanto os outros escapavam. Mas, o apetite da lesma tinha se esvaído. Encolhendo-se de dor sofrimento, ela voltou vagarosamente para sua toca. Um líquido transparente e pegajoso escorria de seus ferimentos.

Os companheiros se agruparam no túnel, parando um momento para acalmar os corações e respirar fundo. Raistlin, que respirava com dificuldade, apoiou-se em seu irmão. Tanis olhou em volta.

— Onde está Tasslehoff? — ele perguntou frustrado. Girando o corpo para voltar ao saguão, ele quase caiu sobre o kender.

— Eu lhe trouxe a bainha —, Tas disse, levantando-a — Para a espada.

— Para 0 túnel —, Tanis disse com firmeza, calando as perguntas de todos eles.

Quando chegaram à encruzilhada e sentaram no chão poeirento para descansar, Tanis virou-se para a jovem elfa.

— O quê, em nome do Abismo, você está fazendo aqui, Laurana? Aconteceu alguma coisa em Qualinost?

— Não aconteceu nada —, Laurana disse, ainda tremendo devido ao seu encontro com a lesma — Eu...eu...só quis vir.

— Então, você vai voltar agora mesmo! — Gilthanas gritou irritado, segurando Laurana. Ela conseguiu se livrar do irmão.

— E também não vou voltar —, ela disse com petulância — Eu vou com você, Tanis e ... o resto do grupo.

— Laurana, isso é loucura —, Tanis a repreendeu — Nós não estamos passeando. Isto não é uma brincadeira. Você viu o que aconteceu lá atrás... nós quase fomos mortos!

— Eu sei, Tanthalas —, Laurana disse num tom suplicante. A voz dela tremia e falhava — Você me disse que chega uma hora na vida, que você tem que se arriscar por aquilo que você acredita. Fui eu quem o seguiu.

— Você poderia ter morrido... — Gilthanas começou.

— Mas não morri! — Laurana gritou num desafio — Eu fui treinada como uma guerreira ... todas mulheres élficas o são, em memória do tempo em que nós lutávamos ao lado de nossos homens para proteger nossa terra.

— Não é um treinamento sério... —Tanis começou a falar, irritado.

— Eu segui vocês, não segui? — Laurana disse, lançando um olhar para Sturm — Um grande conhecedor da mata? — ela perguntou ao cavaleiro.

— Sim —, ele admitiu.

—Mesmo assim, isso não significa... Raistlin o interrompeu.

— Nós estamos perdendo tempo —, o mago sussurrou. — E eu não quero ficar mais do que o tempo necessário neste túnel úmido e mofado — Sua voz chiava e ele mal conseguia respirar — A garota já tomou sua decisão. Nós não podemos prescindir de ninguém Para voltar com ela e não ousaríamos tampouco deixá-la a voltar sozinha. Ela pode ser capturada e revelar nossos planos. Nós temos de levá-la.

Tanis olhou para o mago, odiando-o por sua lógica fria e sem sentimento e pelo fato dele estar certo. O meio elfo levantou-se e fez Laurana levantar-se com um puxão. Ele chegou muito perto de odiá-la também, sem mesmo compreender porque, simplesmente por saber que ela estava fazendo com que uma tarefa difícil se tornasse ainda mais dura.

— Você terá que cuidar de si mesma —, ele disse para ela calmamente, enquanto o grupo se levantava e recolhia suas coisas — Eu não posso ficar perto de você para te proteger. Nem Gilthanas pode. Você se comportou como uma criança mimada. Eu lhe disse uma vez ... é melhor você crescer. Agora, se não crescer, você vai morrer e provavelmente fazer com que o resto de nós morra, junto com você!

— Me desculpe, Tanthalas —, Laurana disse, evitando o olhar furioso dele. — Mas, eu não conseguia te perder, não mais uma vez. Eu amo você — Os lábios dela se apertaram e ela disse com uma voz suave, — Eu farei você sentir orgulho de mim.

Tanis virou-se e se afastou. Ele ficou vermelho ao ver com o canto do olho o sorriso no rosto de Caramon e ouvir Tika rindo. Ignorando-os, ele se aproximou de Sturm e Gilthanas.

— Parece que nós teremos de entrar no corredor do lado direito de qualquer jeito, seja correta ou não a sensação de Raistlin sobre o mal — Ele afivelou seu novo cinto com espada e bainha e enquanto o fazia, notou o olhar de Raistlin na arma.

— O que foi, agora? — ele perguntou irritado.

— A espada é encantada —, Raistlin disse com suavidade e tossiu — Como você a conseguiu?

Tanis olhou para a lâmina e afastou a mão como se ela pudesse se transformar em uma cobra. Ele franziu a testa, tentando se lembrar.

— Eu estava perto do corpo do rei élfico, procurando alguma coisa para jogar na lesma, quando de repente a espada estava em minha mão. Ela tinha sido tirada da bainha e... — Tanis fez uma pausa, engolindo em seco.

— Sim? — Raistlin insistiu, com os olhos reluzindo de ansiedade.

— Ele a deu para mim —, Tanis disse calmamente — Eu me lembro, a mão dele tocou a minha. Ele a tirou da bainha.

— Quem? — perguntou Gilthanas — Nenhum de nós estava lá.

— Kith-Kanan...

10

A GUARDA REAL

A SALA DA CORRENTE

Talvez fosse só imaginação, mas a escuridão parecia ficar cada vez mais densa e o ar ficava mais frio à medida que eles caminhavam no outro túnel. Ninguém precisou que o anão lhe dissesse que isso não era normal em uma caverna, onde supostamente a temperatura permanece constante. Eles chegaram a uma bifurcação no túnel, mas ninguém se sentiu inclinado a ir para a esquerda o que poderia levá-los de volta à Sala dos Patriarcas e à lesma ferida.

— O elfo quase conseguiu que a lesma nos matasse —, Eben disse num tom acusativo — O que será que nos aguarda desta vez?

Ninguém respondeu. A essa altura, todos eles já estavam experimentando a sensação de malevolência da qual Raistlin os tinha avisado. Seus passos diminuíram o ritmo e foi apenas devido à união do grupo que eles continuaram. -Laurana sentiu o medo fazer seus membros tremerem e ela se

encostou na parede, em busca de apoio. Ela desejava ardentemente que Tanis a confortasse e a protegesse, como ele tinha feito quando eles eram mais jovens e encaravam inimigos imaginários, mas ele estava na frente da fila com o irmão dela. Cada um deles tinha que lidar com seu próprio medo. Naquele momento, Laurana decidiu que ela podia morrer, mas não pediria ajuda. Então lhe ocorreu, que ela estava realmente falando sério, quando disse que queria fazer Tanis sentir orgulho dela. Empurrando a si mesma para longe das paredes do túnel, ela rangeu os dentes e seguiu em frente.

O túnel chegou ao fim abruptamente. Havia pedras quebradas e entulho espalhados embaixo de um buraco na parede de pedra. A sensação de malevolência fluía vindo da escuridão além do buraco e quase podia ser sentida como uma brisa tocado a carne com dedos invisíveis. Os companheiros pararam, nenhum deles, nem mesmo o irrequieto kender, ousou entrar.

— Não é que eu esteja com medo —, Tas confessou com um sussurro a Flint — É que eu preferia estar em algum outro lugar.

O silêncio tornou-se opressivo.Todos eles eram capazes de ouvir o bater de seu próprio coração e a respiração dos outros. A luz dançava e ondulava irrequieta nas mãos trêmulas do mago.

— Bem, nós não podemos ficar aqui para sempre —, Eben disse com a voz rouca — Deixe o elfo entrar. Foi ele que nos trouxe até aqui!

— Eu vou —, Gilthanas respondeu, mas precisarei de luz.

— Ninguém deve tocar o cajado além de mim —, Raistlin sibilou. Ele fez uma pausa, depois completou com relutância — Eu vou com você.

— Raist... Caramon começou a falar, mas seu irmão olhou para ele com firmeza — Eu vou, também —, o homenzarrão murmurou.

— Não —, Tanis disse — Você fica aqui e cuida dos outros. Gilthanas, Raistlin e eu iremos.

Gilthanas entrou no buraco da parede, seguido do mago e Tanis, o meio-elfo ajudava Raistlin. A luz revelou uma câmara estreita que desaparecia

na escuridão, além do alcance da luz do cajado. Havia fileiras de grandes portas de pedra, de cada lado da câmera, todas elas mantidas no lugar por imensas dobradiças de ferro, presas diretamente na parede de rocha por pinos. Raistlin segurou o cajado no alto para iluminar a câmara escura.Todos eles sabiam que o mal estava concentrado aqui.

— As portas têm entalhes —, Tanis murmurou. A luz do cajado fez sobressair o relevo das figuras de pedra.

Gilthanas estudou-as.

— A Crista Real! — ele disse com a voz estrangulada.

— O que isso significa? —Tanis perguntou, sentindo o medo do elfo infectá-lo como uma praga.

— Estas são as criptas da Guarda Real —, Gilthanas murmurou — Eles juraram continuar cumprindo seu dever mesmo depois da morte e guardar o rei... é o que dizem as lendas.

— E assim as lendas ganham vida! — Raistlin sussurrou, agarrando o braço de Tanis. Tanis ouviu o som de enormes blocos de pedra mudando de lugar e de dobradiças de ferro rangendo. Virando a cabeça ele viu cada uma das portas de pedra se abrir! O corredor se encheu de um frio tão intenso que Tanis sentiu seus dedos adormecerem. Coisas se moviam atrás das portas de pedra.

— A Guarda Real! Eles deixaram as pegadas! — Raistlin sussurrou freneticamente. —Humanas e não humanas. Não temos como escapar! — ele disse, segurando Tanis com mais força — Ao contrário dos espectros da Mata Escura, estes aqui só têm uma coisa em mente, destruir todos aqueles que cometem o sacrilégio de perturbar o descanso do rei!

— Nós temos que tentar! —Tanis disse, soltando-se do aperto dos dedos do mago em seu braço. Ele cambaleou para trás e voltou à entrada, para descobrir que ela estava bloqueada por duas figuras.

— Voltem!—Tanis arfou — Corram! Quem... Fizban? Não, seu velho caduco! Nós temos que fugir! Os guardas mortos...

— Oh, acalme-se —, o velho murmurou — Vocês jovens são alarmistas — Ele se virou e ajudou alguém mais a entrar. Era Lua Dourada com seu cabelo brilhando na luz.

— Está tudo bem, Tanis —, ela disse gentilmente — Olhe! — Ela puxou sua capa de lado: o medalhão que ela usava emitia uma luz azul —Tanis, Fizban disse que eles nos deixariam passar, se vissem o medalhão. E quando ele disse isso o medalhão começou a brilhar!

— Não! —Tanis começou a mandá-la de volta, mas Fizban bateu no peito de Tanis com seu dedo longo e ossudo.

— Você é um bom homem, Tanis Meio Elfo —, o velho mago disse com suavidade —, mas você se preocupa demais. Agora, relaxe e deixe-nos mandar estas pobres almas de volta ao sono deles. Traga os outros para cá, por favor?

Tanis, surpreso demais para falar qualquer coisa, afastou-se enquanto Lua Dourada e Fizban passavam por ele, Vendaval seguia os dois de perto. Enquanto Tanis observava, eles andavam devagar entre as fileiras de portas de pedra abertas. O movimento atrás de cada porta de pedra, cessava quando Lua Dourada passava. Mesmo naquela distância, ele percebia a sensação de malevolência desaparecendo.

Quando os outros chegaram à entrada destruída e ele os ajudou a passar, Tanis respondeu as perguntas que eles sussurravam com um encolher de ombros. Laurana não disse uma única palavra para ele enquanto ela entrava; a mão dela estava fria e ele podia ver, para sua surpresa, sangue no lábio dela. Sabendo que ela deve tê-lo mordido para não gritar, Tanis, começou a dizer alguma coisa para ela movido pelo remorso. Mas a elfa manteve a cabeça em pé, recusando-se a olhar para ele.

Outros correram atrás de Lua Dourada apressados, mas Tasslehoff parou para espiar dentro de uma das criptas e viu uma figura alta vestida com uma armadura resplandecente deitada em um esquife. Mãos esqueletais

seguravam o punho de uma espada longa que estava atravessada sobre o corpo. Tas olhou a Crista Real com curiosidade e pronunciou as palavras.

— Sothi Nuinqua Tsahrioth —, disse Tanis que vinha atrás do kender.

— O que isso quer dizer? —Tas perguntou.

— Fiel após a Morte —, Tanis disse calmamente.

No lado oeste das criptas, eles encontraram uma porta dupla de bronze. Lua Dourada abriu-a com facilidade e os levou para uma passagem triangular que se abria para um grande salão. Dentro desse salão, a única dificuldade que eles encontraram foi tentar tirar o anão dela. A sala estava perfeitamente intacta, a única sala em Sla-Mori que eles tinham encontrado, até aquele momento que tinha sobrevivido ao Cataclismo sem sofrer nenhum dano. E a razão para isso Flint explicou para quem quisesse ouvir, era a maravilhosa construção dos anões, em especial as vinte e três colunas que sustentavam o teto.

A única saída eram duas portas de bronze idênticas no final da câmara que levavam para o oeste. Flint, afastou-se das colunas e examinou cada uma das portas, resmungando que ele não tinha idéia do que existia atrás delas, ou para onde elas os levariam. Depois de uma breve discussão, Tanis decidiu usar a porta da direita.

A porta se abriu, revelando uma passagem estreita que os levava a uma outra porta simples de bronze nove metros adiante. Esta porta, entretanto, estava recuada. Caramon empurrou, puxou, tentou levantá-la, mas nada funcionou.

— Não adianta —, o homenzarrão grunhiu — Ela nem se mexe.

Flint observou Caramon durante algum tempo, depois se adiantou e examinou cada uma das portas. Ele bufou e balançou a cabeça.

— É uma porta falsa!

— Parece real para mim —, Caramon disse, olhando para a porta desconfiado. — Ela tem até dobradiças!

— É claro que tem —, Flint bufou — Nós não construímos portas falsas para parecerem falsas... até um anão da ravina sabe disso.

— Então, nós estamos num beco sem saída! — Eben disse triste.

— Afaste-se —, Raistlin sussurrou apoiando cuidadosamente seu cajado em uma parede. Ele colocou as duas mãos na porta, tocando-a somente com as pontas dos dedos, depois disse:

— Khetsaram pakliol! — Houve um lampejo de luz cor-de-laranja, mas não da porta, ele veio da parede!

— Mexa-se! — Raistlin agarrou seu irmão e puxou-o para trás no exato momento em que a parede inteira com a porta de bronze e tudo começou a girar em torno de seu eixo.

— Rápido, antes que ela se feche —, Tanis disse e todos passaram pela porta, Caramon amparou seu irmão, quando ele cambaleou.

— Você está bem? — Caramon perguntou enquanto a parede se fechava atrás deles.

— Sim, a fraqueza passará —, Raistlin sussurrou — Essa foi a primeira magia que eu conjurei do grimório de Fistandantilus. A magia de abrir funcionou, mas eu não esperava que ela fosse drenar tanta energia de mim.

A porta levou-os a uma outra passagem que ia diretamente para o oeste e tinha doze metros de comprimento, virava de repente para o sul, depois para o leste e então ia mais uma vez para o sul. Neste ponto, o caminho estava bloqueado por uma única porta de bronze.

Raistlin balançou a cabeça.

— Eu só posso usar o feitiço uma vez. Ele não está mais na minha memória.

— Uma bola de fogo abriria a porta —, disse Fizban — Eu acho que eu me lembro aquela mágica agora...

— Não, meu Velho —, Tanis disse apressadamente — Ela fritaria todos nós nesta passagem estreita. Tas...

O kender aproximou-se da porta e a empurrou — Droga, está aberta —, ele disse desapontado por não ter que arrombar a porta. Ele espiou para dentro — É só mais uma sala.

Eles entraram com cuidado, Raistlin iluminava a câmara com a luz de seu cajado. A sala era perfeitamente redonda, com mais ou menos trinta metros de diâmetro. Do outro lado da sala, exatamente em frente a eles, havia uma porta de bronze e no centro da sala...

— Uma coluna torta —, Tas disse, rindo — Olhe, Flint. Os anões construíram uma coluna torta.

— Se construíram, eles tinham uma boa razão para isso —, o anão respondeu, empurrando o kender de lado para examinar a coluna alta e fina. Definitivamente ela estava inclinada.

— Hummmm —, disse Flint, confuso. Depois... — Não é uma coluna seu maçaneta de porta. — Flint explodiu — É uma corrente enorme! Olhe, dá para ver aqui, ela está presa a um suporte de ferro no chão.

— Então, nós estamos na Sala da Corrente! — Gilthanas disse empolgado. — Este é o famoso mecanismo de defesa de Pax Tharkas. Nós devemos estar quase na fortaleza.

Os companheiros se reuniram em torno da monstruosa corrente e ficaram admirando-a com os olhos fixos. Cada elo tinha de comprimento o que Caramon tinha de altura e era tão grosso quanto o tronco de um carvalho.

O que esse mecanismo faz? — perguntou Tasslehoff com vontade de subir na grande corrente — Para onde ela vai?

— A corrente vai até o próprio mecanismo —, Gilthanas respondeu — Agora para saber como ele funciona você tem de perguntar ao anão, pois eu não estou familiarizado com a engenharia. Mas, se esta corrente for solta de onde ela está ancorada... — Ele apontou para o suporte de ferro no chão... — blocos enormes de granito cairão atrás dos portões da fortaleza. Depois disso, nenhuma força de Krynn seria capaz de abri-los.

Deixando o kender perscrutando a escuridão, tentando em vão dar uma espiada no fantástico mecanismo, Gilthanas juntou-se aos outros que vasculhavam a sala.

— Vejam isto! — ele gritou, apontando para uma linha indistinta no formato de porta, nas pedras da parede norte — Uma porta secreta! Esta deve ser a entrada!

— É uma armadilha — desviando sua atenção da corrente, Tasslehoff apontou para uma peça de pedra lascada na base — Os anões pisaram na bola —, ele disse, dando um sorriso irônico para Flint — Esta é uma porta falsa que parece falsa.

— E, portanto, não deve ser confiada —, Flint disse sem rodeios.

— Besteira! Anões têm dias ruins como qualquer um de nós —, Eben disse, curvando-se para mexer na armadilha.

— Não a abra! — Raistlin disse, de repente.

— Por que não? — perguntou Sturm — Você quer alertar alguém antes de acharmos o caminho para Pax Tharkas?

— Se quisesse traí-lo, cavaleiro, eu já poderia tê-lo feito mil vezes antes disto! — Raistlin sibilou, olhando para a porta secreta — Eu sinto um poder atrás dessa porta maior que todos que eu já senti desde... Ele parou, estremecendo.

— Desde quando? — seu irmão perguntou gentilmente.

— As Torres da Alta Magia! — Raistlin sussurrou — Eu estou avisando, não abra essa porta!

— Veja onde a porta do sul vai dar—, Tanis disse ao anão.

Flint aproximou-se da porta de bronze na parede sul e a empurrou, abrindo-a.

— O que dá para ver é que ela leva a uma outra passagem, exatamente igual a todas as outras —, ele disse com tristeza.

— O caminho para PaxTharkas é por uma porta secreta —, Gilthanas repetiu. Antes que alguém pudesse impedi-lo, ele se abaixou e tirou o pedaço de pedra. A porta estremeceu e começou a se abrir para dentro silenciosamente.

— Você vai se arrepender disto! — Raistlin engasgou.

A porta se abriu, revelando uma sala grande quase completamente cheia de objetos amarelos que pareciam tijolos. Através de uma espessa camada de poeira, era visível uma cor amarela indistinta.

— Uma sala de tesouro! — Eben gritou — Nós descobrimos o tesouro de Kith-Kanan!

— Ouro puro —, Sturm disse friamente — Sem nenhum valor nos dias de hoje, já que o aço é a única coisa que tem algum valor.... — A voz dele diminuiu e seus olhos se arregalaram de terror.

— O que foi? — gritou Caramon, sacando a espada.

— Eu não sei_ Sturm disse, mais arfando do que realmente falando.

— Eu sei, — Raistlin soprou enquanto a coisa tomava forma diante de seus olhos. — O espírito de uma elfa negra! Eu avisei para vocês não abrirem essa porta.

— Faça algo! — Eben disse cambaleando para trás.

— Guardem as armas, seus tolos! — Raistlin disse num sussurro cortante. — Vocês não podem enfrentá-la! O toque dela é morte certa e, se ela chorar enquanto estamos dentro destas paredes, nós estaremos mortos. Ela mata só com o som de seu lamento. Corram, corram todos vocês! Rápido! Pela porta sul!

No exato momento que eles recuaram, a escuridão na sala do tesouro tomou forma, transformando-se nas feições friamente belas e distorcidas de uma fêmea drow — um elfo maligno de épocas passadas que recebeu a morte como punição pelos crimes indescritíveis que cometeu. Depois, os poderosos elfos utilizadores de mágica acorrentaram seu espírito, forçando-a a guardar os tesouros do rei para sempre. E, ao ver estes seres humanos vivos, ela esticou

suas mãos, ansiando pelo calor da carne e abriu a boca para colocar para fora sua dor e seu ódio por todas as coisas vivas.

Os companheiros viraram-se e fugiram, tropeçando em si mesmos na pressa de escapar pela porta de bronze. Caramon caiu sobre seu irmão, derrubando o cajado das mãos de Raistlin. O cajado fez barulho ao cair, mas continuou brilhando, pois somente o fogo de um dragão é capaz de destruir o cristal mágico. Mas, agora sua luz iluminava só o chão, mergulhando o resto da sala na mais completa escuridão.

Vendo sua presa escapar, o espírito passou rapidamente para a Sala da Corrente e sua mão tocou o rosto de Eben. Ele gritou devido1 ao toque frio que queimava e desfaleceu. Sturm o apanhou e o arrastou pela porta enquanto Raistlin pegava seu cajado e ele e Caramon passavam por eles.

— Estão todos aqui? —Tanis perguntou relutante em fechar a porta. Depois, ele ouviu um resmungo baixinho, tão assustador que ele sentiu seu coração parar de bater por um momento. O medo tomou conta dele. Ele não conseguia respirar. O grito parou e o coração dele deu um grande e doloroso salto. O espírito está inspirando para gritar de novo.

— Não dá tempo de olhar! — Raistlin arfou — Feche a porta, irmão! Caramon jogou todo seu peso contra a porta de bronze. Ela fechou com um barulho que ecoou pelo salão.

— Isso não vai pará-la! — Eben gritou em pânico.

— Não —, Raistlin disse calmamente — A mágica dela é poderosa, mais poderosa do que a minha. Eu posso conjurar uma magia na porta, mas me enfraquecerá demais. Eu sugiro que vocês corram enquanto podem. Se a magia não funcionar, talvez eu possa detê-la.

— Vendaval, leve os outros —, Tanis ordenou — Sturm e eu ficaremos com Raistlin e Caramon.

Os outros deslizaram pelo corredor escuro, olhando para trás para assistir com uma fascinação mórbida. Raistlin os ignorou e entregou seu cajado a seu irmão. A luz do cristal reluzente piscou devido ao toque não familiar.

O mago colocou as mãos na porta, pressionando as palmas abertas contra ela. Depois de fechar os olhos, ele forçou a si mesmo a esquecer tudo que estava á sua volta, exceto sua mágica.

— Kalisna budrunin... Sua concentração foi interrompida quando ele sentiu um frio terrível.

A elfa negra! Ela tinha reconhecido sua magia e estava tentando interrompe-lo! Imagens da batalha dele contra um outro elfo negro nas Torres da Alta Magia voltaram a sua mente. Ele lutou para tirar de sua cabeça a memória maligna dessa batalha que arruinou seu corpo e chegou perto de destruir sua mente, mas ele sentia que estava perdendo o controle. Ele tinha esquecido as palavras! A porta estremeceu. A elfa estava atravessando!

Então, de algum lugar dentro do mago veio uma força que ele tinha sentido dentro de si em apenas duas ocasiões anteriores: na Torre e no altar do dragão negro em Xak Tsaroth. Aquela voz familiar que ele era capaz de ouvir claramente em sua cabeça, mas não conseguia identificar, falou com ele, repetindo as palavras do feitiço. Raistlin gritou as palavras com uma voz alta e cristalina que não era a sua.

— Kslisan budrunin kara-emarath!

Do outro lado da porta ouviu-se um lamento de desapontamento e fracasso. A porta agüentou. O mago caiu.

Caramon deu o cajado para Eben, enquanto pegava o irmão nos braços e seguia os outros, enquanto eles tenteavam o caminho ao longo da passagem escura Uma outra porta secreta abriu com facilidade ao toque de Flint, levando-os a uma série de pequenos túneis cheios de destroços.Tremendo de medo, os companheiros conseguiram passar por esses obstáculos. Por fim, eles chegaram a uma sala enorme cheia de engradados de madeira empilhados do

chão até o teto. Vendaval acendeu uma tocha na parede. Os engradados estavam fechados com pregos. Alguns tinham uma etiqueta que dizia SOLACE, outros diziam BERMA.

— É aqui mesmo. Nós estamos dentro da fortaleza — Gilthanas disse, com um sinistro ar de vitória — Nós estamos no porão de PaxTharkas.

— Graças aos deuses verdadeiros! —Tanis suspirou e se jogou no chão. Os outros fizeram o mesmo ao lado dele. Só então eles perceberam que Fizban e Tasslehoff tinham desaparecido.

11

PERDIDOS.

O PLANO! TRAÍDOS!

Tasslehoff nunca conseguiu se lembrar claramente dos últimos momentos de pânico na Sala da Corrente. Ele se lembra de ter dito —, Uma elfa negra? Onde? — e de ter ficado nas pontas dos pés, tentando, desesperadamente ver, quando de repente o cajado que iluminava a sala caiu no chão. Ele ouviu Tanis gritando e, acima do grito, uma espécie de lamento que fez o kender perder a noção de onde ele estava e do que ele estava fazendo ali. Então, mãos fortes o agarraram pela cintura, levantando-o no ar.

— Suba! — gritou a voz debaixo dele.

Tasslehoff levantou as mãos, sentiu o metal frio da corrente e começou a subir. Ele ouviu o barulho de uma porta batendo lá embaixo e o arrepiante lamento da elfa negra outra vez. Desta vez, ele não pareceu letal era mais um grito de fúria e raiva. Tas desejou que isso significasse que seus amigos tinham escapado.

— Como será que eu vou encontrá-los de novo? — Ele perguntou a si mesmo sentindo-se desencorajado por um momento. Então, ele ouviu Fizban balbuciando consigo mesmo e se alegrou. Ele não estava só.

Uma escuridão densa e pesada envolveu o kender. Subindo só pelo tato, ele estava começando a ficar bastante cansado quando sentiu o ar fresco tocar sua bochecha direita. Ele sentiu, mais do que viu, que ele devia estar chegando ao lugar onde os elos da corrente e o mecanismo se juntavam. Se pelo menos ele conseguisse ver! Então, ele se lembrou. Afinal de contas ele estava com um mágico.

— Uma luz ajudaria bastante —, Tas disse.

— Uma luta? Onde? — As mãos de Fizban quase se soltaram da corrente.

— Luta, não! Luz! —Tas disse com paciência pendurado em um elo — Eu acho que estamos perto do topo desta coisa e nós deveríamos dar uma olhada em volta.

— Ah, claro. Vamos ver, luz ... Tas ouviu o mago mexendo em suas bolsas. Aparentemente, ele encontrou o que estava procurando, porque logo ele soltou um grito de triunfo, falou algumas palavras e uma pequena bola de chamas de cor azul-amarelada apareceu flutuando perto do chapéu do mágico.

A bola brilhante subiu zumbindo, dançou em volta de Tasslehoff como se estivesse examinando o kender, depois retornou até o orgulhoso mágico. Tas estava maravilhado. Ele tinha todo tipo de perguntas com relação à surpreendente bola flamejante, mas seus braços estavam ficando trêmulos e o velho mago estava quase acabado fisicamente. Ele sabia que eles tinham de encontrar alguma forma de sair dessa corrente.

Olhando para cima, ele viu que eles estavam, como ele havia imaginado, na parte de cima da fortaleza. A corrente subia sobre uma imensa roda dentada montada em um eixo de ferro, ancorado na rocha pura. Os elos da corrente

encaixavam-se em dentes grandes como troncos de árvores, depois a corrente se esticava, passava por um buraco desaparecia em um túnel à direita do kender.

— Nós podemos subir até aquela engrenagem e entrar no túnel engatinhando sobre a corrente —, o kender disse, apontando — Você pode mandar a luz para lá?

— Luz. para a roda —, Fizban instruiu.

A luz hesitou no ar por um instante depois dançou para frente e para trás. opondo-se resolutamente ao comando. Fizban franziu a testa.

— Luz, para a roda! — ele repetiu, com firmeza.

A pequena bola de chamas disparou em torno deles e se escondeu atrás do chapéu do mágico. Fizban, tentou agarrá-la porém de forma desajeitada e quase caiu, sendo obrigado a abraçar a corrente. A bolinha de luz dançou no ar atrás dele como se estivesse gostando da brincadeira.

— Uh, eu acho que nós temos luz suficiente —, Tas disse.

— Essa nova geração não tem disciplina —, Fizban grunhiu — O pai dele... aquele sim era uma bola... — A voz do mago sumiu quando ele iniciou a escalada novamente, a bola de fogo pairava próximo à ponta de seu chapéu judiado.

Tas logo alcançou o primeiro dente da engrenagem. Depois de descobrir que os dentes tinham sido talhados com machado e eram fáceis de escalar, Tas engatinhou de um para o outro até chegar ao topo. Fizban com suas vestes levantadas até as coxas, seguiu-o com uma agilidade surpreendente.

— Você poderia pedir para a luz iluminar o túnel? —Tas perguntou.

— Luz, para o túnel —, Fizban ordenou, com as pernas ossudas abraçando um elo da corrente.

A bola de fogo deu a impressão de que ia obedecer ao comando. Ela se moveu lentamente para a borda do túnel, depois parou.

— Dentro do túnel! — o mago comandou. A bolinha de fogo se recusou.

— Eu acho que ela tem medo de escuro —, Fizban disse, desculpando-se.

— Nossa mãe, que extraordinário! — o kender disse, pasmo — Bem, ele pensou por um momento —, se ela ficar onde está, eu acho que consigo ver o suficiente para atravessar a corrente. Ela parece estar mais ou menos a cinco metros do túnel com nada debaixo a não ser várias dezenas de metros de escuridão e ar, sem se esquecer do chão de pedra lá embaixo, Tas pensou.

— Alguém deveria vir até aqui e engraxar esta coisa —, Fizban disse, examinando o eixo de forma crítica — Hoje em dia você só consegue mão de obra barata.

— Eu estou muito contente que eles não o fizeram —, Tas disse com tranqüilidade, enquanto engatinhava um pouco mais sobre a corrente. Quando estava na metade do caminho, o kender pensou como seria cair desta altura, rolando, rolando, rolando e depois bater no chão de pedra, lá embaixo. Ele imaginou qual seria a sensação de se esborrachar no chão....

— Continue andando! — Fizban gritou, engatinhando para fora da corrente atrás do kender.

Tas engatinhou rapidamente em direção à entrada do túnel onde a bola de chamas aguardava, depois pulou da corrente para o chão de pedra, cerca de um metro e meio abaixo dele. A bola de fogo disparou atrás dele e Fizban chegou finalmente à entrada do túnel. No último momento, ele caiu, mas Tas agarrou seu robe e puxou o velho para terra firme.

Eles estavam sentados no chão descansando, quando de repente, a cabeça do velho deu um estalo.

— Meu cajado —, ele disse.

— Que tem seu cajado? — Tas bocejou, querendo saber que horas eram. O velho levantou-se com dificuldade.

— Eu o deixei lá embaixo —, ele murmurou, indo na direção da corrente. Espere! Você não pode voltar! — Tasslehoff deu um pulo assustado.

— Quem disse? — perguntou o velho com petulância e com os pelos da sua barba eriçando.

— Eu que... quero dizer... — Tas gaguejou, — seria muito perigoso. Mas, eu sei como você se sente... meu hoopak está lá embaixo.

— Hummmm —, Fizban disse, sentando-se desconsolado.

— Ele era mágico? — Tas perguntou depois de um momento.

— Eu nunca tive muita certeza —, Fizban disse melancólico.

— Bem —, disse Tas, sendo prático, — talvez nós possamos voltar e pegá-lo depois que terminarmos a aventura. Agora, vamos tentar encontrar um lugar para descansar.

Ele olhou em volta de si. O túnel tinha cerca de dois metros do chão até o teto. A enorme corrente passava por cima e tinha numerosas correntes menores presas a ela que se alongavam pelo chão do túnel, para dentro da vasta escuridão que se estendia além. Tas, olhando para dentro da escuridão, conseguia vislumbrai de forma muito vaga a forma de gigantescas pedras.

— Que hora você acha que é? —Tas perguntou.

— Hora do almoço —, disse o velho — E acho que é melhor a gente descansar aqui mesmo. É um lugar tão seguro quanto outro qualquer — Ele se jogou no chão. Pegando uma mão cheia de quith-pa, ele começou a mastigar ruidosamente. A bola de chamas rodou no ar e parou próximo à aba do chapéu mágico.

Tas sentou-se ao lado do mago e começou a beliscar seu próprio pedaço de seca. Depois, ele cheirou o ar. Ele sentiu um cheiro muito peculiar como queimando meias velhas. Erguendo os olhos, ele suspirou e deu um puxão no robe do mágico.

— Uh. Fizban —, ele disse — Seu chapéu está pegando fogo.

— Flint —, Tanis disse sério, — pela última vez, eu me sinto tão mal quanto você pelo fato de termos perdido Tas, mas nós não podemos voltar! Ele esta com Fizban e, conhecendo aqueles dois, eles conseguirão sair de qualquer apuro no qual eles possam estar metidos.

— Se eles não derrubarem a fortaleza inteira em cima de nossas cabeças —, Sturm murmurou.

O anão passou a mão nos olhos, olhou de modo feroz para Tanis, depois girou sobre os calcanhares e voltou para um canto, onde se jogou no chão de mau humor.

Tanis sentou-se novamente. Ele sabia como Flint se sentia. Parecia estranho, houve tantas vezes nas quais ele poderia ter estrangulado o kender com um sorriso nos lábios, mas agora que ele havia desaparecido, Tanis sentia falta dele, e exatamente pelas mesmas razões. Havia uma jovialidade inata e sempre presente na figura de Tasslehoff que fazia dele um companheiro inestimável. Nenhum perigo assustava um kender, por isso Tas nunca desistia. Nunca lhe faltava o que fazer em uma emergência. Nem sempre era a coisa certa, mas pelo menos ele estava pronto para agir. Tanis sorriu com tristeza. Só espero que esta não venha ser a última dificuldade dele, ele pensou.

Os companheiros descansaram durante uma hora, comendo quith-pa e bebendo água potável de um poço profundo que eles descobriram. Raistlin havia voltado a si, mas não conseguia comer nada. Ele bebeu água, depois deitou-se de costas muito fraco. Caramon contou-lhe a novidade sobre Fizban de forma hesitante, temendo que seu irmão ficasse muito abatido com o desaparecimento do mago. Mas, Raistlin simplesmente deu de ombros, fechou os olhos e dormiu profundamente.

Depois que sentiu que havia recuperado suas energias, Tanis levantou-se e caminhou na direção de Gilthanas, percebendo que o elfo estava estudando atentamente um mapa. Passando por Laurana, que estava sentada sozinha, Tanis sorriu para ela. Ela se recusou a retribuir. Tanis suspirou. Ele já tinha se

arrependido de ter falado com ela de forma tão rude em Sla-Mori. Ele teve de admitir que ela se portou consideravelmente bem em circunstâncias aterrorizadoras. Ela tinha feito o que lhe mandaram fazer de forma rápida e sem perguntas. Tanis achou que tinha de lhe pedir desculpas, mas primeiro ele tinha que falar com Gilthanas.

— Qual é o plano? — ele perguntou, sentando-se em um dos engradados.

— Sim, onde nós estamos? — Sturm perguntou. Logo, todos estavam reunidos em volta do mapa, com exceção de Raistlin que parecia dormir, embora Tanis achasse que tinha visto um brilho dourado por entre as supostas pálpebras fechadas do mago.

Gilthanas abriu bem o mapa.

— Aqui está a fortaleza de Pax Tharkas e a área da mina que a circunda —, ele disse, depois apontou — Nós estamos nos porões, aqui no piso mais baixo. Seguindo este corredor, cerca de quinze metros daqui, estão as salas onde as mulheres estão presas. Esta é a sala dos guardas, do outro lado da sala das mulheres, e este... ele bateu gentilmente com os dedos no mapa... — é o covil de um dos dragões vermelhos, aquele que Lorde Verminaard chama de Flogisto. O dragão é tão grande que o covil se estende acima do andar térreo, comunica-se com os aposentos de Lorde Verminaard no primeiro andar, passa pela galeria do segundo andar e abre-se para o céu aberto.

Gilthanas sorriu com amargura.

— Atrás dos aposentos de Verminaard no primeiro andar, a prisão onde são mantidas as crianças. O Senhor dos Dragões é sábio. Ele mantém os reféns separados, por saber que as mulheres nunca pensariam em partir sem seus filhos e os homens não sairiam sem suas famílias. As crianças são guardadas por um segundo dragão vermelho neste quarto. Os homens... cerca de trezentos deles... trabalham em minas nas cavernas das montanhas. Existem centenas de anões da ravina trabalhando nas minas também.

— Você parece saber bastante sobre PaxTharkas —, Eben disse. Gilthanas ergueu os olhos rapidamente

— O que você está insinuando?

— Não estou insinuando coisa alguma —, Eben respondeu — É que você conhece bastante bem este lugar sem nunca ter estado aqui! E, não foi interessante nós termos trombado com criaturas que quase nos mataram lá em Sla-Mori?

— Eben —,Tanis falou com a voz bem calma, — nós já ouvimos o suficiente de suas desconfianças. Eu não acredito que algum de nós seja um traidor. Como Raistlin disse, o traidor poderia ter traído qualquer um de nós bem antes de chegarmos aqui. Qual seria a razão de se chegar tão longe?

— Trazer a mim e aos Discos para Lorde Verminaard —, Lua Dourada disse com suavidade — Ele sabe que eu estou aqui, Tanis. Ele e eu estamos ligados pela nossa fé.

— Isso é ridículo! — Sturm bufou.

— Não, não é —, Lua Dourada disse — Lembre-se, existem duas constelações faltando. Uma é a Rainha das Trevas. Pelo pouco que eu fui capaz de entender dos Discos de Mishakal, a Rainha era também um dos deuses antigos. Os deuses do bem estão à altura dos deuses do mal e os deuses da neutralidade se esforçam para manter o equilíbrio. Verminaard adora a Rainha das Trevas, assim como eu adoro Mishakal: é isso que Mishakal quis dizer quando ela falou que nós deveríamos restaurar o equilíbrio. A promessa de bem que eu trago é exatamente aquilo que ele teme e ele está empenhando toda sua vontade para me encontrar Quanto mais eu ficar aqui... — A voz dela sumiu.

— Mais uma razão para pararmos de brigar —, Tanis começou a falar, olhando para Eben.

O guerreiro encolheu os ombros — Você disse o suficiente. Estou com você.

— Qual é seu plano, Gilthanas? —Tanis perguntou, notando irritado que Sturm, Caramon e Eben trocaram olhares rápidos... três homens juntando-se contra os elfos, ele pegou a si mesmo pensando. Mas, talvez eu também esteja errado por acreditar em Gilthanas porque ele é um elfo.

Gilthanas também viu as trocas de olhares. Por um momento, ele olhou para eles com um olhar intenso sem piscar, depois começou a falar em tom moderado, tomando cuidado com as palavras como se estivesse relutante em revelar mais do que o estritamente necessário.

— Todo fim de tarde, eles permitem que dez ou doze mulheres saiam de suas celas e levem comida para os homens nas minas. Dessa forma, o Alto Lorde mostra aos homens que ele está cumprindo sua parte no acordo. Eles permitem que as mulheres visitem as crianças uma vez por dia pela mesma razão. Meus guerreiros e eu planejamos nos disfarçar de mulheres, ir até os homens nas minas e contar-lhes os planos de libertar os reféns e alertá-los para ficarem prontos para atacar. Mais que isso nós não pensamos ainda, principalmente no que diz respeito a libertar as crianças. Nossos espiões apontaram uma coisa estranha sobre o dragão que guarda as crianças, mas nós não pudemos descobrir o que era.

— Que esp...? — Caramon ia perguntar, mas encontrou os olhos de Tanis e pensou melhor na sua pergunta. Ao invés disso, ele perguntou — Quando vamos atacar? E sobre o dragão, Flogisto?

— Nós atacaremos amanhã de manhã. É quase certo que Lorde Verminaard e Flogisto vão se encontrar com o exército amanhã, quando ele chegar perto da fronteira de Qualinesti. Ele está se preparando para esta invasão há muito tempo. Eu não acredito que ele perderá isso, por nada.

O grupo discutiu o plano durante vários minutos, adicionando algumas coisas, polindo outras, e no geral, concordando que o plano parecia viável. Eles recolheram suas coisas enquanto Caramon acordava seu irmão. Sturm e Eben abriram a porta que dava para o corredor com um empurrão. O corredor

parecia estar vazio, embora eles conseguissem ouvir sons distantes de gargalhadas rudes e bêbadas vindas de uma sala diretamente na frente deles. Dragonianos. Os companheiros entraram silenciosamente no corredor sujo e escuro.

Tasslehoff estava em pé, no meio daquilo que ele chamou de Sala do Mecanismo, perscrutando o túnel precariamente iluminado pela bola de fogo. O kender estava começando a se sentir desencorajado. Era um sentimento que ele não tinha com muita freqüência e ele o comparou com aquela vez que ele comeu uma torta inteira de tomates verdes que havia sido adquirida de um vizinho. Até hoje, desencorajamento e torta de tomate verde fazem com que ele tenha vontade de vomitar.

— Tem que ter uma maneira de sair daqui —, disse o kender — Sem dúvida, eles inspecionam o mecanismo de vez em quando ou vêm até aqui para admirá-lo ou fazer uma pequena turnê, ou algo assim!

Ele e Fizban já tinham passado uma hora andando para cima e para baixo no túnel, engatinhando para dentro e para fora da miríade de correntes. Eles não tinham encontrado nada. Ele era frio e estava vazio e coberto de poeira.

— Falando em luz —, disse o velho mago de repente, embora eles não estivessem falando em luz — Olhe ali.

Tasslehoff olhou. Um fino facho de luz era visível através uma rachadura no pé da parede perto da entrada do túnel estreito. Eles conseguiam ouvir vozes e a luz aumentou como se tochas estivessem sendo acesas em uma sala, abaixo deles.

— Talvez seja uma saída —, o velho disse.

Correndo furtivamente pelo túnel, Tas se ajoelhou e espiou através da fenda.

— Venha aqui!

Ao olhar para baixo, os dois viram uma sala grande, mobiliada com todo luxo possível. Tudo que era lindo, gracioso, delicado ou valoroso nas terras que se encontravam sob o controle de Verminaard tinha sido trazido para decorar os aposentos pessoais do Senhor dos Dragões. Tinha um trono ornado, do outro lado do quarto. Havia espelhos de prata raros e de valor inestimável, pendurados nas paredes, arranjados de forma que, independente do lado que um cativo nervoso estivesse olhando, a única imagem que ele via era o elmo grotesco e com chifres do Senhor dos Dragões, franzindo as sobrancelhas para ele.

— Aquele deve ser ele! — Tas sussurrou para Fizban — Aquele deve ser o Lorde Verminaard! — O kender respirou fundo, atônito — Aquele deve ser o dragão dele Flogisto. Aquele sobre o qual Gilthanas nos falou, aquele que matou todos os elfos em Solace.

Flogisto, ou Pyros (o nome real dele era um segredo conhecido apenas pelos dragonianos, ou por outros dragões, nunca por mortais comuns) era um dragão vermelho antigo e enorme. Aparentemente Pyros tinha sido dado a Lorde Verminaard como uma recompensa da Rainha da Escuridão ao seu clérigo. Na verdade. Pyros foi enviado para ficar de olho em Verminaard que tinha desenvolvido um medo estranho e paranóico com relação à descoberta dos deuses verdadeiros. Entretanto todos os Altos Lordes do Dragão de Krynn possuíam dragões, talvez não tão fortes nem tão inteligentes. Pois, Pyros tinha uma outra missão ainda mais importante que era secreta até para o próprio Senhor dos Dragões, uma missão que lhe foi atribuída pela Rainha das Trevas e conhecida apenas por ela mesma e seus dragões do mal.

A missão de Pyros era procurar um homem de muitos nomes. Nesta parte de Ansalon, a Rainha das Trevas chamava-o de Homem Eterno. Os dragões chamavam-no Homem da Gema Verde. Seu nome humano era Berem. E, era por causa dessa busca incessante do humano Berem, que Pyros estava

presente na câmara de Verminaard aquela tarde, quando ele preferia muito mais estar dormindo em seu covil.

Pyros tinha recebido uma informação de que Cotiliquê Toede estava trazendo dois prisioneiros para serem interrogados. Sempre havia uma possibilidade de que esse Berem fosse um deles. Portanto, o dragão estava sempre presente nos interrogatórios, embora muitas vezes ele desse a impressão de estar um bocado entediado. A única vez que os interrogatórios se tornaram interessantes, pelo menos para Pyros, foi quando Verminaard ordenou que um prisioneiro "desse de comer ao dragão."

Pyros estava deitado em um dos lados do gigantesco saguão do trono, ocupando-o completamente. Suas asas enormes estavam dobradas junto ao corpo, as ilhargas levantavam um pouco cada vez que ele respirava, como algum motor dos gnomos. Dormindo, ele roncava e se mexia um pouco. Um vaso raro caiu no chão e se partiu. Verminaard ergueu os olhos de sua escrivaninha onde estava estudando um mapa de Qualinesti.

— Transforme-se, antes que você destrua esta sala —, ele resmungou.

Pyros abriu um olho, observou Verminaard com uma atenção fria, durante um momento, depois rugiu com raiva, uma breve palavra mágica.

O gigantesco dragão vermelho começou a cintilar como uma miragem, a monstruosa forma do dragão transformou-se em um homem, de constituição física modesta, com cabelos negros, um rosto delicado e olhos vermelhos amendoados. Vestido com um roupão carmesim, Pyros, o homem, foi até uma escrivaninha perto do trono de Verminaard. Depois de sentar-se, ele colocou uma mão sobre a outra e olhou para as costas largas e musculosas de Verminaard, sem disfarçar seu ódio.

Alguém arranhou a porta.

— Entre —, Verminaard ordenou, distraidamente.

Um guarda dragoniano abriu a porta, fazendo entrar Cotiliquê Toede e seus prisioneiros, depois saiu e fechou as grandes portas de bronze e ouro.

Verminaard fez o Cotiliquê esperar um bom tempo, enquanto estudava seu plano de batalha. Depois, com um olhar cordial, ele caminhou até seu trono. O trono era entalhado de forma elaborada a fim de parecer com as mandíbulas abertas de um dragão.

Verminaard era uma figura imponente. Alto e dono de uma constituição física poderosa, ele usava uma armadura, que imita escamas de dragão, azul como o escuro da noite, adornada em ouro. A máscara abominável do Senhor dos Dragões escondia seu rosto. Movendo-se com uma graça fora do comum para um homem tão grande, ele se reclinou confortavelmente e, com a mão coberta por uma luva de couro, ele acariciava um cetro negro decorado com ouro que estava ao seu lado.

Verminaard observava Toede e seus dois prisioneiros com irritação, sabendo muito bem que Toede tinha apanhado estes dois em algum lugar num esforço para se redimir da desastrosa perda da clériga. Quando Verminaard descobriu por meio de seus dragonianos que uma mulher que se parecia com a descrição da clériga estava entre os prisioneiros trazidos de Solace e tinha escapado, sua fúria foi aterrorizante. Toede quase pagou com a vida pelo seu erro, mas o hobgoblin foi extremamente hábil na arte de se lamentar e se humilhar. Sabendo disso, Verminaard tinha considerado a hipótese de nem atendê-lo naquele dia, mas ele tinha a estranha e irritante sensação de que nem tudo estava bem em seu reino.

E aquela maldita clériga! Verminaard pensou. Ele era capaz de sentir o poder dela se aproximando cada vez mais, deixando-o nervoso e irrequieto. Ele observou atentamente os dois prisioneiros que Toede havia trazido para a sala.

Depois, vendo que nenhum deles era compatível com a descrição daqueles que atacaram Xak Tsaroth, Verminaard franziu a testa atrás da máscara.

Pyros reagiu de maneira diferente com a presença dos prisioneiros. O dragão transformado levantou-se e inclinou-se sobre a mesa, enquanto suas

mãos delgadas apertavam o tampo de ébano da escrivaninha com uma ferocidade tão grande que deixaram as marcas de seus dedos na madeira.Tremendo de excitação, ele precisou de uma grande força de vontade para se obrigar a se sentar e ficar calmo. Somente seus olhos, queimando com uma chama devoradora, davam uma indicação de seu orgulho, quando ele encarou os prisioneiros.

Um dos prisioneiros era um anão da ravina, Sestun, na verdade. Ele estava com as mãos e os pés acorrentados (Toede não queria correr mais nenhum risco) e mal podia andar. Tropeçando para frente, ele caiu de joelhos aterrorizado, diante do Alto Lorde do Dragão. O outro prisioneiro, aquele que Pyros observou era um humano vestido com roupas rasgadas, que ficou de pé olhando o chão.

— Por que você veio me incomodar com estes infelizes, Cotiliquê? Verminaard rangeu os dentes.

Toede, reduzido a uma massa trêmula, engoliu em seco e imediatamente falar.

— Este prisioneiro —, o hobgoblin chutou Sestun, — foi quem libertou os escravos de Solace, e este prisioneiro —, ele apontou para o homem, que levantou a cabeça com uma expressão de confusão e perplexidade em seu rosto, — foi encontrado vagando perto de Berma, onde como vossa senhoria sabe foi proibida a entrada de pessoas que não são militares.

— Então, por que trazê-los a mim? — perguntou Lorde Verminaard irritado — Joguem-nos nas minas com o resto da multidão.

Toede gaguejou

— Eu achei que o humano p-p-pudesse s-ser um e-espião....

O Senhor dos Dragões estudou o humano atentamente. Ele era alto, com cerca de cinqüenta anos humanos de idade. Seu cabelo era branco e seu rosto barbeado era moreno e descorado e marcado com as linhas da idade. Ele estava vestido como um mendigo, o que é provavelmente o que ele era,

Verminaard pensou com nojo. Certamente, não havia nada de incomum sobre ele, com exceção de seus olhos que eram claros e jovens. Suas mãos, também eram as de um homem no apogeu. Provavelmente sangue elfo....

— O homem é um débil mental —, Verminaard disse finalmente — Olhe para ele... de boca aberta como um peixe fora da água.

— Eu a-a-acredito que ele é, uh, surdo e mudo, meu senhor —, disse Toede, suando.

Verminaard torceu o nariz. Nem mesmo o elmo do dragão era capaz de espantar o cheiro fétido de um hobgoblin transpirando.

— Então, você capturou um anão da ravina e um espião que não consegue ouvir, nem falar —, Verminaard disse sarcasticamente — Muito bem, Toede. Talvez você possa ir agora e me trazer um buquê de flores.

— Se isso for do agrado de Vossa Senhoria —, Toede respondeu, curvando-se solenemente.

Verminaard começou a rir debaixo do elmo, entretido a despeito de si mesmo. Toede era uma criaturinha muito divertida, uma pena ser impossível ensiná-lo a tomar banho. Verminaard acenou com a mão.

— Tire-os daqui, e você também.

— O que devo fazer com os prisioneiros, meu lorde?

— Peça ao anão da ravina para dar de comer a Flogisto, hoje à noite. E leve seu prisioneiro para as minas. Mas, fique de olho nele... ele parece perigoso! — O Senhor dos Dragões deu uma gargalhada.

Pyros rangeu os dentes e chamou Verminaard de tolo.

Toede fez uma mesura novamente.

— Vamos —, ele resmungou, puxando pelas algemas o homem que cambaleou atrás dele — Você, também! — Ele cutucou Sestun com o pé. Foi inútil. Depois de ouvir que iria alimentar o dragão, o anão da ravina desmaiou. Um dragoniano foi chamado para removê-lo.

Verminaard levantou-se do trono e caminhou até sua escrivaninha. Ele recolheu seus mapas, e os enrolou.

— Envie o wyvern com os despachos —, ele ordenou a Pyros — Nós voamos amanhã cedo para destruir Qualinesti. Esteja pronto quando eu chamar.

Quando as portas de bronze e ouro se fecharam atrás do Senhor dos Dragões, Pyros. ainda na forma humana, levantou-se da escrivaninha e começou a andar na sala de um lado para o outro. Alguém arranhou a porta.

— Lorde Verminaard foi-se para seus aposentos! — Pyros gritou irritado com a interrupção.

A porta se entreabriu.

— É vossa senhoria que eu desejo ver, realeza —, sussurrou um dragoniano.

— Entre —, Pyros disse — Mas, seja breve.

— O traidor foi bem sucedido, realeza —, o dragoniano disse com suavidade.

— Ele conseguiu se afastar por um momento sem que eles suspeitassem. Mas, ele trouxe a clériga...

— Para o Abismo com a clériga! — Pyros resmungou — Essa notícia é do interesse de Verminaard. Informe-o. Não, espere — O dragão fez uma pausa.

— Eu vim procurá-lo primeiro como Vossa Senhoria me instruiu —, o dragoniano disse desculpando-se, preparando-se para fazer uma saída rápida.

— Não vá —, o dragão ordenou, levantando uma das mãos — Afinal de contas essa notícia também tem valor para mim. Não a clériga. Tem muito mais em jogo neste caso.... eu tenho de me encontrar com nosso amigo traiçoeiro.Traga-o hoje à noite até meu covil. Não informe Lorde Verminaard... não ainda. Ele pode se intrometer — Pyros estava pensando rápido, agora seus

planos estavam tomando forma — Verminaard tem Qualinesti para mantê-lo ocupado.

Assim que o dragoniano se curvou e saiu da sala do trono, Pyros começou a caminhar, outra vez, de um lado para o outro, esfregando uma mão na outra e sorrindo.

12

A PARÁBOLA DA GEMA.

O TRAIDOR REVELADO.

O DILEMA DE TAS.

— Pare com isso, seu atrevido! — Caramon sorriu envergonhado e deu um tapa na mão de Eben, quando o guerreiro enfiou maliciosamente a mão debaixo da saia de Caramon. As mulheres na sala riram tão animadas com as travessuras dos dois guerreiros, que Tanis olhou nervoso para a porta da cela, com medo de levantar suspeita nos guardas.

Maritta viu seu olhar preocupado.

— Não se preocupe com os guardas! — ela disse dando de ombros — Só tem dois deles, neste andar e eles passam a metade do tempo bêbados, especialmente agora que o exército saiu — Ela ergueu os olhos de sua costura, olhou para as outras mulheres e balançou a cabeça — Faz muito bem para o meu coração ouvi-las rir, pobres coitadas —, ela disse — Elas tiveram pouco do que rir nos últimos dias.

Havia trinta e quatro mulheres aglomeradas em uma única cela. Maritta disse que havia sessenta mulheres vivendo em uma outra cela próxima, em Condições tão chocantes que até mesmo os ativistas mais vividos estavam chocados. Tapetes grosseiros de palha cobriam o chão. As mulheres não possuíam nada além de algumas roupas. Tinham permissão para sair de suas celas toda manhã para um breve período de exercícios. O resto do tempo, elas eram forçadas a costurarem uniformes dragonianos. Apesar delas terem sido presas há apenas algumas semanas, seus rostos estavam pálidos e abatidos, seus corpos estavam magros e frágeis devido à falta de alimento nutritivo.

Tanis relaxou. Apesar de conhecer Maritta há poucas horas, ele já confiava no bom senso dela. Foi ela quem acalmou uma mulher aterrorizada quando os companheiros entraram na cela delas. Foi ela quem ouviu os planos deles e concordou que ele era viável.

— Nossos homens irão com vocês —, ela disse a Tanis — Os Altos Seguidores é que lhes darão trabalho.

— O Conselho dos Altos Seguidores? —Tanis perguntou atônito — Eles estão aqui? Prisioneiros?

Maritta concordou com a cabeça, franzindo as sobrancelhas.

— Essa foi a recompensa que eles receberam por terem acreditado naquele clérigo negro. Mas, eles não vão querer partir. E por que eles deveriam? Eles não são forçados a trabalhar nas minas, o Senhor dos Dragões cuida disso! Mas, estamos com vocês — Ela olhou para as outras em volta que acenaram

positivamente com a cabeça — Com uma condição... vocês não colocarão as crianças em perigo.

— Eu não posso garantir isso —Tanis disse — Eu não quero parecer cruel, mas pode ser que tenhamos de lutar contra um dragão para chegar até elas e...

— Lutar contra um dragão? Lança Chamas? — Maritta olhou para ele espantada! Não há necessidade de lutar contra aquela pobre criatura. Na verdade, se a machucar, você terá metade das crianças querendo te cortarem pedaços, tamanho é o carinho que elas sentem por ela.

— Carinho por uma dragoa? — Lua Dourada perguntou — O que ela fez, encantou?

— Não. Eu duvido que Lança Chamas ainda seja capaz de encantar alguma coisa — Maritta sorriu com tristeza — A pobre criatura está mais do que meio maluca. Seus filhos foram mortos em alguma grande guerra e agora ela colona cabeça que nossas crianças são as crianças dela. Eu não sei onde o senhor dela a desenterrou, mas isso foi uma coisa lamentável e eu espero que um dia ele pague por isso! — Ela quebrou uma linha da sua costura com um olhar de vingança.

— Não será difícil libertar as crianças —, ela acrescentou, ao ver o ar preocupado de Tanis — Lança Chamas sempre dorme até tarde. Nós damos o café da manhã para as crianças, levamos elas para fora para fazerem o exercício e ela nem se mexe. Ela não vai saber que as crianças partiram, até acordar, coitada.

As mulheres, pela primeira vez cheias de esperança, começaram a reformar roupas velhas para elas servirem nos homens. As coisas corriam bem, até chegar a hora de experimentá-las.

— Cortar o bigode! — Sturm rugiu com tamanha fúria que a mulher fugiu do cavaleiro, assustada. Sturm não tinha gostado muito da idéia do disfarce, mas resolveu participar de qualquer maneira. Pareceu a melhor

maneira de cruzar o pátio aberto entre a fortaleza e as minas. Mas, ele disse que preferia morrer cem vezes nas mãos do Senhor dos Dragões a cortar seus bigodes. Ele só se acalmou quando Tanis sugeriu que ele cobrisse o rosto com um véu.

Quando isso estava resolvido, outra crise surgiu. Vendaval afirmou convicto que ele não se vestiria como uma mulher e nenhuma discussão iria convencê-lo do contrário. Lua Dourada puxou Tanis de lado e lhe explicou que em sua tribo qualquer guerreiro que viesse a cometer um ato de covardia em uma batalha era forçado a usar roupas de mulher até se redimir. Tanis ficou desconcertado com isso. Por outro lado, Marina estava tentando descobrir como elas iriam vestir um homem tão alto.

Depois de muita discussão, decidiu-se que Vendaval ia se cobrir com um manto longo e andar como corcunda, apoiando-se em um cajado como uma mulher idosa. Depois disso as coisas correram bem, pelo menos durante um certo tempo.

Laurana foi até um canto da sala, onde Tanis estava enrolando um véu no rosto.

— Por que você não se barbeia? — Laurana perguntou, olhando para a barba de Tanis — Ou você realmente gosta de exibir seu lado humano, como Gilthanas diz?

— Eu não o exibo —, Tanis respondeu, com firmeza — É que eu me cansei de tentar negá-lo, só isso — Ele respirou fundo — Laurana, desculpe-me por ter falado com você como eu falei lá em Sla-Mori. Eu não tinha o direito...

— Você tinha todo direito —, Laurana o interrompeu — O que eu fiz foi obra de uma menininha apaixonada. Eu coloquei suas vidas em perigo desnecessariamente — A voz dela falhou, e então ela se recompôs — Não vai acontecer outra vez. Eu provarei que posso ter valor para o grupo.

Ela só não estava certa como exatamente ela esperava fazer isso. Apesar dela falar muito sobre ser perita em luta, ela nunca tinha matado nada além de

um coelho. Ela estava tão nervosa que foi obrigada a segurar as mãos para trás para evitar que Tanis visse como ela estava tremendo. Ela ficou com medo que, se relaxasse, poderia acabar cedendo à sua fraqueza e buscando conforto nos braços dele, por isso ela o deixou e foi ajudar Gilthanas com seu disfarce.

Tanis disse para a si mesmo que estava feliz por ver Laurana finalmente mostrar algum sinal de amadurecimento. Ele se recusava a admitir que sua alma perdia o fôlego sempre que ele olhava nos olhos grandes e reluzentes dela.

A tarde passou rapidamente e logo era noitinha e também hora das mulheres levarem o jantar para as minas. Os companheiros esperaram pelos guardas com um silêncio tenso, os sorrisos haviam sido esquecidos. Tinha havido mais uma crise. Raistlin, tossindo até a exaustão, disse que estava muito fraco para acompanhá-los. Quando seu irmão se ofereceu para ficar com ele, Raistlin olhou para ele irritado e lhe disse que não fosse idiota.

— Vocês não precisam de mim esta noite —, o mago sussurrou — Deixem-me sozinho. Eu preciso dormir.

— Eu não gosto da idéia de deixá-lo aqui... Gilthanas começou a dizer, mas antes que ele pudesse continuar, eles ouviram o som de pés com garras do lado de fora da cela e um outro som de panelas batendo umas contra as outras. A porta da cela se abriu e dois guardas dragonianos, ambos com um cheiro forte de vinho azedo, entraram. Um deles vacilou um pouco quando olhou com os olhos turvos para as mulheres.

— Vão andando —, ele disse asperamente.

Enquanto saíam em fila, as "mulheres" viram seis anões da ravina em pé no corredor arrastando umas panelas grandes com um tipo qualquer de cozido. Caramon farejou faminto, depois torceu o nariz com nojo quando saíram. Os dragonianos bateram a porta da cela, fechando-a. Olhando para trás, Caramon viu seu irmão gêmeo, deitado em um canto escuro coberto por cobertores.

Fizban bateu palmas.

— Muito bem, meu rapaz! — disse o velho mágico empolgado quando parte da parede da Sala do Mecanismo se abriu.

— Obrigado —,Tas respondeu modestamente — Na verdade, encontrar a porta secreta foi mais difícil do que abri-la. Eu não sei como você conseguiu. Eu tinha olhado por todo lado...

Ele começou a engatinhar pela porta, depois parou quando um pensamento lhe ocorreu.

— Fizban, tem algum jeito de você dizer para sua luz ficar atrás de nós? Pelo menos até vermos se tem alguém aqui? Senão, eu vou virar um ótimo alvo e nós não estamos longe dos aposentos de Verminaard.

— Eu temo que não — Fizban balançou a cabeça — Ela não gosta de ficar sozinha em lugares escuros.

Tasslehoff acenou com a cabeça. Ele esperava essa resposta. Bem, não adiantava se preocupar com isso. Se o leite for derramado, o gato vai bebê-lo, como sua mãe costumava dizer. Felizmente, o corredor estreito no qual eles engatinhavam parecia vazio. A chama pairou perto de seu ombro. Ele ajudou Fizban a atravessar o corredor, depois explorou os arredores. Eles estavam em uma pequena passagem que terminava abruptamente a menos de doze metros de distância de um lance de escadas que descia na escuridão. Uma porta dupla de bronze na parede leste era a única saída.

— Agora —,Tas murmurou —, nós estamos em cima da sala do trono. É provável que aquelas escadas levem até ela. Eu imagino que tem um milhão de dragonianos guardando a sala! Fora de cogitação — Ele colocou o ouvido na porta — Nenhum som. Vamos dar uma olhada — Empurrando gentilmente, ele abriu a porta dupla com facilidade. Depois de fazer uma pausa para ouvir, Tas entrou com cautela, seguido de perto por Fizban e a bola de chamas.

— Uma espécie de galeria de arte —, ele disse, espiando a sala gigante onde havia quadros encardidos e cobertos de poeira pendurados nas paredes.

Janelas altas e estreitas nas paredes permitiam que Tas vislumbrasse as estrelas e o pico das montanhas mais altas. Com uma boa idéia de onde estava, ele esboçou um mapa em sua cabeça.

— Se meus cálculos estão corretos, a sala do trono está a oeste e o covil do dragão está mais a oeste do que ela. Pelo menos, é para lá que Verminaard foi quando saiu esta tarde. Deve haver algum jeito do dragão voar para fora deste prédio, portanto o covil tem de ter uma abertura para o céu, o que quer dizer algum tipo de buraco e talvez uma nova fenda onde nós possamos ver o que está acontecendo.

Tas estava tão envolvido em seus planos que ele não estava prestando atenção em Fizban. O velho mágico movia-se com alguma finalidade pela sala, estudando cada pintura como se estivesse procurando por uma em particular.

— Ah, aqui está —, Fizban murmurou, depois virou-se e sussurrou —, Tasslehoff!

O kender levantou a cabeça e viu que de repente o quadro começou a brilhar com uma luz suave.

— Veja só! —Tasslehoff disse hipnotizado — Por quê? É uma pintura de dragões, dragões vermelhos como Flogisto, atacando PaxTharkas e...

A voz do kender sumiu. Homens, Cavaleiros de Solamnia, montados em outros dragões estavam revidando o ataque! Os dragões que os Cavaleiros montavam eram dragões lindos, dragões dourados e prateados, e os homens carregavam armas brilhantes que luziam com um brilho resplandecente. De repente, Tasslehoff compreendeu! Havia dragões bons no mundo, se é que era possível encontrá-los, que ajudariam a lutar contra os dragões do mal, e havia...

— A Lança do Dragão! — ele murmurou.

O velho mago acenou com a cabeça para si mesmo.

— Sim, meu pequeno amigo —, ele sussurrou — Você compreende. Você vê a resposta. E você se lembrará. Mas não agora. Não agora — Esticando a mão, ele despenteou o cabelo do kender com sua mão retorcida.

— Dragões. O que é que eu estava dizendo? —Tas não conseguia se lembrar. E, afinal de contas o que é que ele estava fazendo aqui, olhando para um quadro tão empoeirado que ele mal conseguia entender. O kender balançou a cabeça. Fizban devia estar passando suas manias para ele — Ah, sim! O covil do dragão. Se meus cálculos estiverem corretos, ele é por aqui — Ele se afastou. O velho mago acompanhou-o arrastando os pés com um sorriso nos lábios.

A jornada dos companheiros até as minas correu sem incidentes. Eles viram apenas alguns guardas dragonianos e eles pareciam estar meio sonolentos e entediados. Ninguém prestou atenção às mulheres que estavam passando. Elas passaram pela fornalha, que brilhava e era continuamente alimentada por um punhado de anões da ravina confusos e exaustos.

Depois de passarem rapidamente por essa triste visão, os companheiros entraram nas minas, onde os guardas dragonianos trancavam os homens à noite em enormes cavernas, depois voltavam para ficar de olho nos anões da ravina. Verminaard considerava uma perda de tempo manter guarda sobre os homens. Os humanos não iriam a lugar algum.

E, por um momento, isso pareceu a Tanis uma verdade horrível. Os homens não iam a lugar algum. Eles olharam para Lua Dourada, sem se convencerem enquanto ela falava. Afinal de contas, ela era uma bárbara, seu sotaque era estranho, seu vestido ainda mais estranho. Ela contou o que pareceu uma história de criança sobre um dragão morrendo em uma chama azul da qual ela mesma havia sobrevivido. E tudo que ela tinha para mostrar era uma coleção de disco brilhantes de platina.

Hederick, o Teocrata de Solace, falava alto ao denunciar a mulher de Que-shu como uma feiticeira, uma charlatã e uma blasfemadora. Ele os lembrava da cena na Hospedaria, mostrando como prova sua mão cicatrizada. Não que os homens prestassem muita atenção a Hederick. Afinal de contas, os

deuses Seguidores não tinham sido capazes de manter os dragões afastados de Solace.

Muitos deles, estavam de fato interessados na possibilidade de uma fuga. Quase todos eles tinham marcas de maus tratos, marcas de chicotadas, hematomas nos rostos. Eles eram mal alimentados, forçados a viverem em condições de imundície e abandono e todos sabiam que sua utilidade para o Lorde Verminaard terminaria quando o ferro que existia sob as montanhas acabasse. Mas, os Altos Seguidores, o poder governante dentro da prisão, se opunha ao plano que parecia inconseqüente.

As discussões começaram. Os homens gritavam uns com os outros. Tanis, rapidamente, postou Caramon, Flint, Eben, Sturm e Gilthanas nas portas, com medo que os guardas ouvissem o distúrbio e retornassem. O meio elfo não tinha esperado por isto, a discussão poderia durar dias! Lua Dourada sentou-se deprimida diante dos homens, dando a impressão de que ia chorar. Ela estava tão imbuída de suas novas convicções, e tão ansiosa em compartilhar seu conhecimento com o mundo que ela entrou em desespero quando duvidaram de suas crenças.

— Estes humanos são tolos! —Laurana disse suavemente, vindo se postar ao lado de Tanis.

— Não —, respondeu Tanis, suspirando — Se eles fossem tolos, seria mais fácil Nós não lhes prometemos nada tangível e pedimos a eles que arrisquem a única coisa que lhes restou... suas vidas. E para que? Para fugir para as montanhas e lutar durante todo caminho até chegarem lá. Pelo menos aqui eles estão vivos... pelo menos por enquanto.

— Mas, como é que a vida vale a pena, vivendo desta forma? — Laurana perguntou.

— Essa é uma pergunta muito boa, minha jovem —, disse uma voz débil.

Eles se viraram e viram Maritta ajoelhada ao lado de um homem deitado em uma maça rústica em um canto da cela. Era impossível determinar sua idade tão enfraquecido ele estava por doença e privações. Ele lutou para se sentar e esticou a mão pálida e magra, para Tanis e Laurana. Sua respiração produzia ruídos secos em seu peito. Maritta tentou fazê-lo calar, mas ele se irritou com ela

— Eu sei que estou morrendo, mulher! Isso não quer dizer que eu deva me entediar até morrer. Tragam a mulher bárbara até mim.

Tanis olhou para Maritta, inquisitivo. Ela se levantou e se aproximou dele, puxando-o de lado.

— Ele é Elistan —, ela disse como se Tanis devesse conhecer o nome. Quando Tanis não respondeu, ela esclareceu — Elistan, um dos Altos Seguidores de Haven. Ele era muito querido e respeitado pelo seu povo, foi o único que se levantou contra esse Lorde Verminaard. Mas, ninguém ouviu... ninguém quis ouvir, e claro.

— Você fala dele no passado —, Tanis disse — Ele não morreu ainda.

— Não, mas não vai demorar — Maritta enxugou uma lágrima — Eu já vi essa doença antes. Meu próprio pai morreu dela. Tem algo dentro dele comendo-o vivo. Nos últimos dias ele tem estado meio enlouquecido pela dor, mas agora ela se foi. O fim está muito perto.

— Talvez não — Tanis sorriu — Lua Dourada é uma clériga. Ela pode curá-lo.

— Talvez sim, talvez não —, Maritta disse cética — Eu não gostaria de arriscar. Nos não deveríamos empolgar Elistan com falsas esperanças. Deixe-o morrer em paz.

— Lua Dourada —, Tanis disse, quando a filha do líder se aproximou — Este homem quer conhecê-la — Ignorando Maritta, o meio elfo levou Lua Dourada ate Elistan. O rosto de Lua Dourada, sério e frio de desapontamento e frustração, abrandou-se quando ela viu o homem naquele estado lamentável. Elistan ergueu os olhos para ela.

— Minha jovem —, ele disse com seriedade, embora sua voz fosse fraca —, você afirma trazer a palavra de deuses antigos. Se é verdade que foram os humanos que se afastaram deles e não os deuses que se afastaram de nós, como nós sempre tínhamos pensado, então por que eles esperaram tanto tempo para fazer sua presença notada?

Lua Dourada ajoelhou-se ao lado do homem moribundo em silêncio, pensando em como colocar sua resposta. Por fim, ela disse:

— Imagine que você está caminhando por uma mata, carregando aquilo que você tem de mais precioso... uma gema rara e linda. De repente você é atacado por feras demoníacas. Você deixa a gema cair e foge. Quando você percebe que perdeu a gema, você tem medo de voltar até a mata e procurar por ela. Então, alguém aparece com uma gema nova. No fundo de seu coração, você sabe que ela não é tão valiosa quanto aquela que você perdeu, mas você ainda tem muito medo de voltar e procurar pela outra. Isso significa que a gema saiu da floresta ou ainda esta lá brilhando debaixo das folhas, esperando você voltar?

Elistan fechou os olhos e suspirou, seu rosto se encheu de angústia.

— É claro, que a gema espera pelo nosso retorno. Que tolos nós fomos! Eu gostaria de ainda ter tempo para aprender sobre seus deuses —, ele disse, esticando a mão.

Lua Dourada suspirou, seu rosto empalideceu até ela ficar tão pálida quanto o homem que morria na maca — A você será dado tempo —, ela disse suavemente pegando a mão dele nas dela.

Tanis, absorto no drama que se desenrolava diante de si, assustou-se quando sentiu um toque em seu braço. Ele se virou com a mão na espada e viu Sturm e Caramon em pé atrás dele.

— O que foi? — ele perguntou rapidamente — Os guardas?

— Ainda não —, Sturm disse asperamente — Mas, nós estamos esperando eles a qualquer momento. Tanto Eben quanto Gilthanas desapareceram.

A noite caiu sobre PaxTharkas.

Em seu covil, Pyros, o dragão vermelho, não tinha espaço para andar de um lado para o outro, um hábito que ele tinha adquirido sob a forma humana. Ele mal tinha espaço para abrir as asas nesta câmara, embora ela fosse a maior da fortaleza e tivesse sido expandida para acomodá-lo. Mas, a câmara do térreo era tão estreita que o máximo que o dragão podia fazer era enrolar o seu corpo em um círculo.

Forçando a si mesmo a relaxar, o dragão deitou-se no chão e esperou com os olhos grudados na porta. Ele não notou duas cabeças espiando por sobre as grades de uma sacada no terceiro andar, exatamente em cima dele.

Houve um arranhar na porta. Pyros levantou a cabeça ansioso, depois baixou-a outra vez resmungando, quando dois goblins apareceram, arrastando entre eles um espécime desprezível.

— Anão da ravina! — Pyros desdenhou, falando em comum com seus subordinados. — Verminaard está fora de si, se ele pensa que eu vou comer um anão da ravina. Jogue o anão em um canto qualquer e saiam daqui! — ele rosnou para os goblins que se apressaram em fazer o que lhes havia sido ordenado. Sestun encolheu-se de medo em um canto, choramingando.

— Cale a boca! — Pyros ordenou irritado — Talvez eu devesse simplesmente te queimar e parar com essa lamúria...

Houve um outro som na porta, um bater macio que o dragão reconhecia. Seus olhos brilharam, vermelhos.

— Entre!

Uma figura entrou no covil do dragão. Vestido com um manto longo, e um capuz que cobria seu rosto.

— Eu vim como vossa senhoria ordenou, Flogisto —, a figura disse calmamente.

— Sim —, Pyros respondeu, com as garras arranhando o chão — Tire o capuz. Eu vejo o rosto daqueles com quem eu faço negócios.

O homem puxou o capuz para trás. Acima do dragão, no terceiro andar, ouviu-se um som estrangulado. Pyros olhou para a sacada escura. Ele pensou em voar para investigar, mas a figura interrompeu seu pensamento.

— Eu tenho um tempo limitado, realeza. Eu tenho de retornar antes que eles suspeitem. E eu deveria me reportar ao Lorde Verminaard...

— No seu devido tempo —, Pyros respondeu, irritado — O que é que esses tolos que você acompanha estão tramando?

— Eles planejam libertar os escravos e liderá-los em uma revolta, obrigando Verminaard a chamar de volta o exército que marcha contra Qualinesti.

— Só isso?

— Sim, realeza. Agora, eu preciso avisar o Senhor dos Dragões.

— Ah1 O que e que isso importa? Sou eu quem cuidará dos escravos se eles se revoltarem. A menos que eles tenham planos para mim?

— Não, realeza. Eles o temem muito, como todos devem temê-lo —, a figura completou — Eles esperarão até você e Lorde Verminaard terem voado para Qualinesti. Então, eles libertarão as crianças e fugirão para as montanhas antes de vocês retornarem.

— Esse parece ser um plano compatível com a inteligência deles. Não se preocupe com Verminaard. Eu cuidarei para que ele saiba disso, quando eu achar 2 deve saber. Assuntos muito mais importantes estão surgindo. Agora ouça atentamente. Um prisioneiro foi trazido hoje pelo imbecil do Toede ... — Pyros fez uma pausa, com os olhos brilhando. Sua voz se transformou num sussurro sibilante — É ele! Aquele que buscamos!

A figura olhou assombrada.

— Vossa Senhoria tem certeza disso?

— É claro! — Pyros rangeu os dentes com malevolência — Eu vejo esse homem em meus sonhos! Ele está aqui, ao meu alcance! Enquanto toda Krynn está procurando por ele, eu o encontrei!

— Vossa Senhoria informará a Sua Majestade das Trevas?

— Não. Eu não ouso confiar em um mensageiro. Eu tenho de entregar esse homem em pessoa, mas eu não posso sair agora. Verminaard não é capaz de cuidar de Qualinesti sozinho. Mesmo que a guerra seja só uma artimanha, nós temos de manter as aparências, pois de qualquer forma o mundo será melhor com a ausência dos elfos. Eu levarei o Homem Eterno para a Rainha quando o tempo assim o permitir.

— Então, por que me diz isso? — a figura perguntou, com um tom de voz diferente.

— Porque você tem que mantê-lo seguro! — Pyros mudou seu corpo enorme para uma posição mais confortável. Seus planos estavam se acelerando em sua cabeça — E uma medida do poder de Sua Majestade das Trevas que a clériga de Mishakal e o homem da gema verde estejam juntos ao meu alcance! Amanhã eu darei a Verminaard o prazer de lidar com a clériga e seus amigos. Na verdade — os olhos de Pyros cintilaram —... isso deve funcionar muito bem' Nós podemos remover o Homem da Gema Verde durante a confusão e Verminaard não saberá de coisa alguma! Quando os escravos atacarem, você deve encontrar o Homem da Gema Verde. Traga-o para cá e esconda-o nos aposentos interiores. Quando todos os.humanos tiverem sido destruídos e o exército tiver eliminado Qualinesti, eu o entregarei para minha Rainha das Trevas.

— Eu compreendo — A figura fez uma nova mesura — E minha recompensa?

— Será tudo que você merece. Agora, deixe-me.

O homem cobriu a cabeça com o capuz e se retirou. Pyros dobrou as asas e, enrolando seu grande corpo de modo que a enorme cauda tocasse seu focinho, ficou deitado fitando a escuridão. O único som que podia ser ouvido era o patético choramingar de Sestun.

— Você está bem? — Fizban perguntou de modo gentil a Tasslehoff, enquanto eles estavam sentados perto da sacada, com medo de se mexerem. Estava escuro como piche, pois Fizban tinha colocado a bola de chamas embaixo de um vaso virado de cabeça para baixo.

— Sim —, Tas disse sem emoção — Desculpe-me por ter engasgado daquele jeito. Eu não consegui segurar. Embora eu esperasse isso... de certa forma... é difícil acreditar que alguém que você conhece poderia lhe trair. Você acha que o dragão me ouviu?

— Eu não sei dizer —, Fizban suspirou — A pergunta é, o que é que nós faremos agora?

— Eu não sei —, Tas disse, sentindo-se miserável — Eu não sou aquele que pensa. Eu só os acompanho para me divertir. Nós não podemos avisar Tanis e os outros, porque nós não sabemos onde eles estão. E se nós começarmos a andar por aí procurando por eles, nós podemos ser pegos e só pioraremos as coisas! — Ele apoiou o queixo em sua mão —Você sabe —, ele disse com uma angústia incomum —, uma vez eu perguntei ao meu pai por que os kenders eram pequenos, por que nós não éramos grandes como os humanos e os elfos. Eu realmente queria ser grande —, ele disse e ficou quieto por um momento.

— O que seu pai disse? — perguntou Fizban, gentilmente.

— Ele disse que os kenders eram pequenos porque nosso destino era fazer pequenas coisas. 'Se olhar para as coisas grandes do mundo mais de perto,' ele disse, 'você verá que elas, na verdade, são feitas de coisas pequenas ligadas umas às outras.' Aquele dragão enorme lá embaixo, nada mais é do que pequenas gotas de sangue. São as coisas pequenas que fazem a diferença.

— Muito sábio, seu pai.

— Sim — Tas passou a mão sobre os olhos — Faz muito tempo que eu não o vejo — O queixo pontudo do kender se sobressaia e seus lábios estavam apertados. O pai dele, se o tivesse visto, não teria reconhecido esta pequena e resoluta pessoa, como seu filho.

— Nós deixaremos as coisas grandes para os outros —, Tas anunciou por fim — Eles têm Tanis, Sturm e Lua Dourada. Eles se viram bem. Nós faremos as coisas pequenas, mesmo que elas não pareçam muito importantes. Nós vamos resgatar Sestun.

13

NENHUMA RESPOSTA

O CHAPÉU DE FIZBAN

Eu ouvi alguma coisa, Tanis, e fui investigar —, Eben disse, seus lábios se apertaram — Eu olhei para fora da cela que eu estava vigiando e vi um dragoniano agachado, ouvindo. Eu saí e o agarrei com uma chave de pescoço, depois um segundo dragoniano pulou sobre mim. Eu o apunhalei, depois voltei

minha atenção ao primeiro. Eu o peguei e o derrubei, depois decidi que era melhor eu voltar para cá.

Os companheiros tinham retornado às celas e lá encontraram tanto Ghilthanas quanto Eben esperando por eles. Tanis pediu que Maritta mantivesse as mulheres ocupadas em um canto distante, enquanto ele questionava os dois sobre a ausência deles. A história de Eben parecia verdadeira, Tanis tinha visto os corpos dos dragonianos quando retornava para a prisão e Eben certamente tinha lutado. Suas roupas estavam rasgadas e escorria sangue de um corte em uma de suas bochechas.

Tika pegou um pano relativamente limpo de uma das mulheres e começou a lavar o corte.

— Ele salvou nossas vidas, Tanis —, ela disse — Eu achei que você ficaria agradecido ao invés de olhar para ele como se ele tivesse esfaqueado seu melhor amigo.

— Não, Tika —, Eben disse, gentilmente —Tanis tem o direito de perguntar. O que eu fiz parece suspeito. Mas, eu não tenho nada a esconder — Pegando a mão dela, ele beijou as pontas de seus dedos. Tika ficou vermelha e mergulhou o pano na água e, limpou o rosto dele novamente. Caramon, que observava tudo, franziu a testa.

— E você, Gilthanas? — o guerreiro perguntou abruptamente — Por que você saiu?

— Não me questione —, o elfo disse, triste — Você não vai gostar.

— Gostar do que? — Tanis disse com firmeza — Por que você saiu?

— Deixe-o quieto! — Laurana gritou, ficando ao lado de seu irmão.

Os olhos amendoados de Gilthanas cintilavam quando ele olhou para os outros; seu rosto estava sério e pálido.

— Isto é importante, Laurana —, Tanis disse — Onde você foi Gilthanas?

— Lembrem-se... eu lhes avisei — Os olhos de Gilthanas repousaram em Raistlin — Eu voltei para ver se nosso mago estava realmente tão cansado quanto ele afirmara estar. Ele não devia estar cansado, porque ele tinha desaparecido.

Caramon levantou-se com os punhos cerrados e o rosto contorcido de raiva. Sturm segurou-o e o empurrou para trás enquanto Vendaval ficava na frente de Gilthanas.

— Todos têm o direito de falar e todos têm o direito de responder em sua própria defesa —, o homem das planícies disse com sua voz grave — O elfo falou. Vamos ouvir a versão de seu irmão.

— Por que eu deveria falar? — Raistlin sussurrou num tom áspero, sua voz macia e letal com ódio — Nenhum de vocês confia em mim, então por que vocês acreditariam em mim? Eu me recuso a responder e vocês podem pensar o que quiserem. Se vocês acreditam que eu sou um traidor, matem-me agora! Eu não os impedirei... Ele começou a tossir.

— Vocês terão que me matar também —, Caramon disse com a voz engasgada. Ele levou o irmão de volta para a cama dele.

Tanis se sentiu enjoado.

— Vigia dobrada a noite toda. Não, não você, Eben. Sturm, você e Flint primeiro, Vendaval e eu faremos o segundo turno. — Tanis se jogou no chão, apoiando a cabeça em seus braços. Nós fomos traídos, ele pensou. Um daqueles três é um traidor e tem nos traído o tempo todo. Os guardas podem chegar a qualquer momento. Ou talvez Verminaard fosse mais sutil, alguma armadilha para pegar todos nós....

Então, Tanis viu tudo com uma clareza nauseante. É claro! Verminaard usaria a revolta como uma desculpa para matar os reféns e a clériga. Ele poderia conseguir novos escravos, os quais teriam um exemplo horrível diante de seus olhos do que acontece com aqueles que o desobedecem. Este plano, o plano de Gilthanas, colocou-nos na mão dele!

Nós deveríamos abandonar o plano, Tanis pensou, enlouquecido, depois se abrigou a se acalmar. Não, o povo estava muito entusiasmado. Depois da miraculosa cura de Elistan e sua anunciada determinação de estudar os deuses antigos, o povo ganhou esperança. Eles acreditaram que os deuses tinham realmente voltado para eles. Mas, Tanis viu os outros Altos Seguidores olharem Elistan com inveja. Ele sabia que, apesar deles declararem apoio ao novo líder, se lhes fosse dado mais tempo, eles tentariam derrubá-lo. Talvez, eles estivessem circulando entre as pessoas neste exato momento, colocando dúvidas em suas cabeças.

Se nós retrocedermos agora, eles nunca acreditarão em nós outra vez, Tanis pensou. Nós temos de ir em frente, não importa quão grande seja o risco. Além do mais, talvez ele estivesse errado. Talvez não houvesse um traidor. E, com esperança, ele dormiu um sono cheio de interrupções.

A noite passou em silêncio.

O alvorecer infiltrou-se pelo buraco na torre da fortaleza. Tas piscou, depois se sentou, esfregando os olhos, tentando se lembrar onde ele estava. Eu estou em uma grande sala, ele pensou, olhando para o teto alto que tem um buraco para permitir o acesso do dragão. Havia duas outras portas, além daquela que Fizban e eu entramos na noite passada.

Fizban! O dragão!

Tas gemeu, lembrando-se. Ele não queria ter dormido! Ele e Fizban estavam esperando o dragão adormecer para eles poderem resgatar Sestun. Agora já era de manhã! Talvez fosse tarde demais! Temeroso, o kender se arrastou para a sacada e espiou pela beirada. Não! Ele suspirou aliviado. O dragão estava dormindo. Sestum também dormia exaurido pelo medo.

Agora era a chance deles! Tasslehoff arrastou-se de volta ate o mago.

— Velho! — ele sussurrou — Acorde! — Ele o chacoalhou.

— O que? Quem? Fogo? — O mago sentou-se, espiando em volta com a vista embaçada — Onde? Corra para a saída!

— Não, não é fogo — Tas suspirou — Já amanheceu. Aqui está seu chapéu... — Ele o entregou ao mago que estava apalpando a sua volta, tentando encontrá-lo — O que aconteceu com a bola de chamas?

— Uh! — Fizban torceu o nariz — Eu a mandei de volta. Não me deixava dormir, brilhando daquele jeito nos meus olhos.

— Nós deveríamos ter ficado acordados, lembra-se? —Tas disse exasperado — Resgatar Sestun do dragão?

— Como é que nós íamos fazer isso? — Fizban perguntou ansioso.

— Você é quem tinha o plano!

— Eu tinha? O céus —, o velho piscou — Era um bom plano?

— Você não me contou! — Tas quase gritou, depois se acalmou — Tudo que você me disse é que tínhamos que resgatar Sestun antes do café da manhã, porque o anão da ravina poderia parecer mais apetitoso para um dragão que não comia há doze horas.

— Faz Sentido —, Fizban admitiu — Você tem certeza de que eu disse isso?

—Olhe _, disse Tasslehoff, pacientemente, — tudo que nós realmente precisamos é uma corda comprida para jogar para ele. Você não pode fazer uma mágica para isso?

—Corda!—Fizban olhou para ele — Como se eu tivesse me rebaixado tanto! Isso é um insulto para alguém com minha perícia. Ajude-me a levantar.

Tas ajudou o mago a se levantar.

— Eu não quis insultá-lo —, o kender disse, — e eu sei que uma corda não é uma mágica sofisticada e você é um perito .... É que... ah, tudo bem! —Tas gesticulou na direção da sacada — vá em frente. Eu só espero que nós sobrevivamos —, ele murmurou baixinho.

— Eu não o deixarei na mão... nem a Sestun —, Fizban prometeu, sorrindo.

Os dois espiaram por cima da sacada. Tudo estava como antes. Sestun deitado em um canto. O dragão dormindo profundamente. Fizban fechou os olhos. Concentrando-se, ele murmurou palavras estranhas, depois esticou a mão delgada pela grade da sacada e começou a fazer um movimento de subir.

Tasslehoff, que assistia a tudo, sentiu seu coração subir até a garganta — Pare! — ele disse gorgolejando — Você pegou a pessoa errada!

Os olhos de Fizban se abriram imediatamente e ele viu Pyros, o dragão vermelho, erguendo-se lentamente do chão com o corpo ainda enrolado, dormindo.

— Oh, céus! — o mago arfou e disse rapidamente palavras diferentes. Ele reverteu a magia, baixando o dragão até o chão — Errei a pontaria —, o mago disse — Agora vou acertar na mosca. Vamos tentar de novo.

Tas ouviu as palavras estranhas novamente. Desta vez, Sestun começou a sair do chão e de respirada em respirada chegou à altura da sacada. O rosto de Fizban ficou vermelho de cansaço.

— Ele está quase aqui! Continue! —Tas disse, pulando para cima e para baixo de entusiasmo. Guiado pela mão de Fizban, Sestun velejou, pacificamente sobre a sacada e veio descansar no chão empoeirado, ainda dormindo.

Sestun! —Tas sussurrou, colocando a mão sobre a boca do anão da ravina para ele não gritar — Sestun! Sou eu, Tasslehoff. Acorde.

O anão da ravina abriu os olhos. Seu primeiro pensamento foi de que Verminaard tinha decidido dá-lo como alimento a um kender maligno ao invés do dragão. Depois, o anão da ravina reconheceu seu amigo e ficou com as pernas bambas de alívio.

— Você está salvo, mas não diga uma palavra — o kender alertou — O dragão ainda pode nos ouvir... — Ele foi interrompido por um forte estrondo que vinha lá de baixo. O anão da ravina sentou-se assustado.

— Psiu —, disse Tas, — provavelmente, foi só a porta do covil do dragão — Ele correu para a sacada onde Fizban estava espiando pela grade. — O que foi?

— O Senhor dos Dragões —, Fizban apontou para o segundo andar, onde Verminaard estava parado em uma plataforma olhando o dragão.

— Flogisto, acorde! — Verminaard gritou para o dragão que dormia. — Eu recebi informações sobre intrusos! Aquela clériga está aqui, incitando os escravos a uma rebelião!

Pyros se mexeu e abriu os olhos lentamente, despertando de um estranho sonho no qual ele tinha visto um anão da ravina voar. Chacoalhando a cabeça gigante para espantar o sono, ele ouviu Verminaard esbravejando alguma coisa sobre clérigos. Ele bocejou. Então, o Senhor dos Dragões tinha descoberto que a clériga estava na fortaleza. Pyros imaginou que ele teria que lidar com isso agora mesmo.

— Não se incomode, meu lorde... Pyros começou, depois parou abruptamente, olhando para algo muito estranho.

— Me incomodar! — Verminaard espumou de raiva — Por que eu... — Ele parou, também. O objeto que os dois encaravam estava flutuando no ar, tão suavemente quanto uma pluma.

O chapéu de Fizban.

Tanis acordou a todos na hora mais escura, logo antes do amanhecer.

— Bem —, disse Sturm, — nós vamos em frente?

— Nos não temos outra escolha —,Tanis disse com tristeza, olhando para o grupo — Se um de vocês nos traiu, vai viver sabendo que está causando a morte de inocentes. Verminaard matará não somente a nós, mas também aos reféns. Eu rezo para que não haja um traidor, por isso eu vou adiante com nossos planos.

Ninguém disse nada, mas cada um olhou para o outro de canto de olho, e a desconfiança atormentando todos eles.

Quando as mulheres acordaram, Tanis explicou-lhes o plano novamente.

— Meus amigos e eu vamos nos infiltrar no quarto das crianças com Maritta, disfarçados de mulheres que levam normalmente o café da manhã para as crianças. Nós as levaremos para o pátio —, Tanis disse, em voz baixa — Vocês devem agir como agem todas manhãs. Quando entrarem na área de exercício, peguem as crianças e dirijam-se imediatamente para as minas. Seus homens cuidarão dos guardas de lá, e vocês poderão escapar com segurança para as montanhas do sul. Vocês compreendem?

As mulheres caladas acenavam que sim com a cabeça, quando ouviram o som dos guardas se aproximando.

— É isso —, Tanis disse calmamente — De volta ao trabalho.

As mulheres se dispersaram. Tanis acenou para Tika e Laurana — Se nós fomos traídos, vocês duas estarão correndo grande perigo, pois vocês vão estar guardando as mulheres... ele começou.

—Nós todos correremos grande perigo —, Laurana completou friamente.

Ela não tinha dormido a noite toda. Ela sabia que se ela soltasse as amarras apertadas que tinha enrolado em torno de sua alma, o medo tomaria conta dela.

Tanis não viu nada desse conflito interior. Ele achou que ela parecia estar incomumente pálida e excepcionalmente linda esta manhã. Sendo ele um ativista de longa data, suas preocupações fizeram-no esquecer os terrores de uma primeira batalha.

Limpando a garganta, ele disse com voz a rouca.

—Tika, ouça meu conselho. Mantenha sua espada na bainha. Você é menos perigosa dessa forma — Tika riu e acenou com a cabeça, nervosa — Vá dizer adeus a Caramon —Tanis disse a ela.

O rosto de Tika ficou roxo de vergonha e, depois de dar um olhar significativo para Tanis e Laurana, ela saiu correndo.

Tanis olhou para Laurana um momento, e viu pela primeira vez que os músculos de sua mandíbula estavam tão tensos que os tendões no pescoço dela estavam esticados. Ele estendeu a mão para tocá-la, mas ela estava fria e dura como o cadáver de um dragoniano.

— Você não precisa fazer isso —, Tanis disse, soltando-a — Esta luta não é sua. Vá para as minas com as outras mulheres.

Laurana balançou a cabeça, esperando para falar somente quando ela tivesse certeza de que sua voz estaria sob controle.

— Tika não foi treinada para lutar. Eu fui. Não importa se foi só 'cerimonial'. — Ela sorriu, com tristeza, diante do olhar de desconforto de Tanis — Eu farei minha parte, Tanis — Seu nome humano soou muito estranho nos lábios dela — Senão, você pode pensar que eu sou uma traidora.

— Laurana, por favor acredite em mim! —Tanis suspirou — Eu não acho, nem um pouco a mais que você, que Gilthanas é um traidor! É que... droga, tem tantas vidas em risco, Laurana! Você não percebe?

Sentindo as mãos dele tremerem em seu braço, ela ergueu os olhos e viu a angustia e o medo no rosto dele, refletindo o medo que ela sentia por dentro. Só que ele não tinha medo por ele mesmo e sim pelos outros.

Ela respirou fundo.

— Me perdoe, Tanis —, Ela disse — Você tem razão. Olhe. Os guardas chegaram. E hora de ir.

Ela se virou e se afastou sem olhar para trás. Não havia lhe ocorrido, até ser arde demais, que Tanis poderia estar pedindo silenciosamente por uma palavra de conforto.

Maritta e Lua Dourada guiaram os companheiros por um lance estreito de escadas em direção ao primeiro andar. Os guardas dragonianos não os acompanharam, dizendo alguma coisa sobre uma "tarefa especial." Tanis

perguntou a Maritta se isso era comum e ela balançou a cabeça com o rosto preocupado. Eles não tinham outra escolha a não ser continuar. Seis anões da ravina seguiam atrás deles, carregando umas panelas pesadas com alguma coisa que cheirava como mingau de aveia. Eles prestaram pouca atenção até Caramon tropeçar em sua saia, cair de joelhos enquanto subia as escadas e proferir uma blasfêmia pouco característica de 'uma dama'. Os olhos dos anões da ravina se arregalaram.

— Melhor não darem um pio! — Flint disse, virando-se para eles, com uma faca brilhando na mão.

Os anões da ravina se encolheram contra a parede, com as cabeças tremendo freneticamente e as panelas tinindo, umas contra as outras. Os companheiros chegaram ao alto da escadaria e pararam.

— Nós cruzamos esta sala para chegarmos à porta... Maritta apontou — Oh, não! — Ela segurou no braço de Tanis —Tem um guarda na porta. Nunca teve antes!

— Psiu, pode ser coincidência —, Tanis disse de modo tranqüilizador, embora ele soubesse que não era — Como planejamos — Maritta acenou com a cabeça, temerosa e atravessou a sala.

— Guardas! — Tanis disse virando-se para Sturm — Esteja pronto. Lembre-se rápido e mortal. Sem barulho!

De acordo com o mapa de Gilthanas, a sala de diversões era separada dos quartos de dormir das crianças por duas outras salas. A primeira era uma despensa que Maritta disse estar forrada de prateleiras contendo brinquedos, roupas e outros objetos. Um túnel ligava esta sala à segunda, a sala que abrigava a dragoa Lança Chamas.

— Coitada —, Maritta tinha dito quando discutia os planos com Tanis — Ela é tão prisioneira quanto nós. O Senhor dos Dragões nunca deixa ela sair. Eu acho que eles têm medo que ela se perca. Eles até construíram um túnel pela

despensa, pequeno demais para ela passar. Não que ela queira sair, mas eu acho que ela gostaria de ver as crianças brincarem.

Tanis olhava Maritta incrédulo e se perguntava se eles iriam encontrar um dragão muito diferente da criatura enlouquecida e frágil que ela descreve.

Um pouco além do covil do dragão, ficava o quarto onde as crianças dormiam. Este era o quarto em que eles teriam que entrar para acordar as crianças e levá-las para fora. A sala de diversões tinha ligação direta com o pátio, através de uma porta enorme, fechada com uma grande trava de carvalho.

— Isso é mais para manter o dragão aqui dentro, do que para nós —, Maritta afirmou.

Já deve estar clareando, Tanis pensou, assim que eles emergiram das escadas viraram na direção da sala de diversões. A luz das tochas projetava sombras à frente deles. PaxTharkas estava quieta, mortalmente quieta. Quieta demais para uma fortaleza que se preparava para a guerra. Havia quatro guardas dragonianos conversando na porta da sala de diversões. Eles interromperam sua conversa quando viram as mulheres se aproximando.

Lua Dourada e Maritta caminhavam na frente, o capuz de Lua Dourada estava abaixado e seu cabelo faiscava sob a luz das tochas. Atrás de Lua Dourada vinha Vendaval. Dobrando-se sobre um cajado, o homem das planícies estava praticamente andando de joelhos. Caramon e Raistlin seguiam-nos, o mago próximo de seu irmão, depois Eben e Gilthanas. Todos os traidores juntos, como Raistlin tinha observado sarcasticamente. Flint liderava a retaguarda, virando-se de vez em quando, para olhar com ar ameaçador para os anões da ravina apavorados.

—Vocês vieram cedo esta manhã —, um dos dragonianos grunhiu.

As mulheres se amontoaram como galinhas em um meio círculo em volta dos guardas e esperaram pacientemente que eles lhes permitissem entrar.

—Está com cheiro de trovão —, Maritta disse, prontamente — Eu quero que as crianças façam seus exercícios antes que a tempestade chegue. E o

que vocês estão fazendo aqui? Esta porta nunca foi vigiada. Vocês vão assustar as crianças.

Um dos dragonianos fez algum comentário em sua língua áspera e os outros dois sorriram, mostrando fileiras de dentes pontiagudos. O porta voz deles resmungou.

— Ordens de Lorde Verminaard. Ele e Flogisto partiram esta manhã para acabar com os elfos. Nós fomos instruídos a revistar todo mundo antes de entrar — Os olhos do dragoniano se fixaram em Lua Dourada com avidez — Eu diria que isso será um prazer.

— Para você talvez —, disse um outro guarda olhando para Sturm com aversão. — Eu nunca vi uma fêmea tão feia em todo minha vida quanto... uh... — A criatura dobrou-se para frente com uma adaga enfiada entre suas costelas. Os outros três dragonianos morreram em segundos. Caramon agarrou o pescoço de um deles com as mãos. Eben atingiu o seu no estômago e Flint cortou fora a cabeça dele com seu machado enquanto ele caia. Tanis enfiou sua espada no coração do líder. Ele estava largando sua arma, esperando que ela fosse ficar presa no corpo de pedra da criatura. Para seu espanto, sua nova espada deslizou para fora da carcaça de pedra tão facilmente como se fosse carne de goblin.

Ele não teve tempo de analisar esta estranha ocorrência. Ao verem o brilho do aço, os anões da ravina, largaram suas panelas e dispararam pelo corredor.

— Esqueça eles! — Tanis disse para Flint — Para dentro da sala de diversões. Depressa! — Passando por cima dos corpos, ele abriu a porta.

— Se alguém encontrar esses corpos, tudo estará terminado —, Caramon disse.

— Já estava terminado antes mesmo de começarmos! — Sturm murmurou com raiva — Nós fomos traídos, portanto, é só uma questão de tempo.

— Não parem! — Tanis disse de forma contundente, fechando a porta atrás deles.

— Fiquem bem quietos —, Maritta sussurrou — Lança Chamas geralmente tem sono profundo. Se ela acordar, ajam como mulheres. Ela nunca os reconhecerá. Ela é cega de um olho.

A luz fria do amanhecer infiltrava-se por pequenas janelas, bem acima do chão e iluminava uma triste e desanimada sala de diversões. Ela continha alguns brinquedos bastante usados que estavam espalhados pelo chão. Não há mobília. Caramon aproximou-se para inspecionar o enorme travessão que trancava as portas duplas que davam acesso ao pátio, lá fora.

— Deixe comigo —, ele disse. O homenzarrão deu a impressão de levantar o travessão sem esforço algum, depois ele o encostou contra a parede e empurrou a porta — Não está fechada pelo lado de fora —, ele informou — Eu acho que eles não esperavam que nós chegássemos até aqui.

Ou talvez, Lorde Verminaard nos queira lá fora, Tanis pensou. Ele queria saber se o que o dragoniano tinha dito era verdade. Será que o Senhor dos Dragões e o dragão tinham realmente partido? Ou, eles estavam... irritado, ele forçou sua mente a parar de pensar. Agora não importa, ele disse para si mesmo. Nós não temos outra escolha. Nós temos que ir em frente.

— Flint, fique aqui —, ele disse — Se alguém aparecer, avise-nos primeiro, lute depois.

Flint concordou com a cabeça e assumiu seu posto do lado de dentro, bem perto da porta que dava para o corredor, abrindo uma pequena fresta para poder ver. Os corpos dos dragonianos que estavam no chão já tinham virado pó. Maritta pegou uma tocha da parede. Depois de acendê-la, ela guiou os companheiros por uma arcada escura que dava para o túnel que saia no covil do dragão.

— Fizban! Seu chapéu! —Tas arriscou um sussurro.

Tarde demais. O velho mago tentou pegá-lo, mas errou o alvo.

— Espiões! — gritou Verminaard furioso, apontando para a sacada — Pegue-os. Flogisto! Eu quero eles vivos!

Vivos? O dragão repetiu para si mesmo. Não que não pudesse ser feito! Pyros relembrou o estranho som que ele tinha ouvido na noite passada e ele sabia, sem sombra de dúvida, que estes espiões tinham escutado a conversa sobre o Homem da Gema Verde! Apenas alguns privilegiados sabiam daquele segredo pavoroso, o segredo que conquistaria o mundo para a Rainha das Trevas Estes espiões têm de morrer e o segredo deve morrer com eles.

Pyros abriu as asas e se lançou ao ar, usando suas poderosas pernas traseiras para sair do solo com uma tremenda velocidade.

Estamos fritos! Pensou Tasslehoff. Nós nos entregamos. Desta vez não tem escapatória.

No momento em que havia se resignado a ser cozido pelo dragão, ele ouviu o mago gritar uma única palavra de comando e uma escuridão densa e incomum quase derrubou o kender no chão.

— Corra! — disse Fizban ofegante, agarrando a mão do kender e colocando Tas de pé.

— Sestun...

— Eu o peguei! Corra!

Tasslehoff correu. Eles saíram voando pela porta, entraram na galeria, depois ele não tinha a menor idéia de onde eles estavam indo. Ele só se segurou no velho e correu. Atrás dele, ele podia ouvir o som do dragão voando para fora de seu covil e ele ouviu a voz do dragão.

— Então, você é um utilizador de mágica, não é, espião? — Pyros gritou — Nós não vamos deixar você correr no escuro. Você pode se perder. Deixe eu iluminar seu caminho!

Tasslehoff ouviu o som provocado pela sucção de ar para dentro de um corpo gigantesco, depois chamas estalaram e queimaram à sua volta. A escuridão desapareceu, levada pela luz resplandecente do fogo, mas para seu assombro, Tas não havia sido tocado pela chama. Ele olhou para Fizban correndo ao seu lado sem chapéu. Eles ainda estavam na galeria, indo na direção da porta dupla.

O kender virou a cabeça. Atrás dele pairava o dragão, mais horrível do que qualquer coisa que ele já tinha imaginado, mais aterrorizante que o dragão negro de Xak Tsaroth. O dragão soprou novamente contra eles, e mais uma vez Tas foi envolvido pelas chamas. Os quadros que estavam pendurados na parede queimaram, a mobília pegou fogo, cortinas se incendiaram como tochas, a fumaça encheu a sala. Mas. nada disso o atingiu, nem a Sestun, nem a Fizban. Tasslehoff olhou para o mago com admiração, verdadeiramente impressionado.

— Por quanto tempo você é capaz de manter isso? — Ele gritou para Fizban quando eles fizeram uma curva, já avistando a porta dupla de bronze.

Os olhos arregalados do velho fitaram-no.

— Não tenho a menor idéia! — ele arfou — Eu nem sabia que eu conseguia fazer isso!

Uma outra rajada de chamas explodiu em volta deles. Desta vez, Tasslehoff sentiu o calor e olhou assustado para Fizban. O mago acenou com a cabeça.

— Estou perdendo a força! — ele gritou.

— Agüente firme —, Tasslehoff arfou — Nós estamos quase na porta! Ele não passa nela.

Os três empurraram a porta dupla de bronze que saia da galeria para o corredor, no exato momento em que acabou o efeito da mágica de Fizban. Diante deles estava a porta secreta, ainda aberta, que levava para a Sala do Mecanismo. Tasslehoff fechou depressa as portas de bronze e parou por um segundo para recuperar seu fôlego.

Mas, quando ele estava prestes a dizer —, Nós conseguimos! — um dos enormes pés do dragão atravessou a parede de pedra, acima da cabeça do kender!

Sestun, deu um grito estridente e correu para as escadas.

— Não! —Tasslehoff o segurou — Elas levam diretamente para os aposentos de Verminaard!

— Vamos voltar para a Sala do Mecanismo! — Fizban gritou. Eles passaram pela porta secreta, no instante em que a parede de pedra cedeu com um estrondo. Mas eles não podiam fechar a porta.

— Parece que, eu tenho muito a aprender sobre dragões —,Tas murmurou — Será que existe algum bom livro sobre esse assunto...

— Então, eu fiz vocês, ratos, correrem de volta para seu buraco e agora vocês estão presos —, rugiu a voz de Pyros do lado de fora — Vocês não têm para onde ir e paredes de pedra não são um obstáculo para mim. Houve um terrível som de triturar e esmigalhar. As paredes da Sala do Mecanismo tremeram, depois começaram a rachar.

— Foi uma bela tentativa —, Tas disse, melancólico — Aquela última mágica foi extraordinária. Quase valeu a pena morrer nas garras de um dragão, só para vê-la.

— Morrer! — Fizban pareceu acordar — Nas garras de um dragão? Jamais! Eu nunca fui tão insultado. Deve haver uma saída... — Seus olhos começaram a lampejar — Vamos descer pela corrente!

— A corrente? — repetiu Tas, achando que ele tinha entendido mal. E o que fazer com as paredes rachando em volta deles e o dragão rugindo e tudo mais?

— Nós desceremos a corrente! Vamos! — Gargalhando com gosto, o velho mago se virou e saiu correndo pelo túnel.

Sestun olhou incrédulo para Tasslehoff, mas naquele momento a enorme garra do dragão apareceu através de uma parede. O kender e o anão da ravina se viraram e correram atrás do velho mágico.

Quando eles chegaram na grande roda, Fizban já tinha engatinhado ao longo da chumbarem da corrente que saia do túnel e chegado ao primeiro dente da roda, que era do tamanho de um tronco de árvore. Levantando o roupão na altura das coxas, ele pulou do dente para o primeiro anel da enorme corrente. O kender e o anão da ravina pularam na corrente atrás dele. Tas estava começando a pensar que, apesar de tudo, eles conseguiriam sair desta com vida, especialmente se a elfa negra, no final da corrente tivesse tirado um dia de folga, quando Pyros surgiu de repente no poço onde a grande corrente estava pendurada.

Seções do túnel de pedra desabaram em volta deles, produzindo um ruído abafado ao cair no chão. As paredes tremeram e a corrente começou a balançar. Acima deles, pairava o dragão. Ele não falou nada, simplesmente encarou-os com seus olhos vermelhos. Depois, ele inspirou tão profundamente que pareceu sugar para dentro de si todo o ar do vale. Tas começou instintivamente a fechar os olhos, depois os arregalou. Ele nunca tinha visto um dragão soprar fogo e não ia ser agora que ele ia perder essa chance, especialmente porque, essa seria provavelmente sua última chance.

As chamas rolaram para fora da boca e do nariz do dragão. Só o choque do calor quase derrubou Tasslehoff da corrente. Mas, mais uma vez, o fogo queimou tudo em volta dele e não o atingiu. Fizban gargalhou de alegria.

— Muito esperto, meu velho —, disse o dragão, irritado — Mas, eu também sou utilizador de mágica e eu estou sentindo que você está enfraquecendo. Eu espero que sua esperteza o entretenha até lá embaixo!

As chamas reluziram novamente, mas desta vez o fogo do dragão não foi apontado contra as figuras trêmulas que se agarravam à corrente. As chamas atingiram a coerente e os elos de ferro ficaram vermelhos e começaram a brilhar

ao primeiro toque do fogo do dragão. Pyros soprou novamente e os elos ficaram brancos, incandescentes. O dragão soprou uma terceira vez. Os elos derreteram. A volumosa corrente estremeceu e quebrou, despencando em direção à escuridão abaixo.

Pyros observou-a enquanto ela caia. Depois, satisfeito pois os espiões não viveriam para contar sua história, ele voou de volta para seu covil onde ele podia ouvir Verminaard gritando por ele.

Na escuridão deixada para trás pelo dragão, a grande roda dentada, livre da corrente que a manteve no lugar durante séculos, deu um rangido e começou a girar.

14

MATAFLEUR

A ESPADA MÁGICA. PENAS BRANCAS

A luz da tocha de Maritta iluminou uma sala vazia e sem janelas. Não havia mobília. Os únicos objetos que existiam na câmara fria de pedra eram uma enorme bacia de água, um balde cheio de algo que cheirava a carne podre e um dragão.

Tanis arfou. Ele tinha achado formidável o dragão negro em Xak Tsaroth. Ele estava realmente maravilhado com o tamanho imenso desta dragoa vermelha Seu covil era enorme, tinha provavelmente mais de trinta metros de diâmetro e a dragoa ocupava toda sua extensão, e a ponta de sua longa cauda encostava na parede do outro lado. Durante um momento, os companheiros ficaram atônitos, com visões fantasmagóricas da cabeça gigante se levantando e cauterizando a todos com a chama ardente soprada pelos dragões vermelhos que tinham destruído Solace.

Entretanto, Maritta não parecia preocupada. Ela continuou avançando para dentro da sala e, depois de um momento de hesitação, os companheiros se apressaram atrás dela. A medida que se aproximavam da criatura, eles passaram a ver que Maritta estava certa, a dragoa estava numa condição de dar dó. A

grande cabeça, que jazia no frio chão de pedra, estava marcada e enrugada pela idade e sua pele vermelha e brilhante estava acinzentada e manchada. Ela respirava pela boca, com as mandíbulas abertas, revelando seus dentes, que já haviam sido afiados como espadas, mas agora estavam amarelados e quebrados. Havia longas cicatrizes ao longo de seus flancos; suas asas coriáceas estavam secas e rachadas.

Agora Tanis conseguia compreender a atitude de Marina. Claramente, a dragoa tinha sido maltratada e ele se pegou sentindo pena dela e relaxando a guarda. Ele percebeu o quanto isso era perigoso, quando a dragoa, acordada pela tocha, se mexeu durante o sono. As garras dela eram tão afiadas e seu fogo tão destrutivo quanto o de qualquer outro dragão vermelho em Krynn. Tanis lembrou a si mesmo.

Os olhos da dragoa se abriram, pequenas fendas vermelhas que cintilavam à luz da tocha. Os companheiros pararam, com as mãos nas armas.

— Já é hora do café da manhã Maritta? — Matafleur (entre os mortais o nome dela era Lança Chamas) disse com uma voz sonolenta e rouca.

—Sim, nós estamos um pouquinho adiantados hoje, querida —, Maritta disse com doçura — Mas tem uma tempestade se formando e eu quero que as crianças façam seus exercícios antes dela começar. Vá dormir. Eu cuidarei para que eles não te acordem quando estiverem saindo.

—Eu não me incomodo — A dragoa bocejou e abriu os olhos um pouco mais. Agora, Tanis podia ver que um de seus olhos tinha uma cobertura leitosa; ela era cega daquele olho.

— Eu só espero que nós não tenhamos que lutar contra ela, Tanis —, Sturm sussurrou — Seria como lutar com a avó de alguém.

Tanis teve de se esforçar para manter uma expressão séria.

— Ela é una avó letal, Sturm. Lembre-se disso.

— Os pequeninos tiveram uma noite tranqüila —, a dragoa murmurou, aparentemente voltando a dormir —Tome cuidado para eles não se molharem

se chover, Maritta. Especialmente o Erikinho. Ele estava gripado a semana passada — Os olhos dela se fecharam.

Maritta virou-se, acenou para que os outros viessem e colocou um dedo nos lábios. Sturm e Tanis chegaram por último, suas armas e armadura abafadas por numerosos mantos e saias. Tanis estava a mais ou menos nove metros da cabeça da dragoa, quando o barulho começou.

No inicio, ele pensou que fosse sua imaginação, que seu nervosismo estivesse fazendo ele ouvir um zumbido dentro de sua cabeça. Mas o som aumentava cada vez mais e Sturm se virou, olhando para ele assustado. O zumbido continuou aumentando até se parecer com uma nuvem de gafanhotos. Agora os outros também estavam olhando para trás, todo mundo olhando para ele! Tanis olhava para seus amigos sem saber o que fazer, um olhar de confusão em seu rosto que era quase cômico.

A dragoa bufou e se mexeu, irritada, chacoalhando a cabeça como se o barulho incomodasse seus ouvidos.

De repente, Raistlin se separou do grupo e correu de volta até Tanis.

— A espada. — ele sibilou. Ele agarrou o manto do meio elfo e o jogou para trás revelando a lâmina.

Tanis olhou para a espada em sua bainha antiga. O mago estava certo. A espada zumbia como se estivesse soando um alarme. Agora que Raistlin tinha chamado sua atenção para o fato, o meio elfo conseguia sentir as vibrações.

— Mágica —, o mago disse calmamente, estudando-a com interesse.

— Você consegue fazer ela parar? — Tanis gritou mais alto que o estranho barulho.

— Não —, disse Raistlin — Agora eu me lembro. Esta é a Exterminadora de Dragões, a famosa espada mágica de Kith-Kanan. Ela está reagindo à presença da dragoa.

— Esta é uma péssima hora para se lembrar disso! —Tanis disse, furioso.

— Ou muito conveniente —, resmungou Sturm.

A dragoa levantou lentamente a cabeça, seus olhos piscavam e uma fina camada de fumaça saía de suas narinas. Ela focalizou os olhos vermelhos e embaçados em Tanis. Havia dor e irritação em seu olhar.

— Quem você trouxe, Maritta? — a voz de Matafleur estava carregada de ameaça — Eu estou ouvindo um som que eu não ouvia há séculos e eu estou sentindo o cheiro fétido de aço! Elas não são mulheres! Elas são guerreiros!

— Não a machuque! — Maritta choramingou.

— Pode ser que eu não tenha outra escolha! —Tanis disse com malevolência enquanto sacava a Exterminadora de Dragões de sua bainha — Vendaval e Lua Dourada, levem Maritta para fora! — A lâmina começou a emitir uma luz branca e brilhante enquanto o zumbido ficava mais alto e mais ameaçador. Matafleur se encolheu. A luz da espada penetrou em seu olho bom de forma dolorosa; o terrível som entrou em sua cabeça como uma lança. Choramingando, ela se encolheu afastando-se de Tanis.

— Corram, peguem as crianças! —Tanis gritou, percebendo que eles não precisavam lutar, pelo menos por enquanto. Segurando a espada brilhante no ar ele deu um passo adiante, forçando cautelosamente a coitada da dragoa a se encolher contra a parede.

Depois de olhar assustada para Tanis, Maritta levou Lua Dourada para o quarto das crianças. Lá havia cerca de cem crianças de olhos arregalados e assustados com o som estranho que vinha de fora da câmara. Seus rostos relaxaram ao verem Maritta e Lua Dourada e alguns dos menores riram quando Caramon entrou correndo com suas saias drapejando em torno de suas pernas cobertas de armadura. Mas, ao verem os guerreiros e suas armas em punho, as crianças sossegaram imediatamente.

— O que é isto, Maritta? — perguntou a garota mais velha — O que está acontecendo? É luta novamente?

— Nós esperamos que não haja luta, minha querida —, Maritta disse calmamente — Mas eu não vou mentir para você... é possível que isso aconteça.

Agora, eu quero que você recolha suas coisas, particularmente seus mantos quentes e venha conosco. Os mais velhos carregam os menores como vocês fazem quando saem para fazer exercício.

Sturm esperava confusão, choro e pedidos de explicação. Mas as crianças fizeram rapidamente o que lhes foi pedido, agasalharam-se e ajudaram a vestir os mais jovens. Elas estavam quietas e calmas, só um pouco pálidas. Elas eram filhas da guerra, Sturm lembrou.

— Eu quero que vocês passem bem rápido pelo covil da dragoa e vão direto para a sala de diversões. Quando nós chegarmos lá, aquele homenzarrão —, Sturm apontou para Caramon, — os levará para o pátio. Suas mães estão lá esperando por vocês. Quando chegarem lá fora, procurem imediatamente suas mães e corram para elas. Todo mundo entendeu? — Ele olhou em dúvida para as crianças menores, mas a garota na fila da frente acenou com a cabeça.

— Nós entendemos, senhor —, ela disse.

— Então, está bem —, Sturm virou-se — Caramon?

O guerreiro, que ficou vermelho de vergonha quando cem pares de olhos se voltaram para ele, guiou as crianças para o covil da dragoa. Lua Dourada pegou uma criança em seus braços, Maritta apanhou uma outra. As meninas e os meninos mais velhos carregavam os pequenos em suas costas. Eles passaram pela porta de forma ordenada, sem dizer uma palavra até verem Tanis, a espada cintilante e a dragoa aterrorizada.

— Ei, você! Não machuque nossa dragoa! — um menino pequeno gritou. Saindo de seu lugar na fila, a criança correu na direção de Tanis com os punhos erguidos, e rangendo os dentes.

— Dougl! — gritou a menina mais velha, chocada — Volte já para a fila! — Mas, algumas das crianças estavam chorando.

Tanis, com a espada ainda levantada, sabendo que esta era a única forma de manter a dragoa à distância gritou, —Tirem-nos daqui!

— Crianças, por favor! — A Filha do Líder, com sua voz séria e autoritária, colocou ordem no caos —Tanis não vai machucar a dragoa se ele não precisar. Ele é um homem gentil. Vocês tem de ir. Suas mães precisam de vocês.

Havia um traço de medo na voz de Lua Dourada, uma sensação de urgência que influenciou até mesmo as crianças mais jovens. Elas voltaram para a fila rapidamente.

— Adeus, Lança Chamas —, várias crianças gritaram melancólicas, acenando com as mãos enquanto acompanhavam Caramon. Dougl lançou um último olhar ameaçador na direção de Tanis depois voltou para a fila, enxugando os olhos com seus punhos sujos.

— Não! gritou Matafleur com uma voz inconsolável — Não! Não lutem com minhas crianças. Por favor! É a mim que vocês querem! Lutem comigo! Não façam nenhum mal para minhas crianças!

Tanis percebeu que a dragoa tinha voltado ao passado, revivendo qualquer que tenha sido o terrível evento que a privou de seus filhos. Sturm ficou perto de Tanis.

— Sabe, ela vai te matar quando as crianças estiverem fora de perigo.

— Sim, eu sei —, disse Tanis, carrancudo. Os olhos da dragoa, inclusive o olho ruim, já estavam reluzindo, vermelhos. A saliva pingava de sua boca aberta e suas garras arranhavam o chão.

— Minhas crianças não! — ela disse, furiosa.

— Estou com você... — Sturm começou a falar, enquanto sacava sua espada.

— Deixe-nos, cavaleiro —, Raistlin sussurrou, das sombras — Sua arma é inútil. Eu ficarei com Tanis.

O meio elfo olhou para o mago surpreso. Os estranhos olhos dourados de Raistlin encontraram os seus, cientes do que ele estava pensando: devo

acreditar nele? Raistlin não o ajudou muito na escolha, quase como se o forçasse a recusar.

— Saia —, Tanis disse a Sturm.

— O que? — ele gritou — Você está louco? Você está confiando nesse...

— Saia! — Tanis repetiu. Naquele instante, ele ouviu Flint gritar bem alto — Vá, Sturm, eles precisam de você lá fora!

O cavaleiro ficou parado por um instante, sem se decidir, mas ele não poderia ignorar uma ordem direta daquele que ele considerava seu comandante. Lançando um olhar cheio de ódio para Raistlin, Sturm girou sobre os calcanhares e entrou no túnel.

— Não existe muita mágica que eu possa usar contra um dragão vermelho —. Raistlin sussurrou rapidamente.

— Você pode nos ganhar mais tempo? — Tanis perguntou.

Raistlin deu sorriu o sorriso daqueles que sabem que a morte está tão próxima que não adianta ter medo.

— Eu posso —, ele murmurou — Chegue mais perto do túnel. Quando você me ouvir começar a falar, corra.

Tanis começou a recuar, ainda segurando a espada no alto. Mas a dragoa não tinha mais medo de sua mágica. Ela só sabia que suas crianças haviam ido embora e ela tinha de matar os responsáveis. Ela se arremessou contra o guerreiro com a espada quando ele começou correr na direção do túnel. Então a escuridão desceu sobre ela, uma escuridão tão densa que Matafleur pensou por um momento que ela tinha ficado cega do outro olho. Ela ouviu palavras de magia sussurradas e sabia que o humano de robe tinha conjurado uma mágica.

— Eu os queimarei! — ela uivou, sentindo o cheiro de aço dentro do túnel — Eles não escaparão! — Mas, no momento em que inspirou o ar, ela ouviu outro som, o som de suas crianças — Não —, ela percebeu frustrada — Eu não posso. Minhas crianças! Eu poderia machucar minhas crianças.... — Ela abaixou a cabeça até ela repousar no chão frio, de pedra.

Tanis e Raistlin percorreram o túnel correndo, o meio elfo ia arrastando o frágil mago com ele. Atrás deles, eles ouviram um gemido desanimado que causava piedade.

— Não minhas crianças! Por favor, lutem comigo! Não machuquem minhas crianças!

Tanis chegou à sala de diversões, piscando por causa da luz que entrou quando Caramon abriu as portas enormes para o sol que nascia. As crianças apostaram corrida da porta até o pátio. Pela porta, Tanis podia ver Tika e Laurana em pé com suas espadas na mão, olhando ansiosamente para eles. Um dragoniano estava se esfarelando no chão do pátio. O machado de batalha de Flint estava enfiado em suas costas.

—Para fora, todos vocês! —Tanis gritou. Depois de recuperar seu machado, Flint se juntou ao meio elfo e eles foram os últimos a sair da sala de diversões. Assim que saíram, eles ouviram um rugido aterrorizante, o rugido de um dragão, mas um dragão bem diferente da pobre Matafleur. Pyros tinha descoberto os espiões. As paredes de pedra começaram a tremer, o dragão estava se levantando de seu covil.

— Flogisto! — Tanis praguejou com amargura — Verminaard não partiu! O anão balançou a cabeça.

— Eu aposto minha barba —, ele disse deprimido, — que Tasslehoff tem alguma coisa a ver com isso.

A corrente quebrada despencou no chão de pedra da Sala do Mecanismo em Sla-Mori e três pequenas figuras caíram com ela.

Tasslehoff rolava pela escuridão agarrando-se inutilmente à corrente e pensando, é isso o que gente sente quando morre. Era uma sensação interessante e ele estava chateado porque não poderia experimentá-la por mais tempo. Ele podia ouvir Sestun esganiçando de medo acima dele. Abaixo, ele ouviu o velho mago resmungando consigo mesmo, provavelmente tentando

uma última mágica. Então, Fizban ergueu a voz: — Pveatherf... A palavra foi interrompida com um grito. Depois ouviu-se o som abafado de ossos sendo esmagados quando o velho mágico se estatelou no chão. Tasslehoff ficou mortificado apesar de saber que ele seria o próximo. O chão de pedra estava se aproximando. Dentro de alguns segundos ele também estaria morto....

Então, começou a nevar.

Pelo menos foi isso que o kender pensou. Depois ele percebeu chocado que estava cercado por milhões e milhões de penas, como uma explosão de galinhas! Ele afundou em uma profunda e vasta montanha de penas brancas, Sestun rolou atrás dele.

— Pobre Fizban —,Tas disse, derramando lágrimas dos olhos enquanto se debatia em um oceano de penas brancas de galinha — A última mágica dele deve ter sido cascata de penas como Raistlin usa. Você não sabia? Ele acabou de arranjar as penas.

Acima dele, a roda dentada girava cada vez mais rápido, a corrente solta corria por ela como se regozijando pela sua libertação do cativeiro.

O caos reinava no pátio, lá fora.

— Por aqui! —Tanis gritou ao sair pela porta, sabendo que eles estavam condenados, mas se recusavam a se entregarem. Os companheiros se reuniram à volta dele com as armas nas mãos, olhando ansiosamente para ele. — Fujam para as minas! Abriguem-se! Verminaard e o dragão vermelho não partiram. É uma armadilha. Eles cairão em cima de nós a qualquer momento.

Os outros, com os rostos tristes, acenaram com a cabeça. Todos eles sabiam que seria inútil, pois tinham de atravessar sessenta metros de uma superfície plana e totalmente desprotegida para chegar à segurança.

Eles tentaram arrebanhar as mulheres e as crianças o mais rápido possível , mas não obtiveram muito sucesso. Todas as mães e crianças

precisavam ser agrupadas. Depois, olhando na direção das minas, Tanis blasfemou ainda mais frustrado.

Os homens das minas, vendo suas famílias livres, dominaram rapidamente os guardas e começaram a correr na direção do pátio! Esse não era o plano! O que Elistan estava pensando? Dentro de alguns minutos haveria oitocentas pessoas desvairadas correndo de um lado para outro sem a mínima proteção.

Ele tinha que fazê-los ir para o sul, em direção às montanhas.

— Onde está Eben? — ele perguntou a Sturm.

— A ultima vez que eu o vi, ele estava correndo para as minas. Eu não consegui entender o porque...

O cavaleiro e o meio elfo soltaram um grito abafado quando compreenderam.

— É claro —, disse Tanis calmamente com a voz abafada pela confusão — Tudo se encaixa.

Enquanto corria em direção às minas, o único pensamento de Eben era obedecer a ordem de Pyros. De alguma forma, ele tinha que encontrar o Homem da Gema Verde no meio daquela confusão. Ele sabia o que Verminaard e Pyros iam fazer com estes pobres coitados. Por um momento Eben sentiu piedade, afinal de contas, ele não era cruel e maligno. Ele simplesmente tinha visto há muito tempo qual lado ia ganhar e decidiu estar do lado vencedor.

Quando a fortuna de sua família acabou, a única coisa que sobrou para Eben vender foi ele próprio. Ele era inteligente, hábil com uma espada, e tão fiel quanto o dinheiro o permitia. Foi em uma jornada para o norte, à procura de possíveis compradores que Eben conheceu Verminaard. Eben tinha ficado impressionado com o poder de Verminaard e foi conseguindo aos poucos se colocar numa posição onde ele tinha a preferência do maligno clérigo. Mas,

mais importante ainda, ele tinha conseguido se fazer útil para Pyros. O dragão achava Eben charmoso, inteligente, engenhoso, e, depois de alguns testes, confiável.

Eben havia sido mandado de volta para casa, em Berma, pouco antes dos exércitos dragonianos atacarem. Ele convenientemente "escapou" e começou seu grupo de resistência. Encontrar o grupo de elfos de Gilthanas por acaso na primeira vez que eles tentaram entrar em PaxTharkas foi um golpe de sorte que melhorou ainda mais o relacionamento de Eben tanto com Pyros quanto com Verminaard. Quando o clérigo estava totalmente nas mãos de Eben, ele não conseguia acreditar na sua sorte. Eben imaginou que isso só mostrava o quanto a Rainha das Trevas era generosa com ele.

Ele rezou para que a Rainha das Trevas continuasse a favorecê-lo. Para encontrar o Homem da Gema Verde nesta confusão, ele ia precisar de intervenção divina. Centenas de homens zanzando para todos os lados, incertos. Eben viu a chance de fazer um outro favor a Verminaard.

— Tanis quer que vocês homens os encontrem no pátio —, ele gritou — Reúnam-se a suas famílias.

— Não! Esse não é o plano! — Elistan gritou, tentando detê-los. Mas, era tarde demais. Os homens, ao verem suas famílias livres, correram para o pátio. Centenas de anões da ravina somaram-se à confusão, correndo alegremente par? fora das minas para se juntarem à diversão, pensando talvez que fosse um feriado.

Eben corria ansiosamente os olhos pela multidão, procurando o Homem da Gema Verde, depois decidiu olhar dentro das celas da prisão. E lá estava ele, sentado sozinho, olhando distraidamente a cela vazia. Eben, ajoelhou-se rapidamente ao lado dele, forçando seu cérebro a lembrar o nome do homem. Era algo estranho, fora de moda....

— Berem —, Eben disse depois de um tempo — Berem? O homem ergueu os olhos, o interesse iluminou seu rosto pela primeira vez em várias

semanas. Ele não era surdo-mudo, como Toede havia pensado. Ele era, na verdade, um homem obcecado, totalmente absorvido em sua busca secreta pessoal. Ele era humano, portanto o som de uma voz humana chamando seu nome era extremamente reconfortante.

— Berem —, Eben disse novamente, lambendo os lábios, nervoso. Agora que o tinha achado, ele não tinha muita certeza do que fazer com ele. Ele sabia que a primeira coisa que aqueles coitados iam fazer quando o dragão atacasse, seria correr para a segurança das minas. Ele tinha que tirar Berem dali, antes que Tanis os pegasse. Mas, onde? Ele podia levar o homem para dentro de Pax Tharkas, como Pyros tinha mandado, mas Eben não gostava dessa idéia. Verminaard certamente os encontraria e, desconfiado, faria perguntas que Eben não poderia responder.

Não. só havia um lugar onde Eben poderia levá-lo e ficar a salvo, fora dos muros de Pax Tharkas. Eles podiam se esconder na mata até a confusão terminar, depois ele se infiltraria novamente na fortaleza, durante a noite. Depois de tomar uma decisão, Eben pegou no braço de Berem e ajudou o homem a se colocar de pé.

— Vai haver luta —, ele disse — Eu vou levá-lo daqui, e mantê-lo protegido até a luta terminar. Eu sou seu amigo. Você me compreende?

O homem olhou para ele com um olhar de penetrante sabedoria e inteligência. Não era aquele olhar de elfo que não envelhece e sim o olhar de um humano que viveu atormentado anos a fio. Berem deu um leve suspiro e acenou com a cabeça.

Verminaard saiu de sua câmara descontrolado, arrancando suas luvas de couro. Um dragoniano corria atrás dele, carregando o cetro do Alto Lorde, o Arauto da Noite. Havia outros dragonianos ali por perto, agindo de acordo com as ordens que Verminaard dava enquanto entrava no corredor em direção ao covil de Pyros.

— Não. seus idiotas, não chamem o exército de volta! Isto não vai tomar mais do que um minuto do meu tempo. Qualinesti estará em chamas ao entardecer. — Flogisto! — ele gritou, abrindo com um empurrão as portas que davam acesso ao covil do dragão. Ele saiu para a saliência. Olhando para cima, na direção da sacada, ele podia ver fumaça e chamas e ouvir o rugido do dragão à distância.

— Flogisto! — Não houve resposta — Quanto tempo você leva para pegar um punhado de espiões? — ele perguntou furioso. Ao se virar, ele quase caiu sobre um capitão dragoniano.

— Vai usar a sela do dragão, meu lorde?

— Não, não há tempo. Além disso, eu só a uso em combate e não haverá ninguém para lutar lá fora, apenas algumas centenas de escravos para queimar.

— Mas, os escravos dominaram os guardas da mina e estão reunidos com suas famílias no pátio.

—Quantos homens tem suas forças?

—Temo que elas não sejam numerosas o suficiente, meu lorde —, o capitão dragoniano disse com os olhos cintilando. O capitão nunca tinha considerado uma atitude inteligente esvaziar uma guarnição militar — Nós somos quarenta ou cinqüenta, talvez, contra trezentos homens e um numero igual de mulheres. Sem dúvida nenhuma, as mulheres lutarão ao lado dos homens, vossa senhoria e, se eles conseguirem se organizar e fugir para as montanhas...

—Não! Flogisto! — Verminaard chamou. Ele ouviu, em outra parte da fortaleza, um som metálico pesado e abafado. Depois, ele ouviu outro som, a grande roda, que não era usada há séculos, rangendo em protesto por ter sido forçada a trabalhar. Verminaard ficou curioso em saber o que estes estranhos sons significavam, quando Pyros desceu voando em seu covil.

O Senhor dos Dragões correu para a saliência quando Pyros passou por ele. Verminaard subiu com rapidez e agilidade nas costas do dragão. Apesar de

separados por desconfiança mútua, os dois lutavam bem juntos. O ódio que eles sentiam pelas raças insignificantes que eles se empenhavam em conquistar combinado com o desejo de poder, uniam os dois num laço muito mais forte do que eles ousavam admitir.

— Voe! — Verminaard rugiu, e Pyros ergueu-se no ar.

— É inútil, meu amigo —, Tanis disse calmamente a Sturm, colocando a mão no ombro do cavaleiro, enquanto Sturm gritava freneticamente pedindo ordem. — Você só está gastando seu fôlego. Guarde-o para lutar.

— Não haverá luta — Sturm tossiu, rouco de tanto gritar — Nós vamos morrer presos como ratos. Por que é que estes idiotas não ouvem?

Ele e Tanis estavam no canto do pátio, a cerca de seis metros dos portões da frente de PaxTharkas. Olhando para o sul, eles conseguiam ver as montanhas e nelas a esperança. Atrás deles estavam os grandes portões da fortaleza que, a qualquer momento, se abririam para receber o vasto exército dragoniano, e em algum lugar dentro desses muros, estavam Verminaard e o dragão vermelho.

Em vão, Elistan tentou acalmar as pessoas e encorajá-las a irem para o sul. Mas, os homens insistiram em encontrar suas mulheres, e as mulheres em encontrar seus filhos. Algumas famílias já reunidas começaram a se mover para o sul. Mas muito tarde e muito lentamente.

Então, como um cometa flamejante vermelho-sangue, Pyros levantou vôo da fortaleza de PaxTharkas, com suas asas lustrosas, alinhadas próximo aos flancos de seu corpo. Sua cauda enorme se arrastava atrás de si. Suas patas dianteiras, estavam curvadas perto do corpo, enquanto ele ganhava velocidade no ar. Em suas costas cavalgava o Senhor dos Dragões, com os chifres dourados de sua hedionda máscara de dragão cintilando no sol da manhã. Verminaard segurava na crina espinhosa do dragão com as duas mãos, enquanto elas reluziam no céu iluminado pelo sol, trazendo as sombras da noite para o pátio, lá embaixo.

A dragofobia tomou conta das pessoas. Incapazes de gritar ou de correr, elas só conseguiam se encolher de medo diante da assustadora aparição, abraçando uns aos outros, sabendo que a morte era inevitável.

Obedecendo a um comando de Verminaard, Pyros pousou sobre uma das torres da fortaleza. Verminaard espiava detrás de sua máscara de dragão em silêncio, furioso.

Tanis, que assistia a tudo com uma frustração inútil, sentiu Sturm agarrar seu braço. — Olhe! — O cavaleiro apontou para o norte, na direção dos portões.

Relutante, Tanis tirou os olhos do Senhor dos Dragões e viu duas figuras correndo na direção dos portões da fortaleza.

— Eben! — ele gritou incrédulo. — Mas, quem é aquele que está com ele?

— Ele não vai escapar! — Sturm gritou. Antes que Tanis pudesse impedi-lo o cavaleiro correu atrás dos dois. Enquanto seguia o cavaleiro, Tanis viu um vulto vermelho no canto de seus olhos, Raistlin e seu irmão gêmeo.

— Eu também tenho uma diferença para acertar com esse homem —, o mago sibilou. Os três alcançaram Sturm no momento em que o cavaleiro agarrava Eben pelo colarinho e o jogava no chão.

—Traidor! — Sturm gritou bem alto — Embora vá morrer hoje, eu te mandarei para o Abismo primeiro! — Ele sacou a espada e jogou a cabeça de Eben para trás. De repente o companheiro de Eben virou-se, voltou para trás e segurou o braço com que Sturm empunhava a espada.

Sua mão afrouxou o aperto em Eben, quando o cavaleiro olhou atônito para a visão diante dele.

A camisa do homem havia sido rasgada durante a luta nas minas. Incrustada na carne desse homem, bem no meio do peito, havia uma jóia verde que brilhava! A luz do sol incidiu sobre a gema, que era tão grande quanto o

punho de um homem, fazendo com que ela lampejasse com uma luz intensa e terrível, uma luz profana.

— Eu nunca vi ou ouvi falar de uma mágica como essa! — Raistlin sussurrou espantado quando ele e os outros pararam impressionados ao lado de Sturm.

Vendo os olhos deles arregalados olhando seu corpo, Berem puxou instintivamente a camisa sobre o peito. Depois, afrouxando o aperto de Sturm, ele virou-se e correu em direção aos portões. Eben se levantou cambaleando e saiu tropeçando atrás dele.

Sturm deu um pulo à frente, mas Tanis o segurou.

— Não —, ele disse — É tarde demais. Nós temos outras pessoas para cuidar.

.— Tanis, olhe! — Caramon gritou, apontando alguma coisa acima dos enormes portões.

Uma parte da muralha de pedra da fortaleza acima dos volumosos portões da frente começou a se abrir, formando uma enorme rachadura, que aumentava No inicio lentamente, depois com uma velocidade crescente, as gigantescas rochas de granito começaram a cair através da rachadura, chocando-se com o chão com tamanha força que a pedra do pavimento trincou e grandes nuvens de poeira se levantaram, enchendo o ar. Acima do barulho enorme, podia-se ouvir muito debilmente o som de correntes enormes liberando o mecanismo.

As pedras começaram a cair assim que Eben e Berem chegaram aos portões. Eben gritou aterrorizado, levantou instintivamente os braços para proteger sua cabeça. O homem ao lado dele olhou para cima e aparentemente deu um pequeno suspiro. Então, os dois foram enterrados sob toneladas de rochas, enquanto o antigo mecanismo de defesa selava completamente os portões de Pax Tharkas.

—Este é seu último ato de rebeldia! — Verminaard rugiu. Seu discurso tinha sido interrompido pela queda das rochas, uma coisa que o enfureceu ainda mais. — Eu lhes ofereci a oportunidade de trabalhar para aumentar a glória de minha Rainha. Eu cuidei de vocês e de suas famílias. Mas, vocês são tolos e teimosos. Vocês pagarão com suas vidas! — O Senhor dos Dragões levantou o Arauto da Noite no ar — Eu destruirei os homens. Eu destruirei as mulheres! Eu destruirei as crianças!

Ao sentir um toque da mão do Senhor dos Dragões, Pyros abriu suas asas e se lançou no ar. O dragão respirou fundo, preparando para se lançar sobre a massa de pessoas que gemia de terror naquele pátio aberto e incinerá-las com seu sopro incandescente.

Mas o mergulho mortal do dragão foi interrompido.

Alçando vôo a partir do amontoado de destroços gerados quando ela se libertou quebrando a fortaleza, Matafleur voou na direção de Pyros.

A velha dragoa tinha mergulhado ainda mais em sua loucura. Mais uma vez ela revivia o pesadelo de perder seus filhos. Ela podia ver os cavaleiros sobre os dragões dourados e prateados, as perigosas lanças do dragão brilhando sob a luz do sol. Em vão, ela implorou a seus filhos que não se unissem a uma luta sem esperança, em vão ela tentou convencê-los de que a guerra estava no fim. Eles eram jovens e não ouviam. Eles voaram, deixando-a chorando em seu covil. Enquanto via com os olhos de sua mente a sangrenta batalha final, enquanto via seus filhos morrerem vitimados pelas lanças do dragão, ela ouviu a voz de Verminaard.

— Eu destruirei as crianças! —

E como ela já havia feito uma vez muitos séculos atrás, Matafleur voou para defendê-las.

Pyros, surpreso pelo ataque inesperado, desviou bem a tempo de evitar o dente quebrado, mas ainda letal da velha dragoa, que tinha como objetivo seus flancos desprotegidos. Matafleur atingiu-o com um golpe resvalante que rasgou

dolorosamente um dos poderosos músculos que movimentavam as asas gigantescas. Girando no ar, Pyros atingiu Matafleur com as garras de sua pata dianteira, no momento em que ela passava por ele, abrindo um talho no ventre macio da dragoa.

Em sua loucura, Matafleur nem sentiu a dor, mas a força do dragão mais jovem e mais forte arremessou-a de costas no ar.

A manobra de girar no ar tinha sido uma ação instintiva e defensiva do dragão. Com ela, ele conseguiu ganhar tanto altitude quanto tempo para planejar seu ataque. Mas, ele tinha esquecido de seu cavaleiro. Verminaard que cavalgava sem a sela do dragão que ele costumava usar nas batalhas não conseguiu se segurar no pescoço do dragão e caiu no pátio. Não foi uma queda muito grande e ele aterrissou ileso, apenas com alguns arranhões e momentaneamente abalado.

A maioria das pessoas em volta dele, fugiu aterrorizada quando elas o viram se levantai; mas olhando em volta, ele notou que havia quatro delas, próximo da parte nordeste do pátio, que não tinham fugido. Ele se virou para enfrentar essas quatro.

O aparecimento de Matafleur, e seu súbito ataque contra Pyros, sacudiu os cativos tirando-os de seu estado de pânico. Isto, combinado com a queda de Verminaard no meio deles, como a queda de algum deus horrível, fez o que Elistan e os outros não tinham conseguido. As pessoas esqueceram o medo, seus sentidos voltaram, e elas começaram a fugir para o sul, na direção da segurança das montanhas. Vendo isto, o capitão dragoniano ordenou que suas forcas atacassem a multidão. Ele designou um outro mensageiro, um wyvern; disse para ele voar da fortaleza e chamar o exército de volta.

Os dragonianos avançaram sobre os refugiados, mas se esperavam causar pânico eles fracassaram. O povo tinha sofrido demais. Eles já tinham permitido que sua liberdade fosse tomada antes, em troca da promessa de paz e segurança Naquele momento eles compreenderam que não poderia haver paz

enquanto esses monstros continuassem perambulando por Krynn. Os povos de Schze e Berma, homens, mulheres, e crianças, lutaram usando as armas mais miseráveis que eles conseguiram encontrar — pedras, pedregulhos, mãos nuas, unhas e dentes.

Os companheiros se separaram no meio da multidão. Laurana foi separada de todos. Gilthanas tentou ficar perto dela, mas foi arrastado pela multidão. A jovem elfa, mais assustada do que ela achou que fosse possível ficar e querendo se esconder, recuou contra o muro da fortaleza, com a espada na mão. Enquanto ela assistia à batalha horrorizada, um homem caiu no chão em frente a ela com as mãos no estômago e com os dedos vermelhos de sangue. Os olhos dele, fitando a morte, pareciam olhar para ela, enquanto seu sangue formava uma poça aos pés dela. Laurana olhou para o sangue com uma fascinação horrenda, então ela ouviu um som a sua frente. Tremendo, ela ergueu os olhos e viu o hediondo rosto reptiliano do assassino desse homem.

Ao ver a elfa, aparentemente paralisada pelo terror diante dele, o dragoniano imaginou que ela fosse uma presa fácil. Lambendo sua espada manchada de sangue com a língua comprida, a criatura pulou por cima do corpo de sua vítima e avançou contra Laurana.

Segurando a espada, com a garganta doendo de medo, Laurana reagiu levada pelo mais puro instinto defensivo. Ela estocou cegamente, de baixo para cima. O dragoniano foi pego totalmente desprevenido. Laurana enfiou a arma no corpo do dragoniano, sentiu a afiada lâmina élfica penetrar na armadura e na carne, ouviu o estilhaçar de ossos e o último grito gorgolejante da criatura. O dragoniano se transformou em pedra, arrancando a espada de sua mão. Mas Laurana, raciocinando com um desprendimento desinteressado, o que a surpreendeu, sabia, por ter ouvido os guerreiros falarem, que se ela esperasse um pouco, o corpo viraria pó e libertaria sua arma.

Os sons da batalha à sua volta eram violentos, os gemidos, os gritos de morte, os sons abafados de corpos caindo o estrépito do aço e os resmungos, mas ela não ouvia nada disso.

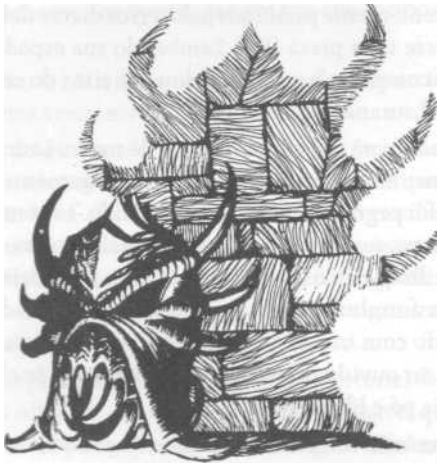
Ela esperou calmamente até o corpo se esfarelar. Então, ela se abaixou e, afastando o pó de lado com a mão, pegou o punho de sua espada e a levantou no ar. A luz do sol brilhou na lâmina manchada de sangue, e no inimigo morto a seus pés. Ela olhou em volta mas não conseguia ver Tanis. Ela não conseguia ver nenhum dos outros. Até onde ela sabia, eles poderiam estar mortos. Até onde ela sabia, ela mesma poderia estar morta no minuto seguinte.

Laurana ergueu os olhos para o céu azul ensolarado. O mundo do qual ela poderia partir em breve, parecia novo em folha, cada objeto, cada pedra, cada folha se sobressaiam com dolorosa perfeição. Soprava uma brisa morna e fragrante vinda do sul, afastando as nuvens de tempestade que pairavam sobre sua terra natal, ao norte. O espírito de Laurana, liberto da prisão do medo, elevou-se mais alto que as nuvens e sua espada cintilou no sol da manhã.

15

O SENHOR DO DRAGÃO.

AS CRIANÇAS DE MATAFLEUR.



Venninaard estudava os quatro homens enquanto eles se aproximavam. Ele percebeu que eles não eram escravos. Depois, ele os reconheceu como sendo aqueles que viajavam com a clériga dos cabelos dourados. Estes são, então, aqueles que derrotaram Ônix em Xak Tsaroth, fugiram da caravana de escravos e entraram sorrateiramente em Pax Tharkas Ele sentiu como se os conhecesse, o cavaleiro daquela terra destruída de glórias passadas; um meio elfo tentando se passar por humano; um mago doente e deformado e o irmão gêmeo do mago, um gigante humano cujo cérebro era provavelmente da grossura de seus braços.

Será uma luta interessante, ele pensou. Ele quase deu boas vindas a um combate corpo a corpo, já fazia muito tempo que ele não fazia isso. Ele estava ficando cada vez mais entediado comandando exércitos montado nas costas de una dragão. Falando em Flogisto, ele olhou para cima, querendo saber se ele seria capaz de contar com sua ajuda se o chamasse.

Mas, parecia que o dragão vermelho estava tendo seus próprios problemas. Matafleur já tinha enfrentado muitas batalhas quando Pyros ainda

estava dentro do ovo; o que faltava à dragoa em força, ela compensava com estratagemas e astúcia. O ar estalava em chamas e o sangue de dragão caía como uma chuva vermelha.

Encolhendo os ombros, Verminaard olhou para trás, para os quatro homens que se aproximavam dele cautelosamente. Ele ouviu o utilizador de mágica lembrar seus companheiros de que Verminaard era um clérigo da Rainha das Trevas e, como tal, poderia invocar sua ajuda. Verminaard sabia por intermédio de seus espiões que este utilizador de mágica, apesar de jovem, estava imbuído de um estranho poder e era considerado muito perigoso.

Os quatro homens não disseram nada. Não havia necessidade de falar entre estes homens, nem havia uma necessidade de se falar entre inimigos. O respeito mesmo que rancoroso, era visível dos dois lados. Com relação à fúria da batalha, ela era desnecessária. Esta seria lutada friamente. O maior vitorioso seria a morte.

E, assim, os quatro homens avançaram e se separaram para flanqueá-lo, já que ele não tinha onde se encostar. Agachando-se, Verminaard brandiu o Arauto de Noite, mantendo-os afastado, montando seus planos. Ele tinha de igualar as probabilidades rapidamente. Segurando o Arauto da Noite na mão direita, o clérigo do mal lançou-se para a frente, com toda a força de suas pernas poderosas. O seu movimento repentino pegou seus oponentes de surpresa. Ele não levantou o cetro. Tudo que ele precisava agora era seu toque mortal. Caindo de pé em frente de Raistlin, ele esticou a mão e agarrou o usuário de mágica pelo ombro, sussurrando uma rápida oração para sua Rainha das Trevas.

Raistlin gritou. Seu corpo, foi penetrado por armas invisíveis e profanas e ele caiu no chão em agonia. Caramon deu um grande rugido e saltou contra Verminaard, mas o clérigo estava preparado. Ele girou o Arauto da Noite e atingiu o guerreiro com um golpe resvalante. "Meia-noite", Verminaard sussurrou, e o rugido de Caramon se transformou em um grito de pânico quando o cetro encantado o cegou.

— Eu não consigo ver! Tanis, ajude-me! — o grande guerreiro gritou e tropeçou. Verminaard, deu uma gargalhada cruel e atingiu-o com um sólido golpe na cabeça. Caramon caiu como um boi abatido.

Com o canto de seus olhos, Verminaard viu o meio elfo pular sobre ele empunhando uma espada de duas mãos de um estilo élfico antigo. Verminaard girou, bloqueando a espada de Tanis com o volumoso cabo de carvalho do Arauto da Noite. Durante um momento, as armas dos dois combatentes ficaram travadas, mas a força de Verminaard era maior e ele acabou lançando Tanis ao chão.

O cavaleiro solâmnico levantou sua espada numa saudação: um erro que lhe custaria muito caro. Isso deu tempo a Verminaard de remover uma agulha de aço de um bolso escondido. Levantando-a, ele invocou mais uma vez a Rainha das Trevas para defender seu clérigo. Sturm, que se movia a passos largos, de repente sentiu seu corpo ficar cada vez mais pesado, até ele não conseguir mais andar.

Tanis, deitado no chão, sentiu uma mão invisível pressionando-o para baixo. Ele não conseguia se mover. Ele não conseguia virar a cabeça. Sua língua estava grossa demais para ele poder falar. Ele ouvia os gritos de Raistlin sufocados pela dor. Ele ouviu Verminaard gargalhar e gritar um hino em louvor à Rainha das Trevas. Tanis conseguia apenas olhar em desespero quando o Senhor do Dragão, com seu cetro erguido, caminhou na direção de Sturm, preparando-se para dar um fim à vida do cavaleiro.

— Baravais, Kharas! — Verminaard disse em Solâmnico. Ele levantou o cetro num arremedo horrível da saudação do cavaleiro, depois apontou-o para a cabeça do cavaleiro, sabendo que esta seria a morte mais atormentadora possível para um cavaleiro, morrer à mercê do inimigo.

Repentinamente, uma mão agarrou o punho de Verminaard. Perplexo, ele olhou para a mão, a mão de uma mulher. Ele sentiu um poder que se igualava ao seu, uma santidade que se igualava a sua maldade. No momento em

que ela o tocou, a concentração de Verminaard vacilou, e suas preces para a Rainha das Trevas falharam.

E foi então que a própria Rainha das Trevas olhou para cima e viu um deus radiante vestido de branco, usando uma armadura cintilante surgir no horizonte de seus planos. Ela não estava preparada para lutar com esse deus, ela não esperava seu retorno, por isso, ela fugiu para repensar suas opções e reestruturar sua guerra, vendo pela primeira vez a possibilidade de ser derrotada. A Rainha das Trevas partiu e deixou seu clérigo abandonado à própria sorte.

Sturm sentiu o feitiço sair de seu corpo e percebeu que era capaz de controlar músculos novamente. Ele viu Verminaard voltar sua fúria contra Lua Dourada, atacando-a com selvageria. O cavaleiro se lançou em sua direção, ao mesmo tempo que via Tanis se levantar com a espada élfica brilhando sob a luz do sol.

Os dois homens correram na direção de Lua Dourada, mas Vendaval chegou lá antes deles. Empurrando-a de lado, o homem das planícies recebeu no seu braço direito o golpe com o cetro do clérigo que tinha a intenção de esmagar a cabeça de Lua Dourada. Vendaval ouviu o clérigo gritar, — Meia-noite! — e sua visão foi escurecida pela mesma escuridão profana que tinha subjugado Caramon.

Mas, o guerreiro Que-shu, que já esperava por isso, não entrou em pânico. Vendaval ainda podia ouvir seu inimigo. Decidido a ignorar a dor de seu ferimento ele mudou a espada para a mão esquerda e deu uma estocada na direção da respiração pesada de seu atacante. A lâmina, desviada pela poderosa armadura do Senhor do Dragão, foi arrancada da mão de Vendaval que sacou imediatamente sua adaga, embora ele soubesse que ela seria inútil e que a morte era iminente.

Naquele momento, Verminaard percebeu que ele estava sozinho, privado de qualquer ajuda espiritual. Ele sentiu a mão fria e esqueletal do

desespero agarrá-lo, e ele chamou sua Rainha das Trevas. Mas, ela tinha partido, absorvida em sua própria luta.

Verminaard começou a suar sob a máscara do dragão. Ele a maldisse pois o elmo parecia asfixiá-lo; ele não conseguia respirar. Já era tarde demais quando ele percebeu que ela era inadequada para um combate corpo-a-corpo, a máscara bloqueava sua visão periférica. Ele via o alto homem das planícies cego e ferido diante dele, ele poderia matá-lo quando quisesse. Mas, havia dois outros guerreiros por perto. O cavaleiro e o meio elfo tinham sido libertados da magia profana que ele tinha lançado sobre eles e estavam se aproximando. Ele podia ouvi-los. Vendo de relance, ele se virou rapidamente e viu o meio elfo correndo em sua direção, com a lâmina élfica cintilando. Mas, onde estava o cavaleiro? Verminaard virou-se e recuou, brandindo seu cetro para mantê-los à distância, enquanto com a outra mão ele encontrava dificuldade para arrancar o elmo do dragão de sua cabeça.

Tarde demais. Assim que a mão de Verminaard segurou o visor, a lâmina mágica de Kith-Kanan perfurou sua armadura e penetrou em suas costas. O Senhor do Dragão gritou e girou furioso, vendo o cavaleiro solâmnico aparecer no seu campo de visão já obstruído pelo sangue. A lâmina antiga da espada do pai de Sturm penetrou violentamente em suas entranhas. Verminaard caiu de joelhos. Ele ainda lutou para remover o elmo, ele não conseguia respirar, ele não conseguia ver. Ele ainda sentiu o perfurar de uma outra espada, então a escuridão o envolveu.

Bem acima deles, uma Matafleur agonizante, enfraquecida pela perda de sangue e diversos ferimentos, ouviu as vozes de suas crianças chorando por ela. Ela estava confusa e desorientada: Pyros parecia estar atacando de todas as direções ao mesmo tempo. De repente, o grande dragão vermelho estava diante dela, contra um dos lados da montanha. Matafleur viu sua oportunidade. Ela salvaria suas crianças.

Pyros soprou um grande jato de chamas diretamente contra o rosto da antiga dragoa vermelha. Ele assistiu com satisfação a cabeça encolher e os olhos derreterem.

Mas, Matafleur ignorou as chamas que queimavam seus olhos, destruindo sua visão para sempre, e voou diretamente contra Pyros.

O grande dragão, que estava com a mente anuviada pela fúria e pela dor e achava que tinha acabado com seu inimigo, foi pego de surpresa. Mesmo enquanto soprava novamente seu fogo letal, ele percebeu aterrorizado a posição em que se encontrava, ele tinha permitido que Matafleur o colocasse entre ela mesma e a face na montanha. Ele não tinha para onde ir, ele não tinha espaço para escapar.

Matafleur mergulhou na direção dele com toda a força que ainda restava em seu corpo, atingindo-o como uma lança atirada pelos deuses. Os dois dragões se chocaram contra a montanha. O pico estremeceu e se partiu, enquanto a montanha explodia em chamas.

Anos mais tarde, quando a Morte de Lança Chamas tinha se transformado em uma lenda, havia aqueles que diziam ter escutado uma voz de dragão desaparecendo como fumaça no vento do Outono murmurando:

— Minhas crianças...

O CASAMENTO

O último dia do outono amanheceu limpo e claro. O ar estava cálido, tocado pelo fragrante vento do sul que passara a soprar constantemente desde que os refugiados tinham fugido de PaxTharkas, levando com eles somente o que puderam surrupiar da fortaleza enquanto fugiam da ira dos dragonianos.

O exército dragoniano demorou vários dias para escalar os muros de Pax Tharkas, que estava com seus portões bloqueados por pedras imensas, e suas torres defendidas pelos anões da ravina. Liderados por Sestun, os anões da ravina se colocaram no topo das muralhas jogando pedras, ratos mortos, e ocasionalmente a si mesmos sobre os frustrados dragonianos. Isso deu tempo para os refugiados fugirem para as montanhas onde, apesar de lutarem contra pequenas tropas de dragonianos, eles não foram seriamente ameaçados.

Flint apresentou-se como voluntário para liderar um grupo de homens que procuraria nas montanhas um lugar onde as pessoas poderiam passar o inverno. Flint estava familiarizado com as montanhas pois a terra natal dos anões não era muito longe dali, em direção ao sul. O grupo de Flint descobriu um vale abrigado entre os vastos picos escarpados, cujos passos traiçoeiros ficavam cobertos de neve no inverno. Os passos podiam ser protegidos, com facilidade contra o poderio dos exércitos dragonianos e havia cavernas onde eles poderiam se esconder da fúria dos dragões.

Seguindo um caminho perigoso, os refugiados fugiram para as montanhas e entraram no vale. Logo depois uma avalanche bloqueou a rota atrás deles e destruiu todos os vestígios de sua passagem. Levaria meses até os dragonianos descobrirem-nos.

O vale. bem abaixo dos picos das montanhas, era quente e protegido da neve e dos agressivos ventos do inverno. As matas estavam repletas de caça.

Riachos límpidos brotavam das montanhas. O povo lamentou seus mortos e se regozijou por sua libertação, construiu abrigos e celebrou um casamento.

No último dia do Outono, quando o sol se pós atrás das montanhas, iluminando seus picos cobertos de neve com chamas da cor de dragões morrendo, Vendaval e Lua Dourada se casaram.

Quando os dois pediram a Elistan para celebrar seu matrimônio, ele se sentiu profundamente honrado e pediu a eles que lhe explicassem os costumes de seu povo. Os dois responderam que seu povo estava morto. Os Que-shu tinham desaparecido e seus costumes não mais existiam.

— Esta será nossa cerimônia —, Vendaval disse — O inicio de algo novo, não a continuação daquilo que se foi.

— Apesar de pretendermos honrar a memória de nosso povo em nossos corações —, Lua Dourada completou calmamente, — nós devemos olhar para frente não para trás. Nós honraremos o passado, tirando dele o que é bom e as tristezas que nos fizeram sermos quem nós somos. Mas o passado não nos governará mais.

Elistan estudou os discos de Mishakal para encontrar o que os antigos deuses ensinaram sobre o casamento. Ele pediu a Lua Dourada e a Vendaval que escrevessem seus próprios juramentos, procurando em seus corações o verdadeiro significado do amor, pois, estes juramentos seriam feitos diante dos deuses e durariam até depois da morte.

O casal manteve um costume dos Que-shu. Era o costume do presente da noiva e o presente do noivo não poderem ser comprados. Este símbolo de amor deveria ser feito pelas mãos da pessoa amada. Os presentes seriam trocados quando as juras fossem feitas.

Quando os raios do sol se espalharam pelo céu, Elistan tomou seu lugar no topo de uma pequena elevação. O povo se reuniu em silêncio ao pé da colina. Do leste vieram Tika e Laurana trazendo tochas. Atrás delas caminhava Lua Dourada, a Filha do Líder. Seu cabelo caia sobre seus ombros em mechas

de ouro derretido, misturadas com prata. Sua cabeça foi coroada com folhas do Outono. Ela vestia a túnica simples de pele de veado com franjas que ela tinha usado durante suas aventuras. O medalhão de Mishakal brilhava em sua garganta. Ela levava o presente da noiva embrulhado em um tecido fino como teia de aranha, pois os olhos de seu amado deveriam ser os primeiros a vê-lo.

Tika caminhou solene diante dela com lágrimas nos olhos e o jovem coração repleto com seus próprios sonhos, começando a achar que este grande mistério compartilhado por homens e mulheres poderia não ser a terrível experiência que ela temia, e sim algo doce e lindo.

Laurana, ao lado de Tika, segurava sua tocha no alto, avivando a luz do dia que morria. As pessoas comentavam sobre a beleza de Lua Dourada; eles ficaram em silêncio quando Laurana passou. Lua Dourada era humana e sua beleza era a beleza das árvores, das montanhas e dos céus. A beleza de Laurana era élfica, de outro mundo, misteriosa.

As duas mulheres trouxeram a noiva até Elistan, depois viraram-se, olhando para o oeste, esperando pelo noivo.

Uma série de tochas iluminava o caminho de Vendaval. Tanis e Sturm, com seus rostos solenes, pensativos e gentis, abriam caminho. Vendaval vinha atrás, mais alto que os outros, o rosto inflexível como sempre. Mas uma alegria radiante, mais brilhante que as tochas, iluminava seus olhos. Seu cabelo negro estava coroado com folhas do Outono, seu presente do noivo coberto por um dos lenços de Tasslehoff. Atrás dele vinha Flint e o kender. Caramon e Raistlin vinham por último, o mago carregava o Cajado de Magius aceso, ao invés de uma tocha.

Os homens trouxeram o noivo até Elistan, depois recuaram, para se juntarem as mulheres. Tika se viu em pé ao lado de Caramon. Levando a mão timidamente para o lado ela encostou sua mão na dele. Sorrindo gentilmente para ela, ele segurou a mão pequena dela em sua mão imensa.

Quando olhou para Vendaval e Lua Dourada, Elistan pensou na dor terrível, no medo e no perigo que eles passaram e nas dificuldades de suas vidas. Será que o futuro deles seria diferente? Durante um momento ele ficou emocionado e não conseguiu falar. Os dois, vendo a emoção de Elistan e talvez compreendendo sua tristeza, tocaram-no de modo tranqüilizador. Elistan trouxe-os mais perto de si, sussurrando algumas palavras só para eles.

— Foi seu amor e a fé que um tinha no outro que trouxeram esperança para o mundo. Cada um de vocês estava disposto a sacrificar sua vida por esta promessa de esperança, cada um salvou a vida do outro. O sol brilha agora, mas seus raios já estão se apagando e a noite está perto. O mesmo acontece com vocês, meus amigos. Vocês percorrerão muita escuridão antes do amanhecer. Mas seu amor será como uma tocha a iluminar o caminho.

Depois Elistan deu um passo para trás e começou a falar para todos. A voz dele. rouca no inicio, foi ficando cada vez mais forte à medida que ele sentia a paz dos deuses envolvendo e confirmando suas bênçãos sobre o casal.

— A mão esquerda é a mão do coração —, ele disse, colocando a mão esquerda de Lua Dourada na mão esquerda de Vendaval e segurando a própria mão esquerda sobre eles — Nós unimos as mãos esquerdas para que o amor que existe nos corações deste homem e desta mulher possa se combinar para teimar uma coisa maior como dois riachos se juntam para formar um poderoso ria O rio corre pela terra, ramificando-se em tributários, explorando novos caminhos e, ainda assim, sempre atraído para o eterno mar. Receba o amor deles. Paladine... o maior de todos os deuses; abençoe esse amor e conceda-lhes paz, pelo menos em seus corações, se não houver paz nesta terra destruída.

No silêncio abençoado, maridos e mulheres colocaram seus braços em volta de seus parceiros. Amigos se aproximaram, crianças se calaram e ficaram mais perto de seus pais. Corações que se lamentavam foram confortados. A paz foi concedida.

— Façam seus juramentos —, Elistan disse, — e troquem os presentes das suas mãos e dos seus corações.

Lua Dourada olhou dentro dos olhos de Vendaval e começou a falar suavemente.

Guerras são travadas ao norte
e dragões cavalgam os céus novamente,
“Agora é a hora da sabedoria,"
dizem os sábios e os sensatos.
"Aqui no calor da batalha,
a hora de ser valente está prestes.
Agora, a maioria das coisas é mais importante
do que a promessa de uma mulher para um homem."

Mas, você e eu, atravessando planícies incendiadas,
caminhando pela escuridão da terra,
declaramos a este mundo e seu povo,
os céus dos quais eles nasceram,
os ventos que nos despertam,
este altar onde nós estamos,
e todas aquelas coisas se tornam mais importantes
pela promessa de uma mulher para um homem.

Então, Vendaval falou:

Agora, no ventre do inverno,
quando o céu e a terra têm cor cinza,
aqui no coração da neve adormecida,
é hora de dizer sim

para a copadeira que brota
nos campos verdes,
pois estas coisas são muito mais importantes
do que a palavra de um homem para sua noiva.

Por estas promessas que nós cumprimos,
forjadas no início da noite,
atestada pela presença de heróis
e a esperança da luz da primavera,
as crianças verão luas e estrelas
onde agora os dragões cavalgam,
e coisas humildes se tornam mais importantes
pela palavra de um homem para sua noiva.

Depois que os juramentos foram feitos, eles trocaram os presentes.Timidamente Lua Dourada entregou seu Presente a Vendaval. Ele o desembrulhou com as mãos tremulas. Era um anel trançado com o próprio cabelo dela, preso com fios de ouro tão finos quanto o cabelo que eles envolviam. Lua Dourada tinha dado a Flint as jóias de sua mãe; as velhas mãos do anão não tinham perdido sua habilidade.

Nos destroços de Solace, Vendaval tinha encontrado o galho de uma copadeira poupado pelo fogo do dragão e o carregou em sua mochila. Agora, aquele galho era o presente de Vendaval para Lua Dourada, um anel, perfeitamente liso e simples. Quando polida, a madeira da árvore adquiria uma bela cor de ouro, marcada por listras e espirais de um marrom claro. Lua Dourada, segurando o anel, lembrou-se da primeira vez que ela viu as grandes copadeiras, na noite em que eles chegaram exaustos e assustados em Solace, carregando o cajado de cristal azul. Ela começou a soluçar e enxugou suas lágrimas com o lenço de Tas.

— Abençoe os presentes, Paladine —, Elistan disse, — estes símbolos de amor e sacrifício. Permita que durante os tempos de profunda escuridão, estes dois possam olhar para estes presentes e ver seus caminhos iluminados pelo amor. Grande e iluminado deus, deus dos humanos e dos elfos, deus dos kenders e dos anões, conceda sua benção a estas suas crianças. Que o amor que eles plantam hoje em seus corações possa ser nutrido por suas almas e se transforme em uma árvore da vida, fornecendo abrigo e proteção para todos aqueles que buscam refugio debaixo de seus ramos. Com a união das mãos, os juramentos, a entrega dos presentes, vocês dois, Vendaval, neto de Andarilho, e Lua Dourada. Filha do Líder, se tornam um, em seus corações, à vista dos homens, e aos olhos dos deuses.

Vendaval pegou seu anel de Lua Dourada e o colocou no dedo delicado dela. Lua Dourada pegou o anel de Vendaval. Ele se ajoelhou diante dela, como era o costume dos Que-shu. Mas Lua Dourada balançou a cabeça.

— Levante-se guerreiro —, ela disse, sorrindo entre as lágrimas.

— Isso é uma ordem? — ele perguntou suavemente.

— É a última ordem da Filha do Líder —, ela sussurrou.

Vendaval levantou-se. Lua Dourada colocou o anel de ouro no dedo dele. E mão. Vendaval pegou-a em seus braços. Ela colocou seus braços em volta dele. Seus lábios se encontraram, seus corpos se uniram, seus espíritos se unificaram. As pessoas gritaram bem alto, e as tochas brilharam com mais intensidade. O sol desceu atrás das montanhas, deixando o céu banhado em tons perolados de púrpura e vermelho claro, que logo se transformaram no tom safira da noite.

A noiva e o noivo foram carregados colina abaixo pela multidão animada e o banquete e a diversão tiveram inicio. Mesas enormes, feitas com a madeira de pinheiros da floresta, foram colocadas na grama. As crianças, finalmente livres da reverência da cerimônia, corriam e gritavam, brincando de cavaleiro e dragão. Esta noite, cuidados e preocupações nem passavam por suas cabeças.

Os homens abriram os imensos barris de cerveja e vinho que eles tinham salvo de Pax Tharkas e começaram a brindar à noiva e ao noivo. Mulheres trouxeram enormes pratos de comida, com animais de caça, frutas e legumes colhidos na floresta e também trazidos das lojas de Pax Tharkas.

—Saiam da minha frente, não me empurrem —, Caramon resmungou, enquanto se sentava à mesa. Os companheiros se afastaram rindo para dar mais espaço para o homenzarrão. Maritta e outras duas mulheres se adiantaram e colocaram uma enorme travessa com carne de veado diante do grande guerreiro.

—Comida de verdade —, suspirou o guerreiro.

— Ei —, rugiu Flint, espetando com seu garfo num pedaço de carne quentinha que estava no prato de Caramon e perguntando, — você vai comer isto?

Caramon, prontamente, e em silêncio, sem nem mesmo parar de mastigar sua comida, esvaziou uma jarra de cerveja na cabeça do anão.

Tanis e Sturm sentaram-se lado a lado, conversando calmamente. Os olhos de Tanis procuravam Laurana de vez em quando. Ela se sentou em uma outra mesa, conversando animadamente com Elistan. Tanis, pensando em quão adorável ela estava aquela noite, percebeu quão diferente ela estava da garota teimosa e apaixonada que o tinha seguido de Qualinesti. Ele disse para si mesmo que tinha gostado das mudanças. Mas, ele se pegou imaginando o que ela e Elistan achavam tão interessante.

Sturm tocou seu braço. Tanis tinha perdido o fio da meada da conversa. Ele ficou vermelho e começou a se desculpar quando viu o olhar no rosto de Sturm.

— O que é? —Tanis disse assustado, começando a se levantar.

— Quieto, não se mova! — Sturm ordenou — Só olhe... lá... sentado sozinho.

Tanis olhou intrigado para onde Sturm tinha apontado, e viu o homem, sentado sozinho, curvado sobre sua comida, comendo-a absorto como se nem sentisse o seu gosto. Sempre que alguém se aproximava dele, o homem se encolhia, olhando para a pessoa nervosamente até ela se afastar. De repente, talvez por ter percebido os olhos de Tanis em si, ele levantou a cabeça e olhou diretamente para Tanis. O meio elfo arfou e deixou cair seu garfo.

— Mas, isso é impossível! — ele disse com a voz engasgada — Nós o vimos morrer! Com Eben! Ninguém poderia ter sobrevivido...

— Então, eu estava certo —, Sturm disse carrancudo — Você também o reconhece. Eu pensei que eu estava ficando louco. Vamos falar com ele.

Mas, quando olharam novamente, ele tinha sumido. Rapidamente, eles procuraram na multidão, mas era impossível encontrá-lo agora.

Quando a lua prateada e a lua vermelha subiram ao céu, os pares casados, formaram um círculo em volta do noivo e da noiva e começaram a cantar canções de casamento. Os pares solteiros dançavam do lado de fora do círculo enquanto as crianças pulavam e gritavam e se alegravam por estarem acordadas, quando já deveriam estar dormindo. Fogueiras queimavam, vozes e música enchiam o ar noturno, a lua prateada e a lua vermelha iluminavam o céu. Lua Dourada e Vendaval estavam de pé, se abraçando, com os olhos brilhando mais claro do que as luas ou as chamas da fogueira.

Tanis passou algum tempo nos arredores, observando seus amigos. Laurana e Gilthanas dançaram uma antiga dança élfica com graça e beleza, cantando juntos um hino de júbilo. Sturm e Elistan se puseram a conversar sobre seus planos para viajar para o sul em busca da legendária cidade portuária de Tarsis, a Bela, onde eles esperavam encontrar navios para levar o povo desta terra, destruída pela guerra. Tika, cansada de ver Caramon comer, atazanou Flint até ele finalmente concordar em dançar com ela e ficar vermelho por baixo de sua barba.

Tanis queria saber onde estava Raistlin. O meio elfo lembrava de tê-lo visto no banquete. O mago comeu pouco e tomou sua mistura de ervas. Ele pareceu estar incomumente pálido e quieto.Tanis decidiu sair em busca dele. A companhia do mago cínico e de alma sombria pareceu-lhe mais adequada nesta noite do que a música e os risos.

Tanis errou no meio da escuridão iluminada pelo luar, sabendo de alguma forma que ele estava indo na direção certa. Ele encontrou Raistlin sentado no tronco de uma velha árvore destruída por um raio, cujos restos mortais enegrecidos estavam espalhados pelo chão. O meio elfo sentou-se perto do mago em silêncio.

Uma pequena sombra instalou-se entre as árvores atrás do meio elfo. Finalmente, Tas iria ouvir o que estes dois conversavam!

Os olhos estranhos de Raistlin olhavam para as terras do sul, pouco visíveis per um vão entre as montanhas. O vento ainda soprava do sul, mas ele estava novamente começando a mudar de direção. A temperatura estava caindo. Tanis sentiu o corpo frágil de Raistlin tremer. Olhando-o sob a luz do luar, Tanis ficou surpreso em ver a semelhança que existia entre o mago e sua meia-irmã, Kitiara. Foi uma impressão passageira e ela foi embora quase tão rapidamente quanto veio, mas trouxe a mulher para a mente de Tanis, aumentando seus sentimentos de intranqüilidade e preocupação. Ele jogava impaciente um pedaço de casca de árvore de lá para cá e de uma mão para a outra.

— O que você vê no sul? — Tanis perguntou abruptamente. Raistlin olhou para ele de soslaio.

— O que é que eu sempre vejo com estes meus olhos, Meio Elfo? —, o mago sussurrou irritado — Eu vejo morte, morte e destruição. Eu vejo guerra — Ele gesticulou para cima — As constelações ainda não retornaram. A Rainha das Trevas não foi derrotada.

— Pode ser que nós não tenhamos ganho a guerra —, Tanis começou a falar, — mas, com certeza, nós ganhamos uma batalha importante...

Raistlin tossiu e balançou a cabeça com tristeza.

—Você não vê nenhuma esperança? —Tanis perguntou.

—Ter esperança é negar a realidade. É a cenoura pendurada diante do cavalo para mantê-lo caminhando, na tentativa vã de alcançá-la.

— Você está dizendo que nós deveríamos simplesmente desistir? —Tanis perguntou, irritado, jogando fora a casca de árvore.

—Eu estou dizendo que nós deveríamos remover a cenoura e caminhar para a frente com nossos olhos abertos —, Raistlin respondeu. Depois tossindo ele puxou suas vestes para mais próximo de si — Como você lutará contra os dragões, Tanis? Pois, haverá mais! Mais do que você pode imaginar! E onde está Huma, agora? Onde está a Lança do Dragão? Não, Meio Elfo. Não me fale em esperança.

Tanis não respondeu, nem o mago falou mais. Os dois ficaram sentados em, silêncio, um continuou a olhar para o sul, o outro olhou para cima, para os grandes espaços deixados no céu iluminado pelas estrelas.

Tasslehoff deitou-se na grama macia sob os pinheiros.

— Nenhuma esperança! — o kender repetiu desolado, arrependido de ter seguido o meio elfo. — Eu não acredito nisso —, ele disse, mas seus olhos repousaram em Tanis, fitando as estrelas. Tanis acredita nelas, o kender percebeu e esse pensamento o encheu de temor.

Desde a morte do velho mago, o kender tinha sofrido uma mudança que passou despercebida. Tasslehoff começou a considerar que esta aventura era intencional, que ela tinha um propósito pelo qual as pessoas doavam sua vida. Ele queria saber porque ele estava envolvido e pensou que talvez ele tivesse dado a resposta para Fizban: as pequenas coisas que ele deveria fazer eram de alguma forma importantes no grande esquema do mundo.

Mas, até agora, nunca tinha passado pela cabeça do kender que tudo isso pudesse não servir para nada, que isso pudesse não fazer nenhuma diferença, que eles pudessem vir a sofrer e perder pessoas que eles amam, como Fizban, e os dragões ainda vencerem no final.

— Ainda assim —, o kender disse calmamente, — nós temos que continuar tentando e tendo esperança. Isso é o que importa... o tentar e ter esperança. Talvez, isso seja o mais importante de tudo.

Algo desceu flutuando do céu e roçou o nariz do kender ao passar por ele. Tas esticou a mão e a pegou.

Era uma pena de galinha branca.

A "Canção de Huma" foi o último, e muitos consideram, o melhor trabalho do bardo élfico, Quivalen Soth. Apenas fragmentos desse trabalho sobreviveram ao Cataclismo. Diz-se que, aqueles que o estudam diligentemente, encontram indicações sobre o futuro do nosso mundo.

CANÇÃO DE HUMA

Fora do vilarejo, fora de seus condados agregados e cobertos de sapê,
Fora dos túmulos e das trincheiras, trincheiras e túmulos,
Onde sua espada tentou pela primeira vez
As últimas danças cruéis da infância e despertou para os condados
Que retrocediam continuamente, sua grandeza um fogo-fátuo,
O vôo inclinado do Martim — pescador sempre acima dele,
Agora, Huma caminhava sobre Rosas,
Na Luz equilibrada da Rosa.
E incomodado por Dragões, ele se voltou para os confins da terra,

Para a orla de todo sentido e sentidos,
Para a Natureza, onde Paladine ordenou que ele se voltasse,
E lá, no barulhento túnel das traições
Ele cresceu no seio da violência imaculada, compassivo,
Atordoado dentro de si mesmo por um ataque de vozes ensurdecedoras.

Foi ali e então, que o Cervo Branco o encontrou,
No final de uma jornada planejada desde as terras da Criação,
E cambaleando o tempo todo na orla da floresta
Onde Huma, assombrado e faminto,
Preparou seu arco, agradecendo aos deuses seus cuidados e a generosidade,
Depois, viu, na mata distante
No primeiro silêncio, o deslumbrante símbolo do coração,
A galhada esplendorosa.
Ele baixou seu arco e o mundo voltou a se mover.
Então, Huma seguiu o Cervo, sua galhada entrelaçada retrocedendo
Como uma memória de luz, como as garras de aves levantando vôo.
A Montanha se ajoelhou diante deles. Nada mudaria agora,
As três luas interromperam seu trajeto no céu,
E a longa noite foi encoberta pelas sombras.

Era de manhã, quando eles chegaram ao bosque,
O colo da montanha, de onde o Cervo havia partido,
Mas Huma não continuou pois sabia que o fim de sua jornada
Seria verde e a promessa de verde que persistia
Nos olhos da mulher que havia diante de si.
E foram sagrados os dias que ele passou junto dela, sagrado o ar
Que conduziu suas palavras de ternura, suas canções esquecidas,

E as luas, extasiadas, se ajoelharam sobre a Grande Montanha.

Mesmo assim, ela se esquivou, clara e evasiva como o fogo fátuo,

Sem nome e adorável, ainda mais adorável porque não tinha nome,

Enquanto eles descobriam que o mundo, as deslumbrantes camadas de ar,

A própria Natureza

Eram coisas simples e diminutas para a compreensão do coração.

No fim dos dias, ela lhe contou seu segredo.

Porque, ela não era uma mulher, nem era mortal,

E sim, filha e herdeira de uma linhagem de Dragões.

Para Huma, o céu se tornou indiferente, juncado de luas,

E a vida curta da grama zombou dele, zombou de seus pais,

E a luz atormentada irrompeu na Montanha.

Mas, sem nome, ela acalentou uma esperança que não podia cumprir,

Que somente Paladine poderia atender, e através da sabedoria permanente

dele

Ela poderia se afastar do eterno, e lá, em seus braços prateados

A promessa do bosque poderia crescer e florescer.

Foi para essa sabedoria que Huma fez sua prece, e o Cervo voltou,

E Huma viajou para o leste, através de campos desolados, ruínas,

Através de cinzas e sangue, que são a colheita dos dragões,

Embalado pelos sonhos do Dragão Prateado,

O Cervo perpétuo, era um sinal diante dele.

Por fim, o porto definitivo, um templo tão distante no oriente

Que ele se erguia no lugar onde o leste terminava.

Lá, Paladine apareceu

Cercado de estrelas e glória,

Anunciando que de todas as opções, a mais terrível tinha cabido a Huma.

Pois, Paladine sabia que o coração é um ninho de aspirações,

Que nós somos capazes de viajar eternamente na direção da luz, tornando-

nos

Aquilo que jamais seremos capazes de ser.

Pois, a noiva de Huma poderia intervir no sol voraz,

E juntos, eles retornariam para os condados cobertos de palha

E deixariam para trás o segredo da Lança,

E o mundo despovoado e imerso na escuridão, unido aos dragões.

Ou Huma poderia usar a Lança do Dragão e limpar toda Krynn

Da morte e da invasão, dos caminhos viçosos de seu amor.

A mais difícil das decisões, e Huma se lembrou

De como a Natureza se enclausurou e purificou seus primeiros pensamentos

Sob o sol protetor, e agora

Enquanto a lua negra se movia e girava, sugando o ar

E a essência de Krynn, das coisas de Krynn,

Do bosque, da Montanha, dos condados abandonados,

Ele iria dormir, e mandar tudo para longe,

Pois toda a dor estava no decidir, e as decisões

Eram como o calor em uma mão, cujo braço já foi decepado.

Mas, ela foi até ele, chorando e reluzente,

Em uma paisagem de sonhos, onde ele viu

O mundo ser destruído e se renovar no cintilar da Lança.

No adeus dela está a destruição e a renovação.

Através das veias condenadas dele, o horizonte brotou.

Ele tomou da Lança do Dragão, ele tomou da história,

O calor pálido percorreu seu braço erguido

E o sol e as três luas, esperando por maravilhas,
Pairavam juntos no céu.
Huma cavalgou para o oeste, para a Torre do Alto Clerista
Nas costas de um Dragão Prateado,
E durante seu vôo, eles cruzaram um país desolado
Onde os mortos caminhavam declamando nomes de dragões.
E os homens na Torre, cercada e infestada de dragões,
Pelos gritos dos moribundos, o estrondo no ar esfaimado,
Esperavam o silêncio indescritível,
Esperavam coisa muito pior, com medo de que a falência dos sentidos
Terminasse em um momento de nada S
obre o qual a mente repousa com suas perdas e sua escuridão.
Mas as curvas do chifre de Huma, dançavam à distância
Nas muralhas. Toda Solamnia levantou
O rosto para o céu do oriente, e os dragões
Subiram para o mais alto do céu, acreditando
Que alguma mudança terrível tinha ocorrido.
Do tumulto das asas, saindo do caos criado pelo dragões,
Saindo do centro do nada, a Mãe da Noite,
Girando em uma ausência de cores,
Movendo-se para o leste, iluminada pelo sol
E o céu se cobriu de prata e da ausência de cores.
No chão que Huma estava deitado, havia uma mulher a seu lado,
Sua pele prateada partida, e a promessa do verde
Liberada pelos dons dos olhos dela.
Ela murmurou seu próprio nome
Enquanto a Rainha das Trevas inclinava-se no céu sobre Huma.
Ela desceu, a Mãe da Noite,
E do topo das muralhas, os homens viram sombras

Se agitarem, no mergulho sem cor de suas asas:
Uma cabana de palha e junco, o coração de uma Natureza,
Uma luz prateada perdida, manchada de um carmesim terrível,
E depois, do centro das sombras
Veio uma profundidade na qual a própria escuridão era cintilante,
Negando todo ar, toda luz, todas sombras.
E arremessando sua lança no vazio,
Huma sucumbiu à doçura da morte, na obediente luz do sol.
Pela Lança, pelo estimado poder e a irmandade
Daqueles que devem chegar ao limite do fôlego e dos sentidos,
Ele baniu os dragões de volta para o centro do nada,
E as terras floresceram em equilíbrio e melodia.
Atordoada pela nova liberdade, atordoado pelo brilho e pelas cores,
Pelo tocar da harpa abençoando os ventos sagrados,
Os Cavaleiros carregaram Huma, eles carregaram a Lança de Dragão
Para o bosque no colo da Montanha.
Quando eles voltaram ao bosque em peregrinação, em homenagem,
A Lança, a armadura, o próprio Destruidor de Dragões
Tinham desaparecido na luz do dia.
Mas, a noite das luas cheias, vermelha e prateada
Brilha nas montanhas, no formato de um homem e uma mulher
Cintilando aço e prata, prata e aço,
Sobre o vilarejo, sobre os distritos, cobertos de palha, que os alentam.

NOTA DOS AUTORES

Assim como alguns instrumentos combinam seu som único e individual para criar urna peça musical maravilhosa, muitas pessoas têm combinado seus talentos individuais para criar a história de DRAGONLANCE.

Tudo começou com uma oferta para a criação de aventuras de RPG para ADVANCED DUNGEONS & DRAGONS. Na época, foi sugerido que esses dragões precisavam de um mundo onde eles pudessem viver, que tivesse heróis para eles combaterem, e deuses para eles servirem. Foi então que começou a criação de Krynn.

Nós gostaríamos, portanto, de expressar nossa gratidão à equipe que escreveu a história original de DRAGONLANCE: Tracy Hickman, Harold Johnson, Jeff Grubb, Michael Williams, Gali Sanchez, Gary Spiegle, Carl Smith. Nós gostaríamos também de agradecer a Garv Gygax por seu apoio e suporte.

À medida que esse mundo tomava forma e a história ia sendo desenvolvida, mais pessoas foram dando seus toques criativos: Doug Niles, Michael Dobson, Bruce Nesmith, Roger Moore. Laura Hickman criou o background para Lua Dourada e Vendaval. O departamento de arte deu vida à visão que tínhamos do personagem no impressionante calendário que eles criaram em 1985: Larry Elmore, Jeff Easley, Clyde Caldwell, Keith Parkinson.

Agradecimentos especiais para o presidente da TSR, Inc., Kevin Blume, por seu apoio entusiasmado; para Mike Cook, nosso editor-chefe, por sua fé; para Jean Blashfield Black, nosso editor, que nos forçou a lembrar do mundo real; para Harold Johnson, pela assistência na história; para os artistas Larry Elmore e Denis Beauvis; um obrigado muito especial para Michael Williams por sua magnífica poesia; e uma nota de apreciação para todos na TSR. Inc., que estiveram envolvidos neste projeto.

A aventura de DRAGONLANCE começa como um jogo de RPG. Talvez seja natural que muitas idéias usadas no desenvolvimento do romance tenham surgido enquanto os autores participavam de um jogo de RPG! Foi durante uma dessas sessões que algumas das partes mais engraçadas e divertidas do livro nasceram. Nós estávamos jogando o primeiro módulo da serie de módulos de DRAGONLANCE: "Dragons of Despair." Tracy era o Mestre e nos guiava pelas ruínas de Xak Tsaroth.

De repente o Raistlin de nosso livro nasceu quando o jogador Terry Phillips representou o mago com uma voz suave e sussurrante, que estabeleceu seu personagem imediatamente em nossas mentes. Foi também durante este jogo que Terry — como Raistlin — decidiu lançar um encantamento sobre os anões da ravina, fazendo com que um deles se apaixonasse por ele! Isto não estava no enredo original do romance, mas foi incluído mais tarde, o que levou à criação de Bupu, um de nossos personagens favoritos.

Outras cenas vieram também das sessões de RPG (Flint no tronco, Tas no dragão de vime) e ficou óbvio mais uma vez para nós quão valioso o RPG pode ser para desenvolver a criatividade e a habilidade de solucionar problemas. (Sem mencionar o quanto nós nos divertimos jogando com o enredo de nossa história!)

Nós esperamos, portanto, que vocês que estão gostando da trilogia, mas que talvez não tenham jogado RPG, deixem que este livro sirva como uma introdução. Nos jogos, você pode fazer o papel dos heróis ou heroínas de nossa história ou você pode criar seu próprio personagem. Você terá oportunidade de participar de algumas destas aventuras, ou se verá envolvido em outras novas. O melhor de tudo, você descobrirá um mundo novo e excitante, um mundo onde pelo menos durante um certo tempo você pode se tornar parte dele.

A saga de DRAGONLANCE continua no segundo volume das CRÔNICAS DRAGONLANCE: DRAGÕES DA NOITE DE INVERNO.

digital source
Viciados em Livros
http://br.groups.yahoo.com/group/digital_source/
http://groups.google.com.br/group/Viciados_em_Livros